Historia da Litteratura Portugueza

FILINTO ELYSIO

E OS

DISSIDENTES DA ARCADIA

—

A ARCADIA BRASILEIRA

Francisco de Mello Franco,
José Basilio da Gama, Frei José de Santa Rita Durão, Alvarenga Peixoto, Gonzaga

POR

THEOPHILO BRAGA

PORTO
LIVRARIA CHARDRON
Casa editora
SUCCESSORES LELLO & IRMÃO
1901

OBRAS COMPLETAS

HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA

FILINTO ELYSIO
E OS DISSIDENTES DA ARCADIA

HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA

EDIÇÃO INTEGRAL

1	Introducção e Theoria da Historia da Litteratura portugueza	1 vol.
2	Trovadores portuguezes	1 »
3	Amadis de Gaula.	1 »
4	Poetas palacianos	1 »
5	Os Historiadores portuguezes *(Inedito)*	1 »
6	Bernardim Ribeiro e o Bucolismo	1 »
7	Novellas de Cavalleria e Pastoraes *(Inedito)* . .	1 »
8	Gil Vicente e as origens do Theatro nacional .	1 »
8-A	Gil Vicente, sua Eschola e desenvolvimento do Theatro nacional.	1 »
9	Sá de Miranda e a Eschola italiana	1 »
10	Ferreira e a Pleiada portugueza.	1 »
11	A Comedia e a Tragedia classicas	1 »
12	Vida de Camões	1 »
13	Lyricos camonianos.	1 »
14	Epopêas historicas	1 »
15	Bibliographia camoniana	1 »
16	Os Culteranistas *(Inedito)*	1 »
17	Epicos seiscentistas *(Inedito)*	1 »
18	As Tragicomedias dos Jesuitas	1 »
19	A Arcadia Lusitana.	1 »
20	Filinto Elysio e os Dissidentes da Arcadia. . .	1 »
21	A baixa Comedia e a Opera	1 »
22	Bocage, vida e época litteraria	1 »
23	José Agostinho de Macedo *(Inedito)*	1 »
24	Garrett e o Romantismo.	1 »
25	Os Dramas romanticos	1 »
26	Alexandre Herculano	1 »
27	Castilho e os Ultra-Romanticos	1 »
28	João de Deus e o moderno Lyrismo *(Inedito)*. .	1 »
29	A Eschola de Coimbra	1 »
30-31	Recapitulação da Historia da Litt. portugueza .	2 »
32	Indice geral analytico *(Inedito)*	1 »

N. B. N'esta reedição continua-se de preferencia pelos volumes a refundir, e especialmente pelos que estão ainda **ineditos.**

Historia da Litteratura Portugueza

FILINTO ELYSIO

E OS

DISSIDENTES DA ARCADIA

A ARCADIA BRASILEIRA

Francisco de Mello Franco,
José Basilio da Gama, Frei José de Santa Rita Durão, Alvarenga Peixoto, Gonzaga

POR

THEOPHILO BRAGA

PORTO
LIVRARIA CHARDRON
Casa editora
SUCCESSORES LELLO & IRMÃO
1901

DISSIDENTES DA ARCADIA

Vinte e sete annos de violenta pressão governativa do ministro favorito de el rei Dom José attingiram o seu termo com a doença e morte do monarcha. A queda do Marquez de Pombal era esperada com anciedade pelas victimas do seu despotismo irresponsavel, e mais ainda pelos velhos fidalgos que anteviam a herança do poder para o exercerem na reacção das suas vinganças e ambições pessoaes. E' curiosa, como phenomeno moral, a transição de uma para outra epoca, caracterisada por uma palavra de um pittoresco plebeismo, a *viradeira*, empregada pelo servilismo inconsciente do poeta satirico Tolentino. Em memorias contemporaneas acha-se descripta essa transição em que por toda a parte irrompeu uma desenfreada vertigem de insultos em prosa e verso contra o decahido ministro: «Continuou o Marquez o serviço

real até á morte de el rei, conservando sempre o maior respeito e auctoridade, como não será facil achar exemplo na historia de Portugal, pelo que se fazia temido de todos; como porém El Rei, sendo accommettido de paralysia (na lingua) *ordenasse que elle não entrasse na sua camara*, o que elle até agora fazia todas as vezes que ia tratar os negocios do reino, os quaes haviam passado para a rainha por decreto de 29 de Novembro de 1776, este acontecimento foi bastante para afrouxar e destruir totalmente toda a sua auctoridade, influencia e respeito; por tanto, se até áquelle tempo se fallava mal de seu governo era com a maior cautella e segredo, porque o Juizo da Inconfidencia não estava ocioso; agora porém diziam publicamente quanto a sua malevola intenção lhe suggeria, sendo uns factos verdadeiros, outros adulterados, outros finalmente destituidos de rasão; e tanto foi ávante esta desenvoltura, que apenas faleceu El Rei, appareciam todos os dias pela cidade uma quantidade espantosa de obras poeticas contra elle, contra as suas acções, e envolvendo n'ellas, além dos factos criminosos que lhe accumulavam, todos os seus parentes, e amigos e ministros a quem elle mais beneficiou.» [1] A emphase rhetorica que esgotou a litteratura portugueza durante esses vinte e sete annos de governo pombalino, convertia-se na obscena palinodia, salvandose poucos caracteres d'essa miseravel mancha, que se tornou um aspecto do tempo. As

---

[1] Gramosa, *Successos de Portugal*, t. I, p. 93.

lettras nada aproveitaram d'essa liberdade momentanea; a estupidez da reacção governativa cahiu sobre os homens que pensavam, desencadeando-se as perseguições religiosas pelos processos da Inquisição, e as perseguições por causa das ideias politicas com a espionagem da Intendencia geral da Policia, e com os processos judiciaes condemnando á morte e ao degredo pela rasão de estado. O poder de um só despota com intelligencia foi dividido entre imbecis e mesquinhos caracteres, como o Visconde de Villa Nova da Cerveira, o Marquez de Angeja, o Arcebispo Confessor, o Intendente Pina Manique. A somma de desconcertos da sua acção sem plano produziu em um ditado popular esta synthese espontanea do bom senso: *Mal por mal, antes o Marquez de Pombal.* Só se avaliam bem as obras dos poetas e escriptores pela sua vida; mas esta nunca será bem comprehendida sem o conhecimento do meio social, da epoca dentro da qual se desenvolveram, ou em que foram comprimidos. Este ultimo quartel do seculo XVIII é medonho pela inconsciencia com que Portugal chegou quasi a achar-se alheio aos interesses da civilisação, podendo symbolisar-se a sua existencia n'essa deploravel e prolongada loucura da rainha. A litteratura torna-se um documento historico da epoca, e a vida dos escriptores um eloquente protesto.

I

Sob o Rigorismo do reinado de D. Maria I. Fundação da Academia das Sciencias

---

Foram de uma agitação intensa esses dias do falecimento do rei D. José e da suspensão temporaria do luto para a festa da acclamação de sua filha D. Maria I. O que aconteceria ao Marquez do Pombal? seria castigado pelo seu sanguinario governo? seriam chamados ao poder os fidalgos seus inimigos? Para pintar esta incerteza dos espiritos, só a penna de um Saint Simon, que sabia definir as transformações da corrente das intrigas da côrte. Transcreveremos por isso aqui, adaptando-os á situação portugueza, os periodos das suas *Memorias*, quando descreve o que succedeu na morte do Delphim, filho de Luiz XIV: «E' preciso confessar que, para quem anda ao corrente da carta intima de uma côrte, os primeiros espectaculos de acontecimentos raros d'esta natureza são de

uma satisfação extrema; cada rosto vos lembra os cuidados, as intrigas, os esforços empregados no adiantamento das fortunas, na formação, na força das cabalas; as habilidades em se sustentar, em afastar as de outros, os meios de toda a especie postos em pratica para este fim; as ligações mais ou menos adiantadas, as friezas, os odios, as más vontades, os manejos, os avanços, as cautellas, as delicadezas, as baixezas de cada um, o desconcerto de uns no meio de seu caminho, ao meio ou no cumulo das suas esperanças; o pasmo d'aquelles que gosavam á farta; o pezo de um mesmo golpe dado aos contrarios e á parcialidade opposta, o poder da mola que impelle n'este instante os seus manejos e concertos a sairem-lhe bem; a satisfação extrema e inesperada de uns, a raiva que com isso têm outros, os seus embaraços e despeito em occultal-o, a promptidão dos olhos em vaguearem por toda a parte sondando as almas com a ajuda d'esta primeira perturbação da surpreza e do desarranjo subito, a combinação de tudo o que alli se observa, o espanto de não achar o que se havia acreditado de uns por falta de coração ou de bastante espirito n'elles e mais em outros do que se não pensara; todo este amalgama de objectos vivos e de cousas tão importantes, forma um prazer para quem o sabe apreciar, que apesar de se tornar frivolo, é um dos maiores que se pode gosar em uma côrte.» Esta observação do duque palaciano, á falta de memorias secretas, dá-nos ideia da côrte portugueza, quando os servidores de Pombal tiveram de ceder o passo á camarilha despeitada, que se apoderou

de D. Maria I. Temos porém documentos de uma ordem especial com todos os traços realistas ou pittorescos da *liberdade poetica*, no sentido mais amplo d'esta phrase, em uma alluvião enorme de versos satiricos com que foi atacado, deprimido, ultrajado o Marquez de Pombal e todos os seus favoritos. [1] N'esses versos ha verdadeiros primores artisticos; obras em grande parte anonymas, algumas d'ellas assignadas pelos poetas mais sarcasticos da epoca, como Antonio Lobo de Carvalho

---

[1] Este aspecto historico da epoca impõe-se aos que estudam a Historia de Portugal no fim do seculo XVIII; eis como Latino Coelho o apprecia:

«O estro dos poetas desentranhava-se inexhausto em odientas imprecações ou chistes e apodos contra o velho ministro, a quem a dicacidade asseteara com os farpões da satira politica, em quanto se não apparelhava contra elle a perseguição e a vingança, em nome da justiça criminal. A musa culta e a rude inspiração andavam á competencia sobre qual seria mais affrontosa ou mais cruel contra o marquez. Umas vezes era o Soneto artisticamente cinzelado, em que Pombal era dado como socio dos Neros e Caligulas. Outras vezes narravam-se no laconismo do grosseiro tetradecastichon as malfeitorias que o odio popular, e principalmente o das classes privilegiadas, recontava do severo legislador. Após uma série de crueis execrações, a composição poetica cerrava-se não raro com a chave de oiro de uma sentença capital, que os vates impetravam da real justiça contra o que era geralmente capitulado pelo ministro prevaricador. E de facto, uma das principaes accusações contra Pombal era a de haver abusado dos seus altos officios e da sua poderosa auctoridade para locupletar-se e enriquecer aos que haviam grangeado o seu favor. As poesias burlescas e satiricas vibravam esta corda predilecta, que em todos os tempos tem sido a mais facil e bem soante á calumnia e diffamação contra os grandes homens decahidos do poder. Muitas

ou Nicoláo Tolentino; em todas essas composições ha um traço moral que dá vida á crise historica. O excesso da efflorescencia critica difficulta a escolha; nem por isso deixaremos de empregar essas tintas de flagrante realidade. Quando muitos esperavam que a Rainha mandasse metter em processo o Marquez do Pombal, foi grande a surpreza de vêrem que pelo decreto de 3 de Março de 1777 se lhe acceitava a demissão do real serviço concedendo-lhe licença «para poder retirar-se á

---

vezes o poeta figurava o Marquez reprehendendo-se acerbamente e penitenciando-se contricto em grave ou faceto soliloquio, se não era que o estro maligno dos poetas odientos preferia dar-lhe por interlocutor o espirito das trevas. Fingia-se em algumas d'estas satiras, que o Marquez era chamado perante um inexoravel tribunal e lhe era comminada em termos severos ou burlescos a pena de suas extorsões e maleficios. O libello popular, sedento de vingança tomava todas as formas, já em coplas e sonetos mais ou menos aprimorados, já em prosa nem sempre correcta e exemplar. Eram vulgares os poemas, em que se paraphraseava em odio ao marquez a Oração dominical, e sacrilegamente se parodiavam em nome do rancor politico as palavras sacrosantas, em que Jesus Christo ensinava o perdão das injurias e dos aggravos. Abundavam os epitaphios satiricos á memoria de Pombal. — Em alguns dos poemas era visivel o sêlo jesuitico. A's maldições lançadas contra o Marquez, associava-se o panegyrico dos Jesuitas e a apotheose do Bispo de Coimbra, a imagem perfeita da reacção religiosa. Era tão extraordinaria a saffra de poesias anti-pombalinas, e tão obrigados se julgavam os engenhos mais humildes a despejar a aljava contra o alvo perpetuo da nobreza, da cleresia e do vulgacho, que algumas composições de aquelle tempo reprehendem a sobejidão e a insania dos vingativos poetastros.» Latino Coelho, *Historia politica e militar de Portugal*, t. I, p. 161.

sua quinta de Pombal.» Um soneto satirico pôz em relêvo esta situação benigna. [1]

A impressão de alegria pela libertação d'esse ferreo jugo do ministro, apparece em cartas particulares do tempo: «Lisboa parece outro mundo; é incrivel a mudança; é a scena a mais comica...» Vem em uma carta junta ao processo de José Anastacio da Cunha. Nos versos acha-se tambem esse ecco. [2] As

---

[1] Demitiu do serviço a Magestade
Esse Marquez, assombro de tyrannos,
Pondo termo do reyno a tantos damnos,
Com prudencia, politica e piedade.

Castigar perdoando a iniquidade,
E' grandeza dos sabios soberanos,
Dispender beneficios por enganos
Só para confusão da atrocidade.

Se elle foi da ambição monstro insolente,
Se tão pobre deixou o povo afflicto,
Se tantos encarcerou injustamente;

Que castigo maior n'este conflicto
Que desterrar da graça o delinquente,
Para o fazer pensar no seu delicto!

[2] Do antigo cativeiro os grilhões duros
Pelas benignas mãos despedaçados,
No tempo do resgate pendurados
Fallam por nós aos seculos futuros:

Ensinam que o Governo tem mais puros
Quilates do que o ouro dos estados!
Oh, quantos, sendo máos foram culpados
De se crearem corações prejuros!

Dos carceres e torres vem surgindo
Innocentes ovelhas, que ao raivoso
Lobo escaparam, que ficou latindo.

Lysia feliz, no jugo vergonhoso
Já não gemes, o cólo sacudindo
Torna ao perdido tempo venturoso.

parodias das orações religiosas serviam de molde ás satiras as mais virulentas. O predominio de D. Pedro III, tio e marido da rainha, a glorificação do bispo de Coimbra D. Miguel da Annunciação, e dos Meninos de Palhavã, D. José e D. Antonio, fazem-se publicos em tom prophetico, proclamando a queda de Sebastião asseteado, do bom ladrão Mansilha, geral dos Bernardos, e do bispo de Beja Dom Frei Manoel do Cenaculo:

Jesus Christo deu a Pedro
Sua Egreja a governar;
Outro *Pedro* escolhe agora
Para haver de a exaltar.

Sahirá *Miguel* com espada
Para tambem o ajudar;
Quem como a Deus, tem seu nome
De tudo hade triumphar.

Virá para o seu bispado
As lagrimas enxugar,
Das ovelhas que por elle
Inda estão a suspirar.

José virá do desterro,
Seu officio exercitar;
Que a Inquisição sem elle
Estava para acabar.

Desterrarão muitos erros,
Que a adulação fez brotar;
Os máos livros irão fóra
Para a fé se conservar.

A *Antonio* certamente
Deus hade tambem premiar
Os trabalhos que padece
Pela verdade affirmar.

Um ducado lhe é devido,
E não se lhe hade negar,
Cuido será o de Aveiro,
Por ser de sangue real.

Sebastião terá settas
Que o povo lhe hade atirar,
E inda que morra martyr,
Se não ha d'elle resar.

Tambem ao do Carrocim
A roda hade desandar,
Mandado para a Palmella,
Para lá a vida acabar.

S. Bernardo d'esta vez
Tambem entra a governar;
Mandando certo Mendonça
Para Roma a confessar;

Inda que seja absolvido
Se hade crucificar,
E morrerá Bom Ladrão,
Quem ao máo sabe imitar.

Na sua campa ou sepulchro
Se lhe porá por signal:
Porque jogou com senhoras,
Ficou vencido o Geral.

S. Francisco é grande Santo,
E da côrte hade tirar
Ao senhor *Bispo de Beja*
Para se poder salvar.

No *Cenaculo* esteve Judas,
Não se soube aproveitar;
Olhe o *Cenaculo* tambem
Não o vá acompanhar.

S. Francisco disse a Pedro
Governasse a sua Egreja;
Outro Pedro agora escolhe
Para que exaltada seja.

Por Maria mãe de Deus,
Foi nossa dita segura,
De outra *Maria* se espera
Felicidade e ventura. [1]

Em um Soneto inedito da epoca da acclamação de D. Maria I, allude-se á queda dos favoritos pombalistas e ao levantamento da abatida fidalguia:

Ruins vilões ha pouco antes piolhosos,
Recto o publico pune, e sem que as alvas
Virtudes manche de heroes famosos.

Pois honra exalta aos inclytos *Penalvas*,
Sabios *Limas*, *Valenças* generosos,
Fortes *Angejas*, grandes *Marialvas*. [2]

E' d'entre esta gente longo tempo opprimida, despeitada e ávida, que sáe o novo governo, que hade empunhar a clava herculea cahida da *praguejada mão*, como diz Tolentino em um dos seus sonetos da ignobil *viradeira*. Um Epigramma conceituoso pinta em traços rapidos as figuras do novo ministerio, com o seu caracter proprio, embaraçando-se todos pelas hesitações da incapacidade mental:

Um negocio se propõe;
Duvída *ElRey* meu Senhor;
Atrapalha o *Confessor*,
Rainha nada dispõe.
Angeja a pagar se oppõe,

---

[1] Collecção dos Mss. da Academia.

[2] *Poesias varias*, ms. vol. II, p. 2.

Martinho marra esturrado,
Ayres não passa de honrado,
E o *Visconde*, em conclusão,
Pede nova informação,
Fica o negocio empatado.

N'este mesmo espirito epigrammatico encontrámos outra Decima comprovando os retratos d'essas figuras bysantinas:

O *Marquez* todo é manhoso,
Ayres só não se affoita,
O *Martinho* está na Moita,
O *alparca* engenhoso,
A *Rainha* toda é fé;
El Rey, se sabe o que é,
E em quadratura tal
Que será de Portugal,
Se o Leão lhe põe o pé? [1]

A Rainha compartilhava o governo com seu tio e marido, que assignava com o titulo de D. Pedro III; a intelligencia apagada do soberano condizia com a figura grotesca, que o viajante Costigan, fallando da sociedade e dos costumes portuguezes, descrevia sob o aspecto de um inglez embriagado. A estupidez levava-o á apathia, occupando o tempo em festas religiosas e em resas de devoção pessoal. Tendo vivido no longo governo de Pombal em uma suspeição reservada, as familias que se acercaram da côrte viam n'elle o seu ponto de apoio, e a reacção fanatica uma certa garantia. D. Pedro III assistia ao conselho, mas não percebia as questões, e

---

[1] *Poesias varias*, t. VIII, p. 213. (Mihi.)

para resalvar os seus escrupulos, tinha sempre na bocca como remate de todos os argumentos: *Eu, cá, não vou para ahi!*

Depois do rei, seguia-se na importancia o *Confessor* da Rainha, Frei Ignacio de San Caetano, Arcebispo de Thessalonica e Inquisidor Geral, que se tornou omnipotente no governo, sendo por um decreto nomeado ministro assistente ao Despacho do Gabinete; e n'esse documento se lê: «Ordeno outrosim que por elle se expeçam as ordens que eu for servida encarregar-lhe.» Estava-se na corrente do fanatismo; a rainha caminhava para a loucura e idiotia em que se afundou, e a sociedade portugueza avergava-se sob o chamado *rigorismo*, ou extirpação de todas as ideias philosophicas, que poderiam perturbar as consciencias. Frei Ignacio de S. Caetano fôra primeiramente soldado em um regimento de Chaves, e repugnando-lhe a vida militar, fugiu para Salamanca para ahi frequentar a theologia; os irmãos o foram buscar, e o pae reconhecendo-lhe a vocação claustral, permittiu que entrasse para a ordem dos Carmelitas Descalços. Pelo caminho da abnegação e da humildade é que Fr. Ignacio chegara em 1759 a ser escolhido para Confessor da Princeza do Brasil e das Infantas suas irmãs. O ministro omnipotente achou-o sufficientemente accomodaticio, no meio das grandes luctas que teve com a Curia romana, e tambem o nomeou vogal da Mesa Censoria para o exame dos livros que poderiam ser vendidos, lidos ou impressos. Nomeado bispo de Penafiel em 1770, renunciou a esse encargo depois da morte de Dom José, sendo reconduzido Arcebispo de

Thessalonica para ficar junto da Rainha como seu director espiritual. Foi talvez pela influencia d'este Confessor que D. Maria I não obedeceu á corrente dos inimigos do Marquez de Pombal, exigindo que fosse levado ao cadafalso. O carmelita grosseiro mas ingenuo tornou-se uma potencia diante de quem se curvavam todos os ministros. Lord Beckford, nas suas Cartas deixou retratos vivissimos da côrte de D. Maria I; em accentuadas linhas esboça a figura d'este alentado personagem; « O Arcebispo-Confessor de sua magestade ostentava n'uma das sacadas o seu volumoso vulto: da classe de homens rusticos, este personagem agora muito importante, veiu a ser soldado raso, d'ahi passou a cabo de esquadra, de cabo de esquadra a frade, e n'esta ultima profissão deu tantas provas de tolerancia e bom genio, que o Marquez de Pombal topando com elle por uma das qualidades que se esquivam a todos os calculos, julgou-o sufficientemente astuto e jovial e ignorante para fazel-o innoxio e accommodado Confessor de sua magestade, então Princeza do Brasil; pela accessão d'esta senhora ao throno foi despachado Arcebispo *in partibus* e Inquisidor-mór; é a primeira mola do actual governo portuguez. Nunca vi um sujeito mais obstinado e obtuso: parece ungir-se com o oleo do contentamento, folgar e engordar a despeito da critica situação dos negocios d'este reino.» [1] Beckford chegou a ser recebido pelo Arcebispo-Confessor, e admittido como signal

---

[1] *Carta VIII.* (Trad. Panorama.)

de uma distincção especialissima á sua mesa; o lord descreve com graça este jantar significativo do politico Gargantua: «Entrou o leigo com tres leitões assados, n'uma bandeja enorme de prata, e com uma torta de correspondentes dimensões; estes pratos nunca variam, e tal é sempre o jantar do Arcebispo, salvo nos dias de magro. Porém, a simplicidade da primeira coberta foi resgatada pela profusão das sobremezas, que em variedades de frutas e doces nada podia egualar. Em vinhos não fallemos, eram delicados e escolhidos, tributo de todos os dominios portuguezes á mesa de sua Reverendissima: a Companhia, do Porto, que então sollicitava a renovação de seus privilegios, contribuia com a flor das suas colheitas...» [1] Entre as açafatas da rainha dava o Arcebispo-Confessor largas aos seus arrobos mysticos; o proprio Beckford deixou este traço malicioso da physionomia do muito poderoso prelado: «Disseram-me que o Confessor, ainda que um tanto adiantado na carreira dos annos, está longe de ser insensivel aos engodos da belleza, e segue de janella em janella as nymphas moças do paço com jovial alacridade.» [2] Era entre as açafatas que se cultivava a musica das *Modinhas* desenvoltas, que tanto impressionavam os viajantes estrangeiros.

Depois do Arcebispo-Confessor seguia-se no governo o ministro dos negocios do reino o *Visconde* de Villa Nova da Cerveira, fi-

---

[1] *Carta XXI.*

[2] *Carta X.*

lho de uma victima do Marquez de Pombal muitos annos presa em carcere duro no castello da Foz. Imagine-se como elle hasteava altivo o estandarte da reacção; mas era dotado de uma insondavel mediocridade, abonada com um fervor de devoção religiosa e excessiva paixão pelas materias theologicas. Achava-se em harmonia com o estado mental do Arcebispo-Confessor, e desculpava-se no publico a sua incapacidade para cousas de governo allegando-se a sua honradez e affabilidade de trato. Contra este desinteresse escreve um historiador consciencioso: «Os factos não respondem porém á sua preconisada abnegação. Logo nos primeiros mezes de seu longo ministerio fazia expedir pela sua repartição, além do titulo, a mercê de uma tença de quinhentos mil reis para seu filho primogenito, invocando como pretexto d'esta graça os serviços de sua tia D. Victoria Isabel Xavier de Lima, como dama da rainha mãe.» [1] Era vingativo contra os pombalistas, como manifestou no procedimento contra o bispo-conde D. Francisco de Lemos e Fr. Joaquim de Santa Clara; sendo de uma acção froixa e inconsequente, a sua passagem no poder foi inexplicavelmente prolongada. Nos versos satiricos da epoca acham-se traços inolvidaveis do Visconde.

Antonio Lobo de Carvalho, o mais terrivel dos poetas satiricos do seculo XVIII, que cele-

---

[1] Latino Coelho, *Historia politica e militar de Portugal*, I, 196. (Decretos de 1777, no Archivo do Min. do Reino.)

brou em virulentos Sonetos a queda do Marquez de Pombal, não poupou os fidalgos que formaram o novo governo sob D. Maria I; transcrevemos esse escorso tirado do natural: *Retrato do Visconde de Villa Nova da Cerveira, Secretario d'Estado:*

Os olhos vesgos, a cabeça torta,
Mil tregeitos fazendo a cada instante,
Por entre as partes cavalleiro andante,
Dando a todos respostas d'Inez d'Horta;

Sempre em ár de parlenga, mosca morta,
Que não vae para traz nem para diante,
Sabio nos ossos, mas emfim pedante,
Tão rombo como faca que não corta;

Com as contas na mão, missa e mais missa,
Joelho em terra a todo o relicario,
Mas cahindo a pedaços de priguiça;

Este é um dos do nosso kalendario,
Que os despachos do Reino nos enguiça,
Este o torto Visconde Secretario. [1]

Gramosa nas suas Memorias *Successos de Portugal*, fallando de uma lei appresentada por este ministro para Bem, melhoramentos e dignidade civil e politica das tres Ordens militares, escreve: « Esta lei urdida e inventada pela pueril e ambiciosa vaidade do Visconde de Villa Nova da Cerveira, teve por objecto

---

[1] Ms. de *Poesias varias*, vol. II, p. 306, assignado por Francisco Xavier Lobo; mas Innocencio tral-o na collecção que imprimiu sob o nome de Antonio Lobo de Carvalho, *Poesias joviaes e satiricas*, p. 109. Ms. da Bibl. nac., fl. 3 ☧ (anonymo).

condecorar a primeira Nobreza do reino com o distinctivo de Grão-Cruzes, enxerindo sobre a Cruz ou insignia d'ellas e chapa o Coração de Jesus, lisongeando por este modo a rainha pela grande devoção que a mesma senhora professava ao sobredito Coração de Jesus, e em cujo obsequio tinha edificado o Convento da Estrella; estendendo-se o privilegio da chapa sobredita aos Commendadores, com exclusiva porém dos Cavalleiros, que podiam usar da chapa, mas sem o distinctivo do Coração.» (II, 91.) Assim se dispendia a acção governativa.

No ministerio e no quadro epigrammatico segue-se o Marquez de Angeja, que pela cortezania bajulatoria se fizera valer na intimidade de D. Pedro e da rainha sua esposa: Presidente do Real Erario, fazia-se notar pelo rigor da economia das despezas publicas, com excepção dos «numerosos parciaes, muitos d'elles conjunctos e parentes por sangue ou alliança. O proprio Marquez de Angeja não escapava á nota de approveitar a propria conjunctura para accrescentar a sua casa e opulentar a sua familia.» [1] O Marquez de Angeja era um velho obeso de sessenta e seis annos, sem pratica de governo, e por isso um egoista e um irresoluto. Contra a sua administração financeira corriam varias satiras, servindo de amostra este soneto anonymo:

---

[1] Latino Coelho, *ib*, p. 191. Cita o Aviso regio de 12 de Março de 1777, mandando entregar ao Marquez de Valença os rendimentos de varias commendas superiores a vinte mil cruzados.

Que seja este ou aquelle o governante
Na ausencia do Marquez, nada me importa;
Seja elle Salomão ou Inez d'Orta,
Traga ao Povo alivios abundantes.

Seja no bem, na fé muito constante,
Não traga a gente na pobreza morta,
Deixe-lhe para o bem aberta a porta,
Não queira as mãos fechadas do Reinante.

Tenha temor a Deus como é devido,
Não seja cavilloso e interesseiro,
Ignorante, soberbo e mal soffrido;

Emfim, para haver gosto verdadeiro,
N'este novo governo apetecido
Hajam menos pensões e mais dinheiro. [1]

Martinho de Mello e Castro, ministro e secretario dos negocios da marinha e dominios ultramarinos, tinha já servido no governo do Marquez de Pombal, na vaga deixada pelo falecimento de Francisco Xavier de Mendonça em 1770. Era o homem de mais valor do ministerio, apesar de ter cursado os estudos philosophicos na Universidade jesuitica de Evora, quando se dedicava ao estado ecclesiastico, que não proseguiu; ficou-lhe comtudo a préga da argumentação syllogistica e discursiva a que dava largas nos seus extensos relatorios. A sua emulação secreta com Pombal foi a causa da chamada para o novo governo, onde se mostrou o mais servil admirador da acção da Inglaterra. Era activo e severo no meio de uma immensa vaidade; do seu desinteresse escreve Latino Coelho: « A abnega-

[1] *Poesias varias*. Ms., t. II, p. 310.

ção do ministro da marinha não era porém tão intemerata, que se não deixasse contagiar pelos exemplos dos seus collegas em o novo ministerio... Logo nos primeiros dias do governo da rainha recebia Martinho de Mello a mercê lucrativa de secretario do Estado e Casa de Bragança.» (Ib., I, 207.) Seu irmão Manoel Bernardo de Mello, governador das armas no Alemtejo, por decreto de 8 de agosto de 1777 era nomeado Visconde da Lourinhã com o senhorio d'esta villa, e mais a Alcaidaria-mór de Sernancelhe, uma Commenda da Ordem de Christo e uma pensão de oitocentos mil reis para sua mulher.

Do gabinete de Pombal tambem passou para o novo governo Ayres de Sá e Mello, antigo ministro dos negocios estrangeiros e da guerra, de quem o marquez se servira como um inconsciente instrumento. O irlandez Costigan faz o retrato d'este honrado ministro, que não renegou o Marquez de Pombal; «descreve-nos o modesto secretario de estado dos negocios estrangeiros e da guerra assistindo com devota compostura a uma solemnidade religiosa na capella da Ajuda, attento ao seu livro de orações, piedosamente absorto na leitura, persignando-se e benzendo-se com frequencia demasiada. Ainda que investido no officio de ministro dos negocios da guerra, ninguem (acrescentava o malicioso viajante) lhe fazia a injustiça de o suppôr mais competente na arte militar do que em outra profissão que não fosse o accompanhar procissões e beijar o escapulario a quantos monges desalinhados encontrava no caminho. Os que na côrte eram mais facetos e dicazes, affirmavam

que ao mystico Ayres de Sá antes convinha uma cadeira de monsenhor na quadratura da egreja patriarchal do que um assento raso nos Conselhos da rainha. A sua notoria devoção e o profundo acatamento que votava ao estado clerical, não eram bastantes para lhe conciliar o favor dos jesuitas, que depois de principiada a reacção se obstinavam a numeral-o entre os adeptos de Pombal.» [1] Não admira que um dos primeiros actos da sua gerencia fosse o de regular as resas da tropa, indicando o têrço do rosario, e recommendando aos officiaes mais demora n'este acto piedoso; ao mesmo tempo em outro aviso regio mandou regular as honras militares que se deveriam prestar aos bispos e arcebispos. Pelo seu lado o Visconde de Villa Nova levava á assignatura da rainha um alvará concedendo o tratamento de senhoria ás açafatas da camara. O leigo Fr. Bernardo do Monte do Carmo, creado do Arcebispo-Confessor, que era a alma do ministerio, resumia em poucas palavras a situação da côrte portugueza n'este fim do seculo XVIII: «tres castas de pessoas encontram mais facil entrada n'este palacio: homens de superior talento, bobos e santos; os primeiros, cedo se desgostam da habilidade que possuem; os santos vêm a ser martyres, e só os bobos prosperam.» [2] Os sabios eram perseguidos pela Inquisição ou se

---

[1] Latino, *ib.*, p. 208. Cita varios despachos diplomaticos de Blosset e do Abb. Garnier.

[2] Colhido por Beckford na conversa com o dito leigo e com a acquiescencia do Arcebispo-Confessor.

homisiavam de Portugal, como vêmos em José Anastacio da Cunha e Filinto Elysio; os honestos eram intrigados; para viver em um tal meio idiotico em que tudo se fazia pelo favoritismo pessoal, era preciso ter um grande estigma de bobice. Os principaes fidalgos, os Marialvas, o conde de San Lourenço, Penalva, o conde de San Vicente, agora dominantes, appresentavam nas suas excentricidades caracteristicas essa feição que o leigo apontava como condição para prosperar na côrte. Os retratos que Beckford faz d'estes illustres fidalgos não ficam menos distinctos com colorido grotesco ante o do celebre bobo do paço Dom João da Falperra, que andava á solta por todas as salas regias arreiado com penduricalhos representativos das Ordens nobiliarchicas portuguezas, [1] cuja dignidade civil o Visconde tentou regulamentar, com chapa e coração. Este vento de insania communicara-se da côrte ao povo, incitado para reclamar em alaridos que fosse apeado o medalhão de bronze do Marquez de Pombal, que o Senado de Lisboa mandara collocar na frente do pedestal da Estatua equestre. Gramosa descreve essa manifestação popular: «Tres dias se conservou n'aquelle sitio uma grande quantidade do referido povo clamando pelo dito arranco, *atirando-lhe com pedras e immundicies*. Do que de tudo dando-se parte á rainha D. Maria I, determinou a mesma senhora, que se tirasse o dito busto, e que em seu logar se fixasse uma tarja tambem de

---

[1] Beckford, *Carta XXI*.

bronze com as armas da cidade de Lisboa... o que assim se executou promptamente com o que cessou o ajuntamento e as injurias que lhe irrogavam.» [1] Sobre este destempero vulgarisou-se um Epigramma anonymo, com desdem sarcastico:

No bronze está retratada
A carranca do Marquez,
Porém ella d'esta vez
Foi mui bem apedrejada:
Por parecer já condemnada
Todo o povo lhe quer mal;
Mas, imprudencia fatal,
Vendo estou n'esta canalha
Partirem contra a medalha
Havendo inda o original. [2]

As armas da cidade de Lisboa constam de um galeão; quando disseram ao Marquez de Pombal que por ellas tinha sido substituido o seu medalhão, disse com prophetica ironia: «*Agora é que Portugal vae á vela.*» Tal foi a marcha de decadencia a que o governo arrastou esta pobre nacionalidade. Sob a acção potente de Pombal do mais inquebrantavel regalismo, submettendo á lei civil as ambições clericaes, espalhou-se o anexim vulgar: *Da Inquisição para o Rei não vae lei.* Agora sob o governo do ministerio beato que cercava a fanatica rainha D. Maria I, a Inquisição retomou a sua antiga ferocidade como um poder do estado. O terror das denuncias ao Santo Officio, e das visitas dos Familiares, que eram os principaes membros da nobreza que se orgulha-

---

[1] *Successos de Portugal*, I, 249.

[2] Ms. da Academia, G. 5; E. 23; n.º 33.

vam do papel de esbirros do execrando tribunal, deu logar a um outro anexim popular, em que esses dois poderes se equilibram: « *Com o Rei e a Inquisição . . . Chitão!* » Esta interjeição impositiva de silencio cauteloso, exprimia o confisco dos bens dos sentenciados, e a fogueira na praça do Rocio. Agora não eram as denuncias de judaisante que davam materia prima aos processos secretos, eram as ideias, o *philosophismo*, contra o qual era só por si impotente a Real Mesa Censoria para o exame e censura dos livros, creada por lei de 5 de abril de 1768. Sobre a indole e intuito d'esta instituição escreve Gramosa, nas Memorias: « Introduziram-se por este tempo em Portugal as obras de... Rousseau, de Voltaire e de outros dos seus sequazes, cujas opiniões arriscadas e libertinas, mascaradas com o Evangelho inculcavam a liberdade, e a indifferença nas materias da Fé, e da religião; doctrinas abraçadas pelos Philosophos modernos, que se denominavam *Espiritos fortes*, e *illuminados*, e que se jactam que só elles sabem ser christãos; e na verdade abominaveis, e tanto mais perniciosos, quanto mais disfarçados e encobertos.» [1] Contra esta corrente das ideias era urgente um extremo *rigorismo;* não admira que o omnipotente Arcebispo-Confessor, que era Censor regio extraordinario da Real Mesa Censoria, que « o encarregava continuamente dos negocios mais arduos e complicados com as materias da religião » procurasse nos processos da Inquisição o meio de extir-

---

[1] *Successos de Portugal*, II, p. 76.

par a philosophia moderna. N'este espirito se proclamava no preambulo do alvará de 21 de junho de 1787, que reformou a Mesa Censoria: «que á Igreja sómente pertencia o poder de declarar e definir o dogma e a doutrina, e consequentemente o direito de condemnar os livros prejudiciaes ou suspeitosos á religião...» Logo no anno de 1778 começaram os processos da Inquisição contra o insigne mathematico José Anastacio da Cunha, lente da Universidade de Coimbra, contra João Manoel de Abreu e Manoel do Espirito Santo Lima, que foram lentes distinctissimos da Academia de Marinha. Sobre estas prisões escreveu o sarcastico Lobo um soneto:

Aos Philosophos de caldo de unto e broa que sahiram da Inquisição em 1778:

Que sectarios nutrisse a antiga Roma,
Verdugos capitaes da tenra Egreja;
Que enxugue Londres rios de cerveja,
Que venda o bacalhau, que a carne coma;

Que um sepulchro flammante ao seu Mafoma
Façam turcos e mouros, vá que seja;
Tem Turquia algodão, que lhe sobeja,
Cêra a Mourama, que isso tem de somma;

Mas, que de Portugal livres-pedreiros
Que á fé christã abrissem o jazigo
No sordido paiz dos sardinheiros!

É caso raro: cheguem-se ao castigo,
Que a maior pena para os taes broeiros
Era obrigal-os a comerem trigo. [1]

---

[1] *Poesias joviaes e satiricas* de Antonio Lobo de Carvalho, p. 67.—No Ms. 38 da Acad. das Sciencias, traz a rubrica: *Á tropa de hereges galegos que foram processados em Outubro passado na sala da Inquisição.*

Por esta mesma occasião fugia ás garras do Santo Officio, em 4 de julho de 1778, o poeta Francisco Manoel do Nascimento *(Filinto Elysio)* quando o ia prender o conde de Resende. A violencia do rigorismo continuava-se com a prisão de Francisco de Mello Franco, auctor do *Reino da Estupidez*, e do poeta Antonio de Sousa Caldas. Como de um paiz de barbaros, fugia de Portugal Felix de Avellar, que se immortalisou com o nome de Brotero; teve de exilar-se mais tarde o eximio naturalista José Correia da Serra, e ainda sob a mesma pressão, quasi ao findar do seculo o sapiente Silvestre Pinheiro Ferreira. Sobre este regimen do *rigorismo* escreve um outro foragido de Portugal, o afamado Abbade Costa, o amigo de Gluck, nos seus ultimos dias de residencia em Vienna de Austria, para um amigo do Porto em data de 7 de Outubro de 1780: «V. M. se vá regalando com essas beatices que, quando parece que vão a extinguir-se em Portugal, *revivem com mais força e mais descaramento;* não lhe farei nenhuma das minhas prégações n'esta materia que tanto me convida a isso;...» [1] Na Carta XII, de 29 de julho de 1780, escreve ainda o singular musico portuguez: «V. M. se regale com *essas hypocrisias descaradas;* tambem cá ha d'isso, mas que differença, meu Deus! V. M. me creia, que em comparação das nossas não no parecem.» O rigorismo não se exercia sómente contra as ideias por causa da *religião;* o poder real tambem fazia listas de proscripção de

---

[1] *Carta XIII*, p. 79. Porto, 1879.

livros por causa das ideias *politicas*, sendo alguns d'esses livros queimados na praça publica pela mão do carrasco pela acção da Intendencia geral da Policia da Côrte e Reino, que Pina Manique converteu em uma terrivel Inquisição do Estado. [1]

Toda a acção governativa do Marquez de Pombal era attribuida á posse secreta das Obras de *Macchiavelli*. A moderna insurreição dos espiritos, ou criticismo, na Mesa Censoria era attribuida a Descartes: «Antes de *Descartes* vir ao mundo, todos os povos da Europa, todos os homens educados no gremio do christianismo seguiam aquella Religião que seus paes ou seus pastores lhes ensinaram. — Veiu Descartes estabelecer na sua Philosophia *este espirito de duvida e de exame* sobre todas as ideias e opiniões desde a infancia recebidas, e d'aqui se seguiu uma grande revolução, não só na Philosophia e mais nas sciencias humanas, mas tambem na mesma religião revelada. — Tal é o *Deismo*, o *Naturalismo*, e o *Materialismo*, que depois de Descartes tem inundado a Europa e talvez o mundo todo, cujo primeiro principio é: Desamparar as ideias recebidas dos homens, e seguir as ideias de um espirito creador.» [2] A

---

[1] Ao sombrio fanatismo d'esses primeiros annos do reinado de D. Maria I, é que se pode attribuir o casamento clándestino da rainha viuva D. Marianna Victoria de Austria com o cirurgião algebrista Antonio de Carvalho Quiroga. (Papeis do genealogista Feo.)

[2] Papeis da Mesa Censoria. (*Historia da Universidade de Coimbra*, t. III, p. 49.)

Mesa Censoria entendia que o povo portuguez não estava acostumado a lêr este genero de escriptos, que poderiam «facilitar qualquer excesso contra o Estado ou contra a Religião.» Por isso o terrivel satirico Lobo, chasqueando da obra de Fr. Luiz de Monte Carmello sobre Orthographia, mostra como essa lucubração do pedante vogal da Mesa Censoria se pode medir com as leituras mais desoppilativas da epoca. [1] E' curiosa a censura de Frei Ignacio de San Caetano (o Arcebispo-Confessor) appresentada como vogal da Real Mesa: «Já ha muito tempo que eu tenho feito bastante reflexão sobre a Filosofia de M. João Locke, no seu celebre livro *Tratado do Entendimento humano.* — Eu sempre tive para

---

[1] Nem os *Contos* sem conto *de Trancoso*,
De *Florinda* a novella divertida,
De *Carlos e Rosaura*, outra assim lida,
Nem ainda o *Peralvilho* gracioso;

Nem o *Palmeirim* celebre e animoso,
Nem do afamado *Dom Quixote* a vida,
Nem toda a grande *Historia* encarecida
Do grande *Carlos Magno* tão famoso;

Nenhum dos Livros taes tem desbancado
O que hoje um Padre orthógrapho ou asneiro,
Para mais *Crystaes da Alma* assim tem dado;

Pois de tal sorte move a riso inteiro,
Que só elle assim fica acreditado
Ser o *Alivio de tristes* verdadeiro. [1]

---

[1] *Poesias varias,* t. II, p. 183. Ms.

mim que, entre muitas cousas boas que Locke disse, ensinou outras nocivas, que umas são puras *reverias*, se posso explicar-me com esta palavra. — M. Locke no juizo de muitos eruditos é notado de favorecer o *Materialismo*, esse monstro que tanto domina no seculo presente com ruina grande da Religião. E na verdade é bem fundado o juizo d'estes criticos, porque da doutrina que elle ensina, que pode sem sêr juntamente material entender e pensar, por consequencias não muito remotas se pode estabelecer *o Materialismo*. Nem basta que elle em muitas partes conheça e confesse a espiritualidade e immortalidade da nossa alma, e que tambem conceda espiritos puros. Porque tambem *Russó*, (Rousseau) que em controversia é o chefe dos Irreligionarios e Materialistas d'este seculo, no seu *Emilio* falla muitas vezes como pode fallar o mais são catholico, e nascem estas contradicções já de se quererem encobrir para mais seguramente enganar, já de que a verdade tem tanta força que obriga muitas vezes a que confessem aquelles que menos a tem.» Já se vê que quando Fr. Ignacio foi nomeado Inquisidor Geral não podia gastar tempo com estes argumentos; nem mesmo se contentava em mandar fazer Editaes como os de 15 e 24 de Septembro de 1770, com longos catalogos de livros dos modernos philosophos: « abominaveis producções da incredulidade e da libertinagem de homens temerarios e soberbos, que se denominam *Espiritos fortes* e se attribuem o especioso titulo de *Filosofos*... » N'essas longas listas figuravam os materialistas inglezes do seculo XVII, Chubb, Collins, Hobbes,

Shaftesbury, Tindal, Toland e Wollaston, e os seus continuadores em França La Mettrie, Argens, Rousseau, Diderot, Voltaire, Holbach, Helvetius e outros. Era mais expedito o trabalho do Santo Officio; os argumentos pelo terror foram sempre empregados nas situações transitorias pelos sacerdocios e pelos governos. Respirava-se porém um espirito de emancipação da consciencia, e mórmente exercia-se uma critica de ironia, ou *voltairianismo*, sem sequer ter lido as obras do auctor do *Diccionario philosophico.* Em uma censura official do regalista P.e Antonio Pereira de Figueiredo appresentada á Real Mesa, admira-se «de que estando as Obras de Mr. de Voltaire cheias de tanto veneno e de doutrinas tão perniciosas... seja ainda assim *este Autor o que ordinariamente anda nas mãos da mocidade portugueza, e o que forma o gosto e base dos seus primeiros estudos;* quando eu, pelo contrario, em toda a extensão de livros que tenho lido (e he notorio que tenho lido muitos e de diversas materias) posso e devo affirmar que ainda não achei outros mais impios, mais capciosos, mais nocivos que os de Mr. de Voltaire. Elle é pessimo ainda quando parece bom; elle diffunde o veneno ainda quando faz oração a Deus; elle inspira insensivelmente um desprezo de tudo o que é Religião e piedade...» Mas o P.e Antonio Pereira de Figueiredo, que assim fallava e escrevia no governo pombalino, n'esta crise do *Rigorismo* era responsavel por ter na *Tentativa theologica* sustentado as doutrinas regalistas contra a pretenção ultramontana. Em um Soneto inedito do tempo se lê:

O premio teve emfim que merecia
Aquelle impio Marquez tão afectado,
Que contra a Lei de Christo sempre armado
Aos Ministros do altar guerra fazia.

N'esta empreza ao Marquez fiel seguia
O *Pereira*, fugitivo congregado,
Que contra o Papa repetia ousado
As expressões da pérfida heresia.

Como d'este o castigo não tens visto,
Do pranto teu o dique se destapa,
E clama o teu furor por causa d'isto;

Mas, amigo indiscreto, a bocca tapa,
Se era o feroz Marquez um Anti-Christo,
Que muito fosse o *Pereira* um anti-papa? [1]

E' sobretudo na poesia satirica, geralmente anonyma da epoca do *Rigorismo*, que se encontra a mais franca expressão do livre pensamento, e do estado de revolta em que estavam as consciencias.

As Ordens monachaes, que se alastravam sobre o territorio portuguez como uma bicharia parasitaria, eram tratadas n'esses versos satiricos com um *voltairianismo* intuitivo; em um Soneto de Antonio Lobo de Carvalho encontra-se o quadro da sua vitalidade:

Desterrado lamenta o *Jesuita*,
O *Dominico* seu logar pretende;
O *Neri* Novos Methodos defende,
E ás confessadas ricas faz visita.

---

[1] Ms. da Academia, G. 5, est. 23; n.º 33.

Intrometter-se o *Grillo* premedita,
O *Cruzio* que está só, francez apprende;
Em casa do juiz de que depende
Entra com pés de lã o *Carmelita.*

O *Capucho* no estrado toma assento,
Exorcisma ou responsa em qualquer dano,
E depois sempre traz para o convento.

O *Loyo* é fôfo; triste o *Graciano,*
Grosso o *Bernardo;* comedor o *Bento,*
Emfim, o *Franciscano* é Franciscano.» [1]

N'este genero era inexcedivel o mais sarcastico dos poetas coévos Antonio Lobo de Carvalho; basta qualquer dos seus Sonetos para se vêr a libertação do bom senso, como n'este *Aos diversos meios por que os fradepios attrahem a si as bolsas dos devotos:*

Milagres mil publica do *Rosario*
O padre Dominico, e da *Corôa*
O Franciscano muito mais entôa,
Jurando que a benzeu sobre o Calvario.

Mostra o Cruzio em Coimbra o *sanctuario,*
Que com effeito é cousa muito boa,
O Agostinho a *corrêa,* e nos pregôa
O Carmelita o santo *Escapulario.*

Com estes e outros modos de piedades,
E com mil *indulgencias* sem fadigas,
Se fazem venerar todos os Frades;

Até co'os seus *escriptos das lombrigas*
Os Capuchos têm taes habilidades
Que enchem as mangas, e enchem as barrigas. [2]

---

[1] Ms. da Acad., G. 5; E. 8; n.º 35. Na edição de Inn., Soneto LXXXVII. No Ms. da Academia vem tres Sonetos em resposta, sendo dois ineditos.

[2] *Poesias joviaes*, p. 126. Ed. Inn.

Entre a multidão dos Sonetos d'este genero das collecções manuscriptas, encontra-se anonyma [1] esta peça expressiva do estado moral do tempo, attribuida ao Lobo e reproduzida mais tarde por Filinto Elysio como propria nas suas Obras:

Christo morreu ha mil e tantos annos,
Foi descido da cruz, logo enterrado;
Mas de pedir té'qui não tem cessado
Para o Santo Sepulchro os Franciscanos.

Tornou Christo a surgir entre os humanos,
Subiu da terra ao Reino affortunado;
E á saude do Christo sepultado
Comem á tripa forra estes maganos.

E cuidam quantos dão a sua esmola,
Que elles a gastam em acção tão pia;
Quanto vos enganaes, oh gente tola!

O altar com dois côtos se alumia,
E o fradinho co'a moça que o consola
Gasta de noite o que tirou de dia.

Passavam de mão em mão estes papeis, provocando réplicas pelas mesmas consoantes; [2] e até as damas davam a glosar aos poetas motes com pensamentos racionalistas, como o dos *Justos céos*, enviado a José Anastacio da Cunha. Para o Arcebispo Confessor e para o ministerio de idiotas valídos dos quaes elle era a mola, não havia outro meio de resistencia para salvar a fé e os costumes

---

[1] *Poesias varias*, Ms. t. II, p. 156.— Ms. da Bibl. nac., fl. 38. Em Filinto, t. IV, p. 149, tem muitas variantes.

[2] *Poesias varias*, t. VIII, p. 654. Ms.

senão a Inquisição. Mas em breve se reconheceu que, não sendo já exequivel uma apparatosa fogueira no Rocio, a Intendencia da Policia estava mais á vontade com as suas *môscas* e com o assassinado preventivo e irresponsavel diante da rasão de estado.

Como obra do Marquez de Pombal a Universidade de Coimbra tambem não podia escapar á onda reaccionaria do *Rigorismo;* defendeu-a com fervor, esse que fôra o braço direito do ministro na reforma universitaria D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho. No *Relatorio geral do estado da Universidade* appresentado ao Visconde de Villa Nova da Cerveira em 1777, depois da coroação de D. Maria I, o Reformador-Reitor defende a Universidade resumindo o conteudo dos ataques: «Pelo que pertence á doutrina, consta-me tambem que são accusados os estudantes da Nova Reforma de *pensarem livremente em pontos de religião*, concorrendo muito para se espalhar este rumor falso as declamações vagas que têm feito nos pulpitos alguns prégadores incautos e pouco advertidos, os quaes estando até aqui tranquillos e socegados sem fazerem movimento, agora é que sahem a campo a opporem-se *á torrente de todas estas novidades, que*, segundo dizem, *se espalham e se ensinam na Universidade.*»

O Bispo Conde resistia contra este zelo pharisaísta que pretendia fazer regressar a Universidade ao escholasticismo; e ousadamente e com nobreza representa na referida *Relação*: «Quem conhece e reflecte sobre os effeitos que produz no espirito humano toda a

revolução litteraria, quem vê a difficuldade que têm os homens de largar as preoccupações com que foram creados, e quem é instruido das guerras que em todo o tempo fizeram falsos sabios aos verdadeiros, enchendo-os de calumnias no ponto da religião, concitando um e outro poder contra elles, e até chegando a dar martyres ás Sciencias, não se admira do enthusiasmo d'estes pseudo-prophetas, e do montão de palavras injuriosas que se tem proferido contra o ensino publico, e o fervor com que a mocidade livre das trevas e das prisões Scholasticas procura ornar o seu espirito de conhecimentos solidos na Theologia, no Direito e nas Sciencias. — E como no meio da escuridão espessa, em que se pozeram os conhecimentos humanos não é facil logo divisar a luz e distinguir a verdade da mentira, assim conseguem mais facilmente os seus intentos.

« Não é crivel o mal que tem feito este falso zelo ou esta mania. A elle se deve attribuir o pouco progresso das Sciencias, e a persistencia por tantos seculos no ensino das cousas vãs, inuteis e falsas... Não é para sentir que estivesse a Philosophia fazendo revolução nos paizes septemtrionaes, que caminham rapidamente para a sua perfeição, que se fizessem descobrimentos admiraveis desde a Terra até Saturno, que se examinassem Principios, que se adiantassem Theorias, que estendessem os limites dos nossos conhecimentos em todas as materias, *e nós (por que não ha remedio se não confessar a verdade) estivessemos tão alheios de tudo, como se vivessemos no meio do seculo decimo quinto?*

«E donde nasceu *este atrazamento tão extraordinario* senão de supprimir a luz que nos podia allumiar, e de se reputar por hereje e suspeito na fé todo aquelle que procurava indagar a verdade em cada uma das Sciencias a que se applicava.—Não se está vendo já que *tantas declamações vagas de* heresia *e de* erro *são palavras vazias formadas no seio das trevas e tendentes a suffocar a luz que vae allumiando a Nação* e diffundindo-se por todas as partes da monarchia?—Estes conhecimentos, tão uteis e tão saudaveis, não podiam deixar de fazer uma grande fermentação nos espiritos da mocidade, e de introduzir n'elles outro modo de pensar nas Sciencias differente d'aquelle porque se havia pensado até alli. N'isto se via por uns a utilidade e vantagem dos Novos Estatutos; e se via por outros o perigo e o damno dos mesmos Estudos. O que parecia áquelles verdade, parecia a estes erro: o que era para estes importante, era para aquelles inutil. N'este conflicto de pareceres fez-se o que se costuma sempre fazer em taes casos, que foi *cobrir-se com o zelo da Religião os desejos de sustentar os delirios da Eschola.* Logo se entrou a espalhar um rumor vago de que os estudantes eram imbuidos em *doutrinas novas, peregrinas e perigosas.* Este rumor tomou corpo e chegou até o ponto de ser declarado dos pulpitos, que é um dos maiores excessos que procura commetter o zelo fanatico.» O Bispo D. Francisco de Lemos, atreve-se a proclamar: «A faculdade de pensar é livre no homem, por isso não deve ter outros limites que não sejam os da rasão e da religião.» Define

o ponto em que se estriba a corrente do *Rigorismo*, agora audacioso: «Descubramos finalmente a mascara aos declamadores contra os Novos Estatutos. Este é o ponto que mais toca: Não querem que a Egreja se encerre nos limites que prescreveu o seu divino legislador; querem que estes se estendam sobre o temporal das monarchias... querem que a cabeça visivel d'ella seja tambem a fonte visivel de todo o poder, e que d'ella dimane tudo quanto ha de jurisdicção e auctoridade no mundo. — Eis aqui a doutrina dos declamadores.» E' certo que o Visconde-Secretario não se atreveu directamente a demolir a Universidade reformada cinco annos antes pelo Marquez de Pombal, mas o governo da Universidade foi-lhe tirado e confiado ao Principal Mendonça, que se tornou o centro de todo o velho espirito escholasticista e levou a instituição docente a ser marcada com o estigma de *Reino da Estupidez*, por um poema anonymo de um então ignorado estudante cahido nas garras do Santo Officio de Coimbra por constar que lia livros dos Encyclopedistas. [1]

Desde que a Mesa Censoria foi considerada impotente para oppôr um dique aos livros do *philosophismo*, como chamavam ás doutrinas modernas que derivavam da synthese cartesiana e baconiana, procedeu-se á reforma d'este tribunal por lei de 21 de junho de 1787

---

[1] Toda esta lucta doutrinaria se acha amplamente tratada na *Historia da Universidade de Coimbra*, t. III, p. 577 a 765: (Reacção contra as reformas pombalinas.)

com o titulo de *Mesa da Commissão geral sobre o exame e censura dos Livros*, e com a preponderancia do elemento clerical, eliminando quanto possivel a acção regalista da fundação pombalina.

Era presidente da *Mesa da Commissão* um ecclesiastico qualificado, com quatro vogaes theologos, ficando assim em maioria sobre os vogaes seculares; nas licenças para a impressão, no exame dos livros appresentados á venda a sua auctoridade ia além da censura prohibitiva até á imposição de multas, prisão e degredo. Era uma succursal da Inquisição, a qual rehavia agora o antigo mister de antepôr o seu exame ao dos bispos; e ao mesmo tempo submettia Portugal á obediencia immediata em assumptos de lettras á Congregação do Index e da Inquisição romana. E como se isto não bastasse, para impedir o espirito dissolvente das Sciencias modernas, a *Mesa da Commissão* podia mandar fazer varejo nas Livrarias dos particulares e dos conventos, nas lojás dos mercadores livreiros e ahi arrestar as obras condemnadas com varias penalidades. Assim sob o *Rigorismo* a Mesa da Commissão, agente da Congregação do Index em Portugal, conservou-se no cumprimento da sua missão obscurantista até á carta de Lei de 17 de dezembro de 1794, em que se voltou outra vez ás tres jurisdicções do Desembargo do Paço, do Ordinario e do Santo Officio. Através d'esta malha os livros só podiam propagar-se *clandestinamente;* entravam muitos pela barra de Setubal, como o declarava Pina Manique, que fazia caça aos caixões de livros que entravam pela alfande-

ga de Lisboa, com o mesmo empenho com que dava caça aos assassinos. As obras dos escriptores ficavam *anonymas*, e tendiam para o protesto sarcastico.

No meio d'esta espêssa abobada de obscurantismo religioso e monarchico, sob a omnipotencia do Arcebispo-Confessor, é que se rompeu uma brecha, por onde entrou a luz do seculo XVIII, a *Academia das Sciencias* de Lisboa, em 1779. E' esta a sua nobilissima tradição, infelizmente obliterada entre os nullos que lhe usufruem esterilmente os seus subsidios. O pensamento da fundação de uma *Academia* de Sciencias revelara-se em toda a sua importancia a D. Francisco de Lemos, quando reconheceu que além dos quadros pedagogicos da Universidade de Coimbra, convinha organisar uma *Congregação geral para o adiantamento, progresso e perfeição das Sciencias naturaes*, formada pelos lentes das tres faculdades de Mathematica, Philosophia e Medicina. Assim ao ensino pratico mas improgressivo das aulas alliava-se a renovação theorica na Congregação geral. Era o reconhecimento da funcção das *Academias* diante das corporações docentes, suggerido pela noticia da *Academia real de Londres*, da *Academia real das Sciencias* de Paris, e da *Academia de Petersburgo*. O solicito Reformador-Reitor queria proceder: « de modo que felizmente se tem praticado e pratica nas *Academias mais celebres da Europa*, melhorando os conhecimentos adquiridos e adquirindo outros de novo, os quaes se fizessem logo passar aos cursos respectivos das ditas Facul-

dades.» [1] Infelizmente não pôde ser levada logo a effeito a *Congregação geral das Sciencias,* depois da queda pombalina. O pensamento fecundo não morreu; e o Visconde de Barbacena, em uma carta ao Dr. Vandelli, iniciava o esforço da nova fundação de uma Academia escrevendo-lhe: «A *nossa Sociedade* poderia ser bem supprida pela *Congregação geral das Sciencias*, que se intenta fazer em Coimbra; mas receio que este estabelecimento se não execute tão cedo.» [2] Effectivamente, regressando a Universidade ao escholasticismo sob a reitoria do Principal Mendonça, a *Congregação geral das Sciencias* ficou em simples esboço. Barbacena enviara a Vandelli os Estatutos da *Sociedade economica de Londres* para typo da nova Academia. Por este mesmo tempo se organisava em Ponte do Lima uma *Sociedade economica dos Amigos do Bem*, no palacio do Visconde de Villa Nova da Cerveira. Por ventura foi esta coincidencia um obice que se appresentou logo á nascença da *Academia das Sciencias*, a que alludem vagamente as cartas de Barbacena, e que só se venceu quando o Duque de Lafões, tio dilecto da Rainha foi interessado n'esta gloriosa iniciativa. Em uma carta do P.e Theodoro de Almeida a um dos iniciadores da *Sociedade economica dos Amigos do Bem*, declara-lhe: « Não remetto ainda os Estatutos que com grande honra minha me

---

[1] *Relação do estado geral da Universidade*, p. 62.

[2] *Collecção das Cartas* do Visconde de Barbacena. (Mss. da Academia.)

mandaram; porque se com effeito levamos ávante esta grande empreza de formar na Côrte uma *Academia real das Sciencias*, como ha em todas as nações cultas, bom seria que os Estatutos mutuamente nos ligassem mas para nos ajudar mutuamente. *Ha grandes difficuldades*, como sempre, em tudo o que he bom; comtudo *temos esperanças que se desvanecerão*. Então este edificio scientifico tendo escoras por todos os lados será firme. Tenho demorado a resposta imaginando que pudesse n'ella dar essa alegre noticia da fundação da *Academia;* porém, ainda não pode ser. Ainda que esse segredo ainda se quer guardar até vêr o que sáe, para uns socios tão merecedores não o deve haver. Lastima será, que tão bons projectos caiam por terra;...» Em carta de 27 de Março de 1779 escrevia o Visconde de Barbacena, recentemente doutorado em Philosophia, ao lente Vandelli sobre as difficuldades da organisação da *Academia das Sciencias:* «Todo o principal trabalho me parece estar prompto, porém, confesso a V. S.ª que com tudo isto sinto em mim uma tal frieza, causada não sei se pelo estado das cousas, se pelas poucas luzes da nação sobre as materias que fazem o nosso objecto, que me não tenho com animo a pôr-lhe a ultima mão.» O regresso a Portugal do Duque de Lafões em principio de fevereiro de 1779, e seu encontro com o naturalista José Corrêa da Serra, com quem viajara na Italia, actuaram na realisação do pensamento da *Academia das Sciencias* de Lisboa effectuado pelo Alvará de 24 de dezembro de 1779. Sem o seu perstigio e favoritismo,

Barbacena e José Corrêa da Serra ficariam impotentes contra a reacção do obscurantismo dominante. Depois do Aviso regio de 24 de dezembro de 1779 que fundava a Academia, escrevia Corrêa da Serra ao Doutor Vandelli explicando-lhe o que mais estimulara o Duque de Lafões para tomar essa gloriosa iniciativa: «Quantas cousas teria que lhe dizer se a gente podesse fiar-se ao papel, mas ficam para a vista. Ahi vae a copia do *Aviso*, que, bem vê, foi *mesquinho, e se não deve mostrar;* mas o vir elle assim foi a nossa saude, porque *o Duque tomou a cousa a peito e fallou á Rainha*, que mandou logo dar o apartamento do Palacio das Necessidades aonde tinha estado a Junta dos Tres Estados, e hontem á tarde foi o Snr. Visconde de Ponte do Lima a pôr-nos de posse.» Em uma carta dos primeiros dias de janeiro de 1780 escrevia Barbacena a Vandelli: «tenho o gosto de dizer a V. S.ª que tudo o que pretendiamos para a *Academia* está conseguido: A Rainha approvou o nosso Projecto por um Aviso do Secretario de Estado, o qual se nos entregou já, e nos dá casas no Palacio das Necessidades, com o que estamos contentes. Ámanhã nos ajuntaremos provavelmente em casa do Duque para prepararmos e resolvermos particularmente os primeiros negocios, que depois hão de ser approvados n'uma Assembleia particular de todos os socios actuaes, sendo o principal motivo a escolha de alguns socios.» Em um Post-scriptum tambem se refere á hostilidade dos palacianos contra a nova *Academia:* «O Aviso chegou dia de Natal á noite, e *tivemos algum descontentamento*,

por nos não vir logo determinada a casa, mas no dia seguinte o Duque fallou á Rainha, e logo se destinou o Palacio das Necessidades.»

Accentuaremos alguns traços biographicos sobre esta alta figura do fim do seculo XVIII em Portugal. Dom João Carlos de Bragança e Sousa Tavares Mascarenhas da Silva e Ligne, segundo Duque de Lafões, nascera em 6 de Março de 1719, graduando-se em Coimbra em 1742. Quando o ministro Sebastião José de Carvalho começava a sua influencia absoluta sobre o rei D. José, D. João Carlos de Bragança ausentou-se de Portugal em 1757, dizem uns que por ordem regia motivada em uma paixão amorosa; n'esses vinte e dous annos de ausencia da patria viajou por quasi toda a Europa, pelo Egypto, Turquia, Asia e Laponia, fixando a sua residencia na côrte de Vienna de Austria onde era singularmente considerado. Fôra voluntario austriaco durante a Guerra dos Sete Annos, distinguindo-se na batalha de Maxen. Frederico da Prussia exaltava a sua bravura militar e o imperador José II mantinha com elle relações intellectuaes. Succedeu na Casa de Lafões a seu irmão primogenito D. Pedro de Bragança e Sousa, em 26 de junho de 1761. Era tratado nas côrtes de Vienna, Londres, Paris e Roma com honras principescas usando o titulo de *Duque de Bragança.* O malicioso lord Beckford, que nas suas Cartas desenhou do vivo a côrte portugueza, revela este facto com certo tom sarcastico: «o Duque de Lafões, o mesmissimo personagem bem conhecido em toda a Europa pela denominação de *Duque de Bragança,* postoque não tenha direito a

este illustre titulo, que anda unido á corôa. Chamasse-se elle duqueza-viuva, não seria eu quem lhe disputasse a propriedade do titulo, conhecendo-o por uma especie de camareiro velho, com eguaes ninherias e melindres;...» *(Carta XII.)* Burney, o celebre musicographo inglez, fallando da cultura artistica do Duque descreve a sua casa como um centro onde se reuniam os poetas como Metastasio, o incomparavel lyrico libretista, compositores como Gluck, o creador do Drama musical, e o não menos talentoso Abbade Costa; elle tambem se refere a esse titulo com que era então conhecido na Europa. [1] O generoso e intelligente Duque animou a revolução musical de Gluck, que em 1770 lhe dedicou a sua opera *Paride et Elena*, declarando: «meno d'un Protectore, che d'un Giudice.» Quando se vê hoje a importancia da obra de Gluck integrada na Opera de Wagner, é que se avaliam as palavras da dedicatoria em todo o seu alcance: «Una anima sicura contro i pregiudizi della consuetudine, sufficiente cognizione de' gran principi dell'arte, con gusto formato non tanto su' grand modelli, quanto sugli invariabili fondamenti del Bello e del Vero, ecco le qualità ch'io ricerco nel mio Mecenate...» Entre os frequentadores do palacio do Duque de Lafões em Vienna, figuravam, segundo os musicographos Burney e O. Jahn, o princepe de

---

[1] «But before we set out, the *duke of Braganza* and much other company come in, etc.» *The presente state of Music in Germany*, I, 255. *Bibl. critica*, pag. 109.

Poniatowsky, a condessa de Thun, o abbade Metastasio, Hasse, Faustina Bordoni, o princepe de Kaunitz, e ahi foi recebido com assombro Mozart, que então contava doze annos de edade; ahi tambem encontrou Burney esse genio ignorado o abbade Antonio da Costa, altamente considerado por Gluck. Quando o Duque regressou a Portugal, afastado d'esse meio esplendido, forçosamente sentiria uma profunda asphyxia intellectual; dominava um frade boçal, que fôra tarimbeiro, dirigindo uma rainha que ia cahindo na demencia, a qual se acompanhava «com todas as suas damas de honor, secretarios de estado, anões e negrinhos, e cavallos brancos, pretos e malhados.» [1] O esplendor artistico da côrte portugueza estava completamente apagado; a rainha viuva D. Marianna Victoria, occupava-se toda na obra do convento de S. Francisco de Paula. [2] O Duque voltou-se para o interesse scientifico que alguns homens distinctos manifestavam, obedecendo á corrente que actuava na Europa; a grande nobreza entregava-se á Sciencia, como vemos em Buf-

---

[1] Beckford, *Carta XX.*

[2] Da influencia artistica d'esta rainha pode julgar-se pelo que escreve Gramosa: «Na musica, que soube fundamentalmente, excedia a todas as princezas do seu tempo, e chegou a possuir a mais sublime orchestra, que nenhum princepe da Europa teve; nem será facil juntar outra similhante pelo concurso de musicos raros em vozes como em instrumentos, que então floresciam e se mandaram vir de toda a parte, principalmente da Italia, dando-se avultadissimos ordenados, como foram *Egizielli, Cafarelli, Raf, Battistini, Leonardi,* e

fon, organisando a Zoologia, em Lavoisier, fundando a Chimica moderna, apesar do seu cargo de Fermier Géneral; Robert Boyle era filho do conde de Cork e d'Orrery; Cavendish era neto do segundo duque de Devonshire e bisneto do duque de Kent. A sciencia era então uma distincção nobiliarchica; foi por este lado que o Duque de Lafões patrocinando a creação da *Academia das Sciencias* veiu relacionar Portugal com o audacioso seculo XVIII. Em uma carta de José Corrêa da Serra ao Doutor Vandelli, em data de 6 de Maio de 1780, se revela a animadversão que havia contra a nova Academia: «Cá o espero com todo o alvoroço para vêr com os seus olhos a neonata *Academia*, que se tem achado ao entrar n'este mundo *sem padrinho e sem ama* que lhe desse leite, mas isso *não impedirá que cresça e viva.*» Sem o perstigio do Duque de Lafões a Academia estava morta á nascença. A escolha dos seus socios aggremiou homens que pertenceram á *Academia da Historia portugueza*, como Gonçalo Xavier de Alcaçova Carneiro; á *Academia*

---

outros muitos que representaram no Real Theatro, que o senhor rei D. José edificou... além das representações theatraes a mesma Senhora em repetidas vezes os mandava cantar em sua camara, alcançou com este exercicio de tanto gosto e apreço as maiores luzes, e as mais delicadas passagens da musica, que executava na sua mesma camara, não só cantando como egualmente tocando em cravo as Tocatas mais difficultosas e do melhor gosto, que eram as de *Scarlati* mestre de musica da senhora D. Maria Barbara, rainha de Hespanha, o maior homem n'este genero que então se conhecia.» *Success. de Port.*, II, 48.

dos Occultos, como D. Miguel Lucio de Portugal e Castro e o conde de San Lourenço; á *Arcadia lusitana*, como o P.^e^ Joaquim de Foyos, Antonio Diniz da Cruz e Silva, Pedro José da Fonseca e Manoel Ignacio Alvarenga. Era um meio de trazer á disciplina esse delirio das Academias que esterilisara tantas aptidões; [1] a *Classe de Litteratura* acabava

---

[1] Eis o elenco dos primeiros Socios que formaram a *Academia das Sciencias:*

Os tres iniciadores Barbacena, Corrêa da Serra, e Vandelli, trataram em 1779 de convidar socios para a projectada Academia e obter a sancção official. Uniram-se-lhe os poucos socios que ainda sobreviviam da *Academia da Historia*, fundada em 8 de Dezembro de 1728. Formaram o primeiro nucleo, além dos tres fundadores:

P.^e^ Theodoro de Almeida, Oratoriano
P.^e^ João Faustino, »
P.^e^ Joaquim de Foyos »
Conde de Tarouca
Bartholomeu da Costa, tenente general
Pedro José da Fonseca, professor de Rhetorica no Collegio dos Nobres
Fr. Vicente Ferrer da Rocha, Dominicano, e depois Bispo de Castello Branco
Principal Mascarenhas, D. Domingos José de Assis Mascarenhas
D. Miguel Lucio de Portugal e Castro, Monsenhor da Egreja Patriarchal e Embaixador em Madrid
Gonçalo Xavier da Alcaçova Carneiro, ultimo Socio da Academia da Historia.

Estes socios discutiram o Plano da organisação e Estatutos apresentados ao governo de D. Maria I, sendo a approvação official em 24 de Dezembro de 1779. *

---

* Aviso do Secretario de Estado Visconde de Villa Nova de Cerveira, dirigido ao Duque de Lafões.

com esse espirito frivolo das Tertulias, resolvendo pela seriedade das investigações philologicas o que a *Arcadia lusitana* não podera conseguir. E' por isso verdadeiro o pensamento de Aragão Morato quando considerava a *Academia das Sciencias* de 1779 a continuadora da *Arcadia* extincta em 1777. Na Classe dos socios honorarios entram o Arcebispo Confessor e todo o Ministerio, mas ainda

---

A sessão inicial, com caracter particular, effectuou-se no Paço das Necessidades na Sala da Junta dos Tres Estados em 16 de Janeiro de 1780 com os socios fundadores, para procederem á eleição dos socios effectivos para as tres Classes de:

Sciencias naturaes
Sciencias exactas
Sciencias moraes e *Bellas Lettras.*

Constava de 24 socios effectivos, sendo 8 por cada classe. A' esta primeira sessão faltaram Domingos Vandelli, Lente de Historia Natural na Universidade de Coimbra, Dom Miguel de Portugal e Frei Vicente Ferrer da Rocha. Em consequencia da eleição, ficaram

Presidente — Duque de Lafões
Secretario — Visconde de Barbacena
Vice-Secretario — Corrêa da Serra
Orador — P.e Theodoro de Almeida

CLASSE DE SCIENCIAS NATURAES

Domingos Vandelli, Director da Classe
José Corrêa da Serra
João Faustino
Bartholomeu da Costa
Fr. Vicente Ferrer
Visconde de Barbacena
Dr. Antonio José Pereira
Dr. Antonio Soares Barbosa

assim o Cardeal Patriarcha não quiz pertencer á corporação, que como scientifica achava menos orthodoxa. Bastava o privilegio de serem as suas Memorias isemptas da Censura! A animadversão contra a Academia irrompeu tomando por objectivo o Discurso inaugural lido pelo P.e Theodoro de Almeida na sessão de 4 de junho de 1780; foram-lhe dirigidas, assim como ao Visconde de Barba-

---

CLASSE DE MATHEMATICA

O Marquez de Alorna, Director
P.e Theodoro de Almeida
Conde d'Azambuja
José Joaquim de Barros
Dr. José Monteiro da Rocha
Dr. Miguel Franzini
Dr. João Antonio Dalla-Bella

CLASSE DE LITTERATURA

D. Miguel de Portugal, Director *
P.e Joaquim de Foyos
Conde de Tarouca
Pedro José da Fonseca
Principal Mascarenhas
Gonçalo Xavier d'Alcaçova
P.e Antonio Pereira de Figueiredo

SOCIOS HONORARIOS

Ayres de Sá e Mello
Arcebispo de Thessalonica
Cardeal da Cunha
Cardeal Patriarcha (não acceitou)
Conde de S. Lourenço
Conde da Ponte

---

* Substituido por Gonçalo Xavier de Alcaçova, por ter ido como Embaixador para Hespanha.

cena, differentes cartas anonymas, das quaes transcreveremos alguns trechos caracteristicos. De uma, datada da Ribeira nova, e dirigida ao P.e Theodoro de Almeida:

«Tão ávido era o desejo que tinha de ouvil-o, quam excessivo o desgosto que experimentei quando consegui na tarde de hontem, em que V.a R.ma recitou a Oração da abertura da *Academia das Sciencias* com tanta satisfação como jactancia. Dos primeiros periodos logo inferi, que em logar de uma Oração grave, decorosa, instructiva e eloquente, tinha de ouvir *uma invectiva falsa, atrevida e injuriosa*, não só aos individuos do seu corpo

---

Marquez de Angeja
Marquez de Marialva
Marquez de Penalva
Martinho de Mello e Castro
Principal Almeida
Visconde de Villa Nova da Cerveira

SOCIOS SUPRA-NUMERARIOS

Antonio Ferreira de Andrade Encerrabodes
Conde da Ega, D. Diogo de Noronha
D. Fernando José de Portugal
Fr. José Maine
José Maria de Mendonça
José de Vasconcellos
D. Thomaz Caetano de Bem
Antonio Caetano do Amaral
Dr. Antonio Ribeiro dos Santos
Custodio José de Oliveira
D. Fernando de Lima
Francisco da Cunha
José Antonio Raposo
Dr. José Corrêa Picanço
José Henriques de Paiva

academico mas *ao estado presente de toda a Nação.*» Pela critica que transpira da carta vê-se que era de um exaltado pombalista; ha ahi trechos que interessam á historia litteraria; assim: «V.ª R.ma mesmo conhecerá a sincera verdade com que lhe fallo, se commigo fôr maduramente reflectindo no que disse: = *Graças ao céo, já Portugal respira da ignorancia em que jazia*, etc. = Com estas palavras deu principio V.ª R.ma á sua Oração, e com ellas começou egualmente o escandalo em os que lh'as ouvimos; perguntavamos a nós mesmos porque motivo respira Portugal agora da ignorancia? e não achando outro mais do que ser V. R.ma a elle restituido do

---

Luiz José da Costa
Nicoláo Tolentino de Almeida
Paschoal José de Mello
Ricardo Luiz An.te (Antonio?)
Antonio Henriques da Silveira
Conde de Vimioso

SOCIOS CORRESPONDENTES:

Citaremos os nomes mais celebres:

Antonio Ribeiro Sanches
Antonio Diniz da Cruz e Silva
Joaquim Corrêa da Serra
Dr. Fr. Joaquim de Santa Clara
Luiz Antonio Verney
Luiz Pinto de Sousa Balsemão
Manoel Ignacio Alvarenga
D. José Maria de Sousa
Agostinho José da Costa Macedo
Bento José de Sousa Farinha
Frei Joaquim Forjaz
Dr. José Pedro Hasse de Belem
. . . .

seu degredo, e fallar-nos de alto, conhecemos claramente do nosso grande Orador a vã e escandalosa jactancia. Esta depois nos feriu mais os olhos e penetrou os corações, quando V.ª R.ᵐᵃ se declarou por aquelles Portuguezes dotados de luzes para quem olhando os estrangeiros em os seus paizes como um phenomeno raro o admiraram como surgido do centro da ignorancia ou do Reino de Portugal, egualado por V. R.ᵐᵃ na barbaridade ao de Marrocos, porque os papeis litterarios faziam de um e outro egual menção.» Depois d'isto compara o estado em que o P.ᵉ Theodoro de Almeida fugiu de Portugal, com o de Portugal depois das reformas pombalinas, que veiu achar:

«V. R.ᵐᵃ via pouco quando fugiu do degredo aonde o poz quem o conheceu a fundo; andou por Biscaya, a escoria da Hespanha, onde o honraram com a carta de academico, com que tanto se vangloría; passou a Bayona, a escoria da França, cidade sim de algum commercio, porém muito celebre por ter sido patria do *jansenista* Abbade de Ciran; teve a fortuna de achar em o Bispo de Biscaya accolhimento e exercitou com V. R.ᵐᵃ o preceito de uma das obras de misericordia; d'alli voltou para este Reino, e entra n'elle não só falto de vista mas cego de todo. V. R.ᵐᵃ está em Portugal, mas não vê; cuida que é aquelle mesmo d'onde saiu, e miseravelmente se engana. Então fazia algum vulto a *Recreação philosophica;* hoje, quem hade olhar para ella quando em outros cursos philosophicos muito mais perfeitos e completos trazem os portuguezes entre as mãos S'Gravesand, Mas-

chenbroock, Nolet, de quem V.ª R.ᵐᵃ se servia plagiarimente e servilmente. — Lembra-se V. R.ᵐᵃ do tempo em que andava pelas casas das fidalgas d'esta côrte com uma pequena Machina electrica, e trabalhando n'ella as divertia com os seus interessantes como prodigiosos e inexplicaveis effeitos? Então lhes chamavam ellas o Newton dos nossos tempos; mas hoje lendo as Cartas do Dr. Franklin reputam por fraqueza pueril o que viam obrar n'aquelle tempo a V. R.ᵐᵃ — Portugal está presentemente de sorte que não encontrarei ainda algum portuguez estudioso e intelligente, dos muitos que vivem entre nós, que pegando no seu *Feliz independente* para o lêr com curiosidade passasse das primeiras folhas... o mesmo a seu respeito me tem asseverado alguns estrangeiros instruidos.» E' n'este periodo que se revela mais claramente o pombalista: «Se V.ª R.ᵐᵃ em logar de ter hido áquellas duas provincias de Hespanha e França, dirigisse os seus passos a Petersburg, Berlim, Paizes Baixos, Cantões Suissos, etc. e depois viesse a Coimbra e visse alli em sumptuosos edificios já em uma parte a Chimica, em outra a Astronomia, n'outra a Physica, emfim, exercitarem-se todas as Sciencias Naturaes, e reduzida a Faculdade a Mathematica, ditada por quatro professores de primeira ordem, e ouvida por discipulos da primeira applicação e talento, admiraria (se fosse capaz d'isso) com os estrangeiros d'aquellas illustradas Côrtes e paizes a Universidade como uma das primeiras da Europa, e em logar das stolidas e petulantes necedades que babujou em sua Oração, lhe ou-

viriamos os elogios que aquelles lhe fizeram dignos do reino que atrevidamente V. R.^{ma} descompoz em publico.» [1] O Visconde de Barbacena tambem recebeu outras cartas anonymas, como se affirma em uma em que se rejeitava o convite para socio da Academia: «Eu sei que V. Ex.^{a} tão longe está de se escandalisar dos *papeis volantes que se tem espalhado sobre a Academia*, que antes os busca e os recolhe. Esta é uma das provas da grande capacidade de V.^{a} Ex.^{a}, pois sabe conhecer a estimação e o logar que se deve conferir á critica e que sem ella nada se aperfeiçôa; porém os miseraveis representantes ficam nas lanças. Elles se expõem á risada do Theatro, como os comicos das peças de Molière; e V.^{a} Ex.^{a} no ridiculo das figuras e ao som das palmadas da platéa vae compondo e reformando o seu plano, na sua secretaria. —Eu entrei acaso em certa assembleia de homens cordatos a tempo em que se tratava da abertura da Academia, e *ouvindo criticar asperamente o seu estabelecimento*, sahi, como se a causa fosse minha, em sua defeza; porém finalmente não tive mais remedio que calar-me, por que me fizeram argumentos a que não soube responder.

«Diziam elles: Onde se forma esta Academia? Não é em Portugal? E' verdade. E de que sugeitos? De portuguezes. O seu fundador não nos consta que se proponha a darlhe Leis, e apenas se compromette a protegel-a, por que nasceu em Lisboa.

---

[1] Nos *Succ. de Portugal*, II, 159 a 162.

«Elle sim, é capaz de formar os seus Estatutos, e de lhe subministrar todas as luzes que adquiriu com tanto trabalho e tanta despeza nos annos que foi incansavel viajor. Os seus estudos, os seus talentos não se limitaram á arte da guerra, em que fez honrosos progressos. Elle foi um curiosissimo indagador de tudo o que era bello, admiravel, e até util nas côrtes estrangeiras. Elle soube dar credito á sua Patria em todas as aldeias em que se ouvia o seu nome. Mas de que serve isto entre os seus compatriotas, se não de inimisade? Se o Duque de Alafoens, se o amavel D. João de Bragança quizesse mostrar n'esta cidade o que sabia lhe chamariam publicamente um ignorante. Elle bem conhece o terrivel costume da nação. Aqui todos presumem de mostrar; o apprender passa por uma injuria depois que põem navalha na cara. — Isso é para rapazes, diriam uns tantos que conhecemos, e que nunca sahiram do ninho. Ora este homem entende que nos vem cá dar regras? Que sabe elle, que nós não sabiamos? Estes viajores pensam, que quem não sáe da Patria não é homem? Bem aviados estavamos se assim fosse... Os homens tambem se fazem benemeritos á porta fechada sobre seus livros, e se houver um pequeno Museu de Historia natural, em que se tomem algumas lições, até de um cêpo se fará um ministro de estado. Com que, meu amigo, me diziam elles, se este é o caracter dos Portuguezes, que D. João de Bragança conhece muito bem; e se este, em rasão não fez mais que mettel-os na estrada dizendo-lhes — que cada um pode caminhar como bem lhe parecer, que podemos

esperar de semelhante ajuntamento? Aquillo é um enxâme dentro de um cortiço, sem Abelha mestra...» Depois d'isto, dá o critico a entender que para fundar a *Academia das Sciencias* era indispensavel chamar um sabio estrangeiro:

«Por ventura El Rei da Prussia não é um dos Princepes bem instruidos do nosso seculo? Não tem elle dado de si estes creditos nas suas Memorias? O seu exemplo não produziu no seu reino homens famosos? Não haveria entre elles um de grande lição com pleno conhecimento de todos os tratados academicos? Pois este grande rei, de um governo admiravel e de uma capacidade prodigiosa, quando estabeleceu a *Academia das Sciencias* em Berlim, pediu para a sua fundação e direcção a El rei de França que lhe mandasse a Monsieur Maupertuis, distincto socio da Real Academia de Paris. *Quando eu vir que a Rainha de Portugal faz o mesmo*, então trataremos de Academicos e de Academias!» E depois de alludir á Oração do P.e Theodoro de Almeida, chasqueada em prosa e verso, diz: «o estylo declamatorio é que lhe deitou a perder aquella peça. Todo o erro esteve em não conferil-a dentro do seu proprio claustro, com quem era capaz de lh'a castigar.» Queria referir-se ao ex-oratoriano pombalista o P.e Antonio Pereira, ou a P.e Joaquim de Foyos. E sobre o valor de alguns academicos: «Porem, eu conheço huns tantos Academicos, que quando lhe entregaram a Carta da Academia (que não sei por que capricho se lhe expediu em latim) elles foram ter com alguns amigos, que lh'a construissem. Não

digo por isto que para ser benemerito é preciso ser bom latino; muitos conheço eu que sabem admiravelmente essa lingua, e não sabem mais nada...» E chega a insinuar a necessidade de fazer exclusões dos ineptos «e vêr se na Academia se lhe podia dar remedio descartando-se de uns tantos que não lhes fazem honra, nem proveito, antes lhe servem de obstaculo; pois que gloria pode resultar a um homem de merecimento de ser chamado para essa illustre e douta Sociedade, achando-se na mesma classe uns poucos de pedantes...» Termina sarcasticamente: «Deus illumine os Senhores Academicos e os livre das más lingoas, que, se se salvam, prégam uma forte peça ao diabo pela vida que levam.» [1] E salvou-se a Academia, encetando os seus trabalhos por fórma que toda a sua gloria ainda hoje consiste n'esse meio seculo de sincera actividade. Foi um dos seus mais lucidos impulsos a tentativa de uma *Historia litteraria de Portugal*, publicando logo na Conferencia de 30 de janeiro de 1780 um nitido Programma, que infelizmente não foi comprehendido. [2] Esse trabalho nunca mais foi ten-

---

[1] *Ibid.*, p. 223 a 234.

[2] PROGRAMMA

«A Academia das Sciencias de Lisboa, querendo dar a conhecer o estado da Literatura, das Artes, das Sciencias, e de toda a sorte de conhecimentos da Nação portugueza em diversos periodos de tempo, determina colligir monumentos da *Historia Literaria* do nosso Reino. Para a execução de hum projecto tão louvavel convida a todas as Pessoas eruditas, e zelosas do

tado, pela inintelligencia das gerações que se foram succedendo.

Constituida a Academia, foi admittida á presença de D. Maria I em 20 de Junho de 1780; a sessão publica solemne effectuou-se no Paço das Necessidades em 4 de Julho d'esse anno. Foi Orador o P.^e^ Theodoro de Almeida, e encerrou a sessão o Duque de Lafões com um pequeno discurso. Os programmas de trabalhos scientificos foram publicados na *Gazeta de Lisboa*, (de 8 de Julho de 1780). Leram-se na sessão os Estatutos, e lista dos Socios; José Joaquim Soares de Barros annunciou umas *Novas reflexões sobre o movimento progressivo da luz nos espaços celestes*, e Pedro José da Fonseca leu o *Plano do Diccionario da Lingua portugueza*, para o qual já estava organisada a commissão.

---

bem, e honra da Patria, assim de Portugal, como das Conquistas, que commodamente possão para ella concorrer; e lhes pede queirão communicar as noticias, que tiverem, conducentes a este fim; mas muito particularmente, e em primeiro lugar as de quaesquer Escritores, e Obras, assim impressas, como manuscritas desde o principio do Reinado do Senhor Rei D. José I., que santa Gloria haja, até o tempo presente, de que ou se não faça menção na *Bibliotheca Lusitana* do Abbade Diogo Barbosa Machado, ou fazendo-se, seja por hum modo diminuto, ou pouco exacto. Nos Authores se pede a noticia de seus Pais, Parentes, tempo de nascimento, Mestres; de quaesquer meios, e occasiões, que tiverão para sua instrucção, e de tudo o mais que parecer digno de referir-se: nos Livros manuscriptos huma relação circumstanciada do numero, e forma dos seus volumes, dos seus possuidores, da materia que tratão, com hum extracto breve, mas quanto possivel

Em 18 de Outubro de 1780 celebrou-se outra sessão publica, como abertura do novo anno academico; orou o Marquez de Penalva. N'esta sessão leu Gonçalo Xavier de Alcaçova uma Introducção a uma obra *Sobre os Progressos do Espirito humano desde a decadencia do Imperio do Occidente até aos nossos dias*. Como se vê pela data, a obra de Condorcet ainda não estava escripta. (*Gazeta* de 24 de Outubro de 1780.) Formulou-se o Programma de trabalhos. (*Id.*, 28 de Outubro de 1780.)

N'este primeiro anno a Academia não tinha subsidio official, e era sustentada pela contribuição voluntaria dos socios, (12$800 reis) que tinham uma patente de *Benemeritos*, e principalmente pelo Duque de Lafões.

Por Decreto de 18 de Novembro de 1783

---

for completo, do que contém. E finalmente nos impressos será conveniente, que se declare a sua fórma, o lugar, e anno de impressão, e onde poderão achar-se, se por algum caso se tiverem feito raros. Estas Memorias se remetterão ao Secretario da Academia, a qual agradecerá este beneficio publico, fazendo imprimir juntamente com a *Historia* uma Lista dos Sogeitos benemeritos, que para ella tiverem concorrido com qualquer auxilio digno de consideração. Palacio de Nossa Senhora das Necessidades, em Conferencia de 30 de Janeiro de 1780.

Visconde de Barbacena Luiz Antonio Furtado de Mendonça
Secretario da Academia.

LISBOA. NA REGIA OFFICINA TYPOGRAPHICA. 1780. *Com licença da Real Mesa Censoria.*

(Academ. das Sciencias, *Papeis Varios*, vol. 24.)

foi dotada a Academia com a terceira parte do producto liquido annual da Nova Loteria do capital de 144 contos de rs., estabelecida a favor do Hospital de S. José, e Expostos; mas sómente em 1785 é que tocou este subsidio, que acabou com a Loteria em 27 de Maio de 1797. Outra vez lhe acudiu o Duque de Lafões, com o seu auxilio pecuniario, em 1799. Por Decreto de 4 de Novembro foi-lhe arbitrada uma dotação annual de 4:800$000, pagos aos quarteis pelo Subsidio litterario.

Em 13 de Dezembro de 1783 é que a Rainha se declarou *Protectora* da Academia, e sómente em 1810, por Aviso de 9 de Abril, se determinou que fosse sempre *Presidente perpetuo* um Principe da Casa real.

Em 1792 sahiu a Academia do palacio das Necessidades para o palacio do becco do Carrasco, [1] onde se deteve até 1797, em que passou para o do Monteiro Mór, na calçada do Combro; e d'aqui em 1800 para o palacio do Duque de Palmella, no largo do Calhariz, onde esteve até 1823. Soffreu ainda duas trasladações, antes de se instalar em fins de 1833 no Convento de Jesus dos Terceiros franciscanos. O perstigio regio e a dotação official degradaram-na; tornou-se um fóco de reacção depois de ter provocado pela sua liberdade mental as denuncias do Intendente Manique.

São de alto interesse as referencias de Pina Manique sobre o jacobinismo de Corrêa da Serra e do Duque de Lafões, em uma Con-

---

[1] Ao Poço dos Negros.

ta escripta para o Marquez Mordomo-mór, em que denuncia a existencia de um convencional «n'esta côrte nas casas da *Academia das Sciencias* ao Poço dos Negros, hospedado segundo me dizem pelo Abbade Correa da Serra... e aqui foi accolhido e introduzido ao Duque de Lafões, na qualidade de agricultor, e hospedado nas casas da *Academia das Sciencias*, d'onde frequenta as casas do sobredito Duque, e do Abbade Corrêa, que é amigo mui particular do Ministro e Consul da America do Norte e dos mais jacobinos que aqui se acham... Estas testemunhas infelizmente mascarram o Duque de Lafões, que estou certo he arrastado pelo máo homem do dito Abbade Corrêa.» E termina apontando Corrêa da Serra como *homem perigosissimo;* em outras Contas para as Secretarias relata que encontrara varios caixões de livros *perigosos e incendiarios*, na alfandega de Lisboa, taes como de Reynal, Bricot, Voltaire «vindo alguns d'elles dirigidos para o Duque de Lafões com este titulo por sobrescripto impresso em alguns jogos de volumes...» Tambem na mesma caixa vinham livros para Corrêa da Serra, e por isso lembrava o Intendente: «que pareceria util que lá mesmo se perguntasse ao Abbade Corrêa quem era que lhe fazia estas encommendas, que talvez se tenham espalhado pela mesma via em Lisboa...» Corrêa da Serra já se vira forçado a ausentar-se de Lisboa em 1787, e pela espionagem insistente de Manique tornou a emigrar em 1797, quando Silvestre Pinheiro Ferreira por causa das ideias philosophicas sensualistas fugia tambem de Portugal.

A mesma suspeição pesava sobre o academico Ferreira Gordo, o P.e Theodoro de Almeida, P.e Antonio Pereira de Figueiredo e João Guilherme Christiano Muller, todos da Academia das Sciencias; e d'estes dois ultimos, embora membros da Real Mesa Censoria da Commissão geral, diz: «qualquer d'estes dois suspeitos e conhecidos por muita gente por sediciosos e perigosos;...» A corrente do *Rigorismo* que começara pelo fanatismo religioso com processos inquisitoriaes, revigorava-se pelo despotismo policial tornado systema de governo; ás vezes estas duas pressõss contrariavam-se. Assim quando irrompeu a reacção systematica no começo do reinado de D. Maria I, foram prohibidos os theatros como um fóco de corrupção dos costumes; e já no dominio de Manique escrevia elle para o ministro sobre a conveniencia de dar licença aos emprezarios do Theatro nacional da rua dos Condes: «não se póde duvidar que emquanto o povo se entretem n'estes theatros, não frequenta as casas de café, nem de bilhar, e assembleias, conversando no que lhe não importa: evitam os jogos, com que ás vezes se arruinam, e outros entretenimentos em que se precipita a mocidade.» Na poesia satirica da epoca encontra-se o reflexo do contraste dos costumes, em que augmentava o numero dos roubos e dos assassinatos depois do decreto rigorista contra os theatros:

Vêr Comedias Lisboa já não calsa,
Que isso é soltar ao povo muito a rédea;
Pois no tempo presente haver Comedia
E' peor do que haver moeda falsa.

Agora o que na côrte mais realça
E' de roubos e mortes a Tragedia,
Com elles muita gente vive nedia
E nunca de dinheiro anda descalça.

Lisboa está de santidades centro,
E em louvaveis costumes se melhora,
Mas eu na educação d'ella não entro.

Cada um como pode faz agora
A Comedia com fêmeas porta a dentro,
Com roubos e Entremez de porta a fóra.

(*Poesias varias*, t. VIII. Ms.)

A ladroagem e os assassinatos tornaramse o modo de existencia ordinaria da capital, como se lê nas correspondencias dos embaixadores para os seus governos. Latino Coelho traçou um quadro escuro sobre esses testemunhos: «Lisboa á noite era então uma das terras mais perigosas para o viandante inoffensivo. As pessoas graves e timoratas mal se aventuravam a sahir depois que a grande metropole com as suas trevas, os seus muladares, os seus entulhos, as suas encruzilhadas, as suas quêlhas, se povoava de cães e de mendigos, de mulheres perdidas e de frades mundanissimos, de numerosos malfeitores e de militares indisciplinados que iam correr suas errantes aventuras, ou perpetrar livremente suas façanhas criminosas.» [1]

A prohibição contra os theatros manteve o seu rigorismo até 1780, permittindo-se a re-

[1] *Historia politica e militar de Portugal*, t. I, p. 326.

presentação por *bonecos*, por que tambem tinham sido excluidos da scena os rapazes que substituiam o papel de mulheres.

Não escapou á mordacidade do dicaz Lobo a prohibição dos espectaculos theatraes; é curioso o Soneto *A' prisão dos rapazes que representavam nos Theatros, mandando a Rainha fechar os ditos*:

Sanctissima Rainha, a vossa graça
Não merecem vassallos d'este mundo;
Sois dotada de um proceder profundo
Para o céo, que p'ra terra sois escassa;

O vosso ministerio tudo abraça,
Sem olhar que de todo vae ao fundo;
Ah! se vivera um Dom João Segundo,
Castigára os motivos da desgraça!

Os Theatros, senhora, prohibidos!
E os pobres rapazinhos na cadêa!
São os fins sem os meios conhecidos.

Venham mulheres, que a culpa é menos feia;
Haja Opera, vivamos divertidos,
E fique o diccionario para a cêa. [1]

Em fins de 1780 foi appresentado ao governo da rainha um requerimento de Paulino José da Silva e Henrique da Silva Quintanilha, um emprezario e o outro dono do Theatro da rua dos Condes para se lhes conceder a faculdade de «poderem expôr ao publico algumas peças comicas e tragicas representa-

---

[1] Nas *Poesias joviaes e satiricas*, p. 154. Ed. de Innocencio.

das por homens» allegando os mesmos perdas pelas prohibições a que estavam sujeitos. Foi enviado o requerimento a Pina Manique para informar; é suggestivo o seu parecer, por que alludindo aos anathemas dos Santos padres contra o theatro, conclue:

«Os politicos mais celebres da Europa chegam até a julgar preciso e necessario nas Côrtes um egual divertimento, para se entreterem innocentemente aquelles individuos que, faltando-lhe, empregavam o tempo da sua ociosidade em commetter grandes crimes, em prejuiso da tranquilidade publica e em desprezo da santa e respeitavel religião catholica romana. Sirvam de exemplo as côrtes de Madrid, que tem actualmente dois theatros; na de Paris ha tres; em Veneza sete; Parma tem dois; e até o emporio do mundo, a cabeça de toda a egreja, a respeitavel Roma tem cinco; e postoque o summo sacerdote na faculdade que permitte áquelles theatros não é como princepe e cabeça da egreja, mas sim como potentado secular, é certo a não permittiria se se encontrassem com a auctoridade dos santos padres, ou destruissem os bons costumes. Até nas proprias religiões (sc. conventos) onde os homens são todos dedicados ao serviço de Deus poderoso e omnipotente, se permitte para refrigerio, em tempo a que chamam carnaval, que representem algumas eruditas peças, que divertindo os espectadores lhe influem a moral.

«Por todos estes motivos me parecem os supplicantes dignos da graça que pretendem, muito principalmente sendo as representações todas feitas por homens, com o que não pode

haver receio de que aconteçam aquelles disturbios que são infalliveis quando se dá um grande ajuntamento de pessoas de ambos os sexos. E para cortar qualquer abuso que se possa introduzir, será preciso que debaixo de qualquer pretexto que se allegue, se não consintam mulheres algumas para dentro das portas do theatro da representação, bastidores e casas de scenario e vestuario; e que nos camarotes não haja cortinas, nem se consintam mulheres meretrizes, que vão servir de escolho á virtude; e que as peças comicas e as mais da representação sejam primeiro vistas e examinadas no tribunal da Meza Censoria, para serem purgadas no que respeita á religião e aos bons costumes. Com estas cautellas, que farei executar com toda a exacção, por serem os theatros e a sua economia um dos objectos da policia, me parecem os supplicantes dignos da graça que pretendem. V. M.de porem mandará o que fôr servido. Lisboa, 15 de Dezembro de 1780.—Diogo Ignacio de Pina Manique.» [1]

Outros documentos policiaes nos mostram o estado de imbecilidade governativa com que se legislava para o theatro a pretexto dos bons costumes e da moral. Era o theatro a parte viva da litteratura; mas era impossivel manifestar-se ahi qualquer talento pela degradação em que se achava o meio social, e pela pressão estupida da Intendencia. Transcrevemos algumas das suas Contas para as Secretarias.

---

[1] *Contas para as Secretarias*, Liv. I, fl. 82 a 86 v. (Arch. nac.)

«Dando-me parte o Ministro Inspector do Theatro da rua dos Condes, que os estrangeiros que n'elle trabalhavam com os *Bonecros*, representando algumas peças sem forma, a que denominam *representar de improviso*, envolviam algumas acções obscenas, e ao mesmo tempo repetiam algumas vozes contra a modestia e offensivas aos ouvidos das gentes, principalmente do sexo feminino, chegando tambem a repetirem alguns pedaços de Comedias, como eram *Arte da Feitiçaria*, animando-as com palavras em que invocavam o demonio, instrucção perigosa para se consentir em semelhantes logares, os mandei advertir, e como continuaram do mesmo modo, chegando o mesmo povo a dar-lhe repetidas pateadas, para evitar que chegasse a mayor excesso os mandei noteficar para suspenderem as ditas representações, pois o Aviso que S.ª Ex.ª me expediu era sómente para as consentir, e não até segunda ordem, de d'onde inferi que a mente de sua Magestade era só para serem conservados em quanto não praticassem o que acabo de referir; pois aliás era perverter o fim com que se permittem as representações que he o de reprehender o vicio e ensinar a Moral deleitando.

«Não me fallou em cousa alguma João Gomes Varella, nem Paulino José da Silva, nem me requereram a este respeito; e só procedi por effeito das obrigações do cargo que S. Mag.de me confiou, e na intelligencia de que o Aviso de V.ª Ex.ª não era até segunda ordem, me ficava permittido o pôr em pratica a minha commissão, em evitar tudo o que fosse contra os bons costumes e que não offen-

desse com acções peccaminosas a modestia das gentes que concorriam a assistir áquelle divertimento. A' vista de tudo S. Mag.de determinará o que lhe parecer mais acertado e justo. Lisboa, 20 de Dezembro de 1782. Ill.mo Ex.mo Sr. Marquez de Marialva.» [1]

«Manda-me V.a Ex.a o informe de quem foi que expediu ordem ao Desembargador Guilherme Baptista Zarco a que elle se refere, para mandar vir os Comicos portuguezes que se achavam dispersos pelos Theatros do Reino.

«O que posso dizer a V.a Ex.a é que aquelle Ministro como Inspector do Theatro da rua dos Condes, mandou vir os Comicos na certeza de que S. Mag.de tinha mandado abrir o mesmo Theatro para se representarem n'elle Operas com *figuras inanimadas*, como consta dos Avisos que ficam n'esta Intendencia, e depois por permittir El-rei nosso Senhor que houvessem Entremezes e Pantominas, para o que me fez a honra de me mandar chamar á sua real presença para assim m'o determinar, e tambem para que sustasse no despejo que eu tinha mandado fazer aos Comicos que nas peças que executavam de improviso envolviam materias que não eram convenientes se exposessem ao Publico por serem obscenas, indecentes, contrarias aos bons costumes, e que faziam renascer o Theatro dos Gregos, contra o qual declamaram os Santos Padres; e que finalmente não eram da natureza d'aquellas que servem de instruir o publico

---

[1] *Contas para as Secretarias,* Liv. I, fl. 494 *v.*

reprehendendo o vicio e metendo-o a ridiculo com as côres as mais vivas e que influem suavemente nos animos a Moral santa, a Policia, a urbanidade, d'aquellas que as nações civilisadas e christãs expõem nos seus Theatros, e que até dentro dos mesmos claustros mais austeros se representam; d'aquellas emfim que n'este Reyno correm impressas á face de um Tribunal como o da Mesa Censoria e composto de Varões litteratos e que foi instituido para velar se não publiquem cousas contra a Moral, contra a Religião ou contra os bons costumes.

«Estas permissões pois de Suas Magestades foram as razões que houve para aquelle Ministro assim proceder e he o de que posso informar a V.ª Ex.ª para o representar aos mesmos Senhores e elles resolverem o que for de seu real agrado. Lisboa, 18 de Fevereiro de 1784. Ex.^{mo} Snr. Arcebispo de Tessalonica.» [1]

Segundo a ideia do leigo que acompanhava o Arcebispo Confessor, os sabios, os santos e os bobos que formavam a côrte de D. Maria I foram soffrendo modificações segundo os acontecimentos: perseguidos os sabios, e afastados os santos, ficaram preponderando os bobos. E n'essa onda de demencia se affundou a rainha D. Maria I, não podendo resistir a uma serie de desgostos pessoaes que successivamente a accabrunharam: em 25 de Maio de 1786 a morte de seu marido: em 10 de Septembro de 1788 a de seu filho o

[1] *Contas para as Secretarias*, Liv. II, fl. 34.

Princepe D. José, e conjunctamente a da sua irmã D. Maria Anna Victoria e seu esposo o Infante de Castella D. Gabriel; e como se isto não bastasse para abalar-lhe a rasão, veiu em 29 de Novembro de 1788 o falecimento do seu director espiritual, o Arcebispo Confessor, que possuia o dom de tranquillisar a alma da attribulada rainha.

Era a rainha D. Maria I immensamente amiga de sua irmã D. Maria Francisca Benedicta, mais nova do que ella doze annos (25 de Julho de 1746); como signal de uma affeição quasi maternal consentiu no plano de Pombal, que a casou com seu filho primogenito, o princepe do Brasil, Dom José, que a devia substituir no throno. O princepe era intelligente e bem intencionado, e já sobre elle concebera o Marquez de Pombal grandissimas esperanças: a causa do desterro de José de Seabra da Silva para Africa era attribuida á revelação do seguinte plano do terrivel Ministro: Conhecendo a fraqueza de caracter de D. Maria I, que não saberia conservar as instituições fundadas por Dom José, nem manter as reformas economicas e administrativas impostas dictatorial e despoticamente, o ministro persuadira o monarcha a que obtivesse de sua filha uma renuncia á successão do throno a favor de seu filho o princepe Dom José. Dona Maria facilmente entregaria a seu pae essa renuncia, se José de Seabra não tivesse avisado a rainha mãe D. Marianna de Austria do que se tratava; a soberba austriaca impoz á filha a promessa de não assignar papel algum sem primeiro lh'o mostrar. Foi assim que Pombal viu destruido o seu plano de lei salica.

O princepe Dom José não occupou o throno de sua mãe, mas participava do governo nos intervallos das longas doenças da rainha. Era um espirito ávido de saber, seduzido pelas experiencias physicas que então eram a base positiva da sciencia, apaixonado pelas collecções de museu, interessando-se pelas novas theorias economicas, e propondo-se como modello para a sua vida esse typo phantastico e generoso do rei José II. Era além d'isto um gracioso protector dos poetas, attendendo aos seus memoriaes, que lhe iam entregar ao palacio de Queluz. Comprehende-se que no meio fradesco em que vivia existia uma luz que o dirigia para novos horisontes; de facto o Duque de Lafões é que o dirigia, relacionando-o com José II, e mostrando-lhe o estado de degradação até onde descera Portugal. O princepe conhecia as reformas de que careciamos, a necessidade de refrear o clericalismo, de sopêar as ambições da politica ingleza que nos reduzia á condição de colonia, e de manter as ideas economicas postas em pratica pelo Marquez de Pombal. Não admira que os espiritos mais illustrados estivessem voltados com as suas esperanças para este princepe, que ambicionava tornar-se um outro José II para Portugal. Mas se a revelação de José de Seabra da Silva o afastou do throno, uma revelação de Lord Beckford ao Arcebispo Confessor parece ter sido causa da sua morte prematura, não obstante haver-se propalado que morrera de um ataque de variola. O Princepe commetteu a indiscrição de revelar os seus planos a Beckford, que como inglez entendeu dever contraminar essas doutrinas

antagonicas aos interesses do seu paiz, delatando-o á reacção clerical.

Na Carta XXXI (de 19 de Outubro de 1787), conta Beckford o seu encontro com o princepe herdeiro «figura pensativa, mais bello e avermelhado que muitos dos seus conterraneos.» — «A primeira pergunta com que sua Alteza real me honrou foi se eu havia visitado o seu Gabinete de instrumentos.» Na sua ingenuidade o princepe D. José revelou-lhe o seu ideal politico; e um certo resentimento contra a Inglaterra: « — Aquella soffreguidão commercial que a Inglaterra desenvolve em cada um dos seus tratados tem-nos custado caro em mais do que uma circumstancia. —

«Elle então correu sobre o caminho que o decahido Pombal tantas vezes seguia nos seus papeis de estado como em varias publicações que foram espalhadas durante a sua administracção, e eu logo percebi de que eschola sua Alteza Real era discipulo.» E sem attribuir toda a decadencia de Portugal ás exacções inglezas, continuava o princepe: «mas não admira, abatidos e humilhados como estamos por *gravosas e inuteis instituições*. Emquanto houver tantos zangãos n'uma colmêa, é debalde que se espera o mel. Não estaes vós surprehendido, não vos choca o encontrar-nos tantos seculos atraz do resto da Europa?» E animado com um sorriso complacente do lord, o princepe começou a fallar com enthusiasmo do Imperador-philosopho José II: «Eu tenho a fortuna de corresponder-me frequentemente com este illustradissimo soberano. O Duque de Lafões, que tambem tem a vantagem de communicar com

elle, nunca deixa de me dar os detalhes d'estes actos salutares. Quando teremos nós a sufficiente valentia para o imitar!» Beckford, como inglez matreiro, fingiu certa admiração para o ouvir detalhar alguns projectos «*singularissimos* e *perigosissimos;*» «elle deixou cahir algumas vagas insinuações de medidas que me encheram não só de surpreza, mas de uma sensação que tocava quasi o horror.» O inglez viu que elle attribuía a decadencia de Portugal em grande parte «a uma cega e errada confiança politica interesseira da nossa Ilha dominante. Ainda que não poupou o meu paiz, não se mostrou nimiamente parcial do seu. Pintou com côres vivas os defeitos da milicia e do *governo do clericalismo.*» Depois d'isto, Beckford foi conferenciar com o Arcebispo-Confessor: «e dirigindo-me para o palacio chamei o Arcebispo-Confessor, que se encerrou uma meia hora no seu gabinete interior. Contei-lhe tudo o que se passara n'esta não buscada e inesperada entrevista. As consequencias desenvolvem-se por si mesmas com o tempo.» Terrivel phrase esta, porque não se passava um anno e o princepe falecia repentinamente, attribuindo-se officialmente a morte a um ataque de bexigas confluentes. [1]

Depois da morte do princepe Dom José, a rainha hallucinada pela direcção espiritual do seu novo confessor o Bispo do Algarve Dom

---

[1] A morte do princepe D. José foi muito celebrada pelos poetas contemporaneos, sobresahindo a sessão funebre da *Academia de Humanidades* de Lisboa, que então continuava a tradição da Arcadia; eis um soneto satirico contra esses imitadores:

José Maria de Mello, tinha visões horrorosas representando seu pae e o ministro favorito a arderem no inferno; corria pelas salas do palacio n'uma afflicção de paroxismo gritando debaixo da impressão de invenciveis terrores. Em um Soneto satirico da época faz-se uma carga ao Bispo do Algarve D. José Maria de Mello, e á freira Prioreza do Convento do Coração de Jesus, D. Thereza, filha do Monteiro-mór, que de dama do quarto da rainha passara a freira de Carnide, e era então desveladissima protectora de Anselmo José da Cruz Sobral:

O Bispo-Confessor, nome de alcunha
Que nem talentos, nem virtudes tinha,
Que dos astutos Manigrépos vinha,
E com elles ao Reino tudo impunha;

RETRATO AO NATURAL, DO NATURAL DOS SENHORES MODERNOS DO TEMPO

Com um botão na cópa apresilhado,
Chapeu com bico largo, olhando estrellas,
Gravata de lençol, curtas fivellas,
Trancinhas no cabello, aspecto inchado;

Vestido á ARCADIA; o modo desmanchado,
Grossas abotoaduras amarellas,
E andar muito direito das canellas,
Com boldrié de fóra meio aspado;

Grande sobrecasaca, e de amostrinha
Os canhões de veludo; erguida a prôa,
Calção faminto, andar de ventoinha:

Roca em cima a mamar junto á pessoa,
Esta é hoje a figura, ou figurinha
Dos Patetas, Peraltas de Lisboa.

(*Poes. varias,* Ms., t. VII, p. 4.)

Quando altos projectos só propunha
Sua alma fraca, misera, mesquinha,
Enférma, apezar nosso, uma Raynha,
Que os sentimentos d'alma a elle expunha.

Chora esta soberana a Nação inteira,
E só vós, justo Deus, é que sabeis
Se foi causa o *Confessor* e mais a *Freira*.

Aprendei d'aqui, augustos Reis,
Que a vossa fortuna verdadeira
Só pende da escolha que fazeis.

(*Ms. da Acad.* Est. 8, n.º 41.)

Lord Beckford descreve esta phase, em que a vida do palacio de Queluz se tornava insupportavel. A rainha caíra n'uma completa demencia, e o princepe Dom João começou a reger os negocios publicos servindo-se da assignatura de Dona Maria I; Portugal já estivera sob o sceptro da *que depois de morta foi rainha*, e obedecia agora á mesma fatalidade governado em nome de uma rainha victima do fanatismo. A morte do princepe Dom José foi uma segurança para o partido clerical e aristocratico; o princepe Dom João tinha uma grande dóse de imbecilidade para ser dominado, e garantir a posse da nação e das riquezas publicas a estas duas facções. Como seu bisavó D. João V, elle tinha a monomania das festas de egreja, e um dos seus prazeres era resar com os frades no côro o canto-chão monotono, em quanto sua mulher a princeza D. Carlota Joaquina jogava as escondidas com os fidalgos do paço nos laranjaes de Queluz, como descreve Beckford. A sua incapacidade para sequer perceber qualquer necessidade administrativa ou politica,

fazia com que fosse um páo mandado com que exerciam a soberania os ministros da rainha louca. Colligiram-se nos manuscriptos d'essa epoca os seguintes epigrammas:

Senhor, o Paiz está são,
Quem diz o contrario mente;
Os Avisos do Intendente
São cousas de um toleirão;
Dos que ao vosso lado estão
D'esses, Senhor, vos guardae,
E de todo acautellae
Essa Fidalga quadrilha,
Que *tira o juizo á Filha,*
E *intentou matar o Pae.*

(Bibl. nac., *Ms.* 7008.)

Pinto é gato,
Marquez mentecapto,
Seabra estudante,
Martinho é chibante;
Sobre este andor
Vae o *Princepe* nosso senhor,
Frei Mathias vae atraz,
Leva o sceptro do rapaz,
Dom Filippe
Espera o repique.

(Ib.)

Ainda aqui é apontado o *Marquez*, já na idiotia senil; mas passado pouco tempo corria o seguinte epitaphio *Ao Marquez de Ponte de Lima*, em um soneto:

Sepultado — aqui jaz — quem tal diria?
Que a parca se atrevesse sem respeito
Prostrar de um golpe só em um sujeito
Poder, soberba, empregos, fidalguia!

Um cargo não vagava, e um só havia
A que não fosse realmente eleito;
Manejava os negocios com tal geito
Que até elle ignorava o que fazia.

Foi egual Presidente em Tribunaes,
Secretario, Ministro, Conselheiro,
Foi Grão-Cruz e Inspector dos seus eguaes.

Foi contra votos nosso Thezoureiro,
E dizem muitos, que se ainda vive mais
Não nos ficava peça em bom dinheiro.

(Bibl. nac., Ms. X. 5, 50.)

O povo com o seu bom senso rabelaisiano fez a synthese d'este governo em nome de D. Maria I no seguinte pasquim tradicional:

— Que fazes, João?
« Faço o que me dizem,
Como o que me dão,
E vou para Mafra
Cantar canto-chão. [1]

Se os reaccionarios temiam as consequencias das aspirações liberaes do princepe Dom José, que desejava imitar José II, com a sua morte não fizeram mais do que chamar sobre Portugal uma successão tremenda de catastrophes. No conflicto europeu que se dava entre

---

[1] Existe esta variante, que colhêmos no Porto:

Nós temos um rei
Chamado João,
Faz o que lhe dizem,
Come o que lhe dão . . .

a Republica franceza e os outros estados colligados, a verdadeira politica de uma pequena nação como Portugal devia ser uma rigorosa neutralidade, seria mesmo esta uma condição do seu desenvolvimento mercantil; os que se serviam da chancella do princepe Dom João fizeram-n'o adherir no 1.º de Septembro de 1793 ás exigencias do gabinete de Londres entrando na collisão. As consequencias foram acharmo-nos envolvidos em uma guerra, alliados com a Hespanha, dispendendo milhões com a Divisão auxiliar, atacados no nosso commercio pelo côrso francez, espoliados indignamente pelo contrabando inglez, desorganisados na administração, e recorrendo ao expediente de sophismar as despezas da nação com o papel moeda. E d'esta serie de males não se descobriu o fim, por que esse acto impolitico de 1793 tinha implicito em si a invasão futura, a devastação do paiz e a extincção da nacionalidade.

Que comprehendia Dom João VI de tudo o que se passava? Nada; estava diante dos acontecimentos como « boi diante de palacio.» A face devota do *genio austriaco* preponderava n'elle por uma revivescencia atavica; mais tarde viria o tino philosophico de Bertholdo, que lhe dava relampagos de bom senso, ensinando-o a lograr os mais espertos, como o ideologo Silvestre Pinheiro Ferreira. A poesia continuava a produzir-se de uma maneira espantosa em folhas volantes, e os pretendentes enchiam as escadas de Queluz á espera das moedas de 4$800 rs. pelos versos.

« Os reis portuguezes dos ultimos tempos são quasi todos derivados da *Casa de Au-*

stria, meio devota, meio philosopha, que impoz como sello de raça aos seus descendentes a hypocrisia, uma politica falsa e uma sensualidade suina. Michelet caracterisa admiravelmente esta raça no seu typo: — Tem uns assomos de demencia, mas uma feição permanente transparece debaixo de um signal eminentemente sensivel, o *beiço austriaco*. A commedida Maria Thereza descobre-se nos seus filhos: recatada e graciosa algum tempo em Maria Antonietta, libertina em Leopoldo, desbravada na rainha de Napoles na sua bacchanal ao pé do Vesuvio. — *La lèvre autrichienne*, como caracterisa o historiador francez, resalta na sua imbecilidade ou no seu sensualismo em Dom João V, Dom José, e Dom João VI; tal é a origem do *beiço* da Casa de Bragança.» [1] Beckford, quando esteve pela segunda vez em Portugal em 1794, observou no caracter do Princepe Regente certas qualidades que elle foi o primeiro a explicar pelo *beiço austriaco*: «Elle estava de pé, só, no meio d'este vasto salão, pensativo, assim me appareceu, e aério. Pareceu comtudo attencioso com a minha aproximação, e, ainda que elle era certamente o avesso da formosura, ali tinha uma expressão de petulancia e ao mesmo tempo de benignidade, no rosto extravagante, singularmente agradavel: isso me impressionou, por que tem uma decidida parecença particularmente no que respeita á bocca com os avós maternos de seu pae. Tendo D. João V casado com a Archidu-

[1] *Obras primas de Balzac*, Introducção.

queza, filha do imperador Carlos VI, elle tem por conseguinte um jus hereditario a *esses compridos e auctoritarios beiços*, que caracterisam notavelmente a Casa de Austria antes de se confundir na de Lorena.» [1]

Em 1799 Dom João VI teve uns impetos de individualidade e de resistencia contra os ministros intrigantes, e começou a assignar os actos governativos como Regente; caíu José de Seabra da Silva, e substituiu-o Luiz Pinto, menos intelligente mas mais dissimulado. No meio d'este tripudio, figura o phantasma do prepotente Manique, o fac-totum do absolutismo, tendo um decreto com poderes discrecionarios que o dispensava de dar conta dos seus actos e até do emprego dos dinheiros publicos! O commando das armas fôra confiado ao octogenario Duque de Lafões, e por fatalidade pouco antes de Bonaparte mandar a Hespanha declarar guerra a Portugal em 1801. O que era o generalissimo das tropas em 1801, o decrepito Duque de Lafões, pode vêr-se n'este retrato que d'elle deixou em 1787 o espirituoso Beckford: «conhecendo-o por uma especie de camareira velha, com eguaes ninharias e melindres; põe ainda côr e signaes, e postoque já tenha setenta invernos, ainda procura fazer rodopios sobre os calcanhares e mexer-se com juvenil agilidade; muito me abysmou a facilidade dos seus movimentos, por quanto me haviam dito que era

---

[1] Beckford, *Alcobaça and Batalha*, p. 211. Ed. de 1839. O viajante inglez relata uma recepção em Queluz em 1794.

martyr da gota. Depois de ciciar em francez com a mais requintada accentuação queixas contra o sol e as estrellas e o estado da architectura, abalou graças a Deus, para ir marcar o acampamento da cavalleria que hade guardar a sagrada pessoa da rainha durante a sua residencia n'estas montanhas (de Cintra.)» [1] O Duque de Lafões militara brilhantemente na Guerra dos Sete annos, mas a velha tactica já nada valia contra as novas campanhas inauguradas pelos exercitos da Republica franceza. A sua velhice nestoriana tornava-o irresoluto, e incapaz de um acto de coragem; era o verdadeiro symbolo das forças defensivas da monarchia. O sabio José Monteiro da Rocha, diante das ameaças da invasão franceza, escrevia em carta de 21 de junho de 1801: «Sem energia e sem enthusiasmo nada se faz, e com ella se fazem milagres.» E ao mesmo tempo reconhece que o Princepe Regente era «tão mal servido por *esses aristocratas ineptos e orgulhosos*, que o conduziram e a toda a nação a circumstancias tão criticas e desastradas.»

[1] Cartas de Beckford, xx. (Trad. do *Panorama*.)

II

FILINTO ELYSIO

Um simples erudito, distrahindo o celibato clerical com a cultura de amenidades litterarias, e collocando-se extranho aos interesses sociaes de uma nação comprimida pelo despotismo, procurando comprehender e imitar o ideal horaciano pelo seu lado sceptico e sensual, eis o que era Filinto Elysio, a quem a perseguição religiosa forçou repentinamente a fugir de Portugal. O contacto inesperado com o grande mundo, a entrada no fóco activo onde se elaborava a crise mental que se ia transformar em breve na explosão temporal da Revolução do fim do seculo XVIII, não lhe apagaram essa feição que lhe imprimira a profissão de clerigo e de latinista. Através de uma existencia atormentada pela penuria em terras extrangeiras, viveu sempre no isolamento e sempre na idealisação do passado. A vida de Filinto abrange o vasto periodo de outenta e cinco annos (1735—1819), dentro do qual se passou o movimento mais demolidor do Seculo excepcional, e os angus-

tiosos primordios do seculo decimo nono; tudo isso foi uma vaga miragem para esse espectador indifferente. Ao contrario da vida do tambem octogenario P.e Antonio Vieira, que se achou envolvido em todas as intrigas diplomaticas da Companhia de Jesus na restauração da nossa pequena nacionalidade dependente dos accidentes da lucta entre a Casa de Austria e a França, a existencia de Filinto passou sem a minima parcella de auctoridade, refugiando-se das incertezas do presente na recordação do passado, que a longevidade tornou mais intensa e regressiva. A luz do seculo deslumbra-o, e apenas allude aos extraordinarios successos que abrem uma éra nova: a proclamação da Republica da America, a Revolução franceza, a Defesa nacional, as Guerras napoleonicas, a invasão de Portugal, a deserção da dynastia dos Bragançàs e entrega do reino ao protectorado da Inglaterra, tudo isso deixa uma remota resonancia nas suas lucubrações litterarias. E emquanto em volta d'elle se iniciava o Romantismo, que procurava a revivescencia das litteraturas nacionaes nas suas origens estheticas da Edade media, Filinto Elysio continuava a imitar Horacio nas suas Odes e Satiras, e sem comprehensão da nova corrente de idealisação traduzia em vernaculo o *Oberon* de Wieland e os *Martyres* de Chateaubriand, para mostrar as riquezas lexicologicas da lingua portugueza. Por isso quando Lamartine saudava o exilado poeta em uma Elegia immortal, Filinto sorria-se sem comprehender o que o aproximava do iniciador da poesia romantica em França.

A influencia de Filinto foi comtudo importante; quasi todos os poetas portuguezes do ultimo quartel do seculo XVIII se confessaram seus discipulos; e mais do que isso, o genio de Garrett attingiu a perfeição da forma poetica no estudo dos seus escriptos e na preoccupação do purismo classico. Bastava isto para dar-lhe direito a um logar proeminente na historia litteraria. Mas Filinto era mais do que um erudito, um humanista; os desastres da vida, a ausencia da patria, o isolamento na miseria deram-lhe á expressão pessoal das suas emoções uma vibração verdadeira, que fizeram consideral-o um grande Poeta, como o affirmou o critico Villemain. A quasi indigencia leva-o á renuncia; o desterro fel-o comprehender Camões; o recordar-se do passado, por uma natural revivescencia das impressões da mocidade, revela-lhe a belleza dos modismos e locuções da linguagem popular, que se tornam a parte viva da novação archaica do seu estylo; acordam-lhe na lembrança as tradições da vida portugueza, que embora já tarde tenta elaborar litterariamente. Emfim, elle elevou-se acima da *suffisance livresque*, que ataca todos os eruditos, servindo um alto ideal: propugnou pela cultura da *Lingua* e da *Litteratura portugueza*, duas creações admiraveis de um povo eguaes á importancia das descobertas maritimas que o eternisam na historia. [1] A influencia de Filinto proveiu d'es-

---

[1] Lúcida affirmação do Dr. Wilhelm Storck no seu Estudo sobre Camões, traducção impressa a espensas da Academia real das Sciencias.

ta intuitiva missão, que o fazia exclamar com emphase:

> Abra-se a antiga veneranda fonte
> Dos genuinos Clasicos, e soltem-se
> As correntes da antiga, sã linguagem.

§ I. Cultura e actividade litteraria. — Fuga de Portugal (1734—1778)

Nos depoimentos do processo do Santo Officio contra o P.e Francisco Manoel e nas notas espalhadas pelo poeta em muitos logares das suas obras, encontram-se valiosas informações sobre a sua filiação e mocidade, que explicam o genio do escriptor, e mesmo a direcção de toda a sua existencia. Nasceu Francisco Manoel em 23 de Dezembro de 1734, conforme o confessa tantissimas vezes em referencias dos seus versos consagrando o proprio anniversario; porém na certidão do parocho da freguezia de S. Julião, lê-se: «o qual baptizei em casa, por estar em perigo de vida, o qual nasceu em 21 de Dezembro, de 1734...» Confiamos mais na retentiva do poeta, tanto mais, que a circumstancia de se achar a criança *em perigo de vida* foi um pretexto para fazer-se o baptisado em casa, libertando-a assim da brutalidade do parocho Bernardino do Couto, que convertia esse sacramento em um terrivel mergulho. Dil-o o poeta: «Mergulhavam (não sei se ainda hoje é a moda) as crianças na pia. Lembro-me ter visto o Padre (pelo nome não perca) Cura então da minha freguezia, metter um filho de J. R. tão atabalhoadamente na agua, que lhe amolgou a testa com um encontrão que lhe deu na

quina da pia do baptisterio, de que o rapaz nunca sarou.» [1] Essa debilidade congenita não se coaduna com a resistente constituição, que através de todas as luctas de uma tormentosa existencia foi além dos outenta e quatro annos. Sané, alludindo ao seu tardio desenvolvimento intellectual, explica-o mais pela imperfeição do systema de ensino da epoca. [2] Pela certidão de baptismo sabe-se que foram seus paes Manoel Simões e Maria Manoel, ambos naturaes de Ilhavo, baptisados e casados na freguesia de San Salvador d'essa villa, e então moradores em Lisboa na rua da Ferraria, freguezia de San Julião. [3] Pelos depoimentos do processo da Inquisição, sabe-se que Manoel Simões era fragateiro, e tivera uma fragata sua, e que a mulher vendeu pela

---

[1] *Obras*, t. v, p. 183.

[2] «La nature l'avait richement doté; mais s'il montra dans les prémiers temps de son adolescence ces symptomes de stupeur, d'inactivité d'ésprit, qui motiverent des jugements si hatifs et si légers, il faut en attribuer principalement le tort au système d'études que l'on suivait alors en Portugal...» *Poesie lyrique portugaise.*

[3] Transcrevemos aqui essa Certidão, que fôra por publica-forma extrahida do seu processo de ordenação para ser reunida ao processo que lhe promovia a Inquisição de Lisboa, em 16 de junho de 1779. (Torre do Tombo, Processo N.º 14:048):

«Certidão do Baptismo de Francisco M.el extrahida da sua sentença *de genere*, fl. 41 : = Theotonio Gomes, Cura da Parochial Egreja de S. Julião de Lisboa, certifico, que vendo os liuros dos Baptismos d'esta mesma Egreja, em um, que teve principio no anno de 1730 e findou no anno de 1743, a fl. 96 v. está um assento

rua peixe e outras cousas comestiveis. Maria Manoel era uma lépida e desenvolta *tricana*, como as que ainda hoje vendem peixe pelas ruas de Lisboa, e a sua belleza influiu na situação do casal. Conta outra testemunha do processo do Santo Officio, que antes do Terramoto moravam conjunctamente com João Manoel, Mestre das Fragatas reaes na rua da Ferraria, freguesia de S. Julião, nas casas de José Rodrigues Torres, e tambem na rua dos Mercadores. Segundo as informações d'este Torres, e de outras testemunhas juradas «era voz publica que o dito P.e Francisco Manoel era filho de João Manoel; «este o protegera arranjando-lhe o patrimonio para a sua ordenação, e lhe alcançara a Thesouraria das Chagas pertencente á Confraria dos Marean-

---

do theor seguinte:— Aos dois dias do mez de Janeiro de 1735 annos, eu o Padre Cura, puz os Santos Oleos a Francisco, o qual baptizei em casa, por estar em perigo de vida, o qual nasceo em 21 de Dezembro de 1734, filho de Manoel Simões, natural e baptisado na freguesia de S. Salvador da Villa de Ilhavo, Bispado de Coimbra, e de sua mulher Maria Manoel, natural e baptisada na sobredita Freguesia, e n'ella recebidos, moradores na Ferraria, Padrinho Gregorio Mendes Pinto, e Madrinha D. Catherina de Ares, por procuração feita a Felix Monteiro da Rocha. O Cura Bernardino do Couto. — E não consta mais do dito assento ao qual me reporto. S. Julião, de Lisboa, 12 de Septembro de 1753. O Cura Theotonio Gomes. Reconheço, Rocha. = A' margem acha-se uma declaração: He de Sant'Iago da Mouta, Bispado de Coimbra »

Por esta certidão se vê que Francisco Manoel tomara ordens de presbytero em 1754. Os livros da freguezia de S. Julião tinham sido destruidos no terramoto de 1755.

tes. Depois do Terramoto foram todos morar para uma barraca á Cotovia, e depois na rua do Valle, freguezia das Mercês, até que sendo João Manoel despachado Patrão-Mór da Ribeira das Náos os levou comsigo para as casas que lhe dera o estado. [1] Ahi na Ribeira das Náos reunia o poeta os seus amigos por 1767, até que pelo falecimento do Patrão-Mór, veiu morar para umas casas de Monsieur Pedro, marceneiro, quasi defronte do Palacio do Calhariz, com seus paes. Pelo processo inquisitorial tambem se diz com malignidade, que o P.e Francisco Manoel pretendera habilitar-se á herança do Patrão-Mór, provando que era filho d'elle, mas que d'isso o dissuadira o Cura das Chagas. E' certo, que em uma Ode escripta em 1800 (seis lustres depois do exilio) allude o poeta aos serviços publicos de seu pae, que com certeza não eram os de *fragateiro* no Tejo:

Servindo ao Rei e á Patria, sessenta annos,
Deixou meu pae com que Filinto á larga
Vivesse independente, e ao ocio e ás Musas
Cedesse mansos dias.

(*Obr.*, III, 97.)

Foi com o dinheiro do Patrão-mór, que Francisco Manoel já ordenado comprara varias propriedades, como uma quinta em Ca-

---

[1] Á sua residencia na Ribeira das Náos allude o poeta: «ouvia da minha janella, na *Ribeira das Náos*, os algarvios arrematar tão soltamente, que cavallos desenfreados não davam mais corrente aos pés, que elles á lingua.» (*Obr.*, t. VI, p. 249.)

marate, e casas em Lisboa, nas ruas do Valle, do Tilhal e de S. José; [1] algumas testemunhas mais serias do processo inquisitorial davam-no como *sobrinho* do Patrão-Mór, sendo isso elemento de chasco entre os poetas satiricos contemporaneos, quando o chamavam *Patrão da lancha* do grupo dos versistas que adoptavam o emprego dos archaismos.

Francisco Manoel do Nascimento, chasqueava das presumpções heraldicas assoalhando o plebeismo da sua estirpe: « A familia dos *Nascimentos* é antiquissima. Na sua carta genealogica se estende como chefe Adão, seu filho Caim foi o primeiro a quem assentou o apellido de *Nascimento*, por quanto seu pae não fora nascido, mas creado. D'este primogenito pois vem a fidalga linhagem dos *Nascimentos*, que o Auctor do Pentateuco traz muito de longe individuando-se de Pae a filhos. As armas d'esta familia são Em campo de prata uma Mulher parindo (a qual é Eva);... A familia que contar Avós mais atrazados pode-se gabar de antiga.» [2] Este plebeismo de origem, influiu no seu profundo contacto com as camadas populares, no conhecimento do mundo tradicional e dos costu-

[1] Explica-se o erro de Sané, quando escreve: «Seus paes eram de uma classe elevada, e gosavam de um grande bem-estar; puderam dar á educação d'este filho unico os cuidados que foram gloriosamente recompensados.» Filinto o induzira em erro indicando a paternidade do Patrão-Mór da Ribeira das Náos. Na ausencia de Filinto, uma sobrinha do Patrão-Mór apossou-se de todos os bens que dizia terem ficado de seu tio.

[2] *Obras*, t. I, p. 263.

mes pittorescos da rua, deixando-lhe uma impressão indelevel de poesia que não pôde ser apagada pela cultura humanista, e que reviveria no isolamento do exilio na desalentada edade octogenaria.

São deliciosos os traços pittorescos da infancia de Filinto esboçados com aquella simplicidade das reminiscencias dos outenta e dois annos: « Era eu pequeno, e um tamalavez curioso e perguntativo; lembra-me bem que era um dia de Endoenças, e que me deram um papeliço de pastilhas; aponto isto, por que hoje que me acho nos meus 82 annos, ainda não perdi o affecto que sempre tive ao doce. Mas, vamos ao ponto. Era dia de Endoenças, e a nossa comadre Maria Pereira toucava minha mãe para ir correr as egrejas: entre varios diches, como pingentes, arrochador, etc. poz no espartilho, bem no meio dos que tinham nome de globos de neve (minha mãe era muito branca) certas flores de diamantes que tremiam c'o andar. Perguntei á comadre como se chamavam, e ella me respondeu: Chamam-se trémulas, Francisquinho.» [1] Filinto consignava esta reminiscencia para abonar a palavra ou designação ignorada; mas é o quadro de interior da seductora peixeira de Ilhavo, muito branca e enfeitada, que nos interessa. Mais tarde o Francisquinho tirou d'esse meio plebeu em que se desenvolvia um vasto conhecimento das riquezas da linguagem vernacula. Assim, ao usar a palavra fontes *(temporaes)*, diz: «fundei-me em aucto-

---

[1] *Obras*, II, p. 91.

ridade maior que quantas Prosodias e Fonsecas ahi ha; na auctoridade de minha mãe, a quem, cada vez que a nossa afilhada Joanna Margarida Rosa se queixava de enxaqueca, ouvia eu logo, e tanto a ella, quanto ás mais visinhas, á comadre Maria Pereira, e ainda ao Confessor, que era um frade Grillo muito entendido: — Rapariga, põe um parche n'essas fontes; e a visinha de uma Jeronyma Maria, que era muito boa mulher, e padecia muito de flatos, se queixava a minha mãe: — Ai, visinha, estão-me as fontes a latejar de modo, como se os miolos me quizessem sahir da cabeça, etc.» [1] Foi no soalheiro das visinhas Maria Pereira, Joanna Margarida Rosa e Jeronyma Maria, que vinham ouvir o frade Grillo a casa da sua mãe, que Filinto começou a saborear a grande poesia das tradições populares e a vernaculidade da linguagem portugueza. «Ainda vi em Lisboa ir gente consultar Medico, *que via o doente por dentro, pondo-o contra a réstea do sol:* vi muitas outras abusões, em que não quero fallar.» [2]

D'este soalheiro das pobres mulheres se lembra elle a proposito da Fontaine de Juvence: «Vae senão quando! era eu rapaz, e contava-me a nossa comadre Maria Pereira, e a nossa visinha Jeronyma Maria, que essa mesma virtude tinham as aguas do rio Jordão; e que os peregrinos que iam a Jerusalem

---

[1] *Obras*, t. II, p. 293.

[2] *Ib.*, t. II, p. 306. Notavel intuição dos raios Röntgen!

visitar os Logares santos, voltavam mais moços do que foram, porque todos se lavavam n'esse rio.» *(Ob.*, VI, p. 258.)

«Vendera meu pae ao conde de Castello Melhor, um mulato, chamado José, excellente cocheiro. Este que nunca perdeu o amor que me tinha, n'um dia de beija-mão tomou azo, emquanto durava a etiquetissima cerimonia, guia a minha casa a dourada berlinda, embarca-me n'ella, infante de sete annos, e me alardeia a seis poderosas urcas, e trez agalloados lacaios, a todo o fiel patife que quizesse vêr uma criança mechanica nos coxins de um Conde, que apostava nobreza c'os mais luzidos astros.» [1] O nome de *criança mechanica*, para designar o seu confesso plebeismo, tem o valor historico que lhe imprimira uma sociedade que julgava inferior ou desprezivel o trabalho industrial. A sympathia do mulato José, por ventura remador da fragata de Manoel Simões, pinta-nos a convivencia dos primeiros annos do poeta, que tanto se embebeu nas tradições populares, obliteradas depois por uma exclusiva educação humanista.

Uma outra reminiscencia da infancia, referindo os seus primeiros estudos deixa-nos perceber o estado mental dos seus parentes: «Veiu um parente nosso lá de Aveiro visitar-nos. Emquanto, depois da cêa, ficaram meus paes conversando com elle, peguei eu na *Arte* de Manoel Alvares (tinha eu então onze para doze annos) e puz-me a estudar a lição para o outro dia. Olha o parente para mim,

---

[1] *Obras*, t. III, p. 28.

deixa a conversação em meio e me diz: — Fazeis muito bem, menino; assim se fazem os homens; estudae; mas já d'aqui vos digo, que por mais que estudeis, nunca chegareis ao bico do sapato do meu Ambrosio; isso é que é saber! Todos os dias péga na teiga dos seus livros, e vae para a estrebaria, lê, lê, lê, e d'ali vem para cima, falla, falla, falla, mais de um quarto de hora sem se callar. E é tão fundo o que elle diz, que nem eu, nem tua tia, que todos os dias lê por um livro gordo, que está na prateleira (creio que se chama o Florio santorio), nem eu, como digo, nem tua tia comprehendemos nada do que elle diz. E' um prodigio aquelle rapaz. Mas, estudae, estudae; que se lhe não chegaes ao bico do sapato no saber, sempre sereis alguma cousa na nossa familia.» [1]

Este quadro domestico completa-se com uma reminiscencia das visinhas de sua mãe: «Nunca deparo com esta fabula das tres Deusas assanhadas por uma maçã, que me não lembre (teria eu 13 para 14 annos) minha comadre Maria Pereira, e um painel que ella tinha, em que estavam figuradas tres mocetonas núas como a palma da mão; e um rapagão em trajos de pastor, que offerecia uma maçã áquella das tres, que mais tinha *rostinho de tauxia*, (como Camões, n'uma Carta que escreveu da India, chama o rostinho de uma lisbonense) *que chia, como pucarinho novo* ao deitar-lhe agua. Succedeu pois (por tornarmos ao ponto) que vindo-a visitar um

[1] *Obras*, t. III, p. 126.

dia o Padre Frei José da Penha de França, primo em quarto ou quinto gráo de seu marido, que andava embarcado; depois que minha comadre lhe deu de almoçar, etc. etc. etc., estando ambos conversando a mão, acertou por acaso os olhos para o painel, de que nunca soube a significação.—Bem sei, (disse ella) que são tres Sanctas Virgens, e talvez Martyres; mas não lhes sei os nomes; e reparo que não é uso pintar as Sanctas núas. San Sebbastião, sim, porque é um homem. Peccadoras, vi eu já núas, mas Sanctas!... O Padre Prégador, depois de ter parafusado um pouco, respondeu: o Pastor era o Dragão, que com o pômo enganara Eva no Paraiso, que... Mas, explicou minha Comadre: — Eva era uma só, e não tres. — O Padre embatucou, mas logo com cára de frade retrucou: — O pintor figurou n'esse painel Eva antes do peccado, Eva no peccado, e Eva depois do peccado, e assim as tres Evas são só uma. São pontos da Escriptura, que mulheres não devem esquadrinhar.» [1] Desde muito criança, Francisco Manoel começou a conhecer de perto a devassidão dos frades e o pharisaísmo das suas doutrinas. O Soneto: «Christo morreu ha mil e tantos annos» [2] «é a relação historica do

---

[1] *Obras,* t. III, p. 138.

[2] *Obras,* t. IV, p. 149. Na traducção das Fabulas de Lafontaine (*Obr.*, t. VI, p. 171) diz: « O mesmo nos succedeu a mim, e ao frade Arrabido, andando pedindo para o Santo Sepulchro. O sacco foi quem pagou o almoço na loja de bebidas, e o jantar na casa de pasto.

que succedeu a certo frade com quem eu e outro estudantinho meu camarada andámos pedindo esmola para o Sepulchro.» E' possivel que o Soneto fosse parar ás mãos dos Franciscanos, porque d'elles partiu a intriga que forjou passados annos a denuncia do poeta á Inquisição. Em outra passagem falla de um outro costume fradesco da sua infancia:

Sobre os costumes de uma sociedade fanatisada, em que fôra creado, escrevia Filinto o Soneto:

Sobre o nobre poial do Pelourinho
C'uma cana na mão o *Doutrineiro:*
— *Quem diz o Credo?* — Logo mui lampeiro
Subia a espevitar-se um rapazinho.

Persignava-se; e o *Credo enfiadinho,*
Se vinha a lume o parto dianteiro,
Tinha o rapaz os vivas do Terreiro,
E a Veronica loura, de caminho.

Tambem tinha Veronica (sem *Credo*
Saber de cór) mas só por cortezia
Rapaz louro. Jesuitico segredo...

(*Obr.*, III, 201.)

Era ainda o costume do *Pendão da Santa Doutrina*, conservado desde o seculo XVI. Em notas explica Filinto, que chama *nobre* ao Pelourinho, «porque alli eram degollados os fidalgos». Que o P.e Doutrineiro trazia a cana na mão «Com que dava coques nos rapazes in-

quietos ou ignorantes.» [1] E que para apanhar a veronica de latão: «Para merecer o premio, importava, que o rapaz espevitasse muito bem o que papagueava».

Em outra composição torna a referir-se a esse costume fradesco:

> Lembrou-me vêr o *Padre Doutrineiro*
> Que offerece uma Veronica machucha
> A quem melhor disser um bom *Exemplo*
> Do *Baculo Pastoral*, do *Anno Virgineo*,
> Cuidei que via em soffrega assuada,
> C'o dedo para o ar trinta meninos;
> —A mim! a mim! (gritarem) Senhor Padre.»
>
> (*Obr.*, IV, 224.)

Já para o fim do seculo decahira este costume, como elle proprio observa: «A maior parte dos que me lêrem não tiveram a distincta de vêrem estas doutrinas, estas escholas, estes rosarios e veronicas. Ah tempo, tempo!

---

[1] Sobre este costume das escholas dos Jesuitas falla José Agostinho de Macedo em uma carta a Frei Fortunato de S. Boaventura, quando no governo de D. Miguel se tratava de restabelecer os Jesuitas em Portugal:

«Tambem creio que estes que vêm e alguns mais que vierem, quando d'aqui a annos souberem portuguez, se acaso é lingua que os estrangeiros fallem sem fazerem rir quem os ouve, e *sahirem a ensinar a doutrina aos rapazes, pelos recantos das ruas e escadaria dos adros, não levarão, segundo costumavam, empunhada na mão uma cana muito comprida* para darem coques nos que, ou não responderem (e hão de ouvir boas cousas!) ou não estiverem quietos. Um coque rijo na cabeça de um rapaz é fazer dar gargalhadas a todos os outros; e senão com a deliberada vontade,

Então, era eu rapaz,
E jogava o meu pião;
Diziam-me as moças todas
« Rapaz, deita-m'o na mão.»

E das Procissões, que eram o espectaculo querido da epoca, escreve:

Tambem lembrou-me a Procissão devota
Do rico San Francisco d'Enxobregas,
Que as almas vae tirar do Purgatorio
D'entre as chammas de papelão pintado:
Aqui uma Alma roxa, outra trigueira,
Acolá um fradinho barbeado,
Crespo e louro o cercilio, nú em pêlo,
(Como estão no outro mundo as almas todas)
Mais perto um Cardeal, uma Viuva,
Ou Donzella de carnes pudibundas
Se apegam ao Cordão, a qual primeiro.

(*Ibid.*, p. 225.)

A *Charola da Ajuda* era tambem uma das funções queridas da infancia de Filinto: «Se

---

por certo machinalmente; eu mesmo, que ando bem pouco para me rir, obedeceria ao impulso da natureza, ou ao excesso do ridiculo, e ainda o fiz ha poucos dias na sacristia de S. Roque, contemplando os paineis de S. Francisco Xavier, pintados pelo leigo jesuita Francisco Pereira; alli está a scena da *canada;* não é o santo que a dá, é um leigo executor; e o artista estudou tanto a natureza, que o rapaz está em acto de ir com as mãos á cabeça, o que dá a conhecer que o irmão leigo carregara a mão contra vontade do santo, que a não queria tão rija, e muito mais do rapaz que não gostou d'ella tão forte. Venham pois os Jesuitas, mas não venham porteiros da *cana*, porque se lhes pode metter na cabeça serem camaristas.» (*Obras ineditas*: Cartas e Opusc., p. 114.)

já não vem pela quaresma a Charola da Ajuda dar um descante ao divino, pelas ruas de Lisboa, necessario será contar aos rapazes de agora a composição d'ella. Pelo pouco que me recordo, que era um andorsinho assentado em dois varapáos, cangado nos hombros de dois saloios, acobertado c'uma toalha de mãos, como carro de romagem, com muitos Senhorinhos dos Passos; muitas penitentes brancas, todas de barro pintado e tudo por dentro allumiado com rolinhos de cêra; e em roda, por detraz e por diante muito aldeão berrando certa lenga-lenga devota; e pedindo muita esmola, que espalhadas pelas mãos e algibeiras dos cantores e mais matúla (por que alli n'aquella confraria todos são thesoureiros) iam diminuindo pelas baiúcas até chegar á Ajuda sem pada.» [1]

O quadro completo de uma procissão lisboeta acha-se descripto na Carta ao Marechal:

> Dão tres horas. Começa-se o fadario;
> Espreitam-se as janellas, povoadas
> De deusas, nymphas, damas e rascôas;
> A rua entra a ferver de ponta a ponta
> Com soldados, com frades, com lacaios,
> Com garotos, com cães, com ratoneiros.
> Tiririn, tiririn, retine ao largo
> O agudo som das louras charamellas,
> C'os rufos dos timbales rebatidos.
> — Lá rebenta o Pendão junto ao Rocio. [2]
> ....

---

[1] *Obras,* t. v, p. 403.
[2] *Ibid.*, p. 410.

E passageiramente allude ao costume de irem «as pretas e as regateiras que acompanham, berrando o bemdito, o Senhor dos Passos á Graça, ou os padecentes á forca...» [1]

Por esta nota de Filinto se vê qual era o estado da instrucção popular: «No tempo em que eu ia á eschola, havia duas *Cartilhas*, uma do Mestre Ignacio (unica que os Jesuitas consentiam aos rapazes) e outra desapprovada por elles, apezar de ser intitulada a *Cartilha do Menino Jesus*. D'esta gostava eu mais, porque além de outras cousas divertidas, trazia o ABC todo figurado (como hoje usam os francezes.) Uma arvore tinha por baixo um A., uma Bésta por baixo um B, *et cœteris* até ao Z, que tinha por cima um Zodiaco, a que nós chamavamos Z pandeiro, pela muita parecença que com o pandeiro tinha; poisque até os doze signos nos representavam as soalhas.» (Trad. Lafontaine, p. 301.)

A educação de Filinto acha-se por elle definida em poucas palavras, e que bem caracterisam a sua indole apathica: «excepto a Musica e o Latim, que aprendi com bons mestres, as outras noções que colhi como ás dentadas, foram tam de percalso, e tão sem estudo fixo, que se me não podia arrumar no cerebro, em modo que pudesse eu d'ellas tirar fio. D'aqui vem estranhar-me eu do apreço que por ahi fazem de versos, que eu como ás tontas escrevi.» Em seguida dá como motivo

[1] *Ibid.*, t. XI, 226.

de muitos dos seus versos: «Tambem nos annos em que eu *olim* aparava as pennas, vinha, por acaso, no proval-as, versinho ou phrase em que eu achava geito, e d'essa phrase e d'esse versinho se desfiava de strophe em strophe toda a Cantilena.» [1] Filinto allude ao bom professor de Latim que tivera; pelo processo do Santo Officio sabe-se que frequentara a aula de Antonio Felix Mendes, professor regio de Grammatica latina. No seu depoimento (5.ª testem.) diz que fôra seu Mestre de Latinidade e «que elle é bem instruido n'ella.»

Em uma das notas autobiographicas, que Filinto espalhara com os seus versos, ás vezes frivolas e com a impertinencia da edade, vêm referencias que auxiliam o estudo da sua vida litteraria; ahi diz elle «*que desde a edade de quatorze annos faço versos.*» [2] Metrificava com facilidade e a cada instante: «De 14 annos até 64, que hoje tenho... houve dias em que fiz duzentos versos e mais...» *(Ib.)* O poeta referia-se á epoca comprehendida entre 1749, em que estava no seu maior fervor o gosto das Academias em Portugal, e

---

[1] *Obras*, t. IV, p. 197.

[2] *Obr.*, I, p. 22. Em uma das suas Odes allude o poeta á precocidade com que metrificara:

Darei pasto á mania
De versejar, que me tomou bem tenro,
Que zombar de remedios.

(T. I, p. 120.)

quando fixara a sua residencia nos arredores de Paris.

Em outra nota refere-se aos seus primeiros estudos de latim: «O Padre Antonio Tavares, com quem aprendi toda a Arte de Manoel Alvares ajoujada de *Chorros*, *Cartapacios*, *Promptuarios*, e mais mixordia syntaxistica...» [1] Verney, criticando os methodos jesuiticos allude a esta somma de compendios, que reforçavam a já volumosa Grammatica do P.e Manoel Alvares, que dominava nas escholas menores desde o seculo XVI. Diniz tambem allude sarcasticamente «á longa e jesuitica syntaxe.» Em outra nota cita outro livro escholar: «*Pae-velho*, chamavam no meu tempo de estudante, a uma versão litteral, que se aprendia de cór para fazer exame; e que (segundo meu parecer) era a respeito do exame de latim, o que a respeito do exame de Moral era o Larraga.» [2]

Falla o poeta da sua morada na rua dos Mercadores: «Morava eu então na rua dos Mercadores, por detraz da Rua nova dos Ferros, ruas que lá se perderam em Lisboa, como o Calçado velho, Mata-porcos, etc. Todo o bem se perde!» (*Obr.*, t. V, 42.) Falla do Xancudo: «Certo pateo, por detraz do Calçado Velho, onde morava, antes do Terramoto uma Parteira muito conhecida, chamada Catherina Lopes; que, cahindo em edade, e desviando-se-lhe por essa causa a freguezia de seu partejo, se metteu a cristaleira, e dizia um *Auto*

---

[1] *Obr.*, t. I, p. 105.

[2] *Ib.*, p. 227; t. VI, p. 206.

de Catherina Lopes, que eu vi impresso com as Licenças necessarias — *Que para perto se mudou.* — O tal Auto, que me não deixará mentir, traz na face o retrato da Cristaleira, com seus oculos mui magistraes, e nas mãos o folle e o tachinho.» [1]

A litteratura popular appresenta-nos no seculo XVIII uma feição curiosa, indicada nos versos de Tolentino na satira do *Bilhar:*

> Todos os versos leu da Estatua equestre,
> E todos os famosos Entremezes,
> *Que no Arsenal ao vago caminhante*
> *Se vendem a cavallo n'um barbante.* [2]

Esta litteratura vendia-se, como diz Bocage, ao «mercenario pregão do cego-andante;» havia um privilegio real para os cegos explorarem a venda das folhas volantes, e os logares em que penduravam essa alluvião de folhetos politicos, noticiosos, sylvas metricas, milagres, glosas e comedias famosas era nas escadas do Hospital de Todos os Santos antes do terremoto, e depois no Rocio e na Arcada do norte do Terreiro do Paço. Esta industria privilegiada constituia um gremio, que n'aquelle tempo se chamava Irmandade sob a invocação do Menino Jesus, e pelo seu compromisso ou estatuto se definia o exclusivo da venda dos Cegos, como se vê no cap. 2.º: «*folhinhas, historias, relações, repertorios,*

---

[1] *Obras*, t. V, p. 402.

[2] *Obras completas*, p. 278. Ed. J. Torres.

comedias portuguezas e castelhanas, Autos e livros usados...» Quem violava este privilegio era multado em 60$000 rs., além da perda das folhas volantes, [1] e uma provisão de 7 de Janeiro de 1749 regulava os privilegios da Irmandade do Menino Jesus. A litteratura popular tinha uma existencia legal reconhecida, mas alguns Autos hieraticos, como os de Balthazar Dias, tornaram-se verdadeiramente classicos, e ainda são procurados pelo povo.

Infelizmente no seculo XVIII ninguem soube sentir a degradação moral do povo portuguez, nem inspirar-se das suas tradições; quem fizesse isto fundava uma litteratura. Mas existiam tradições, sobre que se creassem obras individuaes? Existiam, porque no Romantismo, soube Garrett achar esse thezouro, e inaugurar uma epoca litteraria. Nós indicaremos aqui apenas alguns factos, como prova da existencia de um elemento tradicional, como mostraremos que nenhum escriptor o soube conhecer, nem tampouco a sua importancia:

«Lembraram-se das canoras conversações d'este genero, onde se junta todo o jarra de humor peripatetico, como v. g. o Balcão do Livreiro de Sam Domingos, o Adro do Monte, a Ribeira das Náos, o Caes da Pedra, o Cano real aos Domingos de tarde. Alli se repetem historias, que succederam a Danadana avó da antiguidade, tão compridas como legua da Povoa; alli se traz á memoria a *Historia de Valdevinos*, a morte da *Emperatriz*

[1] Dr. Ribeiro Guimarães, *Summario de varia Historia*, IV, p. 58.

Porcina, e cada jarreta d'aquelles quando repete aquellas tristes tragedias deita tamanha lagrima como punho, sem advertirem os tolos, que aquillo passou ha muitos tempos, e pode ser que seja mentira. Alli se murmura da *Malicia das Mulheres*, dão-se *Conselhos para bem casar*, e até querem governar *Barca do Inferno*: etc.» (*Folheto d'ambas Lisboas*, numero 2.)

«Canta lindamente pela solfa do *Tyranno amor* aquella delicada Xácara, que lemos tantas vezes no *Auto da Emparatriz Porcina*...» (N.º 25.)

Embalado entre a simplicidade e credulidade popular, Francisco Manoel conservou um rico thezouro poetico na sua imaginação, que um severo estudo do latim e dos classicos lhe não deixou desenvolver artisticamente.

Foi tambem entre o povo que estudara a linguagem, que revivescia na sua memoria pela velhice: «Em ponto de dar nomes a Peixes são Juizes do Officio os pescadores, e sabem mais, que quantos diccionarios ha ahi. Ora, a elles é que eu ouvi sempre chamar *cagarria* o que os francezes chamam *fretin*: etc.» [1] «eu ouvia da minha janella, na Ribeira das Náos, os algarvios *arrematar* tão soltamente, que cavallos desenfreados não davam mais corrente aos pés, do que elles á lingua.» [2] «Na Ribeira das Náos o davam aos

---

[1] *Obr.*, t. VI, p. 197.
[2] *Ib.*, p. 249.

espeques, que sustentam pelo bojo os navios que estão ainda no estaleiro (sc. cachorros)». [1]

Alludindo ao conto de *Peau d'ane*, da Fabula de Lafontaine, diz: «Conto em França tão conhecido, como entre nós o das *Tres Cidras do Amor.*» [2]

«Emquanto me lembrar o Auto do Infante D. Pedro, que correu as *sete partidas do mundo*, nunca porei outra palavra em logar d'ella.» [3]

«Contos de *in illo tempore.*—Como os *Contos de Trancoso*, do tempo dos nossos avoengos. Rico tempo; em que choviam perdizes assadas, e em vez de granizo pucarinhos de molho; quando as arvores davam confeitos de erva doce e talhadas de cidrão; e o mar peixes fritos... Oh tempos gabados e tão saudosos.» [4]

N'uma Carta ao naturalista José Bonifacio de Andrada, Filinto descreve-lhe sob a impressão das suas infantis reminiscencias, esse mundo poetico das Fadas e Cavallerias, que tanto lhe embalaram a imaginação, antes de irromper o dissolvente Philosophismo:

> Emquanto nossos paes, nossos avós,
> Encostados na fé do padre cura,
> Criam Fadas, Duendes, criam Bruxas,
> Quão felizes que foram! Que socego
> Lhe adormentara então o entendimento!
> ....

---

[1] *Ib.*, p. 453.

[2] *Ib.*, p. 324.

[3] *Ib.*, p. 361.

[4] *Ib.*, p. 444.

Junto do lar ardente, em curvo cêrco,
Baixas as testas, corpos bem cerrados,
Toda a familia nos serões de inverno
Embellesada n'estas ventoínhas
Inquilinas do mundo imaginario,
Não sente o como ronca esbravejando
O vento pelo tremulo arvoredo,
Nem como a telha-vã remeche e grita
Por saltante pedrisco fustigada.
. . . .

Um Cavalleiro, que a viseira cala,
Embraça o seu broquel de amante mote,
E vae correr o mundo, confiado
Na aguda lança e na brilhante espada;
Que acomette arriscadas aventuras
Por livrar encantadas formosuras
De mimosas Princezas; de esquecidas
Masmorras retirar ao claro dia
Um *Montesinos*, guapo Cavalleiro,
(Saudades da misera *Belerma!)*
Que para o conquistar em campo affronta
Gigantes, Malandrins, Dragos, Duendes,
E de toda a refrega sáe com brio.
. . . .

De *Carlos Magno* o folheado livro
Co's *Doze Pares* de esforçado pulso
Pariu mais valentões a nossa Elysia...
Em duros corações que ternos golpes
Não deram sempre as lagrimas pudicas,
Os saxifragos rogos da formosa
Lastimada *Floripes?*. . . . .
Que cousa ha nos mattos espinhosos
D'essa magra e subtil Philosophia,
Que emparelhar se atreva c'um bom Conto
De Fadas, c'o condão de uma varinha?
N'uma volta de mão, c'um leve toque
D'essa bem dita vara milagrosa,
Nos faziam sahir lá das entranhas
Da terra obediente altos Palacios
De alabastro com seus capiteis de ouro,
Engastados de fina pedraria,
Sumptuosos jardins, fontes, passeios
Que recheiam, que servem, que afformosam
Mil Pagens cortezãos, mil Nymphas bellas,

D'uma casca de noz cahir a rodo
As perlas em chuveiro, as esmeraldas,
São prodigios que pasmam, que divertem...
Nem conto os mimos, musicas e amores
Surdindo da caverna mais escura,
Que as Princezas amantes, pensativas
Na solidão maviosa deleitavam
....
Oh ricas Fadas, rico encantamento,
Enleio dos sentidos agradavel,
Com que saudade crúa, com que pena
Vos chóro, d'entre nós affugentadas
Por esses máos Philosophos esquivos.

(*Obr.*, I, 148-154.)

Descobrem-se n'estes versos aquelles segredos da fórma dos endecasyllabos empregados por Garrett no poema de *Dona Branca.* Em uma Ode refere-se ao conto da *Gata Borralheira*, que sua mãe lhe contava na infancia, e que elle veiu a conhecer na fórma franceza da *Cendrillon;* no mesmo espirito de protesto contra a philosophia negativista do seculo XVIII, escreve:

Mas, ruim Philosophia estro-tolhente
  Rasgou os véos á Fabula;
  Seccou as Hypocrenes,
Corta as azas ao Pégaso, e poz ermos
  Olympos e Parnassos.
E fez mais. Destruiu altos podêres
  Das amparaveis Fadas.
Já não pode por ellas protegida
  Menina maltratada,
Por mil prodigios, vis, *Cendrillon* nova
  A cabo de seus gostos.
....
Mal, engoiados, hajam os Philosophos
  Que tão gratas Chimeras
Nos tolhem com perluxos argumentos
  De tyrannas verdades.

(*Obr.*, III, 60.)

Em nota consigna a reminiscencia sympathica: «Com o titulo de *Gata borralheira*, me contava minha mãe a historia de *Cendrillon*. E nunca minha mãe soube francez.» Filinto estava tambem longe de suspeitar da universalidade dos themas da novellistica tradicional.

Vi mulheres (respondo) e muitos viram
Que em leitura e juizo valem homens,
E mais que certos homens, que censuram
Por inveja, por odio, ou fraco engenho.
Mas inda essas mulheres que se empregam
A lêr prosas ou versos corriqueiros,
Quantos, sem entender, passaram termos
Latinos, ou na côrte pouco usados,
E contrictas choraram maviosas
As angustias penaes de Jesus Christo,
Ao lerem a *Divina Fortaleza;*
Ou lendo as mágoas, queixas e amarguras
Da *Imperatriz Porcina* ou *Mangalona?*
Ou c'os Zagaes, c'os Reis se comprazeram
Do nosso Redemptor na fausta Aurora,
Lendo as *Lôas*, que no Natal divino
Em tempos mais singelos que os de agora,
Diante de Presepios mui vistosos
Representámos já? E eu fui um d'esses
Que no *Auto dos Pastores*, e em mais outros
Fiz meu papel a gosto dos visinhos. [1]

E' um precioso quadro das leituras do povo e seus divertimentos hieraticos na primeira metade do seculo XVIII; em uma nota autobiographica Filinto accentúa mais: «Certo Auto impresso, que começa—*A Fortaleza di-*

---

[1] *Obras*, t. IV, p. 236.

vina, Grandemente aqui tremeu.—Nunca o li (quando era pequeno) a minha mãe e a sua comadre Maria Antonia, que lhe não escorressem as lagrimas em pinga; e mais ha no tal Auto varias palavras, que nem eu nem ellas entendiam. Que bom tempo era esse! Cada vez que lhes lia o tal Auto ou o *Flos Sanctorum* rendia-me alguma gulodice.»

Eis as primeiras quadras do alludido Auto:

A fortaleza divina
Grandemente aqui tremeu,
A alegria dos Anjos
Muito aqui se entristeceu.

Aos discipulos mandou
Que o esperassem aqui,
E vigiassem com elle
Em quanto foi orar ali.

Louvado sejaes, Senhor,
Por o temor que tomastes,
Pois a vós entristeceste
E a nós nos alegrastes.

São ao todo setenta e uma quadras que vem no *Tratado dos Passos, que se andam na Quaresma*, pelo P.e Frei Rodrigo de Deus, Guardião do Convento de Nossa Senhora da Arrabida, natural de Bretiande, junto a Lamego. Lisboa, impresso por Pedro Craesbeeck, 1618. Acham-se estas quadras no Cap. II, dos Hymnos em romance, fl. 35 a 60.

Os espectaculos do theatro popular da Mouraria tambem o embalaram com esse enlevo dos Autos hieraticos, das comedias de bonecos e das exhibições de Presepios:

Quanto me não lembrei da Mouraria,
De seu nobre *Presepio* divertido,
Quando Lusbel com San Miguel dansava,
Uma briga ao compasso do Canario,
Té que d'um golpe de espadão vencido,
De Lusbel, que era, em Satanaz trocado,
Cahia c'os diabretes nas profundas!
Ficava escuro e mudo o Cahos, e o Nada;
Depois vinha descendo o Padre Eterno
Com opa roxa e divinal triangulo,
Fazia o Sol e a Lua. — Oh, que era um pasmo!
Que lindeza era vêr Sol, Lua, Estrellas,
Vêr sem milagre, a Noite e o Dia juntos!
Crear nos bambolins, nos bastidores,
Nos pannos de espaldar, e no tablado
Tanta arvore com fructo, tanto bicho,
Que se arrasta, que pula, ou se remexe,
Tanta ave que voando os áres fende;
Aqui mar, com golfinhos resfolgantes,
Alli veigas, lagoas, lá mais longe
Cucurutos de serras . . . Perdoae-me
Biscates de saudosa meninice.

(*Obr.*, v, 390.)

Em uma nota explicativa conta o que era a dansa do Canario: «Era um Outavado mui repinicado na viola, e dansado com muitas posturas difficeis, e de muita gravidade. Eram raros os que o dansavam com perfeição; e o que mais admirava os bons dansantes era vêr com que destreza os que buliam os arames o executavam nos dois bonecos de San Miguel e de Lusbel com sciencia e com graça.» Para justificar a mistura dos seus versos, Sonetos com Odes horacianas, volta á reminiscencia da infancia: «Assim vinha no *Presepio* da Mouraria depois da Creação do Mundo, a Ribeira das Náos; vinha com as suas pachouchadas Manoel Gonçalves; ...e que é o que não vinha? vinha a *Dansa dos Galleguinhos*,

vinha a *Grade de Freiras* com o *Doutor Estevão Siringa*, e depois mui refastellada a victoriosa *Judith*. Feliz tempo.» [1]

Dos Sermões que ouvira nos seus primeiros annos deixa-nos estes traços syntheticos:

E nos tempos da minha adolescencia
Ouviu-se algum Sermão dos gabadinhos
Em que por *fas* ou *nefas* não viessem
Tres passos da Escriptura?

A Escada de Jacob coalhada de Anjos,
Descendo, outros subindo; a de Nabuco
Allegorica Estatua; o olhudo Carro
De Ezechiel Propheta?

E coitado do Prégador garraio
Que os taes *tres pontos* não trazia á feira
Na enxarca do Sermão? Batiam n'elle
Como saraiva as mofas.

(*Obr.*, III, 109.)

Em uma nota á traducção das *Fabulas* de Lafontaine: «no meu tempo os Prégadores garraios, de fabrica franceza, mettiam todo o seu cabedal em retratos (quasi sempre traduzidos) por irem assim com a moda...» (*Obr.*, t. VI, p. 534.)

Em uma Carta ao Marechal Luiz de C. descreve Filinto como a nova mais palpitante o Sermão recentemente prégado, sobre a fórma rhetorica dos *tres pontos*:

Que em Lisboa (a Deus graças!) só se cuida
Em Procissões, em Bullas da Cruzada,
Em Te Deums, em musicas d'estrondo...
Fui pois ouvir um tal Sermão vasado
Do pulpito das Chagas milagrosas...

---

[1] *Obras*, t. XI, p. 91.

Guinchavam más rebecas no corêto,
Fungava o rebecão, roncavam trompas,
E no meio da orchestra, entabacado
Cantava o Fanha um squalido Motêto.
Eis sobe garanhão pela escadinha
Do pulpito o tremendo Padre Mestre
Perada, lente-mór de theologia.
Emquanto elle ajoelha entufa o collo
Nas dobras do seraphico gargalo,
E dão fim do Motteto as alleluias,
Te encampa o figurão do reverendo
O seu alto saber, destra inventiva...
Eil-o, que estende as mangas, compõe prégas,
Derrama um douto olhar pelo auditorio;
E inculca nos affagos de circilio
No remenear a guela, estar dizendo
— Aqui está Salomão; aqui quem campa...
Benze-se, escarra, e o texto deita aos mares,
E o cabeçalho do Sermão empurra...
Vae se não quando, o Prégador se assôa,
Com estrondo de Lente jubilado,
Mette o lenço na manga; e d'outra manga
Tira outro lenço de subtil cambraia
Com que o suor enxuga do Evangelho;
E embetesgando-o com desdem no bolso
Nos sólta em peso a grossa baforada
Dos *tres pontos*, mui novos, mui do trinque.
. . . .
Como dentro do gral se espanejava,
Bracejando vermelho, em grossos mares
De apocryphos milagres, flos-sanctorios,
E outras lendas de credito falido!

(*Obr.*, v, 412.)

O quadro está pintado magistralmente; era ainda uma impressão viva da mocidade, que elle fixa: «Advirto, que era então rei Dom José Primeiro, e secretario de Estado o Marquez de Pombal pae, não este de hoje.» Em uma simples comparação poetica deixa elle transparecer a impressão dos Autos de Fé a que assistira na mocidade:

Sacode a hedionda Furia o torpe lume,
Em roda de meus olhos opprimidos;
Já a labareda as carne me consume.
....
Tal vê, soffrendo a pena vergonhosa
No erguido cadafalso, o delinquente,
Lamber-lhe os membros chamma vagarosa;
Sente a nuvem de fumo grossa e ardente,
Cegar-lhe os olhos, suffocar-lhe a vida,
E estalar-lhe c'o fogo as carnes sente.
Já a paciencia, com a dôr, perdida
Um veneno, um punhal deseja; e insano
A morte de um só trago quer bebida.

(I, 440.)

Tendo nascido entre o povo, Filinto conservou muitas cantigas de cór; mas quando allude a ellas é sempre com o desdem do erudito: «Esta passagem me recorda certa cantiga de singela devoção que ha mais de 50 annos ouvi cantar:

San Gonçalo de Amarante
Feito de páo de amieiro,
Irmão d'estes meus támancos,
Criado no meu lameiro.

«D'esta cantiga me nasce outra lembrança, e é ella a do mote, (como lhe chama Frei Luiz de Sousa) com que os da serra de Barroso, na sua devota e festival ignorancia, receberam o Arcebispo:

Benta seja a Santa Trindade
Irmã de Nossa Senhora.» [1]

---

[1] *Obras,* t. VI, p. 546.

Para ridicularisar os versos de arte menor usados nas Modinhas, compara-os com os de outra cantiga popular:

> Nós somos da Adalha
> E não de Rabelho,
> Viemos aqui
> Ver o estrambelho.

Filinto falla de um seu visinho entalhador que improvisava satiras: «Lembra-me por este verso, e por este uso do *que* n'esta figura, outros semelhantes versos, que o meu visinho entalhador, Manoel Martins, cunhado de uma desempenada moça, a que fiz certo soneto, que acaba (segundo minha lembrança) com uma prophecia de Cupido — *Nos braços te hei de pôr de Marianna.* — O tal Martins cantava a certo medico, que passava todos os dias bons e máos por diante da sua loge, vestido á moda antiga (era eu rapaz) de capa e volta, montado n'uma mulinha etica, cuja gualdrapa preta padecia varias roturas, e um palmo de chocas:

> Que chova, que vente, que escalde, que géle,
> Sempre o Paschoal hade ir ao rio, e a mula co'elle.» [1]

São curiosos estes typos, como o do medico em trajo perpetuo de estudante, a que já allude Diniz; como o ensamblador trocista, que improvisava satiras na sua officina aos que passavam; ou como o Boticario de Alverca: «não achando nas gavetas *pedra hume* que

---

[1] *Obras*, t. VI, p. 185.

lhe pediam, deu pedra *pomes*, dizendo: Pedra por pedra, tanto vale uma como outra.» [1]

«Quando eu era rapaz, não montavam os medicos de Lisboa senão mulas com gualdrapa da côr das mulas.» [2]

As correntes dominantes na litteratura reflectiam-se geralmente nos habitos sociaes, na linguagem e nas leituras predilectas. Filinto traça rapidamente o caracter de duas correntes litterarias, que conheceu, em 1747, quando as Academias mantinham o culteranismo seiscentista, e em 1770, quando teve maior desenvolvimento a litteratura de cordel: «Nada era mais trivial nos romances heroicos d'essa éra (tinha eu então 10 a 12 annos) que — *zenith do engenho* — *quinta esphera* — *douta pluma* — *a todas as luzes grande*, etc. Como tambem n'outra éra depois (tinha eu então trinta por quarenta annos) saberem as regateiras de cór as outavas da Ecloga de *Albano e Damiana*, e a *Paixão* que na Quaresma lhe iam cantar os cegos por doze vintens.» [3] Nas Comedias de cordel apparece apontada a monomania pela Ecloga de João Xavier de Mattos: «eu aprendi de cór em dois dias a ecloga de *Albano e Damiana*, e a repetia a meus visinhos de escada com tal graça, que todos diziam: a rapariga é o demonio.» [4]

---

[1] *Ib.* p. 197.

[2] *Ib.*, p. 206.

[3] *Obras*, t. III, p. 130.

[4] *Entremez dos Curiosos punidos.*

Filinto nunca se esqueceu das suas primeiras leituras, como a Ecloga de *Albano e Damiana*, de João Xavier de Mattos, ou a *Fortaleza divina*. Diz elle ácerca da irregularidade dos accentos do endecasyllabo: «Quem tem as orelhas avezadas aos versos campeadores de *Albano e Damina*, e não dá por verso o que não bate o pizão na sexta, quarta, outava, risque alguns centos de versos de Camões, e risque estes meus tambem...» [1] E commentando os versos:

Ampla materia, em verso campesino
De seis folgadas *Eclogas Albanas*,

accrescenta em nota: «Sempre tive cetrina co'a tal Ecloga de *Albano e Damiana;* não tanto por que ella não vale nada, quanto porque poz a parir tantos engenhos, que nos inçaram de Eclogas más.» [2]

Talaya, Alpoim, Macedo, eram os Bavios que Filinto appresentava como documentos da decadencia poetica, cuja eschola era combatida pelo Grupo da Ribeira das Náos:

« Eu assim sempre
Que ouvi strophes pindaricas do *Pina*,
Ou Soneto á *Tarouca*, do *Vahia*,
Bem campanudo, bem aconsoantado,
Por bem fogueteada noite o tinha
Em arraial bizarro, onde se esmera
Cirio de Nazareth, ou da *Atalaya*.
(v, p. 61.)

---

[1] *Obras*, t. II, p. 337.

[2] *Id.*, t. v, p. 393.

As festas populares embalaram com toda a sua poesia a infancia de Filinto; em 1808, em uma Ode relembra elle todo esse passado querido dos divertimentos do Entrudo:

Que tristeza aqui lavra...
Um *dia de Comadres* sem *filhozes!*
Dias de Entrudo, conchos e soturnos
Sem *pós*, sem *rabo-léva!*

....

Viva o meu Portugal! Viva *a laranja*,
Que derriba o chapéo; viva *a seringa*,
Que ensopa o passageiro, e viva *a bola*
De barro, pespegada

Na saresma do Ginja, ou carapuça
Da farfante Saloia cavalleira;
Viva a *folha, rascando pela esquina*,
Que assusta a velha zôrra!

Que esplendido, na mesa, não blasona
O encostellado *lombo*, e o *arroz doce*,
E as *murcellas* monjaes accompanhadas
Co'as louras *trouxas de ovos!*

Oh feliz Portugal! Que saudades
Me não dás, n'estes ermos da Thebaida!
Lusas meninas, peralvilhos lusos,
Todos luzente talco,

Como brilham, com visos multi-côres!
Como se dão as mãos, co'os pés se tocam!
E que abraços, que beijos se não furtam
N'essa indulgente quadra!...

(*Obr.*, III, 335.)

Em uma Ode a Manoel José d'Herman avivam-se-lhe na memoria os encantados costumes da festa do Natal:

Hoje, que as *boas-festas* e as *bandejas*
Na Elysia as portas cruzam dos amigos...

Hoje, que a devoção e que o namoro
Lá, da *missa do gallo*, os olhos fitam
No *fresco lombo*, no adubado sangue
Do turgido *chouriço*...

D'aqui *fartes*, d'alli caseiros *bôlos*,
Dos *açafates* de pintada verga
Desemborcam, rodando atropellados
Sobre a fumante mesa...

Eis chama o *cravo*, ao longe retinindo,
As besuntadas boccas cantadoras;
Eis já a poesia accende em seus alumnos
As frágoas da lisonja...

Amor a *dansa* inculca, escolhe pares,
E, pelas mãos, que enlaça, manda ao peito
Meigos farpões, que em toda a santa noite
Aguçara na egreja...

(*Obr.*, I, 427.)

Todas estas reminiscencias dos costumes, das crenças e tradições da patria distante, mostram-nos o sentimento poetico da alma de Filinto, que espontaneamente seria levado para a elaboração dos *Fastos* portuguezes. Esse fragmento, que invoca o Sol, tratando «das festas, dos costumes revolvidos — Na annual carreira,» é a prova de que obedecia a esta intuição esthetica; ahi descreve algumas feições do Natal:

Já dos *Bons Annos* férvida cohorte
Busca as portas dos ricos, invejadas;
Bandejas de xarão lhe vem no alcance,
Co'as *trouxas-louras*, com os pardos *fartes*,
E c'os antigos *bolos* de refêgo,
Caseiro dom dos nossos bons maiores.

E depois de descrever com os traços mais grotescos as felicitações no paço da Ajuda, com côres dignas de um poema heroi-comico, remata:

> Oh quanto é mais feliz o villão tosco
> De rubicunda, prazenteira face,
> Que em *torno da lareira* co'as saloias
> Canta *ao som da viola,* que reclama
> As simples trovas das pagãs *Janeiras;*
> Que o cangirão empina, a sertã meche
> Do saboroso lombo, que rechia;
> Sem pretender do Céo maior riqueza
> Que uma farta colheita, e um manso Cura!

Ahi esboça tambem as festas populares de Santo Antonio, em Junho:

> Dias treze, a que a vã Gentilidade
> Deu o nome da bella e impura Deusa,
> Convidam as Donzellas lisbonenses
> A buscar d'esse Santo as puras áras;
> Devotas umas vão, outras não tanto,
> Mas todas confiadas na valia
> Do Intercessor do casto matrimonio,
> Unico voto das não-frias nymphas.
> Vós o sabeis austéros cenobitas,
> Que recebeis os ovos, e as pescadas,
> Insigne dom da piedosa força
> Com que ao Céo esta graça quasi arrancam.
>
> (IV, 24.)

Acompanha o fragmento poetico com uma nota preciosa: «Tinha, á imitação de Ovidio, começado estes *Fastos*, onde désse conta das nossas festas christãs, das nossas romarias, cirios, festejos que as acompanham, e outros ritos que são de nosso uso; quando uma doença, e depois outras occupações me atalharam de as continuar. Deito este bosquejo a Deus

e á ventura; se me constar que agrada, proseguirei, incluindo n'elle os avisos que me vierem das pessoas que quizerem concorrer para consagrar n'um poema nacional, os usos que recebemos dos nossos maiores, ou os que nós instituimos.» [1]

A dansa era tambem uma das paixões da sociedade do seculo XVIII; Filinto falla nos seus versos das Dansas *altas*, *chatés*, quartas e outavas: «Era eu rapaz, e aprendia eu a dansar com M. Rigaudon, um visinho meu de cabelleira loura de crespo cortado, homem que já dobrava além de cincoenta annos, mui boa pessoa, se lhe descontaes o amor de Venus e de Baccho... ; apenas já um pouco desemburrado em *passapié* quiz começar o *Amable* e n'elle passar a dansas altas... Eis (salvo tal logar) as primeiras quartas que passei tal estro se me accendeu no animo, que fui trocando pés e pernas, que fui subindo, e o mestre a gritar que baixasse;... vim baqueando ao chão, e não tornaria a mim tão cedo, se a visinha de baixo, que ouviu o baque, e assustada vinha vêr o que era, não trouxera comsigo um frasquinho de agua de virtude, com que me lavou o sangue e refrescou as fontes da cabeça. Louvores sejam dados á visinha Jeronyma Maria e á sua agua de virtude.» [2]

---

[1] *Obras*, t. IV, p. 29. Castilho tambem chamava a attenção de Garrett para a descripção esthetica d'estes quadros de costumes portuguezes. Sob o ponto de vista ethnologico fica estudado este assumpto no *O Povo portuguez nos seus Costumes, Crenças e Tradições.*

[2] *Id.*, t. III, p. 324.

Outra vez falla d'essa paixão da juventude: «Mui raras vezes dansei; e fiz bem. Era moço, fervia-me o sangue nas veias, esquentava-se-me a cabeça com o ruido da Musica, davam-me abalos de atrevido enthusiasmo (oh que enthusiasmo! nunca, nem por sombras, eu tive tal para a Poesia, que se o tivesse, oh Deus da minha alma)... Digo pois, davam-me atrevido enthusiasmo as Formosuras, as piruetas, os carinhos das Damas espectadoras; e alli é que eu entrava a bater *chatés*, a passar quartas e outavas e decimas sextas; aligeiravam-se-me os membros, ia subindo, subindo, subindo... até me esquecer do chão, e muitas vezes tocar co'a cabeça no tecto, e n'aquelle arrobamento dos sentidos o ser necessario tirarem-me os circumstantes pela roupa, e com bastante custo me descerem.» [1]

Da sua paixão pela musica na mocidade:

> A musica, que amou com summo gosto,
> A quem deu com fervor juvenis annos,
>
> (v. 26.)

Os passatempos de Francisco Manoel limitavam-se a alguns passeios nos arredores de Lisboa, com quatro amigos de predilecção, para quem as conversas eruditas eram um enleio: «Era cousa muito para edificar o innocente divertimento de quatro pessoas estudiosas, que sahiam a espairecer, e passeando

---

[1] *Obr.*, t. VI, p. 469.

repassavam seus estudos, conversando, e instruindo-se, e com proveito. Compravam para a merenda um bolo em Santa Martha, e iam comel-o ao campo. Alli era para vêr a singeleza de seus animos contentes, accommodando á circumstancia ditos e historietas engraçadas, largando todas as velas á eloquencia jovial, para peitarem o juiz (i. é, o que repartia o bolo) e terem mais avultado quinhão. Os quatro ingenuos sujeitos eram Sacchetti, Roberto Nunes, Sebastião Barroco, e Francisco Manoel.» [1] Era recente «o Jardim do passeio publico por detraz da Inquisição» [2] Foi n'esta ingenua intimidade que Francisco Manoel se ia libertando do pedantismo escholastico, e propendendo para a liberdade de pensamento do odiado *philosophismo*. D'esta primeira crise falla Sané na citada biographia: «A' philosophia escholastica succedeu a theologia escholastica; esta sciencia não deixou profundos vestigios na sua memoria; *despertou-lhe uma repugnancia invencivel*, e uma inaptidão radical.» Os Contos philosophicos de Voltaire levaram-o á emancipação mental, como se infere pela traducção que fez do *Zadig*: «Esta traducção feita em Lisboa para comprazer com uma menina, que m'a pedira, em tempos que ainda sabia menos francez do que agora...» [3] A sociabilidade na aristocracia facultou-lhe o assistir a alguns espectacu-

[1] *Obras*, t. IV, p. 345.

[2] *Id.*, t. VI, p. 406.

[3] *Id.*, t. XI, p. 163.

los da côrte, na epoca em que a Lisboa concorreram as grandes constellações da musica vocal.

Filinto ao vêr a Opera de Paris, que descreve em uma ode a um amigo, consigna as reminiscencias que lhe deixara o estupendo Theatro da Ribeira, onde cantaram as assombrosas constellações da musica no seculo XVIII:

Estão longe do mimo, e da doçura
Com que o bom Metastasio e o Perez brando,
Os cantos e as palavras animando,
Se deram vida, além da sepultura.

Guadagni, *Egizzielli* (que saudade!) [1]
Com que extasi escutei o sonoroso
Canto vosso no Templo magestoso
Que a amor ergueu Joseph, e á heroicidade. [2]

Nas Cartas do Abbade Antonio da Costa encontramos ampliada esta recordação de Filinto, com traços que descrevem a epoca: «Ora é chegado o tempo de Lisboa ter outra vez Opera; diz-se que el rei de Portugal faz como o de Napoles: theatro para si, e para o

---

[1] Egizzielli, (Gizziello, nome que Joachim Conti tomou de seu mestre Gizzi) foi um dos mais admirados cantores do seculo XVIII; tendo estado em Lisboa em 1743, regressou a esta capital em 1752, cantando no Theatro da Ribeira a opera *Demofoonte* de David Perez.

Tambem teve uma grande celebridade nas côrtes européas o extraordinario contraltista Caetano Guadagni, para o qual Gluck escreveu o papel de *Telemaco*.

[2] *Obras*, t. IV, p. 318.

povo e côrte ao mesmo tempo; não sei se é assim; sei que estão já justos muitos musicos, bailarinos, etc. Vae um que se chama *Gizielo*, que tem cá a fama de ser logo abaixo de Caffarelli, que é o mesmo que ser o segundo musico de Italia; dizem que tem uma voz de anjo. Eu nunca o ouvi, mas pode ser que o ouça, porque hade, pelo que dizem aqui, pagarlhe despropositadamente. Vae um Venturini, que cantou aqui nos theatros o anno passado, e mais este tem boa voz e canta muito bem. Vae um celebre bailarino que chamam Morini...» [1]

As leituras que Francisco Manoel fazia eram desde muito tempo com intuito philologico. Empregando a palavra *vendaval* na traducção de uma fabula de Lafontaine: «Frei Pantaleão de Aveiro na sua relação da Romaria á Terra Santa usou d'ella, e talvez que elle não fosse o primeiro que usasse d'ella; que lendo eu a sua Romaria, ha mais de 40 annos, (1766) bem comprehendi que não era elle homem, que se affoutasse a compôr palavras novas.» [2]

Francisco Manoel fizera o seu estudo mais particular da lingua portugueza nos sermões de Vieira; e comtudo, ao encomiar os escriptores mais puristas, accentua o seiscentismo do padre:

---

[1] Carta datada de Roma, em 28 de Fevereiro de 1752. Ed. Porto, p. 7.

[2] *Obras*, t. VI, p. 164.

Entre abobadas longas, intrincadas,
Labyrinthos reconcavos e escusos,
De conceitos agudos predicaveis,
De bastardo saber, de ingenho vêsgo,
Ha por cantos escuros, por desvios
De Sermões requintados do Vieyra
Desprezados terrões de ouro encobérto,
Que enriquecer mil paginas poderam
Por artifices mãos melhor lavrados.

(*Obr.*, I, 60).

O seiscentismo, o máo gosto do culteranismo tornara-se para Filinto o pezadello que o atormentava. Mesmo em Paris ali o foi perseguir esse phantasma odiento: « Pois que fallei no tal Fr. Jeronymo (Vahia) direi, que aqui me trouxeram a vender um manuscripto seu mui aceiado, mui bem encadernado, que continha alguns milheiros de Sonetos, dos quaes tirei uns quatro ou cinco trasladados, para mostrar um rasgo da poesia do auctor, (que foi mui gabado, e creio que anda impresso) aos que não têm noticia d'elle, e com effeito merecem que os ponham no Pelourinho do Parnaso, para vergonha do auctor e do seculo que tanto o estimou.» [1]

Mas, ao mesmo tempo falla com certo desdem da *Academia dos Occultos*, que iniciara a reacção contra o Seiscentismo: « Ah! minha rica *Academia dos Occultos*, que mandava riscar estes quatro versos, por terem todos quatro na penultima a letra *a*. Aquillo, é que era Academia, para dar regras de bom gosto,

[1] *Obras*, t. II, p. 420.

e adiantar as bellezas da Poesia; não estas engoiadas Academias de agora.» [1]

---

[1] *Ib.*, t. VI, p. 254.

Consignamos aqui os nomes de algumas Academias litterarias do seculo XVIII, que além das já mencionadas revelam a intensidade d'esta preoccupação da epoca:

ACADEMIA DOS ILLUSTRADOS. De 1717; figura em um Certâme a D. João V. (Bibl. nac., Cat. de Bellas-Letras = Numeração azul: 1303.)

ACADEMIA PORTUGUEZA E LATINA. Na sessão de 1733 presidiu D. Manoel Caetano de Sousa; era socio d'ella o grammatico Antonio Felix Mendes. (Cat. de Bellas Letras — Num. vermelha: 1007.)

PALESTRA LITTERARIA, de Ponte de Lima, fundada pela nobreza da terra em 1746. Falla d'ella o Padre João Baptista de Castro. (Ms. 522, da Bibl. nac.)

ACADEMIA DOS ENFARINHADOS. Falla d'ella Filinto Elysio. *Obras*, t. IV, p. 353.

ACADEMIA DOS INSURGENTES. Citada nas Poesias Ms., fl. 34, de José Antonio de Brito Magalhães.

ACADEMIA DOS EFFICAZES. Citada nos folhetos numero 2234 e 2235 do Cat. Nepomuceno.

ACADEMIA REAL DA HISTORIA ECCLESIASTICA E SECULAR DO REINO DE PORTUGAL. Celebrou uma sessão em 1759 por ter o rei D. José escapado dos tiros. (Cat. de Bellas Letras, Num. vermelha, 964.)

ACADEMIA MARIANNA, de Bellas, instituida em Lisboa, pelo Dr. Antonio Wever. Em sessão de 1 de Agosto de 1756 recitou ahi uma Oração Frei Manoel do Cenaculo.

ACADEMIA DOS JUDICIOSOS. Por occasião da festa da elevação da Estatua equestre em 1775 publicou o seu socio P. A. F. B. uns Ductos metricos.

ACADEMIA DOS APPLICADOS ELVENSES. Em 1761 funccionava a *Academia dos Applicados elvenses*, inaugurada em casa de Francisco José da Silveira Falcato, n'esse mesmo sótão, onde deveria passados poucos an-

A corrente do máo gosto era caracterisada pelo abuso de palavras tomadas da lingua

---

nos ter origem o delicioso poema *O Hyssope*. Vê-se que essa Academia era um reflexo da *Arcadia lusitana*, cujos estatutos reproduzia, em quanto aos cargos de Presidente, Arbitros e Censores, e Secretario, e uma sessão mensal. Pelos Discursos manuscriptos que se guardam sabe-se dos nomes de alguns socios; taes são o Dr. Joachim José da Silva, Francisco José da Silveira Falcato, Antonio Caetano Falcato, D. Diogo Pereira Forjaz Coutinho, Bernardo José de Mira e Fr. Sesinando.

Na 3.ª sessão de 2 de Agosto de 1761, leu o academico Dr. Joaquim José da Silva uma Oração sobre a utilidade do estudo das Sciencias, e incidentemente faz a apologia do Bispo de Elvas D. Lourenço de Lencastre por ter inaugurado o Seminario diocesano; d'esse mesmo sótão devia partir a satira que o fez immortal pelo ridiculo. Na sessão de 31 de Agosto, Francisco José da Silveira Falcato leu umas Outavas ao nascimento do Princepe da Beira. Falcato, o intimo amigo de Diniz, era commendador professo da Ordem de Christo, e tendo sido Ouvidor da Comarca do Crato, em 1783, passou a desembargador da Casa da Supplicação com exercicio de Provedor na Comarca de Elvas, de 1808 a 1820.

Quando Diniz deu entrada em Elvas como Auditor não podia deixar de ser attrahido para esse fóco de distracção litteraria da *Academia dos Applicados elvenses;* bastava-lhe a qualidade de socio da *Arcadia lusitana* para ser considerado como um chefe. E' possivel que quando começaram em Elvas as intrigas com o bispo D. Lourenço a Academia se não reunisse ficando apenas no sótão do Falcato o grupo dos que se riam dos ridiculos do prelado. Foi n'essa crise local que Diniz entrou em Elvas. *

ACADEMIA DE HUMANIDADES DE LISBOA. Fez-se no-

---

* *Elementos para um Diccionario de Chorographia e historia portugueza:* Concelho d'Elvas, t. II, p. 483-89.

franceza; Filinto, que combatia os sectarios d'esse estylo, a quem dava o nome de *tarêlos*, personificava a eschola em Francisco de Pina e Mello, João Xavier de Mattos, Domingos Caldas Barbosa e P.e Manoel de Macedo:

> « E' grande affectação (assim me argúem)
> Usar da antiga phrase, antigos termos,
> Que o Marquez de Pombal não usou nunca;
> Usar de termos que não usa o *Pina*,

---

tada pela sessão poetica pelo falecimento do Princepe D. José em 1788. Em 1790 transformou-se na *Nova Arcadia*.

Academia de Bellas-Letras, ou Nova Arcadia. Floresce depois de 1790.

Academia Real Palermitana do Bom Gosto. Apontada em uma Ode A' Rainha Fidelissima por Dafni Trinacrino. Regia Officina, 1790. In-4.º

Academia dos Obsequiosos do logar de Sacavem. Fundada pelo capitão João Dias Talaya, muito ridicularisado pelos poetas do seu tempo, principalmente Antonio Lobo de Carvalho.

Academia dos Pouco Occultos. Cita-a Filinto Elysio. (*Obras*, t. v, p. 73.) Dá como um dos seus presidentes J. C. de F. Podemos ler estas iniciaes por José Cesario da Fonseca. Segundo informações de Filinto, d'elle escreveu Sané: « Poeta portuguez, natural de Setubal, que se distinguia no genero faceto. Depois de ter divertido Coimbra, onde exercia a medicina, faleceu chorado pelos amigos ha pouco mais ou menos nove annos. *Poès. lyrique*, p. 352. Paris, 1808. — Parece que o titulo d'esta academia parodiava a *Academia dos Occultos*, da qual falla Filinto, *Obr.*, t. iv, 353.

Academia Ortographica.

Academia dos Cobertos de Lisboa. Ha na Livraria do actual conde de Tarouca um Epithalamio por um versista d'esta corporação, o Dr. Damião Crespim de Salceda.

Nem os nossos garridos Prégadores:
Co'esses termos que vogam, bem fallamos,
Co'elles verseja o *Mattos*, canta o *Caldas*,
E o *Macedo* no outeiro se espaneja...

Por vezes Filinto tem rasgos de eloquencia, quando suscita o estudo dos classicos gregos, romanos e quinhentistas portuguezes, e protesta contra a censura litteraria dos criticos alváres:

Um, porque mais não leu em sua vida
Que as gordas odes do cerval *Talaya*,
Os versinhos anãos a anãs Nerinas
Do cantarino *Caldas*, a quem parvos
Põem alcunha de Anacreonte luso,
E a quem melhor de Anacreonte fulo
Cabe o nome: pois tanto o fulo Caldas
Imita a Anacreonte em versos, quanto
Negro perú, na alvura, ao branco cysne,
Outro, que só de *Albano e Damiana*
Tomou de cór as modorraes Outavas;
E inda outros, que no *Chagas*, na *Henriqueida*... [1]

Na especie de Arte poetica á maneira de Horacio, Filinto reage contra os restos do seiscentismo, e exclama:

Inda em bem, que o Diniz e alguns de escolha
Nos vingam d'essa corja, e desaggravam;
Inda em bem, que os extranhos dão estima
A Barros e a Camões, que ruins insultam!
Afortunada Edade de Quinhentos,
Quando os teus te põem nódoa, alheios te honram! [2]

---

[1] *Obras*, t. I, p. 96.

[2] *Ibid.*, p. 104.

O culto de Filinto por Horacio era quasi um fetichismo; o seu estado moral, diante de um despotismo invencivel, a indifferença pelos successos sociaes, uma inercia contemplativa, e o desejo de tirar de cada momento que passa a satisfação ou prazer que elle comporta, aproximavam-n'o por vezes nas suas Odes do tom e do ideal horaciano. Não era tanto o conhecimento erudito, como a confraternidade de espirito que o fazia comprehender, amar e imitar Horacio. No seu quarto, Filinto tinha por espelho o retrato de Horacio: «Sim, senhores; que da estatua de Horacio que está em Roma tirou Le Moine uma pintura, que eu possuo, e a tenho penduradinha ao pé do espelho, para no meu Venusino me revêr a toda a hora; etc. [1]

A admiração de Horacio, quando Filinto contava os seus dezoito annos, afastou-o d'essa aberração dos Romances endecasyllabos que alastravam as academias poeticas da primeira metade do seculo XVIII, e revelou-lhe uma missão. Escreve o poeta: « Agoniado dos muitos Romances endecasyllabos *et reliqua*, que andavam então em voga; e em cuja poesia (por alcunha) eu achava tanta differença da Poesia de Horacio e de Virgilio, que eu usualmente lia n'esse tempo, lancei-me a uma tentativa, que foi arremedar Horacio em portuguez. A mocidade é muito atrevida; eu tinha dezoito annos, e n'esse tempo não tinha

[1] *Obras*, t. IV, p. 352.

que temer dos criticos; que ainda elles não sabiam, que eu fazia versos. Verdade era, que eu só para os gastos caseiros os fazia. Ainda me não tinham vindo á mão, e até creio, que ainda não eram nascidas as bellas Odes de Garção e Diniz. Ora, a Ode de Horacio, *Cur me querelis*, composta em caso similhante ao meu, me fez negaça para a imitar. Que se perdia n'isso? Provavel era que não sahisse da algibeira da menina, nem apparecesse á vergonha do mundo. Fatal imitação! que me empurrou a penna para a caterva de Odes (*trovas*, lhe devêra eu chamar) de que tenho as pastas cheias, sem contar as que uma vez soltas da mão não terão retorno.» [1]

Em 1755 estava Francisco Manoel ordenado clerigo de missa; na commemoração dos fieis defuntos achava-se na sé de Lisboa, quando se deu o extraordinario cataclysmo do 1.º de Novembro d'esse inolvidavel anno. Nas memorias communicadas ao seu traductor Alexandre Sané fixa-se este facto: «O terremoto de 1775 poz a vida de Francisco Manoel no maior risco. Achava-se n'este mo-

---

[1] *Obr.*, t. IV, p. 378. Falando das suas primeiras traducções horacianas diz: «Esboços foram, a que me deu affouteza a ignorante mocidade que nada teme, por que não conhece os perigos. Quiz á força de trasladal-o, vêr, se depois de passados annos n'este exercicio, chegaria a arremedal-o na nossa lingua. Hoje que estou certo do contrario, darei todavia conselho aos novos vates lusos, que traduzam Odes de Horacio, e que assim consigam um estylo lyrico.» (*Ob.*, t. XI, 75.)

mento terrivel na Egreja Patriarchal, e deveu o salvar-se á feliz temeridade com que elle para chegar aos arrabaldes transpoz as ruas derrocadas, no meio de uma chuva de pedras, vinte vezes tombado pelos solavancos, e julgando-se morto a cada instante.» [1] Esta tremenda crise lhe temperou o caracter para as resoluções immediatas, e outra vez o veremos dever a salvação a uma determinação repentina.

Em volta de Francisco Manoel reunia-se um pequeno grupo de estudiosos, que espontaneamente reconheciam a sua auctoridade litteraria; d'elle falla nas reminiscencias communicadas a Sané: «Uma fortuna independente bastava para os seus gostos estudiosos; podia compartilhar as suas doçuras com alguns amigos intimos, homens de espirito cultivado, d'entre os quaes alguns o auxiliavam pelos seus talentos a restaurar a Eschola de Camões; porque os Dorat e os Pezai d'esse tempo não liam já esse divino poeta; e se os inglezes aprenderam de Addisson a apreciar o seu Milton, póde-se dizer, que Francisco Manoel contribuiu poderosamente para lembrar aos portuguezes que elles tinham a honra de possuir um poema épico. Alguns negociantes francezes, allemães e italianos, estabelecidos em Lisboa, e reunindo o gosto das letras á sciencia commercial, augmentavam o pequeno Grupo. Os celebres escriptores dos dois seculos anteriores constituiam as suas delicias; gostavam de discutir as suas

---

[1] Sané, *Poèsies lyriques*, p. VII.

ideias profundas e generosas, mas estas discussões eram calmas e solitarias. Esta pequena sociedade dava exemplo de submissão á auctoridade soberana; os homens que a compunham amavam a sua patria por ella mesma, e os votos que faziam pela sua felicidade, pela extirpação dos abusos, não ultrapassavam os limites das salas em que se reuniam.» [1]

Como aqui se nota, o *Grupo da Ribeira das Náos* era pombalista, emquanto que na *Arcadia* havia um retrahimento de animadversão contra o omnipotente ministro; exercia uma certa liberdade mental, imitada do *Club de l'entresol*, que veiu a provocar suspeitas mais tarde; e proclamava-se ahi o culto absoluto dos Quinhentistas, como modelos da boa litteratura portugueza e meio exclusivo para a sua regeneração. Foi por 1760, que começaram a regularisar-se as reuniões do Grupo da Ribeira das Náos, e a constar as suas doutrinas litterarias de purismo quinhentista. E' d'esse anno a celebre Satira de Garção dedicada ao erudito conde de San Lourenço D. João José Ansberto de Noronha, [2] combatendo o excesso do prurido classico; eis como toma o problema da *imitação dos antigos:*

---

[1] *Poèsie lyrique*, p. XV.

[2] Em 20 de junho de 1760 foi o Conde de S. Lourenço arremessado ao carcere politico da Junqueira, onde gemeu dezesete annos. Por isto se fixa a data do poema de Garção.

Não posso, amavel Conde, sujeitar-me
A que ás cegas se *imitem os antigos;*
Quero dizer, aquelles portuguezes
A que hoje chamamos *Quinhentistas.*
O bom Sá, bom Ferreira, o bom Bernardes,
Foram grandes poetas; qualquer d'elles
Foi discreto e foi sabio; emfim, as Musas,
Lhe embalaram o berço........................
.... Têm suas faltas,
Têm seus altos e baixos, têm sedeiros
Onde dá com os focinhos um pedante,
Que, vá por onde fôr, hade seguil-os,
Que hade furtar-lhe tudo quanto dizem,
E seja bom ou máo, isso que importa?
O ponto está que o diga algum d'aquelles
Que Craesbeck imprimiu! Ha maior teima?

Toda esta Satira de Garção é um primor de gosto e tino esthetico, mas completamente impessoal; sente-se n'ella a preoccupação do pintor, nas suas comparações:

..............O raro Apelles,
Rubens e Raphael, inimitaveis
Não se fizeram pela côr das tintas;
A mistura elegante os fez eternos.
Quem não percebe bem este segredo
Cuida que em dizer *mór* tem dito tudo.
Que muito, se não ha discernimento,
E reina a affectação! Vejo pedantes
Trepados em cadeiras, descompondo
Os mais honrados cidadãos de Athenas,
Sem rasão, sem vergonha; e vejo gente
Prudente e sabia embasbacar nos gestos
Do mono petulante! Muito póde
A opinião, a teima ou o capricho!
E o pedantismo pode mais que tudo,
Pois arrasta a rasão, pisa a verdade;
E em sabendo servir-se da lisonja,
Vôa por esses áres, sóbe ao cume
Onde a vaidosa ideia ergueu o templo
Da phantastica fama. Alli se abraça
A soberba, a vaidade co'a priguiça.
Vive a ignorancia alli, d'alli pretende
Ditar as leis ao mundo. Mas que digo?

Garção ia fazendo um retrato ao vivo; mas suspende, dizendo: «Que demonio me inspira allegorias?» A gente sabia e prudente que se deixava embair era o bispo de Beja D. Frei Manoel do Cenaculo, e mesmo o afamado grammatico Antonio Felix Mendes, que considerava muito o seu discipulo Francisco Manoel. Em 1760 ainda elle nada publicára; d'ahi a increpação de priguiça, que lhe faz Garção. Na biographia por Sané lê-se: «Aos *vinte e seis annos* (1760) occultava ainda ao publico, com mil cautellas os poemas numerosos que tinha composto.» [1] Era uma affectada gravidade, que contrastava com a sua hilaridade sarcastica; elle usava entre os amigos o nome litterario de *Niceno*, e é por esse nome que o trata Garção, quando em um Soneto verberou quasi todos os do Grupo da Ribeira das Náos que o mordiam no escriptorio do Dr. Jeronymo Estoquete, e que lhe não perdoavam essa Satira impagavel. Francisco Manoel lembrando-se da sua seriedade d'esse tempo, escreve: «Ah! que se elles me tivessem conhecido em Lisboa tão sisudo como um *Padre Niceno!* Quem mais sério do que eu? Melancholico por compleição, pelo vestido preto, e agora mais por infortunios...» [2]

Em uma Satira inedita sobre a mudança dos costumes, dirigida a Filinto, descreve-se a sua vida despreoccupada diante dos ridiculos do tempo:

---

[1] *Poèsie lyrique*, p. XII.

[2] *Obras completas*, t. I, 296.

Que certos são, Filinto, os teus ditames!
Com lentos passos tudo ao fim caminha:
Aos passa-tempos poz Lisboa a meta...
. . . .
Loquaz pedante de britano aspecto
Com redonda luneta sobre o olho,
De passeio em conversa trava e enxerta
O luso idioma c'o francez mesclado;
Agora o genio e natura louva
Do avelhentado e já contricto *Albano*,
Agora applaude o equivoco intrincado
Que nada diz, porém que brilha muito;
E contra a antiga locução clamando
O grosso traço de Latim èscarra
Jubilado Doutor Guardião tremendo
D'oculos fixos, solidéo de couro,
Trilha a sereno passo as brancas lagens
Assoberbando em torno as gentes, que olham
Do sério Padre a nitida gordura.
Grande Filinto, em que afumadas sombras
O revoltoso mundo não se engolfa!
Ditoso tu, que sempre reclinado
Nos morbidos colxões, de noite e dia
Deixas vagar pelo cerúleo ether
A livre phantasia, se é que aspiras
Dar ao teu nome posthuma memoria. [1]

Entre os negociantes estrangeiros, estabelecidos em Lisboa, dados ao gosto da litteratura, destacava-se o francez Antonio Mathevon de Curnieu, intimo amigo de Francisco Manoel desde 1759, data que fixamos deduzindo-a de varias referencias das poesias. Mathevon de Curnieu estava estabelecido com loja de fazendas de linho e algodão na praça do Pelourinho, e d'alli começou a frequentar o *Grupo da Ribeira das Nãos*, e a revelar o seu grande conhecimento da poesia latina.

---

[1] *Poesias varias*, t. II, p. 428. Ms.

Era mais novo do que *Niceno* sete annos; mas não deixou de influir nos conhecimentos da litteratura franceza espalhados n'esse pequeno Grupo. Antonio Mathevon de Curnieu foi na epoca da Revolução franceza expulso de Portugal pelo discricionario Intendente Pina Manique. N'esse anno de 1794 dedicou-lhe Filinto uma Ode confessando ter doze lustros, (I, 303) e em outra Ode exclama com emoção:

> Quaes nos viu Portugal, nos veja a França
> Além dos *sete lustros*
> *Constantes na virtude e na amisade.*
>
> (*Ob.*, I, 250.)

Gaspard Bertrand Pilaer (cujo filho foi consul dos Paizes Baixos em Portugal) era tambem celebrado em uma Ode, em que cita outros estrangeiros que frequentavam as suas reuniões litterarias:

> Quando nas margens do sereno Tejo
> (Em dias mais felizes)
> Tomava destemido a lyra de ouro,
> Que as musas enramaram . . .
>
> . . . .
>
> *Alfeno*, altisonante e grão valido
> Do poderoso Phebo,
> Pedindo venia á contumaz priguiça,
> Deixava o leito amigo,
> Seis passos dava, e vinha ouvir meu canto.
> Do Loire o agudo vate
> Que estima ao Venusino e o traz no peito;
> D'Irlanda o ameno cysne
> Que Apollo inspira com trilingue oraculo
> Ao lado meu os via...
>
> (*Ob.*, III, 206.)

Assim, a par do seu discipulo dilecto Domingos Maximiano Torres, citava além de Pi-

laer, a Mathevon, e a Guilherme José Billing, eminente hellenista.

A publicação em 1766, das *Obras poeticas* de Quita, discipulo dilecto de Garção, apesar de lhe faltar uma qualquer educação classica, veiu acordar malevolencias contra a *Arcadia* onde não figuravam latinistas como Tolentino e Francisco Manoel. Alguns pedantes, como o doutor Caetano Francisco Xavier Zuniga, assaltaram o talentoso Quita por não conhecer as leis do Soneto, verberando-o em versos satiricos, mas charros. Francisco Manoel ria-se das observações do Dr. Zuniga, e referia-se com desdem a essas regras dos *simul cadentes* e lunares: «Se, nada obstante, prevalece o máo gosto, e vinga o constrangimento, que dá semelhantes exemplos de preceitos, cá os assentarei no meu canhenho, com os *simul-cadentes*, e *simul-soantes* e *lunares*, do doutor Caetano Francisco Xavier Zuniga.» [1]

Appareceu tambem com as Obras de Quita uma *Carta* anonyma, com ironicos remoques ao poeta, a qual se imprimiu sem data. A essa Carta refere-se com desdem o sarcastico Antonio Lobo de Carvalho, em um Soneto:

> Leu a anonyma *Carta* feita *ao Quita,*
> E os escriptos mais da puritana troça,
> Pinto Palma, Garção, Bandeira, e glosa
> Phrase do Sousa, que por Barros grita. [2]

---

[1] *Obras completas*, t. v, p. 315. Falta este nome no Diccionario bibliographico e seu Supplemento. Vid. *Arcadia lusitana*, p. 505.)

[2] *Poesias joviaes e satiricas*, p. 93.

Embora este soneto pertença á epoca da effervescencia metrica da Estatua equestre, dá-nos ideia dos resentimentos que se agitaram nos litteratos que tinham visto a restauração apparente da *Arcadia*. Garção era o mais visado pelo seu fino gosto e auctoridade; a Satira ao conde de San Lourenço *sobre a imitação dos Antigos*, verdadeira na doutrina esthetica, era pungente. Deviam discutil-a; e tambem revoltar-se contra o imperio que ia exercendo. Um dos intimos de Francisco Manoel, o talentoso José Basilio da Gama, a quem revia as traducções das tragedias, vibrou-lhe um Soneto negando-lhe auctoridade de mestre, e alludindo á sua alcunha *(Escarro de tabaco)* «...um certo escarro.» Por um documento da Junta do Commercio sabe-se que José Basilio da Gama, depois de ter estado em Roma e regressado ao Rio de Janeiro, em 30 de Junho de 1768 embarcou no navio Nossa Senhora da Penha de França com destino a Lisboa. Foi portanto n'esse anno que tomou parte na *Guerra dos Poetas*. Garção chamava-lhe Senhor *qua-qui*, *(cá aqui*, contraposto á phrase brasileira *di lá)* e dizendo que vinha de Roma feria-o como antigo discipulo dos Jesuitas aos quaes acompanhara, na sua expulsão, para Roma.

Em seguida a Basilio, Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral ataca tambem Garção pela alcunha picaresca, fechando um Soneto com o virulento verso: — Garção, nojento *Escarro de tabaco*. —[1] Garção replicou

---

[1] *Arcadia lusitana*, pag. 335 a 354.

indirectamente na Satira I fazendo a caricatura do fallador *Matusio*, nome usado por Monteiro de Albuquerque, como o confirmam os versos de Anacleto da Silva Moraes; mas, além dos Sonetos já conhecidos e que tanto feriram o Grupo da Ribeira das Náos, escreveu uma Satira em tercetos contra o — rabido furor do Pedantismo. Elle descreve os novos bandos poeticos, que pullulam cada dia em Lisboa, vomitando mais versos em um Outeiro do que Thomaz Pinto Brandão metrificava em um anno:

> Mas, perguntae a um d'esses parladores
> Muito cheio de si por ter brindado
> Com descante a uns olhos matadores;
> Ou áquelle outro, com o dedo apontado,
> Por haver vinte Glosas repetido
> A certo consoante endiabrado:
> Que Horacios, que Aristoteles tem lido?
> Que Virgilios? que Homeros? que famosos
> Antigos exemplares remexido?
> Vereis com que risadas, desdenhosos,
> Vos respondem; talvez com sentimento
> De vossos crassos erros lastimosos.
> . . . .
> E logo para prova vos enfia
> Uma lauda de nomes e apellidos,
> Em que furor sem letras só havia;
> Nomes só d'elle e d'outros taes sabidos,
> Que quando a bocca abriam nos Outeiros,
> Sempre eram como Oraculos ouvidos.
> . . . .
> Olha com que irmandade e sem diff'rença
> Vão *Odes*, *Elegias* e Epigrammas,
> E tudo o mais que casa sem dispensa.
> Mas se por ser Poeta assim te inflammas,
> Dize, bom homem, quem te fez deixar
> *Acrosticos*, *Enigmas* e *Anagrammas*?
> Tambem tinha o *Romance* o seu logar;
> De quando em quando a Outava o tinha,
> A *Quintilha*, o *Elogio lapidar*.

Porém *Eclogas?* Cuidas que a cabrinha,
O cajado, o surrão, o arrabil,
O dizerem *bofé, cá, home, asinha;*
Que o fallar Bieito, Braz, Gonçalo, Gil,
Que a vaca mansa, a ovelha, o pegureiro
Basta a formar o estylo pastoril?
Meu amigo, outro officio! etc.

E depois de dar uma ideia nitida dos destinos e missão social da Poesia, Garção augura aos seus antagonistas que sejam esfrangalhados pelos rapazes, apupados com vaias, ou mettidos nas *Casinhas*. Era este o nome das cellulas estreitissimas dos carceres da Inquisição no Rocio, (onde hoje é o Theatro de D. Maria) e ainda usado no anexim popular: «Quem adivinha — vae para a *Casinha.*» Previsão terrivel, que envolveu todo o destino de Francisco Manoel do Nascimento. A Satira de Garção não teve a publicidade do seu Soneto contra os que o abocanhavam no Escriptorio do advogado Jeronymo Estoque, no qual passou revista a essa galeria de *peralvilhos*. Com certeza a prisão repentina de Garção na noite de 9 de Abril 1771 veiu sustar este furor satirico; a causa mysteriosa, e a morte desgraçada do poeta na cadêa do Limoeiro [1] em 10

---

[1] O amor de Garção por uma senhora ingleza aos *quarenta annos* de edade (1764) coincide em muitas das suas circumstancias com os dados historicos relativos ao Coronel de Engenheiros Guilherme Elsden.

E' de 26 de Septembro de 1766 o Aviso regio, para que a Regente do Recolhimento de S. Christovam receba D. Thereza Francisca Elsden, mulher do Sargento-mór de Infantaria com exercicio de Engenheiro

de Novembro de 1772, fizeram vêr o vulto do árcade a uma nova luz, prestando-se justiça ao seu gosto litterario, erudição segura, e extremada correcção de forma na expressão de um ideal horaciano com vivo sentimento da realidade. Francisco Manoel, que fôra o mais aggravado por causa dos archaismos e das

---

Guilherme Elsden, sendo conduzida por Guilherme Stephens.

De 1767 a 1771, andou Guilherme Elsden em grandes ausencias de Lisboa, como Tenente Coronel e Quartel Mestre-general dos Exercitos, tendo escripto o *Livro de Ordens e Manobras que foram dadas e executadas nos Campos dos Olhos da Agua* (18 de Julho de 1768); e o *Mappa militar, que por ordem de S. A. o Conde de Lippe se tirou de uma parte do Alemtejo* (8 de Outubro).

E' de 8 de Fevereiro de 1771, o *Roteiro das Estradas de Salvaterra e Pancas,* como se vê em carta sua datada de Salvaterra.

Seria n'este intervallo de 1767 a 1771, que Garção manteve relações affectuosas com D. Thereza Francisca Elsden; sua filha D. Francisca Thereza da Conceição Elsden, que não entrou para o Recolhimento, ficando em casa com uma tia irmã de seu pae, é que teria os amores com o peralta Francisco de Paula Lobo de Avila, pela fórma a que allude o testemunho de Domingos Maximiano Torres. Seria este o motivo da carta de Garção *em inglez* a D. Thereza Elsden, surprehendida pelo regresso do marido a Lisboa, na mão do creado Manoel José. Semanas antes da morte de Garção no Limoeiro, Guilherme Elsden partiu para Coimbra por Aviso de 16 de Outubro de 1772 a tomar entrega do Collegio das Artes e proceder ás obras da sua incorporação na Universidade, demorando-se ainda até 1773 para a conclusão do Convento de Santa Clara. Era o engenheiro favorito do Marquez de Pombal; e cabe-lhe a gloria de ter deturpado o monumental Mosteiro de Alcobaça em 1777. (Accentua os factos da pag. 441 da *Arcadia lusitana.*)

referencias á sua paternidade, esqueceu tudo e inflammou-se em uma admiração sempre crescente, a ponto de em uma Ode *A' minha morte,* [1] desejar vêr-se lá nos Elysios: «Entre o Garção e Horacio.»

A *Guerra dos Poetas* continuava em pequenas escaramuças, como vêmos pelos Sonetos de José Basilio da Gama e João Xavier de Mattos *(Albano Erythreo)*, apodando-se acremente. Transcrevemol-os, além do seu valor historico como ineditos. Eil-o o de João Xavier de Mattos a José Basilio:

Se o grego Vate, se o Cantor latino
Sustentar o caracter não souberam
Dos dois grandes Poemas que fizeram,
De que tu foste imitador indino?
Se o grande Tasso, se o Camões divino,
Milton, Voltaire, e os que depois vieram,
Réos do mesmo delicto appareceram
No tribunal d'um critico malino?
Se o Pina foi pedante; *se antiquario*
GARÇÃO, e Quita, dize-nos, responde,
Dos Poetas qual tens por formulario?
Ora de envergonhado o rosto esconde,
Ou é o teu Poeta imaginario,
Ou se inda existe, dize-nos aonde?

RESPOSTA DE JOSÉ BASILIO:

Amo o grego Cantor, gosto de ouvil-o,
Dando ao filho de Thetys peito de aço;
Amo o piedoso Heroe, que immenso espaço
Correu, buscando em terra extranha azylo.
Notei de Anfrizo o pedantesco estylo;
O mesmo que então fiz agora faço;
Tu entendes Voltaire, Milton, Tasso,
Como eu os geroglificos do Egypto.

---

[1] *Obras completas,* t. I, p. 120.

Lê pelo teu Camões, canta Amor cego,
Que ainda que arte não tens, amigo Albano,
Alguma natureza eu não t'a nego.
Olha: apprende o francez, o italiano,
Dous dedos de latim, pouco de grego,
E depois fallaremos para o anno.

RESPOSTA DE JOÃO XAVIER DE MATTOS:

Lerei no meu Camões como até agora,
E de imital-o seguirei a empreza,
Pois tu me dás alguma natureza,
E o bom Luzan já na arte me melhora.
Tu, que expões das Linguas a Pandora,
Não sabendo se quer a Portugueza,
Rasga o canto sem graça e sem belleza,
A falta de Arte e Natureza chora.
Em retalhos de Prosa trasladaste
O que tens dos Francezes traduzido,
Eis por que extranhas linguas nos gabaste.
Tornaste a declamar; foste prohibido;
Não me assustam os Gregos, que affectaste,
Do leite que mamaste me intimido.

DE UM ANONYMO

Faze, oh Albano, os versos doutamente,
Dá-nos sabias lições, como até agora;
Faze, faze, que a inveja sem demora
Quebre raivosa o denegrido dente.
Não te confundas, porque ao bom sciente
Perseguiu sempre a inveja falladora
Pois até a GARÇÃO, *que o mundo chora,*
Mil vezes criticou um maldizente.
Tu, meu grande Macedo, continúa,
Os teus versos são versos superiores,
Tu nasceste Poeta, a arte é tua.
Deixa fallar os vís criticadores,
Pois se ha algum pedante que te argúa,
Exaltado te vês pelos melhores. [1]

---

[1] *Poesias varias,* Ms., t. II, p. 187 a 190. (Mihi).

Esse ultimo Soneto de João Xavier alludia á educação jesuitica de José Basilio como aquillo que n'elle temia; por este Soneto anonymo, escripto sob a impressão da morte de Garção e da mordacidade de José Basilio, vê-se a transição da *Guerra dos Poetas* para a refrega provocada pela Ode do Padre Manoel de Macedo á cantora italiana Zamperini. Em muitos manuscriptos do seculo XVIII o P.e Manoel de Macedo é considerado auctor do Soneto aos heroes da Assemblea do Doutor Estoquete, o que significa que como árcade lhe tomaram a responsabilidade de academico, moendo-o com pungentissimas Satiras.

Em uma Ode *Ao tempo passado* ainda allude Filinto a um dos antagonistas da *Guerra dos Poetas*, o P.e Manoel de Macedo:

> Macedo comporá os Epinicios
> Em zamperino metro, e Hebe engilhada
> Já Maria da Costa lhes confeita
> Summarentas ambrósias.

Em nota falla d'esta criada do padre, que possuia as mais reconditas receitas para fazer doce.

> Um Poeta, é nada,
> Pois que verceja Alpoim, Macedo embóca
> A gaita, em zamperina farfalhada. [1]

Na rubrica explicativa do Soneto de Garção contra o Grupo da Ribeira das Náos, vê-

[1] *Obras completas*, t. V, p. 252.

se que o compozera para zurzir *varios heroes, que o abocanharam na assembleia do Doutor Estoquete;* mas visava especialmente o Padre *Niceno*, patrão da lancha, como sarcasticamente lhe chama pela influencia que exercia em volta de si. Antecipando o depoimento do velho professor de Grammatica latina Antonio Felix Mendes, conhece-se mais ao vivo o que era a *Assembleia do Doutor Estoquete*, e a causa da superioridade de Francisco Manuel: «Antonio Felix Mendes, natural do logar de Pernes, termo de Santarem, de edade de setenta annos, pouco mais ou menos, casado com D. Maria Magdalena Rufens, morador aos Poiaes de San Bento e Professor regio de Grammatica latina. — Disse, que achando-se em casa do *Advogado Jeronymo Estoquete*, morador na rua larga de San Roque, onde estava tambem Manoel Coelho de Lima, que presentemente é creado grave do Secretario de Estado Ayres de Sá e Mello, dissera este...» Allude em seguida á passagem do Mar Vermelho, milagre de Jesué, Diluvio etc., e continúa: « Disse que ouvira estas mesmas doutrinas em casa do Presbytero secular Francisco Manoel — morador ao presente na Travessa das Chagas» — e conclue: «que elle formou juizo que todos estes tres sujeitos estavam exercitados e instruidos na lição dos livros prohibidos, digo de Livros dos Philosophos modernos, que... affectam seguir a Rasão natural.» O respeitado mestre de Grammatica depondo em 3 de Julho de 1778, referia-se a factos do tempo em que Francisco Manoel ainda morava na Ribeira das Náos: «Disse mais, que sabe pelo conhe-

cimento que tem com o dito Padre Francisco Manoel, por ser seu mestre da Latinidade, que elle é muito bem instruido n'ella, como tambem na Philosophia e na leitura ecclesiastica, e é geralmente reputado por homem douto, e que por esta rasão é muito procurado por varias pessoas para conferirem com elle algumas obras que compõem, principalmente em versos, em Sermões e outras quaesquer duvidas, que lhes occorrem; e entre outras pessoas é frequentemente visitado por alguns religiosos do Convento de Jesus, maiormente por um Religioso por sobrenome Barroco ou Marrocos, e que pela rasão da sua boa instrucção era estimado pelo Bispo de Beja» (D. Fr. Manoel do Cenaculo). [1]

Francisco Manoel teve conhecimento d'esse Soneto attribuido a Garção, rimado contra o *Grupo da Ribeira das Náos;* elle nunca se esqueceu dois dois versos:

Padre *Niceno*, tu, patrão da lancha
Carregada de drogas da antigualha...

Assim ao escrever o verso: — N'este ensejo entra Amor co'a Formosura, — subscreve em nota: «Eil-o lá vem co'*as drogas da an-*

---

[1] Este grammatico affamado nascera em 14 de Janeiro de 1706 e morreu em 1790. Publicou em 1737 a *Grammatica latina do Bacharel Domingos de Araujo, reformada, accrescentada e redusida a methodo facil para que em menos de um anno se aprenda por ella*, etc. Na reforma pedagogica pombalina foi esta Grammatica, já transformada em 1749, mandada adoptar por decreto de 28 de junho de 1759. Antonio Felix Mendes era membro da *Academia Latina* e Portugueza.

tigualha! Ouço eu já d'aqui dizer a alguns bonecos afrancezados. — Esse *ensejo*, que elle metteu aqui á queima-roupa, pilhou-o elle de Azurara, ou Castanheda. Quiz-nos campar por erudito encampando-nos palavras affonsinhas. Ao que respondo: ... Escrevo a palavra que melhor significa o que intento dizer, sem me apurar em modernices nem antigualhas.» (I, 109.)

Quando mais tarde Filinto combatia não já pelos Archaismos, mas contra os francêlhos, ainda se refere ao primitivo Soneto:

Eis que, como Quevedo, me resolvo
A debicar comvosco, meus Francelhos,
Que vos desempulhaes de meus socátes
C'um baboso dizer — *Patrão da lancha*
Carregada das drogas da antigualha.
Cuidaes que me insultaes; e eu tenho em honra
Ter os Classicos lido, e ter lembrança
Das suas nobres phrases quando escrevo.

(*Ob.*, t. v. 137.)

Toda a classica phrase que ignoramos
Gritemos logo — *Drogas da antigualha* —
Insultemos as Obras de Filinto,
As de Alfeno, Bocage e outros sédiços!...

(*Ibid.*, p. 146.)

E em uma Carta em verso, datada de 6 de janeiro de 1788, recordava-se da phrase terrivel do soneto:

Uma nodoa é que affeia os meus escriptos,
Que enxovalha o melhor das minhas Odes.
Termos novos ou *drogas da antigualha*,
Que se acham só em Barros, em Lucena,
Velhos Sebastianistas, que este mimo
De fallar luso-gallico não provam...

(*Ibid.*, p. 315.)

Quando irrompeu o desafio metrico por causa da cantora Zamperini, o P.e Manoel de Macedo, que lhe chamára *divina* em uma Ode, foi espantosamente apodado por todos quantos metrificavam em Lisboa; elle conheceu que os ataques provinham dos Poetas do *Grupo da Ribeira das Nãos*, e dá-o a perceber alludindo á marca de fogo do Soneto de Garção contra a monomania dos Archaismos:

> ....Grande Barros,
> Que affronta te não fazem, quando entendem
> Que de escudo lhe serves! Tu fallaste
> Do teu seculo a lingua, fabricando
> Nobres palavras; tu enriqueceste
> Da carunchosa edade sacudindo
> As bolorentas phrases, e ha quem queira
> De *a esmo*, de *abastança*, de uma grosa
> De ferrugentos termos fazer pompa?
> Toda a sua riqueza consistindo
> N'estas *drogas?* Ainda que quizera
> Não conter-me, não posso; é desaforo.
> Não duvido que uma vez ou outra
> Tal qual palavra antiga logar tenha.
> Exprime ás vezes mais; por peregrina
> Pode ás vezes passar. Mas com que sabia
> Cautella estas licenças se concedem!
> Eu de algumas me sirvo, outros conheço
> Que de algumas se servem; a prudencia
> E' quem a luz nos dá para podermos
> Com destra economia governar-nos,
> ....
> Bem hajas tu, meu Mattos, meu Basilio,
> ....Corromper-vos
> Não vos deixastes das mouriscas vozes
> *Da rançosa antigualha.* Vossos versos
> Com applauso de todos serão lidos...

E alludindo ao Monteiro *roaz*, do Soneto de Garção, escreve Macedo na mesma Satira:

Quantos juizos tens escurecido!
Da *quadrilha roaz*, tal ha que affirma
Que passados tem já todos os livros.
Que já não tem que lêr. Tal, assevera,
Do nariz mastigando o sêcco ranho,
Que para conhecer do mundo a edade
Necessario seria calcularmos
Os Terramotos. Ora eu já não posso
Demorar-me com tanta baboseira;
Charlatães importunos, já vos deixo.
Por agora vos deixo, *Pintos, Sousas,*
Monteiros, Estoquetes, Bandeirinhas,
Valente *Chefe do famoso tronco*
Da Ribeira das Náos, até á primeira.
Se ao dissabor da Satira forrar-vos
Quizerdes, acceitae o meu conselho,
E' santo. Conhecei-vos, e calae-vos. [1]

A questão da Zamperini, que occupava a segunda phase da *Guerra dos Poetas*, transformou-se em uma pugna philologica sobre Archaismos e Neologismos, sem se desprender do azedume das personalidades. Francisco Manoel que não se destacou do Grupo da Ribeira das Náos ante o Soneto satirico de Garção, nem ainda na alluvião de versos á Zamperini, tornou-se o paladino da renovação da lingua portugueza pelo emprego das palavras archaicas contra os neologicos dos francelhos e tarêlos.

O Capitão Manoel de Sousa, que traduzira o *Telemaco* sob a direcção de Francisco Manoel, bem como a comedia de Molière, o *Peão fidalgo*, merecendo gabos de purista, era visado como um elemento activo do Gru-

---

[1] *Poesias varias*, t. II, 459. Ms. (Tem variantes.) Vid. *Arcadia lusitana*, p. 351.

po da Ribeira das Náos; foi por isso mais tarde responsavel perante a Inquisição pela sua intimidade com o poeta. No horroroso tribunal declarou ter quarenta e um annos de edade (nascido em 1737), sendo seus paes João Gonsalves e Maria Isabel da Conceição. Ahi confessa o *trato e communicação que com elle tivera por alguns annos*, e calando agora a covarde accusação de atheismo, termina affirmando que «*a maior communicação que com elle teve era sobre pontos de Bellas Lettras*, só por acaso e incidentemente tocavam em alguns pontos de religião...» Na época das luctas contra o ARCADÃO, como irrisoriamente chamava Domingos Monteiro á Arcadia, o Capitão Manoel de Sousa tomava parte com o P.e Francisco Manoel em discussões de livre-pensamento, como o declarou um frade paulista dos do Collegio de Evora no horrendo tribunal, que tambem accrescenta lêrem ambos os livros prohibidos: «Disse, que eram as duas, que já acima deixa referidas, o P.e Francisco Manoel e o Capitão de Engenheiros Manoel de Sousa, e Domingos Pires Bandeira; e a rasão que tem de o saber, é porque visitando algumas vezes aos sobreditos P.e Francisco Manoel, Domingos Pires Bandeira, via que elles tinham nas suas estantes os ditos livros, e outras vezes abertos em cima das suas bancas, e por vezes lhe repetiam algumas passagens, que n'elles tinham lido; e a respeito do Capitão Manoel de Sousa, é porque conversando outras vezes com elle, em muitas o ouviu formar argumentos fundados nos sentimentos oppostos á Religião...» Na traducção da *Historia antiga*,

do Abbade Rollin, o capitão Manoel de Sousa inscreve-se no frontispicio da obra como *Socio da Arcadia;* sendo essa edição em dois volumes de 1767-1768, não é plausivel que n'esta mesma data Garção o ridicularisasse, comparando-o com o Mendes, bedel zarôlho do Collegio dos Jesuitas. E' mais natural que se arreiasse com o titulo da Arcadia mãe, como usavam José Basilio da Gama e outros, que não particularisavam a de Roma.

E' certo que na traducção do *Tartufo* de Molière, do capitão Manoel de Sousa, quizeram vêr a mão de Francisco Manoel, como elle mesmo confessa ao seu biographo Alexandre Sané: «Esta reunião modesta, em que homens pacificos gozavam em commum das suas luzes e da sua amisade, despertou a attenção de alguns frades. Francisco Manoel ousava algumas vezes motejar da sua incrivel ignorancia, das suas prédicas barbaras, condemnando a hypocrisia de uns, e a intolerancia de todos; uma traducção do *Tartufo* de Molière, e algumas outras obras tomadas das litteraturas estrangeiras circulavam na sociedade da capital; julgaram descobrir n'ellas a *sua maneira;* d'ahi lhe adveiu a funesta fama de *philosopho*, arma envenenada de que se serviram para o perder. Já todos os seus passos, todos os actos indifferentes de uma vida que não se occultava, por que era irreprehensivel, eram curiosamente espiados. Diga-se a phrase terrivel: Francisco Manoel era suspeito á Inquisição.» [1] As traducções de

[1] *Poésie lyrique portugaise*, p. XVI.

Operas e Tragedias philosophicas, que elle revia aos seus amigos, appareceram mais tarde como terrivel carga accusatoria.

A primeira publicação de Filinto foi a traducção de uma Opera de Metastasio, que lhe pediram, e a que allude em um Epigramma:

Mandou-me Amor, que esta Opera vertesse;
Ou sabio, ou nescio a Amor tudo obedece!
Censor que lês a traducção do drama,
Os erros meus desculpa,
Amor tem toda a culpa.
Não vê erros um cego; e é cego o que ama.

(I, 173.)

Eis o titulo da Opera traduzida e impressa avulso em 1768, mas nunca incorporada nas suas Obras completas:

Antigone em Thessalonica; Opera do senhor Metastasio, traduzida em verso portuguez por Marcellino da Fonseca Minê's Noot, na Officina de José da Silva Nazareth. Lisboa, 1768. In-8.º de 91 pag.

O nome de Francisco Manoel do Nascimento está occulto no anagramma de *Marcellino da Fonseca Minê's Noot*, como observara Innocencio.

E' tambem d'este anno de 1768 a publicação pela imprensa do

Entremez intitulado: O Cinto magico, do sr. João Baptista Rousseau, traduzido em vulgar por Marcellino da Fonseca Minê's Noot. In 8.º de 44 pag.

O apparecimento da traducção portugueza da immortal comedia *O Tartufo*, de Molière, effectuou-se n'este mesmo anno de 1768 em nome do Capitão Manoel de Sousa, mas para

os effeitos da malevolencia foi attribuida a Francisco Manoel, conforme as reminiscencias que chegaram até Costa e Silva. A data que a bibliographia aponta explica a referencia de Manoel de Figueiredo á *Guerra dos Poetas*, condemnando as «Composições em que gastavam o tempo os moços de genio que tinha Lisboa, pois n'aquelle tempo se devoravam com Satiras uns aos outros, *e o Theatro sustentando-se com traducções;* etc.»

Outras traducções fez Francisco Manoel, que ficaram ineditas, mas incompletas e publicadas já depois da sua morte na edição integral; taes são a *Andromaca*, de Racine, as duas primeiras scenas da *Iphigenia em Aulis*, do mesmo, e do primeiro acto da tragedia *Coriolano*, de La Harpe. Alguns d'estes manuscriptos ficaram na mão do livreiro Jorge Rey, em Lisboa. Referindo-se aos fragmentos publicados, escreveu Francisco Manoel: «Eu bem acabara a traducção d'esta, *(Iphigenia)* e tambem a do *Coriolano*, mas o preço tão limitado que me deram pela *Medêa*, de Longepierre, e pelo *Mithridates* de Racine, me decepou a vontade.» (XI, 104.)

No depoimento de Frei Placido de Andrade Barroco, irmão do amigo intimo de Francisco Manoel, Sebastião José Ferreira Barroco, falla-se ainda outra vez nas Tragedias philosophicas, que o poeta emendava: «Disse mais que em outra occasião viu na sua mão uma tragedia de Voltaire, feita por elle, que julga ser a intitulada *O Mahometismo;* e que por estas rasões se persuade que o dito Padre era um homem de pouca religião.» Semanas depois tornou a depôr, explicando-se

mais: «Que pelo que respeita a ter referido, que a tragedia intitulada *Mahometismo* a traduzira o sobredito Padre; agora com mais exacto exame se recorda, que este a não traduzira, mas sim um *José Basilio da Gama*, Official da Secretaria de Estado dos negocios do reino, mas que elle depoente vira esta traducção na mão do mesmo padre.»

Na Satira de Garção contra o rabido furor do Pedantismo, depara-se com uma referencia aos dois poemas de José Basilio da Gama, *Quitubia* e *Uruguay*, e ás traducções de tragedias francezas por Francisco Manoel:

Que julgas tu? Que a Arte o seu principio
Teve em subtis caprichos? A Rasão
E' sobre que se firma este edificio.
Oh, se não fosse assim, um charlatão
Dentro em dous mezes sem temor *ousara*
Talvez *dar Epopêas á impressão.*
O *estrangeiro Drama* se mostrara
Com muito maior pejo do que agora,
Se a atrevida ignorancia o Estro peára.

Entre os poetas do Grupo da Ribeira das Náos figurava Pedro Caetano Pinto de Moraes Sarmento, citado no primeiro verso do celebre Soneto de Garção; o terrivel poeta satirico Antonio Lobo de Carvalho vibrou-lhe um Soneto com esta rubrica explicativa: *Ao illustre* Pedro Caetano Pinto, *enfronhado em poeta, cujo pae fôra barbeiro:*

Odre de vento, Pinto desázado,
Peralvilho por toda a eternidade,
Da honra, da innocencia e da verdade
Acerrimo inimigo declarado;

Da familia dos Pintos o morgado,
Primeiro tolo sem contrariedade,
Mais velhaco que o mais velhaco frade,
Infamador do sexo delicado;

Consul geral de toda a Cotovia,
Que da famosa Mancha no cartorio
Guardas padrões da tua fidalguia;

Tudo vaidade, tudo farelorio;
Quem te hade disputar a primasia
Dos Poetas no vasto Consistorio? [1]

Vê-se que a referencia á *Mancha*, allusiva á viagem de Pedro Caetano Pinto a Hespanha, aonde casara, servia de truque sarcastico aos poetas satiricos. As cargas foram frequentes, deparando-se ainda entre a alluvião de versos ineditos do seculo XVIII esse Romance em fórma seiscentista:

Pinto bolas, Pinto pato,
Pinto fôfo, Pinto — erdas,
Das tuas poucas vergonhas
Ouve as grandes insolencias.

Porque a pobre Cantora
Com tanta basofia aterras,
Aborrecida entre nós
Só tu podias fazel-a.

Não ha quem não a crimine
Por cahir na esparrella
De que és artifice destro
Fabricando muitas petas.

---

[1] *Rimas varias*, Ms., t. VII, p. 400. — *Poesias joviaes e satiricas*, p. 117. Ed. Inn.

Para que é empanzinal-a,
Dizendo que tens de renda
Trinta mil cruzados, fóra
Quasi um milhão porque esperas?

De uma propinqua herança
Que te hade vir de Castella,
De que já tens alcansado
Não sei se meia sentença.

Para que é o espalhafato
De outenta vestidos? Esta
E' a mentira mais tola
Que inventou a tua ideia.

Vinte de veludo, vinte
De preciosissimas sedas,
Trinta de pano, e mais dez
De algumas drogas ligeiras.

Sendo para que a verdade
Te diga núa e singela,
Como eram teus os vestidos
Ser de camelão deveram.

Para que é articular
Contra teu pae mil blasphemias,
Por te dar todos os mezes
Tamsómente cem moedas?

Tomaras tu a estas horas
Teres quatro na algibeira,
Não farias... Mas... Chiton!
Faz-se precisa a modestia.

Para que é de fidalguia
Encher as pobres orelhas
De quem com razão ignora
De teu principio as mazellas?

Não é melhor que na seje
Lhe tragas gallinhas e ervas
Com que da bella cantora
Guisar possas a Minestra?

Que ás vezes lhe mandas luvas
E alguns pares de meias,
Com que cubra as tenras mãos
E as escanifradas pernas?

Não é melhor que por timbre
De tanta amante fineza
Leves os teus bofetões
Como pacifica ovelha?

Que dando-te uma facada
O teu sangue correr vejas,
E que o perdão lhe suppliques
Curvando o joelho em terra;

Que *mato* oiças chamar-te,
Beco fututu, pateta,
Deshonra da tua casa,
E outras infamias d'estas?

Que a trambolhões pela escada
Dando mil suspiros desças,
Dizendo que a amas mais
Que a tua alma e o teu Deus?

Que já desejas quebrada
Do matrimonio a cadêa
Que por agora te prende,
Para casares com ella?

Ora toma o meu conselho,
Que é justo: cuides de veras
Em dares ao mundo todo
Satisfação co'a emenda:

Se não, direi que tu és,
Mais piégas, que o piégas,
Que mereces muito açoite,
E que vás beber da .... [1]

---

[1] *Poesias varias*, Ms. t. VII, p. 399.

A figura caricata representada nos versos satiricos de Garção, Lobo e do anonymo romancista, apparece-nos exaltada por Filinto, que no exilio ainda se lembrava d'elle, e nos versos de D. Leonor de Almeida, que dedicou uma Epistola A P. C. P., iniciaes que esclarece em nota: Pedro Caetano Pinto de Moraes Sarmento. *Alcipe* trata-o pelo nome pastoril de *Pierio*, referindo-se á lucta litteraria, que a assustava:

Não cuides, não, Pierio, que insensivel
Os teus versos suaves não escuto;
Ouço, percebo, gósto, porém temo
Responder-te; receio que trasborde
A bilis que reprimo, e que afogara
Em torrentes amargas erros tantos.
. . . .
O profanado Phebo hão de insultal-o
Os semi-sabios, presumidos nescios,
Hão de os casquilhos enterrar a lingua
Que Ferreira fallou, falla *Filinto.*
Mas taes males não são mais que symptomas
De outros maiores, pois Doutores bestas
Só nascem de fortuna e poder grande,
E de trevas, que a luz do engenho apagam.
. . . .
. . . . Não me divertem
Histriões sem costumes, dramas oucos,
Que no Theatro as almas envenenam. [1]

Pedro Caetano Pinto frequentava o pequeno circulo de amigos de Filinto, e tomava parte nos festejos intimos dos seus natalicios,

---

[1] Marqueza de Alorna, *Obras poeticas,* t. II, p. 39.

como o consigna o exilado poeta em uma recordação da velhice:

> Onde te foste, dia egual ao de hoje,
> Em que *Pinto*, Barroco e os dous Domingos,
> Com versos, com sainetes engraçados
> Celebraram meus annos.
>
> (*Obr.*, t. III, 80.)

E em nota escrève-lhes os nomes por extenso: «Pedro Caetano Pinto de Moraes Sarmento; Sebastião José Ferreira Barroco; Domingos Monteiro; Domingos Maximiano Torres.» Em 1790 era Pedro Caetano Pinto escrivão do Registo geral das Mercês. [1]

Já no fim da vida, na satira *Os ultimos adeos ás Musas*, lembra-se Filinto dos poetas intimos do Grupo dá Ribeira das Náos:

> Embora nos mantenham companhia
> Um *Torres*, um *Bandeira*, um *Figueiredo*,
> Um *Monteiro*, um Diniz, validos vossos,
> Do vosso intimo arcâno secretarios,
> E de aónias mercês dispensadores.
> Com delgado pincel *Monteiro* pinta
> Astrêa, que ao fugir da iniqua Terra
> Deixa saudosa os ultimos vestigios
> Nos athlanticos hombros estampados.
> Descreva o Templo occulto do Segredo;
> O Casquilho, que vem na sege a trote,
> E o Soldado, que impede entrar no Carmo
> O mesmo General; que assim as ordens
> Recebeu do pateiro do Convento:
> E ora faceto ao povo douto alegre,

[1] Vid. Sentença de 19 de Junho de 1790 absolvendo o official maior João Tiburcio Barbosa, accusado por elle.

Ora ás auras sublime se remonte,
Pois que ao genio do vate ajuntar sabe
Porfiada lição, critico gosto.
....
Basilio em canto altiloquo forceje
Cantar Freire, na America famoso;...
....
O *Barroco* arrojado tome a tuba
Que emborcaram Poetas tão divinos,
E que ainda quente está dos seus furores;
E apesar das nações que mais se illustram,
E são longe de nós na épica altiva,
Dará mais um motivo á sua inveja.

Uma Satira anonyma, e inedita, pinta-nos a transição da *Guerra dos Poetas* do thema picaresco da Zamperini para o do puritanismo da linguagem. E' interessante, por que nos falla nos individuos que entraram no debate:

Que haja eu sempre de ouvir linguas mordazes
Em prosa e verso, n'um e n'outro estylo,
Arbitras das Sciencias, dos juizos,
A critica co'a Satira envolvendo
Decidirem de plano altivamente
Das obras, das acções da demais gente!

N'um pleito grave, n'um assumpto serio
Em que interessa o bem dos Litteratos,
Todo o debate é justo. Nós não temos
Outro meio mais proprio, que do centro
Das cousas mesmas a verdade pura
Extrahir, até'li envolta e obscura.

Mas sobre Zamperini tanta bulha?
Assoalhar defeitos, e com o dedo
Mostrar ao Povo objectos de desprezo
Homens sabios e doutos! Dia e noite
Consumir em poeticas fadigas,
Creando odios, fomentando intrigas!

Essa bella Cantora, que trouxera
A sorte a Portugal com tanto estrondo,
As attenções nos rouba, nos encanta
Co'a doce voz, co'o estylo harmonioso;
Mas nunca póde ser motivo nobre
Que furores mil entre os Poetas obre.

Louve-se muito embora: é digna d'isso,
E quem o affecto seu traz manietado
Exprima o seu amor de qualquer sorte,
Não perdoe a desvellos, a finezas.
Sempre foi livre o amor. Se nos agrada,
Pouco importa que aos mais pareça nada.

Que muito, que Macedo possuido
D'essa terna paixão Ode fizesse?
E' acredor por isso que outra Ode
Cheia de enigmas mil e de imposturas
Lhe atalhe o gosto seu? Tempos cansados,
Em que até ha Juiz dos namorados!

A discordia semêa seu veneno,
Chovem de um lado e de outro mil Sonetos
(Muito boa poesia para a Satira!)
E' o pobre Macedo descomposto,
Basilio e Mattos tomam seu partido,
Não soffre cada qual o ser vencido.

Mas, já mudam de phrase: é mais pequena
Poesia o Soneto. Elles pretendem
Fazer d'este duello uma passagem
Para a Satira audaz, em que os costumes
De uns e de outros se mostre, e a acção primeira
Serve só de Episodio á derradeira.

Bom Horacio! que voltas não levaram
Tuas discretas Satiras! Já todos
Transcrevem d'ellas versos infinitos;
As provas de que usastes, as pinturas
São fielmente as mesmas. Seu engenho
Não imita, produz o teu desenho.

O Macedo começa; logo o segue
Autor ultramarino, [1] que do *Entrudo*
A figura nos pinta: os seus talentos
Vem de Horacio e Serrão. Ha pouco proprio,
Fazendo reviver os esquecidos
Conceitos, que já n'outros foram lidos.

Elle crimina por seus mesmos nomes
Alguns com quem por certo hombrear não pode;
Seus versos são picantes; seu estylo
E' mais ácre que a Satira, e pretende
Apontar com maledica prudencia,
A que faz resurgir nova insolencia. [2]

Monteiro lhe responde em Elegia
De erudição estranha carregada.
Que semelhança tem este combate
C'os de França, da Grecia e Roma antiga?
Principiara a bulha em Zamperina,
Que vale o mesmo que lana-caprina.

Reprehende por erros de Grammatica,
E de lingua, tambem quaes nunca foram;
Se o verso não permitte liberdade;
Se a syntaxe da lingua é sem figuras,
E' justa a reprehensão, mas não tolero
Explicar-nos pastel com tanto esmero.

Não se livra a Elegia de resposta,
Vem Antero e Davates, logo á praça

---

[1] Manoel Ignacio da Silva Alvarenga; mas essa Satira publicada em seu nome no *Ramalhete*, t. VI, no manuscripto que possuimos traz o nome de Francisco Xavier Lobo, assignando tambem muitos Sonetos de Antonio Lobo de Carvalho.

[2] E' a Elegia inedita de Theotonio Gomes de Carvalho, que a Satira supra transcripta attribue a Monteiro *(Matusio)* bem como as Outavas do Dr. Joaquim Ignacio de Freitas; e no *Ramalhete* a José Basilio da Gama.

Virgilio o faz entrar, e de outra parte
O velho Adamastor, Camões o guia;
Em consoantes forçados nos adverte
Que o gosto depravado inda diverte.

A bulha toda cifra-se em palavras,
Se as antigas preferem ás modernas:
Apparece-nos tres-pontualmente
O que Horacio nos diz na Arte poetica;
Aqui nada se inventa; o já proposto
E' mil vezes na praça outra vez posto.

Que nobre assumpto! que fecunda ideia
P'ra mentes illustradas! se consome
O tempo em ninharias, que pudera
Gastar-se com mais gloria e mais proveito
Em descobrir a candida verdade!
Mas esta é sempre a nossa inf'licidade.

Eu poeta não sou; a phantasia
A tanto não me chega. Que doutrina
Não pede a Poesia! O céo apenas
Reparte entre os mortaes em longos tempos
A belleza d'esta arte. Não me é dado
Pensar sublime, engenho delicado.

Só me lastimo vêr que uns homens doutos,
Que podem uteis ser a si e á patria,
Contendam entre si com furia insana
Por motivos tão vis, por bacatellas.
Mas siga cada qual a sua teima,
Que eu para declamar não tenho fleuma. [1]

Como complemento d'esta phase da *Guerra dos Poetas*, transcreveremos alguns trechos da Satira do virulento Francisco Xavier Lo-

[1] *Poesias varias*, t. II, p. 453 a 58. Ms.

bo, (Antonio Lobo de Carvalho?) que começa pela comparação descriptiva do Entrudo:

Que alegre era o *Entrudo* n'outro tempo,
Geronte amigo! Quanto a edade muda!
Está tudo acabado. Já não vêmos
Arrojarem-se as *cêlhas de agua immunda*,
De *brancos pós* aos céos erguer-se nuvens,
As ruas retumbar em *sujas pulhas*,
Dos marotos as vastas *laranjadas*,
A *pelota de barro*, o *esguicho*, o *rabo*,
Do gallego servil a *cara* informe
De lama emporcalhada; e de tal cousa
Hoje apenas se vêem algumas gotas
Exprimidas cahirem das janellas
Por mãos mimosas de gentis donzellas.
Mas, oh! Das côrtes e cidades grandes
Destino providente! Nunca faltam
Sempre ao publico novos espectaculos.
Quanto não riu este verão Lisboa
Vendo posto na Praça da Parada
O vaidoso Talaia, Capitão,
Doutor, Almotacé, Poeta, etcétera.
. . . .
Zamperini apparece; adeus, Talaia,
Zamperini em francez, em prosa e verso:... [1]
D'aqui Macedo Satiras fulmina,
D'ali Monteiro, qual outro Lucilo...
Basilio faz lunatico o Macedo...
Mattos fal-o pastel de carne e massa...
. . . .
Tempo já houve, em que a discordia féra
Que nos pequenos corações domina
Derramou o seu horrido veneno
Nos peitos dos brejeiros e rapazes;
Então da Alfama e da Pampulha viram-se
Tremolar as bandeiras, e os exercitos
Marcharem com furor á civil guerra
Que os campos infestou da Cotovia. [2]

---

[1] D'aqui em diante vid. *Arcadia lusitana*, p. 360.

[2] E' o jogo da *Purria*, ou pedrada, ainda hoje usado pelo rapazio em Lisboa.

Vós, egualmente divertis Lisboa
Cuidando acreditar-vos com discordias.
Sois do Entrudo as figuras, sois do inverno
Os Talaias e a Fabula do povo;
Por mais que a gente ria ás gargalhadas,
Moteje á vossa custa dos máos versos,
Vós vos crêdes Homeros e Virgilios,
Por vêr que quatro estupidos vos louvam;
E se algum vos não grita: — Viva! Bravo!
— Este verso é em phrase horaciana! —
Sem vergonha vós mesmos applaudis,
As casas atroando com palmadas
Festas felizes, bem aventuradas!
Deixa, amigo Monteiro, de secar-nos
Co'a antiga locução aspera e dura;
Confessamos que tem graça e energia
Lida nos bons Autores que nos honram;
Mas as palavras são como a moeda,
O uso unicamente é o rei que a faz
Que ellas valham o que elle quer que valham,
Como ellas corram co'a presente marca.
Faze outra vez viver as esquecidas,
Adopta embora as novas, funde as velhas,
Lima as informes, pule as escabrosas,
Enriqueça-se a lingua portugueza
Com prudente licença e boa escolha.
Porém, nunca vocabulos nos digas
Que o bixinho arrancam dos ouvidos.
Nem a todos concede a natureza
Como concede a ti e á tua seita
Orelhas de aço, tympanos de bronze.

E tu, Macedo, fallo-te sincero:
Dou-te licença de queimar teus versos;
Não nascestes Poeta, tem paciencia,
Emprega o tempo a lêr as Escripturas,
Os Basilios, Chrysostomos, Gregorios,
Pois é pena, que tendo algum talento
Não saibam teus Sermões a nada d'isto:
Um estylo affectado e corrompido
Não é a phrase simples do Evangelho:
Admiram-te ignorantes, mas aos doutos
Não podes agradar, nem compungir;
Isto de Poesia é bacatella

Propria de outro caracter, de outra edade.
Vê que a aurora do tardo desengano
Já começa a raiar nas tuas fontes.
Deixae ambos de ser alvo das gentes
Quixotes cada um por seu feitio,
E agora, que chega a primavera
Navegae para Antyciras, que tendes
Precisão ambos de tomar o electro
Musa, porque rasão me não concedes
Para encher de vergonha e confusão
A incorrigivel raça dos pedantes
Um espirito egual ao de Cervantes? [1]

Provocou esta Satira uma extensa replica em tercetos, que encontramos attribuida a Theotonio Gomes de Carvalho com outra sua composição elegiaca ao Terremoto. Transcrevemos alguns excerptos, que interessam á historia litteraria:

Tu, magoada tristissima Elegia,
Desgrenhado o cabello, envolta em pranto,
Dos Litteratos chora a sorte impía.

Vê como estende o empestado manto
A isolente ignorancia, a mão da inveja,
Que nos animos vís domina tanto.

Chora o sincero sabio, que deseja
Dos erros no intrincado labyrinto
Achar um fio porque os passos reja.

Vêmos da vida o lume quasi extincto,
E inda ignoramos quanto em torno vêmos,
Eu mesmo ignoro o como penso e sinto.

Para acertar, esforços mil fazemos,
Notam nossas acções, nossos escritos;
Impulso é natural se os defendemos.

---

[1] *Ib.*, p. 467 a 75.

Ainda escuto os descompostos gritos
De graves ecclesiasticos Doutores,
Os dos profanos são quasi infinitos.

Antigos e modernos Escriptores
Tem disputado sempre azedamente
Sem se pouparem aos mortaes rancores.

Dá um Luiz Grande a França o céo clemente,
Raiam Sciencias, vão brotando as Artes,
Alteia-se a disputa de repente.

Já Boileau, já Pérrault, diversas partes
Tomam, defendem, passam logo á injuria,
E tu Alecto o estro lhe repartes.

De Lamothe e Dacier sopra outra furia,
Le Clerc e Huet vão contra Longino,
Não se perdôa ainda a menor incuria.

Ao lêr isso, Rousseau trouxe o destino
Para ferir Voltaire, que outros maltrata,
E alli lavra o veneno mais malino.

De Argens solto, egualmente nos relata
Da republica douta nas Memorias
Que egual paixão a todos arrebata.

Depois da narrativa da *Querella dos Antigos e modernos*, do seculo XVII, e das pugnas litterarias na Grecia e em Roma, ataca a Satira incorrecta de Francisco Xavier Lobo:

Não é de Apollo filho verdadeiro
Esse baixo censor; em vão o pobre
Ladra ao Macedo, em vão ladra ao Monteiro.

O sujo metro seu autor descobre;
Dá-me, oh Phebo, das Musas em defeza
Sonoro verso, para estylo nobre.

Quem de satirisar tomou a empreza
E leis promulga em Satiras, devia
Saber qual é da Satira a belleza.

O grande Horacio já de si dizia,
Que ainda em suas Satiras correctas
Não era proprio o nome de Poesia.

Tosco montão de phrases indiscretas,
De erros grammaticaes, Satira infame,
Tu do nosso Parnaso o ár infectas.

. . . .

Macedo, que as suas obras defendia,
Monteiro, que ás censuras replicava,
Qualquer — discordias evitar devia.

Quem a satirisar te provocava?
Tua soltura voluntaria accusa
O que defeza em outro desculpava.

. . . .

Se a Ode de Macedo é má ou boa
Tu não o entendes, nem para julgal-o
Ha tantos, como crês, ainda em Lisboa.

Se elle é sagrado, deves respeital-o,
Com injurias não hasde escurecel-o,
E ainda erras muito para critical-o.

Um papel, que não veiu á luz do prelo,
Que não é contra os Céos, nem contra o Estado,
Só litterariamente entra em duello.

Tu tens os dos Sonetos censurado,
Que em Letras como tu, nada disseram
Mas nas affrontas vás emparelhado.

. . . .

E' justo que o Monteiro se maltrate,
Pois que os teus máos escritos tem poupado,
Mas não com implicado disparate.

Por Forense dialectico apressado
Tu hoje o taxas, sendo já primeiro
Pelo contrario ha pouco condemnado.

. . . .

Com que, o uso é o rei auctorisado
Para cunhar um termo, ainda que seja
Só por ti, e por outros taes usado?

Se conseguires que essa regra reja
Algarvios, Ilhéos, Beirões, Minhotos,
Não terás ao fallar da côrte inveja.

Dirás que a teu favor tens muitos votos,
Mas, uma giria que lhe poupa o estudo
Por força hade encontrar muitos devotos.

Nem eu sei como já não estás mudo;
Não sentiste os — bixinhos — arranhados
Com tanto verso exdrúxulo e agudo?

Para os termos francezes estanhados
Tens os ouvidos, para Italianismos,
Para os nossos, que ignoras, delicados.

Se o uso nescio cunha Gallicismos,
De antigos mestres o uso auctorisado
Merecer não pode os nossos idiotismos?

Para os termos extranhos de bom grado
Se te abre o ouvido; para as nossas phrases
Cumpre tel-o de bronze bem forrado.

Varias censuras ao Macedo fazes,
Negas a tudo o nome de poeta,
Um só não louvas, nenhuns ha capazes.

Saes então c'uma Satira indiscreta,
Que da lingua, da historia, da poesia
Erro baixo não ha que não cometta.

Deixa cantar os filhos de Thalia,
Compõe tu para *as Musas da Ribeira*,
Espreme as gotas, mette chularia.

....

Sobre a Poesia fazes tanta bulha,
E olhas com mais rancor a mimosa Arte
Que os teus Roldões da Alfama aos da Pampulha.

Chegam do mundo a mui remota parte
As artes do prazer; lá cantam, dansam,
Com outros Phebo dos seus dons reparte.

Sabios ecclesiasticos descansam
Nos braços da poetica harmonia;
Só nescios a accusal-os se abalançam.

Diga a *Romana Arcadia*, se aprendia
De Ottobono e Pamphilio, heroes sagrados,
A sujeitar rochedos á poesia?

Finalmente, a Quixote comparados
São Monteiro e Macedo; oh caso raro!
São Quixotes, e são desafiados?

Aquelle bravo heroe, varão preclaro,
Nunca esperou dos outros desafios,
Buscava elle os encontros pelo faro.

Tu, que alardeas semelhantes brios,
Põe teu nome, responde ao que te noto,
Não deixes tudo aos leitores pios.

Se és lido, se abominas o alvoroto
Cala-te, ou falla em Letras, e não digas
Vis equivocos torpes de maroto. [1]

---

[1] *Poesias varias*. Ms., t. II, p. 476 a 495. No *Ramalhete*, t. VI, p. 394 é attribuida a José Basilio da Gama.

A esta Satira replicou o medico das Caldas Dr. Joaquim Ignacio de Seixas: *Resposta á Satira* — Tu magoada tristissima Elegia, — *Parodia, Camões, Cant. 4.º, Est. 94 e seguintes.* Consta de vinte e uma outavas parodiando o pequeno episodio do Velho de Restello, dirigindo-se a *Matusio*, na ideia de que era Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral o auctor dos tercetos. Transcrevemos algumas outavas:

Mas um velho de aspecto venerando,
Que escutara os Tercetos entre a gente,
Torcendo-lhe o nariz e meneando
Tres vezes a cabeça descontente;
A voz pesada um pouco levantando,
Poz occulos por vêr mais claramente
As trovas que *Matuzio* tinha feito,
E taes vozes tirou do esperto peito:

« Oh furia de rimar! Oh vã cubiça
De ter de máo Poeta o nome e a fama!
A dizer isto o odio não me atiça,
Quem de versos entende assim te chama;
E faz-te n'isso altissima justiça.
Creio foi vicio que bebeste da ama
A dureza com que nos atormentas,
E nos ferreos ouvidos experimentas.

Segue, segue do Fôro a loquaz vida,
Faze punir os crimes e adulterios;
Que a tua eterna prosa é conhecida
Já pelos rabolisticos Imperios;
Vê que do Pindo a ingreme subida
Só te pode cubrir de vituperios,
Em vez de fama e gloria soberana,
Nomes com que seu povo nescio engana.

Da Satira vingar-te determinas
Que te faz apupar de toda a gente;
E são estes os versos que destinas
Para mostrar-te sabio e preeminente?

A taes despezas tens mui fracas minas,
Dou-te um conselho, acceita-o facilmente,
Ou do Patrio Direito arrota historias,
Ou pensa em *macedonicas* victorias.

....

Deixas criar ás portas o inimigo
Por ires buscar outro de mais longe?
Gastas em vão teu portuguez antigo
Pedradas pelo ár deitando ao longe.
Buscas o incerto e incognito perigo
Por que a fama te espalhe e te lisonje,
Fazendo de más rimas larga copia
Quasi em lingua da Arabia ou da Ethiopia.

....

Louco papalvo, moço miserando,
Tens de miolo o caco bem vasio,
Pois a o Povo estas escusas dando
Que não te leva em conta e de que eu rio,
Porém, tenho por ocio o mais nefando
Combater sério c'um poeta frio... »

Isto foi quanto disse o honrado Velho,
O mais, *Matuzio*, agora a mim me toca,
Vendo que não obstante o meu conselho
Sempre a metromania te provoca;
Sei que o teu rosto nada faz vermelho,
Nem rolha ha tal que sirva a encher-te a bocca,
E se em versos sem conto não te alargas,
Vêr-te-hemos rebentar pelas ilhargas.

....

Confesso não ser facil que hoje se ache
Algum varão de estudos tão distinctos,
Nem que saiba mais regras de syntaxe,
Nem que melhor construa os cursos quintos;
Tu sabes a theorica e a praxe,
De fazer *Anagrammas*, *Laberintos*,
Acrosticos retrogrados, e tudo
Quanto sabe um rapaz que anda no estudo.

....

Seja a Satira má ou seja boa,
Ou tenha ou não defeitos mil diversos,
Cinja-me a fronte civica corôa
Em doce recompensa de meus versos;
Elles fizeram, rindo bem Lisboa,
Que inverecundos Satyros perversos
Formassem logo da alliança o pacto,
E tivesse emfim paz o cão c'o gato.

Pouco importam os loucos desvarios
Com que abater meus versos intentaste,
Que tu mesmo lhe deste os elogios
N'essa indigna união que contractaste;
Pois te obrigaram, abatendo os brios
O Idolo incensar que já pizaste;
Nunca no ouvinte fez tal compunção
Uma obra tua, nem um seu sermão.

(*Poesias varias*, Ms., t. VIII, p. 605.)

Correu tambem anonyma uma Satira em forma de Edital, caracterisando o estado da Poesia e extrema mediocridade dos rimadores:

Faço saber a todos os humanos
Máos Escriptores, Poetas medianos,
Como á minha presença tem chegado
Obras feitas de verso sonso e aguado,
Sem mais ficção, mais arte ou mais belleza
Que algum geito a que chamam Natureza;
Que posto na Poesia tenha parte,
De pouco serve sem ajuda da Arte;
Pelo qual já cantou com meu auxilio
Do illustre Gama o portuguez Virgilio;
Louvou Quevedo o Heroe da Mauritana,
Tremeu de Nuno a Gente castelhana,
E outros que gosam já perpetua gloria
No eterno Templo da immortal Memoria.
Elles cantando Heroes assignalados,
Vós, cantando Pastoras e cajados,
Traduzindo Comedias frioleiras,
Fazendo rir as gentes estrangeiras, . . .
Descrevendo apesar dos bons Autores
Termos humildes, phrases inferiores. . .
. . . .

Alli se encontra sempre o sublimado
Camões ingente, n'elles trasladado,
Tão desegual em tudo á phrase sua
Como é do vitreo Phebo a eburnea Lua,
Da Poesia as bellezas transtornando
Com versos máos as moças namorando...

Oh epoca infeliz! Quem tal diria?
Desditosa e infeliz, triste Poesia!
.... papalvos rimadores
Que em pintando do prado as *verdes flores*,
Da *negra noite* o *manto carregado*,
Da *branca aurora* o *rosto prateado*,
E outras cousas caseiras e suadas,
Estão vossas ideias acabadas;
Por cuja rasão só fui resolvido
Que o vosso trovejar seja punido,
Sem fazer distincção d'este ou d'aquelle...

(*Ib.*, p. 616.)

No meio d'esta polemica o nome de *Niceno*, ou do P.ᵉ Francisco Manoel, não torna a ser citado, mas parece que se suspeitava a sua influencia caustica. Pelos seus versos vê-se que conhecia o dicaz Lobo; o despeito d'essas satiras foi uma das causas que cooperaram na intriga para a sua perseguição, como elle o revelara a Sané: «A facção dos ruins consoanteiros, dos Cotins e Pradens portuguezes, facção poderosa pelo numero, pois que ella constituia quasi completamente toda a litteratura, e pelo apoio que ella encontrava em alguns fidalgos e mesmo damas, que levadas para esta ridicula carreira, julgavam assim defender o seu amor proprio, — esta facção ligou-se contra o poeta. Pode-se mesmo dizer, que souberam avaliar a sua esmagadora superioridade; na sua estrêa despertara uma viva e agradavel surpreza; obtivera os

applausos desinteressados e illustres; os invejosos não podendo desconhecel-o, odiaram-o. Pela sua parte o poeta, involuntariamente envolvido n'esta guerra, não recuou. Um nobilissimo orgulho, e sentimento natural das proprias forças exaltaram-lhe o animo; retorquiu a sarcasmos com sarcasmos, dente por dente, não poupando ridiculos d'estes pequenos e perigosos inimigos, exprimindo com franqueza ora acerba ora faceta o seu desprezo pelo miseravel systema de Poesia que elles pretendiam defender. Satisfeito com o exito das suas primeiras escaramuças contra o máo gosto e as falsas pretenções, proseguiu na marcha com um passo firme pela estrada *antiga* para onde o tinha levado muito cedo uma intuição felicissima, um delicado sentimento do bello verdadeiro, e a lucidez do seu espirito.

«Cessou a inveja de escrever, mas não de detestal-o e de o perseguir. E' deploravel confessar que as desgraças de Francisco Manoel começaram com a sua reputação litteraria, e que as vinganças implacaveis de que foi tempos depois victima, tiveram realmente origem nas paixões vís de alguns amores proprios irritados, nos covardes resentimentos d'estes poetastros que elle apenas fustigava pelos seus exemplos. —...os rancores litterarios atiçaram de longe os odios sacerdotaes e politicos sob os quaes succumbiu.» [1]

Filinto descreve em uma Ode a lucta contra o elemento seiscentista, depois já de extincta a Arcadia:

---

[1] *Poésie lyrique,* p. XIII.

Irritado da dôr de vêr zombada
Por insulsos pichotes
A lingua de Camões sonora e pura,
Que nos deu tanto nome,
A phrase nobre e tersa, com que a Castro
Derramava seu pranto,

. . . .

Fui sentar-me cuidoso e magoado
Nas ribeiras do Tejo...
Então em mim fitando a clara Déa
O angelico semblante:
— Filinto, com rasão mui justas queixas
Apaixonado espalhas...
Inda ha pouco Garção, Elpino, Alfeno
Por Apollo animados,
E nos nossos regaços instruidos,
As Lyras receberam
Dos cantores mais altos do Parnaso...
E as Musas, que corridas
Da rançosa academica cohorte
Fugiram enojadas,
Que de mil semi-vates aprosados
Escuros e espinhosos,
Desdenharam influir os *Anagrammas,*
Acrosticos, Enigmas,
Ou goticos, freiráticos *Conceitos,*
Já canoras do Pindo
Vinham descendo a bafejar os Hymnos
Dos viçosos alumnos,
Nos gregos prados, nas latinas veigas,
Medrados co'a cultura
Do apurado saber, ferrenho estudo...
Eis que de negros Corvos
Um bando iniquo em torno d'elles grasna
Invejoso, molesto,
Moteja a lingua d'aspera e de antiga;
De sentido enleado;
Acha bronco o Camões, charro o Ferreira;
Camões! a nossa gloria,
Por quem somos só lidos e estudados
Nas terras estrangeiras!
Erguem no povo rude alto ruido
Contra os novos Orpheos.

Até aqui Filinto referia-se á lucta com o elemento seiscentista excluido da *Arcadia lusitana*, pondo esta notá: « Ne pouvant entrer dans le sanctuaire des Lettres, ils vomissent des blasphemes contre les pontifes.» E apresentando o convite para ferir pelo ridiculo essas gralhas, consigna a referencia ás satiras virulentas de Antonio Lobo de Carvalho:

— Mas tu podes
Novo Boileau severo,
Cortar Scuderis, Cottins, La Serres,
Descoser seus escriptos,
Ou novo *Lobo*, de engraçado pico,
Pôl-os tão despreziveis
Que nem os olhos levantar se atrevam
Para os que os sons mellifluos
Anciosos bebem na agua do Parnaso,
Alta esperança lusa.»

(*Obras*, I, 345.)

Em uma Epistola *A Filinto*, a famosa *Alcipe* allude á traducção da *Pharsalia* de Lucano, que elle começara, e á lucta de satiras virulentas em que se envolvera:

Como pagas, Filinto, ao gentil sexo?...
Ah! que inda ardentes lagrimas me banham
O rosto descórado pelo susto.
A lyra que cantar devia os Numes
Canta os erros das Tágides sinceras?
E as grinaldas virentes de assucenas
Com sêcca mão a Satira desfolha?
Ah, Filinto, piedade! não, não roubes
Em versos immortaes, a immortal nuvem
Com que abafa a Cautella melindrosa
Do travesso Cupido insanos fructos.

Mas tu, longe de ti, nada me escutas,
Ao furor da Poesia o peito aberto,

Agitado, arquejando, communica
O fogo que te abrasa, ao verso altivo:
A torrente de ideias pullulantes
D'essa mente fecunda, onde combatem,
D'onde opprimidas, férvidas se expulsam
Variadas pinturas da desordem,
Prodigamente aos olhos teus presentam.
Do enthusiasmo ardente conduzido
Ergues o panno á scena pavorosa,
E arrazando segredos, me recordas
A ousada mão de Cesar derrubando
A Floresta dos medos, respeitavel
Ao Druida, que a investiga desmaiado.
Dos Mysterios, que aos Lusos hoje escreves,
Desviarão os olhos temerosos
Os heroes que a nação inda celebra...

(v, 248.)

A exuberancia de Odes e Epistolas metrificadas em 1775 para a Elevação da Estatua equestre, formando essas vastas collecções, a que allude Nicoláo Tolentino, forneceu um thema fecundo para a effervescencia das Satiras pessoaes, tornando-se no fim do governo do Marquez de Pombal um prolongamento da *Guerra dos Poetas*. Filinto tambem escrevera forçado uma Ode, que pezou gravemente na balança do seu destino.

O terrivel poeta satirico Antonio Lobo de Carvalho, que nos seus Sonetos algumas vezes obscenos deixou a estampa viva dos ridiculos e crimes da sociedade portugueza na epoca do Terror da Inconfidencia pombalina, e do Rigorismo do reinado de D. Maria I, dirigiu em um Soneto duros chascos—*A' alluvião de máos versos, que appareceram por occasião da Inauguração da Estatua equestre.* Começa:

Trovejando os Poetas da manada,
Veiu uma grande chuva, e muito fria
De versos, que nos campos da Poesia
Mui grande perda fez com a enxurrada.

Mandou Phebo chamar toda esta asnada
Para os corrigir d'isto, e da ousadia
De fallarem na Estatua, que devia
Por elle unicamente ser cantada. [1]

Fecha o Soneto com uma chulice; provocou uma resposta pelos mesmos consoantes, que foi attribuida a Domingos Monteiro de Albuquerque, e tambem ao Engenheiro capitão Manoel de Sousa; eil-a:

Oh tu, que tambem és d'essa manada
Dos Poetas, que em má locução fria
Mil estragos fizeram na Poesia,
Vomitando mil versos de enxurrada;

Tu, que augmentas a corja d'essa asnada,
Tendo tambem como elles a ousadia
De cantar uma acção, que só devia
Por Homero ou Virgilio ser cantada.

Quando teus versos li centos a centos,
Gralha me pareceste vir da esquerda,
Entre os cysnes cantar teus pensamentos...

O dicaz Lobo cahiu a fundo sobre Monteiro e Manoel de Sousa; diz que anda derramado por varios sitios o miolo d'aquelle e o do sordido Engenheiro:

---

[1] *Poesias varias*, Ms., t. II, p. 191. (Em nome de Francisco Xavier Lobo). Vem nas *Poesias joviaes e satiricas*, p. 92, ed. Innocencio, com variantes.

E julgam de Poetas? São bem patos
Á ..... manda-os o livreiro,
Quita, Alvarenga, Pedegache e *Mattos.* [1]

E atacou tambem em outro Soneto *As Obras em prosa, que na mesma occasião se publicaram* celebrando a elevação da Estatua; ahi fere o Grupo da Ribeira das Náos, annos antes verberado por Garção por causa dos abusos dos archaismos ou a «droga da antigualha»; começa o Lobo:

Completa dos Poetas a visita
Voltou Apollo a visitar a prosa,
Entra a revêr a historia volumosa
De Barros, a quem Brito louva e imita.

Leu a anonyma *Carta* feita *ao Quita* [2]
E escriptos mais da puritana troça,
Pinto, Palma, Garção, Bandeira e glosa,
Phrase do Sousa, que por Barros grita.

Gostou muito dos termos puritanos,
Louva as obras, porém sómente emenda
Dicções, que tinham já centenas de annos.

Quero dizer, que ao uso só se attenda;
E Clio notifique aos taes maganos,
Não usem phrase que se não entenda.

Nicoláo Tolentino, na satira *O Bilhar* tambem descreve essa lucta dos Poetas dos Outeiros e das Odes emphaticas eriçadas de archaismos e de mythologia. Elle conheceu Antonio Lobo de Carvalho, a quem cita nos

---

[1] *Poesias joviaes e satiricas,* p. 94.
[2] Vid. *Arcadia lusitana,* p. 522.

seus versos, e parece retratal-o nas seguintes outavas:

Mais ao longe, com palida viseira
Sujo poeta está vociferando;
Da nojosa, empeçada cabelleira
Varias pontas de palha vem brotando.
Os papeis, que lhe pejam a algibeira
Vão pelo fôrro larga porta achando;
Faz da véstia camisa; e é collarinho
Torcido, solitario pescocinho.

Fôra cem vezes em nocturno Outeiro
Da sabia Padaria apadrinhado;
E diz-se que glosava por dinheiro,
Mas creio que até aqui não tem cobrado.
Seguindo em moço o officio de barbeiro,
E das filhas de Jove namorado,
Abriu ao mundo asperrima batalha
Tanto co'a penna, como co'a navalha.

Fallou por affectar musa campestre
Em surrão e cajado muitas vezes;
Era flagello este tyranno mestre
Dos ouvidos e faces dos freguezes.
Todos os versos leu da *Estatua equestre*,
E todos os famosos Entremezes
Que no Arsenal ao vago caminhante
Se vendem a cavallo n'um barbante.

De cansada, rançosa poesia
Grosso volume na algibeira andava;
Em vendo gente, logo lá corria,
E o fatal cartapacio lhe empurrava;
Acrosticos, Sonetos repetia,
Que só elle entendia e só louvava;
Punha em prosa tambem muita parola,
E acabava por fim pedindo esmola.

Depois d'este retrato tirado do vivo, dando-nos o typo de Antonio Lobo de Carvalho, expõe as suas doutrinas poeticas, motejando assim indirectamente das Odes horacianas e

do estylo archaico, que caracterisava o chefe do Grupo da Ribeira das Náos:

« Debalde (diz) o povo vil, perverso
Sobre mim descarrega tiros rudos;
Que eu não só sou poeta desde o berço,
Mas tambem tenho solidos estudos.
Sei que syllabas leva cada verso,
E não misturo graves com agudos;
Rompi Outeiros em Sant'Anna e Chellas,
Chamei sol á prelada, ás mais, estrellas.

Co'as sonoras palavras *Pindo* e *Plectro*
Ponho em meus versos locução divina;
E sei, para cumprir as leis do metro
Quanto a historia das fabulas me ensina;
Sei que dos céos tem Jupiter o sceptro,
Que nos infernos reina Proserpina;
A' madrugada sempre chamo Aurora,
Sempre chamo a um jasmim mimo de Flora.

Sei de certo em que tempo viu ó mundo
Filhos da terra os quatro irmãos gigantes;
Sei finalmente conhecer a fundo
O que são *consoantes* e *toantes;*
Sei tudo; e unicamente me confundo
C'uns taes versinhos, que eu não via d'antes,
Aos novos ursos todo o povo acode,
O estylo é sybilino, o nome é *Ode.*

Fazel-as eu, não posso, nem desejo,
Porém, sei conhecel-as facilmente:
Co'as verdes mãos o serpeado Tejo
Alça o trilingue mádido Tridente;
Mas que Gorgona filtra? eu vejo, eu vejo...
Em dizendo isto, é Ode certamente.
E' filha d'arte a escuridade d'ellas,
E' um preceito das *desordens bellas.*

As taes poesias, que a entender não chego,
Podres palavras tem desenterrado;
Se levam nó, é tão occulto e cego
Que quem quer desatal-o vae logrado;

Dizem que imitam n'isto um certo grego,
Gloria de Thebas, Pindaro chamado;
Se isto é assim, a sua lingua de ouro
Seria grega, mas fallava moiro.

Quatro rapazes estendendo o panno
Deixam as gentes ao redor absortas;
Fallando em Venusino e Mantuano,
As Musas portuguezas põe por portas;
Aprendendo francez e italiano
E umas taes linguas a que chamam mortas,
Trazem com ellas perigosas modas;
Mas ainda bem que eu as ignoro todas.

Diz um sabio, que o seculo presente
Ia emendando os erros do passado;
Mas que das Odes á infeliz corrente
Tinha a lingua outra vez estropeado;
Que amontoam com mão impertinente
Quantas palavras velhas tem achado;
Que se envergonham das que usamos todos,
E vão buscal-as muito além dos Godos.

Como a caruncho e podridão condemna
A licção affectada dos antigos,
Não leio Barros, Sousa, nem Lucena,
Por que sempre foi bom fugir dos p'rigos;
Ou sempre escreveu mal a sua penna,
Ou nunca os lêram bem os taes amigos;
E por cautella arreda bolorentos
Ginjas fataes do tempo de Quinhentos.

Não podem crêr os genios lusitanos
Que as modas como as vidas são pequenas;
Que já murchou esse estro dos Romanos,
E influem sobre nós outras Camenas;
Que o tempo tragador, volvendo os annos,
Fez cahir Roma, fez cahir Athenas;
Que jaz no pó a *Illiada* envolvida,
E que alça a frente a *Phenix renascida.* [1]

---

[1] *Obras completas* de Nicoláo Tolentino, p. 278 a 281. (Ed. Torres.)

Muitos dos truques d'esta Satira referem-se evidentemente a Antonio Lobo de Carvalho, que misturava no verso solto os graves com os agudos, que evitou a fórma das Odes, e proclamava o imperio absoluto do uso no gosto e nas modificações da linguagem, e que nos seus Sonetos pedia esmola aos fidalgos. O auctor do *Bilhar* servia-se d'este Pasquino para por detraz d'elle vibrar algumas chufas de auctoritario mestre de Rhetorica contra os *quatro rapazes*, do Grupo da Ribeira das Náos, que estudavam os poetas francezes e italianos, renovavam os archaismos da linguagem, e representavam a espontaneidade por uma *desordem bella*.

Sómente no fim da vida é que Filinto fez uma referencia directa a Tolentino a par de um outro poeta satirico da Guerra dos Poetas Dr. Joaquim Ignacio de Seixas:

> Sim, se eu podesse emparelhar ao menos
> C'um *Seixas* no engraçado e no festivo,
> C'um *Tolentino*, que diverte e instrue...
>
> (*Obras*, I, 420)

A inauguração da Estatua equestre em 6 de junho de 1775 foi o ultimo lampejo da omnipotencia do Marquez de Pombal; dois cardeaes, outo bispos, com os grandes do reino e todas as entidades officiaes, tropas e duzentos mil espectadores enchiam a Praça do Commercio, onde o rei com a familia assistia á sua glorificação. Além das illuminações, banquetes e representações scenicas, foram publicados numerosissimos folhetos com Odes emphaticas por todos quantos em Lisboa sabiam fazer versos; os pombalistas e não pom-

balistas viram-se forçados a metrificarem n'esta apotheose. Pelas suas intimidades com a familia do Marquez de Alorna, preso no carcere da Junqueira, não era muito natural que *Filinto* se sentisse com inspiração para celebrar em verso o faustoso acontecimento; mas a respeitosa dependencia para com o Bispo de Beja D. Frei Manoel do Cenaculo, collocava-o na situação forçada de trovar com os demais metrificadores. Algumas pessoas se admiraram de vêr entre a caterva de papeis volantes a *Ode á feliz inauguração da Estatua equestre do fidelissimo rei de Portugal Dom José I.º No dia 6 de Junho de 1775.* Em uma nota, escreveu Filinto passados muitos annos: «Esta Ode, que foi feita e mandada imprimir para o dia da tal função, sahiu da imprensa tão deformada, que eu mesmo a não conheci. *Louvores dados sejam a quem me fez essa mercê.* Foi fortuna minha ficar-me na pasta o borrão, pela qual a tirei a limpo tal qual ella ahi vae...» (*Obr.*, v, 189.) Vê-se que Filinto reconhecera que o tinham mettido em difficuldades. Dona Leonor de Almeida *(Alcipe)* magoou-se com o conhecimento da Ode, e escreveu uma Epistola *a Filinto — A respeito de uma Ode que lhe mandaram fazer, e fez ao Marquez de Pombal.* Lêem-se ahi estas estrophes cheias de resentimento:

Não te esqueça, Filinto, o acerbo caso...
Lateja-me no peito um fogo intenso,
Se esperdiças as joias do Parnaso,
Dando ao tyranno o teu sublime incenso.

Bem sei que as Musas quando vão comtigo
Em cativeiro, afflictas, algemadas,
E' por salvar-te só de extremo p'rigo
Que soffrem vêr-se assim tão degradadas.

Porém tu, que és por ellas escolhido
Para em verso divino honrar verdades,
Receia que o futuro espavorido
Te accuse de infiel ás divindades.

A fortuna usurpada é que hoje toma
Direitos que á innocencia o céo concede;
A fraude, a crua fraude afoita doma
Almas a quem justiça a rasão pede.

Assim, qual nova Euménide, a impostura
Cruelmente de um fero açoite armada,
D'esta terra infeliz toda a ventura
Fez voar, contra os Céos arremeçada.
. . . .
Mas, se um Vate sublime, revolvendo
Da escura antiguidade os casos varios,
Em Socrates Anitos convertendo,
Chama a Sejamos Solons, Belisarios;

Que fructo tira o justo quando grita?
A cadêa dos erros dilatada,
Fabricada por homens, necessita
Ser por força de um Deus despedaçada. [1]

Alcipe inspirava-se na verdade do sentimento, vendo Filinto, testemunha das monstruosas iniquidades do Marquez de Pombal, celebrar o rei — Adorado dos bons, *dos máos temido,* — e invocar uma das Tagides, para bordar em um quadro, em que o rei:

Calcando com pé firme asp'ros abrolhos
Do *malevolo embuste,*
Saia radioso do vencido assalto.

---

[1] *Obras poeticas* de D. Leonor de Almeida, etc., t. I, p. 232.

Depois da queda do Marquez de Pombal, e no periodo da *viradeira*, essas palavras haviam de ser tomadas em conta a Filinto; tanto mais que a alluvião dos versos á Estatua Equestre se tornou objecto das mais virulentas satiras. Parece que os versos foram a origem do odio que determinou a denuncia á Inquisição, como escreve Sané: «A trama urdia-se a occultas; desvendou-se por *uma circumstancia tão pequena*, como essas ridiculas pretenções litterarias que outr'ora lhe suscitaram os seus primeiros inimigos. Elle teve uma discussão vivissima com um personagem de alta categoria...» E embora não declare o nome do fidalgo, pelas referencias particularissimas se conhece ser o Marquez de Alorna, pae de *Alcipe*.

No esboço biographico que acompanha as Poesias da Marqueza de Alorna descrevem-se os Outeiros que se celebravam no Convento das Albertas em Chellas: «Estavam n'aquelle tempo muito em moda os chamados *Outeiros*, pela côrte e particularmente nos conventos; e além dos socios da *Arcadia*, havia muitos e bons poetas, entre os quaes se distinguia Francisco Manoel do Nascimento com o nome de *Filinto*... Este e os seus amigos começaram a encaminhar-se para Chellas, repetindo ahi os seus versos, pedindo Motes ás freiras, esperando n'essas occasiões encontrar esta Senhora e ouvil-a n'alguma grade. [1]

---

[1] O auctor da biographia fingia ignorar as anteriores relações de Francisco Manoel com a familia do Marquez de Alorna.

«Com effeito appareceu, brilhou e confundiu alguns dos seus admiradores. Data d'ahi o nome de *Alcipe* com que elles a celebraram e com que ficou sendo conhecida entre os Poetas portuguezes; assim como pelo de *Daphne* sua irmã a senhora D. Maria d'Almeida, que foi depois condessa da Ribeira.» Os poetas que então frequentavam os Outeiros poeticos e as grades do convento de Chellas eram além de Francisco Manoel, o Dr. Sebastião José Ferreira Barroco, conhecido n'esse pequeno grupo pelo nome de *Albano*, o Dr. Ignacio Tamagnini com o nome de *Alceste*, e os dois religiosos Frei José do Coração de Jesus, missionario de Brancanes, conhecido pelo nome arcadico de *Almeno*, e Frei Alexandre da Silva, que foi bispo de Malaca, e usava o nome arcadico de *Silvio*. Este douto padre, seu confessor, obstou a que D. Leonor de Almeida com pouco mais de quinze annos professasse; ella lhe dirigiu algumas composições poeticas. Lê-se na referida biographia: «A este Padre de juiso, tambem poeta e *socio da Arcadia portugueza*, dirigiu a sua confessada a Epistola que principia:

> Quem me diria, oh Silvio, que moravam
> Comtigo as bellas Nymphas do Permesso,
> Quando austeras ideias nos privavam
> Do prazer de sentir-lhe ou dar-lhe o preço?»

Respondia a uma Epistola de *Silvio*, que a animava a cultivar a poesia, dizendo-lhe:

De teus sons á divina suavidade
Ministre assumpto a varia Natureza
Mais digno Canto o Sol, a actividade
Dos seus raios ardentes que a viveza
De teus esgares rastrear presume... [1]

O árcade *Silvio* convidava o erudito poeta didactico Antonio Ribeiro dos Santos (*Elpino Duriense*) a frequentar as grades de Chellas; e por uma carta inedita d'este se vê que lhe não quadrava ao seu temperamento aquella suggestiva graciosidade. Embora sem o nome do destinatario essa carta era dirigida ao seu intimo amigo Fr. Alexandre da Silva:

«Queixas grandes dá de mim a Senhora D. Leonor, porque não appareço na sua companhia, e vós m'as repetis em ár de compaixão por mim que estou perdendo tanto bem. Que quereis que faça? Heide dizel-o, bem que por ventura o não gosteis pelo muito que a amaes: appresenta-se com um livro de suas poesias; lê-as, e a cada verso espera os meus applausos; eu não os posso dar a todos, e não os sei dar a nenhum; canso-me quando os louvo, canso-me quando os não gabo; e no fim de tudo saio mais moído que salada, e venho para minha casa doente para dois mezes. Já ficaes sabendo por que não frequento esta assembleia; se comtudo julgaes que o faço por ser gothico, julgae-me embora como quizerdes, comtanto que me deixeis viver a meu sabor, e escapar das causticações de Leonor, e do livro de seus versos. Estou ha muito com Juvenal:

---

[1] *Obras poeticas*, t. I, p. 213 e 215.

mentiri nescio: librum
si malus est, nequeo laudare et poscere

e se quereis que vol-o diga com um dos Poetas francezes, de que muito gostaes:

Je ne sai ni tromper, ni feindre, ni mentir.

BOILEAU, *Satir.* I.»[1]

Os Outeiros dos abbadessados eram um dos mais fortes estimulos para o desenvolvimento da metromania. Filinto, frequentou na mocidade estas tertulias talvez por ser amigo de doce, gosto que na edade de outenta e dois annos assoalhava como persistente. Ao soneto de *romper outeiro* em abbadessado poz a nota: «Os Outeiros de Abbadessado são as forjas da mais impudente lisonja; por acêrto, e sem animo de tal, se diz n'elles a verdade. Assim sabem todos o que é um soneto a uma abbadessa, que de ordinario não são meninas nem moças. Eu por mim o digo, por mais que lhes queria dar um reboco prasenteiro, sempre a imaginação me pintava uma Abbadessa com oculos no nariz; e um diurno entabacado nas mãos.»[2] Emquanto

---

[1] Ribeiro dos Santos, *Manuscriptos*, vol. 130, fl. 169 v.: *Carta sobre não apparecer na assembleia de uma Senhora poetisa.* Sobre *Almeno*, ibid., fl. 49 e 58, em que Ribeiro dos Santos falla das suas composições poeticas.

[2] *Obras*, t. I, p. 365. Em uma collecção de poesias manuscriptas encontramos essas trovas da eleição de um abbadessado em Chellas:

Sobre a eleita Prelada
As Graças vejo descendo.

Filinto frequentou esse meio freiratico, em que existia uma linguagem especial, cultivou tambem a metrificação dos acrosticos, anagrammas, enigmas e consoantes forçados; dando uma amostra d'este genero, vestigio do decahido seiscentismo, diz: « Ajudou-me porém muito com seus conselhos um Padre Mestre Capucho, que toda a sua vida empregou em finuras predicaveis, e em Acrosticos de enigmas. Elle mesmo me tinha dado o motte, para tomar o pulso ao meu talento; e com effeito, não se descontentou da glosa, que quasi comprehendeu do primeiro lanço de olhos.» [1]

Nas Obras poeticas de D. Leonor de Almeida *(Alcipe)* encontra-se um Soneto *A Filinto, sobre a Ecloga dos Pomareiros*, no qual se acha o fio da intriga amorosa que animava os Outeiros do convento de Chellas. Lê-se em uma Nota da auctora: « Quando fiz

---

GLOSA COM COLCHÊA

Lá d'essa esphera azulada,
Lá d'esse empyreo céo,
Fortuna e graça desceu
Sobre a eleita Prelada.
E' Chellas hoje exaltada,
Como claro se está vendo,
Por se achar aqui regendo
Thereza este mosteiro,
Sobre o qual todo inteiro
As Graças vejo descendo.

(*Poesias varias*, Ms., t. VIII, 234.)

[1] *Ib.*, t. I, p. 403.

este Soneto estava muito doente, sem esperança de vida.»[1] Contava ella então *quatro lustros*, vinte annos, como declara no Soneto a El Rei. A referencia á Ecloga *Os Pomareiros*, é preciosa:

Apenas de *Filinto* a voz divina
Fere alegre o selvatico terreno,
Calam-se as Musas, 'té se cala Alfeno,
Que o grande vate todo o Pindo ensina.

Brilha suspenso o delphico luzeiro;
Doce aroma, que os áres embalsama,
Gira em torno do sabio Pomareiro;

E Alcipe absorta, bem que o assumpto tema,
Faz resoar no monte sobranceiro
Do rouco cysne a voz talvez extrema.

Passava-se isto em 1770. O bacharel Domingos Maximiano Torres, *(Alfeno Cynthio)* que frequentava as grades de Chellas e sabia dos amores de Francisco Manoel por Dona Maria de Almeida *(Daphne)* e do Dr. Sebastião José Ferreira Barroco por D. Leonor de Almeida *(Alcipe)*, teve a ideia de celebrar em uma Ecloga este episodio galante, aproveitando um incidente para um *Carmen amebeum.* Fôra dado o verso — *Amor ao mundo dá, doce Amor gera*, de um dos córos da tragedia *Castro* do Dr. Antonio Ferreira, para ser glosado pelos dois poetas apaixonados. Alfeno preparou a situação bucolica, compondo a Ecloga *Os Pomareiros*, na qual intercalou os versos das glosas de *Filinto* e de *Al-*

[1] *Obras poeticas*, I, 36.

bano; elle os convida a revezarem o canto campesino:

Antes em novas rimas sonorosas
Descantae nossas deusas tutelares,
Alcipe e *Daphne*, mais que o sol formosas;

A quem humildes sobre os seus altares
Offertamos, apenas raia a Aurora,
As maduras primicias dos pomares.

. . . .

Nada temaes; que o seu poder divino
E' capaz de elevar 'té ás estrellas
O vosso humilde verso campesino.

Se os seus olhos brilhantes, e se aquellas
Faces mimosas contemplaes na mente,
A graça, o brio e as loiras tranças bellas;

Vereis as santas Musas de repente
Dar-vos a sua doce melodia,
Crear em vós um novo engenho ardente.

Já tu o experimentaste, *Albano*, um dia,
Quando em louvores seus a voz alçando,
(Aquella voz, que ainda mal se ouvia)

Tão altamente foste modulando,
Que absortos se calaram os Pastores;
E não sei que entre dentes murmurando.

Logo ao numero honrado dos cantores
Te agregaram os nossos Pomareiros,
E as nymphas te coroaram d'hera e flores.

Alterna-se o canto em Outavas, em que Sebastião Barroco e Francisco Manoel glosam o verso da tragedia *Castro*, confessando o seu amor a cada uma das gentis irmãs, então prisioneiras de estado:

ALBANO:

Se *Alcipe* canto, a bella Alcipe invoco:
Esta frauta me deu, com que fiado
Rustico sim, porém sincero toco
Seus louvores no meio d'este prado;
Mal seu nome repito, eis que provoco
Os Satyros do fundo do silvado;
Seu nome humilha a mais bravia féra,
Amor ao mundo dá, doce amor gera.

FILINTO:

Formosa e meiga *Daphne*, differente
D'esta Daphne que a Phebo foge esquiva,
Tu, alumna das Musas, sê contente
Inspirar em meus versos chamma activa;
Accenderei em teu louvor a gente,
Que de te ouvir e vêr o fado priva,
Teu rosto, em que Amor poz de Amor a esphera,
Amor ao mundo dá, doce amor gera.

Cada um dos poetas continúa a glosa em mais cinco estrophes; e são essas Outavas do numero das poucas composições poeticas conhecidas de Sebastião José Ferreira Barroco; n'ellas confessava *Albano:*

Alcipe, ou solte ao ár a voz mimosa,
Ou toque a doce lyra, entretecendo
Loiros cabellos com a corôa d'hera,
Amor ao mundo dá, doce amor gera.

Filinto mostra-se mais exaltado por *Daphne*, e isso explica a belleza de um grande numero de Madrigaes e Sonetos affogados debaixo do pezo das suas imitações horacianas e satiras discursivas:

Mais que os alvos narcisos *Daphne* alveja,
Córou mais que as maçãs melhor córadas,
Nos seus olhos, que são do sol inveja,
Tem o seu throno as Graças delicadas.

Daphne, se em brando verso Amor festeja,
Ou da irmã as tranças delicadas,
(Que Amor captivam) em louvar se esmera,
Amor ao mundo dá, doce amor gera.

Daphne, faz rebentar n'alma mais fria
Fertil messe de férvidos amores. . . .

Eu amo só o espirito divino
Da bella *Daphne*, a quem mil cultos rendo . . .

A Ecloga termina com os tercetos de *Alfeno*, que se calara para escutar os dois cantores; emprega a imagem:

Qual no fertil Agosto a escassa chuva
(Quando no céo aponta a fria Aurora)
Ao verde figo e á dourada uva;

Tal me foi a harmonia encantadora
Com que a engraçada *Alcipe* e *Daphne* bella
Celebrastes em doce verso agora. [1]

Não é indifferente este episodio dos dias prolongados de Chellas; por elle se comprehenderá o sentido de muitas poesias intimas de Francisco Manoel, e o mysterio que envolveu a sua desgraça. A combinação de referencias vagas dos poetas contemporaneos colloca-nos em fóco luminoso um certo numero de successos mais eloquentes do que todas as confidencias de uma autobiographia.

---

[1] *Versos* do Bacharel Domingos Maximiano Torres, pag. 121 a 131. Em uma epoca de perseguições Alfeno dirigiu em Memorial um Soneto *A' Illustrissima e Excellentissima Senhora D. L. d. L. C. de O.* (D. Leonor de Lorena, Condessa do Oyenhausen) e outro a *D. M. d. L. C. da R.* (D. Maria de Lorena, Condessa da Ribeira (p. 60 e 61) com os nomes de *Alcipe* e *Marcia*.

Os dois poetas, *Filinto* e *Albano*, dirigiam os seus exaltados versos ás duas gentis irmãs *Daphne* e *Alcipe;* confessavam-se mesmo namorados d'ellas. D. Leonor de Almeida falla dos dois poetas com enthusiasmo na Ode *A Filinto e a Albano, a respeito dos seus versos:*

> *Albano*, em cuja voz as Musas fallam,
> Em cujos beiços canta Philomela;
> *Filinto*, que em seu vôo Pindaro alcança
> Quando as palmas o adornam.
>
> ....
>
> Nos ignotos segredos de meu peito,
> Onde sopra tristeza seu veneno,
> Descer vêde, guiado das cantigas,
> O suavissimo alivio.
>
> ....
>
> Não receies, *Albano*, que na Thracia
> Haja cantor que só tal gloria obtenha,
> *Se abrandaes de meus damnos a dureza,*
> Já fica Orpheo vencido... [1]

Esta paixão incipiente em um coração de vinte annos foi truncada por um despacho que nomeou Sebastião José Ferreira Barroco Juiz de fóra para a Bahia. Alcipe escreveu uma Ode *A Albano partindo para o Ultramar, aonde ia exercer um emprego da magistratura*, imitação horaciana da Ode á partida de Virgilo. [2] E dirige uma outra Ode *A Filinto*, «Para saber se já tinha partido *Albano...*»:

---

[1] *Obras poeticas*, t. I, p. 175.

[2] *Ibid.*, p. 178.

Ah, *Filinto*, que tristes me retinem
Dos nauticos as vozes clamorosas!
Aqui resôa o golpe que vibraram
Sobre a forçosa amarra.

Quantas vezes choroso, memorando
A patria, volverá suspenso *Albano*
A vista para os céos de novo aspecto,
Que adornam novos signos!

. . . .

Mas onde vou, Filinto! a dôr ferina
Qual elastico pômo, em mim reflecte
A dôr que despedaça dos amigos
Os corações sensiveis.

Volver a mente afflicta a novo objecto
E' difficil no seio da amargura:
Mas a austera rasão conduz a ideia
Após o frouxo alivio... [1]

Filinto respondeu com outra Ode, em que fálla com enlêvo de *Daphne*, sua dilecta inspiradora:

Albano não partiu, mas breve parte;
Gosal-o-ha pouco tempo a Lysia terra,
Que alargando chorosa os tristes braços
Prepara as despedidas.

. . . .

Já de *Filinto*, *Alcipe* e *Daphne* os peitos
Ameaçados da imminente ausencia,
Estremecem aos ululantes pios
Das assanhadas furias.

Tu tens, *Alcipe*, o teu *Alceste*, e *Almeno*,
Com que abrandas os golpes da saudade;
Ai do triste *Filinto*, se o seu pranto
Lh'o não enxuga *Daphne*.

---

[1] *Ibid.*, p. 181.

Enxuga, oh *Daphne*, as lagrimas causadas
Que abrem nodoas no descórado rosto,
Sejam teus versos lenitivo á chaga
D'este rasgado peito.

. . . .

Começa a condoer-te de meu pranto,
Afugenta este bando famulento
Que me agoiram centenas de desgraças
Quaes nojentas harpias. [1]

E' interessante esta Ode pela estrophe final, em que o poeta presente a futura desgraça pela denuncia dos Padres de Rilhafolles. E se seria por este amor de *Daphne!* Uma Ode de Filinto, em que ao nome de *Albano* põe a nota: «O senhor Desembargador Sebastião José Ferreira Barroco» celebra a partida do namorado de *Alcipe*, e os agradaveis dias de Chellas:

Com olhos não enxutos, caro *Albano*,
As Tágides tristonhas
Te verão arrancar do seu regaço

. . . .

E tu, perdido o amor á patria, a *Chellas*
(A *Chellas* saudosa!)
Contra o gosto de irmãs, e dos amigos,
Nos pinhos voadores
Co'as pandas azas ao galerno francas,
Desamoroso *Albano*,
Irás, rompendo as costas de Neptuno,
Ver a curva Bahia.

. . . .

[1] *Ibid.*, p. 184.

A mui formosa *Alcipe* descorada
C'os *sôpros da doença,* [1]
Cansada chamará o sêco *Albano*
Quando lêr seus poemas.
Quem fará resoar em roda os montes
C'os louvores de Alcipe,
Quando os applausos da Prelada eleita
Em nocturno Parnaso
Pozeram franca a contumaz janella, [2]
Côro das Musas lysias.
Não ouviremos mais como *arrancava*
Alcides o membrudo
O ladrador trifauce a bocca abrindo
D'entre as exiles sombras.

---

[1] Pode fixar-se esta doença em 1770, segundo o soneto *A El Rei, estando eu muito doente em Chellas:*

Quatro lustros passados na amargura,
Comprehende sómente a minhá edade;
Entro no quinto, e mais na sepultura.

Ah, consente, Monarcha, por piedade,
Que a mão paterna beije com ternura;
Mate o gosto quem morre de saudade.

(*Obr. poeticas*, I, 34.)

E em um Soneto a Filinto poz a nota: «Quando fiz este Soneto estava muito doente, sem esperança de vida.» Em um Idylio poz Alcipe esta rubrica: «Quando, pela molestia de peito que então soffria, me desenganaram de que não tinha remedio em quanto estivesse em Chellas, e havia inteira impossibilidade para mudar de sitio.» (*Ib.*, p. 135.)

[2] Em uma nota a este verso explica Filinto: «A inveja, a superstição, a tyrannia formaram culpa de um innocente divertimento; prohibiram por longo tempo a *Alcipe* e *Daphne* chegarem a uma janella conventual, para d'alli darem mottes a Poetas escolhidos, e d'ahi veiu o epitheto de *contumaz* á tal janella.» *(Obras completas* de Filinto, t. V, p. 151.)

Nem como a *Pythonissa rabeando*
Na trípode sagrada...

. . . .

Gloria de Elysia, gloria do alto Pindo,
Formosa e douta Alcipe,
Não terás quem te diga: — *Se estou triste,*
Mal volto á mente a vista,
Transtorno-me de triste em ser contente.

E em nota: «Toda a letra (aqui) *grypha* pertence a Sonetos d'esse Outeiro de Chellas.» E termina a Ode consolando-se por poder louvar *Daphne* em seus toscos versos. Antes d'este nome poetico de D. Maria de Almeida, era com o de *Marcia*, que elle a celebrava mysteriosamente:

Qual corrente de lympha cristalina
Dos alpestres rochedos debruçada,
Beija a raiz da faia levantada,
Salpica a folha á rosa purpurina;

Já rasgando em meandros a campina,
Ora foge, ora volta, ora abraçada
C'o pé do tronco amante, remansada
Se demora, que Amor assim lh'o ensina;

Tal desce a minha *Marcia* aquelle outeiro,
Mais candida que a spuma da corrente,
Vindo a *Filinto, seu amor primeiro*;

E ora esquiva, ora meiga, me consente
Ou nega um beijo, um furto aventureiro,
Reclinada em meus braços brandamente.

(*Obras*, IV, 343.)

Ao vêr rodar no céo a argentea lua,
E os claros lumes marchetar a esphera,
Lembram-me as mansas noites
Bafejadas dos mimos saborosos
Com que me prendeu *Marcia*,
Na quadra mais feliz da edada minha.

(*Ib.*, IV, 273.)

Não era sómente para experimentar a penna aparada que Filinto escrevia versos; Sané faz uma vaga revelação, que nunca foi comprehendida: « *O amor completou o despertar d'este talento*, que devia honrar a sua patria. Elle compoz primeiramente alguns romances que não tinham outro merito senão o de um *sentimento verdadeiro* naturalmente expresso. *Uma joven menina que elle amava* com todo o fervor d'esta edade feliz é que os cantava; e na sua bocca estas palavras ingenuas, esta musica sem arte pareciam-lhe superiores aos accordes magistraes dos mais sublimes virtuosi de Italia. A vaidade da joven namorada interessava-se por estes pequenos successos. *Ella pedia versos a Francisco:* Francisco obedecia-lhe com encanto.» [1] Um Soneto de Filinto, na edade dos dezouto annos d'ella, pinta-nos esse amor, na angustia de quem se via fechado na vida clerical; transcrevemol-o, por que encerra o fio que nos desvendará uma parte interessante do drama da sua vida:

Tristes cyprestes de agourada rama,
Horror d'esta feíssima espessura,
A vós me envia a minha desventura,
O meu mortal destino a vós me chama.

---

[1] *Poésie lyrique-portugaise,* p. III.

N'esta rocha, em que o mar rebenta e brama,
Elejo abrir medonha sepultura,
Em que enterre commigo a magoa dura
Com que a alma lucta, ausente de quem ama.

Vós, troncos, inclinae com dôr sentida
Maviosa sombra a meu penar sobejo;
Frio punhal, que me atravessa a vida!

Ternas aves, cumpri com meu desejo;
Tristes, cantae, na amarga despedida
Que já vos dou, se *Marcia* vir não vejo. [1]

Já na velhice poz Filinto a este Soneto a nota: « E' muito usual *na edade de 18 annos* sentir as penas tão agudas da saudade; estão as carnes mais brandas, e o coração com as portas abertas para receber os tiros.» Por certo o Soneto correspondia a uma realidade, que o nome arcadico de *Marcia* nos desvenda.

Em umas Lyras faz o retrato de *Marcia*, de uma belleza sublime e pura:

Com lyrios, que estendeu, vestiu ufana
A fórma divinal;
Em accenso coral
Tingiu, sorrindo, a bocca soberana.

As madeixas tomou das veias de ouro,
Nos olhos poz saphiras,
Que das settas que atiras
São, fero Amor, o mais caudal thezouro.

Todos os seus dons lhe poz o Céo no peito;
Como orna o regio esposo
C'o enfeite mais custoso
A princeza, a quem rende a alma, sujeito. . .

[1] *Obras*, t. v, p. 332.

Das sereias o *canto deleitoso*
Lhe nasceu sem estudo;
E o dom de enlevar tudo
Envolto veiu em seu sorriso airoso.

(*Obr.*, I, 139.)

Em um Soneto apaixonado descreve com graciosidade delicada essa mesma mulher:

Uns lindos olhos, vivos, bem rasgados,
Um garbo senhoril, nevada alvura;
Metal de voz que enleva de doçura,
Dentes de aljofar, em rubi cravados;

Fios de ouro, que enredam meus cuidados,
Alvo peito, que céga de candura;
Mil prendas; e (o que é mais que a formosura)
Uma graça, que rouba mil agrados.

Mil extremos de preço mais subido
Encerra a linda *Marcia*, a quem offereço
Um culto, que nem d'ella inda é sabido:

Tão pouco de mim julgo que o mereço,
Que enojal-a não quero de atrevido
Co'as penas que por ella em vão padeço.

(*Obr.*, I, 170.)

Em nota a um Soneto em que Filinto exalta a formosura de Marcia, escreveu o seu editor Dr. Solano Constancio: «Verdade é que a tal *Marcia*, de quem Filinto faz tantos elogios, era (eu a vi algumas vezes) uma moça bastantemente alva e loura, com lindos olhos, muito derretidos; mas eu é que não a via com os olhos amantes de Filinto, não fizera por ella tanto Soneto e tanta duzia de Odes, como o nosso Autor compoz a seu respeito.» (*Obr.*, V, 213.)

Nas *Obras poeticas* da Marqueza de Alorna (Alcipe) nos Sonetos em que collaborou *Marcia*, vem a nota: «Minha irmã D. Maria de Almeida, que depois foi Condessa da Ribeira. Nota da auctora.» [1]

Para avaliar o talento poetico de *Marcia* podem lêr-se as composições incluidas nas Obras da Marqueza de Alorna. No Idyllio *De Marcia (irmã de Alcipe)* falla no amado nome de Agrario; e em nota explica: «Allude ao Marquez d'Alorna, D. João de Almeida, pae da auctora, que se achava então preso no Forte da Junqueira, por effeitos da politica do Marquez de Pombal.» [2] A mudança do nome de *Marcia* para *Daphne* parece ter sido feita por Filinto logo que elle soube do seu talento poetico, ou leu alguma das suas composições.

A graciosa poetisa, dotada de uma voz maviosa com que cantava as Cançonetas de Filinto, tambem lhe enviava os seus versos; elle se felicita em uma Ode *a Daphne*, á qual repetiu a nota: «A Ex.ma Senhora D. Maria de Almeida, condessa da Ribeira»:

Eu sou feliz: que mereci a Daphne
Doces versos, por sua mão escriptos,
Nobre mão, que ora meiga e que ora esquiva
Dar, e não dar queria.

---

1 *Op. cit*, t. I, p. 40, 42.

2 *Ib.*, p. 129

Feliz mil vezes quem pelos ouvidos
Bebe, oh Daphne, teus versos sonorosos,
Feliz quem bebe a meiga melodia
De teu suave canto.

....

Eu cantarei tão grato o dom precioso
De teus versos; que a ouvir-me as Musas desçam,
E o louro Apollo d'elles namorado
Me affinará a Lyra.

....

Assim jurou Petrarcha á sua Laura,
(E foi fiel ao juramento santo)
Celebral-a em seus versos amorosos
Até ao extremo instante.

(*Obr.*, XI, 191.)

Não póde haver duvida entre a identificação dos nomes de *Marcia* e de *Daphne* na mesma dama. Uma paixão platonica, mas vehemente, inspirou a Francisco Manoel versos de um incomparavel lyrismo, e deixou-lhe na alma uma emoção, que lhe acompanhou a existencia em todos os seus desalentos:

Foi mais vivo o meu jubilo
Que vi a *Marcia*, longo tempo ausente,
E a vi, quando perdida
Tinha esperança de tornar a vel-a.
Tive em meus braços Marcia,
Quando ia só verter saudoso pranto
Ao tristissimo sitio
Que viu nossa penosa despedida.
Os áres, que enlutados
Ameaçavam lugubres chuveiros,
De novo o azul vestiram
C'um gracioso olhar da alegre Marcia.

....

Depois de tantas magoas!
Ditoso padecer! magoas ditosas,
Que taes gostos renderam!

(*Obr.*, I, 293.)

Em um Soneto allude á clausura de Chellas em que se acha:

Embora venha a ausencia despiedada
Encobrir-te a meus olhos saudosos,
E os meus tristes suspiros amorosos
Leve apoz do teu gesto, oh *Marcia* amada;

Embora a meu constante amor roubada
Te cinjam tristes Argos odiosos:
Rondarão meus affectos extremosos
Os umbraes, em que vives encerrada.

(*Obr.*, IV, 332.)

Em uma Canção confessa a *Marcia* um amor inquebrantavel, mesmo apesar da inconstancia e de ella ir enlaçar-se pelo casamento em braços de outro:

Bem, como quando aponta o sol radiante
Pelos hervosos cumes dos outeiros,
Fogem bruscos nevoeiros
Da roxa luz brilhante;
Assim, mal vi teu rosto, assim fugiam
As magoas, que de lucto a alma cobriam.

. . . .

Amor, quanto é maior, é mais medroso;
Descóra, que lhe fuja o bem ganhado.
Quasi vejo roubado
O Bem mais precioso...
Das mãos m'o arrancam! Marcia! e tu consentes
Ah, não digas que me amas... Marcia! ai, mentes.

Quero deixar-te. *Antes que tu te enlaces*
Nos braços d'esse, que de ti me priva.
Resgato a alma cativa
Antes que a elles passes.
Não quero vêr, em teus grilhões atado,
Lograr-se outrem d'um Bem a mim roubado.

Irei vertendo lagrimas iradas
Por essas nuas praias arenosas;
A's Nayadas piedosas
Minhas queixas magoadas
Irei contar. Irei cravar no peito
Um punhal, vingador do meu despeito.

Não, linda gloria d'esta vida tua;
Despe os temores de eu querer deixar-te,
Eu! que jurei amar-te!
A sorte amarga e crúa
Não fará que perjure a sã vontade
De amar em ti a minha divindade.

Não a inconstancia, não *os desfavores*
Menos puro farão meu culto amante.
Que eu falte a ser constante
Aos olhos roubadores,
A's faces de carmim, madeixas de ouro,
Em quem Venus e Amor põem seu thesouro.

Vivas ausente, ou vivas sempre á vista,
O teu Filinto hade adorar-te puro.
Tens meu peito seguro,
Tens segura a conquista;
Nem d'outra sorte esses teus olhos rendem,
Nem estes meus outra adorar pretendem...

(*Obr.*, I, 242.)

Depois que D. Maria de Almeida ficou clausurada com sua mãe e irmã no convento de Chellas, Filinto mudou-lhe o nome poetico de *Marcia* no de *Daphne*; em uma Ode allude a esta crise:

Tambem Filinto escuras saudades
Supportou solitario em crúa ausencia;
Ferradas portas lhe fechou irado
Tyranno Desconcerto.

Em uma nota a esta estrophe escreveu o Dr. Solano: «D'esta estrophe nunca o A. me

quiz declarar o sentido.» O Tyranno Desconcerto alludia á ordem do Marquez de Pombal, que tendo mandado prender o Marquez de Alorna na Junqueira, atirou com a esposa e filhas para o convento de Chellas. Filinto começou então a frequentar a grade, como se vê:

> Entre as sombras da esqualida amargura
> Me abriu alvo clarão amigo Genio,
> Onde vi a formosa, meiga *Daphne*
> Cortejada dos numes;
>
> E *Alcipe*, a vate, pelo céo voava,
> Chamando á Lyra os orbes estrellados,
> Quaes ao Thebano promptas accudiam
> As arvores e as penhas.
>
> (*Obr.*, IV, 54.)

Sua mãe D. Leonor de Lorena, filha dos Marquezes de Tavora, e por isso enclausurada, soffreu em 1768 uma grave doença, [1] á qual allude Filinto, na Ode:

> Não esperes, formosa e meiga *Daphne*,
> Que com discreta mão, previstos olhos
> Bens ou males espalhe a Deusa de Antio,
> Que n'este globo impera.
>
> Sempre insensata na inconstante roda,
> A parvo atira a c'roa, a um bobo a mitra;
> Nos sabios, nos virtuosos cáem raios
> De desprezo e miseria.
>
> ....

---

[1] *Obras* da Marqueza de Alorna, t. I, p. XVIII.

A *amavel Mãe*, ás lanças da doença
Cede o peito não digno de pezares;
E, á que nasceu para aditar humanos,
Sempre a dita lhe foge.

Assim, nas terras de Solyma santa,
A real, a formosa Marianna
Viu a morte dos seus, sentiu cravar-lhe
Pungentes penas a alma.

....

Crê firme, oh *Daphne*, que se a cega Deusa
Os seus dons emborcasse nos mais dignos,
Ninguem melhor que a *Mãe*, que *Alcipe* e *Daphne*
Os cofres lhe exhaurira.

(*Obr.*, IV, 71.)

E para que não haja duvida na interpretação, á phrase *amavel Mãe* vem a nota: «A Marqueza d'Alorna, encerrada então em Chellas.» Em uma Ode deseja ter por arbitro a Daphne:

..... Destemido
Disputarei a Apollo a primazia;
Daphne o árbitro seja
Do intrepido certâme.

....

Verei aquelles astros
Que lucidos revolve entre as pestanas,
De brando amor banhados,
Fitar compadecidos
Em Filinto, por premio do seu canto.

(*Obr.*, IV, 112.)

E ao nome de *Daphne* põe a nota: «A Senhora *D. Maria de Almeida*, então no Convento de Chellas, e depois Condessa da Ri-

beira.» *A Óde A Alcipe e Daphne, depois de larga ausencia*. (IV, 113) refere-se a esses tempos de clausura.

Lê-se na Biographia de D. Leonor de Almeida: «A edade de *Alcipe*... era então de pouco mais que 18 annos. O Arcebispo de Lacedemonia D. Antonio Caetano Calheiros Maciel, Vigario geral, sabendo que por motivo de doença da Marqueza mãe a poetisa fizera entrar no Convento seu irmão D. Pedro de Almeida, reprehendeu-a asperamente condemnando-a a dois annos de reclusão, a cortar os cabellos, e a trajar vestes escuras. Como ella não obedecesse, dizendo que era secular, o Arcebispo ameaçou-a com o Marquez de Pombal, a quem iria contar tudo. D. Leonor retorquiu-lhe com uns versos de Corneille:

Le cœur d'Eleonore est trop noble et trop franc
Pour craindre ou respecter le bourreau de son sang.»

Sobre este caso escreve o biographo: «é a este facto e ás suas precedencias que se refere a bella Ode de Francisco Manoel — *Não esperes, formosa e meiga Daphne* — dirigida á irmã de Alcipe...»

As duas filhas do Marquez de Alorna cultivavam a poesia n'esses ocios angustiados de Chellas; Filinto allude a esta revelação do seu talento:

Já *Alcipe* e *Daphne* lançam mão ás Lyras,
Já pelas aureas cordas, temperadas
Por Phebo, os hymnos andam resoando,
Bafejados das Musas.

Só vós, mimo de Pindo, em doce canto
Direis de Venus as meiguices ternas,
Os subidos prazeres regalados
O poderoso Césto...

(*Obr.*, IV, 62.)

Em nota esclarece: «Tinham *Alcipe* e *Daphne* composto um *Hymno a Venus*, assumpto que Filinto tomou para esta Ode.» Em umas deliciosas quadras *Retrato de Daphne*, poz Filinto a nota: «A Ill.ma e Ex.ma D. Maria de Almeida, depois Condeça da Ribeira.» Ahi allude outra vez ao seu talento poetico e genio musical:

Que pincel ha, que em seu louvor intente
Imitar, sobre intrepido arrogante,
Uma Musa, que enleve de eloquente,
Uma Sereia, que suave cante?

(*Obr.*, IV, 367.)

Do nome de *Alcipe* diz a propria Marqueza de Alorna: «*Lilia*, *Lize* e *Laura* são nomes poeticos que a auctora adoptou para si antes de se chamar *Alcipe*, nome que lhe foi posto por Francisco Manoel do Nascimento, segundo elle mesmo diz em uma nota.» [1] E em outra nota: «*Daphne* é o nome que lhe poz Filinto Elysio» referindo-se a sua irmã. [2] *Daphne* era o nome poetico com que Francisco Manoel tratava nas suas Odes «D. Maria de Almeida, então no Convento de Chel-

[1] *Obras poeticas*, t. I, 69.

[2] *Ib.*, p. 170.

las, e depois Condessa da Ribeira.» [1] Era no tempo dos terriveis processos de Inconfidencia com que o Marquez de Pombal metteu nos carceres por dezouto annos os principaes fidalgos portuguezes. A familia do Marquez de Alorna, dispersou-se, indo o chefe para as masmorras da Junqueira, e a esposa e filhas para o Convento de Chellas.

Por este tempo Francisco Manoel usava um nome pastoril ou arcádico, *Niceno*, com que fôra apodado na *Guerra dos Poetas* em 1768; depois da sua convivencia com as duas filhas do Marquez de Alorna, que muito admiravam o seu talento poetico, é que começou a chamar-se *Filinto*. Elle proprio o confessa: «A Ex.ma D. Leonor de Almeida foi quem em Chellas deu ao Poeta o nome de *Filinto*, e por tal o nomeou sempre em todos os versos que lhe escreveu.» (*Obr.*, XI, 194.) Com tal nome se tornou o poeta conhecido, quando pelo seu desterro da patria completou esse nome carinhoso com a emoção da saudade em *Filinto Elysio*.

Como pode ser avaliada a intimidade expressa em Odes convencionaes entre o padre faceto e as fidalgas reclusas não se nos depara elemento sufficiente para a critica; é certo porém que o Marquez d'Alorna apparece-nos como um perseguidor de Filinto logo que foi solto do carcere da Junqueira. Segundo a tradição, que chegou a Costa e Silva, o orgulho do Marquez de Alorna ficara ferido por

---

[1] *Obras*, t. IV, p. 112.

causa dos soccorros de dinheiro que Francisco Manoel prestara a sua familia durante o periodo do terror pombalino. Filinto allude ás relações litterarias que manteve com as duas fidalgas poetisas, pondo na bocca d'ellas estes versos:

«Aqui te desejámos; toma assento
«Junto de nós, qual já tomaste outr'ora
«Quando em nocturno délphico Parnaso
«Te ouvimos discantar altos conceitos.
Ficae vós, minha *Alcipe*, minha *Daphne*,
Gloria e brazão dos vates luzitanos... [1]

Bastava o poeta ter celebrado as reformas pombalinas para apparecer condemnado no governo idiotico de D. Maria I e do Arcebispo Confessor. Mas celebrando essas reformas, não era o despota que o poeta bajulava, era a adhesão ás modernas doutrinas philosophicas que assim affirmava. Isso o inspirara na Ode *No tempo da reforma da Universidade de Coimbra*, em 1772:

Viste chorar de raiva e dôr acerba
A ignorante Soberba, desbulhada
Dos thronos, dos altares, que occupara
    Cortejada de todos.

E como rias tu, quando avistaste
As dez *Cathegorias de Aristoteles*
Aos murros, umas pondo a culpa ás outras
    Do subito desastre?

---

[1] *Obras*, t. I, p. 421.

Sem fasto ia a *rançosa Theologia*
A pé, co'a toga suja, mal traçada;
Carregada de tomos grandes grossos,
Que mais não serão lidos.

Que nuvem de papeis despedaçados
Vae sem gloria voando pelos áres?
Vão grossas *Conclusões*, de latim crêspo
Bolorentas *Postillas*.

Que tropel de *Thomistas* e *Escotistas*
Arrepellam as barbas e os cabellos;
Porque estes ESTATUTOS os privaram
De gritar sobre nada.

Olha o Bedel, e o rustico Meirinho
A dar co'a vara no ronceiro Sanches,
Durandos, Busembáums, Lullos, Cayados,
Aranhas e Barretos.

Diverte-te, meu Sousa pachorrento,
Em vêr este entremez, a cuja scena
Os Gothicos de raiva se amarguram,
Os modernos se riem...

(*Obr.*, IV, 64.)

Tem esta Ode os traços pittorescos que inspiraram o poema heroi-comico *O Reino da Estupidez*, quando depois da queda de Pombal se procurou volver a Universidade de Coimbra ao velho formalismo medieval. Em outra pequena Satira a que chama *Garatuja poetica*, falla «De enfadonhos, chimericos delirios» d'essa sciencia fradesca:

Que direi dos profundos volumaços
De Logica, aguçada de argumentos
Em *Barbara*, em *Barroco*, em *Baralípton?*
Que direi eu com vozes competentes
De pontos melindrosos da Escriptura,
Tratados, discutidos, explicados,
Encadeados sempre, e sempre escuros?

Junto ás paredes, em comprido fio
Postos em rumas pela mão do tedio,
Os Feitos, os Sermões, Genealogias,
No palido salão de enjôo eterno,
Somnolentas fumaças vaporando,
Dão vágados de illusa doutorice
A leitores de crassa catadura.

(*Obr.*, IV, 72.)

Quem assim fallava rompera com a Edade media theocratico-feudal e abraçara o espirito revolucionario do seculo XVIII, e admirava os Reis-Philosophos. Diz elle em uma Ode: «N'esse tempo o Imperador José II traçava certas reformas no tocante aos Ecclesiasticos, das quaes tomou tanto susto o Papa, que acudiu a Vienna, na intenção (se podesse) de lhe deitar agua na fervura.» [1] O Principe Dom José carteava-se então com José II.

A acclamação da rainha D. Maria I era uma alegria para todos aquelles que tinham gemido nos carceres duros sob o terror pombalino; Filinto, que celebrara as reformas do reinado de D. José, teve de acompanhar essa alegria em uma Ode *A' acclamação de Maria I, de Portugal.* Começa pela relação artistica do mundo physico para o mundo moral:

Vão-se as nuvens rasgando; os horisontes
Já com feias carrancas não se abafam;
Viçosa, verdejante a primavera
    Os campos desenluta.

....

---

[1] *Obras,* t. IV, p. 39, nota.

Junto a Maria, a angelica virtude
Com o conto da lança de Minerva,
Quebranta invicta as horridas cabeças
Dos sanguinosos vicios.

. . . .

Sobre o throno estendendo as alvas pennas
A Sapiencia esparge immortaes raios
Que, em luminosa chuva as mentes banham
De Maria formosa...

(*Obr.*, III, 498.)

Uma outra Ode escreveu *A' feliz acclamação da fidelissima rainha de Portugal, a serenissima Senhora D. Maria I.ª no dia 13 de Maio do anno de 1777;* é retumbante e emphatica, mas vê-se que elle procurava apoio contra os que tramavam a sua ruina. Em nota diz Filinto: «Nunca esta Ode teve a dita de chegar aos pés do throno.» Imprimiu-a pela primeira vez em 1787 em Paris, em um folheto de 10 paginas com uma dedicatoria em prosa, na qual diz: «O acanhamento me impediu então de lh'a offerecer;» Imprimindo-a em 1787, era como um requerimento para ser repatriado, mas não chegou a Ode ao seu destino, como confessa no resto da nota: «Bem houve ruins que lá (aos pés do throno) levaram calumnias contra mim; mas não haverá quem destêça o mal que ruins tramaram? Quem levante um desterro de 38 annos! Quem socorra a penuria de um velho de 82! em tão desmerecido desamparo?» [1]

---

[1] *Obras*, t. V, p. 132.

Em uma Ode a Domingos Pires Monteiro Bandeira, descreve Filinto a epoca do *Rigorismo*, como reacção á «*Restauração das Letras sob D. José I*» e de que resultou a «*Perseguição contra os litteratos, que despovoou Portugal de muitos bons engenhos:*»

Eis quando se abraçavam
Alviçaras reciprocas pedindo,
E ás doutrinandas gentes
Descobriam as faces radiosas
Nos Lyceos franqueados
Do septigero Tejo e do Mondego;
Fanatico graniso
Cahiu pesado nos pimpolhos tenros
Que a seus olhos creava
Solicita a Sciencia, para ornarem
O Josephino seculo...
Fostes Lusos; e a gloria dos Maiores
Mal doira inda os escudos
Dos descuidados netos, té que a apague
A mão caliginosa
Da bronca Barbaria, companheira
Do ardente Fanatismo.»

(*Obr.*, IV, 51.)

Depois da acclamação de D. Maria I o seu Confessor e director espiritual D. Fr. Ignacio de San Caetano, que sempre residira no convento de S. João da Cruz de Carnide veiu assistir no paço, e alli tomava parte no governo achando-se presente ao despacho dos ministros. Tendo resignado o cargo de Bispo de Penafiel, ficando com a pensão annual de dez mil cruzados e a quinta e palacio do Prado, foi-lhe dado o titulo de Arcebispo de Thessalonica, com que é conhecido n'essa epoca do Rigorismo. O Arcebispo-Confessor era tambem Inquisidor-geral, e o seu influxo sobre a

pessoa da pusilanime e depois dementada rainha era absoluto. Convinha captar as graças do Arcebispo-Confessor, n'esta terrivel transição do governo pombalino; Filinto escreveu uma Ode *Ao Ex.mo e R.mo Senhor D. Fr. Ignacio de San Caetano, Arcebispo de Thessalonica, Confessor da Serenissima Senhora Dona Maria I, Rainha de Portugal;* comprehende-se o intuito, sabendo-se das intrigas que se armavam em volta do poeta por causa das suas conversas e leituras:

> Vibre contra elle lanças a calumnia,
> No broquel da innocencia
> As apare soffrido e des-sombrado.
> Não ha farpão tão rijo
> Que não quebre no muro da constancia.

Depois de descrever a metaphora horaciana da náo do Estado, assoberbada com o embate das cansadas ondas, e segurança com que a guia um Varão maduro, termina com a estrophe, requerimento e lisonja directa ao Arcebispo-Confessor:

> E eu, que do intimo assombro em mim tornava,
> Fitando no alto vulto
> Os olhos respeitosos, vi o intacto
> *Moderador prudente*
> *Da alma da virtuosissima Maria.*
>
> (*Obr.*, III, 247.)

Nada pôde a emphase da Ode encomiastica; e foi mesmo do elemento clerical que partiu a accusação ao Santo Officio contra o desabusado poeta horaciano.

O poeta sentia que lhe faltava o chão debaixo dos pés, e procurou defender-se junto

de D. Frei Manoel do Cenaculo, figura do mais alto valimento do Marquez de Pombal, que, incompativel com o novo governo de D. Maria I, apenas foi mandado recolher ao seu bispado de Beja. Filinto chegou a acompanhal-o, como confessa na Ode *ao Ex.mo e R.mo Senhor D. Fr. Manoel do Cenaculo e Villas-Boas, Bispo de Beja:*

A amisade, que pisa as vãs riquezas,
Que desdenha das c'roas,
E tem em pouco o infido valimento,
Vae buscar na desgraça
O peito são, que as penas não amolgam.

Ella co'as forças, que houve da virtude
Me arrebatou nas azas;
E transpondo commigo longas terras,
Sobre os tectos illustres
Da famosa PAZ JULIA me sosteve.

Não sei que paz interna respirava
O puro e ledo seio
D'aquellas terras sanctas e singellas;
(*Obr.*, IV, 215.)

O refugio de Filinto em Beja junto do Bispo Cenaculo seria poucos mezes antes da sua accusação ao tremendo Tribunal do Santo Officio. No depoimento de Fr. Simão da Conceição contra Francisco Manoel declarou, que sob a impressão da suspeita de denuncia dos Padres de Rilhafolles que o fazia andar triste, o encontrara depois alegre, e perguntando-lhe a causa da mudança elle lhe respondera: «*Fui ter com o meu Bispo de Beja*, narrei-lhe a historia, e disse-me que não fizesse caso d'isso...» Passava-se isto antes de 1770, por

que estava ainda vivo Francisco Xavier de Mendonça, com quem Francisco Manoel contava como seu amigo pessoal, e que o alentou n'essa apprehensão.

Depois da queda de Pombal, o terror da *Inconfidencia* foi substituido pelo rigorismo da *Inquisição*, imposto pelo Arcebispo-Confessor de accordo com o ministerio. A instrucção publica regressava ao formalismo escholastico; a situação desesperada em que se achavam Filinto e outros sabios vê-se pelos traços realistas d'essa carta inedita do Dr. Ribeiro dos Santos:

«Meu Amigo — Recebi a vossa carta e folgo que passeis bem. Pedis novidades, eu vos mando uma, que não pode deixar de vos ser pezada; tambem m'o foi a mim. Corre aqui constantemente como certo, que o Arcebispo-Inquisidor inculca a necessidade dos Tribunaes, prisões e castigos da Inquisição para contêr os povos; e que D.   propõe para o mesmo fim o systema dos quatro I I, que querem dizer: *Inquisição*, *Inconfidencia*, *Ignorancia* e *Indigencia*. Se me jurassem Rey, no momento em que recebesse o sceptro, honraria o começo do meu reinado pela mais formosa acção da minha vida: livraria a terra d'estes dois monstros. Desejo-vos saude, como a elles a outra vida em que já nos não possam desejar nem fazer mal. Deus vos guarde d'elles, e a mim tambem.» [1]

---

[1] Ribeiro dos Santos, Mss., vol. 131, fl. 161 ✝. O nome riscado parece ser D. *Thomaz Xavier de Lima*, o ministro Visconde de Villa Nova da Cerveira.

Filinto andava espiado pelos esbirros da Inquisição, e é crivel que tivesse preparado o seu plano de fuga; mas repentinamente foi appresentado ao Inquisidor Antonio Verissimo de Larre a seguinte denuncia, que serviu de base ao Processo e á ordem de prisão:

«Aos 22 de Junho de 1778, pelas cinco horas da tarde, o P.e José Manoel de Leyva, presbytero secular, natural da Freguesia de Sam Payo, da villa de Guimarães, e morador na cidade de Lisboa, ao Arco do Carvalhão, freguesia de S. Sebastião da Pedreira, foi para descargo de sua consciencia declarar ao Tribunal do Santo Officio: — que João da Silva, morador junto do dito Arco do Carvalhão, e em cuja casa assiste elle denunciante, lhe dissera, que estando em conversação com o Padre Francisco Manoel, Proprietario da thesouraria da Egreja das Chagas de Christo, e sobrinho de João Manoel, já falecido, que foi Patrão-mór, em casa de um Letrado chamado Luiz da Silva de Almeida, morador na Praça do Commercio, nas casas de Anselmo José da Cruz, onde e em cuja occasião mais algumas pessoas, digo, estavam mais algumas pessoas, proferira o dito Padre Francisco Manoel a seguinte proposição: = que não dessem credito a que o Padre Eterno houvesse de ter mandado ao mundo o seu unigenito filho para remir o genero humano, isto é, (disse elle denunciante que) Estando-se tratando na dita conversação d'esta materia, que o dito Padre Francisco Manoel dissera: — Para que estão vocês cansando-se, nem quebrando a cabeça com isso? Pois isso é possivel? E se não, digam; supponham vocês que era um homem ri-

co, e que tinha uma quinta ou fazenda, onde tinha, por exemplo, uma nogueira, na qual, depois de mandar ao caseiro da quinta não bolisse, elle, quebrando o preceito e ordem de seu dono, tirou d'ella uma noz e a comeu; era possivel que o dono da quinta mandasse castigar seu filho pelo delito que commetteu o caseiro?... e já lhe tinha ouvido outras semelhantes libertinagens, como eram:—que os tres Prophetas todos tinham rasão, cada um pela sua parte.» Accrescentava o denunciante, que depunha «sem ser por odio, nem por vingança.» Tal foi o que passou a auto o Notario do Santo Officio o beneficiado Florencio da Costa Pereira, Mestre de Cerimonias na Patriarchal, morador a S. Pedro de Alcantara.

Immediatamente foram intimadas a virem as pessoas referidas fazer o seu depoimento secreto á Inquisição; e passou-se isto de 1 de Julho a 3, resultando o mandado de prisão para a madrugada do dia 4. Eis os depoimentos da assentada d'esses tres dias:

—Em 1 de Julho de 1778, em Lisboa e casa da segunda Audiencia da Inquisição, ahi appareceu o P.e José Manoel de Leyva, de edade de 33 annos: «não teve mais trato familiar com elle (sc. P.e Francisco Manoel) nem mais communicação do que a que teve por civilidade e politica.» Ratificaram este depoimento os Padres Mestres Doutores Fr. Manoel Baptista Durando, e Fr. Francisco Xavier de Lemos, da Ordem de S. Domingos.

N'este mesmo dia 1 de julho foi interrogado de manhã perante o Arcebispo-Inquisidor o dito João da Silva, cavalleiro professo da

Ordem de Christo, natural de Lisboa, de edade de 50 annos, casado com D. Maria Antonia de Sousa: « Disse, que elle por ter conhecimento e amisade com o Padre Francisco Manoel, sacerdote do habito de S. Pedro, que morava em algum tempo em casa do Patrão-Mór da Ribeira das Náos, que era seu tio, e que hoje mora no bairro alto, segundo tem ouvido dizer: conversava frequentemente com elle, e n'estas occasiões observou que elle fallava com muita liberdade contra a nossa Santa Fé catholica; e entre outras, está lembrado que uma vez fallando-se sobre a Religião dos Mouros, e dizendo elle testemunha, que esta seita era entre todas a peior, a mais mal fundada por conter muitos despropositos e parvoices, respondeu o dito Padre: — Cale-se lá, que assim como nós entendemos que a religião catholica romana é verdadeira e em que ha salvação, da mesma sorte os Mouros e os Chins crêem e entendem que só a sua é verdadeira, e que só n'ella ha salvação; que cada uma d'ellas fôra fundada por um Propheta, assim como a nossa por Jesus Christo, que é um Propheta como os outros.» A testemunha narrou tambem o exemplo do pomareiro, com que ridicularisava o peccado original. «Disse mais, que esta conversação passara entre elle e o dito Padre, haverá anno e meio pouco mais ou menos, em casa do Dr. Luiz da Silva e Almeida, Advogado nos Auditorios de Lisboa, morador na Praça do Commercio, no primeiro andar das de Anselmo José da Cruz.» Disse mais, que indo com elle P.e Francisco Manoel ao Convento de Sobral, junto da Villa de Alhandra, entrando em uma noite em con-

versação com alguns PP. do dito Convento; «que não tinha havido um Diluvio universal, por que se não podia dar rasão d'onde estava d'antés e onde se recolhera depois tanta quantidade de agua, quanta era necessaria para causar um diluvio tão grande como referem as Escripturas.» Os PP. replicaram que bastava a Escriptura dizel-o; e P.e Francisco Manoel disse-lhes: «Se fugís da rasão e vos accolheis á Escriptura sagrada isso era o mesmo que metterem-se em um bêcco sem sahida.» — «tudo queria mostrar com rasões naturaes e philosophicas.» Os frades que discutiram com elle eram Fr. Jorge e Fr. Simão, que ulteriormente foram interrogados. «Disse mais, que em outra occasião ouvira dizer ao mesmo Padre Francisco Manoel, que elle tinha um *Livro impresso em Hollanda*, no qual se mostrava clara, evidentemente que o Tribunal do Santo Officio não procedia com rectidão e justiça nas provisões e castigos que dava aos réos, porque sendo os crimes d'elles publicos tambem deviam ser publicamente processados.» Referia-se inconscientemente ao livro das *Noticias reconditas*, attribuido ao P.e Antonio Vieira e hoje incorporado nas suas Obras. — «Disse mais, que em outra occasião, succedendo de fallar com o dito Padre no sancto Sacrificio da missa, lhe dissera isto: que isto da Missa era um officio que tinham e exercitavam os Sacerdotes, da mesma sorte que os Çapateiros e Carpinteiros executavam os seus.» «Disse mais, que elle testemunha em muitos tempos tivera amisade e trato frequente com o dito Padre pelo achar e por lhe parecer muito curioso e bem instruido na

Historia; mas porque com este trato foi conhecendo que elle não era seguro sobre as cousas que pertenciam á Religião, e observando mais, que nas jornadas que fazia não levava Breviario, nem o viu nunca resar por elle, e que aos Livrinhos de Orações chamava *Besbelhos espirituaes*, se foi pouco a pouco afastando d'elle e aborrecendo a sua communicação. Foi n'esta crise que consultou o seu capellão, P.e José Manoel de Leyva, e haverá cousa de cinco dias, que tendo resolvido consultar os Padres de San Domingos sobre o caso, fôra citado para comparecer no Tribunal da Inquisição.» Indicou uma outra testemunha, Joaquim José de Sousa, morador nas casas de Anselmo José da Cruz.

Ainda n'esse dia 1 de Julho depoz o Dr. Luiz da Silva e Almeida, advogado nos auditorios da côrte, natural da cidade de Leiria, morador na Praça do Commercio, e casas de Anselmo José da Cruz, casado com D. Maria Caetana: «Disse, que formou conceito de que o P.e Francisco Manoel era um pouco libertino em partes de Religião, fallando n'ellas com largueza e menos piedade, não notando comtudo proposição alguma particular e determinada que fosse contra a verdade e doutrina da S. Madre Egreja, e al não disse.» Foi classificada esta testemunha por diminuta.

Intimou-se para o dia seguinte uma quarta testemunha, o referido Joaquim José de Sousa — «natural de Lisboa, de edade de 33 para trinta e quatro annos, escrivão do civel da cidade, e morador na Praça do Commercio, freguezia de S. Julião, nas casas de An-

selmo José da Cruz, e casado com D. Marianna Rosa de Amorim e Sousa.» Disse, — «que em particular sómente ouviu uma vez em casa de seu tio João da Silva, Familiar do Santo Officio, morador ao Arco do Carvalhão, ao Padre Francisco Manoel do Nascimento, sobrinho do Patrão Mór...» Refere o exemplo do pomareiro. Disse que não pôde tirar a conclusão do que ouvira, porque andava entretido a preparar a meza em que se havia de jantar — sempre o julgou bom catholico e muito temente a Deus, além de ser bem instruido e versado nas sciencias e nas *linguas Franceza, Italiana e Ingleza*, que postoque nenhuma falla as entende comtudo.» Foi considerada esta testemunha *condescendente* com o denunciado, e como tendo depôsto com *politica* e *diminuição*, segundo a medonha phraseologia do formulario do Processo inquisitorial.

No dia 3 de julho compareceu a depôr uma quinta testemunha, o afamado Mestre de Grammatica latina Antonio Felix Mendes, com setenta annos de edade; declarou que fôra mestre de Latinidade de Francisco Manoel, bem instruido n'ella, e refere conversas que lhe ouvira no Escriptorio do advogado Jeronymo Estoquete, inferindo que era dado á leitura dos Livros prohibidos dos Philosophos modernos que seguem a rasão natural. Já vimos o conteúdo do seu depoimento ácerca das relaçõs litterarias. A Mesa da Inquisição, depois da assentada d'estas cinco testemunhas, passou ordem ao seu Familiar o Conde de Resende, e ao Familiar do numero Manoel Caetano de Mello para na madrugada

do dia 4 de Julho, ás cinco horas da manhã irem á morada do P.e Francisco Manoel e trazerem-no preso para os carceres do Rocio.

O drama intenso que se passou n'essa madrugada de 4 de Julho, em que Francisco Manoel conseguiu pela sua presença de espirito escapar ás garras da Inquisição, deixou-lhe uma impressão indelevel, celebrando essa data em uma commemoração annual com os amigos que encontrou longe de Portugal. Mas essa scena tremenda póde hoje ser reconstituida ao vivo pelas referencias de Filinto nos seus versos e cavacos com Alexandre Sané, e principalmente pela *Participação da fuga do Padre*, feita no dia 13 de Julho de 1778 ao Conselho da Inquisição.

Ainda Francisco Manoel estava escondido em Lisboa, e já na participação para o summario da fuga se considerava tendo-se escapado no Paquete de Inglaterra. Este rumor chegou aos ouvidos de Filinto, como vemos pela relação de Sané. Transcrevemol-a aqui primeiramente, intercalando-lhe os nomes historicos:

«No dia 4 de julho de 1778, um Cavalleiro da Ordem de Christo (homens de cathegoria honravam-se em exercer as funcções do Santo Officio) appresentou-se em casa de Francisco Manoel ás seis horas dá manhã. [1] A catadura d'este homem, o seu ár alterado, a sua visivel atrapalhação foram um raio de

---

[1] De facto o familiar Manoel Caetano de Mello era Cavalleiro professo da Ordem de Christo; no seu relatorio diz que fôra ás cinco horas.

luz para o Poeta; o sangue frio e a coragem salvaram-no n'este terrivel momento. — Já sei o que vos traz aqui, disse-lhe o P.e com placidez; nada de escandalo; eu vou-me vestir e acompanho-vos. — Vestiu-se então apressadamente, abriu a sua papeleira, tirou algumas letras de cambio, algum dinheiro, agarrou em um punhal, d'estes de ponta de diamante e de fina tempéra, e arremete para o Familiar, que com physionomia de réo se conservara de pé junto de uma umbreira, apontou-lh'o ao coração, e disse-lhe: — Se fazeis um qualquer movimento, se proferis uma palavra, estaes morto! — O Cavalleiro empallideceu, ficou mudo e immovel. Manoel cobriu-se com o seu capote, sae, fecha á chave o seu inimigo, e desfila pela escada abaixo. O cocheiro e lacaio do emissario fazem geito de lhe impedirem a passagem; Francisco Manoel era extremamente robusto, com um murro deita por terra o cocheiro, segue para diante, atravessa a rua que estava ainda deserta, alguns passos mais adiante vê aberta a porta do palacio do Conde de *** (lêde: Conde da Cunha) enfia por ella, transpõe os saguões, encontra uma sahida e passa para outra rua pouco trilhada, d'onde se refugia em casa de um negociante francez, (lêde: Thimoteo Lecussan Verdier) e que o acolhe com empenho.

« Tinha escapado ao perigo o mais eminente; mas que perigos ainda a defrontar e que angustias! Pode-se affigurar o que soffreu durante *os onze dias* que elle ainda passou em Lisboa. O nobre sentimento da amisade manifestou n'estas circumstancias crueis quanto possuia de elevação, de ternura e de

magnanimidade. A resolução de Francisco Manoel e o seu vigor physico tinham-n'o salvado das garras do Familiar; a dedicação dos seus amigos conseguiu o resto. Ao passo que elle se furtava a tòdas as vistas, no azylo mais secreto da casa do negociante, estes homens generosos percorriam os diversos bairros da cidade, os cafés, os passeios e as assembleias, e andavam escutando e sondando os rumores publicos. Elles souberam em casa do Conde de *** (de Vimieiro?) que amava e estimava o nosso poeta, [1] uma feliz noticia: o paquete inglez acabava de dar á vela, e dizia-se que Francisco Manoel se escapara a bordo d'elle. Os seus amigos fingiram logo acreditar n'este boato, que lhes trazia uma vantajosa diversão. Vieram tranquillisar o proscrito, e só pensaram em preparar os meios para o fazer sahir de Lisboa e do reino. Um navio francez estava prestes a dar á vela para o Hâvre de Grace; mas elle não podia levantar ferro senão d'ahi a onze ou doze dias, caso houvesse vento favoravel.

« Estes onze dias, estes onze seculos, Francisco Manoel passou-os em uma anciedade que facilmente se avalia. Os seus amigos pensaram que era extremamente necessario á sua segurança o mudar muitas vezes de azylo. Esconderam-no alternadamente em casa uns dos outros. Todas as noites sahia sob differentes disfarses, evitando os bairros populo-

---

[1] Filinto celebrava a Condessa de Vimieiro, Dona Thereza de Mello Breyner, como poetisa, a *Tirse*, amiga de *Alcipe* e *Daphne*.

sos, indo passar a noite nos arredores de Lisboa. Os seus amigos o precediam e seguiam n'estas excursões perigosas, sempre com os olhos n'elle e promptos a sacrificarem-se para o defenderem. De dia continuavam a informar-se dos ditos e a reparar para os rumores publicos. A aventura de Francisco Manoel com o Familiar, a fugida audaciosa do proscrito, eram o assumpto do dia. Dizia-se baixinho, que o malaventurado emissario solto da prisão fôra dar conta do seu insuccesso ao Inquisidor geral, que o reprehendeu de um modo esmagador; ou por vergonha, ou por tristeza ou por covardia elle não sobreviveu muito tempo á impressão terrivel que isto lhe causara.

«Muitas vezes os homens generosos que velavam pela salvação de Francisco, observaram tremendo os olhares ferozes e imprecações crueis dos seus perseguidores. Um dos seus mais fervorosos amigos, o Conde de ** (de Vimieiro?) tendo ido fazer uma visita officiosa a um dos Inquisidores, ouviu com uma alegria secreta, com um sentimento de terror, o seu descontentamento pela evasão do desgraçado poeta: — Elle fez bem! — Escaparam-lhe estas palavras, e por ellas o conde previa o destino do seu amigo, se lhes cahisse nas mãos ou se fosse descoberto.» [1]

Depois d'esta narrativa da parte das reminiscencias de Filinto, vamos vêr a descripção do proprio Familiar do Santo Officio Ma-

---

[1] *Poésie lyrique*, p. XVIII a XXII.

noel Caetano de Mello na *Participação da Fuga do Padre:*

«Ill.^mo Sr. Consta geralmente que o Padre Francisco Manoel, Presbytero secular confrontado no summario junto feito ex-officio n'esta Meza, se absentara d'esta cidade de Lisboa no Paquete de Inglaterra, e por que em tal caso é indispensavel proceder-se a summario de fuga nos termos de Direito contra o delato, se faz preciso que seja chamado a esta primeira audiendia o Familiar do Numero Manoel Coelho (sic) de Mello com mais duas testemunhas que elle aponta, e que bem possam depôr da referida absencia para que este procedimento se execute com a maior brevidade, a fim de que a justiça não continúe a padecer com grave detrimento do mesmo dogma, pela esperança que resultará aos seus contrarios, e de egual credulidade para o delato. Por isso pede por parte da justiça etc.» (13 de Julho de 1778.)

A 17 d'este mez fez-se o summario da fuga, comparecendo Manoel Caetano de Mello, Familiar do numero da Inquisição, homem de negocio da praça, Cavalleiro professo da Ordem de Christo e morador na rua de S. Bento.—Perguntado se conhece ao Padre Francisco Manoel, Thezoureiro proprietario da Egreja das Chagas e *morador na travessa da mesma Egreja*, disse:

«Que não tem conhecimento d'elle; mas que sendo encarregado por esta Mesa de acompanhar ao Excellentissimo Conde de Resende, para o prender da parte do Santo Officio, fôra no dia 4 do corrente examinar as casas em que morava e saber se com effei-

to assistia n'ellas, tendo avisado antes ao mesmo Excell.mo Conde de Resende, e ajustado com elle que se achasse no sitio da sua morada, pelas cinco horas da manhã, para fazerem a diligencia; e adiantando-se elle Depoente, a entrar nas mesmas casas, para o ter seguro, evitar que não fugisse, succedeu que apparecendo-lhe o mesmo Padre mal vestido, sem meias nem calções, embrulhado sómente em um capote, como elle Depoente o não conhecia, imaginando que seria algum creado da casa, lhe perguntou pelo dito Padre, dizendo-lhe queria fallar sobre uns negocios que lhe tinham hido de encommendas de Gôa, cujos papeis se achavam em poder do Patrão-Mór, já defunto e tio do mesmo Padre; e respondendo-lhe que o dito Padre ainda estava recolhido, mas que elle lhe iria dar parte do negocio em que se fallava; e entrando com effeito em um quarto em que fingiu estar o dito Padre, viu elle Depoente que logo abrira uma papeleira, da qual tirou uns papeis que lhe veiu entregar, dizendo que aquelles eram os papeis que procurava, e que podia vêr muito á sua vontade; e recebendo-os elle Depoente, e estando a examinal-os, desconfiando que o dito sujeito que lh'os entregou era o proprio que procurava, lhe disse, sem lhe dar comtudo a parte do Santo Officio, se fosse vestir, porque andava por aquelle modo indecente; e entrando por effeito d'este recado para o referido quarto, dando a entender que se ia vestir, observando elle Depoente, que tardava, e não sentindo movimento algum, nem acção de se estar vestindo, entrou em o dito quarto para se affir-

mar, e então conheceu que o mesmo sujeito não estava no quarto e tinha descido por uma escada que dava serventia para outros quartos inferiores, e d'ahi para a porta da rua, por cuja causa correu logo á mesma porta, na qual tinha deixado um creado seu; e perguntando-lhe se por ella tinha sahido alguma pessôa, lhe respondeu que tinha sahido um homem embrulhado em um capote alvadio com uma cabelleira na cabeça; e entendendo elle Depoente, que era o mesmo que procurava, por lhe ter apparecido tambem com um capote alvadio, partiu immediatamente com o mesmo creado em busca d'elle, mas já o não pode encontrar, de sorte que quando d'ahi a pouco chegou o dito Excell.mo Conde de Resende, elle Depoente lhe contou tudo o que tinha passado, e se certificaram que a diligencia estava perdida, e que já não podia ter effeito; porque aquelle homem que sahiu pela porta fóra, e que com a sua fugida se occultara, era o proprio Padre Francisco Manoel, de cuja prisão estava encarregado da parte d'esta Meza.»

«Que ouviu publicamente dizer, que elle se retirara para o Paquete, e que no dia seguinte partira para Inglaterra; e que não sabe parte certa em que presentemente assista.

«Perguntado por que rasão não deu immediatamente parte a esta Meza do máo successo que tivera na sobredita diligencia, para que a mesma Meza tomasse a este respeito as diligencias que parecessem necessarias, disse:

«—Que não fizera assim, porque como não tinha dado a parte do Santo Officio

áquelle sujeito que lhe appareceu, nem a outra pessoa alguma da mesma casa, e tinha usado do pretexto do negocio da India, como acima deixou dito, ficou entendendo que elle, nem outra pessoa alguma podia suspeitar que a diligencia a que ia era ordenada por esta Meza; e se persuadiu, que elle tornaria a voltar á mesma casa, e esperava então prendel-o, para cujo effeito poz vigias, e elle mesmo ficou vigiando as casas n'esse e no seguinte, até que finalmente se desenganou pelas vozes publicas, que corriam, que elle se tinha refugiado no Paquete, e partido para Inglaterra, e mais não disse.»

O esbirro não falla na scena do punhal, porque isso o prejudicaria diante do horrendo Tribunal. O depoimento do creado de Manoel Caetano de Mello fixa o dia da visita domiciliaria em 4 de julho, e é elucidativo:

Chamava-se Manoel Dominguez, solteiro, natural da Galliza, de edade de 40 annos, pouco mais ou menos, e era boleeiro do familiar Manoel Caetano de Mello; declarou que não conhecia o referido Padre, porém na occasião de o ir procurar seu amo «a sua propria casa, em o dia 4 do corrente pela manhã, convidara a elle egualmente, para que se pozesse na porta das casas onde morava, recommendando-lhe se em cima no sobrado ouvisse vozes ou signaes de briga, elle mettesse as portas dentro se estivessem fechadas, e lhe desse soccorro contra quem o quizesse acommetter, e que praticando-o assim, e achando-se n'esta vigia, vira descer um homem coberto com um capote e lhe parece que com cabelleira, e este sahira para fóra sem lhe dizer

cousa alguma; e que ao depois descendo seu amo e perguntando-lhe se tinha sahido alguem, elle lhe referira ter sahido aquelle homem, a quem elle depoente por uma parte, e seu amo por outra procuraram nas ruas visinhas para o apprehenderem; o que com effeito não poderam executar pelo não terem achado...»

Em varios logares das suas Obras Filinto aponta o nome do Familiar do Santo Officio que fôra para o prender; por ventura o conheceria de vista, ou de Portugal lhe revelaram quem era o sujeito: «ás 6 horas da manhã me bateu á porta o Familiar do Santo Officio, Manoel Caetano de Mello.» [1] Na nota em uma Carta em verso ao seu intimo amigo Mathevon de Curnieu ainda lembra os *onze dias* em que esteve escondido, antes de conseguir escapar-se de Portugal. [2] Sané, na biographia de Filinto, conta assim as reminiscencias do poeta: «Estes onze dias, estes onze seculos, Francisco Manoel passou-os em uma anciedade facil de avaliar. — Estes longos dias de angustia e de terror corriam com uma lentidão acabrunhante. O navio, prestes a largar, esperava o vento em Paço d'Arcos, pequena bahia do Tejo, a duas legoas de Lisboa.

«Finalmente, no undecimo dia (15 de ju-

---

[1] *Obras*, t. XI, p. 23.

[2] *Ib.*, t. V, p. 360: «Nos onze dias que estive homisiado, nunca o socego de espirito foi tão sobejo que desse largas ao somno.»

lho de 1778) o Marquez de *** (de Marialva?) amigo fervoroso, homem instruido, militar cheio de coragem e brio, entrou no asylo de Francisco Manoel, abraçou-o e disse-lhe: — Ides partir para França.— Ainda bem, para França; mas, ah! Portugal... — Não tendes um instante a perder; tomae ainda este ultimo disfarse. Eram os trajos dos marujos que trabalhavam no carregamento do navio. Entraram para a carruagem do Marquez, puchada a quatro possantes cavallos, e rodam com a maior rapidez. Passaram por diante da casa de Francisco Manoel, ainda guardada por numerosas sentinellas; [1] bem penoso foi esse momento; nunca mais alli entraria; o coração confrangeu-se-lhe.

«Chegaram a Paço d'Arcos. O navio estava a uma só amarra. Francisco misturou-se com a marujada na praia, e conduziu para bordo uma canastra cheia de laranjas; eil-o sobre o convés. Desfralda-se o panno; mas, que perigos ainda! Os signaes do fugitivo tinham sido enviados a todos os póstos das fronteiras; era preciso passar por diante das baterias das torres do Bugio e de San Julião, que defendem as duas margens do Tejo na sua embocadura, e ahi ser revistado. O proscrito apoquentava-se.—Estae tranquillo, disse-lhe o capitão; os commandantes são meus amigos, e não visitarão o navio. E effectivamente as sentinellas contentaram-se em bra-

---

[1] Concorda com a narrativa do Familiar Manoel Caetano de Mello.

dar: — Quem vem lá? — Navio portuguez! respondeu o piloto. (Trazia essa bandeira.) Já se está ao largo, abraçam-se, choram de alegria: — Estaes salvo, meu amigo! disse o capitão; agora, vamos almoçar.

«Novos sustos! O velho navio tinha permanecido muito tempo ancorado, e era ronceiro; as madeiras tinham-se fendido com o ardente calor do sol, e descobriu-se que fazia agua. A tripulação botou-se toda ás bombas. Fallava-se já em arribar ao Porto, onde Francisco Manoel devia estar apontado pelos signaes com mais insistencia, porque d'essa cidade era o ponto d'onde partiam mais navios; porém, á força de trabalho conseguiu-se calafetar a fenda, e o perigo desappareceu.

«No alto mar, occorreram ainda perigos; avistaram os chavecos barbarescos, aos quaes fugiram. Muitos navios americanos o visitaram, de espada desembainhada, a Guerra da Independencia proseguia com encarniçamento. Um tufão os arroja quasi para as agoas dos Açores; e julgaram-se quasi perdidos sobre os recifes de Jersey. Alfim, depois de uma longa viagem de vinte e sete dias, chegaram ao Hâvre. Francisco Manoel dirigiu-se para Paris a 23 de Agosto d'esse mesmo anno.» [1]

Juntamente com Filinto, fugia tambem para França ás garras da Inquisição e do Rigorismo do reinado de D. Maria I, Felix da Silva Avellar, acolyto e capellão da Patriar-

[1] *Poésie lyrique*, p. XXIII a XXV.

chal, moço que pela sciencia se havia de immortalisar com o nome de *Brotero*. Por amisade e recursos do negociante e industrial Thimoteo Lecussan Verdier, [1] embarcaram os dois perseguidos na Trafaria, a bordo do navio sueco *Nicolão Roque*, que os deixou no Hâvre de Grace. D'alli seguiram ambos para Paris, onde fixaram residencia, encontrando alguma protecção no embaixador D. Vicente de Sousa Coutinho, e valiosa intimidade no Dr. Antonio Nunes Ribeiro Sanches, sabio medico de reputação europêa. Silva Avellar *(Brotero)* começou a frequentar as aulas de Sciencias naturaes, que seguiu por doze annos, tornando-se amigo intimo de Vicq de Azyr, de Daubanton, Brisson e Jussieu, sen-

---

[1] Era filho do negociante francez Miguel Lecussan Verdier, negociante francez estabelecido em Portugal, e de D. Antonia Thereza Vieira, natural de Porto de Moz. Nascera em Lisboa em 5 de Outubro de 1758 (em 1808 declara no Assento do Livro da Antiga Cadêa da Côrte, ter 54 annos.) Teve uma esmerada cultura litteraria, explicavel pela convivencia com Francisco Manoel. Juntamente com o francez Jacome Ratton fundou a Fabrica de Fiação de Thomar, a qual na invasão de 1807 soffreu destroço, sendo elle preso por ordem da Regencia em 6 de Dezembro de 1808, e expulso do reino em 29 de Janeiro de 1809. Passou para Tanger, onde diz ter encontrado mais justiça e humanidade do que em Portugal. Fez grandes serviços á Litteratura portugueza, como o attestam a publicação do *Hyssope* em 1817, as edições dos *Lusiadas* de 1819 e 1823, e a prefação do *Cancioneiro do Collegio dos Nobres* em 1823. Voltou a Portugal em 1825; foi socio da Academia real das Sciencias, e correspondente do Instituto de França. Faleceu em 10 de Novembro de 1831.

do admittido na convivencia de Buffon, Condorcet, Cuvier e Lamarck. [1]

Emquanto o foragido Filinto levava já cinco dias de viagem, no dia 20 de Julho eram interrogadas duas testemunhas na Inquisição para a prova da sua fuga:—José Luiz Antonio Fernandes, official de sapateiro com loja aberta na Travessa chamada das Chagas, de edade de 37 annos, natural de Lisboa; disse que conhecia o Padre Francisco Manoel «por ser seu visinho haverá anno e meio pouco mais ou menos»—«que no dia de sabbado, 4 do corrente mez, pelas seis ou sete horas da manhã, chegou á sua porta o Familiar do Santo Officio Manoel C. de Mello, e lhe perguntou...» «sahiu para fóra o sobredito Padre Francisco Manoel, embrulhado em um capote alvadio, e caminhou apressadamente pela rua que vai para as Chagas...» «Declarou mais, que passados dois ou tres dias, veiu um Sargento de Artilheria, que dizem móra em Belem, ao qual não sabe o nome, ás mesmas casas, *e fez metter em uma sege ao Pae e Mãi do dito Padre, que se achavam doentes e muito velhos*, e os conduziu para o dito sitio de Belem; e no dia seguinte fez da mesma sorte conduzir por uns gallegos todos os trastes e fato que se achavam nas mesmas casas do dito P.e Francisco

---

[1] O nome de *Brotero* é formado do grego *Broto* e *Eros*, que significa *Amigo dos mortaes;* Avellar adoptou-o por aquelle espirito que dirigia a nomenclatura botanica, em que se tornou eminente. Vid. *Instituto de Coimbra*, vol. XXXVII, 367.

Manoel a elle pertencentes, que eram bastantes, e alguns preciosos e ricos, como dois espelhos grandes de vestir, placas, papeleira, cravo, cadeiras, mezas de jogo, e outras mais cousas; ficando sómente nas casas um homem que se chama Joaquim, com familia, que presentemente ainda nas mesmas casas assiste.»

Em 23 de julho foi interrogado Bazilio Cristador, genovez de nação, casado com Isabel dos Anjos, de edade de 55 annos, official de entalhador, e com casa de bilhar, morador na travessa da Egreja das Chagas; declarou que «era visinho da mesma escada; circumstancia por que o conhecia.» Com isto ficou «provada a fuga do P.e Francisco Manoel do Nascimento.»

Continuaram a inquirir-se novas testemunhas para correr o processo á revelia, e depois da condemnação se fazer o confisco dos bens do ausente; são preciosos os factos allegados para o conhecimento da vida intellectual do meado do seculo XVIII, mas antes de os transcrever pelo seu valor historico, importa desvendar d'onde proviera esta infamissima perseguição religiosa e politica contra Filinto.

Nos versos que elle escreveu, passado um anno, commemorando o *dia 4 de Julho*, consigna de um modo positivo ter sido *sua propria mãe*, velha e dementada pelo fanatismo de um frade explorador, que o accusára á Inquisição; transcrevemos algumas estrophes d'essa Ode:

Morreram os meus bens, e a minha fama;
Nem doce Orpheo, nem arrojado Alcides
D'esses Cerberos crús ouse arrancal-os
A's garras cubiçosas.

Nova Medéa, ao filho que gerara,
Deu (quam pesado poude!) *o duro golpe*
C'o braço novercal; c'o hervado alento
Bafejou a innocencia.

Que prazer da calumnia bem medrada
Não colheram devotos Embusteiros,
Que em chammas cevam de christãs fogueiras
Caridade aleivosa!

Em nota ao hervado alento, esclarece o facto: «Induzimentos do seu Confessor, que lhe intimou revelações de uma freira da Madre de Deus, que vira no inferno uma cadeira de braços, de ferro em braza, que me esperava.» (IV, 146.) Em Ode dirigida ao seu erudito amigo Guilherme José Billing allude outra vez ao facto da delação de sua mãe:

Quanto val calejada paciencia
Contra um mundo embebido de ignorancia!
Egide adamantina, em que despontam
As flechas do infortunio.

Eu da calumnia e inveja alvo patente,
No seu bôjo aparei odio de frades,
Angustias, perdas, ameaçados fogos,
E a maternal Megéra!

(*Obr.*, IV, 164.)

A pobre e estupida velha Maria Manoel foi induzida por um miseravel frade a accusar o proprio filho! Em uma Ode ao seu anniversario, datada de Paris em 23 de Dezembro de 1779, allude Filinto a mais dois personagens que trabalharam para a sua ruina:

Maldito o Bonzo, *e mais maldito o Nayre*
Que calumnioso urdiu o meu desterro;
Malditissimo o estupido fanatico
Que encommendou a queima!

(*Obr.*, IV, 150.)

O *Naire* torna-se nos versos de Filinto um personagem importante, um fidalgo acerrimo pelo seu orgulho; o poeta chega mesmo a apontal-o pelas iniciaes do seu titulo, e essa revelação ata o fio de uma intriga suscitada pelos venturosos dias dos Outeiros poeticos de Chellas.

Na Ode em que Filinto commemora o dia 4 de Julho, em que fugira ás garras da Inquisição, eram já passados outo annos, descobre elle por iniciaes o nome do Marquez de Alorna como o seu denunciante ao tremendo tribunal:

Vê no monte os amigos, que derramam
De gosto e de saudade muito pranto;
Vê a masmorra, o *Delator raivoso*
E os Verdugos mordendo
As mãos, a que magnanimo escapaste;
Vê a feroz calumnia
Que nos teus bens se vinga.

(*Obr.*, IV, 92.)

E em nota ao *Delator raivoso* põe as iniciaes ***O. M. d'A...*** que hoje se lêem irrefragavelmente *O Marquez d'Alorna.*

Alexandre Sané, no esboço biographico de Francisco Manoel, faz allusão a esse fidalgo sem revelar-lhe o nome, mas dá-o como o perseguidor do poeta: «Elle teve uma discussão accalorada com um personagem de

alta gerarchia; as familias de ambos eram amigas; Francisco Manoel tinha prodigalisado a este individuo as mais activas consolações, em uma epoca em que elle incorrera na desgraça do Principe e na de um ministro omnipotente. Este fidalgo, de um caracter pouco nobre, considerou-se ferido no seu orgulho; concebeu baixas ideias de vingança. Os inimigos de Francisco Manoel alentaram as paixões d'este ingrato, e encenderam-lhe o rancor; e, tendo readquirido as graças, fez-se o indigno instrumento de suas maquinações. Carregou com falsas accusações um subdito submisso, calumniou a sua religião, influiu na soberana actuando nos seus escrupulos, e serviu-se da mão regia para vibrar o golpe o mais inevitavel e o mais mortal. — A Inquisição, fortalecida com o assentimento regio, não guardou mais attenções.» [1] Paulo Midosi em uma *Carta ao Compadre Lagosta* (José Agostinho de Macedo) revela este mesmo facto, nomeando o Alorna, e levantando um fio da intriga:

«O celebre Doutor Sanches, honra da Medicina portugueza, teve de emigrar para a Russia se quiz escapar *ás garras dos Padres tristes!* Os mesmos vampiros, por satisfazer a certo Naire (o Conde — lêr Marquez — de Alorna) a quem elle na sua desgraça sustentara, e *que então fechara os olhos aos amores d'elle com sua filha*, estiveram a ponto de empolgar Francisco Manoel do Nascimen-

---

[1] *Poésie lyrique*, p. XVII.

to, que foi acabar pobre e desvalido em França, confiscados seus bens na patria, a quem deu tanta gloria em seus escriptos.» [1]

Tambem José Maria da Costa e Silva colligiu esta tradição corrente no seu tempo, escrevendo ácerca da denuncia de Filinto: «Com a morte de El rei D. José e a demissão do Marquez de Pombal, foram soltos os presos de estado, e entre elles o pae da *moderna Laura* restituido ás suas honras e á fruição do seu solar e riquezas. [2] Este *Naire* (é com este nome que Francisco Manoel o designa em seus versos) talvez cioso de honra, talvez affrontado de que sua familia tivesse sido soccorrida por um plebeu, quiz perder o poeta, e para esse fim usou de manejos verdadeiramente aristocraticos. Foi-lhe facil achar nos frades o instrumento de que precisava. Um franciscano, confessor e director espiritual da mãe do poeta, que era uma mulher crédula e supersticiosa, se offereceu para dirigir a intriga, fazendo persuadir a pobre velha da pretendida visão em que uma freira grilla baixando em espirito ao inferno tinha alli visto uma cadeira de ferro em braza para a alma de seu filho então alli eternamente sentado; abusando da sua simplicidade lhe fez crêr que o unico meio de salval-o da condemnação eterna estava em ella pro-

---

[1] *Carta 10.ª, ao Compadre Lagosta,* datada de Londres em Junho de 1829. — Inedita na Academia das Sciencias por offerta do Dr. Henrique Midosi.

[2] Decreto de 17 de Maio, de 1777.

pria o denunciar ao Santo Officio; ella assim o fez, e se passaram as ordens para elle ser capturado.» [1] Todo este horror se attenúa diante da informação extra-judicial, de 23 de Março de 1779, assignada por Mathias de Andrade de Almeida: «os ditos paes, Manoel Simões e Maria Manoel são vivos, *elle se acha cego e pedindo esmola* e se recolhe pelo amor de Deus em casa de um barbeiro ao Chiado, ...e *a mãe está com pouco juizo* em casa de uma sua afilhada.» Dos bens que constituiam o patrimonio de Francisco Manoel tomou posse uma sobrinha do Patrão-Mór. Uma enfiada de crimes e torpezas, em que a pobre familia além de espoliada de recursos era moralmente infamada, como se vê por essa malevolente informação extra-judicial. [2]

---

[1] *Ramalhete,* tom. IV, p. 101.

[2] «Convem saber-se na Meza do Santo Officio d'esta Inquisição de Lisboa, por informação extra-judicial, que se tirará em segredo, e com maior cautella, de pessoas antigas, noticiosas e fidedignas, se o P.e Francisco Manoel do Nascimento, Thesoureiro Proprietario da Egreja das Chagas, e hoje ausente d'este Reino, foi sempre nomeado pelo sobredito nome, sobrenome e apellido, ou se em algum tempo foi conhecido com alteração ou diminuição n'elles. Outrosim d'onde he o sobredito natural, como se chamavam seus Paes, onde foram moradores, que occupação tiveram, e se são vivos ou mortos, e onde assistem.

«V. m.ce se informará do referido com a maior exacção, cautella e brevidade, e do que resultar n'esta expenderá: como tambem passando á freguezia de que houver noticia ser natural o dito Padre, e buscando os Livros do Baptismo do mesmo; declarando ultimamen-

Na Inquisição de Lisboa proseguia o processo, sendo em 30 de Julho de 1778 passada ordem para serem interrogados Fr. Placido de Andrade Barroco, Frei Jorge de S. Francisco, Fr. Simões da Conceição e o boticario Thomaz de Aquino. Nada póde substituir as delações espontaneas d'esses cerebros obtusos, para representar o estado do espirito no fim do Grande seculo e a reacção contra as ideias modernas. Transcrevemos como texto historico esses extraordinarios depoimentos.

A 4 de Agosto de 1778, Fr. Jorge de S. Francisco, natural de Lisboa e actualmente Guardião do Convento de N. S.ª dos Anjos, do Sobral, junto da villa de Alhandra; de 53 annos de edade; disse: «que haverá quatro para cinco annos, viera o dito Padre (Francisco Manoel) com outras pessoas da

---

te os dias que gastou n'esta diligencia, e os livros que sem effeito buscar.» «Ao Comm.º Mathias de Andrade. Lisboa, Santo Officio, em Meza, 2 de Março de 1779. *Larre.*»

«Procedendo á diligencia extra-judicial retro, que V. S.as foram servidos commetter-me, sobre o contheudo na mesma pertencente ao P.e Francisco Manoel do Nascimento, me informei meudamente das pessoas referidas no fim d'esta, fidedignas, legaes, noticiosas e antigas, e dos mesmos consta, que conheceram sempre ao dito Padre, com nome e sobrenome e apellido, e assim nomeado, e que em nenhum tempo souberam fora conhecido com alteração ou diminuição n'elles: ouviram uns e outros, entendem ser o dito Padre natural da Freguesia de S. Julião d'esta cidade, e uma disse ser natural da dita freguezia; que o dito Padre é

cidade de Lisboa, a este convento onde passou a noite...» Seguiu-se a depôr o P.e M. Fr. Simão da Conceição, natural da Villa da Olivença, de edade 53 annos, e continuou: «que o P.e Francisco Manoel alli viera na companhia do Dr. Luiz da Silva, Ouvidor da Casa da Moeda, João da Silva, Joaquim José de Sousa, e que ahi não disse cousa contra a Fé... mas que na sua casa lhe ouvira dizer, que não eram precisas pinturas do Espirito Santo e dos Anjos; e que de outra vez olhan-

---

Thesoureiro collado da Freguezia das Chagas, e morador, quando se ausentou, em umas casas de Monsieur Pedro, Marcineiro, QUASI DEFRONTE DO PALACIO DE CALHARIZ, com seus paes, e com Joaquim José Pereira de Sousa; ouviram alguns dizer que o dito Padre se embarcara no Paquete para Londres, e muitos ouviram que se acha em Paris de França, e que se corresponde com o dito Joaquim José Pereira de Sousa, morador presentemente ao caes do Sodré, rua do Arsenal, e que tambem escreve ao Padre Frei Filippe de San Thiago, do Convento de S. Paulo d'esta cidade; conhecem seus paes, MANOEL SIMÕES e Maria Manuela, elle foi FRAGATEIRO E TEVE SUA FRAGATA, ELLA VENDEU PELAS RUAS PEIXE e outras cousas comestiveis; foram moradores antes do Terremoto com o dito P.e e João Manoel, que morreu Patrão Mór, e então era MESTRE DAS FRAGATAS REAES, na rua da Ferraria, freguesia de S. Julião, nas casas de José Rodrigues Torres, informante n'esta Diligencia, e tambem na rua dos Mercadores da dita freguesia; depois do terremoto foram todos assistir em uma Barraca á Cotovia, e na Rua do Valle, freguesia de N. S. das Mercês: quando o dito João Manoel saiu Patrão Mór, levou todos comsigo para as Casas da Ribeira das Náos, que lhe dá El-rei; os ditos paes, Manoel Simões e Maria Manuela são vivos, elle se acha cego e pedindo esmola, e se recolhe pelo amor de Deus em casa de um Barbeiro ao Chiado junto á Egreja de N. S. da Boa-Hora; e a mãe está

do para uma pintura de Adão, disse que era sonho de Moysés; em outra vendo uma pessoa do sexo feminino, em casa do dito Joaquim José de Sousa, olhou para uma imagem de N. S. em a acção de dar de mamar a seu bento filho, olhou para a sobredita mulher, por nome Marianna Rosa, mulher do sobredito Escrivão, como quem fazia escarneo: —Olhe para aquella Senhora, que está dando de mamar a seu filho, está celebre pintura! E permitte a egreja isto?=E em outras

---

com pouco juizo em casa de uma sua afilhada, casada com Maximiliano Gomes, Carpinteiro da Ribeira das Náos, ao Terreirinho, freguesia de Santa Catherina; ouviram muitas pessoas informantes dizer, QUE O PAE CERTO DO DITO PADRE ERA JOÃO MANOEL, QUE MORREU PATRÃO MÓR; o Reitor da Egreja da Conceição nova, diz que o dito P.e lhe dissera, que era filho do referido Patrão Mór; o Cura da Egreja das Chagas, diz que o dito P.e lhe dissera, que elle era filho do mencionado Patrão Mór, e sua mãe Maria Manuela era n'aquelle tempo amiga d'elle, e casada ao mesmo tempo com Manoel Simões; o dito Cura tirou do sentido ao P.e Francisco Manoel do Nascimento, que queria, pela morte do referido Patrão Mór, juntar papeis, em que mostrasse ser filho d'elle, para herdar os bens que ficaram, allegando-lhe o dito Cura, que não fizesse isso por ser mulher casada. Tambem Francisco da Silva de Carvalho, ouviu dizer que o dito P.e proferira — Sou filho de João Manoel, Patrão-mór. Este teve intento de ordenar ao dito Padre, como seu filho, e como viu que não podia conseguil-o, o fez ordenar filho de M.el Simões e Maria Manoela, e lhe alcançou a Thezouraria da Egreja das Chagas.

O dito Padre chamava em casa *Mano* ao referido Patrão Mór; e por fóra *Thio*. Comprou o dito Padre em vida do Patrão Mór, UMA QUINTA EM CAMARATE, além de outras PROPRIEDADES EM LISBOA, NA RUA DO VALLE e do Tinhal a S. José, e em uma d'ellas tem o

occasiões: — Estamos em um Reyno, em que não pode a gente escrever por o medo d'este Santo Officio.» — «Em outra occasião achando-o bastante melancholico lhe perguntou elle testemunha, que tinha? Respondeu, que tendo umas historias com dois Padres de Rilhafolles em casa de um livreiro, cujas historias não quiz relatar, só disse que os Padres de Rilhafolles tinham amisade com o Santo Officio, que já d'ali o iam denunciar, e que indo ao outro dia a ter com elle testemunha, o achou

---

seu patrimonio, e dizem que o referido Patrão Mór, lhe deu o dinheiro para estas compras. O mesmo Padre e M.el Simões seu intitulado Pae, e M.a Manoela sua mãe, por morte do Patrão Mór, tomaram posse dos seus beus, porém dizem, que pela ausencia do dito Padre appareceu em Juizo um Procurador com Procuração de uma sobrinha legitima do mesmo Patrão Mór, e tem tomado posse de tudo que ficou por morte do referido Patrão Mór; e o P.e Sebastião José da Piedade, informante, me disse escrevera ao P.e Francisco Manoel do Nascimento, a Paris de França, por via do referido Joaquim José Pereira de Sousa, avisando-o d'esta Posse, e que se quizesse lhe mandasse procuração, para se oppôr a isto, e até agora não lhe deu resposta. Procurei a certidão do Baptismo do dito P.e na freguesia de S. Julião, e não achei, porque os livros todos se queimaram no incendio successivo ao Terramoto de 1755, como tambem procurei os que servem depois do dito Terremoto, e não se acha no referido Assento; e passando ao Cartorio da Camara Ecclesiastica do Patriarchado, para tirar a dita Certidão dos Autos da sua habilitação, disse-me o Official da mesma Camara, que os mandara em Fevereiro proximo passado para este Santo Tribunal, por ordem que lhe veiu do mesmo. E' o que posso informar a V. S.as que mandarão o que forem servidos. Lisboa, 23 de Março de 1779. De V. S.as obediente subdito O Comissario Mathias de Andrade Almeida.»

já muito alegre, lhe perguntou em que tinha parado o seu dissabor? Respondeu: Fui ter com O MEU BISPO DE BEJA, narrei-lhe a historia, e disse-me não fizesse caso d'isso, e não ficando eu descansado, fui ter com o meu amigo FRANCISCO XAVIER DE MENDONÇA e narrei-lhe o caso, respondeu o mesmo, que não fizesse caso d'isso, e não ficando descansado, fui ter com o meu amigo PAULO DE CARVALHO, e narrando-lhe o caso, me respondeu: Descansa, Padre Francisco Manoel, o Santo

---

Pessoas informantes:

O Reverendo Reitor da Egreja da Conceição nova.
O Rev.do Cura da Egreja das Chagas.
José Rodrigues Torres, homem de negocio, freguez do dito Reitor, na rua da Barroca, freguesia da Encarnação.
Francisco da Silva Carvalho, Patrão do Escaler do Bem-commum, na rua de S. João da Mata, freguesia de Santos.
Rev.do Prior de S. Julião.
Rev.do M.el de Sousa, cura de S. Julião.
Rev.do Sebastião José da Piedade, Thez.o interino da Egreja das Chagas.
Ant.o Francisco Rosa, Mestre das Fragatas reaes, morador na rua da Enveja, freguesia da Pena.
Calixto José Cardoso, Contramestre das ditas Fragatas, morador junto á Egreja das Chagas.
Antonio Lourenço, morador á Mouraria, defronte das Hortas, mestre das Fragatas reaes.
O Rev.do José Pedro.
O Rev.do Antonio José.
O Rev.do M.el José de Sousa, todos estes tres padres em occupações na Patriarchal.= Certifico que gastei na expedição d'esta Diligencia tres dias e mais duas buscas nos Livros, sem effeito. Dia, mez e éra, ut supra. O Comm. Mathias de Andrade e Almeida.»

(Torre do Tombo, Processo do Santo Officio, n.º 14:048.)

Officio não está hoje como estava algum dia.» Disse este tratante de Frei Simão, que em casa de Marianna Rosa, havia uma vida de S. Francisco de Assis com estampas, e com *notas de Luthero;* que P.e Manoel, explicava a estampa de S. Francisco «estar parindo Christo crucificado por uma teta»—«que a vida do dito P.e Francisco Manoel não era muito ajustada nem conforme com o seu estado, vivendo luxuriosamente; que nam he falto de juizo, nem o viu nunca inebriado.» (6 de Agosto de 1778.)

Em Coimbra, a 8 de Agosto de 1778, na casa do despacho da Inquisição de Coimbra, diante do Inquisidor Pedro Carneiro de Figueirôa, foi interrogado como testemunha D. Rodrigo da Cunha Manoel Henriques Mello e Castro, natural de Lisboa, e de 27 annos de edade; disse que se achou umas tres vezes com elle, e que lhe repetia os mesmos argumentos, que elle não refutava.

Este depoimento é de alta importancia, porque descreve o estado dos espiritos no seculo XVIII; elle havia escripto ao Inquisidor uma carta da sua quinta do Almegre, datada de 11 de julho de 1778, dando conta do que passara com José Anastacio da Cunha, preso já na Inquisição:

«Que elle declarante contraiu amisade com José Anastacio da Cunha, ...e com elle teve communicação frequente, indo a sua casa, onde praticavam publicamente sobre Poesia, Eloquencia e Bellas Letras, e como n'esse tempo, que já haverá *dois annos*, estavam infestadas as conversações pela corrupção da epoca, que admittia tratar-se de pontos de

disciplina, de Dogmas, de materias tocantes á nossa Religião Catholica, ainda que elle declarante antes de ter entrado na dita casa, ignorava tudo o que era pernicioso,...» «Disse mais que as pessoas que commumente frequentavam a dita assembléa eram José Anastacio, João Paulo Bezerra, seu companheiro, que he natural de Lisboa, filho de uma senhora que é casada com Rubim, o Doutor José Francisco Leal, lente de Medicina, n'esta Universidade, os filhos do Morgado de Matheus, D. Luiz de Sousa, os filhos de D. Francisco Innocencio de Sousa, Embaixador em Madrid, o P.e Apollinario José Vieira da Silva, natural de Lisboa, d'onde é morador, e o Doutor Luiz Coelho, digo Luiz Cechi, lente de Anatomia, os quaes se juntavam para fim honesto e indifferente, qual o de passeio e de passatempo, e a nenhum d'elles viu cousa que o fizesse persuadir de que elles viviam apartados da nossa santa Fé catholica,...» «Disse mais elle declarante, não tem livro algum de seu prohibido, mas leu a trancos, sem ordem de alguns, como o *Candide*, *Diccionario Filosophico*, e do *Evangelho do Dia*, que andava por cima das mezas na casa do dito José Anastacio; não sabe se eram seus, nem se tinha mais, nem tambem se lembra se todos ou se alguns teve em casa d'elle declarante, por algum tempo emprestados.» «Disse mais, que em outra vez que se tratou de Atheismo no Jardim das Necessidades, estando presente o dito José Anastacio, dito João Paulo Bezerra, e um francez chamado Monsieur Vachi, cirurgião-mór do regimento de Valença, e o Dr. Cechi, onde o francez se

calava, e o Cechi não sabe que partido tomar: José Anastacio e João Paulo Bezerra seguiram a verdade dos Deistas, isto é, que ha um Deus,...» «Disse mais, que em outras vezes se achou em Lisboa, com o P.e Francisco Manoel, sobrinho do Patrão Mór da ribeira das Náos, com o qual elle declarante lhe produziu os mesmos argumentos, elle sobredito, não só os não contradizia, mas até os apontava e annunciava.»

«Disse mais, que em outras vezes tratou as ditas materias com o Dr. Leal, em outras com José Anastacio, e João Paulo Bezerra, e outras pessoas que lhe não lembram, indo de passeio junto a Santo Antonio dos Olivaes, e em uma d'estas está certo elle declarante, que acerrimamente defendeu o partido da nossa Religião...» «Disse mais, que n'estas e outras similhantes palestras, fallava elle declarante em *Hobbes*, *Helvetius*, e outros livros impios, que nunca lera, nem tinha visto, mas sabia d'elles pelos ouvir referir em casa do dito José Anastacio.» «Disse mais, se lembrar não querer emprestar João Paulo Bezerra um livro de author anonymo, intitulado: *Le bon sens*, do P.e Meslier, que elle sabia e elle declarante tinha em seu poder, o qual era de José da Silva Moreira, filho de um ourives do mesmo nome, morador na quinta da Conchada, cujo livro é atheista e tão horroroso, que elle declarante o não quiz ler, nem o quiz emprestar ao dito, pelo sobresalto que recebeu o seu espirito pelo que encontrou na lição da primeira folha.» E accrescenta: «se tratou as ditas materias, foi

arrastado do gosto do seculo, da politica de esse tempo e da inconsideração dos annos...»

(Depoimento de Manoel de Sousa:) A 26 de Agosto, de 1778 foi interrogado o CAPITÃO MANOEL DE SOUSA, Engenheiro, natural da cidade de Lisboa, e n'ella morador em o sitio de Buenos Ayres, de edade de 41 annos, filho de João Gonsalves, e Isabel Maria da Conceição: «Disse, que por agora lhe não lembra pessoa alguma particular, que tenha commettido semelhante delicto, exceptuando sómente a de P.e Francisco Manoel do *Nascimento;* do qual na denuncia que de si mesmo fez a esta Meza no dia 16 de Julho do presente anno, disse que elle o tinha por um verdadeiro atheo; ou que tinha suspeitas que em nenhum ponto da religião era seguro.» «Disse, que os motivos eram os que veiu a entender do TRATO E COMMUNICAÇÃO QUE COM ELLE TEVE POR ALGUNS ANNOS, observando em geral, que tratava tudo o que pertencia á Religião como um ponto politico, necessario para a sua conservação, porque sempre conheceu n'elle, que n'este mundo nenhuma cousa lhe importava mais que a sua pessoa, preferindo-a a tudo que n'elle havia; observando em geral, que elle nenhuma Religião seguia em particular, por que via pelo que pertence á nossa Catholica Romana, dizia frequentemente missa, sem se confessar antecedentemente, ao mesmo tempo que suspeitava que elle tinha a sua consciencia bastantemente embaraçada pela liberdade com que fallava do credito e reputação das pessoas mais auctorisadas, e principalmente do recto procedimento

d'este tribunal. E em uma occasião lhe ouviu dizer, que elle se confessava com certa pessoa, sómente para o desabusar do máo conceito que julgava fazia d'elle, do que ficou entendendo, que elle não usava d'este sacramento como manda e prescreve a nossa Religião. Via mais, que elle nenhum preceito observava da nossa Ley, nem da Santa Madre Egreja; do que tudo fez conceito, que elle sómente no exterior, para escapar dos castigos que lhe podiam ser dados, mostrava ser catholico; porém que no interior não tinha absolutamente Religião alguma, mofando de todas com indifferença» «porque como a maior communicação que com elle teve, ERA SOBRE PONTOS DE BELLAS-LETTRAS, só por acaso e incidentemente tocavam em alguns de Religião...»

—18 de Fevereiro de 1779: chamado Thomaz de Aquino Bulhões, boticario, morador em a Calçada de Santa Anna, de edade de 55 annos, natural de Lisboa e casado com Maria Josepha; declarou, que o que sabia lhe tinha dito outro boticario seu amigo, Wenceslau Martins do Valle, morador á Mouraria, nas casas do Marquez de Alegrete.

—Data id.=FREI PLACIDO DE ANDRADE, da Terceira Ordem, mestre de Estudantes do Convento em Lisboa, de edade de 28 annos: «Disse que conhecia muito bem ao referido Padre Francisco Manoel, o qual era morador n'esta côrte, e Thesoureiro da Egreja das Chagas, d'esta cidade, com quem tinha amizade e algum trato, postoque não demasiadamente frequente.» «Disse, que tinha certeza de que o Padre Francisco Manoel proferira,

que o *Sexto Mandamento* do Decalogo, era um mandamento chimerico, como opposto á natureza; e que elle depoente se não convence, se lh'o ouviu dizer a elle proprio, por isso mesmo que se não lembra, nem tempo, nem occasião, nem maneiras; ou se lhe referiu um irmão d'elle depoente, que actualmente é JUIZ DE FÓRA NA CIDADE DA BAHIA, CHAMADO SEBASTIÃO JOSÉ FERREIRA BARROCO, ter ouvido o mesmo Padre Francisco Manoel proferir a mencionada proposição por este ter mais communicação com o referido Padre.» «Disse, que a não fizera (delação) por ser um estudante n'esse tempo com pouca reflexão; e depois communicando-os passado algum tempo, sendo então religioso, ouvira queixar o mesmo P.e de que os seus amigos tinham abusado da sua sinceridade desacreditando-o por hereje...» «Disse mais, que agora se recorda, que o dito P.e fallara da inutilidade do Tribunal do Santo Officio, dizendo que se não fazia preciso, que era rigoroso, e que França se não governava por elle, o que era muito digno de louvor.»

«Disse mais que em certa occasião, antes de elle depoente ser religioso, lhe vira nas suas mãos a *Historia das diversas Religiões do mundo*, com as estampas de Picar; e que se persuade que elle os lia sem escrupulo, e outros mais livros prohibidos.» «Disse mais, que em outra occasião viu na sua mão uma tragedia de Voltaire, feita por elle, que julga ser a intitulada O MAHOMETISMO; e que por estas rasões se persuade que o dito P.e era um homem de pouca religião, de cujas acções poderá plenamente depôr o P.e Frei Filippe,

religioso da Congregação de S. Paulo, hoje residente em o Convento de Evora, com quem o dito Padre Francisco Manoel tinha uma intima amisade, com frequencia se tratava e communicava...»

Em 1 de Março de 1779, este Frei Placido de Andrade pediu audiencia, e disse: «Que pelo que respeita a ter referido, que a tragedia intitulada MAHOMETISMO a traduzira o sobredito P.e, agora com mais exacto exame se recorda, que este a não traduzira, mas sim um JOSÉ BAZILIO, hoje Official da Secretaria de Estado dos negocios do reino, mas que elle depoente vira esta traducção na mão do mesmo Padre.»

A 18 de Fevereiro de 1779, passou-se ordem ao vigario Manoel Curado Diniz, da Parochial egreja da Conceição para interrogar Marianna Rosa de Amorim e Sousa, casada com Joaquim José de Sousa, escrivão do civel, e de 35 annos de edade: «E sendo perguntada que se tinha algum conhecimento e amisade, ou tratamento com o P.e Francisco Manoel, disse — que muito bem o conhecia, e sabia que era Thezoureiro da Egreja das Chagas e morador na Ribeira das Náos, em casa do Patrão Mór, a quem sempre tratou por seu *tio*, e SABE PELO OUVIR DIZER, QUE É FILHO DE MARIA MANOEL, CASADA COM MANOEL SIMÕES, MAS É VOZ PUBLICA, QUE O DITO P.e FRANCISCO MANOEL ERA FILHO DO PATRÃO MÓR DEFUNTO JOÃO MANOEL, que se diz o tivera de Maria Manoel, digo o tivera da sobredita Maria Manoel, mas que ella testemunha nunca nem viu que o sobredito P.e dissesse ou fizesse cousa alguma contra a nossa

Santa Fé Catholica, e que nas repetidas vezes que vinha a casa d'ella testemunha, e com elle e seu marido conversava consistindo pela maior parte a sua conversa em COMEDIAS, VERSOS AMATORIOS, E SONETOS, e que nas vezes que o dito vinha a sua casa era quasi sempre de levante, por ser o seu genio jovial de pouco assento.» — «disse, que era bem notorio, que elle tinha fugido d'este reino, e ouviu dizer ESTAVA EM PARIS:..»

— 15 de Maio de 1779, interrogado Frei Nicolau de N. Senhora do Valle, de edade de 61 annos: «disse que haverá quatro para cinco annos, veiu a este convento o dito Padre (Convento dos Anjos, no termo de Alhandra) na comp.ª do Dr. Luiz da Silva, e Joaquim José de Sousa, moradores em Lisboa, e aqui se demoraram alguns dias, e em uma das occasiões que elle testemunha os visitou na hospedaria, moveu-se com o dito P.ᵉ Francisco Manoel uma questão a respeito de ser ou não ser Adão pae de todos os viventes, apontou o dito P.ᵉ algumas opiniões de diverso parecer.»

— 8 de Julho de 1779. Frei Filippe de S. Thiago Travassos, natural de Lisboa, religioso professo na Ordem de San Paulo, morador no Collegio de Evora, aonde era lente de Philosophia, de edade de 33 annos: «Disse, que haverá quatro annos teve conhecimento e amisade com algumas pessoas, que sabia tinham uso e lição de alguns livros prohibidos, como são *Voltaire*, *Rousseau*, e outros semelhantes, ás quaes ouviu por vezes algumas proposições suspeitosas, contra alguns costumes da Religião que elles deduziam dos prin-

cipios errados dos mesmos Livros; e que elle se julgou sem obrigação de os vir denunciar a esta Meza, por dois motivos; primeiro, por que ainda que n'esse tempo estivesse a porta d'este Tribunal aberta para receber as denuncias, sabia elle testemunha que eram menos bem olhadas do Ministerio as pessoas que intentavam as referidas denuncias, (como ouviu dizer a estes e a outros seus conhecidos, sobre uma disputa havida entre o CAPITÃO MANOEL DE SOUSA, e Padre Francisco Manoel e dois Religiosos de Rilhafolles, os quaes por susterem o partido da Religião contra os sobreditos, dizem foram perseguidos.) O segundo, porque nunca elle deprehendeu pertinacia ou teima no proferir das ditas proposições.....» Quanto ás pessoas que liam livros prohibidos: «Disse, que eram as duas que já acima deixa referidas o P.e Francisco Manoel e o Capitão Engenheiro Manoel de Sousa, e DOMINGOS PIRES BANDEIRA; e a rasão que tem de o saber, é por que visitando algumas vezes aos sobreditos P.e Francisco Manoel e Domingos Pires Bandeira, viu que elles tinham nas suas estantes os ditos livros, e outras vezes abertos em cima das suas bancas, e por vezes lhe repetiam algumas passagens que n'elles tinham lido; e a respeito do Capitão Manoel de Sousa, é porque conversando outras vezes com elle, em muitas o ouviu formar argumentos fundados nos sentimentos oppostos á Religião...»

Na Carta a Mathevon de Curnieu, ainda ao fim de muitos annos, descreve Filinto com traços palpitantes a sua tormentosa partida:

Quão poucos vi no meu desterro duro
Lastimar-me sinceros, dar-me alivio,
Com mavioso seio, amiga sombra!
Os mais se deslembraram... Talvez folgam
Que os Satelites tôrvos da Calumnia
Me despojem.....
.... cortejos e os protestos
(Douradura bem falsa de alma iniqua!)
Eram perfida aragem, que ajuntava
Nuvens, e dava forças á tormenta,
Que desferiu depois com raios, pedra
No misero baixel que navegava
Descuidado, inexperto, em mar de leite
Entre infindas voragens e cachópos.
. . . .
Quando, as velas soltando, á foz do Tejo
Já atraz de si deixava o pio lenho,
Que os fados meus, commigo carregava;
Subindo á tolda, e o tresnoitado corpo
Encostando ao debrum das amuradas,
Para a fulgente Elysia os longos olhos
Estendendo á morada dos amigos,
Commigo debuxava a saudade,
Que lhes anciava os peitos saudosos;
E pela minha dôr media a sua.
Já dizia entre mim: — Agora, juntos
O meu funesto caso deplorando
E os sobresaltos, e os bebidos sustos,
Se consolam no meigo pensamento,
Que ás mãos da Tyrannia e inveja crúas
Salvou-se illesa victima votada.
. . . .
Quando da Elysia os tectos alterosos
Co'a fuga do baixel, vão abatendo,
E da alva Cynthia o pedregoso pico
Apenas mostra, em mal distincta sombra
A verde fralda de aspera espessura
Té que inteira se esconde em roxas nuvens
Que o sol pintava, entrando saudoso
No humido seio do inquieto Oceano:
Outra nuvem de lôbrega tristeza
Os olhos me abafou desconsolados,
E sobre o peito me pesou escura.

(Obr., v, 358)

§ II. Refugio em França. (1778—1792) Residencia na Hollanda. (1792—1797) Regresso definitivo a Paris e morte. (1797—1819)

Filinto chegou a Paris em 13 de Agosto de 1778; «nos primeiros tempos do seu exilio, a tristeza, os desgostos, o isolamento subito em que se achava, as recordações da patria quebrantaram-lhe a coragem; *esteve bastante doente*, e um anno decorreu sem ter força para procurar uma distracção necessaria, na novidade dos logares em que se achara lançado e no encanto do estudo.» (Sané, XXV.)

Desde que Filinto receiou as denuncias dos Padres de Rilhafolles e andava apprehensivo pelo terror da Inquisição, é natural que preparasse o plano da fuga, tendo á mão qualquer quantia importante para poder sustentar-se em terra estrangeira; a intimidade com negociantes francezes como Lecussan Verdier e Curnieu, facilitar-lhe-ia a remessa de dinheiros que houvesse depositado em suas casas. Assim os primeiros tempos do exilio não se apresentam sombrios pela solidão e extrema penuria. Encontra communicação moral com espiritos superiores como o grande Doutor Ribeiro Sanches, e a situação degradante de Portugal não o leva ao desalento, mas á colera. A poesia offerece-lhe um agradavel pretexto para continuar as antigas relações de amisade, e adquirir outras, sem recorrer á imprensa, o que só fez a começar de 1786, quando os recursos lhe iam escasseando. Na sua revolta contra *Nayres* devotos e *Padres tristes*, pouco depois de chegar a Paris ence-

tou a traducção do poema burlesco a *Pucelle d'Orleans* de Voltaire, a que poz o titulo de *Virginidos ou a Donzella*, enviando o primeiro canto para Portugal a Domingos Pires Monteiro Bandeira, acompanhado de uma Ode. (*Obr.*, III, 279.) Elle então usava o pseudonymo de Agostinho Soares de Vilhena e Sylva; mas quando em 1783 se imprimiu esse primeiro canto em tiragem limitadissima, pozeram-lhe o pseudonymo que usára em Lisboa, em 1768, Marcellino da Fonseca Mine's Noot. A versão da *Pucelle* foi levada até ao canto III. Outros pseudonymos empregou em varias poesias satiricas, como Ignacio de Sequeira Massuelos, Clemente de Oliveira e Bastos, Lourenço da Silveira e Mattos, José Pinheiro de Castello Branco. Era-lhe preciso um trabalho em que absorvesse o espirito, um pensamento em que se apoiasse no vacuo repentino em que cahira; lembrou-se de traduzir a *Pharsalia* de Lucano, verdadeiro modelo da epopêa historica; diz elle: «Comecei esta traducção pouco tempo depois de ter chegado a Paris; mas duas rasões me atalharam de continuar, a 1.ª os desmesurados e tão indignos encomios que a um tyranno se dá; 2.ª as voluntarias e mal merecidas mortes dos Opitergines, sem contar os defeitos que os criticos assacam a este Poeta.» (*Obr.*, XI, 61.) Abandonou a traducção do poema, porque o não consolava; e para desabafar a impressão profunda em que vivia é nas Odes que encontra a fórma para as suas expansões vehementes:

Eu vi, meu caro Freire, com tranquillo
Desassombrado rosto,
O braço alçado, co' punhal luzente
A coberta Calumnia
M'o apontar ao peito; os grilhões promptos,
As lôbregas masmorras
Co' seio aberto, accesa a infame têa
Sem demover os olhos:
Vi ao longe a Pobreza, a aguda Fome
Que os braços alargavam-me;
A má Fama, o viver desconhecido
Que o manto espesso, escuro
Abriam pelas pontas, e envolver-me
Nas dobras pretendiam;
Os gemidos do pobre, da viuva
Ouvi na despedida
Os abraços da Patria, dos amigos
Sem derramar um pranto,
Sem que o passo me atalhem resoluto,
Para o nobre degredo. [1]

O poeta descreve com pungentissimos accentos o momento em que teve de escapar com audacia á garra da Inquisição; esses versos encerram emoções psychologicas que vibraram profundamente diante da atroz realidade. Descreve a desolada partida, más não allude á mãe, que abandonara para sempre, á familia que se achava ainda completa. N'esta omissão ha um facto ainda mais doloroso do que a expatriação forçada. O espirito philosophico com que encara os acontecimentos e desconcertos da sorte, aproxima-o do ideal horaciano, e a emoção do sentimento que o desterro lhe suscita leva-o á comprehensão de Camões e de Garção nas suas desgraças pessoaes, com os quaes se compara, como se vê na Ode *Ao Estro:*

---

1 *Obras*, t. I, p. 112.

Corydon, Corydon! que improba estrella
Te dá nome immortal, fonte de invejas?
Pelos salões das honras
Te arremessa ás masmorras
Onde os annos consummas, que deveram
Ser de ampla gloria e louros assombrados.

Lá vae de atroz calumnia perseguido
Correr mares, trilhar extranhas terras
O candido *Filinto*,
Que tanto tinha a peito
O seu *Camões* grandiloquo, a quem lia
Com gosto, com respeito ás musas grato.

Lá, comtigo abraçado em seu desterro,
Em ti bebe a corrente nobre e pura
Com que os seus versos banha.
E ainda ausente brada
A's novas aguias da soberba Elysia,
Que o teu canto e dicção tomou por norte.

(*Obr.*, I, 132.)

Na sua longa existencia no desterro, que se foi tornando cada vez mais angustiosa até á extrema miseria, Filinto seguiu este programma, que o tornou o mestre de uma geração: o estudo continuo de Horacio fortificou-o dando ideal á sua situação pessoal; a saudade da patria levou-o a proclamar o genio de Camões, produzindo essa sympathia que começou em 1817 entre os expatriados que fugiam de Portugal á tyrannia de Beresford; e a consciencia de que era indispensavel uma transformação na litteratura portugueza fez-lhe comprehender os generosos impulsos de Garção interrompidos pela sua desgraça, e venerando sempre esse nome continuava, mesmo no exilio, o pensamento do árcade. Assim, á medida que Filinto se afundava na indigencia,

mais se lhe engrandecia o ascendente moral, constituindo os seus admiradores uma eschola poetica, que em Portugal era representada por Domingos Maximiano Torres *(Alfeno Cynthio.)* Foi com este poeta que elle conservou de longe, no seu exilio, as mais calorosas relações; é a elle que communica as impressões de Paris:

Que Paris, meu Alfeno! Que passeios!
Que ricos trajes! Damas roçagantes!
Mesuras de primor! Risos amantes!
Cortezes, melindrosos galanteios!

Que theatros, de mil bellezas cheios!
Que jardins asseiados e elegantes!
Que sombras tácitas, que os mui flagrantes
Furtos cobrem, de amantes devaneios!

Viva Paris! Aqui a Lyra ociosa
Porei c'os louros nos edosos dias
Abhorridos do Amor, da Formosura.

E escreva em baixo a gratidão forçosa:
«Aqui Filinto, contra as tyrannias
Colheu abrigo, e na soidão doçuras.»

(*Obr.*, IV, 307.)

O que era Paris no tempo em que alli se accolheu o expatriado Filinto, póde ser perfeitamente descripto pelas impressões recebidas pelo Abbade Costa, que em 1774 escrevia para o Porto ao seu amigo Dr. Luiz Gomes da Costa Pacheco: «Como v. m. quererá saber o que me pareceu Paris, dir-lhe-hei que muito mal, e que v. m. não se fie no que lhe dizem do mundo todos os que têm andado por elle. Creia-me que quasi toda a gente in-

forma das terras que vê, ou o que já cria d'ellas por fama e por lêr, ou o que lhe gritam aos ouvidos e lhe metem na cabeça por mil modos, os que as habitam. Grande miseria, que até para os puros olhos, só nos hade servir o juizo alheio! Paris é uma cidade vasta posta n'uma planicie, atravessada de um rio grande, com tres ou quatro pontes formosas, em que, e no Palacio do Rei, que está á borda do rio, consiste toda a sua magnificencia; o resto compõe-se de bastantes ruas compridas, largas, e direitas, mas nenhuma que se possa dizer bonita, antes todas feias propriamente melancholicas. Quer saber porque? Porque em toda aquella grande quantidade d'ellas, grandes e pequenas, não encontram os olhos um só palacio, ou casa limpa, senão todas ordinarias, e do mesmo feitio, que tambem é ordinarissimo, por não constar que de janellas, portas e paredes, tudo liso e de fracas proporções. Como? — não ha palacios no grande Paris?! E onde está tanta nobreza? dirá v. m. O que eu lhe digo é certo, sr. Doutor, mas v. m. pergunta bem; em Paris ha uma cousa que elles lá chamam palacios; mas não os encontram os olhos nas ruas, tirando o grande del Rei, que eu disse, e outro pequeno tambem seu, que se vê de fóra em parte; os outros todos estão escondidos para dentro das ruas, isto é, indo v. m. por ellas, dá ás vezes fé de uma falta de casas, e, em seu logar, de uma parede baixa com uma porta no meio, lisa, e descoberta por cima; e, se lhe vem a curiosidade de olhar para dentro, vê um pateosinho, e defronte da porta uma cousa que nós chamariamos casa de campo,

pequena, baixa, de um só andar, janellinhas pequenas, poucas, e de architectura ordinarissima; aqui tem v. m. o bom gosto dos francezes em formar as ruas do seu grande Paris. Nas praças, que são poucas, e pequenas, ainda que bonitinhas pela sua regularidade, e nos largos, com a sêcca, não ha fontes, nem chafarizes. As igrejas já se sabe que ou são feias ou pouco dignas de attenção; este é o material da cidade; pelas ruas vi rarissima carruagem nobre, e poucas que se podessem chamar lindas; os fiacres, isto é, as seges de aluguer, e umas cadeirinhas com rodas, tiradas por um homem esfarrapado, em logar de cavallo, fazem fugir a gente com os olhos, pela sua porcaria; os homens vestem muito ordinariamente; os mercadores, e outra gente assim, de panno negro, e (quem tal diria!) com cabelleiras redondas, e de nós, pequenas; os seus casquilhos tão louvados não me apparecem, mas não andarão como muitos de Lisboa andam; as mulheres fazem nôjo; parece que todas trazem o peito emprastado, porque não sómente não usam de espartilho, mas de vestidos tão largos, que poderiam metter uma criança entre elles e a carne: coifas, camisas, vestidos, máos e tudo porco; pouco elevadas de juizo, e menos ainda de coração, sérias, tristes, etc.; e o mesmo digo dos homens com toda a sua leveza de juizo! Mas, onde vou eu dar commigo, tendo tão pouco papel e tanto que dizer!?» [1] Este quadro de Paris em 1774

---

1 *Cartas curiosas do Abbade Antonio da Costa*, n.º IX. Ed. 1879. Porto.

não resultava do pessimismo do foragido artista o Abbade Costa; antes d'elle já Saint-Evremond, Boileau, Montesquieu fallavam da sua sordidez, mais accentuada depois por Voltaire e Mirabeau. Foi n'este meio sombrio que se encontrou arrojado pelos acontecimentos Francisco Manoel; Paris, então mal allumiado, cheio de regueiros de estrume liquido, e com excrecencias de casebres infectos, não poderia senão suscitar tristeza em um meridional acostumado á sociabilidade expansiva.

Filinto tambem observou a vida do povo francez; explicando a palavra *Guinguettas*, mostra conhecer de perto esses retiros analogos ás *hortas* dos arredores de Lisbôa: «são casas de pasto nos suburbios de Paris, as quaes são tambem tavernas e casas de baile. São tantas e tão diversas, que seria d'ellas difficil a descripção. Algumas tem salão e jardins tão vastos, que folgando dansarão n'ellas quatrocentas pessoas. Tempos houve (em 1760) em que os principes vinham dansar n'ellas, acompanhando-se de varias Actrizes, Dansarinos, Dansarinas e outras Cortezãas. A esta frequencia de toda a casta de povo, e á celebridade de certas *Guinguettas* e de seu taverneiro allude Palissôt no canto 3.º da sua *Dunciada*,... O commum é, que aos domingos e festas se enchem todas de immenso povo, de ambos os sexos, que sentados ás mezas, bem servidos por diligentes criados de *Guinguetta* comem fino, bebem largo, riem de escancara, dansam á fivelleta, e deitam uma cã fóra todas as semanas. Findo o folguedo, abraçam com vigor novo, na segunda

feira, o usado trabalho. Não sei se estes regabofes tomarão pé em Portugal.» *(Obr.*, I, 228.) Outros costumes francezes descreve annotando a Ode ao nascimento do Delphim de França, Luiz Joseph, prematuramente fallecido em 1789: «Costume antigo de França, nas festas de arromba, é pôr toneis de vinho nas praças, arremessar de varios tabernaculos queijinhos quadrados, que chamam *marolles*, chouricinhos que chamam *cérvelas*, pãesinhos de vintem, ao vulgacho, que ahi se ajunta em tão cerrada balburdia, que abafam de apêrto. Ora n'esse anno para augmentar o festejo deram soltura ás mais brejeiras marafonas, que toldadas de vinho, convidavam de graça, ou quando muito por um copinho de aguardente, a seu conchêgo a mais gáfa marotagem. Todos esses desaforos permittia a Policia no publico regosijo. Era um desatino e um azoamento universal nas praças e pelas ruas. A gente honrada não podia dormir; tantos eram os disturbios e a algazarra, que vinha acompanhada com os ladridos dos cães e com o estrondo dos foguetes. — Sahiu o Duque de Cossé, governador de Paris, com toda a sua comitiva a cavallo, a quem deu ordem de arremessar alguns mil cruzados ás manchêas.» *(Obr.*, III, 300.) E na Ode em fórma de Sequencia, annota: «Quando se espalha o dinheiro ao povo, andam certos arganazes álérta, e arremessam-se como milhafres a apanhal-o. Eu vi um dos taes rasgar o lenço do pescoço a uma rapariga, em cujo seio, (por desgraça sua) tinha cahido um escudo de 6 francos, metter-lhe entre as m... as mãos até o... para desentranhar de lá o di-

nheiro.» Descreve a visita das peixeiras ao Palacio: «Depois que as taes regateiras faziam certo cumprimento de boa laia, mandava El Rei dar-lhes um beberete n'uma sala baixa do Palacio de Versailles, onde ellas, depois de bem comerem á tripa fôrra e beberem melhor ainda, ensacavam os restos em mui amplas algibeiras feitas de proposito para essa funcção.» *(Ib.*, 304.) A forma da Ode parodiando a Sequencia do *Dies irae*, é repassada de sarcasmo, que reflectia o desdem do espirito publico em relação á rainha Maria Antonietta e aos seus partos tardios:

Dia alegre e folgazão!
Que a Rainha um rapagão
Nos deitou de trambolhão.

Do ventre, como outro Jonas,
Saiu fazendo gaifonas
A's mesuradas matronas

. . . .

Sinos, tiros, luminarias,
Foguetes de formas varias,
Foram festas necessarias.

. . . .

Chovem chouriços nas praças,
Saltam mochachins, caraças,
Que o ventre enchem de vinhaças.

A's manchêas o dinheiro
Sae do regio mealheiro
Para o povo piolheiro...

Em novembro de 1782 foram tratados em Versailles os preliminares do acto em que a

Inglaterra reconhecia a Independencia da America, já reconhecida pela França desde 6 de Fevereiro de 1778. Filinto celebrou em uma Ode enthusiastica esse grande successo da humanidade, tornando assim o seu nome grato aos cidadãos americanos: [1]

Como risonha e destra
Treze Regiões discorre;
Como, co'as alvas mãos lhes quebra o jugo,
E as toma, a Liberdade, em annel firme!
Como as dextras lhe enlaça,
Sópra em seus peitos brios, esperanças!

Soltam-se os pendões livres
Ao sizudo aceno,
Philosopho Francklin, que arrebataste
Aos céos o raio, o sceptro á Tyrannia;
E, ao teu aviso, em Boston,
O Lyrio ajudador tremóla, ovante.

De honra e valor armado,
Washington, alli te ergues,
E ao Congresso indeciso a fé abonas.
Tu és sua muralha, e seu escudo,
Qual, outr'ora no Lacio
O Fabio tardador á afflicta Roma.

....

N'esse limpo terreno
Virá assentar seu throno
A sã Philosophia, mal acceita;
E Leis mais brandas regerão o mundo,
Quando homens mais humanos
C'o raio da verdade a luz espalhem.

---

[1] Refere Ferdinand Denis, que um cidadão da Pensylvania, George Harrisson levantou á sua memoria um monumento ou busto em uma propriedade, com a inscripção de alguns versos da famosa Ode. *Nouvelle Biographie général,* vb.º *Nascimento.*

Já de sapiencia ricos
Enxames philadelphios
Vão conquistar com almo ensino a Europa;
Sem bayonetas, sem canhões escravos,
Vão plantar generosos
Ramos da restaurada Liberdade.

Em uma Carta em verso a Timotheo Lecussan Verdier, datada de 3 de Septembro de 1785, em que o felicita pelo casamento, descreve tambem os seus passeios solitarios no Luxembourg, «o jardim mais campestre de Paris, e o de menos bulicio.» Eis um trecho pessoal da carta:

Quando do Luxembourg a lentos passos
Magoado enfio as tacitas lamedas,
Vou mudo e só, sem ter a quem corteje,
A quem gostoso falle, amigo abrace,
Quaes os tinha na Elysia em tanta copia,
Quando o fado galerno me soprava.
Sobe-me á mente logo o desamparo
Que me aperta innocente em terra extranha,
Os bens perdidos, a manchada fama,
E o que val mais que os bens, — os meus amigos.
— Meu caro Verdier, c'um livro aberto,
Aqui (digo entre mim) as verdes ruas
Pisava n'este bosque; elle m'o disse
Quando eu tão mal cuidava de pisal-as.
Que bem lembram palavras dos amigos
Nas longas horas da calada ausencia!
Alli quizera vêr-te, a mim tornado,
Como quando em Lisboa entre os sabores
Da lhana companhia prazenteiro
Debicavamos pontos delicados...

(*Obr.*, IV, 208.)

Em uma Ode a Baccho, — «No dia 23 de Dezembro, dia dos meus annos, em 1783, es-

tando á mesa com dois Portuguezes» Filinto entre as fórmas classicas do dithyrambo, mistura a sua profunda saudade: «vivendo retirado e só, occupo o meu ocio, (que é largo) em versejar. — estava á mesa com Portuguezes que estimo, e cujo idioma gosto de ouvir fallar em terra extranha;...» *(Ob.*, I, 376.)

A impressão do dia 4 de Julho de 1778, em que fugira á Inquisição avivava-se-lhe a cada momento:

> Canta este dia, fausto á Liberdade
> E ás civicas corôas;
> Fausto dia, em que incólume Filinto
> Se desprendeu das garras
> Do horrido truculento Fanatismo.
> Eu vi o infame Monstro
> Sopesado nas azas sanguinosas,
> Amedrontando tôrvo
> Da enfiada Elysia as cupulas soberbas,
> Rebentar a seu lado
> Com penetrantes, assanhados silvos
> O negro bando infame
> De satellites seus, com voz pezada
> Designar a masmorra.
> Os fuzis dos grilhões já os ouvia
> Rugirem arrastados,
> Ranger equleos, e os ministros duros
> Entrançar os cordeis...
> Já lá se ergue a despotica fogueira
> Que convence a Innocencia
> Com cem linguas de fogo abrazadoras...
>
> (*Obr.*, IV, 218.)

A noticia do casamento de *Alcipe* fel-o escrever uma satira a Sebastião Barroco.

Em uma carta do celebre Abbade Antonio da Costa, datada de Vienna de Austria de 7 de Outubro de 1780, falla da recente chegada áquella côrte da formosa *Alcipe*, D. Leo-

nor de Almeida, filha do Marquez de Alorna, e então casada com o Conde de Oeynhausen-Groevemburg, que fôra nomeado Ministro Enviado de Portugal. Eis o que escreve o Abbade: «O ministro de Portugal chegou aqui nos primeiros dias de Septembro; para allemão é agradavel no trato, com seus laivos de portuguez. Fallei com a fidalga tres vezes, e bastante, mas não tanto quanto é necessario para formar conceito d'ella com acerto; tem o agrado de portugueza; e á primeira vista parece ser mulher de juizo; *faz bem versos;* sabe francez, italiano, inglez, latim, e já principia a entender allemão.» [1] Na Satira intitulada *Esfuziote*, Filinto dirige-se ao seu amigo Barroco fallando-lhe do casamento da *Alcipe*, que elle amara:

Tu bem sentiste quanto é máo este uso,
Namorado Barroco; a tua Dama,
Que tão grandes finezas te devia
Trocou por um soldado o amante Vate,
Não soube o que trocou; que a estas horas
Lhe teriam as casas entulhado
Sacas de Odes, canastras de Sonetos
Aos seus annos, a ausencias e saudades.
Tu o soffreste, por que assim se usava;
Mas que hoje um... (Tapa o bico, Musa) suppra
Não digo as vezes do tolaz marido,
Que casou por negocio ou fidalguia,
Mas as vezes de turgido Capucho,
Do Cadete infiel aperaltado
Não é posto em rasão.........
Ora tu que és Doutor, que foste a Coimbra,

---

[1] Carta XIII. *Cartas curiosas do Abbade Antonio da Costa.* Porto, 1879. Um volume in-8.º de XXXIV-80 pp. e mais 22 pp. no fim com outras não numeradas.

E gastaste a teu pae grosso dinheiro,
Tu que lês pelos livros da fitinha,
Não me dirás quem dá este desejo
De amar o que é vedado?.......
.... A variedade,
Crê, n'isto, meu Barroco, vem comnosco,
E' congenita á nossa natureza,
Cada instante mudamos de desejos...
Confessemos, Barroco, e com lisura
Que somos varios, por que em nós varía
Co' gyro do composto, a ideia, a ordem
D'este nosso querer; não ponham culpa
A causas arredadas de nós mesmos.

(*Obr.*, v, 241.)

Alheio aos grandes acontecimentos que se davam na sociedade franceza, pelo seu forçado isolamento, nem por isso elles deixaram de ter um ecco nos seus escriptos. Assim allude ás operações financeiras de Law: «Lêam a revolução que nos Cabedaes fez o *Systema de Law*, como em nossos dias os *Assignados* ou Apolices francezas.» (*Obr.*, VI, 211.)

Em um artigo publicado em Paris sobre o Centenario de Garrett, aponta-se uma circumstancia que interessa á biographia de Filinto; transcrevemos as palavras: «Celui-ci s'était attiré la persécution de son gouvernement par des satires politiques qui lui valurent enfin l'éxil, *un exil adouci par le devouement d'une jeune religieuse qui s'etait attachée à sa misere.*» [1] Este episodio não é conhecido, mas por certas referencias do poeta fixa-se-lhe a data e mesmo uma côr de sentimentalidade, apesar de contar então os seus cincoenta e tantos annos.

---

[1] *La Liberté* (7 fevrier, 1899.)

Esta joven Religiosa é celebrada por Filinto com o nome de Delmira; em uma Ode aos annos d'ella, datada de 20 de julho de 1785, confessa o seu amor:

Delmira houve por sorte, em seu oriente
Um coração composto
Por mão de amenas fadas virtuosas,
Que sentadas em torno
Do gracioso berço, estes annuncios
Na mente lhe entornaram:
«*De extranhas terras*, por austero Fado
A teu amor trazido
Filinto renderás c'os ternos olhos,
C'o vencedor recato.
Tu no seu coração serás soberana;
No coração que nega
Entrada a novo ardor, quando o cativa
Desvellada ternura.

(*Obr.*, v, 255.)

Filinto não estava seguro em França contra os planos da Inquisição de Lisboa; diz elle: «Veiu de Lisboa um lobo (Familiar) ha vinte e cinco annos, bem amestrado por meus inimigos, inculcar-me que partisse com elle para Portugal, que nada tinha que temer. Eu fiz como o Cabritinho: Mostra-me pata branca (scilicet) a Inquisição destruida.» [1] A este facto allude Sané: «muitas vezes a Inquisição empregou ardís e miseraveis rodeios para se apoderar da victima e attrahil-o a Portugal. Viajantes bem suspeitos, alguns frades, vinham visitar Francisco Manoel no seu retiro: a sua linguagem era benigna e avelludada. Admiravam-no, lastimavam-o. — Elle devia

[1] *Obras*, t. VI, p. 176.

regressar depressa; seria recebido de braços abertos; teria uma especie de triumpho; os seus bens ser-lhe-iam restituidos; viveria feliz, estimado e querido de todos... Diremos que um dos membros da Inquisição não se pejou de lhe escrever sobre este ponto uma carta meliflua e perfida. Mas Francisco Manoel conhecia bem o monstro, e não se deixou envolver n'estes laços.» [1] Era então Inquisidor o Bispo do Algarve D. José Maria de Mello, que attenuara um tanto o rigorismo do Santo Officio; e assim como elle foi brando com Bocage, quando lh'o entregou o Intendente Manique, é tambem crivel que quizesse mostrar a mesma brandura em relação a Filinto, que exercia um grande influxo entre os homens cultos.

Nos primeiros folhetos que Filinto imprimiu em Paris, soltava as queixas da sua situação, remettendo-os para Portugal; em uma Ode d'essas impressas em 1788, descreve ás musas todas as suas desgraças:

Tão quebrantado (lhe respondo) e turvo
Me trazem meus pezares, que não vejo
 Mais que Dor e Penuria.
A funesta desgraça, pela cóma
Um dia me tomou (quando innocente
 Me dava por seguro)

E, abalando-me, irada, sobre a roda
Da voluvel Fortuna, d'um encontro
 Me despenha por terra.
Ajudada da Inveja e da Calumnia
Foi manchar os ouvidos do Monarcha
 Com perfidos embustes;

---

[1] *Poésies lyriques*, p. XXXVI.

Lançou iniqua as varredouras rêdes
Nos caros bens, tão justamente havidos
Pelas Leis conservados,
Na paternal herança recolhida
Com tanto zelo e honra no serviço
Da Patria e do Monarcha.

E poz-me fugitivo, e desterrado
Dos Penates, da Patria e dos Amigos,
Criminoso sem crime;
Se já é crime dar-se a austero estudo,
Entre longas fadigas disvelladas
Para adornar o engenho,

. . . .

Dez longos annos de miseria amarga
Não amolgam ainda os implacaveis
Animos inimigos,
Dos que me diffamaram, me despiram,
E no meio do peito me cravaram
O punhal da pobreza.

Ah! se a bella, a piedosa Soberana
Que rege o luso Estado, enternecida
Volvesse os brandos olhos
A um vassallo, que correu sem mancha
Os caminhos da honra mal seguidos,
E os da ardua virtude;

O seu volver benefico e sagrado
A vida, a honra, os bens, a patria, a fama
Resgatara a Filinto.

(*Obr.*, III, 252.)

Em uma Carta, ou Epistola horaciana ao seu amigo Brito, datada de 6 de Junho de 1790, Filinto descreve uma sessão da Academia franceza, aonde fôra ouvir uma conferencia de Marmontel:

No sacro templo, que á pureza e lustre
Da linguagem franceza ergueu eterna
Pelo Richelieu, Luiz o Magno,
Ouvi eu (e inda a voz no ouvido tôa)
Um sabio, em toda a Europa acceite e lido,
E inda mesmo entre nós não ignorado.
N'uma lingua tão farta (como dizem)
De cabedaes de Autores tão egregios,
Que não soffre desfalques, bastardias,
Como a nossa, nas éras derradeiras:
N'uma lingua, que engrossa e se enriquece
Cada dia c'os rios de eloquencia
Que tão caudaes de todo o monte manam,
Este sabio escassezas lhe achacava,
Pedia atrevimentos generosos
Nos que a colher os fructos se abalançam
Nos vergeis das sciencias.

(*Obr.*, I, 39.)

Apezar de todas estas distracções de Paris, Filinto sente o pezo do desterro, e com a comparação classica de Ovidio exclama:

Paris é o meu Tormes, onde choro
Os que ver me é vedado, amigos firmes;
Lisboa a minha Roma, onde tem prezas
A alma as raizes ternas.

(*Obr.*, IV, 260.)

O phenomeno da Revolução franceza é comprehendido e saudado por Filinto:

Mas, eis que se ergue em França
A esquiva tempestade, ameaçadora
Das despoticas frentes...
Já roncam os trovões, já raios rasgam
O núbilo regaço;
E já nos áres pezam os chuveiros
Que hão de inundar a Europa.
Tremei, Tyrannos, que opprimis em dura
Escravidão os Povos,
Não se êrga, em vosso quente sangue tinta,
Da Liberdade a palma.

(*Obr.*, I, 424.)

Os successos da Revolução inspiram-lhe referencias poeticas, que revelam o interesse por aquella estupenda crise. Em um Epigramma á moda das unhas grandes, como distincção aristocratica, allude ao Decreto da *Assembleia nacional* que aboliu a nobreza. (*Ob.*, III, 140.)

Elle celebra com enthusiasmo a queda da Bastilha, em uma Ode horaciana:

> Cahiu por terra derrocada a rocha,
> A Caverna de Caco, mais sumida;
> A furna d'anthropophagos Cyclopes
> Estalou nas entranhas.
>
> Essa Sphynge sacerdotal, que enigmas
> Propunha aos Povos, acertou em França
> C'o Edipo, que os soltou; que lhe deu morte
> Pelos bons desejada.
>
> Onde corre em tropel tanta Nobreza
> Ajoujada de Titulos, de Cruzes?...
> Cansados áres troam com vinganças
> Que arquejam de impotentes.
>
> Tu, feliz dia, lhe cortaste o braço,
> Quando o dos Cidadãos desalgemaste;
> E a Bastilha a teus olhos devassada,
> Lhe afracou os impulsos.
>
> ....
>
> Oh dia de prodigios? Tu rompeste
> Do alicerce republico o alto rego,
> Que o Dez de Agosto encheu; Fleurûs com gloria
> Carregou de columnas...
>
> (*Obr.*, III, 283.)

Em outra Ode refere-se á Convenção nacional:

Eu vi numerosissimo Congresso
De Sabios, como taes do Povo estremes,
Parar em furna dos mais vis malvados,
Dos mais facinorosos.

(*Ib.*, 344.)

Allude tambem em uma Ode ás guerras da Defesa nacional contra a colligação europêa urdida pela Inglaterra:

De exercitos brutaes trilhada a Europa,
De hostis baixeis o Oceano retalhado,
Armas luzem, relincham os ginetes,
Ribomba a artilharia.

Onde ides de tropel, aonde algozes,
Matar vossos irmãos com arte e canto?
Brotou o Inferno pois milhões de Alectos
E vol-os poz nos peitos?

Contra uma só Nação, que de Senhora
A duros Despotas ceder desdenha;
Que destrama a traição, que conspiraram
Malevolos Ministros?

. . . .

Reis, que accurvaes com orgulhoso sceptro
O miserando Povo ignaro e docil,
Dobrae a alta cerviz á voz mais alta
Do cavilloso Pitt.

Esse Rei das soberbas Potestades
Abre as azas ao Despotismo, e manda
Das Ilhas da afogada Liberdade
Ameaças e insultos.

(*Obr.*, IV, 134.)

Em outra Ode falla da proclamação da Republica franceza:

Inda hontem tantos Reis ajoelhados
Pedindo paz a insolitos Burguezes,
Não são lições que calem no juizo
De impróvidos monarchas.

Que Pyrrho, nem que Antiocho poderam
Destroçar a Republica de Bruto?
Um com todo o saber da arte da guerra,
Outro co'as forças da Ásia?

E sois mais sabios vós, mais poderosos?
Vós, Reis de pouca terra e pouca arte?
Que ouseis luctar (vencidos tantas vezes!)
C'os Republicos Francos?

Não sois vós quem luctaes: lucta arquejando
Contra a Rasão robusta o vão orgulho;
Luctam fogueiras, carceres, verdugos
Contra fôrros escravos.

Quando França estender dois longos braços,
Um que abarque Vienna, outro Bengala,
Onde ireis vós fugir? Que Pitts astutos
Vos salvarão os thronos?

(*Ib.*, 181.)

E' soberba a Ode *Ad Gallos*, descrevendo o Terror do anno VII.

Oh desatino! oh furia!
Qual (tristes!) cego vórtice vos volve?

....

Que lanças, que fogachos
Empunhaes co' essas mãos despiedadas?
Será quem ponha o fogo
A' França a dextra vossa? Ai! mais que muito
Com stragadores odios
Se combateu té'qui. Poupae, magnanimos,
Sangue francez, francezes!

....

Acuda quem destrua
Improbas fraudes, civicas vinganças;
Acuda quem se atreva
A ter nome de Pae da Patria, e as rédeas
Aos devassos terrores
Encolher alentado; e pôr balizas
De bronze aos desmandados
Co'a Liberdade nova, aos seus (presente)
Amado assumpto e a extranhos...

(*Obr.*, v, 115.)

«Falla o Poeta do governo dos 5 Directores, que se viam abarbados com obra. Guerras exteriores, facções de opinião diversa, no interior, dissabor entre os Povos, que se julgavam mal governados, faltas de dinheiro.» (III, 266.) N'esta Ode a que se refere a nota supra vem a estrophe:

Se escapa a rapariga de outo annos
D'essa tão complicada macacôa,
De cêra uma Republica, ao meu rico
Sancto Amaro, penduro.

As obras avulsas de Filinto, que começaram a circular em Portugal em pequenos cadernos impressos em Paris depois de 1786, chamaram a attenção dos que se interessavam pela litteratura portugueza. Antonio de Araujo de Azevedo, que veiu a ser Conde da Barca, e que tanto se enthusiasmara pela fundação da Academia das Sciencias de Lisboa, era tambem poeta, e admirador de Filinto; em 1789 foi nomeado ministro plenipotenciario na Haya. Por esta circumstancia visitou a Inglaterra, passou por Paris frequentando a sociedade de Montmorin, Bailly, Necker e

outros politicos, seguindo depois para Haya. Foi então que travou relações com Filinto; elle mesmo como poeta era um apaixonado por Horacio, de que deixou uma traducção inedita, e usava nas suas composições o nome arcadico de *Olinto*. Antonio de Araujo colligia todas as preciosidades de manuscriptos e de livros raros, adquirindo então um manuscripto do jesuita Pero Paes, que missionara na Abyssinia e no qual segundo o P.e Kircher se descrevem as fontes do Nilo. Comprehende-se que Antonio de Araujo, com relações constantes com Paris para enriquecimento da sua bibliotheca, tratasse de attrahir Filinto para Haya. O poeta só accedeu ao convite em 1792, por ventura quando a marcha da Revolução garrava para o Terror. A demora de Filinto na Hollanda até 1797, em que regressa a Paris, coincide tambem quando Antonio de Araujo foi encarregado por Dom João VI de ir negociar a paz com o Directorio, séndo o tratado assignado em 17 de Agosto de 1797 (23 thermidor, anno V.) Seria com Antonio de Araujo que Filinto voltou a Paris; mas essa valiosa amisade tornou-se-lhe algum tempo improficua, por que Araujo tendo procedido por ordens do Princepe Regento que não eram conhecidas pelo ministro Luiz Pinto de Sousa, e não sendo acatado o tratado, foi encarcerado na prisão do Temple.

Filinto, em um *Adeus de curta ausencia*, dirigido aos seus livros, falla da partida para a Hollanda: «Quando me preparava para ir á Haya, fiz um pacote dos poucos alfarrabios que tinha, livraria de poeta pobre! E era minha intenção mandal-os adiante; mas o

custo do transporte me fez recuar a resolução». *(Obr.*, I, 382.) E allude á opulenta livraria de Antonio de Araujo:

Que ingrato galardão, mal merecido
Fôra o deixar-vos, por que lá me acena
Com mais riqueza, com faustosos nomes
Um thesouro de livros campanudos,
Que com alto desdem vos olhariam,
Se pedisseis logar entre os seus ouros,
Entre os farfantes rótulos e fitas?
.. ..
.... mas não perco
Lembranças do potente auxilio vosso
Nas refregas do asperrimo infortunio.
Sereis sempre a meu lado agradecido
Companheiros *n'esta aura de ventura*
Que nos bafeja a proxima partida,
Quaes o fostes nos roncos da borrasca.
Ireis commigo á Casa bemfeitora
D'onde vos veiu o raio da bonança.

(*Ib.*, 384.)

Tendo intima convivencia com o Dr. Ribeiro Sanches, discipulo querido do grande Boerhaave, é natural que Filinto sentisse um certo prazer em vêr a Hollanda, accedendo assim ao convite de Antonio de Araujo.

Em uma Ode de 1794, em que diz: «Orço co's sessenta annos», descreve Filinto a sua chegada á Haya e falla do gabinete de estudo de Antonio de Araujo, em que andavam duas pombas: «A primeira vez que lhe entrei no quarto, mal que cheguei a Haya, vi junto da banca do dito senhor, duas lindas pombas ou rolas.» Araujo estava então occupado na sua traducção de Horacio:

Olha-o na lucta, as forças ensaiando
Entre versões perluxas do árduo *Horacio*,
Hoje o traduz; e já ámanhã o iguala.
Quem sabe, se inda o vença?

Passados annos annotava esta estrophe: «Rodeado o achei de 15 traducções de toda a laia, de 10 Diccionarios, e 8 Commentarios de *Variorum.*» (*Obr.*, III, 177.) Era n'este meio litterario que Filinto acharia um placido convivio, se as incertezas da politica não perturbassem a sociedade hollandeza. A doença azedou-lhe o humor contra a terra:

Que me rendeu vir cá morar na Hollanda?
Vermelhos olhos, dentes abalados,
E o do siso, com tanta dor nascido,
Com tanta dor tirado.

Que tinheis vós que vêr por estes brejos?

. . . .

Frio sol, longa neve, escuros áres,
Máo fructo, e pêco e pouco, com mil lidas
Extorquido ás areias.

. . . .

Que haviam de elles vêr? Viram areias,
Viram charcos, lagoas verdoengas,
Animaes de dois pés sem pluma ou cauda
Pasmados da visita...

(*Ib.*, V, 221.)

A' Paz de Bàle, celebrada em 1793, escreve Filinto a Ode datada de Haya em 9 de Agosto de 1795:

Já a Paz firmou um pé na turva Europa,
E co'a florída mão vae afastando
Do Mosa e do Pyrenne as broncas lidas
Do horrido vulcão.

De mãos dadas co'a san Philosophia
A meiga Humanidade vae roçando
Os maninhos da estupida ignorancia,
E á Paz franqueando via.

(*Obr.*, IV, 142.)

Em uma Ode ao dia 23 de Dezembro de 1794, Filinto ainda tem uma esperança de que a Rainha o indulte, e regresse a Portugal; a protecção de Araujo levava-o a esse sonho:

Já rasgos de ventura
Vão lavrando na têa
Dos annos de Filinto agradecido
Vivo matiz de generosas flores.

Se os *doze lustros* meus erguer-se podem
D'este cargo de maguas, de pobrezas;
E as correntes quebradas
Dos pulsos sacudindo,
Podem vêr da alegria a loura face...
Viverei longos annos n'um só dia.

....

Da augusta mão, do mavioso peito
Um balsamo virá, com que eu ainda
N'essas inertes horas
De recobrado somno
Cobrirei de jucundo esquecimento
As cicatrizes dos rasgados golpes.

Ah! quão tardio! Que a rugosa dextra
Da pesada velhice já na fronte
Me gravou seus ferretes...

(*Obr.*, I, 304.)

Era perdida esta esperança, pois que junto da rainha influira o Marquez de Alorna até ao seu falecimento em 1802. Em uma Ode datada de *Haya 4 de Julho de 1796*, consagrada á sua fuga á Inquisição, Filinto exalta a liberdade que gosa na Hollanda:

Tres lustres e tres annos revolvidos
Tem o meu fado, com austera dextra,
Depois que aos Lares dei o adeus magoado
Na eterna despedida.

E descrevendo a vida farta da terra accrescenta:

E sobretudo falla-se rasgado
De Tartufos, de Procissões, de Terços;
Ri-se de mômos, de beija-mãos, sem medo
Da Junqueira ou Rocio.
. . . .
Bem padeci desterros, desamparo
Tedio. Porém Delmira, *Olinto* e Brito
São mimos da benevola amisade
Que douram meus desterros.
(*Obr.*, I, 441.)

Já conhecemos Delmira, a freira que se commoveu com a desgraça do poeta; *Olinto*, o ministro de Portugal Antonio de Araujo, que em 1792 tinha prompta a sua traducção de Horacio; Brito, era o secretario da legação portugueza na Hollanda, Francisco José Maria de Brito (1759—1825) a quem Balbi attribue o esboço de historia litteraria que precede a traducção de Sané *Poésies lyriques*. Possuia bellos livros, como confessa Filinto: «Samuel Usque, escriptor portuguez do seculo XVI, no seu livro das *Tribulações judaicas*, mui pouco conhecido. [1] O unico exemplar que

[1] Entre os papeis de Filinto, possuidos pelo snr. Conselheiro Alfredo Tavares de Macedo e examinados por J. de Araujo, está uma copia feita por Filinto com a declaração: «Não sigo a ortographia original, porque o não merecia.» Eis o titulo:

d'elle vi, m'o emprestou o cavalheiro Francisco José Maria de Brito.» *(Obr.*, VII, 124.) Escreveu no *Padre Amaro.*

Como ardente meridional, Filinto não se conformava com a natureza da Hollanda e satirisa-a duramente:

> As terras, que desama o louro Apollo,
> De sapos fartas, fedorentos brejos
> Sem louros, sem searas.

E emquanto o Caldas, «que enfermou de uma desynteria de versinhos anõesinhos e chôchosinhos» gosa a veia do Tejo, Filinto cae de tristeza n'essa região bassa:

> E eu, co'estes gansos, que em grasnar porfiam,
> Queres que aprenda a fabricar cachimbos,
> Batatas adubar, ferver cervejas;
> C'os gansos seja eu ganso?

«*Consolação ás tribulações de Israel,* composta por Samuel Usque. Impresso em Ferrara em casa de Abraham a ben Vsque, 5313 da Creação.»

Este Samuel Usque é o traductor da lyrica de Petrarcha com o nome SALUSQUE LUSITANO: «*De los Sonetos, Canciones, Mandriales y Sextinas* del gran poeta y orador Fr. Petrarcha, *traduzidos de toscano por* SALUSQUE LUSITANO, *con breves sumarios ó argumentos en todos, con dos tablas una castellana y la otra toscana y castellana con Privilegios.* En Venecia, en casa de Nicola Bevilacqua. 1567; Id. 1568.»

O impressor da *Consolação de Israel,* é o mesmo que estampou em Ferrara, 1554, a rarissima edição da *Menina e Moça,* que traz o seguinte colophão: «*Empressa en Ferrara en casa de Abraham a ben Vsque, 5313 da criaçam a 7 de Setembro.*»

Pois ouvir-lhes a falla!... Vade rétrò.
Antes ser mouco. Os meus ouvidos puros
Onde Horacio cantou, cantou Virgilio
Sujos com *nighe naghe!*

Onde ha Castalias! Onde ha aqui Parnasos?
Terra sem fontes, terra sem montanhas,
Terra de solidão, sem trato amigo,
Cartuxa de avarentos!

Depois de caracterisar o povo: «Falto de dansas, falto de folguedos,» accrescenta em nota: «E' o divertimento dos taes Piúgas, nos domingos e festas de manhã, ir ás bodegas da estrada, que lhes servem de parreiral, tomar uma ou duas cachimbadas de tabaco, á chucha calada, comerem crú um tal peixe secco que não tem mais que pelle e as espinhas, beber a cerveja ou zimbro; e os mais chibantes jogarem a choca, a que dão a alcunha de *Taco rasteiro.*» *(Obr.*, III, 183.)

Na Ode em que retrata o typo do hollandez lapuz, mazorro, com guedelhas cahidas pelos hombros, fumegado de arenques e emplastado de batata ensossa, escreve em nota, alludindo ás intrigas de 1793, quando Araujo trabalhava para manter a neutralidade de Portugal: «Foram estes versos labaredas de enojadissimo despeito em que eu rompia na triste solidão da Haya; onde em casa tudo era segredo diplomatico; tudo eram partidos *Orangistas*, ou *Sans-culottes.* Eu, que não conheço outro partido, senão o da paz e do socego, adoeci de silencio, e quando vinham os crescimentos febris, tresvaliava, e sahiam destemperos taes como este.» *(Ib.*, 134.) E abjurando d'estes tresvallos, pede que não fa-

çam «injusto conceito dos hollandezes.» Em outra Ode, apresentando a sua situação peor do que a de Ovidio entre uns Getas mais Getas que os de Tomes, esboça em uma nota o aspecto da Hollanda: «Supponha o benevolo leitor, que sobe da Haya n'um *aerostat*, e que peneirando-se entre as nuvens, deita uma olhadela contemplativa para as Sete Provincias da Hollanda. A ideia que subito se lhe põe ás cabritas no entendimento é a representação de Belzebut, Astarot *et reliqua* (depois do banquete e saudes, que Voltaire conta que elles fizeram a *Grisbourdon*) sahirem a espairecer pelos áres e vasar por filistria, n'essas areias as retezadas bexigas, fazendo aqui e além pocinhas de mijo fedorento, quaes são as de *Maerdik*, mar de *Haarlem*, etc., onde se refrescam nas grandes calmas os batatiphagos casmurros.» (*Ib.*, p. 147.)

As impressões desagradaveis de Filinto poderiam justificar-se em parte pela vida laboriosa de Amsterdam e de Rotterdam, porém a Haya appresentava já um tanto do espirito francez, que lhe era sympathico. No seu livro *La Néerlande et la vie hollandaise*, Esquiros caracterisa assim as tres cidades: «Em Amsterdam descobre-se principalmente a influencia germanica, na Haya a influencia franceza, em Rotterdam a influencia ingleza; comtudo, n'estas tres cidades o elemento indigena prevalece sempre.» (I, 82.) E sobre o espirito pratico e fleugma do povo hollandez ainda observa o mesmo viajante perspicaz: «Na Hollanda o homem é incessantemente reconduzido ao sentimento da realidade pelo cuidado da sua propria conservação e pelos

obstaculos materiaes que tem a vencer a cada passo. D'isto resulta uma disposição moral que não deixa de ter valor. A qualidade dominante do hollandez, que elle exagera mesmo, é o bom senso. Conforme este bom senso se associa ao espirito, á rasão encyclopedica ou ao genio medico, assim dá Erasmo, Hugo Grotius ou Boerhaave.» (I, 87.) Alphonse Esquiros, escrevendo em 1859, consigna observações que nos explicam as exagerações pessimistas de Filinto: «A Hollanda para ser bem conhecida e appreciada carece de ser observada de perto; as suas qualidades não são d'aquellas que se alardêam, nem das que se impõem á attenção e á sympathia. Um dos estrangeiros que melhor viu e julgou os Paizes-Baixos, é ainda ao fim de dois seculos o inglez William Temple; diz o celebre estadista: — A Hollanda é uma terra em que o caracter nacional inspira mais a estima do que o amor. O que mais se gosta nas nações, como nas mulheres, é muitas vezes não as suas qualidades, mas os seus defeitos. O hollandez tem poucos defeitos, e quanto ás suas qualidades ellas são mais solidas do que brilhantes.» Mas, consignemos as observações de Filinto:

«Vi, na Haya, um trenél correndo por cima do gelo. E' como uma caixa de sege, sem tejadilho, quanto mais rica e aformoseada pode ser: não tem rodas; vae tirada de rojo por um soberbo e ponderosissimo cavallo, ajaezado ás mil maravilhas, guarnecidos os arreios com muita campainha e cascaveis de prata. No assento vae uma formosa senhora mui entuffada de pelles zibellinas, na taboa

o seu amante, em pé, sustendo os braços, a meio cesto, no debrum do espaldar do assento; dizendo-lhe cousinhas agradaveis, talvez finos requebros, se os elle sabe.» *(Obr.*, v, 94.)

Em uma outra nota, em que lamenta a demora de quatro mezes na remessa da sua pequena bagagem «dous bahus de um pobre vate» escreve: «Estive cinco annos em Hollanda, e não tinha com quem fallar, senão com Judeus portuguezes; por que da lingua hollandeza, ainda que alli vivesse cem annos, nem palavra.» *(Obr.*, III, 307.) E' datada de 1796 a Ode em que se despede da Hollanda, imitando a celebre phrase de Voltaire:

> Ficae em hora má, lagôas, charcos,
> Aposentos de sapos, de canalha,
> De avaros batatiphagos, casmurros,
> De estatuas que cachimbam.

E fazendo sentir a falta de montanhas na Hollanda, diz: «Vê-se um brejo verde de enfastiosa planura, com algumas empôlas de areias, quando se costêa o Oceano.—E' uma consoleza, para quem passeia no bosque da Haya, vêr diante dos pés os ranchos de sapinhos irem correndo e saltando.» Annotando o verso: «Tens de um ramo de peste a annual visita—para o teu desenfado» explica em seguida: «Este anno de 1795 foi assás grosso o ramo da peste; houve dia em que morriam 17, outro 18, e para o fim morriam só 8, 10 ou 12.» (*Ib.*, IV, 97.) De regresso a Paris, elle celebra em 1796 em um jantar intimo os seus sessenta e dous annos de edade:

Passemos, Aguiar, em festa e riso
Este dia, que o sol viu já *sessenta*
E dous hynvernos ir precipitar-se
No golfão das edades,

. . . .

Risquemos este dia de contento
D'esse aranzel de dias enfadonhos
Perdidos entre a çafia casmurrada
Da sepulchral Hollanda.

(*Obr.*, I, 254.)

Na Ode virulenta de despedida á Hollanda datada de Leyde, saúda alegre o seu regresso a Paris:

Como acenar-me vejo lá de longe
Co' alegre desenfado
O umbroso Sena, de cantada veia!
Lá me espera a saude,
(A filha da alegria) com risonho
Prazenteiro agasalho.
Lá vou despir o *lucto que trajava*
Meu peito *ha quasi um lustro.*

(*Ib.*, 302.)

N'esta terrivel crise foi com a liberalidade de Francisco José Maria de Brito que o poeta pôde resistir; assim o confessa em uma bella Ode:

De desterro em desterro poz-me em Haya,
Povo de estatuas, de enleado idioma,
Soturna gente falla, qual de cafres
Confusa algaravia.
Depois *doenças, pleitos* de Megera,
Fallida de Banqueiro; e a fome entrando
A passos largos pela porta. . . Ai, misero
Que era de mim, sem Brito!

(*Obr.*, III, 51.)

Quando o poeta começava a organisar a sua vida, tendo collocado algum dinheiro em casa do banqueiro Jullien ahi perdeu tudo por uma falencia fraudulenta. A sua criada Chicoineau, que estava em casa havia trinta annos, tambem lhe roubou tudo quanto tinha de portas a dentro:

> Eu, que ia, mar de leite, deslisando
> Na agua mansa da vida amena e honrada,
> Naufraguei nos escólhos da Calumnia,
> Perdi os bens e a patria.
>
> . . . .
>
> Co' estudo, co' favor das doutas Musas,
> Grangeio um sabio, um generoso amigo;
> Não entrei, não, no templo da riqueza,
> Mas, despedi a inopia.
>
> Eis, n'um pégão de vento vem Marfisa,
> Turva-me a mente, o soffrimento apura,
> *Almoeda-me os bens*, de mim diz males
> Quaes nunca ouviu Mafoma.
>
> Vem apoz Jullien, que estraga quanto
> Com lida e com suór, juntei poupado.
> Foi segundo naufragio. E eu sem braços
> Com que a nadar me salve!
>
> (*Obr.*, III, 27.)

Em nota diz acêrca da creada: «Tanto me valeu tiral-a do estado de costureira, sustental-a e vestil-a 30 annos; e ter com ella toda a complacencia, e ainda amisade.» E de Jullien commenta: «Banqueiro, que faliu com um deficit de dous milhões e meio, em cuja mão tinha eu posto quanto me produziram os versos que imprimi.» A este facto tambem allude Pedro Vicente Nolasco da Cunha em uma Ode, publicada no *Investigador portuguez*, n.º 28:

Mais outro *Jullien* não tenha o vate
Em mim . . . .

Celebrando em 1814 os seus outenta annos, Filinto allude ao roubo que lhe fez a Chicoineau, e accrescenta o de outra criada sua chamada Michel:

Mas hoje, que encetei cansado e pobre
Sexto-decimo lustro, e que a experiencia
Rasgou inteiro o véo, que despintava
As côres dos succesos.

E em uma estrophe compara a *Chicoineau* a Megera, e a *Michel* a Erynis. (III, 34). E em outra Ode descreve a sua ida ao tribunal:

C'um genio pachorrento e descuidado
Quem crêra que demandas me arrastassem
Por pó de tribunaes citado e ouvido?
Arrastam-me hoje, e alquebram-me.
. . . . , ...
No *lustro* quasi toco *sexto decimo,*
Desterrado indigente, desvalido.
Que me valeu viver? Prendesse-me antes
No seu scondrijo o nada.

(*Obr.,* III, 116.)

Era o processo da *Michel,* em que o poeta se viu expoliado de tudo, ficando quasi nú; é curiosa a descripção do tribunal nos versos intitulados perspectiva comica «Em que mui concho fez papel Filinto.» *(Ib.,* 114.) O senhorio da casa de Filinto chamava-se *Castel,* e era implacavel na cobrança do aluguer:

Castel vem co'a quitança embandeirada
Mal abre Jano as portas do Anno novo.

(Ib., III, 62.)

Seria o poeta didactico Castel? Era a casa em Choisy-sur-le-Seine [1] que elle habitava, onde vivia em completo retiro: «depois de lá morar *dous annos*, não tive mais conhecimentos que o de uma pessoa e meia.» (III, 163.)

Em uma nota da traducção dos *Martyres* (1812) escreve Filinto: «Pela quarta vez me vejo destituido de livros e obrigado a citar de memoria. Perdi, pelo terremoto, quantos livros então possuia. Pela segunda vez perdi quanto meu pae ganhou no serviço d'el-rei em 60 annos que foi maritimo, e os bons livros classicos, gregos, latinos, italianos, alguns francezes, castelhanos e muitos portuguezes, que com bem custo e trabalho tinha junto, lá m'os sequestraram em Portugal. Pela terceira vez perdi moveis e 700 volumes, o mais injustamente, desde que o mundo é mundo, penhorado por sentença de juizes. Pela quarta e ultima vez (digo ultima, porque já não tenho que me penhorem) a minha tal e qual Livraria, fato e moveis os perdi, pela perfidia de uma mulher, que tomei para me servir, a qual os juizes condemnaram a restituir tudo e a dous annos de prisão; e outros arbitraram, que ella ficasse com tudo; e a querer eu resgatar o que era meu, pagasse 940 francos, que eu nunca devi.» [2]

---

[1] Ferdinand Denis escreve Choisy-le-Roy. *(Biographie nouvelle.)*

[2] *Obras*, t. VII, p. 223. Entre os papeis de Filinto, hoje em poder do snr. Conselheiro Alfredo Tavares de Macedo, conserva-se o seguinte Memorial, que nos revela mais uma das suas desgraças economicas:

Duas datas apparecem celebradas nos versos de Filinto: 23 de Dezembro, [1] em que nascera, e 4 de Julho em que se salvára das garras do Santo Officio. São muitas as odes em que apparecem referencias e dolorosas reflecções do horaciano a estas datas. Era este um motivo aproveitado pelos amigos para o distrahirem. Desculpando-se de fazer versos em uma edade já provecta, diz Filinto: «Além de que, posso eu deixar de condescender com os amigos, que vêm festejar commigo o dia 4 de Julho, e o de 23 de Dezembro, e que assim engelhada e velha, como ella é, querem ouvir cacarejar a minha Musa?» [2] A sua conformação e quasi renuncia da vida, davam-lhe á linguagem uma sentimentalidade sentenciosa, que o aproximava de Horacio:

«*A Monsegneur le Comte de Vergennes, Ministre et Sécretaire d'Etat.*

«L'Abbé François Emmanuel du Noël, Portugais, a prété au Sieur Baillot sous la caution du Sieur de Tour, la somme 3:000 fr. moyennant la rente viagere de 100 écus par an. Mr. Homme Notaire en a passé l'acte. Le Sieur Baillot ne paye point les interets, et vient tout recemment de vendre au S.r Collenot le seul bien qu'on lui connaissait. Le S.r Collenot doit faire son premier payement en Avril prochain. Tout est perdu pour l'Abbé Noël, si un Ministre dont les Etrangers ressentent journellement la bienfaisance n'interpose son autorité pour le faire rembourser de cette modique somme, seul reste d'une fortune considerable, que des malheurs non merités lui ont enlevé.»

[1] A certidão de baptismo diz: 21 de Dezembro.

[2] *Ib.*, t. IV, p. 3.

Eu que além piso a raia a *doze lustros,*
Que de alterna fortuna
Com sombra egual provei penas, favores,
Que bebi proveitoso
Sazonadas lições da experiencia
Na carreira da vida:
Que co' fanal da reflexão attenta
Vi no pégo do nada
Cahir tantas Corôas, subir tantas
Que improprias frontes curvam;
Tanto desejo ardente não cumprido,
O morto apenas nado;
Tantos ricos, illustres, poderosos,
E tão pouco felizes,
Só peço ao Céo dourada mediania,
Em placido remanso,
Saude alegre, e Lyra, com que cante
Louvores da amisade.

(*Obr.*, I, 138.)

A situação desolada em que se achava Filinto, sem interesses na sociedade do seu tempo, a que era completamente extranho, sem relações com o passado a que fôra abruptamente arrancado e cujas recordações eram profundamente dolorosas, fel-o n'este vacuo moral procurar o alento da Poesia. E foi em Horacio que Filinto encontrou a expressão mais adequada a esta situação desgraçada. Parecerá absurdo, que um poeta da côrte de Augusto, de uma civilisação extincta, podesse trazer consolos a uma alma solitaria! Crêr-se-ha que era a cultura erudita que levava Filinto, como eximio latinista, para a leitura constante de Horacio; mas não, dava-se entre elles uma affinidade mais intima, e d'ahi é que resultou a perfeita comprehensão e a clara imitação do lyrismo horaciano. Filinto viveu em uma epoca em que o gosto arcádico ou pseudo-

classico estava decahido e um tanto ridicularisado; a renovação do Romantismo nas litteraturas modernas ainda não se accentuava nitidamente: em que corrente de Poesia se deixariam levar, n'este periodo de esgotamento de um ideal antigo e indeterminação de um ideal moderno? Elle só por si não podia fazer essa creação, por que um ideal é sempre uma synthese das concepções geraes. Em Horacio encontrou Filinto resolvido o problema: tambem Horacio surgira no fim de uma edade esgotada, e antes da renovação social e sentimental do Christianismo. A sua intuição artistica suprema levou-o a divisar a poesia na natureza, na espontaneidade affectiva, procurando nos prazeres intelligentes e delicados o esquecimento das amarguras inevitaveis da vida: *sollicitae jucunda oblivia vitae.*

Lamennais, no seu *Esboço de uma Philosophia,* caracterisou Horacio e Virgilio por este aspecto naturalista e sympathico, que os torna ainda modernos: «No tempo em que elles viveram, quasi todas as fontes da poesia primitiva estavam esgotadas. Não poderam por tanto crear obras d'estas que apparecem nas origens como revelações do bello infinito e como typos eternos da Arte; mas ambos encontraram em si riquezas bastantes para se elevarem a uma categoria quasi primacial. Foram poetas pela unica maneira que se pode ser, quando a fé está apagada, e quando os costumes perderam a sua simplicidade ingenua, pelo sentimento da natureza e da humanidade, unidos a uma ternura de coração em Virgilio, e a uma fina penetração e

extrema delicadeza de pensamento em Horacio. O bulicio das cidades, os ruidos banaes incommodavam-os egualmente. — Embora a lyra de Horacio vibre sons melancholicos e ternos, elle interessa-nos quasi sempre, e sabe encantar por outros recursos. A rasão, a experiencia das cousas, um espirito liberto das illusões vulgares, sem humor tristonho nem azedume, eis o que predomina n'elle. Lançou sobre a vida humana um olhar profundo; viu-a passar como o sonho de uma sombra, e rindo-se d'aquelles que confiam no dia seguinte, convida o atilado a tirar partido da hora presente, a unica que lhe pertence, a semear de flores o curto trajecto que separa o berço da sepultura. Seja qual fôr o vicio d'esta philosophia semi-stoica, semi-epicurista, que não leva em conta os deveres do homem, nem o seu destino providencial, tem ella comtudo um lado verdadeiro, um lado que corresponde aos nossos instinctos intimos: porque, tudo quanto nos recorda a fuga rapida da nossa existencia de um momento, a incerteza do dia que segue, a insania dos nossos votos, a inanidade das nossas esperanças, tudo isso tem para nós um attractivo mysterioso, que nunca se extingue. A pureza, a perfeição da fórma apresentam um outro attractivo não menos poderoso, e encontram-se no mesmo gráo nas producções, aliás tão differentes, d'estes dois grandes poetas. Com elles acaba o periodo da arte que precedeu o Christianismo.» [1]

As Odes de Filinto são perfeitamente ho-

[1] *De l'Art et du Beau*, p. 255. Ed. 1885.

racianas por esse sentimento de naturalidade com que representa situações simples da sua existencia; [1] o momento passageiro da effusão de antigas amisades; recordações dolorosas

---

[1] Colligimos aqui a série bibliographica das traducções e imitações portuguezas de Horacio. Por esta lista de auctores poder-se-ia formar uma edição á maneira da que fez Menendez Pelayo no seu *Horacio em Hespanha.*

Traducções das Poesias de Horacio em verso portuguez

SECULO XVI

JORGE FERNANDES (Fr. Paulo da Cruz, o Fradinho da Rainha)

Livro III, Ode 24. (Ms. do Visconde de Jurumenha, fl. 98; publicada por D. Carolina Michaëlis, na *Zeitschrifte fur romanisch Philologie*, vol. VIII, p. 628.)

ANDRÉ FALCÃO DE RESENDE

Livro I, Ode 1.ª (Nas *Poesias* de André Falcão, ed. de Coimbra (incompleta) p. 189.
» Ode 2.ª Ibi, p. 192.
» Ode 3.ª Ib., p. 195.
» Ode 4.ª Ib., p. 198.
» Ode 5.ª Ib., p. 200.
» Ode 6.ª Ib., p. 202.
» Ode 7.ª Ib., p. 204.
» Ode 8.ª Ib., p. 206.
» Ode 11.ª Ib., p. 208.
» Ode 19.ª Ib., p. 209.
» Ode 22.ª Ib., p. 211.
» Ode 24.ª Ib., p. 213.
» Ode 26.ª Ib., p. 215.
» Ode 28.ª Ib., p. 216.
» Ode 31.ª Ib., p. 219.
» Ode 34.ª Ib., p. 221.
» Ode 35.ª Ib., p. 223.

avivadas para não doerem as magoas e miserias do dia presente. Filinto queixa-se sem

---

Livro II, Ode 2.ª Ib., p. 225.
» Ode 3.ª Ib., p. 227.
» Ode 10.ª Ib., p. 229.
» Ode 14.ª Ib., p. 231.
» Ode 18.ª Ib., p. 233.
» Ode 20.ª Ib., p. 236.
Livro III, Ode 1.ª Ib., p. 238.
» Ode 2.ª Ib., p. 242.
» Ode 3.ª Ib., p. 244.
» Ode 6.ª Ib., p. 248.
» Ode 16.ª Ib., p. 251.
» Ode 23.ª Ib., p. 254.
» Ode 24.ª Ib., p. 256.
» Ode 29.ª Ib., p. 259.
Livro IV, Ode 7.ª Ib., p. 262.
» Ode 10.ª Ib., p. 264.
Epodo II, Ib., p. 265.
Livro I, Satiras 2.ª Ib., p. 343.

ANONYMAS

Livro I, Ode 3.ª Ed. Caminha, p. 235.
» I, Ode 1.ª Ib., p. 222.
» I, Ode 3.ª » p. 221.
Livro II, Ode 14.ª Ed. Caminha, p. 238.
Livro III, Ode 5.ª » p. 225.
Ad Sodales p. 229.

PEDRO DA COSTA PERESTRELLO

6 Odes (Ed. Caminha, p. 17 a 26.)

SECULO XVIII

FRANCISCO JOSÉ FREIRE

Satiras e Epistolas de Q. Horacio Flacco, trad. e illustradas. 1765, 1 vol. ms. inedito na Bibl. de Evora.
— A Satira 1.ª do Liv. I; está impressa na versão de Antonio Luiz de Seabra.

amargura e sem rancor, mas conforma-se com as desgraças, com as decepções. Horacio tor-

---

Arte poetica, de Quinto Horacio Flacco, traduzida e illustrada em portuguez. Lisboa. 1758. In-4.º (com o retrato do Conde de Oeyras.) — 2.ª Ed. 1778; 3.ª de 1784.

P.e THOMAZ JOSÉ DE AQUINO

Traducção portugueza da Ode IV, do Livro IV de Quinto Horacio Flacco, princepe dos Poetas latinos, por Paulo Germano. Lisboa, na Officina de Manoel Coelho Amado. 1761, in-4.º de XXXV-17 p.

Traducção portugueza da Ode XI do Livro I, e da V do Livro III, de Quinto Horacio Flacco, por Paulo Germano. Vão juntamente as analyses das mesmas Odes, e vão tambem umas notas tumultuarias. Lisboa, Off. de M. Coelho Amado, 1762, in-4.º

A Poetica de Q. Horacio Flacco restituida á sua ordem, com a interpretação paraphrastica em portuguez, e uma Carta do editor a certo amigo sobre o mesmo assumpto. Lisboa, na Regia Offic. Typ., 1793. In-4.º de XXVII-167 pp. (E' em prosa; e segue a disposição arranjada pelo italiano Pedro Antonio Petrini.)

A Epistola 1.ª do Livro segundo de Quinto Horacio Flacco a Augusto, com a interpretação em verso portuguez. Accresce a *Poetica* do mesmo Horacio restituida á sua ordem, e traduzida em verso vulgar. Lisboa. Regia Offic. Typ. 1796. In-4.º de 111 pag. (Segue a disposição do texto como na prosaica.)

MIGUEL DO COUTO GUERREIRO

Arte poetica de Horacio, traduzida em rima vulgar. Lisboa, na Regia Officina Typ. 1772. In-8.º de XVII-35 p. (Em endecasyllabos emparelhados.)

JOAQUIM JOSÉ DA COSTA E SÁ

Odes de Quinto Horacio Flacco, principe dos Lyricos romanos, traduzidas em portuguez com o texto em frente, enriquecidas de notas e commentarios, etc. Lisboa, 1780. In-8.º 3 tomos. (Em prosa).

na-se-lhe um companheiro, um confidente, e é quasi sempre de um hemistychio ou de uma

---

— Outra edição, de Lisboa, Offic. regia, 178 p. Tomo I: os Cinco Livros das *Odes*, illustradas com eruditas notas. Tomo 2.º que contem as *Epistolas* e *Satiras*, illustradas com commentarios selectos.

— Outra do tomo II, da mesma Officina em 1790. In-8.º

— Outra de 1805 (o tomo I).

Arte poetica, ou Epistola de Q. Horacio Flacco aos Pisões, vertida e ornada no idioma vulgar, com illustrações, notas e regras analyticas. Lisboa, 1794. In-8.º

MANOEL IGNACIO SOARES LISBOA

Satiras (em prosa.) Ap. Inn.

JOSÉ ANTONIO DA MATTA

Odes de Quinto Horacio Flacco, traduzidas litteralmente na lingua portugueza. Lisboa, 1783. Tomo I. — 1786. T. II. In-8.º.

ANTONIO DE ARAUJO (Conde da Barca)

Odes de Horacio, traducção (Ms. escripto na legação de Hollanda, ao qual allude Filinto Elysio.) 1792. (Inedito).

JERONYMO SOARES BARBOSA

Poetica de Horacio, traduzida e explicada methodicamente para uso dos que aprendem. Coimbra, Reg. Officina Typ. 1781, In-8.º

D. RITA CLARA FREIRE DE ANDRADE

Arte poetica de Q. Horacio Flacco, traduzida em verso rimado. Reg. Offic. da Univ. 1781. In-8.º

ANTONIO DINIZ DA CRUZ E SILVA

Satyras, Liv. I, Sat. 4.ª (*Poesias*, t. IV, p. 65.)

phrase de Horacio que sae a faisca poetica que o leva á idealisação e á espontaneidade

---

PEDRO JOSÉ DA FONSECA

Arte poetica de Q. Horacio Flacco. *Epistola aos Pisões*, traduzida em portuguez, e illustrada com escolhidas notas dos antigos e modernos interpretes, e com um commentario critico sobre os preceitos poeticos, lições varias e intelligencia dos logares difficultosos. Lisboa, na Officina de Simão Thadeo Ferreira, 1790. In-4.º de xix-272 (o texto da Epistola é em prosa, e occupa o livro até p. 95; tudo o mais é commentario.)

FILINTO ELYSIO

Liv. I Ode 2.ª (Parodia) *Obras completas,* t. I, p. 444.
Liv. I Ode 3.ª (Ib., XI, 81.)
Liv. I Ode 11.ª (Ib., XI, 74.)
— Ode 38.ª (Ib., 75.)
— Ode 28.ª (Ib., 83.)
Liv. I Ode 22.ª (Ib., 84.)
— Ode 31.ª (Ib., 86.)
— Ode 9.ª (Ib., 85.)
Liv. I Ode 12.ª (Ib., III, 189.)
Liv. I Ode 13.ª (Ib., III, 202.)
Liv. II Ode 8.ª (Imitação; ib. III, 226.)
Liv. II Ode 10.ª (Ibid., t. I, 447.)
Liv, III Ode 5.ª (Ib., 78.)
Liv. IV Ode 2.ª (Ib., IV, 77.)
Liv. V Ode 3.ª (Ib., IV, 82.)
Epodo VII (Ib. III, 293.)
Epistola 2.ª Liv. I, (Ib., V, 154.)

FR. JOSÉ DO CORAÇÃO DE JESUS (Almeno)

Livro I, Ode 1.ª *(Poesias de Almeno,* t. I, p. 61.)

JOSÉ DIAS PEREIRA

Livro II, Ode 17.ª (Na versão do Dialogo de Cicero *Catão ou a Velhice*, pelo P.e Thomaz de Aquino, p. 109.)

de uma Ode. As poesias de Horacio foram estudadas e imitadas por alguns dos nossos

---

ANTONIO ISIDRO DOS SANTOS

Arte poetica de Horacio. (Attribue-se-lhe a traducção que anda em nome de D. Rita Clara Freire de Andrade, que tambem se julga ser de seu marido Bartholomeu Cordovil de Sequeira de Mello, professor de Grammatica latina em Algodres.)

BARTHOLOMEU SOARES DE LIMA BRANDÃO

Liv. I, Ode 13.ª *(Obras poeticas,* p. 32, e 40.)
Epodo 2.º

DOMINGOS CALDAS BARBOSA

Liv. I, Ode 1.ª *(Almanach das Musas,* P. III.)

FRANCISCO DIAS GOMES

Liv. I, Ode 14.ª *(Obras poeticas,* p. 356.)

FRANCISCO MANOEL DE OLIVEIRA

Liv. I, Ode 1.ª, 2.ª, 5,ª 6.ª e 22.ª — (Na *Collecção poetica,* t. II, p. 84 e seg.)
Liv. II, Ode 3.ª
Epodos 1.º e 15.º

FRANCISCO ROQUE DE CARVALHO MOREIRA

Liv. I, Ode 1.ª *(Poesias varias.)* Ap. Inn.

SECULO XIX

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO

(1812 — 1813)

Livro I,	Ode 2.ª (*Semanario*,	vol.	II, 397 a 400.)
»	Ode 3.ª (Ibid.,	»	II, 264 a 265.)
»	Ode 5.ª (Ibid.,	»	I, 417 a 418.)
Livro II,	Ode 12.ª (Ibld.,	»	I, 152 e 153.)
»	Ode 14.ª (Ibid.,	»	I, 373 a 375.)

quinhentistas; no seculo XVII perdeu-se o gosto d'esse modelo, e pode-se concluir que Fi-

---

Livro II, Ode 16.ª (Ibid., vol. I, 287 a 290.)
» Ode 30.ª (Ibid., » I, 279 a 280.)

Obras de Horacio, traduzidas em verso portuguez. Tomo I. Os 4 Livros das Odes e Epodos. Lisboa. Impressão regia 1806. In-8.º de XXX — 222. Tomo II — *Epistolas*, *Satiras* e *Arte poetica* (Entregue ao Director da Impressão regia, mas actualmente perdido o autographo não tendo chegado a imprimir-se.)

BENTO JOSÉ DE SOUSA FARINHA

Analyse da Epistola aos Pisões, vulgo *Arte poetica* de Quinto Horacio Flacco, feita em 1801. Ms. inedito (Cita-o Innocencio.)

JOSÉ MARIA DANTAS PEREIRA

Epodo 2.º *(Diversões metricas*, p. 73.)
Epistolas, Liv. I, Epistola 2.ª *(Diversões metricas*, p. 78.)

NUNO ALVARES PEREIRA PATO MONIZ

Livro I, Ode 3.ª
» II, Ode 19.ª
» III, Ode 3.ª
» IV, Ode 2.ª
Epodo 2.º (Todas no *Observador portuguez* de 1818, 1819, e em varios numeros do *Ramalhete.*)

ANONYMO

Livro I, Ode 3.ª
» Ode 1.ª, 2.ª, 4.ª, 6.ª, 7.ª 8.ª, e 14.ª (Nos *Annaes das Sciencias, das Artes e das Letras.* (Vid. *Diccion. bibl.*, t. III, p. 206.)
» Ode 1.ª No *Beija-flor*, jornal de versos, p. 99 e 111.
» III, Ode 2.ª Ib.

linto é que restabeleceu no ultimo quartel do seculo XVIII de uma maneira franca a reno-

---

MARQUEZA DE ALORNA (Alcipe)

Liv. I, Ode 2.ª (Imitação) *Obras poeticas*, vol. II, 119.
» » Ode 4.ª (Ib., p. 132.)
» » Ode 21.ª Imitação. (Ib. 122.)
» » Ode 6.ª (Ib., p. 135.)
» » Ode 30.ª (Ib., p. 124.)
» » Ode 11.ª (Ib., p. 131.)
» » Ode 28.ª (Ib., p. 137.)
Liv. II, Ode 2.ª (Ib., p. 129.)
» » Ode 17.ª (Ib., p. 141.)
Liv. III, Ode 2.ª (Ib., p. 127.)
» » Ode 9.ª (Ib., p. 139.)
Arte Poetica (Ib., t. V, 9 a 55.)

DR. ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS

A Lyrica de Quinto Horacio Flacco, trasladada em verso portuguez. Lisboa. Imp. regia. 1807. In-8.º 2 tomos. (Com o nome de *Elpino Duriense.)* — Foram supprimidas 16 Odes n'esta traducção, e feitas modificações por causa da intenção moral.

D. GASTÃO DA CAMARA

Paraphrase da Epistola aos Pisões, commummente denominada *Arte Poetica* de Quinto Horacio Flacco, com annotações sobre muitos logares. Lisboa, 1853. In-8.º (Posthuma)

ANTONIO LUIZ DE SEABRA

Satiras e Epistolas de Quinto Horacio Flacco, traduzidas e annotadas. Porto, na Typ. Commercial. 1846, 2 tomos in-8.º de XVI-321; e IV-320 pp. (Com duas estampas.)

DR. ANTONIO JOSÉ DE LIMA LEITÃO

Arte poetica de Horacio, traduzida em verso. Bahia 1817. In-8.º — Lisboa, 1821. In-8.º

vação tentada por Garção do espirito horaciano.

ANONYMOS

Liv. I, *Satiras:* Sat. I (No *Interessante*, t. I, p. 156.)
» I, Sat. 7.ª » p. 86.
» I, Sat. 8.ª » p. 108.
» II, Sat. I Ibid., p. 39.
Epistolas, Liv. I, Epist. 1.ª (No jornal o *Interessante*, t. I, p. 16.)

D. FRANCISCO ALEXANDRE LOBO

Liv. I, Ode 7.ª *(Obras,* t. I, p. 410, e seg.)
» II, Ode 14.ª

FRANCISCO DE BORJA GARÇÃO STOCKLER

Liv. I, Ode 1.ª *(Poesias lyricas*, p. 49 e seg.)
» Ode 14.ª

JOÃO BAPTISTA DE ALMEIDA GARRETT

Liv. IV, Ode 2.ª *(Flores sem fructo.)* A Glycera, ib., p. 49 e seg.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

Liv. III, Ode XIII. (Nas *Excavações poeticas*, p. 72 e 73; vem uma parodia á mesma.)

JOSÉ AUGUSTO CABRAL DE MELLO

Odes de Q. Horacio Flacco, traduzidas em lingua portugueza. Angra do Heroismo. Typ. do Angrense. 1853. In-8.º gr. de 412 p. (Parte da edição, de p. 232 em diante realisada em Lisboa.) 1 vol.

Avulsa:

Ode 3.ª do Liv. III das Odes de Horacio, traduzida em verso portuguez. Angra. Imp. do Iris. 1841. In-8.º de 8 p.

Entre Horacio e Garção é como Filinto queria estar no paraiso. A desgraça do poeta, cujo nome fôra iniquamente infamado, [1] avivou no desterro de Filinto um sentimento de piedade e de admiração. Eram irmãos na adversidade, victimas ambos, um do Despotismo e o outro do Fanatismo. Longe de Portugal é que Filinto começou a estudar a obra

---

FRANCISCO EVARISTO LEONI

Liv. III, Ode 9.ª *(Obr. poeticas,* p. 28.)

PICOT

Obras de Horacio (Traducção completa, em prosa com o texto. Paris, 1898.)

[1] Transcrevemos aqui esse Soneto inedito de Garção elogiando o Senado de Lisboa, que foi substituido pelo presidido pelo filho do Marquez de Pombal:

Fiel á Patria, ao Rey, a si, a tudo,
Sincero sempre, e sempre contendido,
Tão amplo bemfeitor, quanto offendido
Pelo dente voraz de um povo rudo;

Da viuva, do orfão sempre escudo,
Por parte da Rasão sempre atrevido,
De insultos vãos por maxima esquecido,
De culto nas acções sempre sisudo;

Columna de antiquissimos direitos,
Voz da Nação, que exactamente sôa
Qual ecco, pela estrada dos preceitos;

Este o Senado, a quem perdeu Lisboa . .
Vêde pois, cidadãos, com novos feitos
Se a Camara que vem vos é tão boa.

(Ms. da Coll. Merello.)

de Garção e a reconhecer-lhe o intuito renovador. Elle não tinha a edição impressa em 1778; entre os papeis do seu espolio, hoje em poder do conselheiro Alfredo Tavares de Macedo, encontram-se *quatro cadernos das Obras poeticas de Garção*, copiados por letra do proprio Filinto, na livraria de Antonio de Araujo, quando esteve na Hollanda. Foi sobre esses manuscriptos que o estudou e releu, recebendo o impulso para continuar a sua empreza truncada pela fatalidade. Nas Obras de Filinto ha uma obsessão admirativa por Garção, e d'essas referencias deduz-se o pensamento que lhe deve.

Na sua admiração por *Coridon*, Filinto encara-o como um continuador de Sá de Miranda, de Ferreira, Bernardes e Caminha:

> *Coridon, Coridon,* nos braços d'estes
> As Musas te visitam, te bafejam
> Co'a harmonia do Pindo; e em ti as Graças
> Canto de Horacio vertem.
>
> (*Obr.*, IV, 405.)

E por via d'estes poetas, Filinto estabelecia a solidariedade esthetica com os poetas classicos:

> Os que como Diniz, Garção, Ferreira
> Meditam, folheando noite e dia
> Os Gregos e Romanos, de alto preço,
> E dão moldados versos n'estes cunhos,
> Dignos de entrar no Templo do bom gosto,
> São os que estimo só, de quem recebo
> Com gosto e com respeito o bom reparo.
>
> (*Obr.*, V, 317.)

Na extensa Carta a Brito, especie de Arte

poetica sob a reminiscencia da *Epistola aos Pisões*, Filinto aponta a influencia de Garção sobre o seu tempo:

Taes eram approvados e bemquistos
Por nobre imitação de almos traslados
Do pindarico Elpino as cultas Odes;
E a facundia bebida nos Antigos
Que vertia o *Garção* nos seus poemas,
Quando na Arcadia outr'ora os escutava
De atilados varões o estreme ouvido.

(*Obr.*, I, 38.)

Combatendo aquelles que advogavam o emprego dos neologismos na lingua portugueza mofando das phrases sediças do caduco Lucena e do aguado Barros, inflamma-se Filinto e para dar todo o relêvo aos seus argumentos em uma prosopêa appresenta Garção doutrinando:

Cuido que o vejo erguer-se arreminado
Lá da campa onde jaz sêco e moido,
O meu Garção, e azedo e zombeteiro
Responder-lhes assim: ....
«A elocução é tudo. Uma sentença
Que tosca refugaes por desagrado,
Se com phrase concisa, ornada e culta
Vem ferir n'alma, o ouvido amaciando,
Abalados ficaes, ficaes absortos,
Namorados da sua formosura.
....
Dar com vozes valor ao pensamento,
Dar-lhe côr, dar-lhe vida é o grande estudo,
A gram venida de immortaes Autores.
Que não basta dar pasto são á mente,
Se não vem adubado de bom gosto;
E assim é que a verdade cala na alma,
Louçã, c'os atavios da Eloquencia;
E assim tambem resvala dos ouvidos

Se vem sêca, ou ensôssa ou mal trajada.
Uma palavra nova, ou renovada
Desperta o ouvido, é saudavel toque

....

Canoros despertae co'a novidade;
Beliscae meigamente o seio da alma;
Inventae, renovae, usae translatos,
Convidae o appetite, dae-lhe forças,
Envidae o saber, obtereis graças
De quem bem instruistes, deleitando-o.

(*Ib.*, p. 42 a 48.)

E para fundamentar esta doutrina, que põe na bocca de Garção, vae Filinto deixar em evidencia as bellezas da deliciosa *Cantata de Dido:*

Olha o Garção, tão rico na pintura
Da infeliz Dido, as côres assignala,
Quando perecedora, entregue a Clotho,
«*Com a convulsa mão subito arranca*
A lamina fulgente da bainha,
E sobre o duro ferro penetrante
Arroja o tenro, cristalino peito:
Em borbotões de espuma murmurando,
O quente sangue da ferida salta;
De roxas espadanas rociadas
Tremem da sala as doricas columnas.»
Não ha termo que não traslade ao vivo
No 'sprito do leitor o fiel quadro
Que o Garção debuxou na clara ideia,
Sim; que Estudo e Rasão lhe persuadiram
Que ao vate acceito a Apollo, acceito ás Musas,
Cabe espertar no ouvinte imagens vivas
Com valente pincel, accesas côres,
Arrojado nos rasgos, lumes, sombras,
E ardente como esse Estro, que o inflamma.

(*Ibid.*, p. 54.)

E da linguagem simples, mas repassada de poesia com que o Garção descreve situa-

ções domesticas e intimas aponta Filinto o modelo *Nos ultimos Adeus ás Musas:*

Assim *Garção*, seguindo o Venusino,
Toma o vôo, co'as azas estendidas,
Quando canta a progenie illustre e féra
Dos que na paz dourada ou guerra dura
A si ganharam claro nome, e aos netos:
Ou, amansando o vôo, busca o trilho
Do Teio Anacreonte, quando escreve
Vermelhas brazas, alvo pão tostando,
Ou do Delphim a calva loura e lisa,
Da carroça dos annos não trilhada.
Assim perde tambem de vista a terra
Diniz, que emular Pindaro contende...

(*Ibid.*, p. 415.)

Junto com Garção cita sempre Filinto como uma trindade renovadora da poesia portugueza Diniz e Domingos Maximiano Torres: *Coridon*, *Elpino*, *Alfeno*. Sobre o emprego das palavras compostas, abona-se com esses tres poetas:

Que enfeite e gala não recebe a lingua
Quando são por mão sabia collocadas
Compostas, que nos forram largas prosas!
E que dão novidade e dão deleite
A quem lhes sabe dar o preço e estima!
Tão pêco é o Camões quando descreve
Do *stellifero polo* os moradores,
E a *bellicosa* gente? E despiciendo
O Garção, o Diniz, quando com duas
Já conhecidas vozes compõem uma,
Imitando a Camões e antigos Vates?
Que bem pintou *Alfeno*, alumno d'estes,
O carro, que briosos vão tirando
Os *auri-verdes*, *bi-pedes* cavallos!

(*Ib.*, 74.)

Filinto filia n'estes tres poetas a renovação que destruiu o estylo seiscentista das Academias:

> Inda ha pouco *Garção*, *Elpino*, *Alfeno*...
> As lyras receberam
> Dos Cantores mais altos do Parnaso,
> E sobre as doutas cordas
> Já renovaram as Canções dircêas.

Antonio Diniz da Cruz e Silva não ficou indifferente a estas homenagens de Filinto, e escreveu-lhe uma carta cerimoniosa, que está publicada; os elogios a Domingos Maximiano Torres parecem-nos hoje excessivos, mas justificam-se: Filinto fôra o seu guia, e amava-o como disciplo, que mesmo na patria não foi menos desgraçado do que elle. Com *Alfeno* conservou uma viva correspondencia com que suavisava as saudades de Portugal. São aqui cabidas duas linhas sobre este delicado poeta, que vivera em Lisboa na intimidade de Filinto.

Em uma Ode ao anniversario de Filinto, em 23 de Dezembro de 1777, confessa Domingos Maximiano Torres dever-lhe a emancipação do seu espirito:

> Meu doce salvador, tu me arrancaste
> Das mortiferas garras sanguinosas
> Do ávido *Rigorismo*, que intentava
> Roubar-me a luz do dia.
>
> Co'a tocha da Verdade deslumbraste
> Os vesgos olhos da tartárea Furia,
> E mostraste-me as bordas que pisava
> Do immenso precipicio.
>
> . . . .

Como amigo benefico me ensinas
A desandar as horridas ambages
Do cego labyrintho inextricavel
Em que me poz o monstro.

No tempo em que convivia com Filinto, Alfeno estava empregado na catalogação da Livraria da Casa real, de que foi despedido pelo Marquez de Pombal, *por não lhe agradar a letra.* E' interessante este episodio da sua vida para a historia litteraria.

Depois do incendio da Bibliotheca da Casa de Bragança, o Marquez de Pombal tratou de fazer a acquisição de uma nova livraria para o paço. O modo como se fez essa acquisição está mascarado por uma doação liberal do grande bibliographo Abbade Diogo Barbosa Machado a el rei Dom José em 1770. O transporte da livraria do Abbade, auctor da *Bibliotheca Luzitana*, fez-se ainda em sua vida, e elle mesmo e o seu commensal padre Francisco José da Serra Xavier presidiram ás remessas para a bibliotheca real. A correspondencia da entrega dos livros é entre Barbosa Machado e um tal Nicoláo Pagliarini; por uma carta do illustre bibliographo ao Bispo de Beja, sabe-se que este partidario do Marquez de Pombal é que induziu aquelle venerando academico a fazer esta cedencia da sua querida bibliotheca: «Como por V. Ex.ª começou este negocio, he de razão que tambem acabe. Está concluida a remessa dos Livros, e pelas Memorias inclusas se verá quaes faltaram e quantos se remetteram, que não estavam no rol. Se se reparar que entre elles faltaram a *Historia genealogica da Casa real* do P.e Sousa, o *Tractado analytico* de Leitão,

e outro algum livro, he de advertir, que como meu irmão os tinha, e viviamos juntos, nunca quiz dobrar o que tinha de casa.» [1] Separado da sua Bibliotheca, o erudito abbade pouco sobreviveu, falecendo a 9 de Agosto de 1772; a tença de 600$000 rs. que lhe cedeu o monarcha não lhe dava a consolação das suas prodigiosas collecções. [2]

Um amigo intimo do poeta Garção, preso no Limoeiro pela arbitrariedade do Marquez, trabalhava na catalogação da Bibliotheca real, e de repente se achou incurso tambem na animadversão do omnipotente ministro: era Domingos Maximiano Torres, socio da Arcadia, onde tinha o nome de *Alfeno Cynthio.* Por um documento publicado pelo doutor Galvão Ramiz, se reconstituem alguns traços da biographia de *Alfeno:* era filho de

---

[1] Ap. *Annaes da Bibl. nacional do Rio de Janeiro*, p. 40. (Artigo do Dr. Galvão Ramiz.)

[2] Depois da incorporação da Bibliotheca formada pelo Abbade Barbosa Machado na Livraria real, foi tambem reunida a este centro a Bibliotheca afamada do Cardeal da Cunha, depois de seu falecimento em janeiro de 1783. Eis como a Casa real se apossou d'esse thezouro bibliographico, conforme o conta o desembargador Gramosa: «Como porém, o Cardeal não tivesse pago os novos direitos do logar de Regedor das Justiças em o espaço de vinte annos, ordenou a rainha D. Maria I, que a sua Livraria, que era selecta, não pela boa encadernação dos livros, mas pela sua raridade e abundancia, fosse para o Palacio de Nossa Senhora da Ajuda para formar alli uma Bibliotheca real, fazendo-se o desconto á vista do seu valor, e do que se devia dos novos direitos.»

(*Successos de Portugal,* I, p. 125.)

Julião Francisco Torres, e estava já formado em Direito em 1768. Regressando de Coimbra foi empregado em Lisboa na arrumação das Livrarias do paço e do Collegio dos Nobres, até 1770, em que o Marquez o mandou despedir *por não lhe agradar a sua lettra.* Ha aqui mais ou menos uma certa hostilidade contra os Arcades, ou contra os amigos de Garção. Os documentos relativos a Alfeno são curiosos e devem archivar-se na historia pelo que encerram de pittoresco:

«S.^or^ D.^r^ Domingos Maximiano Torres.—Hontem recebi vinte moedas de quatro mil e outocentos, que fazem noventa e seis mil reis, as quaes me mandou entregar o Ill.^mo^ e Ex.^mo^ S.^or^ Conde d'Oeiras para dar a V. M. em premio de ter ajudado na arrumação das Livrarias do Paço e d'este Collegio: desde Novembro de 1768 até Outubro de 1769, cuja quantia remetto pelo Amanuense Feliciano Marques Perdigão, de que V. M. me passará recibo *auctorisado por seu Pay.*—Tambem lhe participo, que como a Lettra de V. M. não agradou a sua Ex.^cia^ para as circumstancias de fazer os Catalogos, S. Mag.^e^ foi servido nomear outro, que occupasse o lugar de V. M., e por tanto de V. M. entregar a chave da Casa aonde habitou alguns dias no Paço ao dito Feliciano Marques Perdigão.—Desejo sempre occasiões de servir a V. M. que Deus guarde muitos annos. Coll.^o^ real dos Nobres, 5 de Agosto de 1770. De V. M. Certo Vener.^r^ *Nicoláo Pagliarini.*» Segue-se este outro documento por onde se sabe o nome do pae de Alfeno, para quem o facto de ser formado não bastava ainda para a maioridade: «Re-

cebi do S.r Nicoláo Pagliarini, Fidalgo da Casa de S. Mag.de a quantia de noventa e seis mil reis, os quaes me entregou o dito Senhor por mandado do Ill.mo e Ex.mo S.or Conde de Oeiras, em remuneração e premio de eu ter ajudado na arrumação das Livrarias do Paço e do Real Collegio dos Nobres desde Novembro de 1768 até o de 1769, e por estar entregue da dita somma lhe passei o presente recibo. Lx.a cinco de Agosto anno mil e sete centos e setenta. (Julião Francisco Torres) Domingos Maximiano Torres. — São 96:000 por conta.» [1]

Visto que fallámos da Bibliotheca de Barbosa Machado, cumpre deixar tambem algumas noticias da livraria que pertencia a seu irmão o theatino D. José Barbosa, a qual foi deixada á sua communidade de San Caetano, que em 1797 a cedeu para a formação da Bibliotheca nacional mediante a pensão annual de seiscentos mil reis, que essa communidade disfructou até 1834. [2]

Nos seus versos, que ficaram na maior parte inéditos, Maximiano Torres pagou a divida da amizade celebrando Garção e Quita pelos seus desastres; e mal saberia elle que tinha tambem de morrer não abafado em um

---

[1] *Annaes* cit., p. 185 e 186.

[2] Dr. Guimarães, *Summario de varia Historia*, t. III, p. 161. A Bibliotheca de Diogo Barbosa Machado, cedida a Dom José I, foi transportada juntamente com a Livraria do paço para o Rio de Janeiro, quando em 1808 Dom João VI fugiu deixando este paiz á devastação napoleonica; essa Livraria é hoje a maior riqueza da Bibliotheca nacional do Rio de Janeiro.

carcere, nem envenenado, mas no desterro, por conspirador aos outenta e outo annos! Pelo seu caracter conciliador, Alfeno fora um dos poucos arcades que vivera em boas relações com o grupo dissidente da Ribeira das Náos.

Alfeno Cynthio era filho de um pae abastado e por isso não sentiu a má vontade do despota; o seu natural excessivamente timido fez com que escapasse ás miseraveis suspeições de critico, jesuitico, e por essa timidez não deixou vestigios da sua passagem na Arcadia, postoque Costa e Silva affirma ter pertencido a essa corporação [1] Apezar de tudo, envolveram mais tarde a sua fortuna em uma demanda judicial, capciosa, e Maximiano Torres viu-se reduzido á pobreza; vivendo de um emprego de secretaria, d'isso mesmo o privaram por suspeitas de partidario das *ideias francezas*, ou jacobino. Por esta causa foi desterrado de Lisboa para a Trafaria, onde morreu passados poucos dias, com outenta e outo annos de edade.

Filinto intercalou nas suas Obras muitas composições poeticas de Alfeno, e ainda lhe sobreviveu: «Se fados máos e vis calumnias me não houvessem tão distante de ti arremessado, tão cedo te não perdera: e na tribulação injusta que te acarreou a Inveja, o Odio e o Fanatismo, ou te salvára, ou comtigo fenecera.» (*Obr.*, III, 446.)

Em uma Ode a Francisco Manoel do Nascimento, tambem Sebastião José Ferreira Bar-

---

[1] *Ramalhete*, t. III, p. 133.

roco confessa quanto deve a essa direcção intellectual:

> Assim, Filinto meu, tu cultivaste
> O meu engenho agreste,
> Tu as azas me deste
> Com que dos áres sulco o vasto pégo.
> A lyra marchetada, o pletro de ouro
> (Oh dadivas celestes)
> Das tuas mãos as tenho;
> Por ti sou vate, sou de Apollo filho.
>
> (*Obr.*, III, 465.)

Como estes testemunhos poder-se-iam colligir muitos outros entre os poetas do fim do seculo XVIII e primeiro quartel do seculo XIX, patenteando a influencia de Filinto, que além de apostolar a imitação de Horacio e o estudo de Camões, conseguira renovar o gosto artistico de Garção, e restituir a lingua portugueza a um purismo consciencioso. [1] Mas em vez d'esses testemunhos, agruparemos os nomes dos mais conhecidos

[1] Escreveu Garrett, a proposito da edição rollandiana das Obras de Filinto:

«Ninguem hoje duvída de que Filinto fosse o verdadeiro restaurador da lingua portugueza. Levantou e firmou este estandarte de reacção contra os *gallicismos* invasores e as estrangeirices de toda a especie, que tinham corrompido, deturpado, perdido de todo a lingua. Accudiram ao seu brado imitadores, auxiliadores e proselytos; a reacção foi talvez mais longe do que é justo — se ella era reacção! mas foi precisa e util: o tempo a corrigirá do excessivo. Os escriptos porêm de Francisco Manoel foram e são os mais poderosos instrumentos d'esta importante revolução; etc.» (*Rev. universal lisbonense*, t. II, p. 329.)

Filintistas

Domingos Maximiano Torres, *Alfeno Cynthio.*
Sebastião José Ferreira Barroco, *Albano.*
José Basilio da Gama, *Termindo Sepilio.*
Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral, *Matusio.*
Antonio de Araujo, Conde da Barca, *Olinto.*
Dr. Ignacio Tamagnini, *Alceste.*
D. Leonor de Almeida, Marqueza de Alorna, *Laura* e *Alcipe.*
D. Maria de Almeida, Condessa da Ribeira, *Marcia* e *Daphne.*
D. Thereza de Mello Breyner, Condessa de Vimieiro, *Tirse.*
Pedro Caetano Pinto de Moraes Sarmento, *Pierio.*
Domingos Pires Monteiro Bandeira, *Dorindo.*
Fr. José do Coração de Jesus, *Almeno.*
Dr. Ricardo Raymundo Nogueira.
Francisco de Borja Garção Stockler.
D. Francisco Raphael de Castro *(Principal Castro).*
José Peixoto do Valle.
João Baptista de Lara, *Albano Lisbonense.*
Bernardino Justiniano de Oliveira Pombinho.
P.e Matheus da Costa.
P.e José Theotonio Canuto de Forjó, *Leucacio Fido.*
Fr. Alexandre da Silva, *Silvio.*
Fr. Placido de Andrade Barroco.
Capitão Manoel de Sousa.
Dr. Joaquim Ignacio de Seixas.
Dr. Jeronymo Estoquete.
Antonio Mathevon de Curnieu.
Guilherme José Billing.
Francisco José Maria de Brito.
Dr. Antonio Ribeiro dos Santos, *Elpino Duriense.*
Bento Luiz Vianna, *Filinto insulano.*
Timotheo Lecussan Verdier.
Vicente Pedro Nolasco da Cunha.
Antonio José de Lima Leitão, *Almiro Lacobricense.*
José Maria da Costa e Silva, *Elpino Lisbonense.*
A. J. F. Marreco.

José Caetano de Figueiredo.
Francisco Freire de Carvalho, *Filinto Junior*.
Domingos Borges de Barros, Visconde da Pedra Branca.
Antonio Ribeiro Saraiva.
P.e Apollinario da Silva.
Nuno Alvares Pereira Pato Moniz, *Oleno*.
D. Francisca de Paula Possolo, *Francilia*.
Dr. José Monteiro da Rocha, *Tirceu*.
Dr. Felix da Sylva de Avellar, *Brotero*.
Dr. José Ferreira Borges, *Josino*.
João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, *Jonio Duriense*.

Levantara-se um astro novo, que resplandecia intensamente na Poesia portugueza, e agrupava em volta de si outros poetas que imitavam a sua elocução, constituindo a phalange ou eschola dos *Elmanistas*. Filinto saudou com enthusiasmo o fulgente genio: «o novo e amado cysne»:

Quão muito, e muito mais do que eu valiam
Garção, Elpino, Alfeno!
E tu, *Bocage*, a quem negou-me o Fado
Ouvir-te, quando as Musas
Te emborcavam no peito as ondas todas
Da facunda Castalia!

(*Obr.*, III, 126.)

Encanta vêr a sinceridade do velho e desvalido poeta, com que elle acclama um genio que deslumbra, e que as paixões devoraram na sua desvairada mocidade; como elle põe em contraste na sua Ode verdadeiramente horaciana, a situação de Filinto e de Elmano:

Lendo os teus versos, numeroso *Elmano*,
E o não vulgar conceito, e a feliz phrase,
Disse entre mim: — Depõe, Filinto, a Lyra
Já velha, já cansada;

Que este Mancêbo vem tomar-te os louros,
Ganhados com teu canto na aurea quadra,
Em que o bom *Coridon*, *Elpino* e *Alfeno*
Applaudia Ullyssêa...

(*Obr.*, I, 232.)

Bocage estava então n'aquella lucta de satiras virulentas contra os poetas da Nova Arcadia, á frente dos quaes surgiu mais tarde José Agostinho de Macedo, tambem dotado de forte impetuosidade de temperamento; sentindo-se amesquinhado por esses versistas mediocres, a Ode que lhe endereçou Filinto foi um triumpho, uma apotheose. Bocage enviou a Francisco Manoel uma Ode em agradecimento, de uma emphase que caracterisa a sua expressão satirica:

Zoilos! estremecei, rugí, mordei-vos;
Filinto, o grão Cantor, prezou meus versos,
Sobre a margem feliz do rio ovante

....

O immortal corypheo dos Cysnes lusos
Na voz da Lyra eterna alçou meu nome

....

Fadou-me o grão Filinto, um vate, um nume;
Zoilos! tremei. Posteridade! és minha.

ELMANO SADINO.

Mal suspeitava Filinto que bem cedo celebraria em um epicedio, elle já septuagenario, a morte prematura do genio apto a continuar a alta missão poetica. A admiração por Bocage concitou-lhe a malevolencia dos que se revoltavam contra o gosto *elmanista;* por 1798 publicava Filinto o primeiro volume das suas Obras, e sobre elle se exerceram as la-

tentes hostilidades. Appareceu uma satira anonyma com o titulo de *Apologia das Obras novamente publicadas por Francisco Manoel em Paris;* ahi o atacavam pelos seus archaismos de linguagem e translações de palavras, e principalmente pelo abandono da rima:

> Deixe de parte pompa apparatosa
> *De palavras que muitos não conhecem,*
> Que se louvor pretende
> Só o terá de quem o não entende.
>
> . . . .
>
> Se queres pois (comtigo agora fallo),
> Armazem novo de rebusco antigo,
> Seguir sabio conselho
> Para nada não faças apparelho.
>
> Falla como fallaram teus passados,
> *E se Poeta és, ajunta a rima;*
> Porém, eu que de ti penso o contrario
> Conselho-te a fazer um Diccionario...

Filinto sentiu-se d'essas ironias, e tendo combatido tantos annos pela restauração do purismo classico da lingua portugueza, agora viu surgir um outro problema: o emprego da *rima* na Poetica moderna. Sobre este problema concentrou a sua extensissima resposta em verso solto, com o titulo *Molhadura de certa obrinha,* referindo-se á *Apologia.* Em uma nota inicial dá-nos valiosas informações; «Muitos annos depois de correrem por esse mundo algumas trovas minhas, que primeiras imprimi, me veiu á mão uma Satira contra ellas; e o Amigo que m'a deu, nunca me quiz nomear a pessoa que a fez; sómente me disse (rindo) *que a fizera uma mulher,* e *que a emendara um frade;* que a mulher era velha

e tinha cara de bruxa, e que o frade era de corôa, porêm leigo. Não fiz então caso algum da Satira, nem da velha, nem do frade;... Um amigo porém, de quem eu respeito muito as advertencias, me intimou, que, não para responder á Satira, mas para desabusar os que todo o merecimento poetico julgam nullo se lhe falece a *rima* (principal pedrada que me atira a tal Satira) devia eu dizer o que na materia sentia. Peguei na penna e sahiu isso que ahi vae.» (*Obr.*, v, 38.) Crêmos que foi Antonio de Araujo que lhe revelou ser mulher a auctora da Satira; Filinto, que ridiculisa Dona Fufia de Rebique e Barambazes, como auctora da *Apologia*, que annotou com chascos sob o pseudonymo de Clemente de Oliveira e Bastos, escreve na rapida nota: «se soubera o nome de quem me satirisou, não o derreara co'o tal papel, e deixaria passar esse destempêro...» A Satira ou Apologia fôra escripta pela poetisa D. Catherina Michaela de Sousa Cesar e Lencastre *(Natercia Carinthea)* casada com o ministro dos Negocios estrangeiros e da guerra Luiz Pinto de Sousa Coutinho (Visconde de Balsemão).[1] E' natural que Antonio de Araujo, victima da soberba de Luiz Pinto, revelasse ao seu amigo Filinto parte da verdade. Quem era o frade de corôa, que emendara a Satira? Pelo despeito revelado pelo ex-frade graciano e clerigo secular José Agostinho de Macedo contra a eschola *Filintista*, em uma carta particular, é que se completa o esclarecimento.

---

[1] Innocencio, *Obras de Bocage*, t. I, p. 423.

N'essa carta, dirigida a Fr. Francisco Freire de Carvalho *(Filinto Junior)* em data de 20 de Septembro de 1806, escrevia-lhe: «Eu trago em vista uma pequena *Arcadia*, onde poucos opponham uma barreira ao veneno das *Bocagiadas* e das *Nissenadas*, que infestam o Tejo e o Mondego. Veja se attrae o não sabido Costa, moço de genio, e se acorda outros.» [1]

Este Costa, aqui alludido, era José Maria da Costa e Silva *(Elpino Lisbonense)*, satirisado por Macedo por exagerado philintista. Da réplica da *Molhadura de certa obrinha* resulta a exposição nitida das ideias de Filinto contra o emprego da rima na poesia moderna, e a cultura ou preferencia exclusiva de verso solto. Filinto sobre este ponto laborava em erro pela ignorancia da historia da Poesia moderna e da historia das Linguas romanicas, em que se creou uma nova metrica em harmonia com o genio analytico d'essas linguas. Importa comtudo transcrever os seus argumentos:

Maldito *consoante*, ensôsso filho
Do bastardo saber presumptuoso,
Ind'hoje por poetastros perfilhado,
Para aleijado espeque de más *trovas*,
Para entufar *Soneto* campanudo,
Ou de um Outeiro a *Decima* rançosa.
Como súa, e tres-sua o triste orate
Quando teimosa, oh *Rima*, lhe escoucinhas
No peccante toutiço amartellado!
Quantas penas forraras, quanto enôjo

---

[1] *Obras ineditas* de José Agostinho de Macedo — *Cartas e Opusculos*, p. 135. Ed. da Academia.

Com mandar á tabúa a *Rima* arisca,
Com gastar o esperdicio d'essas horas
Em bons *versos*, que *soltos* brilhariam!

. . . .

Digam que usou Camões, usou Bernardes
E Ferreira e Caminha, e tanta gente
Pôr, nas fraldas do verso esses cadilhos
Pendurados; — que em Odes muito guapas
De Diniz, de Garção campam colleiras
Quem vos tolhe (digo eu) dar-lhes como elles,
Medindo e modulando o rythmo vosso
Egual canto, ou diverso no conceito,
Tão mimoso aos ouvidos, que bem valha
Sem rima, o canto grego ou já latino?
Não deu a Italia canto harmonioso
Sem soccorro de ensôssos consoantes?
Não o deu a Castella? e nós, os Lusos,
Não cantámos tambem sem sua rima?»

N'este ponto vê-se que Filinto discreteava por impressões; a poesia classica é baseada na metrica da *quantidade*, a qual por isso que se liga a um vestigio das *raizes* é extranha ao ouvido moderno, que desconhece esse elemento formativo da linguagem; a poesia moderna é baseada sobre o *accento*, em consequencia do caracter analytico das linguas modernas em que a ordem grammatical coincide com a ordem logica e o *accento* prosodico com o accento metrico. A critica tem reconhecido a impossibilidade de derivar-se a versificação moderna da metrica latina; e é um artificio esteril o querer metrificar por pés spondeos e dactylos, o que só pode dar effeito de cadencia por syllabas contadas. A queda das flexões *casuaes* e o empobrecimento das flexões verbaes é que obrigaram a substituir pela rima o effeito procurado na expressão; vê-se isso de um modo espontaneo nos rifões

populares; a *aliteração*, a *assonancia* e a *rima* foram uma creação lenta e simultanea em todas as linguas romanicas, e não invenção exclusiva dos Trovadores, como repetia Filinto seguindo as ideias do seu tempo:

A rima é um cascavél, que os Trovadores
Punham na cauda a certa prosa insulsa.
Ignorantes do verso harmonioso
E pés cadentes dos poemas nossos...

(*Obr.*, v, 58.)

Mui garridas de chocalheiros guizos,—
Que eu direi que os não louvo, nem reprendo.
Se esses Poetas bons, que amo e estimo
Inda, máo grado seu, grudam a rima
A bons versos, quem sabe se assim usam
Por ameigar co'essa lisonja, ouvidos
Estragados; ou se é que poz a penna
Chocalhinhos no verso, affeita ha muito
De usança antiga, a cônsonos badalos;
Ou por irem co'as turbas; ou por pejo...

. . . .

A *rima*, que te enleva, e que assim gabas,
Quando achada, depois de mil torturas,
Fez perder ao Poeta o pensamento
De mais valor, que cem milhões de rimas.
Deslavou toda a côr, mareou o brilho
Do verso, que ia energico sem ella.

. . . .

Para a rasão quadrar c'o consoante
Era força estirar o pensamento,
E o que n'um verso cabe sem apêrto
Toma logar sobejo em dois, que a *Rima*
E' d'esse desperdicio a causadora.

. . . .

A *rima* tudo, e o pensamento nada?
O pezado grilhão do consoante
Arrastra as azas do Estro sempre altivo,
E quebra o soffrimento co'aturado
Cavar da rima; embota-lhe a agudeza
Com que penetra no amago do assumpto...

Depois de esgotar os chascos contra o *tim-tim* dos consoantes, esquecendo que a rima é um elemento suggestivo do pensamento, a que dá relêvo, emprega Filinto o argumento da falta de *rima* na poesia classica!

> Que se conforme fôra da Poesia
> A' natureza a rima, a natureza
> A dera a Gregos e a Latinos, quando
> Lhes deu benigno o metro harmonioso.
> — Mas (me direis) os Gregos e os Latinos
> Tinham os espondeos, tinham os dactylos,
> Com que a seus versos davam formosura?—

A *rima* é a caracteristica da poesia moderna, que por forma alguma pode ser desprezada; mesmo o *verso solto*, que Filinto tanto exalta e a que deu uma indubitavel perfeição, para evitar a impressão de uma prosa banal, tem de ser frequentemente quebrado nos seus hemistychios e variadas as vogaes nas syllabas tonicas de cada verso, recorrendo mesmo a effeitos de aliteração, e por ultimo ao accento oratorio. No emtanto Filinto, que rimara excellentemente na mocidade, insiste sob a influencia do pseudo-classicismo:

> Ponde ante os olhos sempre este axioma,
> Que estro é quem faz bons versos, não a rima
> Que esta os versos tão pouco afformosêa,
> Que antes lhe é ridiculo flagello;
> E que é um phrenesi disparatado
> Teimar contra a razão que a desapprova,
> Contra o bom gosto e santa Antiguidade,
> Que nunca conheceu taes consoantes,
> E que se os conhecera os apupara.
>
> (*Obr.*, v, 49.

Quebrada a relação de continuidade da Edade media para os tempos modernos, Filinto trazia para a Litteratura moderna o mesmo rancor contra as origens medievaes, como os politicos revolucionarios contra as instituições sociaes; assim une as duas reacções:

Pois vae Philosophia cerceando
A escravidão feudal, os desafios,
Desmedrêmos tambem os altos cantos
Do cativeiro do insensato emprego
De andar ao faro da fugiente *rima*,
Qual podengo a perdiz afforoando.
Cortemos-lhe esses feios barambazes
Dos consoantes, que nas mesmas éras
A litteraria Europa accometteram...

(*Ib.*, p. 60.)

Era o contrario d'isto o que se ia passar na Europa, n'essa transformação do Romantismo, que buscava renovar as Litteraturas nacionaes na fonte viva da tradição medieval. Filinto, como verêmos, cooperou inconscientemente n'este impulso de renovação.

Apezar do seu desprezo pela rima, Filinto, á medida que apurava o gosto litterario sentia uma admiração mais profunda por Camões, que nunca empregara o *verso solto*. Na Ode ao Estro e em outra a um traductor de Camões, resume com enthusiasmo os grandes quadros dos *Lusiadas*. (I, p. 126; 269) Além da intuição do sentimento nacional, que inspira a obra de Camões, as desgraças pessoaes do poeta tornavam-no tambem um consolador de Filinto, que se fez o sectario e propagandista exaltado da sua gloria. Pode-se affirmar, que essa revivescencia de admira-

ção pela obra de Camões, que no seculo XIX começou com a edição monumental dos *Lusiadas* do Morgado de Matheus, foi devida á eloquencia das consagrações de Filinto; elle restabeleceu em Portugal e no estrangeiro o culto camoniano.

Ha um episodio na vida de Filinto em que a penuria angustiosa em que se achava o forçou a tentar a exploração do nome de Camões; é o caso da posse da copia de uns *Lusiadas* emendados pela mão do proprio poeta. Eis a carta em que Filinto propõe a venda d'esse texto unico ao bibliomano Visconde de Villa Verde:

«Ill.mo e Ex.mo Sr. D. Diogo de Noronha.

«E' muito do meu agradecido dever o procurar noticias da sua boa disposição e desejar-lhe continua prosperidade.

«O Senhor Ligeret, Deputado que foi da Convenção, e com quem tive bastante conhecimento, sabendo que eu era Portuguez, e que amava as boas lettras, me convidou um dia para vêr a livraria da Duqueza de B... cujo advogado seu pae fôra, e me inculcou que havia n'ella varios manuscriptos hespanhóes e portuguezes. Considere V. Ex.a qual foi minha alegria quando puz os olhos em Camões, e logo n'uma nota, que o dava por trasladado dos LUSIADAS *emendados pelo Auctor!* Corro á primeira Outava e leio assim:

As armas e o Barão assinalado
Que da Occidental praya Lusitana
O pégo nunca de outrem navegado
Cortou affouto a ver a plaga Indiana;

E o berço Oriental tendo avistado
Ao reino trouxe a nova soberana,
Cantando espalharei por toda a parte
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

«O meu primeiro impulso foi pedir licença de o ler alli na Livraria, quando levasse commigo outro Camões impresso, para melhor cotejar as variantes. Mas o Senhor Ligeret acudiu logo, dizendo-me, que com tanto que o restituisse em pouco tempo á Livraria, me era dado conferil-o em minha casa muito a meu prazer, sem que necessario fosse pedir á Duqueza essa faculdade.

«Conferi-o todo; e vendo que iam além de 2.000 variantes, o copiei de minha mão com a mais fiel pontualidade.

«Morreu no emtanto o Senhor Ligeret; e a Livraria da Duqueza, no desarranjo das familias nobres da França, foi de tal modo desbaratada, que é de presumir que taes manuscriptos inintelligiveis para Vandalos (que estragavam quanto cahia em seu poder), ou fossem rasgados para embrulhos, ou tam desencaminhados e perdidos, que valha hoje a minha copia o referido manuscripto.

«Esta copia, Ex.^{mo} Sr., quiz eu imprimir em Paris para satisfazer o desejo de alguns amigos que sabiam que eu a possuia, e a quem era mais facil contentar com exemplares impressos, que com multiplicadas copias de amanuenses muito dispendiosas e provavelmente não isentas de erros. Mas, a mesquinhez das minhas posses me atalhou pôr por obra os meus desejos.

«Soube um homem de bastantes cabedaes,

que eu por falta d'estes o não imprimia, e mandou-me commetter por uma terceira pessoa, que no caso que eu me resolvesse nenhuma duvida teria de m'o comprar. Mas eu que amo a Patria, apesar do descuido que ella de mim tem, não quizera que o manuscripto correcto do Poeta (que tanta honra nos dá entre os homens litteratos) parasse em mãos estrangeiras.

«V. Ex.ª que herdou de seu dignissimo Pae o gosto das boas lettras e o desejo de augmentar a sua Livraria com edições e manuscriptos raros, me levaria muito a mal, que eu (obrigado da necessidade) entregasse a outras mãos, que não as de V.ª Ex.ª tão precioso deposito. A V.ª Ex.ª pois o offereço, antes que dê resposta a quem m'o quer comprar, e V. Ex.ª me dará a saber a sua vontade e o preço que lhe parecer mais proporcionado, não digo á raridade e intrinseca valia do manuscripto, mas sómente á desgraçada circumstancia que me obriga a desfazer-me d'elle.

«Como me vali do sr. Cavalheiro Azara para remetter a V. Ex.ª esta noticia, pela mesma via me póde V. Ex.ª dar a mais breve resposta. Ill.mo Ex.mo Sr. D. Diogo de Noronha.— De V. Ex.ª muito obrigado Capellão e Creado=*Francisco Manoel.*» [1]

Fora ao Conde de Villa Verde, que Filinto offerecera á venda o manuscripto dos Lusiadas; D. Diogo José de Noronha, 8.º Conde de

---

[1] Apud *Obras de Camões*, edição Juromenha, t. I, p. 387.

Villa Verde, além de ter no seu appellido o nome de *Camões* de Albuquerque, era Inspector da Bibliotheca publica de Lisboa, do Jardim Botanico e do Museu real, e socio honorario da Academia real das Sciencias; presidente honorario da Sociedade real Maritima militar e geographica. Todos estes requesitos o tornavam um digno freguez para o singular manuscripto. Seria em 1798, no periodo mais angustioso da sua miseria, que Filinto intentara essa ingenua fraude; por que em 1798 é que o Conde de Villa Verde foi nomeado embaixador junto da Republica franceza para ajustar pazes com Portugal. [1]

Corria tradição de que Filinto encontrara na Haya na livraria de Antonio de Araujo um manuscripto dos *Lusiadas;* mas facilmente se apurou que era um exemplar da 1.ª edição de 1572. Foi talvez sobre copia d'esse texto que Filinto fez emendas de versificação por todo o poema, como faria um Castilho ou João Felix Pereira. A ideia de explorar esse traslado como de obra *inedita* e *authentica* de Camões só poderia ser provocada pela miseria extrema em que luctava, sabendo da paixão bibliographica de D. Diogo de Noronha. O fidalgo não cahiu no logro, porque os estudos camonianos não desconheciam factos analogos de obras de Camões apocryphas, e o achado na bibliotheca da Duqueza dispersada na época do Terror era demasiado romanesco.

Filinto não descorsôou do seu plano fa-

---

[1] Gramosa, *Successos de Portugal*, vol. II, p. 37.

zendo crêr que guardava um thesouro; mas em 1819 o Morgado de Matheus na edição dos *Lusiadas* de Paris denunciou essa fraude, provocado pela pertinacia do poeta, que já se não lembrava ter affirmado que vira o manuscripto na Haya. [1] Em uma Ode a Routiez, a quem ensinara a lingua portugueza [2] e que o «criminava de priguiçoso em escrever» responde:

---

[1] Na edição dos *Lusiadas*, p. 420, escreveu o Morgado de Matheus: «O annuncio de um Manuscripto do poema de Camões, com muitas variantes, que pretende o seu auctor ter descoberto em Paris, e dar ao publico, obriga-me a prevenil-o contra a fraude litteraria de um *segundo Montenegro*, esperando que este aviso (fundado no meu conhecimento ha muitos annos d'aquelle fingido ms.) seja sufficiente para evitar o escandalo que occasionaria a sua publicação, com tanto desdouro do grande Poeta, como da nação portugueza. O manuscripto de que este se diz copia jámais existiu; as supostas variantes são indignas de Camões; o que de tudo tenho exuberantes provas. Leio, e apenas acho estancia que as sacrilegas mãos não profanassem. A nação deve pôr debaixo da sua salvaguarda este monumento nacional, para defendel-o de semelhantes attentados.»

[2] Por uma Ode de Filinto a Routiez, sabe-se que este andava occupado em uma traducção dos *Lusiadas*. (*Obr.*, I, 269.) Entre os papeis de Filinto está uma carta de Routiez datada de Amsterdam, 30 de Maio (1800?): «... Je ne sais plus que penser de votre silence. Ne seriez vous plus à Paris? Auriez-vous cedé au désir de visiter les rives du Tage? Je me perds en conjectures. Écrivez-moi donc: avez-vous oublié que notre amitié n'est plus un enfant? C'est déjà une fille de vingt-deux ans et plus...» (Coll. do Conselh. Tavares de Macedo; communicação de J. de Araujo.) Filinto estava então occupado com a primeira edição dos seus versos.

Trazei por meus authenticos abonos
Quatro cantos de Silio traduzidos,
E a Copia de Camões limpa de nodoas
Dos ignorantes prélos.

E em nota explica: «Manuscripto rarissimo de Camões *copiado na Haya por inteiro.*» (*Obr.*, III, 286.)

Quando Filinto Elysio revia em 1817 o poema de *Oberon* para a edição das suas Obras completas, torna a alludir ao *Manuscripto dos Lusiadas* que possuia, *emendado pela mão do proprio Camões;* abonando o emprego da palavra *alparca*, diz: «N'um Poema como este, que não desponta do sublime, não é termo baixo e vil a voz *Alparca*. Não o teve por tal Camões nos heroicos *Lusiadas*, quando cantou, no Canto segundo, estancia 95:

Cobre ouro, cobrem grãos de aljofar tudo;
E cobre ouro as alparcas de velludo.

«Cito um *manuscripto rarissimo*, que se diz *emendado por Camões* mesmo; e cuja Copia tambem rarissima, eu possuo, porque ainda não acertou com um curioso comprador.» [1] Filinto deixa transparecer aqui o pe-

---

[1] *Obr.*, t. II, p. 11. Os versos authenticos de Camões são estes:

Nas alparcas dos pés, em fim de tudo
Cobrem ouro e aljofar ao veludo.

Timotheo Lecussan Verdier, que tentara uma traducção em grego dos *Lusiadas*, falla de um exemplar

zar de não ter tirado bom effeito d'este expediente economico, ou logro que armara ao curioso Conde de Villa Verde. O manuscripto ficou no seu espolio. E' encadernado em pergaminho. [1] O Dr. Solano Constancio procurou defender Filinto nos *Annaes das Sciencias, das Artes e das Letras*, mas, á parte o logro, o facto litterario não é mais censuravel do que o de João Felix Pereira pondo as outavas dos *Lusiadas* em verso solto. Uma falta de criterio.

Se é censuravel este expediente empregado por Filinto na estrangulação da miseria em que se achava, a despeito da amisade com os homens mais importantes da sociedade portugueza que o deixavam ao abandono, mais censuravel é que a benevolencia do Principe Regente que chegou a manifestar-se a favor do poeta exilado, fosse por influencias pala-

---

da edição de 1572, que pertencia á Casa de Vimioso, e que era annotado pelo proprio Camões; tambem possuia um outro exemplar copiado por sua mão a tinta vermelha e com correcções. (Juromenha, *Obr. de Camões*, I, 213.) Ligam-se com certeza, com a falsificação de Filinto. A pista d'este pretendido texto revisto por Camões depara-se em uma nota de Thomaz Northon (fl. 54 v. do Catalogo das suas Edições camonianas): «Em Julho de 1845, participaram-me de Lisboa, que tinha apparecido o autographo dos *Lusiadas*, e offereciam por elle 2:000$. Ignoro até que ponto seja exacto.»

[1] O seu possuidor, o sr. conselheiro Alfredo Tavares de Macedo, tenciona publical-o, porque o codice começa a damnificar-se, como nos communica o sr. J. de Araujo.

cianas tornada inefficaz. Antonio de Araujo chegou a obter para Filinto um real Aviso pelo qual podia voltar á patria, sendo-lhe restituidos os bens que ainda estivessem em sequestro. Mas no paço foram sempre contraminados estes intentos, acoimando-o de *revolucionario;* sabido o antagonismo feroz de Luiz Pinto contra Antonio de Araujo, e a malevolencia de D. Catherina Michaela de Sousa contra o poeta, deprehende-se d'onde lhe soprava a hostilidade. Eis o Aviso regio:

«Sendo-me presente que a ausencia do padre Francisco Manoel do Nascimento não fora puramente voluntaria, e querendo-lhe fazer graça e mercê, hei por bem que possa recolher-se a este reino, logo que lh'o permittir o estado da sua saude, e desde já o declaro por reintegrado em todos os seus direitos, como se tivesse sahido com a minha licença, e ordeno *que se lhe entreguem os rendimentos que se lhe apprehenderam* e se acham em deposito, *e os bens* que ainda estiverem em sequestro.

«O Conselho da Fazenda o tenha assim entendido e mande passar os despachos necessarios.

«Paço de Queluz, em 21 de Maio de 1796.»

A este decreto allude Innocencio Francisco da Silva: «Postoque o seu amigo Araujo lhe obtivesse em tempo a reintegração dos fóros de cidadão portuguez, que perdera pela fuga, não quiz utilisar-se do decreto, que lhe permittia voltar para a patria, pondo como condição para o fazer a restituição dos bens, que lhe tinham sido confiscados em seguida á sua evasão do reino.» Vê-se que Innocencio

tinha noticia do decreto, mas não o conhecia, por que n'elle se ordena que os bens ainda em sequestro lhe sejam entregues.

Este importante documento foi publicado por Martins de Carvalho, [1] oppondo á explicação de Innocencio a observação: «Por tanto alguma outra causa houve para *Filinto Elysio*, apesar das disposições d'este decreto, não querer voltar para Portugal.

«Em seguida ao mesmo decreto, acha-se uma nota, escripta pelo copista, que bem mostra a má vontade que elle tinha ao insigne poeta.

«Essa nota é a seguinte:

=*Este clerigo fugiu quando já havia ordem do Santo Officio para o prender por libertino.*

Era cura, ou cousa que o valha, das Chagas de Lisboa.

Depois se disse que estava na Assembléa de França da revolução.

Se agora vem é para ensinar o que de mais aprendeu lá.=

Filinto já podia voltar á patria, e os poetas escreviam-lhe pedindo-lhe que deixasse o exilio, estimulando-o com as mais doces recor-

---

[1] No *Conimbricense*, n.º 5.153 (anno 50.º) com o esclarecimento: «Entre outros volumes manuscriptos que possuimos, uns com documentos originaes e outros contendo copias, se acha um com o seguinte titulo: —*Memorias ecclesiasticas, que principiam no anno de 1787, do que occorreu no expediente da Relação patriarchal de Lisboa.* N'esse volume se lê o seguinte decreto.» (Fica acima transcripto.)

dações; em uma Ode escrevia-lhe Francisco Borges da Silva:

Quando entrares de novo o patrio Tejo
Vires saltar do Moura a branca espuma,
Aonde o teu Alfeno via em Nise
O transumpto de Cypria;

Do patrio rio os mudos habitantes,
Os que librados sobre as azas vivem,
De novo reverás parar suspensos
Por te escutar a lyra.

....

Os mimosos das Musas nos seus braços
Receberão seu mestre; a patria ingrata
Escreverá tal dia entre os ditosos
Dos fastos luzitanos.

Referindo-se á protecção de Antonio de Araujo, para lhe serem restituidos os seus bens, escrevia Filinto em Ode datada de 4 de Julho de 1804:

Elle que póde, e que obra o que promette,
Mandará em dobrões auri-luzentes
As Quintas e Casinhas, que lá fructos
E renda a extranhos largam.

Em nota desfaz essa esperança: «Mais de dous annos ha, que espero pelo promettido.» (IV, 101.) Em uma Ode dirigida ao Conde do Funchal em 1808, allude aos Decretos da sua repatriação.

Revolvidos emfim seis lentos lustros
De penoso desterro, *vi lavrado*
Nas bronzeas folhas do Destino, o frio
Desejado *Decreto*.

Mas em nota accrescenta: «Lá o vi, como os Poetas vêem. Mas tambem, annos depois, me desceu inspirada noticia, que com as aturadas chuvas tomou a tal bronzea folha tão ferrenho mugre, que *sumiu o Decreto.*» (*Obr.*, XI, 57.)

Em uma Ode ao dia 4 de Julho de 1817, allude aos abafados decretos que o amnistiaram:

Vêr na Patria, que máos hoje assoberbam
Com ignorante orgulho,
Succeder a Justiça á Tyrannia;
Vêr delidas as nodoas
Que á Innocencia monstros lhe imprimiram
Com fanatico aleive;
Innocencia tão pura, que attestaram
Já dois reaes Decretos,
Mas réos Ministros, froixos nas bondades
Quão prestos nos rigores;
Mas com descuido ingrato, protectores,
Desleixão de cumpril-os;
Desleixam ter a gloria sobrehumana
De reparar o injusto.

(*Obr.*, III, 557.)

Em nota: «Por duas vezes se dignou Sua Maj.de reconhecer a minha innocencia, mandando-me restituir os bens injustamente confiscados; porém, apezar das solicitações e diligencias de amigos poderosos, nunca foi possivel desencantar os Decretos dos cartorios da Secretaria de Estado dos Negocios do Reino. Ignoro por tanto, se se lhe poz pedra em cima, ou se á incuria e pouco caso que faziam da sorte de Filinto deve só attribuir o sumiço que levaram. Algum dia talvez os descubra algum antiquario, quando já o pobre Filinto tiver cessado de soffrer. Bom proveito

façam a quem os achar.» Na Dedicatoria dos *Martyres* ao Conde da Barca, escrevia-lhe em 1818: «Lembrado de que a intervenção de V.ª Ex.ª me alcançou da munificencia real, ha vinte annos, *a minha reintegração nos fóros de cidadão portuguez* perdidos por infelicidade não merecida...» Mas tudo isso ficou em phrases de chancellaria.

Entre as amarguras das decepções e miseria, achou-se Filinto levado inconscientemente para a corrente do Romantismo, que desconhecia, mas que era a revivescencia da tradição poetica da Edade média, que elle detestava. Fez a traducção em verso solto do poema *Oberon*, de Wieland. Como teve origem esta empreza? Escreve elle no seu prefacio: «N'um inverno, em que me viu solitario e triste (como acontece a quem não dá boa meza em Paris) Mr. La Tour, compadecido de mim me trouxe este Poema, ao qual me lancei (perdoe-me a expressão que não é nobre, mas que é energica e pittoresca) me lancei, digo, como gato a bofes, alinhavada tal e qual, deu comsigo na imprensa, sem mais emenda que o borrão nu e cru.» *(Obr.*, II, 5.) Passara-se isto em 1802, e era esse Mr. La Tour o fiador dos 3.000 francos roubados a Filinto; a versão do poema era o inicio de um novo gosto litterario. O *Oberon* está ligado ao renascimento do genio poetico medieval, tanto na Allemanha como em França e Inglaterra; em relação a Portugal tornou Filinto um proto-romantico da nossa Litteratura, máo grado seu. Pode-se estabelecer a genealogia do ideal romantico derivado do *Oberon:* nasceu este Poema da Canção de Gesta

Huon de Bordeaux, e d'este ponto de partida é que lord Berners fez a versão ingleza, e Shakespeare o seu *Sonho de uma noite de primavera;* no seculo XVIII o Conde de Tressan resumiu a gesta em uma novella em prosa, e Wieland compoz em allemão o seu poema, talvez suscitado pelo resumo de Tressan, como julga Léon Gautier. O poema de Wieland voltou á França traduzido em prosa franceza por Borch, e d'esta metrificou Filinto a versão portugueza em endecasyllabos. Até á revolução musical, em que Weber attingiu a expressão do genio germanico na Opera, se estendeu o influxo do thema do *Oberon*, cujo libreto (1824) foi extrahido da traducção ingleza do poema por Sotheby. Quando Filinto reproduziu novamente o *Oberon* em 1817 (*Obr.*, II) retocou fundamentalmente a sua versão, que fixa epoca na historia da litteratura portugueza. [1]

No fim do seculo XVIII o Conde de Tressan emprehendeu uma *Bibliotheca de Romances* formada das Canções do Gesta francezas já dissolvidas em prosa no seculo XV e desnaturadas pela falsa comprehensão da Edade media; Tressan extractou do *Huon de Bordeaux* apenas a primeira parte; sobre este texto incompleto e degradado se julgava ter o poeta allemão Wieland composto o seu poema cava-

[1] Filinto falla das suas relações com Guilherme Schlegel «com quem fallei aqui em Paris;» e allude ao celebre critico do Romantismo saber os *Lusiadas* de cór.

lheiresco *Oberon*.[1] Saint-Marc Girardin considerava o poema allemão inferior ao romance francez; Gaston Paris não se conforma com este juizo pessimista: «Inquestionavelmente, é uma agradabilissima leitura, e as addições que o poeta allemão fez ao seu assumpto não são sempre más; assim o episodio da permanencia dos dois amantes na ilha a que os arrojou o naufragio parece-me interessante e gracioso... Wieland ahi levou á perfeição o seu estylo facil e puro que o distingue; em summa, tirou um partido feliz do seu assumpto, e apenas pode ser increpado da escolha, por que as qualidades que lhe faltam, como lamenta Saint-Marc Girardin, a ingenuidade, a candura, a *inconsciencia* (admitta-se esta palavra) do auctor e dos personagens, estas qualidades não se podem encontrar na obra

---

[1] Wieland protesta contra a increpação de ter-se aproveitado da reducção do *Huon de Bordeaux* em prosa pelo Conde de Tressan: «Mais adiante encontro na mesma folha *(Bibliotheca dos Romances de 1781)* um esqueleto do meu pobre *Oberon*, a proposito do qual se diz que eu tomei este assumpto dos velhos romances gaulezes do mesmo Conde de Tressan. Assim a obra não é mais do que uma simples imitação de um original francez. D'este modo, o *Orlando* de Ariosto não passaria de uma imitação da historia do arcebispo Turpin, e *Roland* não seria mais do que uma copia dos livros de cavallaria dos tempos de Carlos Magno. Confesso que uma tal censura me é indifferente. Não faço d'isso segredo, e todos os poetas, pelo que sei, desde Homero, nunca procuraram tirar dos seus proprios cerebros o thema de seus versos; se o critico tivesse um pouco mais de leitura, teria visto que o velho troveiro francez ao qual tomei o *Huon de Bordeaux*, já o tinha tomado de antigas lendas orientaes, e aos con-

de um poeta do seculo XVIII; ellas pertencem exclusivamente á primeira edade das litteraturas.» Não admira que a propria França do seculo XVIII apreciasse o poema allemão inspirado pelos seus velhos troveiros; o *Oberon* appareceu traduzido para francez pelo Conde de Borch, em 1798; foi esta traducção que chegou ao conhecimento de Filinto Elysio, o qual em momentos de distracção o transformou em versos endecasyllabos soltos, sem a consciencia do ecco apagado da viva poesia da Edade média, e que continha a faisca incendiaria do Romantismo.

Em uma Ode, datada de 4 de Julho de 1803, celebrando a fuga á Inquisição havia vinte e cinco annos, mostra-se o poeta conformado com a sorte:

---

tos arabes, dos quaes quasi todos os romancistas hespanhoes, francezes e italianos da Edade media hauriram os assumptos das suas composições. Pela minha parte consinto voluntariamente em deixar revindicar a honra da invenção, e a contentar-me com o que verdadeiramente me pertence.» * O que pareceria de similar entre o resumo de Tressan e o poema de Wieland seria uma falta de comprehensão da Edade media em que estavam os espiritos no seculo XVIII; mas Wieland tinha na sua idealisação bellezas proprias indiscutiveis. O *Oberon* appareceu em 1780, no *Mercurio;* o resumo de Tressan é de 1778. Wieland podia conhecer muitas das edições em prosa do principio do seculo XVIII, taes como a de 1707, 1726 e de 1728, que reproduziam a edição gotica de 1615 *Les prouesses et faits merveilleux du noble Huon de Bordeaux.*

---

* *Mélanges litteraires, politiques, etc.* trad. Loeve-Veimars, et Saint Maurice, p. 259.

Para que heide fallar sempre ferrenho
N'esse *quatro de Julho* malfadado!
Já são vinte e cinco annos revolvidos
    Depois d'esse infortunio.

Não ha hi que temer *Clerigos tristes*,
Nem os algozes seus, suas masmorras;
Nem terão de me aspar com *sambenito*,
    Nem *mitras com caróche*.

Bispo de Auto-da-Fé. Perdi a Patria?
Azylo aqui achei. Perdi amigos?
Não perdi os amigos verdadeiros;
    Dos outros nem me lembro.

Perdi os bens? — Perdi muito em perdel-os!
Senti o que é miseria. Mas em trôco
Apprendi a ser parco, a ser com honra
    Independente e pobre.

(*Obr.*, I, 434.)

Antonio de Araujo não podendo conseguir que se lhe restituissem os bens confiscados, obteve que fosse Filinto encarregado pelo governo de fazer a traducção da obra do bispo Osorio, *Da vida e feitos de el-rei D. Manoel*. Filinto auxiliou-se da traducção franceza de Simon Goulart, impressa em Genebra em 1610, e a obra estampou-se na Impressão regia de 1804 a 1806. Filinto na dedicatoria dos *Martyres* ao Conde da Barca, excusando-se de os imprimir em Paris, allude: «Para precaver não só erratas, mas tambem *alterações* que desfiguraram a minha traducção da *Historia d'El rei D. Manoel* pelo Bispo Dom Hieronimo Osorio, fui obrigado a imprimir este Poema em Paris.» O favor que presagiava esta commissão litteraria desappareceu diante dos grandes desastres publicos da fu-

ga do Principe Regente com a côrte para o Brasil ante a invasão napoleonica, e da occupação ingleza. N'esta Ode allude á dextra bemfeitora de um amigo, e em outra, em que celebra os seis lustres em que se vê arrojado em misero desterro, (1808) diz mais francamente quem fôra esse bemfeitor:

Houve um brioso coração, que terno
A vida me escorou por alguns annos,
Mas com que magoa, oh céos, hoje lastimo
　　Ausente alma tão nobre!

(*Obr.*, III, 99.)

Em nota escreve: «Araujo, hoje Conde da Barca.» O illustre diplomata achava-se então na côrte do Rio de Janeiro. Em uma outra Ode celebrando os *quatorze lustros*, descreve as suas longas miserias e solta a prophecia do acabamento da Inquisição:

Quantos bebi venenos de amargura
Das mãos de meu desterro calumnioso!
Vingados devem star os ruins Bonzos,
　　E a stupida sequela.
Vingados não se crêem; — que me não viram
Passear o Rocio com carôcha,
Tisnar nas chammas, e chiar-me as carnes
　　Co' fundido da enxundia.
Vingados se não crêem; — antes enraivam,
Que amparado de mui fieis amigos
Hoje, em vez do Rocio, dou passeios
　　Na França, que os assusta.
Em Paris, — onde os raios se trabalham
(Nas forjas da prudente Liberdade)
Que hão de abrazar masmorras e carrascos
　　Do infame Santo-Officio.
Tempo virá (e Deus me outorgue vêl-o)
Em que os *Clerigos tristes* despedidos
Da infernal Curia, corram apupados
　　Dos réos, que encarceravam;

Arrasada essa Curia, esses segredos,
Lacerada a perfidia dos Cartorios,
Queimados os cordeis, os cavalletes
E os utensis dos tratos,

. . . .

Veja o Povo a vorage' onde ha tres seculos
Se tem sumido o Engenho; de quem tremem
Alleivosos Tartufos — não lhes rasgue
As embusteiras mascaras.

. . . .

Lá lhes irá fazer largas visitas
Esta Luz, que d'aqui veloz caminha
Co's seus raios rompendo destemidos
As barreiras do engano.

(*Ib.*, III, p. 276.)

Foi esta previsão realisada pela Revolução de 1820, vibração resultante das *ideias francezas;* Filinto por poucos mezes não chegou a vêr este triumpho da rasão e da justiça. Elle reconhece que da França é que hade partir esse influxo de libertação:

Vem, vem, solar Verdade; ás roseas portas
Te esperam philosophicos disvellos;
Já para o throno te prepara a entrada
Apurada *Leitura*.
Os Reis (a pezar seu) lições mais rectas
Têm de beber da fonte que hoje mana
De erguida rocha, onde se assenta em França
Briosa a Liberdade.

(*Ib.*, 298.)

Os versos de Filinto eram tambem um veio por onde se infiltravam as ideias francezas em Portugal; comprehendeu isso o terrivel Intendente Manique, que em 1803 prohibiu por um edital a leitura da Epistola, que

começa: «—Emquanto punes pelos sacros fóros —Da lesa humanidade...» N'essa Epistola combatendo o canibalismo sacerdotal glorifica a Revolução da America e a da França:

America feliz! Nação briosa,
Que rompeste os grilhões do cativeiro!
Tu os fachos viste, viste as labaredas
Que os livres pensamentos, que os da pluma
Rasgos mais nobres, linhas mais valentes
Com soffrega violencia consumiam.

....

Oh França illustre, das nações rainha,
Tu sacudiste o vergonhoso encargo
Que á imprensa abafava o claro grito,

....

Povo feliz, que resgataste os fóros
Da Liberdade, a tantos desvestida
Só vós sois homens. Sim, que os mais quaes brutos,
Enfreados por mão do despotismo,
De ouca Superstição, de enrêdo cego
De tantas leis dolosas e oppressivas,
Sentem nas curvas, fustigados costas
Do açoute despiedado os vergões roxos
Por mãos impiedosas sacudido...

....

Quem forjará na nossa Elysia, (oh Patria,

....

Claro nome) quem forjará os raios
De livre ideia.....................
Raios que assustam palidos Tyrannos?
De vós nos venha, oh Povo generoso,
Que em vós achou azylo, em vós impéra
A Verdade, a Rasão, a Estima, Brio,
Avexados no mundo e foragidos.

(*Obr.*, v, 424.)

Filinto descreve minuciosamente as relações com Alexandre Sané, que fez a traduc-

ção das suas principaes Odes para francez: «Em 1805, um visinho meu, francez, que fizera louvaveis estudos, quiz lêr no original alguns versos meus. Como sabia bastante grego, e mais ainda latim, com seus laivos de castelhano e italiano, facil lhe foi entrar pelo portuguez. Tomado de affeição por essa lingua, lançou-se a traduzir algumas Odes. Até aqui não ha que dizer; mas quando o levou essa necessidade a imprimir a traducção, e por estandarte d'esse regimento de Odes, lhe poz certa noticia ácerca da Vida e Obras de Filinto... Quanto á verdade historica da sua vida, entre algumas circumstancias sinceramente escriptas, vão entresachadas desmesuradas mentiras bebidas em destampados boatos que amigos e inimigos d'elle derramaram.» [1] Em uma Ode datada de 4 de Julho de 1805, recordando os amigos que o salvaram da Inquisição, acrescenta:

Venham tambem os novos (que graciosa
    Me deu a França) amigos.
Entre honrados louvores, entre brindes
Um Sané, um Fouinet virão seus nomes,
. . . .

Que é meu prazer colhêr nos meus alumnos
O premio de benevolas fadigas,
Quando o gosto lhes vejo, o empenho assiduo
    Com que as entranhas sondam

Da lusitana Lingua, dos bons versos
Que a Diniz, que a Garção tanto affamaram,
Fundados em Camões, na lição pura
    De Gregos e Latinos.

(*Ib.*, IV, 138.)

---

[1] *Obras*, t. XI, p. 74.

Por este tempo Filinto era tambem recebido com intimidade na familia do lusitanophilo Ferdinand Denis, cujas impressões pessoaes consignou. [1] Na traducção das *Fabulas* de Lafontaine lamentando não ter á mão a *Eneida* de João Franco Barreto para abonar o uso da palavra *brete*, escreve: «e se eu o não tivera vendido, para comer, como vendi outros livros portuguezes, que um francez, (amigo velho de ha 36 annos) me mandou de Lisboa, citaria o exemplo,—já é queixa velha em mim, vêr-me obrigado a escrever em portuguez desde o anno de 1778, em que sahi da patria até o de 1505, em que estamos, sem ter um Classico, por onde recorde esse pouco que lá d'elles apprendi.» *(Obr.*, VI, 147.)

Em 1804 publicara Bocage o tomo terceiro das suas *Rimas* e enviara-o a Filinto, que

---

[1] No seu livro *Portugal,* Ferdinand Denis descrevendo o terremoto de 1755, allude ao testemunho de Filinto, com quem convivia, e dá-nos estes traços vivos:

«O auctor d'esta noticia ouviu na sua infancia o maior poeta portuguez que produziu o nosso tempo, contar este acontecimento; e com certeza, todas as expressões portuguezas que póde prestar a poesia, todas as palavras energicas que inspirava uma viva lembrança, Francisco Manoel as fazia vibrar na alma dos seus ouvintes. Homem privilegiado, elle tinha em si todas as potencias do enthusiasmo; mas possuia tambem o accento da verdade, e era este o segredo das emoções que elle fazia sentir. E' que effectivamente é preciso ter sido testemunha de um tal espectaculo para fazer comprehender o seu horror; nenhuma narrativa, ainda que empregue os recursos da arte, não vale a exposição sincera de uma testemunha.» *(Op. cit.*, p. 362.)

tanto o fortificara contra o bando dos mediocres versistas; d'esse livro tirou Filinto a epigraphe para o *Epicedio á morte do eximio poeta Manoel Maria Barboza du Bocage*, falecido em 21 de Dezembro de 1805. A composição elegiaca pecca por excesso de arrebiques mythologicos; mas a sua admiração por Bocage é sincera:

> Olha um Bocage, gloria do aureo Tejo,
> N'esta éra alto prodigio,
> Brazão d'este orbe. Ascosos vermes pasce
> (Ultraje inevitavel!) no jazigo.
> Nada lhe aproveitaram
> Raios de Phebo, mimos das Piérides;
> Bem que, por lhe assistir, deixado houvessem
> O vocal gémeo cume.
> . . . .
> Teus sacros versos, que silencio e pejo
> Plantam nas linguas, plantam nos semblantes
> Dos Mestres do aureo plectro;
> Que as dextras lhe entorpecem; que, de inveja
> Lhes deslisam das mãos papel e pluma,
> Perderam a toada
> Que lhes vinha do peito altivo e forte,
> Onde as Musas os sons lhes affinaram
> Co' delphico alaúde.
>
> (*Obr.*, III, 149.)

N'esta glorificação dos mortos, restava-lhe a elle que sobrevivia a consolação de contribuir para tornar sympathica a sua memoria; em 1806 publicava em folheto a traducção do magnifico *Elogio do Dr. Ribeiro Sanches* pelo insigne Vicq d'Azir; fôra esse foragido sabio portuguez, que cooperara nas reformas pedagogicas pombalinas, com quem convivera nos annos mais desolados do desterro e com

elle celebrava o anniversario da sua fuga á Inquisição.

Ia o poeta distrahindo o isolamento da velhice com a versão das *Fabulas* de Lafontaine, e espalhando notas autobiographicas por desabafo. Não se recordando de um costume de Portugal, volta á sua ideia fixa: «Não é muito ter perdido depois de trinta annos essa lembrança. O, de que eu me lembro ainda muito bem, é de duas moradinhas de casas, e de duas quintinhas, etc. etc. que lá possuia, e que contra toda a rasão e humanidade me não restituem, e que com 73 annos de edade me vejo ainda obrigado a viver do meu trabalho e dos dons de alguns amigos; quando tinha com que viver n'uma abastada mediania, sem necessidade de ninguem, e podia ainda socorrer algum necessitado.» (*Obr.*, VI, 196.) Assim se lamentava em 1808; a situação de Portugal abandonado pelo monarcha bragantino á invasão napoleonica, não dava azo para que a sua voz fosse ouvida. Nos grandes desastres irrompem os impetos egoistas.

A paixão pela lingua portugueza, o culto pelos modismos e locuções populares do meio em que nascera, e da edade feliz da sua existencia que passara, eram a preoccupação exclusiva do seu espirito: «Já me veiu ao pensamento fazer um Manual de Phrases e elegancias da nossa lingua, como Manucio e outros já compuzeram das da lingua latina, querendo assim soccorrer os que querem escrever bem em portuguez.—Estou velho, com setenta e dous annos, nem creio que terei vida para trabalho tão longo. Agradeçam-me

a boa vontade, etc.»[1] O desterrado sentia que se esquecia da linguagem corrente, e por uma recorrencia da senectude avivam-se-lhe na memoria todas as locuções que ouvira na mocidade. Offereceram-lhe os *Apologos dialogaes* de Dom Francisco Manoel de Mello; era uma mina de riqueza de elocução e modismos portuguezes: «Cito affouto, por que me fizeram mimo d'elle portuguezes compadecidos, que viam que eu perdia a minha lingua natural por falta de Autores onde eu pudesse restaurar com a leitura d'elles, a perda da phrase, e do tom d'ella, ganhada pela ausencia de 30 annos, da minha saudosa Patria.»[2] Filinto falla das promessas dos patricios que o visitavam: «quando d'aqui partiram, que me mandariam Barros, Lucena, etc. E até mesmo os *Autos dos Pastores*, da *Paixão*, de *Santa Barbara*, etc. etc. E nenhuma d'essas promessas, depois de muitos annos se cumpriu ainda.»[3]

Eram os Autos de Frei Antonio da Estrella, do P.e Francisco Vaz, e de Balthazar Dias, que Filinto citava das recordações da infancia, que promettiam enviar-lhe; a memoria das boas impressões não lhe atraiçoava a justa apreciação d'esses Autos populares. Conhecia que ali estava a genuina fonte da dicção portugueza: «leiam a ópera dos *Encantos de Circe*, eruditissimo parto de um engenho judaico. Houve editor que moderna-

---

[1] *Obras,* t. VI, p. 130.

[2] *Ibid.*, p. 231.

[3] *Ibid.*, p. 236.

mente deu á luz esses *non plus ultra* do genero dramatico; e Gil Vicente e Prestes, e outros classicos ficarão para sempre no cadoz!»[1]

A fuga de Dom João VI com a côrte para o Brasil em 30 de novembro de 1807, encontra no velho poeta uma glorificação, em que a verdade da arte está em antinomia com a verdade moral. Muitos versejadores exaltaram essa covardia, que foi um erro politico estimulado pela Inglaterra para sua vantagem; Filinto desceu com a senilidade e a fome a essa idealisação:

Houve Homem justo das virtudes molde,
  Que ancioso, em terra estranha
De ir d'ellas desparzir 'splendidos raios
  Deixou da Patria o seio,

. . . .

  Partiu da Elysia illustre
Co'a esposa, que em meritos o eguala...

. . . .

O nome de João, suas virtudes,
Seu digno esforço no deixar a Patria
  (De saudades centro!)
Deixar os Povos que ama, e ir ser amado
Dos que vae aditar c'o real semblante

(*Obr.*, v, 21.)

Apezar d'esta abjecção, o desgraçado poeta afundava-se cada vez mais na indigencia em terra estrangeira; os poderes publicos não o conheciam, ou antes não esqueciam que elle

---

[1] *Ib.*, p. 494.

tinha glorificado Rousseau, e o *Emilio* e o *Contracto social* (v, 198, 200).

Nos Papeis intimos de Filinto, hoje possuidos pelo sr. conselheiro Alfredo Tavares de Macedo, acha-se o seguinte fragmento de carta:

« Ainda *Alcipe* não tinha sahido de Portugal, quando os meus amigos me escreviam cartas de parabens pelo gosto que eu teria de vêr em Paris aquella que tanto celebrei em meus versos; aquella que = *Amor ao mundo dá, doce amor gera* [1] = aquella que, se eu creio as promessas me devia fazer feliz quanto pode ser um desterrado. Já de Castella me escreve com muito empenho e todo segredo outro amigo annunciando-me a felicidade quasi raiando n'este meu triste tugurio. Chega emfim uma Carta de *Alcipe;* reconheço a mão que me fez tantas vezes venturoso, encho o peito de esperanças, tomo de novo aquella alegria de que me despira ha tão longo tempo; e quando o cuidava menos, vejo cahidos e em pó todos os meus prazeres de ventura. Foi este um tiro da fortuna, para o qual não tinha ainda (depois de tantos desastres) a alma preparada. D. Vicente de Sousa me estranhou não ter-lhe escripto a Vienna, e me pediu carta para a metter em uma sua: não sei a que attribua a falta de resposta... Se esta a não tiver, eu saberei a causa e conhecerei Alcipe.» Parece que esta carta se refere á epoca em que a Condessa de Oyen-

---

[1] Explica-se a referencia d'este verso a pag. 200 e seguintes.

hausen esteve em Paris em 1785, de passagem para Vienna.

A Condessa da Ega, D. Juliana, filha da Marqueza de Alorna, e celebrada nas cantigas populares pelos seus amores com Junot, ao passar por Paris foi visitar Filinto; dedicou-lhe o poeta uma Ode, em que lembra as antigas relações com a poetisa de Chellas:

> Filinto soube, que lembrada *Alcipe*
> Do antigo adorador de seus talentos,
> Premiar quiz o não cessante culto,
> *Com flor do seu engenho.* [1]
> ....
> Filinto, entre as angustias de um desterro,
> Falto de bens, distante dos amigos
> Fita os olhos na Patria, vê na ideia
> Presente a Sapho Alcipe.
>
> E quanto a Alcipe não magoara vêl-o!
> Com que amigavel dextra, as tão pungentes
> Penas não lhe adoçara! E o estro extincto
> Lhe resurgira meiga!
>
> (*Obr.*, III, 66.)

As promessas da Condessa da Ega não poderam ser realisadas; então Alcipe estava tambem refugiada em Inglaterra e nada podia fazer. Pelos acontecimentos de 1814, é feita

---

[1] Refere-se ao presente da versão da *Poetica* de Horacio. (*Obras poeticas* da Marqueza de Alorna, t. v, p. 9 a 55.) Em um fragmento de carta de Domingos Borges de Barros (Visconde da Pedra Branca) a Filinto, datada de 17 de Agosto de 1810, vem este trecho, que tudo elucida: «Cá me deram outra noticia; e vem a ser, que certa Ex.ma Snr.a *lhe ia levar* da parte da Ex.ma sua Mãe nova traducção da *Poetica* de Horacio.» (*Obr.*, t. III, p. 162.)

a Restauração em Luiz XVIII, Alcipe passou por Paris, para seguir para Vienna de Austria;[1] Filinto enviou-lhe uma Ode (III, 117) á qual respondeu a poetisa, datando-a de *Janeiro, de 1814*, com a assignatura: «*Alcipe.* Reconhecida e inspirada pelos versos harmoniosos que recebeu.» São duas Odes de exagerados truques mythologicos. A talentosa dama desejou ir visitar Filinto a sua casa; mas o Embaixador portuguez junto de Luiz XVIII entendeu que era impolitico esse passo. Filinto lamenta a intervenção do ministro em uma Ode a Alcipe:

> Alcipe, não me vêr? Ao seu Filinto
> Depois de longa ausencia a vista breve
> Negou (avara do divino gesto)
> Vós o crereis, vindouros?
>
> Filinto, a quem ornou a sacra rama
> Do tronco da purissima amisade,
> Suaves fallas não trocou ditoso
> Co'a des-saudosa Alcipe.
>
> ....
>
> E Alcipe enternecida *se lembrara*
> *De Chellas* saudosa
>
> (*Obr.*, XI, 194.)

O editor Constancio annotou esta Ode: «Com paixão falla aqui o Autor; por quanto folheando entre seus papeis, deparei com duas cartas de Alcipe, uma em francez e outra em portuguez; em ambas demonstrava grão desejo de lhe fallar. Sei eu, d'aliás, que o Embaixador de Portugal que então residia em Paris, de nimio acautellado aconselhou a

---

[1] Ode a ELIA *voltando da Gram Bretanha.* III, 210.

Filinto que não fallasse a Alcipe, porque tinha rasões mui sisudas para lh'o assim encommendar.»

Em 1812 realisara Filinto a traducção em verso solto do poema em prosa *Os Martyres* de Chateaubriand. Pela segunda vez o velho poeta classico dava um impulso inconscientemente á renovação romantica portugueza. A obra de Chateaubriand lucrou com a fórma em verso. Chateaubriand foi surprehendido pela excepcional consagração do seu Poema, e em carta de 5 de Septembro de 1812 agradece-lhe a honra «en traduisant *Les Martyrs* dans la langue du Camoëns.» E mostra-se convencido, que n'esta bella lingua «Eudore et Cymodocée paraitront beaucoup plus nobles et plus touchants sous les habits de Gama et d'Ines.» A versão de Filinto chamou a attenção dos litteratos francezes para o pobre poeta desterrado, mas nem por isso o governo da Restauração o soube attender. Filinto pela separação dos seus amigos na côrte do Rio de Janeiro, e pela expulsão de outros de Portugal pela reacção contra os francezes, achava-se cada vez mais desamparado e não tendo para quem appellar.

Descrevendo o seu anniversario em 1812, o poeta percorre a lista dos amigos mortos, e Paris parece-lhe insipido:

> No *quarto anno* do lustro *sexto-decimo*,
> Entrei; quem sabe se eu findal-o obtenha?
> Não m'o dá a crêr ruim melancholia
>   Que em solidão me rala.
> Paris, para Filinto, é ermo insipido,
> Se dos lusos que vêm, já stantes Lusos

Lhe falta a aliviosa companhia
Que elle unica apetece.

....

Onde estaes, *Mathevon*, [1] *Araujo, Alfeno?*
Cortou-vos immaturos crua foice:
Cortou minha alegria, e o laço estreito
Da constante amisade.

....

Tenho o meu Verdier, o meu Constancio,
Mas ferrenha a priguiça m'os mallogra;
Só Vianna se doe do triste velho;
Tal qual vês traz-lhe alivio.

(*Obr.*, XI, 238.)

Em 1814, então na mais profunda penuria dirigiu um Memorial a um dos ministros de Luiz XVIII, contando que sahira de Portugal aos 44 annos, como lhe foram roubados os seus bens, e pedia que sobre elle cahisse «un regard bienfaisant de Sa Magesté.» E termina: « C'est dans cette situation, Monseigneur, que j'ai recours à la generosité de ma

---

[1] ANTONIO MATHEVON DE CURNIEU.

Negociante francez, n. 1741, m. 1807: estabelecido em Lisboa com negocio de fazendas de linho e algodão, na praça do Pelourinho. Era da intimidade de Francisco Manoel. Na epoca da Revolução franceza Manique expulsou-o de Portugal. No tempo da Regencia (1802 a 1820) seus netos vieram pedir indemnisação. Sua filha M.me Ditmer, em 1816 imprimiu em volume as poesias latinas de seu pae: *Lyrici Lusus* A Mathevon de Curnieu. Parisiis, 1818. In-8.º max. de 61 fl. Contém 13 Odes: a 2.ª, 5.ª, 6.ª, 11.ª, e 12.ª andam nas Obras de Filinto, ficando algumas fóra da collecção. — Pilaer, de que falla Filinto, era Gaspar Bertrand Pilaer; seu filho Gaspar João foi consul dos Paizes Baixos em Lisboa.

patrie adoptive; j'ai 78 ans: les malheureux ont peut de temps pour esperer.» Embora não tenha data este documento, a referencia do poeta á sua edade, fixa-o no primeiro anno da Restauração. Em 1815, para estar mais proximo dos seus amigos, veiu fixar a residencia no bairro du Roule, onde era soccorrido por alguns portuguezes.

Em uma Ode emphatica celebrou Filinto o casamento de Dom Pedro, primogenito de D. João VI, com a Archiduqueza Leopoldina, de Austria; era um meio para vêr se attrahia a protecção regia, como o dá a entender em uma nota: «E' para lastimar que a Serenissima Archiduqueza, que (ao que me disse o meu amigo Francisco José Maria de Brito,) aprendia portuguez pelas Obras de Filinto Elysio, não estendesse a mão ao velho Poeta, que lhe cantou os festivissimos desposorios.» (XI, 54.) Pela versão da Ode de Voltaire *Ao Fanatismo* deu-lhe o então Conde de Palmella 64$000, como o poeta confessa. A situação dolorosa do velho poeta exilado e pobre, com outenta e dous annos de edade, commoveu Lamartine que surgia na Litteratura franceza. Tambem em Portugal, Garrett, que ainda estava longe da iniciativa da renovação romantica na nossa litteratura, celebrava em 1817 o anniversario de Filinto Elysio em uma Ode, assim datada na *Lyrica de João Minimo*.

A influencia de Filinto exercia-se mesmo sobre aquelles que o combatiam; a versificação e a linguagem tinham-se aperfeiçoado no seu exemplo e com a sua critica. Elle proprio justifica a propaganda com o appareci-

mento do poema *O Oriente*, de José Agostinho de Macedo, em 1814: «Quando eu me dava a perros escrevinhando tanta nota... não tinha ainda lido o novo Poema do *Oriente*, e o do *Gama*, em que o erudito A. com larga mão esparge por todo elle, novos, antigos, compostos e latinos termos, sem lhe importar o que dirão os praguentos.» (VII, p. XIX.) Em que pese a José Agostinho de Macedo, venceram as *Nicenadas*.

O culto por Horacio via-o radicado em Portugal, e em 1814 publicava no *Investigador portuguez* em Londres offerecido ao Doutor Antonio Ribeiro dos Santos o seu *Discurso acerca de Horacio e suas Obras*. [1]

A Ode de Lamartine exaltando Filinto Elysio foi o resultado da intimidade do excelso poeta francez com o vate portuguez, exilado e vivendo na miseria. Em um estudo publicado em Paris a proposito do Centenario de Garrett, aponta-se o facto de ter Lamartine tomado lições da lingua portugueza com Filinto Elysio, e ser o seu primeiro escripto em prosa um Discurso lido na Academia de Macon sobre as obras poeticas d'este mestre

---

[1] Prefaciando este Discurso, escrevia o redactor do Investigador portuguez, a pag. 344: «o nosso amavel e honrado compatriota o P.e Francisco Manoel, que ainda depois de contar 81 annos de edade, vive em França não cessando de trabalhar por dar nome e fama litteraria á sua Patria, apesar de todas as ingratidões que d'ella recebeu. Este velho Nestor da nossa Poesia e Litteratura, tem sempre direito a tomar um assento mui distincto entre todos os nossos litteratos...»

que lhe revelara as bellezas de Camões.[1] Pode-se fixar essa epoca, que coincide com a vida de elegancia e dandysmo de Lamartine em 1817, quando regressou a Paris, apaixonado por esse typo ideal da *Elvira* das *Meditações* e da Julia do romance *Raphael*, uma creoula de 17 annos casada com um velho erudito. Lamartine começava então com os seus vinte e cinco annos a entregar-se ao estudo, e ensaiava a poesia elegiaca; frequentava os salões da elegancia aristocratica, das Madamas de Saint Aulaire, La Tremouille, e duqueza de Broglie, onde encontrava Suard, Bonald, Lally-Tollendal e outros litteratos. O interesse pela lingua portugueza ligava-se ao empenho de conhecer a poesia meridional, que o libertou d'essa vaga *sensiblerie* das composições ossianescas que tanto o tinham

---

[1] «Lamartine, à l'époque où il débutait dans le dandysme, employait les rares heures sérieuses de son existence à l'étude de la langue et de la litterature portugaises, sous la direction d'un maître compétent, *Manoel do Nascimento*. Celui-ci s'était attiré la persécution de son gouvernement par des satires politiques qui lui valurent enfin l'éxil, *un éxil adouci par le dévouement d'une jeune religieuse qui s'était attachée à sa misere*. Le proscrit apprit à son éleve à admirer Camoëns, et en fut recompensé par l'hommage dans les *Meditations*. Le prémier ouvrage en prose du grand poete est un Discours lu devant l'Academie de Macon, et relatif aux œuvres de son maitre; l'Academie en son procès-verbal, felicite Monsieur Alphonse (n'oublions pas que la chose se passe entre gens de connaissance et tout à fait en famille) par son érudition et l'élegance de son jeune talent.» *(La Liberté,* 7 fevrier, 1899: PORTUGAIS DE PARIS, artigo por occasião do Centenario de Garrett.)

fascinado na mocidade. Lamartine achava-se pois diante de um velho de outenta e tres annos, pobre, isolado, mas apoiando a existencia desamparada com um raio de luz poetica, com que elle dava relêvo á obra de Camões. Era impossivel que a organisação superiormente delicada de Lamartine escapasse ao perstigio d'esta situação commovente de Filinto; e pode-se dizer, que o poeta que achou a sua vocação na elegia do *Lago*, entrava na posse definitiva do seu genio quando compoz a Ode ao Poeta desterrado. As *Meditações*, que revelaram Lamartine, appareceram em março de 1820, quando Filinto já estava morto; o pobre desterrado teve conhecimento de tão bella apotheose da *Meditação XIV* em copia manuscripta. No tomo v das suas Obras completas com data de 1818 o editor incluiu essas STANCES. *Á un Poète portugais exilé;* Filinto pondo-lhe uma das suas notas caturras, confessa-se assoberbado com o enfastiado argel de elogios, e escreve: «Nem o *divin*, que o Autor das *Stances* me imbute, nem a alcunha de *Horacio lusitano* que descarados me encampam, valia commigo tem. Um louvor moderado mas sincero que me viesse de *Elpino*, de GARÇÃO, ou de hum *Duriense* (sc. Dr. Antonio Ribeiro dos Santos) me contentaria mais, que todas essas encarecidas exuberancias.» (v, 10.) Parece que esta nota chegou ao conhecimento de Lamartine, por que na edição modificou esta estrophe:

C'est là qu'est ton séjour, c'est là qu'est ta patrie,
C'est là, *divin* Manoel, que seront tes autels;
C'est là que l'avenir prepare à ton genie
Des honneurs immortels.

VARIANTE:

Les siècles sont à toi, le monde est ta patrie,
Quand nous ne sommes plus, notre ombre a des autels,
Où le juste avenir prépare à ton genie
Des honneurs immortels. [1]

O texto primitivo da Ode de Lamartine tem mais outo estrophes, que foram supprimidas na edição das *Meditations.*

Em 1817, annotava Filinto a Carta ao seu amigo Brito, especie de testamento litterario; ali pinta a sua situação moral e material aos outenta e dois annos: «Mas, misero de mim que 82 annos me quebram os brios, e tão desazado tenho o juizo, que pegar eu na penna e sahir-me por ella um chorrilho de destemperos, é tão corrente cousa, como cheirar a alho quem de alho comeu assorda.» [2] «Podem accusar-me (e talvez com bem razão) de serem longas de sobejo, e de serem muito amontoadas as notas d'esta Carta. Mas peço-lhes que me perdôem; e certo estou que o farão logo que considerem, que estou velho e pobre, e por conseguinte solitario e triste;

[1] Não transcrevemos aqui a Ode de Lamartine, porque está muito vulgarisada pelas seguintes traducções: de Bento Luiz Vianna, *Poesias*, p. 88; Marqueza de Alorna, *Obras poeticas*, t. IV, p. 221; Francisco de Castro Freire, *Revista academica*, n.º 4, p. 49; P.e Antonio Marques da Silva, *Pantologo*, p. 69; nos *Novos Annaes das Sciencias, das Artes*, Paris, 1827, p. 178; José Augusto Cabral de Mello, da ilha Terceira, folheto avulso. Estão apontadas por Innocencio.

[2] *Obras*, I, p. 107.

que não tenho amigos que me divirtam, nem posses para ir aos theatros, ou jogar nas assembleias; que todo o tempo emprégo a lêr quatro alfarrabios, que comprei a vintem, e os mais caros a tostão; e se não leio, escrevo; e só d'este modo me posso forrar de enojos e enfadamentos da solidão. Um amigo unico, que aqui tenho A. M. de Curnieu ri ás vezes d'estes meus destemperos poeticos, e essa é a unica consolação da minha mesquinha vida. —Far-vos-hia compaixão vêr um velho de 65 annos, (1800) que algum dia viveu abastado, e estimado de seus conterraneos (e conterraneas) desvalido e só, vivendo em Paris, como n'um descampado, embrulhado no manto da pobreza, e diante d'elle e pelos lados os cuidados da vida, o trafego da casa, as lamentações do passado, e mais que tudo a secca melancholia estendendo a cada instante os braços para me apertar n'elles e me levar de rastos até aos umbraes do passamento.» [1] Estas notas comprehendem o periodo de 1800 a 1817; em uma d'ellas ainda allude á epoca ante-revolucionaria: «Quando eu escrevi esta Carta *ainda havia Bispos em França;* e eu os via vir ao Collegio real assistir a estas lições por gosto de ouvir a Publio Virgilio Delille, como Voltaire lhe chamava. E com effeito era delicioso ouvil-o explicar as bellezas dos Classicos francezes, e as notas que alli da cadeira lhes ajuntava.» [2]

---

[1] *Ib.*, p. 96.

[2] *Ib.*, p. 34.

A desgraçada situação de Portugal sob a occupação ingleza duramente exercida pelo inflexivel Beresford, fez que muitos cidadãos emigrassem da patria para França; homens de sciencia e fidalgos portuguezes achavam em Paris um centro de liberdade e cultura, reunindo-se áquelles que já alli se haviam refugiado depois de expulsos como *jacobinos* pelas alçadas rancorosas. Esta primeira emigração pode-se dizer que influiu na comprehensão do moderno direito politico que veiu a ser inaugurado em Portugal pela Revolução de 1820. Essa corrente de emigração para França fez com que Filinto sahisse da sua profunda obscuridade, sendo bastante visitado por portuguezes, que chegavam a enfadal-o com o epitheto de *Horacio portuguez*. Por ventura, por influencia do culto de Camões, que elle de longos annos sempre proclamara, se originou esse pensamento do Morgado de Matheus (D. José Maria de Sousa Botelho Mourão e Vasconcellos) que o levou a emprehender a edição monumental dos *Lusiadas*, em 1817, na qual dispendeu reis 10:000$000. Filinto consagrou essa inexcedivel homenagem ao nosso épico; em uma Ode, exalta-o:

Oh Sousa,
Viverás, quanto vivam os *Lusiadas*,
A' Patria, aos Lusos caro.
(*Obr.*, XI, 52.)

Filinto vivia em communhão poetica com o Morgado de Matheus (V, 231, 348); era considerado pelo Conde de Palmella, pelo do

Funchal e Marquez de Marialva, que o presenteavam mas nada conseguiram para realisar a sua aspiração de voltar á patria. A execução infamissima do general Gomes Freire ordenada por Beresford com a connivencia da torpe Regencia, em 13 de Outubro de 1817, e as forcas e fogueiras do Campo de Sant'Anna, tornaram-se os germens da emancipadora Revolução de 1820. Foi em Paris que o sentimento da patria portugueza vibrou, tendo a epopêa de Camões sido como a expressão ideal. A influencia patriotica de Filinto sobre o purismo da lingua e cultura do gosto sendo tambem conhecida, alguns homens praticos trataram de fazer uma edição das *Obras completas* do desterrado poeta em 1817; o Club dos Negociantes portuguezes de Inglaterra enviara-lhe uma letra de 1.200 francos para a impressão das suas obras; e um negociante portuguez do Havre de Grace coadjuvou o livreiro portueuse que realisou a edição de 1817, dirigida pelo Dr. Solano Constancio, seu medico e admirador acerrimo. Pode-se dizer que essa crise moral da nação, que presagiava a Revolução de 1820, que deu a Portugal entrada na civilisação do seculo, influiu directamente no reconhecimento da importancia litteraria de Filinto. Mas o poeta achava todas essas glorificações improficuas e tardias, importunas e exageradas.

Começava o anno de 1819, e o poeta encetava o octogesimo quinto anno da sua edade; em uma Ode a este anniversario reconhece: «Na avançada edade em que me vejo, não tardarei a pôr-me a caminho...» e resigna-se a abandonar a esperança de tornar á patria:

Ser-me-ha feliz este anno *outenta e cinco*
Que, de hoje, avança? Ou tem de vir cortar me
A Morte, co'a luzente fouce a trama
Da desbotada vida?

Não verei inda a cara patria? os Lusos?
Os Lusos, Patria, que inda amo; eu, mais que a vida!
Do infame Tribunal inda a caverna
As prêzas me arreganha.[1]

E descrevendo a acção da Santa Alliança depois da queda do imperio napoleonico na sua rapida phase de transigencia com a liberdade, aponta Portugal ainda sobre o predominio obscurante da Inquisição:

Quando Prussia, quando Austria, e os Reis do Polo
Dão Leis, que dictou branda sapiencia,
Gemeis Hispanos, Lusos, sob o açoute
Da arteira Hypocrisia.

Adeus, desejos vãos de ir vêr a Patria;
Fica-te, oh Monstro, oh tragador Busiris;
Calca aos pés, despedaça animos fortes,
Que o colo te não cortam.

(*Obr.*, XI, 188.)

Não foi esta a ultima composição poetica de Filinto; o illustre Raynouard, o erudito compilador das poesias dos Trovadores, e secretario perpetuo da Academia franceza

---

[1] Em 1818 Pato Moniz publicou no *Observador portuguez*, t. I, p. 160, 183 e 212, uma traducção da biographia de Filinto, escripta por Sané, mas pela situação em que se vivia, teve de supprimir tudo o que se referia á perseguição religiosa e ao episodio da fuga.

compozera uma Ode glorificando Camões, para ser recitada na proxima sessão publica das Quatro Academias do Instituto de França, em 24 de Abril, e sendo communicada antecipadamente ao Dr. Solano Constancio, este dedicado amigo entregou-a a Filinto para que a traduzisse: «Elle assim o executou com a maior promptidão, e dentro em poucos dias terminou a traducção...» Logo que a deu prompta, Filinto poz-lhe uma nota bonacheirona, em que diz: «*dous dias* trabalhei n'ella de affogadilho. Eil-a ahi tal e quejanda. Lembra-me, que dizia minha mãe, que obras feitas á pressa eram sempre atrapalhadas.» (XI, 287.) Quando Raynouard recitou a sua Ode na sessão solemne das Academias já Filinto tinha expirado.

Atacado de uma anasarca ou hydropesia do peito, succumbiu Filinto apesar de todos os cuidados que lhe prodigalisou o Marquez de Marialva, então embaixador em Paris; foi a sua morte em 25 de Fevereiro de 1819.

No mez de Abril, o Dr. Francisco Solano Constancio, que tratara o poeta na sua doença e o auxiliara na extrema miseria, ao dar conta da monumental edição dos *Lusiadas* pelo Morgado Matheus, nos *Annaes das Sciencias e das Lettras*, (t. IV) escrevia estas palavras frisando o deploravel contraste: «Taes monumentos, postoque nada sirvam aos mortos, podem talvez aproveitar aos vivos, se, envergonhando as nações da ingratidão dos maiores, *as ensinam a não commetter com os contemporaneos* o que tão asperamente censuram com os antepassados. Se d'elles não transluz esta lição, então nada mais são do

que vãos padrões de vaidade, com que debalde procuram os seus auctores palliar *o menoscabo que fazem do merito desvalido dos vivos*, affectando tanto maior veneração para o engenho dos mortos.» E alludindo a portuguezes existentes ou já falecidos que *viveram vida pobre e angustiada*, e vaticinando-lhes mausoléos, indubitavelmente visava Filinto nos seus ultimos dias, expirando quasi ao abandono.

O Consul de Portugal em Paris, Bernardo Daupias officiou para a Junta do Commercio em Lisboa, em 29 de Maio d'esse anno dando parte do acontecimento em um relatorio que foi publicado na *Gazeta de Lisboa*, n.º 191, de sabbado, 14 de agosto de 1819. Ahi se acham particularidades que merecem conhecer-se. [1] Fez-se o seu enterro á custa do illustre

---

[1] Eis o officio dirigido á *Real Junta do Commercio, Agricultura, Fabricas e Navegação:*

«Senhor. Cumpre-me, em observancia do Regimento d'este Consulado geral, participar com o mais profundo respeito a V. M. ter n'esta cidade falecido aos 25 de Fevereiro do presente anno o presbytero Francisco Manoel do Nascimento, vassallo portuguez.

«Em rasão do meu cargo, communicado que me foi o falecimento do referido vassallo, apresentei-me no aposento que lhe servira de residencia; dei fé de estar de corpo presente; tomei as correspondentes declarações do medico e mais gentes que na sua doença, até que expirou, lhe tinham assistido; fixei o sello d'este consulado sobre tudo aquillo que debaixo de juramento me fôra declarado pertencer á succesão do defuncto; do que lavrei auto.

« No interesse dos herdeiros do falecido examinei attentamente os seus papeis; elles nenhuma ideia dão nem de bens alguns, que n'este ou n'outro paiz

Marquez com exequias na egreja de San Philippe du Roule, sendo sepultado no cemiterio

---

lhe pertencessem, nem ainda de que familia fosse. Estes papeis nada significam, além de uma correspondencia esteril. O referido vassallo não me consta que fizesse testamento ou codicillo.

Ausente depois de muitos annos do reino, era não obstante conhecido n'elle entre os litteratos; as suas obras poeticas tinham-lhe grangeado lá celebridade, n'esta a estima dos portuguezes os mais capazes e distinctos; por esta rasão, postoque não apparecem documentos que provem qual fosse o seu paiz natal para que eu o indique officialmente, sobeja noticia ha para que seu nome, e quem este homem fosse não fiquem sepultados na obscuridade, e hajam seus parentes, se os tem, de reclamar seus direitos, sendo necessario.

«Francisco Manoel do Nascimento, presbytero, morreu pobre!

Os objectos inventariados e depois vendidos em leilão publico, com as formalidades que em taes casos se requerem, renderam, como da nota inclusa, o liquido producto de 100 francos, 20 centesimos.

«Não será alheio do assumpto do presente officio, que reverentemente tenho a honra de levar á real presença o relatar, que n'esta occasião não só me prestei como me cumpria, á execução das funcções do meu cargo, mas tambem acceitei de boa vontade a honrosa incumbencia, que o Marquez de Marialva, embaixador de V. M. n'esta côrte, se serviu dar-me para haver de correr com as necessarias disposições do funeral do referido vassallo. A sua extrema indigencia teria precisamente feito que ficassem as suas cinzas confundidas com as de tantos sem nome nem reputação conhecidos, em o cemiterio commum d'esta capital, se a generosidade do Marquez de Marialva, personagem digno da representação que exerce, não tivesse immediatamente vindo accudir a honrar as mesmas. O funeral fez-se com a decencia correspondente ao caracter do falecido presbytero: ao officio de corpo presente assistiram portuguezes da maior distincção, que se achavam n'esta, a cuja frente esteve o Embaixador, o

do Père-Lachaise, tornando-se d'ahi em deante a sua sepultura «pour tous les Portugais

---

secretario da embaixada e outros empregados da mesma. Uma lapide distinguirá o logar onde jazem os seus despojos. Assim que em honra do bom nome, e do merecimento d'este seu poeta lyrico, a acção do Embaixador de V. M. irá a par da memoria de Francisco Manoel do Nascimento até á posteridade, que lerá com gosto na historia dos seus poetas, que uma mão bemfeitora desceu com honra nacional á sepultura os restos d'este.

«Resta-me presentemente observar com o devido acatamento, que as instrucções que a Real Junta do Commercio tem dado aos cousules para por ellas haverem de regular-se, não abrangem no presente caso, que applicação deva dar-se a sommas provindas de bens de vassallos falecidos.

«Parece-me em consequencia acertado que a dita somma de 100 francos e 20 centesimos entre no cofre da Real Junta: a cujo fim dou, n'esta mesma data ordem á Casa de commercio Diogo Ratton, d'essa cidade, para que entregue o contra-valor da mesma ao thezoureiro d'ella, e hajam d'este modo os herdeiros do defuncto, ou quem de direito, de reclamal-a, quando se fizer publicar por editaes o falecimento mencionado.

«Tambem no interesse dos mesmos herdeiros examinei, como me cumpria, se n'esta cidade existiam alguns bens que pertencessem directa ou indirectamente á successão, porém, não me constou haver a bem d'elles cousa alguma reclamavel.

«Para segundar, como pude, os officios do excellentissimo Marquez embaixador para com o falecido vassallo de V. M., o Consulado não leva emolumentos alguns n'esta occasião, se bem que se lavraram os competentes autos, e se fizeram varias outras diligencias de minha alçada.

«No Livro 1.º, que serve para os autos publicos que se lavram n'este Consulado, ficam lançados os que a respeito do dito vassallo se tomaram, para do mesmo Livro dar os competentes treslados quando se requererem, e que o real serviço de V. M. assim o exija.

le but d'un pieu pélerinage» como notou Ferdinand Denis. [1] Ahi se conservaram os seus restos até 1843, em que foram sob guarda de Filippe Ferreira d'Araujo e Castro officialmente trasladados para Lisboa, [2] ficando até 1845 no claustro da Sé, votando-se por decreto de 5 de Maio d'esse anno um tumulo no cemiterio do Alto de S. João, que se terminou em Junho de 1856. Ao emprehender-se a publicação do *Parnaso lusitano* em 1826, em Paris, Garrett no seu substancioso prologo, expressa com nitidez a apreciação da obra de Filinto: «Nenhum poeta desde Camões havia feito tantos serviços á lingua portugueza; só por si Francisco Manoel valeu uma academia, e fez mais do que ella; muita gente abriu os olhos, e adquiriu amor a um tão rico e bello, quanto desprezado idioma; e se ainda hoje em Portugal ha quem estude os classicos, quem se não envergonhe de lêr Barros e Lu-

---

«Consulado geral do Reino-Unido, em Paris, aos 29 de Maio de 1819.

«Senhor, aos reaes pés de V. M., o mais humilde e fiel vassallo — *Bernardo Daupias.*» (Reproduzido no *Conimbricense*, n.º 3684 = 1882.)

[1] Ahi se encontravam foragidos de Portugal o *pintor* Domingos Antonio Sequeira, o *compositor* Domingos Bomtempo, e o *poeta* Garrett.

[2] Rodrigo da Fonseca Magalhães consultara Silvestre Pinheiro Ferreira sobre o modo de realisar esta trasladação. (*Rev. universal lisbonense*, t. II, p. 539.)

Na citada revista de 1841, vêm calorosos artigos de Castilho, sobre *Os restos mortaes de Filinto* (p. 539) e a *Sepultura de Francisco Manoel do Nascimento.* (p. 30.)

cena, deve-se ao exemplo, aos brados, ás invectivas do grande propugnador de seus fóros e liberdades.» [1] Bastava a transformação na versificação portugueza realisada por Garrett, e devida ao seu estudo de Filinto, para consagrar-se a sua obra, e dizermos como Tacito: «A fama nem sempre erra; por vezes ella acclama — *(Non semper errat fama; aliquando eligit.)*»

§ III. Historia externa do texto das Obras de Filinto Elysio

Antes da fugida de Portugal já o poeta tinha impresso algumas comedias traduzidas, e por mãos particulares ficaram varios ineditos de que elle nunca mais teve conhecimento. (Vid. *Obras* da Marqueza de Alorna, e a edição de Filinto da Livraria Rolland.) Um certo numero de folhetos com poesias avulsas começados a imprimir em 1786 ficaram de tal modo raros, que o proprio poeta poucos pôde reunir na sua edição de 1798. Quando o Dr. Solano Constancio se prestou a dirigirlhe a edição de 1817-1819, Filinto oppoz-se tenazmente a todo o plano systematico de co-

---

[1] Contra a eschola *elmanista*, que se procurava contrapôr á influencia de Filinto, escrevia Garrett: « E taes (monotonos) são os versos de Bocage, que nos pretendem dar para typo seus apaixonados cegos; digo *cegos*, porque muitos tem elle (e n'esse numero que conto) *que o são* mas não cegos.» *(Obr.*, t. XXI. 219.*)* Castilho, que era um exaltado *elmanista* sentiu-se d'esta referencia de Garrett e feriu-o na celebre carta a Ferdinand Denis chasqueando da *Dona Branca.*

ordenação dos seus versos. Elle dava uma rasão apparente — a monotonia das fórmas metricas repetidas; mas no fundo havia uma causa intima não confessada. Nas Poesias de Filinto ha uma porção grande de composições apaixonadas e bellas, que separadas das Odes horacianas e das Epistolas eruditas e Satiras sarcasticas, deixariam a descoberto a realidade d'essa ardente idealisação da mocidade. Estava morta a *Marcia* ou *Daphne*, mas eram lembrados os Outeiros de Chellas em que *Albano* exaltava *Alcipe.* Eram ainda muito conhecidos os Bonzos da Inquisição que o perseguiam, e o *Naire* que lhe suscitou o processo; por tanto, os versos baralhados não deixavam descortinar os factos que formaram o drama feliz ou desgraçado de sua vida. E assim como fôra escrevendo sem plano, tambem queria a obra descoordenada, o que tanto prejudica a sua verdadeira apreciação. Como está, acha-se apenas o erudito offuscando o poeta apaixonado, o ardente sectario dos principios philosophicos do seculo XVIII e testemunha consciente da Revolução franceza. Estes dois aspectos davam á sua obra systematisada uma importancia decisiva.

A desgraça e o desterro de Francisco Manoel é que motivaram os seus primeiros escriptos impressos: «Bem capacitados creio todos os que me conheceram, que nunca peguei na penna com intenção de que fossem impressos os meus escriptos. Fiz versos por desenfado, e para descarregar a mente das ideias, que se amotinavam de encerradas. — Comecei por uma Ode á Rainha N. S., para lhe lembrar (no caso muito duvidoso que lhe

chegasse ás mãos) que um vassallo seu, victima da calumniosa inveja padecia um longo desterro, trabalhos e penuria, de que não era merecedor; dos quaes S. Magestade podia por sua justiça e sua benignidade libertal-o. Este, o motivo da primeira Ode impressa. O caminho uma vez aberto, e franqueado o primeiro passo, veiu a amisade requerer os seus direitos, e sahi á luz com segundo folheto; d'ahi um segundo e mais terceiro *et reliqua*, continuando sempre na supposição que não chegaria o cabedal de minhas folhas a avultar em livro; por quanto nunca me conheci com juizo para tanto. Vae se não quando, eis que folha sobre folha foi medrando o Volume; e quando menos me precatava, achei-me progenitor de um tomo impresso com mais de trezentas paginas inchado.» *(Obr.*, I, 211.)

Da extrema raridade dos folhetos avulsos, que imprimiu Filinto, escreve elle proprio: «E que fôra, se o editor houvesse colhido *mais de doze dos primeiros caderninhos* que imprimi, e que eu não pude haver mais á mão! — Oh, que do editor não vem a falta; que empenhou elle todo o seu disvello em os haver; e mal que os haja, dal-os quer de graça aos assignantes. Dêem graças á Fortuna os pientissimos e pacientissimos leitores, que os livrou ella d'esse molestissimo camarço.» *(Obr.*, t. IV, p. 168.)

E em nota á Ode: *Descia por um valle*, escripta em 1788, diz: «Esta Ode, com algumas outras, que já foram impressas nos primeiros caderninhos, que mandei a Portugal, longos tempos ha, *são hoje tão raras*, que nem eu mesmo conservo a maior parte d'ellas;

por tanto as re-imprimo, e certo sou que para muitos leitores passarão por ineditas.» *(Ib.*, t. III, 254.) Da raridade das primeiras poesias suas impressas, repete: «Muitas me vieram á mão já impressas, para a correcção das provas, que então, e só então as vi pela segunda vez, depois que as escrevi.» *(Ib.*, t. V, p. 217.)

Filinto começou uma edição geral dos seus versos em 1797, que levou até ao outavo volume; é presumivel que a perda das suas economias pela falencia do banqueiro Jullien, e os dois processos que o defraudaram injustamente embaraçassem o complemento da edição; esses outo volumes são comtudo bastante raros, e nem sempre se topam completos.

A edição de 1817 a 1819 das Obras de Filinto Elysio, em 11 volumes, dirigida em Paris pelo Dr. Francisco Solano Constancio, que acompanhou o poeta na sua decrepitude e doença, é um aggregado indigesto e sem plano de tudo quanto andava impresso com o nome do exilado, e de quanto foi encontrado nos canhenhos, borrões e apontamentos de um velho que se distrahia da solidão e da miseria lançando ao papel as emoções vagabundas de um espirito atormentado. O corpo das Obras completas assim atirado á luz prejudica a gloria do poeta, porque entre as bellas Odes do mais bem comprehendido espirito horaciano, abundam os aleijões metricos, os disparates de uma phantasia separada da realidade da vida activa do fim do seculo XVIII, as notas impertinentes, as prosas traduzidas, os poemas de differentes epocas litterarias vertidos ao acaso. Comtudo, para o critico,

que estuda a evolução mental do artista, e procura deduzir da obra a vida moral do que a sentiu, a edição tal como está é documento facilitado á leitura pela impressão typographica. Sobretudo as Notas com que Filinto acompanha á ventura passagens dos seus versos, que lhe avivam reminiscencias do passado, têm o valor de deliciosos traços autobiographicos. Pelo estudo das Obras de Filinto chega-se á formação de um plano racional e organico de coordenação das suas poesias, constando:

I. *Sonetos*, *Canções*, *Odes* e *Epistolas* (2 volumes): *a)* Antes do exilio em 1778. *b)* Em Paris: 1778 a 1792. *c*) Na Haya: 1793 a 1797. *d*) Em Paris: 1798 a 1819.

II. *Imitações* e *Versões das Odes* de Horacio. (1 vol.)

III. *Poemetos*, *Cartas*, *Satiras;* e algumas traducções de Poetas modernos. (1 vol.) — Tudo o mais deixado á paixão dos bibliophilos.

Bibliographia das Obras de Filinto Elysio

1768

Antigone em Thessalonica, Opera do senhor Metastasio, traduzida em verso portuguez por Marcellino da Fonseca Mine's Noot. Na Officina de José da Silva Nazareth. Lisboa, 1768. In-8.º, de 91 pp. (Não entrou na edição geral.)

*

Entremez intitulado: *O Cinto magico*, do sr. João Baptista Rousseau, traduzido em vulgar por Marcellino da Fonseca Mine's Noot. *Ibi*. In-8.º, de 44 pag. (Não entrou na edição geral.)

1775

Ode á feliz inauguração da Estatua equestre do fidelissimo rei de Portugal Dom José I.º No dia 6 de Junho de 1775. Lisboa. Impressão regia. (Saíu muito errada, como confessa o proprio Filinto. *Obr.*, v, 189.)

1780

Ode á feliz inauguração da Estatua equestre do Fidelissimo Rey de Portugal D. José I.º No dia 6 de Junho de 1775. *(Emblema)* Sem logar. 1780. In-8.º pequeno. Segue a paginação até 29.

1783

Virginidos ou a Donzella. Poema por Marcellino Mine's Noot. Anno do Senhor, 1783. Folheto avulso da traducção do 1.º canto da *Pucelle d'Orleans*, de Voltaire. Dá noticia d'esta edição limitadissima Bento Luiz Vianna em um Post-scriptum das suas Poesias.) Filinto continuou a versão até ao canto III, e remetteu-a em manuscripto para Portugal; vimos o autographo nas Miscellaneas de Merello.

1786

Ode A' feliz acclamação da Fidelissima Rainha de Portugal a Serenissima Senhora D. Maria I.ª No dia 13 de Maio, do anno de 1777. *(Emblema)* París. Anno de 1786. — In-8.º de 10 p.

Na dedicatoria á rainha, lê-se: «Esta Ode inspirou-ma a presença de V. M. a primeira Rainha sentada no throno lusitano... O acanhamento me impediu entam de lha offerecer; depois, infortunios e desterros,» Etc. Assigna-se: *Francisco Manoel.*

1786

Os Novos Gamas. Ode Ao Serenissimo Principe do Brazil. *(Sem logar)* 1786. (O mesmo typo, e officina de Paris.) Segue a paginação de 11 a 19.

Na Dedicatoria ao Princepe D. José escreve: «Um vassallo de V. A. *que vive tão longe da Patria*, tem ainda maiores rasões de implorar a Sua benignidade para cantar os *novos Gamas*, e ensayadas as forças no novo assumpto tomar mais alto o vôo para cantar a Vossa Alteza...» Assigna-se: *Francisco Manoel.*

Os novos Gamas. Ode (p. 1) Ode a Venus (p. 5); Hymno a Baccho (p. 12); Ode em 23 de Dezembro de 1784, dia de meus annos (p. 21); In-8.º pequeno, sem l. nem d.

*

Ode Ao Senhor Antonio Mathevon de Curnieu, (p. 1); Ode ao Tempo passado (p. 6); Ode a Marfisa, No dia 20 de julho de 1785, (p. 9); Ode A' Fortuna, do senhor João Baptista Rousseau (p. 12); Ode Ad Sodales (p. 18.) Ode ao Senhor Antonio de Moraes e Sylva (p. 22); Epigrammas (p. 24.) In-8.º pequeno sem l. nem d.

*

Epistola Ao muito Rev.do Snr. Fr. José do Carmello (Londres, 29 de Novembro de 1791.) In-8.º pequeno de 14 paginas assignadas pelo pseudonymo de *Ignacio de Sequeira Massuelos.*

*

Ode do Senhor João Baptista Rousseau Ao nascimento do Duque de Bretanha, trad. dedicada ao Rev. senhor Carlos Francisco Garnier (p. 1); Nova Aurora (p. 6); Juramento valioso (p. 7); Dithyrambo Aos annos da Senhora D. Maria Luisa Antonietta Mathevon (p. 8) por Alfeno Cynthio; Ode (p. 23); Madrigal (p. 24.) In-8.º pequeno, sem l. nem d.

Ode A' Liberdade. Dedicada ao ill.^mo^ e Ex.^mo^ Senhor Marquez de Bombelles, Embaixador de S. Mag.^de^ Christianissima em Portugal. (Pag. 1 a 7.) — Lyras (8); Ode Ao Senhor Augusto Marquet D'Urtubise (p. 9; Astucia contra amor (p. 12); Epistola de Alfeno a Filinto (p. 13); Ode A' minha Musa, appetitosa de correr mundo. (p. 23.) In-8.º pequeno, sem frontispicio, sem logar, nem data. O mesmo aspecto das edições avulsas, de Paris.

*

Ode Ao Senhor Timotheo Verdier L'Ecussan (p. 1); O Doutor medico (p. 4); Dithyrambo á Senhora D. F. G. X. de S. (p. 5) é de Alfeno Cynthio. O affogado resurgido (p. 8); Ode Ao senhor Henrique Leitão de Sousa (p. 9); Soneto (p. 11); Ode a Marfisa, No dia 20 de Julho de 1783 (p. 12); A Manhan (p. 14); Ode ao Senhor João Daniel de Bruyn (p. 16); Medêa, tragedia de Seneca, acto I, sc. 1, Chôro de mulheres corynthias (p. 18); Epitaphio (p. 24.) In-8.º pequeno, sem front. nem l. e d.

*

Ode Ao senhor Gaspar Bertrand Pilaer no seu desposorio (p. 1); Cantata A' noite, assign.; Alfeno Cynthio (p. 5); Ode A Elia, voltando da Gran-Bretanha (p. 11); Ode a Filinto, por Alfeno Cynthio (p. 13); Orpheo despedaçado pelas Bacchantes (p. 16); Ode A Cupido (p. 19); Enigma (p. 20); Ode ao senhor Doutor Antonio Ribeiro Sanches (p. 21). Ode a Marfisa (p. 23); Queixas a Apollo (p. 24); In-8.º pequeno, sem l. nem d.

*

Ode Ao illustrissimo Senhor Anselmo José da Cruz Sobral, Fidalgo etc. No dia 4 de Julho de 1786 (p. 1); As substitutas das Tres Furias (p. 7); Bons e maus Juizes (p. 8); A' feliz Acclamação da Fidelissima Rainha de Portugal, a Serenissima Senhora D. Maria I.ª No dia 13 de Maio de 1777, (p. 9.) por Alfeno Cynthio); Saudades de um amigo que a morte me roubou (p. 17); Ode ao ill. senhor Domingos Pires Monteiro Bandeira, fidalgo etc. e Escrivão da sua real Camara (p. 18); Ode á Senhora D. A. F. de S. (p. 22). In-8.º peq. sem l. nem d.

*

Ode Ao senhor Bacharel Anacleto José Pereira (p. 1); Epigramma; Ecloga, (p. 6); Desengano para os Poetas (p. 10); Ode a Marfisa. No dia 20 de Julho de 1786. (p. 11); Enigma (p. 13); Ode a Filinto, por Seixas Brandão (p. 14); Soneto (p. 16); Ode á Saudade (p. 17); Ancia de distinguir-se (p. 20); Carta Ao senhor Timotheo Verdier L'Ecussan. Paris, 3 de Septembro de 1785 (p. 20); Ode á Senhora V. B. (p. 23); Enigma (p. 24.) In-8.º pequeno sem l. nem d. nem assignatura.

1788?

*Carta ao Senhor * * ** 6 de Janeiro de 1788. Começa: «Tu dizes que meus versos são mordidos... In-8.º pequeno de 24 pag. Sem logar, nem data, nem assignatura.

1792

Epistola Ao muito Rev.do Snr. Fr. José do Carmello. Londres, 29 de Novembro de 1791 (p. 1); assig. Ignacio de Sequeira Massuellos.—Denuncia (p. 12); Anonymo.—Ode (p. 15); assignado *Agostinho Soares de Vilhena e Sylva.* Ode (p. 21); Do mesmo Author. In-8.º pequeno, sem l. nem d. nem assignatura.

1797

Ode ao ill.mo sr. João Paulo Bezerra, (p. 1); Machiavelice de um Prégador suéco (p. 3); Ode a Myrtillo (p. 4); Soneto (p. 6); Ode ao ill.mo D. Rodrigo de Sousa Coutinho (p. 7); Enigma (p. 16); Ode ao sr. Ernesto Biester (p. 17); Canto (p. 19); Carta Ao sr. Dr. Manoel C. J. P. (p. 20); Sonho (p. 21); Dialogo entre mim e a D. Minerva (p. 22); Soneto (p. 32); Ode (p. 34); Prodigios do atrevimento (p. 37); Ode (Lugduni Batatiphagorum, 16 de Novembro 1796 (p. 38); Lyras (p. 40); Soneto aos annos do Senhor Marg. Ch. (p. 41); Ode (p. 42); Soneto aos annos da sr.a D. E. V. M. J. M. (p. 48); In-8.º pequeno sem l. nem d. nem assignatura.

Sonho, dedicado ao sr. P. M. da M. (p. 1.) Carta ao M.al Luiz de C. (p. 28); Soneto (p. 35); Carta do M.al Luiz de C. (p. 36); Ode em 23 de Dezembro de 1800, dia de meus annos (p. 46.) In-8.º peq. sem l. nem d.

1798?

Segunda Guerra punica. Poema de Silio Italico. Paris. (Talvez tiragem em separado da edição de 1802.)

1797 a 1802 (1.ª edição)

Versos de Filinto Elysio. Paris. Anno de 1797. Tomo I, in-8.º pequeno de 239 pp. (Começa com a Carta de Antonio Diniz da Cruz e Silva.)
— Tomo II. Paris. Anno 1802. De 240 pp. (Foram estes dois tomos incorporados na edição geral de 1817, no volume 1.º)
— Tomo III. Ibi. De 240 pp.
— Tomo IV. Ibi. De 240 pp. Traz a *Segunda Guerra punica*, datada da Haya, de 1795. (Foram incorporados no 4.º volume da edição geral.)
— Tomo V e VI. Ibi. (Foram incorporados no volume 5.º, juntamente com composições avulsas, formando uma collecção de poesias livres.)
— Tomo VII e VIII. In-12.º. Allude a esta collecção Ferdinand Denis, que a censura: « elle est fort imparfaite, et se compose en partie de pièces detachées, que l'auteur avait reunis avec pagination particulière.» A Satira de D. Catherina Michaela de Sousa intitulada *Apologia* foi feita a esta edição.

1802

Oberon, Poema de Wieland. Paris. Anno de 1802. Tomo I, in-8.º grande, de 156 pp. (Contém: Preliminar a quem ler; e chega até ao VII canto.)
— Tomo II. Ibi. de 153 pp. (Reproduzido no vol. 2.º da edição geral.)

1803

Aventures d'Arminde et de Florise. Histoire véritable, écrite en France em 1588. Par Rodrigues Marques, l'un de leurs parens. Avec le texte portugais. A Paris. Anno 1803. In-8.º de 133 pp. E' dedica-

da a D. Domingos de Sousa Coutinho por *Francisco Manoel.* (Vem no vol. 9.º da edição geral: a *Verdadeira Historia d'Armindo e Florisa.*

*

Epistola: Emquanto punes pelos sacros fóros. Lisboa. 1803. Folheto. (Prohibido por Edital da Intendencia da Policia; vem no vol. 5.º da edição geral, p. 424.)

1804

Da Vida e feitos del-rei D. Manoel. XII Livros dedicados ao Cardeal D. Henrique, seu filho, por Jeronymo Osorio, Bispo de Silves, vertidos em portuguez pelo Padre Francisco Manoel do Nascimento. Lisboa, na Impressão regia. 1804 a 1806. Tomos I, II e III, in-8.º (Edição á custa do governo e feita por influencia de Antonio de Araujo; Filinto queixa-se muito da deturpação do seu texto.)

1806

Elogio do Doutor Antonio Nunes Ribeiro Sanches, composto em francez por Vicq'Azyr. Paris. Typ. Louis Desveux. Folheto, in-8.º de 55 pp.

1808

Ode aos Portuguezes de animo condoido. Começa: « Tinha com que viver independente.» Folheto avulso, de 1808. (Não foi incorporado na edição geral; fez-se nova reproducção em 1843.)

1809

Discurso ácerca de Horacio e suas Obras.—(Reproduzido em 1814 no *Investigador Portuguez em Inglaterra,* p. 344.) Ahi se faz referencia a outra obra: « D'elle temos ainda uma pequena *Novella* original e de assumpto portuguez, que tambem publicaremos em numeros seguintes. Se muitos leitores não acharem porém n'ella todo aquelle interesse que de ordinario costumam excitar as producções d'este genero, ao menos alli acharão a classica pureza do nosso bom estylo e linguagem; e será um modelo ou um estimulo de mais continuarmos a ser Portuguezes em nossos Livros e escriptos, assim como *tão afortunadamente o conti-*

nuamos a ser com a nossa politica independencia.» Com certeza a novella era a de *Armindo e Florisa*, já publicada em 1803.

1814

Fabulas escolhidas entre as de J. Lafontaine, traduzidas em verso. Londres, 1814. In-8.º 2 vol. (Incorporados no vol. 6.º da edição geral.)

1816

Vert-Vert. Poema de Gresset. Paris. 1816. In-8.º gr. de 60 pp. (Vem acompanhada de varias Odes, Sonetos e outras composições.)

1816

Os Martyres ou Triumpho da Religião christã. Paris. 1816. Dedicada ao Conde da Barca. Traz um retrato de Filinto differente do das Obras completas. (Foi incorporado no vol. 7.º e 8.º da edição geral.)

1817 a 1819 (2.ª edição)

Obras completas de Filinto Elysio, emendadas e accrescentadas com muitas obras ineditas e o retrato do Auctor. Paris, 1817. Imprensa de A. Bobée. In-8.º grande, 11 volumes. Foi dirigida pelo Dr. Francisco Solano Constancio; Filinto reviu o texto até ao vol. 8.º.

Vol. I. (448 p.) Comprehende o tomo I e II da edição de 1797.
Vol. II. (461 p.) O *Oberon;* e 4 cantos da *Segunda Guerra punica.*
Vol. III. (560 p.) Poesias avulsas até então ineditas. — *Vert-Vert*, etc.
Vol. IV. (432 p.) Reproduz o tom. III e IV da ed. de 1802.
Vol. V. (448 p.) Comprehende versos publicados em folhetos avulsos, já raros; e composições diversas.
Vol. VI. (556 p.) *Fabulas* de Lafontaine.
Vol. VII. (379 p.) e VIII. (461 p.) *Os Martyres.* (Filinto morreu depois d'esta publicação.)
Vol. IX. (476 p.) Prosas: Elogio de Ribeiro Sanches;

Verdadeira Historia de Armindo e Florisa; Discurso ácerca de Horacio. Tentame e Reflexões, trad. de d'Alembert.

Vol. x (555 p.) Prosas: Successos de M.lle Soneterre; Heroicidede de amor. *Cartas de uma Religiosa portugueza.* Os heroes de Novella, apolog. trad. de Boileau

Vol. xi (619 p.) Poesias ineditas até á pag. 288; *Andromaca,* de Racine; *Coriolano*, de Laharpe, 2 actos; *Pharsalia*, frag. *Tratado do Sublime*, ap. Boileau. Ode de Raynouard a Camões. [1]

1819

Vida de Jesus Christo conforme os quatro Evangelistas: posta em portuguez pelo Padre Francisco Manoel do Nascimento. Dada á luz pelos devotos congregados da Santa Via Sacra e Caridade do Archanjo San Raphael. Lisboa Na Impressão regia, 1819. In-8.º gr. de 382 p. (Foi feita sobre Ms. de Filinto, anterior a 1778, cedido a Cravoé pelo seu possuidor Joaquim José Pedro Lopes.)

1820

Odes ao Marquez de Marialva, e a José Maria da Costa e Silva. Paris, 1820. (Publicadas no *Contemporaneo*, t. ii, p. 147 e 320.)

1821

Epistola de Francisco Manoel do Nascimento, impressa pela primeira vez em Lisboa. Na Officina de Antonio Rodrigues Galhardo, impressor do Con-

---

[1] Da edição dos 11 volumes, escreveu Garrett: «um livreiro do Porto, o sr. França, ajudado e favorecido de algumas pessoas patrioticas e especialmente do sr. Viamonte, negociante portuguez no Havre-de-Grace, emprehendeu em 1816 (vindo a completar-se em 1819) a grande e uniforme edição de 11 volumes em 8.º, que se fez em Paris na Officina A. Bobée. Esta edição, não isempta de faltas, e cujo systema posto que approvado pelo auctor *me não parece o mais acertado*... (Rev. universal lisbonense, t. ii, p. 329.)

selho de Guerra. Com licença da Commissão de Censura. 1821. Começa: « Emquanto punes pelos sacros fóros.» In-4.º de 12 pp.

1826

Parnaso lusitano. Paris. (As poesias de Filinto escolhidas para esta collecção foram do texto de 1797 emendado pela mão do poeta, com que brindara José da Fonseea.)

1836 a 1840 (3.ª edição)

Obras completas de Filinto Elysio. Typ. Rollandiana. In-16.º, 22 volumes. (E' a reproducção da edição de 1817 a 19. E' a mais vulgar, e traz versões de Filinto anteriores a 1778.) [1]

1843

Ode aos Portuguezes. Reproduzida novamente na Revista universal lisbonense, t. III, p. 31, de uma copia de M. B. Lopes Fernandes.

1844

Ode a Alcipe, em resposta: « Albano não partiu, mas breve parte.» (Não foi incorporada nas edições de 1817 e 1836; acha-se nas *Obras poeticas* da Marqueza de Alorna, t. I, p. 185; vid. p. 164, 210; e no t. II, p. 95.)

1847

Vida de Jesus Christo. Paris. In-8.º

---

[1] Da edição Rolland escreveu Garrett: «e junta ao merito de uma grande correcção o da extrema modicidade de preço, e o de incluir algumas obras ineditas, que na edição franceza se não acham. Entre estas são duas tragedias *Mithridates*, de Racine, e a *Medêa*, que lamentavam perdidas os curiosos da nossa lingua e os apaixonados de Francisco Manoel.» (Rev. universal lisbonense, t. II, p. 239.)

MANUSCRIPTOS

Em 1834 Manoel de Araujo Portalegre comprou para Sergio Tavares de Macedo, então secretario da legação brasileira em Paris, «uns manuscriptos de Francisco Manoel do Nascimento que estavam em poder de umas senhoras *em casa das quaes viveu o poeta muitos annos e alli morreu*, e onde era conhecido pelo nome de Mr. Manoel.

«Estes manuscriptos estavam dentro de uma carteira ingleza e eram: *Os Lusiadas*. Duas *Memorias cynicas* offerecidas á Academia das Sciencias de Lisboa com um prologo faceto. Varios versos traduzidos e originaes. As memorias e outros versos eram da propria mão do poeta; porém o Camões não, por que era de outra mão, e com emendas da sua.» (Nota de Araujo Portalegre, apud Juromenha, *Obras de Camões*, I, 389.) Estes manuscriptos conservam-se em poder do sr. Alfredo Tavares de Macedo, consul do Brasil em Genova, que galhardamente facultou ao meu amigo Joaquim de Araujo o exame d'elles para comprazer com o meu empenho.

Entre esses papeis acha-se o seguinte requerimento, que interessa á biographia do poeta:

«Diz o P.e Francisco do Nascimento, natural da freguezia de S. Julião d'esta cidade, que elle se acha ordenado de Prybitero (sic) e para dizer sua primeira Missa, e exercitar suas Ordens; precisa licença sendo primeiro approvado de cerimonias. P. a V. Ex.a se digne a referida licença, sendo approvado das Cerimonias. E. R. M.ce.»

(Sem data, nem assignatura); segue-se:

— Examinei o supplicante e o approvo nas cerimonias da Missa. Lisboa 10 de Julho, de 1758. O b.do Antonio da Sylva e Faria.

— P. Licença. Lisboa, 11 de Julho de 1758. Costa.»
(Este requerimento é acompanhado das Cartas do presbytero impressas, com o nome e mais informações em manuscripto.)

Filinto tomara ordens de presbytero em 1754; (vid. p. 92, nota) pelo documento supra, vê-se que esteve até meado de 1758 sem dizer missa nova, talvez pela perturbação do terremoto, ou outra qualquer circumstancia intima.

Manuscripto dos *Lusiadas*, emendados por mão de Filinto. (Começa a damnificar-se.) Encadernado em pergaminho.
Consolações ás tribulações de Israel. Copia do impresso de Samuel Usque, por letra de Filinto, feita na Hollanda.
Da Religião christã. Dissertação.
Odes, Epodos, e *Carmen seculare*, de Horacio (em italiano). Copia de Filinto.
Poesias de Anacreonte, versão italiana, e copia de Filinto.
Introducção á Historia da Revolução franceza, letra de Filinto.
Vert-Vert. Ms. chant prémier. Id.
Fabulas latinas de Charles le Beau. Id.
Notas, extractos e apontamentos de diversos auct. Id.
Copias de poesias italianas. Id.
Cartas persianas; versão id.
Prosas e versos picarescos. Id.
Adele de Senange ou *Cartas de Lord Sydenham*, principio de versão. Id.
Observações sobre traducções. Id.
Zulima, começo de versão. Id.
Catão de Addisson, trad. italiana de Anton Maria Salvini. Copia id.
Copia dupla da Oração que recitou o Cura de *** Doutor em Medicina pela Universidade de *** em dia de entrudo, depois de jantar, aos confrades de S. Baforinho (letra de Filinto).
Dissertações ácerca de uma antiga usança, lida na *Academia das Necessidades* em 28 de Maio de 1783, por D. J. M. F. P. de Mathosinhos. Id.

Cartas do Cavalheiro de C. *** em resposta ás *Cartas da Religiosa portugueza.* (Começo de traducção.)
La Primavera de Signor Kleist. (Copia de Filinto.)
Poesias de Melchior Dias Ribeiro. (Um dos muitos pseudonymos de Filinto.)
La Cantica delle Cantiche. Copia de Filinto.
Papeis intimos, letra de Filinto; junto com certas de amigos; representação ao Conde de Vergennes, em francez; fragmento de um memorial em francez, de 1813.
Copias de versos francezes.
Quatro cadernos das *Obras de Garção.* (Copia de Filinto.)
Notas avulsas, aproveitando todos os pedaços de papel, como sobrescriptos, mas illegiveis.

Da Collecção Merello: *Duas Cartas autographas de Filinto:*

Mr. Pilaer

Paris, 6 de Junho 1780.

A amisade me pede de lhe escrever mais a miudo e ao amigo Math. mas d'uma parte as minhas continuadas melancholias, d'outra o temor de o enfadar e de lhes tirar o tempo devido a outras occupações mais uteis ou mais divertidas, me retem a mão resoluta a escrever-lhe. Além de que faltam-me novidades, que possam interessal-os, e em falta d'estas fallar-lhe de mim e dos meus negocios é um bem pobre regresso: assim contento-me de escrever pouco, e de imaginal-os mais, pois a saudade m'os representa a todo o instante tanto ao vivo como se conversara, e nem todo Paris é poderoso para apagar a ideia que as suas qualidades e o meu agradecimento debuxaram. Esperarei esta primavera desenfados á minha solidão corrigindo os meus versos, que Math. me tinha promettido de me enviar depois do inverno; mas talvez não pôde, talvez se descuidou; embora, paciencia! ao menos a leitura d'elles poderia avivar em mim as desbotadas phrases da minha lingua, e dar-me cabedal para novas composições, seriam tão mingoadas como as tres ul-

timas que remetti ultimamente a Alf. Verd. e Biest. Pode ser que elle e Vm. no seu descuido perdem... mas pouco perdem. Nunca perderão para mim a amizade e agradecimento

do infeliz

FILINTO.

A Monsieur

Mons.r A. Mathevon, negociant Français, pour remettre a M.r G. B. Pilaer.

Lisbonne.

Paris, 2 de Junho de 1784

Em fim, desempenhou a Musa, que tão dureira recusava o ministerio. Permitta N. Senhor que este fructo de benção ache mais graça nos olhos de seu padrinho, que os que o precederam na nascença. Ou que ao menos tenha eu d'este algumas novas, pois que não as tive dos outros, que semelhantes aos desgraçados, que sáem do Limoeiro em perenne gargalheira a embarcar na náo da India, d'onde nunca mandam noticia, ou já por que morreram no mar e foram pasto de caranguejos, ou porque em terra se meteram com gentio e *bolaverunt in seculum secul.*

Aqui espero por Mathevon esta semana, que lhe levará os cadernos, para com elles se obterem as permissões *de more.* Sómente lhe lembro, que para lh'os mandar, atalhei logo, desde o seu primeiro aviso, quanto estava começado tocante á impressão. V. n'isso obrará o que a sua amisade e o estado das cousas requer; não me deixando em falta com tratantes de Paris, que V. conhece de raiz, e para com quem um estrangeiro sem saccos de Luizes — é tido por *un escroc qui est venu attraper les honnêtes gens qui font leur commerce avec probité.*

«Junto com a Ode do Ill.mo Sr. Anselmo, vae outra, que ditou a amisade; a lembrança dos riscos que passei, e as esperanças que V. me deu n'ella tem muito o prazer que me assaltou, de poder dar-lhe um dia um abraço bem apertado na quinta dos Gerifes.

Lembre-se que não escreve a Fay ha muito tempo, e que elle merece toda a attenção. Blanchet se acha em Paris com a filha mais velha para ser *Mesmerizada;* um d'estes dias jantei com elle, e toda a sua conversação versou sobre o seu merecimento e desejos que sua filha tem que V. vá passar a Rennes alguns dias em sua casa (se Deus o traz a França) para terem o gosto de ver um ser portuguez tão estimavel quanto os outros o são menos. Vauxlandry continúa *ubique* a ladainha de seus elogios, e Fuquet e todos se tem por muito honrados com as suas memorias. Se eu me queixo por que não as tenho tão amiudadas e tão compridas, que a leitura d'ellas me enchesse os dias e as noites.

Seu am.te sou

FILINTO ELYSIO.

Ao Ill.mo Snr. Domingos Pires
Monteiro Bandeira
meu am.o e Snr. D.s G. m. ann.

Lixboa.

III

JOSÉ ANASTACIO DA CUNHA

Em uma Ode, em que Filinto recordando ao fim de vinte outo annos de desterro como se escapara ás garras da Inquisição, falla das victimas illustres, como Ribeiro Sanches e Brotero, e a lembrança de José Anastacio da Cunha exalta-o:

> Quando virá um Hercules que affouto
> Os Queimadores queime? Que as serpentes
> Da mais podrida Lerna, em duros braços
> Suffoque vingativo?
>
> Vingue Anastacio, vingue o bom Lourenço,
> E Sanches e Filinto, e Varões tantos
> Que a Patria illustrariam, se essa Patria
> Não salariasse o crime.
>
> (*Obr.*, IV, 84.)

E accrescenta em nota: «José Anastacio, honra da Universidade, honra do exercito, a quem é curto todo o elogio.» Filinto não o conhecia como poeta; em 1808 os seus versos estavam inteiramente ineditos. Mas é sob este

aspecto que aqui consideramos o seu phenomenal talento. Assim como fôra autodidacta para penetrar o systema das Mathematicas, em que o proclamaram eminente, tambem a Poesia lhe appareceu como uma expressão necessaria para as emoções intensas do sentimento, e fez-se poeta, revelando estados de espirito que impressionam e encantam. Seria um poeta de primeira grandeza, se a sua actividade scientifica e a desgraça que lhe desmoronou a existencia o não tivessem desviado da serenidade contemplativa necessaria a toda a idealisação esthetica. Para caracterisal-o, basta dizer que era um poeta que lia e admirava Shakespeare em Portugal em 1768! Pelo processo da Inquisição de Coimbra penetraremos a sua vida intima.

Na praxe do processo inquisitorial era obrigatoria a narrativa do réo expondo os factos da sua vida. Em audiencia de 10 de Julho de 1778 fez o Dr. José Anastacio da Cunha a sua autobiographia:

«que seu pae se chamou Lourenço da Cunha, já defuncto, Pintor, natural do Alemtejo, não sabe de que terra; e sua mãe se chama Jacintha Ignez, natural de Thomar, ou de alguma d'aquellas terras visinhas, e assistente actualmente n'esta cidade (Coimbra).

«baptisado na Freguezia de Santa Catherina, não sabe se pelo parocho da mesma, e foi seu padrinho Antonio Caetano. [1]

---

[1] No Livro 11, fl. 186 dos *Assentos de Baptismo* de S. Catherina, fixa-se authenticamente o seu nascimento em 11 de Maio de 1744. Vem reproduzido no tomo XII, do *Dicc. bibliographico*, (Supplemento) p. 211.

«E que elle estudou Grammatica, Rhetorica e Logica na Casa da Congregação do Oratorio de Lisboa de Nossa Senhora das Necessidades; *e Fisica e Mathematica por sua curiosidade e sem mestre*—«que nunca sahiu fóra do Reino, e n'elle se foi de Lisboa a Valença, e d'esta praça, sendo Tenente de Bombeiros (artilheiros) como tem declarado, foi destacado para a de Almeida, da qual voltou outra vez á sobredita e d'ella para esta cidade com o emprego de Lente de Geometria da Universidade.» (Fl. 79.) Tambem ahi declara: «que é solteiro, e não tem filhos alguns illegitimos.» No termo de confissão na audiencia de 1 de julho de 1778, dá alguns promenores que fixam epocas da sua vida: «Lente de Geometria n'esta Universidade de Coimbra, solteiro, filho de Lourenço da Cunha, natural de Lisboa, de *trinta e cinco annos* de edade.

«Que sendo elle bem educado e muito christãmente nos seus primeiros e tenros annos por sua mãe, que é virtuosa, e depois até á edade de *dezouto annos* (1762) pelos Padres da Congregação do Oratorio de Lisboa, onde fez os seus estudos e com os quaes tinha um trato muito familiar e intimo. Na edade de *dezenove annos* (1763) lhe offereceram a patente de Tenente de Bombeiros para o Regimento de Artilheiros que se formava para a Praça de Valença do Minho, a acceitou e passou á dita praça a exercitar n'ella este posto; e como era instruido na lingua franceza, e sem difficuldade aprendeu tambem a ingleza, foi tendo muito trato com o Chefe e Officiaes do mesmo Regimento, pro-

testantes, e especialmente com o seu Capitão Ricardo Moller, com o Brigadeiro Diogo Ferrier, e com o Barão de Heimenthal, e com os quaes andou inseparavel em todo o tempo que residiu n'aquella praça, que foi o de nove para dez annos, e lhe parece que até o de 1773, em que veiu para Lente de Geometria n'esta Universidade.» Eis aqui o rapido prospecto autobiographico, até ao momento em que reconhecido o seu genio extraordinario, que como autodidacta se tornara eminente nas Mathematicas, o Marquez de Pombal teve a alta superioridade de chamal-o ao magisterio.

Quando se constituiu em 1772 a Faculdade de Mathematica na Universidade, a cadeira de Geometria fôra provida no primeiro anno no Dr. Franzini, e no segundo no Doutor Ciera; mas por carta de 19 de Outubro Franzini ficou com a propriedade da cadeira de Algebra, e Ciera, em carta regia de 13 do mesmo mez ficou com a propriedade da cadeira de Astronomia. Era preciso um lente para a cadeira de Geometria; o Marquez de Pombal acudiu á urgencia da nova reforma, nomeando para a regencia d'essa disciplina o segundo tenente de Artilheria José Anastacio da Cunha, que estava na Praça de Valença, por carta regia de 5 de Outubro de 1773. O Marquez em carta particular informava Dom Francisco de Lemos, reitor-reformador da Universidade: «O dito militar é tão eminente na Sciencia Mathematica, que tendo-o eu destinado para ir aperfeiçoar-se em Allemanha com o Marechal General, que me tinha pedido dois ou tres moços portuguezes para os

fazer completos: Me requereu o Tenente General ·Francisco Macleane, que o não mandasse, porque elle sabia mais que a maior parte dos Marechaes dos Exercitos de França, de Inglaterra e de Allemanha. E que *he um d'aquelles homens raros que nas nações cultas costumam apparecer.*

«Sobre este e outros egualmente authenticos foi provido na primeira Cadeira do Curso mathematico, de Geometria... A falta de gráo do referido José Anastacio lhe não deve servir de impedimento, por que além de me lembrar que meu Tio, o senhor Paulo de Carvalho, foi n'essa Universidade Lente antes de ser Doutor, se pode o dito Professor doutorar depois, da mesma maneira que se doutoram os outros Professores.» [1] A portaria de nomeação de 5 de Outubro de 1773, assignada pelo Marquez Visitador, consigna: «sendo bem informado de que Joseph Anastacio da Cunha, que até agora occupou o posto de Tenente da Companhia de Bombeiros do regimento de Artilheria da Praça de Valença do Minho, ha os talentos necessarios para ser o professor d'esta Faculdade com bom aproveitamento dos discipulos: Hey por serviço de S. Mag.de nomeal-o como nomeio Lente de Geometria para a dita Universidade, onde deverá logo dar principio ás suas respectivas lições ainda antes de se achar incorporado n'ella, e á qual incorporação se procederá pela mesma maneira com que foram incorpo-

---

[1] *Historia da Universidade de Coimbra*, t. III, p. 500, e seg.

rados os outros Professores, ao tempo da sua abertura e nova Fundação.»

Como se tornou José Anastacio da Cunha conhecido do Marechal General (Conde de Lippe), que o fez notar ao omnipotente ministro? Em uma pequena Memoria sobre *Ballistica* José Anastacio considerava falsas as doutrinas de Belidor e Dulac, que o Marechal General recommendara para uso dos officiaes portuguezes de artilheria; este sabendo do escripto, deu ordem de prisão para o official, mas examinada a Memoria, viu que era scientificamente verdadeira, e reconhecendo a severidade recommendou-o ao brigadeiro Ferrier como digno de accesso na primeira promoção. [1] A alta appreciação dos

[1] Stockler, *Ensaio historico sobre a origem e progresso das Mathematicas em Portugal*, p. 163. Esta Memoria supracitada foi publicada por José Victorino Damasio e Diogo Kopke no Porto em 1838, com o titulo: *Carta Physico-mathematica sobre a theoria da Polvora em geral, e determinação do melhor comprimento das peças em particular*, escripta por JOSÉ ANASTACIO DA CUNHA em 1768. In-8.º de VIII-31 pp. e uma estampa.

Na prefação escrevem os editores: «A ella deveu José Anastacio a attenção do Marechal General commandante em chefe do Exercito, assim como chegou seu subido merecimento á noticia do Protector de quanto illustrasse a sua Patria — o Marquez de Pombal; e se reflectirmos na prohibição imposta aos officiaes do exercito pelo Alvará de 1763, de não recorrer a outros Autores do que aquelles que n'elle vêm mencionados, e na modificação a esta prohibição que se encontra a pag. 19 da *Memoria sobre os Exercicios de meditação militar*, (1763) — talvez a este escripto devesse o Exercito portuguez o maior grão de conceito que, em quanto a sua illustração, evidentemente se formou desde essa epoca na mente do Marechal.»

meritos de José Anastacio da Cunha entre a officialidade ingleza do Regimento de Artilheria de Valença transpoz os limites de Portugal, e em uma carta de 1768 publicada em um jornal inglez, escripta por um viajante que passara por Valença, apparece um retrato d'esse desgraçado homem de genio.[1]

Pela dedicatoria do opusculo de José Anastacio ao Major Simão Frazer, vê-se que o escreveu para responder á sua consulta: «V. S.ª quer saber a minha opinião sobre as materias, de que ultimamente ouviu tratar na Aula do Regimento do Porto, a saber: Theorica da polvora em geral....»

[1] Foi traduzida no *Investigador portuguez em Londres*, vol. IV, p. 31: «Não posso deixar Valença sem fallar de um dos genios mais extraordinarios, que jámais se ouviu. E' um moço de quasi vinte e quatro annos, portuguez e tenente de Artilheria n'aquella praça. E' de familia pobre e sem alguma educação: veiu a ser por forças do seu engenho e grande applicação um prodigio d'este seculo. — E' tão grande mathematico, que o coronel Ferrier, profundo n'esta sciencia, me diz que este moço o excede em muito. Elle é senhor de todas as obras de Sir Isaac Newton, ainda d'aquellas partes mais escuras, que os mesmos mathematicos julgam difficultosas; conseguintemente, é um algebrista completo e um bom astronomo, tem-se applicado á sciencia particular, que se requer na sua profissão, que inclue Engenharia, Artilheria, e outras muitas cousas pouco necessarias em Mathematicas puras. Mas, o que ainda é mais extraordinario, este moço accrescentou a esta applicação (que absorve a attenção a todos os que estudam) um perfeito conhecimento da Historia, das linguas, das bellas lettras. E' *excellente poeta* e bom critico nas linguas mortas; sabe muito bem a italiana, franceza, hespanhola e ingleza, e o coronel Ferrier, que possue perfeitamente estas linguas, e pode ser juiz competente, affirma que este moço escreve a sua propria lingua com mais pureza que muitos, e talvez que qualquer dos mais celebres auctores d'este

A entrada de um lente com vinte e nove annos na Faculdade de Mathematica, assim recommendado pelo Marquez de Pombal, e com a fama de espirito genial, devia despertar uma certa malevolencia secreta no animo do auctoritario e ex-jesuita José Monteiro da Rocha, que era então o braço direito do Reitor-Reformador. José Anastacio da Cunha entendeu que para subir á sua cadeira de lente não era necessario despir a farda militar; oppozeram-lhe indicações de uso escholar da batina, e elle alheio a pequices regulamentares dava lições com a sua farda de tenente de artilheria. Isto, em uma terra pequena, cheia de pedantões invejosos, avergada ao regimen das delações inquisitoriaes, fez com

---

paiz.— Tem traduzido em elegante portuguez não só algumas das melhores obras de Pope, mas tambem algumas das nossas mais famosas Comedias... traduziu no mesmo idioma algumas peças do celebre poeta grego Anacreonte, por onde diz o coronel Ferrier, bem conhecedor do grego, que lhe parece que a graça d'estas peças não só se conservou, mas se aperfeiçoou com a sua traducção. — Parece que não emprega o seu tempo em estudos; e pela sua grande timidez não conversa ainda nas materias mais indifferentes senão com os seus intimos amigos. E' tosco na sua pessoa e familiaridade; e parece conhecer tão pouco os termos da civilidade, quanto é versado em todo o genero de sciencia e litteratura. Com seus amigos varias vezes repete algumas das suas melhores obras dos nossos poetas inglezes, particularmente Shakespeare; e faz n'elle tal effeito a sua repetição, que parece arrebatar-se; e n'estas occasiões uma só gota de vinho do Porto, de que elle gosta o faz allienar. Este homem extraordinario parece a qualquer desconhecido um simples. Ri-se muito, e em todo o seu proceder não se descobre nenhuma d'aquellas excellencias de que é adornado.»

que dia a dia a sua vida fosse expiada. Pelas denuncias ulteriores feitas á Inquisição de Coimbra, sabemos da sua vida intima, em companhia de sua velha mãe viuva, e das pessoas que lhe frequentavam a casa, das conversas e dos livros que ahi se tratavam. O Bispo-Conde Reitor Reformador, escrevendo ao ministro em data de 12 de Outubro de 1773 allude ao *grande merecimento* de José Anastacio da Cunha «*tão claramente provido com a approvação de V. Ex.*, posso assegurar a V.ª Ex.ª que logo principiará o Reino a encher-se de insignes geometras.» [1] Se ha sinceridade n'estas palavras de D. Francisco de Lemos, sénte-se n'ellas a ironia do ex-jesuita Monteiro da Rocha, que não reconhecia outra superioridade além da sua. Vejamos a fórma da espionagem: um estudante de Leis, José Jacintho de Sousa, notou que José Anastacio entrara em sexta feira santa na egreja de Santa Clara e que sahira sem ter ajoelhado; os Padres Capuchos de Valença espalharam em Coimbra que elle era libertino, e o Doutor José Joaquim Vaz Pinto, seu visinho no bairro de San Bento, notava que tinha o *systema da vida de Filosopho;* um outro estudante, D. Rodrigo da Cunha Manuel Henriques Mello e Castro, que frequentava a casa de José Anastacio, tambem sentia aggravos de consciencia ao vêr por cima das mezas livros como o *Candide* e *Diccionario philosophico* de Voltaire, e ouvir fallar em auctores como *Hobbes* e *Helvetius;* e causava-lhe verdadeiro

---

[1] *Hist. da Universidade*, t. III, p. 514.

horror vêr que ao chá «se fazia uso de tostas de manteiga, ainda em dia de jejum» e mesmo de leite no chá. Fallava-se em poesia e bellas lettras, frequentando esse pequeno fóco intellectual alguns lentes de medicina e jovens fidalgos, como os filhos de D. Innocencio de Sousa, seus sobrinhos, o filho do Marquez de Penalva. Emquanto Pombal conservou o poder ninguem se atreveu a menoscabar José Anastacio, que vivia absorto na composição da sua obra *Principios de Mathematica*, ou em memorias especiaes, em que meditava passeando em quanto as suas visitas jogavam e discutiam. José Monteiro da Rocha sabia que livros formavam a pequena bibliotheca de José Anastacio da Cunha, e não foi isso indifferente para o plano da sua ruina. Depois da queda do Marquez de Pombal, em 3 de Março de 1777, cahiu sobre a Universidade um impulso de reacção já contra as novas fórmas pedagogicas, já contra o espirito moderno que se ia manifestando na Universidade. A Inquisição recrudescera em Lisboa, e em Coimbra começava a estender as garras em 1778; José Monteiro da Rocha, ou o Vice-Reytor da Universidade, officiou ao ministro do reino, Visconde de Villa Nova da Cerveira, participando « que no Bispado de Coimbra se tinham espalhado muitos Livros de perniciosa doutrina, não só capazes de perverter os bons costumes, mas egualmente contrarios á santidade da religião catholica e ao socego publico.» O estupido Visconde mandou proceder a inquerito das *pessoas* e dos livros; em' 5 de fevereiro de 1778, como era em Valença que viviam muitos officiaes inglezes, e

que de lá viera para a Universidade José Anastacio da Cunha, a Inquisição de Coimbra mandou um Commissario a Valença préviamente, ainda em Dezembro de 1777, e alli foram prezos nove militares, sendo outo do mesmo corpo, que deram entrada no começo do anno de 1778 nos carceres inquisitoriaes de Coimbra. Com data de 12 de Dezembro (1777) uma rapariga, Margarida, natural da Barca, namorada de José Anastacio, em cuja companhia vivera em Valença, escrevia-lhe para Coimbra, avisando-o que tinham sido presas duas outras pessoas do seu regimento por diversas cousas: «e quando n'isto me fallaram *tambem te invocaram; perguntaram se eu sabia de teu viver*... tomara saber o fim d'estas cousas, e se é certo o mais do mais que te relato, eu fico com grande cuidado.» Vê-se que já em Dezembro de 1777 se urdia a trama para envolver na rêde inquisitorial José Anastacio. Margarida (a *Marfida* dos versos do poeta) em 11 de Fevereiro de 1778 escrevia ao *adorado José*: «fiquei mais descansada da paixão que tinha havia poucos dias antes de receber a tua, que me affirmavam tu estavas fazendo companhia a Leandro e aos mais todos. Estas malditas noticias me chegaram.» De facto José *Leandro* Miliani da Cruz, tenente de artilheria, fôra preso em 7 de Janeiro de 1778 na Inquisição de Coimbra por culpas de *libertinismo*. N'esta mesma data tinham sido presos tambem José Madorra Monteiro, do regimento de artilheria de Valença, o cadete de artilheria Henrique Leitão de Sousa, e o cirurgião-mór Aleixo Vachi. Na carta de Margarida lê-se: «Tambem se

diz que hade ir breve o Canadi.» Referia-se ao capitão Keniri, um official intimo amigo de José Anastacio. A estas prisões e processo inquisitorial é que o mordente satirico Antonio Lobo de Carvalho fez o *Soneto Aos Philosophos de caldo de unto e borôa*... ou com outra rubrica: *A' tropa dos Hereges gallegos que foram processados*... (Vid. supra, 30.) Desde 7 de Janeiro até 1 de Julho de 1778, em que foi preso, o Dr. José Anastacio viveu cinco mezes sob a espectativa d'esse attentado infamissimo, que o arrancou do seu magisterio e o arrojou a um carcere e ameaças do fanatismo. Não fugiu, como Filinto Elysio; o seu temperamento philosophico fel-o esperar o golpe: *impavidum ferient ruinae.* Eis o que se passou na sua alma, como o declarou no interrogatorio: «Disse que depois que teve noticia das prisões em Valença por ordem do Santo Officio, e por n'ella ter sido elle réo reputado hereje... se temeu lhe succedesse o mesmo, e abalado por este motivo buscou o senhor Inquisidor da primeira cadeira, que não achou em sua casa, e já antes... tinha buscado no Collegio Novo ao P. M. Dr. D. Francisco da Madre de Deus, da Congregação de Santa Cruz, para com elle fazer uma confissão, e para que elle o dirigisse e instruisse, do que se excusou pelas suas occupações. E por este motivo differiu para o tempo das férias buscar em Lisboa o remedio ás suas angustias e afflicções por meio de seus Mestres da Congregação do Oratorio d'aquella cidade, os Padres Valentim de Bulhões, Joaquim de Foyos, Manoel Ferreira, Antonio Soares, e *seu amigo* THEODORO DE ALMEIDA,

e a este tinha elegido para seu director, e esperava patentear-lhe o seu interior e pedir-lhe se quizesse encarregar da sua consciencia e da sua alma...» Comprehende-se porque motivo o Conselho geral da Inquisição de Lisboa determinou que fosse preso em Coimbra antes das férias.

Pelo interrogatorio dos outros presos, é que lhe organisaram o processo; assim o tenente Leandro, referiu que havia dez annos (1768) que convivera com José Anastacio, que a pedido de Ferrier fazia traducções em versos portuguezes, e que andaram muito vulgarisadas duas *Orações*, uma de Pope e outra de Voltaire: «que admirara a elegancia e engenho com que estavam feitas, e que por este motivo as aprendera de cór...» E recitou no Tribunal da Inquisição de Coimbra a *Oração universal*, com omissão de quatro estrophes:

> Pae de tudo, a quem sempre, em toda a parte
> Tributa os cultos seus,
> O Santo ou o selvagem, ou Philosopho,
> Jehová, Jovis ou Deus!

O texto que vem junto ao processo diverge dos publicados em 1809 e 1839:

> Pae de tudo, adorado em toda a edade
> Dos pólos ao equador,
> Por barbaros, por Santos e por sabios,
> Jove, Jehová, Senhor. [1]

---

[1] *Collecç. de Poesias ineditas*, p. 123. *Composições poeticas* do Dr. José Anastacio da Cunha, p. 76.

No depoimento de Madorra Monteiro, diz-se: «que não tinha outra lição mais que a de livros prohibidos, *digo francezes e inglezes...*» O cadete Leitão de Sousa tambem se refere á *Oração* de Voltaire traduzida por José Anastacio, que os officiaes repetiam «e pelos ouvir repetir muitas vezes, como tem dito, a aprendeu de cór...» Não era preciso mais para prender José Anastacio, do que tres referencias, e em data de 1 de julho de 1778 o familiar do Santo Officio foi a casa d'elle ao Bairro de San Bento e o trouxe prezo e entregou ao alcaide dos carceres José Antonio de Oliveira. O Conselho da Inquisição de Lisboa mandara apressar a prisão de José Anastacio antes de se retirar em férias para Lisboa, porque na côrte era estimado e tinha a influencia de amigos. Depois de prezo viu-se a suprema torpeza de Doutores e estudantes denunciarem o eximío philosopho! porque entrara e saíra em uma egreja sem se ajoelhar; porque comia tostas com manteiga, porque fallara em Hobbes e Helvetius, e lia livros francezes e inglezes; porque se dizia que tinha vida de philosopho. Tal era o aspecto da reacção que se seguiu á queda do Marquez de Pombal.

A Inquisição de Coimbra fez auto de sequestro aos seus livros e papeis, em 2 de julho de 1778, que foram avaliados por peritos; entre as obras scientificas estavam as de Newton, de D'Alembert, de Lalande, de Boerhaave, de Linneu, de Hervey, de Hobbes. Em litteratura possuia as obras completas de Shakespeare, que lia com enthusiasmo, de Milton, de Sterne, de Yung; possuia Rabelais,

Molière, Voltaire; Tasso e Metastasio; Cervantes, Gongora; nas linguas classicas Homero, Virgilio, Horacio, Petronio, Suetonio, Tacito e Cicero; e na lingua portugueza as obras de Camões, a *Historia Tragico-maritima*, as obras do Padre Vieira. Todos esses livros revelavam um fino gosto artistico que se reflectia na sua expressão litteraria. Entre os livros scientificos havia um «*Euclides* em grego, do lente José Monteiro da Rocha» (fl. 67 do Processo.) Era o vestigio de uma anterior communhão scientifica; em uma Epistola *Contra os vicios que impedem o progresso das Sciencias*, é a José Monteiro da Rocha que se dirige:

Que te serve, *Montezio*, envelheceres
Curvado sobre os livros, noite e dia,
Vendo esconder-se o sol, raiar a aurora,
Convulso de cansado o debil peito?
Que esperas de trabalhos tão continuos?
Acaso esperas que a *thiara* ou toga
Os teus duros cuidados premiando,
O sangue requeimado adoce e accalme?
. . . .
O sabio benemerito, prudente
Louros não cinge, quando a audacia impera:

Para tornar os considerandos philosophicos mais poeticos, José Anastacio finge uma resposta de Montezio, em que com certo movimento dramatico lhe devolve:

O ser util ao rei, á patria, ao estado,
O respeitar das leis o mando augusto,
Soccorrer, quanto posso, o pobre oppresso,
Abraçar da virtude o nobre influxo,
Fartar o coração de altas ideias,

Bebidas da moral na fonte pura,
Eis aqui, meu Alcino, a grande meta,
Que devemos tocar, se pretendemos
De palmas immortaes cingir as frontes
E ter nome na posthuma memoria.

(*Comp. poet.*, p. 90.)

José Anastacio enganara-se na sua simplicidade genial; Montezio era um espirito árido, disciplinador, inflexivel e invejoso. Foi principalmente por causa dos versos philosophicos que José Anastacio soffreu os interrogatorios inquisitoriaes; é natural que dirigindo uma composição poetica a Monteiro da Rocha, o ex-jesuita conhecesse as outras revelações do seu talento litterario.

No processo que a Inquisição de Coimbra promoveu contra o insigne mathematico insiste-se sobre a traducção que fizera da *Oração* com que termina o poema *Sobre a Lei Natural*, de Voltaire. Esta poesia não se acha colligida nas *Composições poeticas* do Doutor José Anastacio da Cunha publicadas em 1839 por Innocencio Francisco da Silva; vem inclusa no processo em duas variantes. No depoimento do cadete do Regimento de Valença, Henrique Leitão de Sousa, tambem preso por livre-pensador (libertinismo) na Inquisição de Coimbra, recitou elle a *Oração* traduzida por José Anastacio da Cunha:

Oh Deus, a quem tão mal o homem conhece,
Oh Deus, a quem todo o universo acclama,
As palavras escuta derradeiras
    Que a minha bocca fórma.
Se me enganar foi tua (santa) Lei buscando;
Pode o meu coração da boa estrada
Perder-se, mas de ti sempre está cheio.

Sem me atemorisar, diante dos meus olhos
A eternidade vejo, e crêr não posso
Que um Deus, que o sêr me deu,
Que um Deus, que tantas bençãos
Lançado tem sobre os meus dias,
Agora extinctos elles, finalmente
Haja de atormentar-me eternamente.

Eis a outra versão, recitada de memoria por José Anastacio da Cunha no tribunal:

O' Deus, a quem tão mal o homem conhece,
O' Deus, que o universo todo acclama,
Se vivi enganado sempre foi
Minha tenção buscar a tua Lei.
Sem me assustar, diante dos meus olhos
A Eternidade vejo, e não posso
Julgar que um Deus que o sêr me deu,
Que um Deus, que tantas bençãos
Sobre os meus dias tem lançado,
Agora extinctos elles
Me haja de atormentar eternamente. [1]

[1] Esta variante, recitada pelo desgraçado mathematico, é inferior á versão denunciada pelo cadete Leitão, que a conservara melhor de memoria. Aproximando-a do texto de Voltaire vêr-se-ha que não é propriamente uma traducção, mas uma bella paraphrase:

PRIÈRE

Ó Dieu, qu'on meconnaît, ò Dieu, que tout annonce,
Entends les derniers mots que ma bouche prononce:
Si je me suis trompé, c'est en cherchant ta loi.
Mon cœur peut s'égarer, mais il est plain de toi.
Je vois sans m'alarmer l'éternité paraitre;
Et je ne puis penser qu'un Dieu qui m'a fait naître,
Qu'un Dieu qui sur mes jours versa tant de bienfaits
Quand mes jours sont éteints me tourmente à jamais.

Transcrevemos da acta da audiencia de 13 de Julho de 1778 a parte do interrogatorio sobre estas traducções que fez José Anastacio da Cunha:

«Perguntado, se está lembrado ter confessado que em Valença no tempo dos seus erros fizera a traducção de huma *Oração* que Voltaire traz no fim do seu Poema da *Ley natural*, o que fez por lhe parecer no dito tempo que a referida *Oração* nada tinha dissonante da Religião catholica, ainda que ao depois conheceu que podia ter muito máo sentido?

«Disse, que lembrado está.

«Perguntado, se antes de fazer a dita traducção leu o dito Poema da *Ley natural*, de Voltaire?

«Disse, que sim.

«Perguntado, que conceito formou d'elle, pelo que respeita ao fundo de Religião, que n'elle pretendeu estabelecer o seu Author?

«Disse, que agora não poderá dizer com certeza por se ter passado muito tempo, o conceito que então formou do dito Poema quando o leu, mas sempre conheceu n'elle que o Author se afastava da crença da nossa santa Religião.

«Perguntado, se he verdade que o dito Author no sobredito Poema não ensina mais que os principios do Deismo, e se o seu Deismo não he outra cousa mais que uma Irreligião sem principios?

«Disse, que ha muitos annos que o não lê, mas crê que assim he.

«Perguntado, se he verdade que elle combate no dito Poema as verdades mais bem

estabelecidas, sem outras provas mais que a sua petulancia em decidir, se elle mesmo se não contradiz e cae no precipicio dos que buscam a origem da verdade que se não acha mais que na Revelação, e em uma rasão a ella submettida?

«Disse, que com especialidade se não pode bem lembrar de que se achem todos estes erros no dito Poema, e só de que elle quer estabelecer n'elle a Tolerancia e o Deismo; mas se lembra que nas mais obras que do mesmo Author tem lido se manifestam muito bem todos estes defeitos.

«Perguntado, pois sendo d'este caracter as obras do dito Author, e tendo o dito seu Poema os erros oppostos á Religião revelada que elle réo confessa lhe conheceu quando o lêra, como podia deixar de ser concebido nos mesmos sentimentos a *Oração* que remata o dito Poema, e como podia deixar de os conhecer elle réo quando a traduziu?

«Disse, que quando elle fallara que lhe não conhecia o veneno, se não explicara bem, pois queria dizer que lhe parecia ella podia ter hum sentido estando separada do dito Poema; e que quem a lêsse assim separada como elle réo a traduziu lhe não conheceria o veneno que em si occultava.

«Perguntado, se pelo primeiro verso:

Oh Deus, a quem tão mal o homem conhece,

se não manifesta bem o sentido que o Author teve n'esta expressão, excluindo a Revelação e todas as verdades da Ley Evangelica, na qual se nos annunciou o Mysterio da Santis-

sima Trindade e a Incarnação do Divino Verbo, e se se pode dizer em bom sentido, que o homem conhece mal a Deus, depois de ter estas luzes e este conhecimento em que deve crêr sem duvida ou hesitação alguma?

«Disse, que lhe parecia ter ouvido a pessoas doutas e christãs que o Mysterio da Santissima Trindade se não podia comprehender, e que por isso se poderia dizer a Deus ainda por qualquer christão:

> Oh Deus, a quem tam mal o homem conhece,

no sentido de excederem os seus attributos a sua comprehensão.

«Perguntado, se entende que este foi o sentido que teve o Author n'esta expressão?

«Disse, que julga que não, e que só seria de excluir a Revelação e de fazel-a incerta.

«Perguntado, se pelo segundo verso:

> Oh Deus, que o universo todo acclama

se não está bem vendo o espirito do Author e os seus sentimentos de Religião, e se não é isto uma recopilação do systema que quer estabelecer em todo o seu Poema, de que todos os homens se salvam, de qualquer nação que sejam, e de qualquer Religião que seja?

«Disse, que n'este verso entendia, que todos de qualquer nação e de qualquer Religião que fossem, adoravam um Deus, porém que não se seguiria d'ali que houvessem todos de se salvar.

«Perguntado, se todas as nações adoram ao verdadeiro Deus?

«Disse, que lhe parecia, que todos adoravam ao mesmo Deus, que nós adoramos, só com a differença de que nós o conhecemos melhor e a sua verdadeira Ley pela fé...

«Perguntado, se pelo terceiro verso:

> Se vivi enganado, sempre foi
> Minha tenção buscar a tua Ley

se não manifesta tambem a incredulidade da Revelação, que por ser authorisada por Deus exclue todo o engano; e se Voltaire podia dizer a Deus com verdade, que sempre a sua tenção fôra buscar a sua Ley para respeital-a e cumpril-a, quando das suas infernaes obras se mostra não ter outra mais que deshonral-a, ultrajal-a e combatel-a?

«Disse, que quando fez a traducção lhe não percebeu bem este erro, que com effeito lhe conheceu muito bem depois.

«Perguntado, se no verso:

> Sem me assustar a Eternidade vejo

se não vê outra prova d'esta incredulidade, pois ainda que hum verdadeiro christão pela grande confiança em Deus junto com as boas obras diminue muito o susto ou temor da Eternidade por não saber depois de peccar se recuperou a graça de Deus, sempre se assusta e sempre teme o passo por que entra na Eternidade, como tem succedido aos maiores Santos do Christianismo, e o impio Voltaire nada teme por que nada crê, e por que reputa fabulas espalhadas pelos ministros do Evangelho tudo quanto prégam da Eternidade.

«Disse, que confessa que este he o mais natural sentido do verso, e que bem lh'o conheceu depois de ter feito a traducção; mas que quando a fizera julgou que podia ter bom sentido.

«Perguntado, se nos outros versos:

E não posso julgar,
Que um Deus, que o sêr me deu,
Que um Deus, que tantas bençãos
Sobre os meus dias tem lançado,
Agora, extinctos elles,
Me haja de atormentar eternamente

não estão ainda manifestas todas estas impiedades? Que outra cousa diz n'elles a Deus Voltaire mais do que isto? Que mal com effeito te fazem nossos prazeres, e nossos brincos e zombarias? Tu não pensas como os devotos, e Tu não és tão impeccavel e tão barbaro como elles se esforçam de te representar. Não posso julgar que tendo-me feito tantos beneficios hajas de me negar este, e me hajas de atormentar eternamente, obre como obrar, segundo os ditames da minha rasão, ainda sem a sujeitar a algumas Leys e preceitos.

«Disse, que bem reconhece e reconheceu depois de feita a dita traducção, que este era o natural sentido que se manifestava dos ditos versos; mas que fôra tal a sua hallucinação que quando fez a dita traducção entendeu que podia ter bom sentido, e declara que não diz isto para diminuir a sua culpa, porque se considera egualmente culpado em não procurar destruir a dita traducção, para que não corresse pelas mãos de outros a quem podia servir de escandalo.» (Fl. 91 a 94 ℣.)

Agora sobre a *Oração universal* de Pope, de que o accusara o tenente Meliani, elle proprio confessa:

«Disse mais, que tambem de Pope traduziu outra *Oração*, que lhe pareceu uma Paraphrase do Padre Nosso, e na qual não percebeu erro algum, e se o tem é bem occulto, imperceptivel, e lhe parece era concebida n'estes termos:

Pay de tudo, adorado em toda a edade
Dos Polos ao Equador,
Por barbaros, por santos e por sabios,
Jove, Jehovah, Senhor!

Tu, a primeira Causa, e a mais occulta,
Em cujo alto, immenso pégo
Submergida a minha alma, só conheço
Que tu és bom, e eu sou cego.

A distinguir o bem do mal me ensina,
Em tão grande 'scuridade;
A Natureza ao Fado prende, e livre
Deixa do Homem a vontade.

Ensina-me a sentir o mal alheio,
A alheia falta occultar;
E a compaixão que eu sinto com meu proximo
Commigo a queiras usar.

Livra-me tanto da vontade nescia
Como do impio desprazer,
Pelo que, o teu amor outorga ao homem,
Ou lhe nega o teu saber.

Sustento e paz hoje te peço, e quanto
O sol doira com a luz sua;
Se é melhor que m'o dês ou não, bem sabes,
Faça-se a vontade tua.

Vil sou, mas não em tudo, pois me alenta
Teu sôpro. Oh! tu me guia,
Na passagem qualquer que fôr, da vida
Ou da morte n'esse dia.

«Disse mais, que nas sobreditas *Orações* faltam alguns versos de que agora se não lembra, e que estes mesmos que repetiu não estão pela sua ordem...»

Na mesma audiencia de 13 de Julho de 1778:

«Perguntado, se está mais lembrado de ter dito em suas confissões que fizera outra traducção de Pope, que lhe pareceu ser uma Paraphrase do Padre Nosso, e não só lhe não percebeu erro algum contra nossa santa Religião quando a fizera, mas que ainda agora se persuadia que não tinha?

«Disse, que lembrado está.

«Perguntado, se elle leu as obras de Pope; que conceito faz d'ellas e da religião do seu Author?

«Disse, que elle não tem lembrança, pelo ter lido ha muito tempo, do conceito que formou da religião do Author, e só se lembra que em outro que leu, que não está bem certo qual era, viu uma critica á obra do dito Pope intitulada *Ensaio sobre o Homem*—na qual parecia refutar o erro que elle na dita obra mostrava ter, de que não digo ter, ou da qual se deduzia por incompatibilidade da sua Filosofia, que não havia o peccado original no Systema Leibnitziano, e que tem ouvido dizer que o dito Pope sempre vivera e morrera catholico romano; e se nas suas obras ha doutrina errada, lhe parece he muito

occulta ao menos a respeito d'elle réo, pela falta que tem de conhecimentos theologicos e moraes, como tem confessado.

«Perguntado, como se pode dizer em sentido canonico, que Deus he:

.... adorado em toda a edade
Dos Polos ao Equador,
Por barbaros, por santos e por sabios.

«Se não são estes os mais claros sentimentos da Caballa Filosofica, que Deus he e foi em toda a edade, ou em todo o tempo egualmente adorado pelo pagão, nas impudicicias que authorisou e prescreveu para as Festas da Boa Deusa, de Venus, de Adonis, e de tantos outros que adorou por Deuses a cega Gentilidade; pelo que o Africano, Mexicano e outras barbaras Nações, nos sacrificios de victimas humanas, que como actos de piedade têm offerecido e ainda offerecem a Deus por culto de sua Religião; pelo Judeu, que amaldiçôa e detesta a Jesus Christo, fundador da Religião dos christãos; pelo Sociniano, que o não respeita mais que como hum grande homem amado de Deus; pelo Mouro, que só o respeita como hum Propheta; pelo Deista, que não tem respeito ás suas Leys; como pelo Christão que o adora como seu Deus e serve como um Legislador divino supremo e absoluto. E que Deus olha com a mesma egualdade as impudicicias do Pagão, as crueldades do Barbaro, as maldições do Judeu, a indifferença do Sociniano, o fraco respeito do Turco, o desprezo do Deista, ou a adoração do Christão?

«Disse, que o pensamento que formou da expressão dos ditos versos foi de que quasi todas as Nações reconheceram a hum Deus Creador de tudo, e que isto era verdade; que ellas nos Cultos que lhe tributavam bem vê que erraram, não sendo regulados pela Fé e Revelação; mas a fraqueza do seu discurso lhe não fez ver no tempo d'esta traducção que ella podia ter este máo sentido.

«Perguntado, que outra cousa contém o verso:

Jove, Jehovah, Senhor,

se não a mais execranda blasphemia e profanação do sacrosanto nome de Deus Jehovah, posto de par a par com o de Jove ou Jupiter, e dando-se a ambos o nome de Senhor, ou seja o que adoram os Gentios, ou os Christãos? Se não he isto ajuntar a luz com as trevas, Christo e Belial? Se não são animadas estas expressões pelo mesmo espirito de Tolerantismo? e se isto, está occulto debaixo de algum véo, e se não conhece logo que hum Christão lê taes impiedades, que só ao que por taes não as tem, e o não he, se podem occultar?

«Disse, que pelo nome de Jove ou Jupiter, queria o Author expressar que Deus fôra e era adorado pelos Barbaros, de que acima fallava, nos outros versos, e com este nome, e que o mesmo Deus era adorado depois de se revelar aos Judeus com o nome de Jehovah; e que com o mesmo, e tambem com o nome de Senhor he que entendeu se podia denominar Deus com os sobreditos nomes,

sem offensa da Religião catholica, mas agora detesta toda a má intelligencia que não só n'este, mas em todos os mais versos se manifesta.

«Perguntado, se esta *Oração* era feita para com ella deprecar a Deus o Pagão, e o Barbaro ou o Christão?

«Disse, que lhe parece, que por ser huma Paraphrase do Padre Nosso, ao menos em alguma parte era só feita para o Christão com ella deprecar a Deus; ainda que lhe parece que sempre a julgou mais como huma composição meramente poetica, do que como uma oração para com ella se deprecar a Deus nosso Senhor.

«Perguntado, se tambem esteve persuadido de que qualquer christão que d'ella uzasse e com ella deprecasse a Deus nosso Senhor lhe offereceria um muito agradavel culto?

«Disse, que nunca semelhante cousa lhe viera á imaginação, que alguem se lembrasse d'ella para deprecar a Deus, e só a reputava sempre como um dito, como uma mera composição poetica.

. . . .

«Perguntado, se os outros versos:

> Tu, a primeira Causa e a mais occulta,
> Em cujo immenso pégo
> A minha alma submergida, só conhece
> Que tu és bom e eu sou cego,

não são marcados ao mesmo cunho dos da *Oração* de Voltaire, em que exclue a Revelação pela qual se nos descobrem as perfeições de Deus que o distinguem das Deidades fingidas?

«Disse, que tal foi a sua cegueira que não conheceu todo este veneno que agora conhece se occultava nos ditos versos.

«Perguntado, se sendo todo o resto dos mais versos huma Oração que falla em hum Deus incerto, seja qual fôr, e se devendo nós orar não a Deus desconhecido mas áquelle que nos annunciaram os Apostolos, não he toda ella digna de censura, e indigna de ser proferida por hum christão?

«Disse, que assim o crê agora, e que a sua cegueira lhe não fez vêr isto ha mais tempo.

«Perguntado, se está lembrado ter confessado mais, que na dita *Oração* faltavam alguns versos que não repetira por não estar d'elles lembrado?

«Disse, que sim.

«Perguntado, se serão alguns d'elles estes:

> Tudo aquillo que dita a consciencia
> Oh, faze-m'o apetecivel
> Mais do que o céo e tudo que prohibes,
> Mais que o mesmo Inferno horrivel?

«Disse, que sim, era.

«Perguntado, que outra cousa se pode deduzir d'elles mais que os mesmos erros em que elle réo tem confessado cahiu, persuadindo-se que obrando conforme os dictames da sua Rasão e consciencia, ainda que errasse, não seria réo de eterna condemnação e se salvaria como não obrasse por malicia, mas sómente por falta de conhecimento, que he o mesmo que reconhecer só como regra de obrar a consciencia ou a luz da Rasão e não a da Fé, que dá a Revelação?

«Disse, que agora se persuade ser este o mais natural sentido dos ditos versos combinados com os mais, o qual a sua cegueira lhe não deixou ver bem.

«Perguntado, se serão tambem mais alguns dos versos da dita traducção que diz lhe esquecem, estes:

Não presuma esta mão fraca, ignorante
Os teus coriscos vibrar,
E cuidando que são teus inimigos
Homens, Nações condemnar?

«Disse, que sim, eram.

«Perguntado, que sentido bom e christão considerou, e ainda agora considera têm estes versos? Que outra cousa indicam elles mais, que o não crêr que Deus tenha por inimigos as Nações e as differentes sociedades e seitas do Pagão, do Barbaro, do Selvagem, do Deista, do Atheo, do Materialista, do Indifferentista e de outro qualquer, que não era o Evangelho, e que Deus os haja de condemnar; e se não he tudo isto opposto á mesma doutrina do Evangelho — *qui vera non crederit condemnabitur?*

«Disse, que elle confessa agora lembrar-se de quando fizera a dita traducção não deixara de conhecer que o mais natural sentido dos sobreditos versos era o que se lhe tem referido; mas que considerou que tambem poderiam ter algum bom, qual era poder-se dizer com verdade, que os homens muitas vezes se enganam nos seus juizos, julgando que talvez se condemne o que se salve e que se salve o que elles julgam se condemne, pois que ao

maior peccador podia Deus dar na hora da morte efficazes auxilios com que elle merecesse a graça final; mas que bem viu que esta intelligencia aos ditos versos era arrastrada e violenta.

«Perguntado, como he possivel que elle Réo se esquecesse d'estes versos e dos penultimos, que agora lhe foram lembrados, para deixar de os repetir, quando repetiu os mais, ao mesmo tempo que confessa que bem conhecera que n'estes estava mais claro o veneno, de que se mostra que pela pouca sinceridade com que faz as suas confissões deixou maliciosamente de os declarar e não por que d'isso se esquecesse?

«Disse, que elle estava persuadido que entre os seus papeis seria achada esta traducção, que bem se lembrava ainda entre elles conservara, e que por isso se não podia occultar a esta Meza, e o não repetil-a toda inteiramente foi unicamente por não ter de toda ella lembrança.

«Perguntado, se está mais lembrado ter confessado que estas *Orações* se publicaram e espalharam em Valença, e que elle só teve na traducção d'ellas o fim de lisongear o seu Brigadeiro por fazer apreço das suas Obras?

«Disse, que lembrado está.

. . . .

«Perguntado, como quer ser acreditado, de que (estando elle réo no tempo que fez estas traducções persuadido dos mesmos erros que d'ellas se manifestam, tendo-as dado ao Tenente João Baptista, e tendo-se ellas divulgado e espalhado na Praça de Valença,) fosse só o seu fim n'esta traducção o que

quer inculcar, de lisongear com ella o seu Brigadeiro e o de condescender com o seu gosto, e não o que se faz palpavel, de que elle só quiz fazer sequazes dos seus erros e da sua impia Filosofia, que tinha bebido nas corruptas fontes de Voltaire e outros Filosofos declarados inimigos do Christianismo, Heresiarcas e Dogmatistas da impiedade, da irreligião e da mais perversa e monstruosa Moral; que declare os verdadeiros fins que a isso o moveram, para desencarregar inteiramente a sua consciencia, pôr a sua alma em estado de salvação e fazer-se merecedor da misericordia que pretende.

«Disse, que tinha declarado os verdadeiros fins que o moveram a fazer as ditas Traducções, e lhe parece que quando traduziu a *Oração* de Voltaire, que foi muito no principio da sua assistencia em Valença, ainda não tinha cahido nos erros em que cahiu, e tem confessado; e pela falta de reparo e reflexão propria dos poucos annos que então tinha lhe não conheceu o veneno que continha; e a de Pope, supposto a traduziu já tinha cahido em alguns erros, nunca o seu animo foi disseminal-os, nem lhe pareceu que elle se manifestava tanto na dita *Oração*, que corresse risco não só de alguem se perverter com ella, mas de ser elle réo reputado herege e Dogmatista, o que bem provava não se occultar por Author das ditas traducções; agora porém, reconhece o mal que fez, em não procurar que as ditas *Orações* não corressem, quando advertiu que muita parte d'ellas tinha tão máos sentidos.

«Perguntado, se está mais lembrado ter

confessado, que tendo dado as ditas *Orações* e outras obras poeticas amatorias ao sobredito Tenente, este as mostrara, e as suas Composições de Mathematica (que ardilosamente conseguiu sem elle réo saber do sargento que lh'as copiava em Almeida) a seu Mestre o Padre Joaquim de Foyos, da Congregação do Oratorio de Lisboa; que este o reprehendera da liberdade dos seus pensamentos indicados em algumas das ditas obras, que julga serem as amatorias, pois a outra intitulada — *Veritati Sacrum* — não tinha lembrança a mostrara, nem dera ao dito Tenente?

«Disse, que lembrado está,» etc. [1].

Embora considerado como um genio mathematico, era José Anastacio um vibrante e apaixonado poeta: bastava o seu profundo temperamento philosophico para o tornar eminente em qualquer manifestação do espirito, como observara Diderot. Os seus versos são de duas cathegorias: as traducções de Odes que exprimem a libertação da consciencia segundo o negativismo do seculo XVIII, que os seus amigos da guarnição de Valença recitavam de cór, e os idylios intimos em que descrevia os seus amores com uma rapariga do povo em um naturalismo paradisiaco. No seu depoimento José Maria Freire, sargento do Regimento de Artilheria, diz de José Anastacio: «que elle estava publicamente amancebado com huma moça chamada *Margarida*, que se dizia ser da villa da Barca, e tendo-a

[1] Fl. 94 ℣ a 100. Processo n.º 8087, na Torre do Tombo.

em sua casa continuamente, e só na vespera que se havia de confessar pelo preceito quadragesimal a lançava fóra, mas logo ao outro dia a mandava chamar; *e nas poesias e versos que fazia se lembrava da sua Margarida*, de que se mostra bem claramente que elle fazia gala de seu peccado.» (Fl. 28 ỹ.) A historia d'estes amores de uma mocidade ardente imprime nos seus versos uma faisca de vida, que o põe acima de todos os lyricos do seu tempo. Vence sem difficuldade os artificios da metrificação, que não conhece completamente, mas infunde nos versos uma emoção realista, e profundamente humana. Como descreve a revelação da vida que lhe deu o amor:

Oh meu, oh meu amor, onde fugiste?
Onde estou eu agora, e aonde estava?...
A alma começa a conhecer que existe,
Que até agora sabia só que amava.

Não estive n'um mar quasi afogado
De ineffavel angelica ternura?...
Respiro apenas — inda estou cercado
Da estranha, grossa nuvem de luz pura.

De amor prodigios, inda não ouvidos,
Que absorto sinto, e que entender não sei!...
Solta-me a alma dos mortaes sentidos,
Ou acórdo de um sonho?... Ah! não sonhei.

Não, não sonhei; que estes teus braços vejo
Inda na acção de te abraçar pasmados!
Não sonhei, não; que inda o celeste beijo
Góso nos labios mais que namorados.

....

Faz de duas visinhas gotas de agua
Uma só a invencivel attracção;
Fórma amor em celeste ardente frágoa
De nossos corações um coração.

Mesma vontade, mesmo pensamento,
Mesmos desejos, mesmo terno ardor;
Somos emfim (que gloria! que protento!)
Não dois amantes, mas um mesmo amor.

....

Sim; do terrestre corpo libertados
Viver emfim (que amor o diz, não mente)
De Deus no seio iremos abraçados
Doce, estreita, continua, eternamente.

Esta ode, intitulada *O Abraço*, faz lembrar as futuras *Meditações* de Lamartine; quando José Anastacio escreveu essa deliciosa composição já se sentia visado pelo intolerantismo:

O miserrimo, e triste mal sonhava
Que de *dentro da horrenda escuridão*
De uma nuve' infernal, já levantava
Sobre elle a desventura a cruel mão.

(*Comp. poet.*, p. 8.)

A *Espersa amorosa* faz lembrar uma ode de Schiller, que exprime a mesma anciedade:

Coração terno, quando presentires
Que ella já se avisinha; quando a vires,
Quando junto ao seu peito te apertar,
Quando o seu tambem vires palpitar,
Temo que de ternura o forte effeito
Te faça rebentar dentro no peito.

....

Quando virdes voar-me arrebatado
Em a vendo — e em seus braços apertado,
Nada poder dizer-lhe, e só no peito
Sentir de amor o coração desfeito,
E ambos de um só fogo consumidos,
Ambos sem côr, sem falla, e sem sentidos;

(*Ib.*, p. 9.)

Na ode *Noite sem somno* descreve como o poeta e Margarida fizeram a sua união perante a Natureza:

Amor, de especie mais sublime e pura
Respira quanto em sua formosura
A minha alma contempla, quasi louca.
Face attractiva e attractiva bocca;
Rosto que encanta, affavel e sisudo,
Olhos, palavras, movimentos, tudo!...
Pode esquecer-nos nunca aquelle dia
Em que, por mais que humana sympathia
Sentimos nossas almas attrahidas,
E para sempre, para sempre unidas?
Tosca, estreita palhoça afortunada,
Em que a nossa união foi celebrada;
Tosca, estreita palhoça!... Em ti contemplo
De todo o mundo o mais augusto templo.
Que mais augusto e esplendido apparato?
Que mais solemne e respeitavel acto?
Oh céo!... dize, meu bem, do céo não vias
A mão em tudo quanto em nós sentias?...
Sim; nosso amor o céo n'ella approvou,
As mãos e almas o céo nos enlaçou.
Pergunte o vulgo vão, que amor jurámos,
Que fé? — Démos as mãos e suspirámos.
Querer prender do instincto a liberdade
Com promessas, ridicula vaidade!

. . . .

Amor, se o mundo vis prisões lhe tece,
Sacode as azas, e desapparece.
Jurar! e o que?... Qualquer de nós não via
Tam claro no outro quanto em si sentia?...
Cheio de amor, admiração, respeito
Quando a mão me tomou e a uniu ao peito
Não via, oh céos, não via a luz divina

. . . .

Não via absorto a affavel magestade
O amor, amor angelico, a verdade?

(*Ib.*, p. 27.)

As odes *Despedida* e *Recordação de um objecto ausente*, lembram a situação em que José Anastacio fôra destacado em 1772 para a praça de Almeida. Margarida, quando o poeta regressou a Valença, foi viver na sua companhia, em recolhimento absoluto; os denunciantes da Inquisição notaram que ella não ia á missa, e consideravam-na o objectivo dos versos de José Anastacio da Cunha, de que já alguns curiosos faziam collecção. Sabe-se pelo processo e por uma carta de Fr. Joaquim de Foyos, que o tenente João Baptista, camarada de José Anastacio, grande apaixonado de versos, colligia em volume todas as composições poeticas do seu amigo: «Disse agora, lhe occorria declarar mais, que em Valença teve alguma amisade com um tenente do seu Regimento chamado João Baptista, ou para melhor dizer, este a procurava ter com elle réo, mostrando que muito a desejava,... e *tendo o sobredito muita paixão pela poesia*, fazia copias e collecções de todas as obras poeticas que podia haver á mão, e elle réo lhe deu algumas que tinha feito de versos amatorios, e entre elles lhe parecia que tambem lhe deu a traducção das duas *Orações* de Voltaire e Pope, que tem declarado, mas em tempo em que ainda lhe não pareciam más; e foi tão astuto, que estando em Lisboa, e *elle réo em Almeida*, sabendo de um sargento que copiara a obra de Mathematica, que andava trabalhando, conseguiu d'elle lhe mandasse uma copia para Lisboa, sem que elle réo soubesse, e tudo alli mostrou a seu Mestre o P.e Fr. Joaquim de Foyos, da Congregação do Oratorio, ou par-

te; de que resultou escrever-lhe o dito Padre, e mandar-lhe outro prologo para a dita obra, por não gostar do que elle tinha feito, e elle réo lhe respondeu, e lhe parece lhe escreveu n'esta occasião duas cartas, e recebeu d'elle outras duas, (1772) e tem alguma remota lembrança, que o dito Padre ao mesmo tempo que lhe louvava a obra o reprehendia de alguma liberdade nos versos, que julga serem os amatorios, ainda que não pode com certeza dizer se o dito João Baptista viu a obra intitulada *Veritati Sacrum*, ou por lh'os mostrar o Brigadeiro, ou por que elle réo lh'a mostrasse estando bebado, por que não tem lembrança alguma de lh'a ter mostrado, e lhe parece impossivel tel-o feito estando em seu accordo.» (Fl. 81 ℣.) Vejamos alguns trechos da carta de Frei Joaquim de Foyos, que interessam para o conhecimento da vulgarisação dos versos de José Anastacio: «O tenente João Baptista, em que V. m. tem hũ grande admirador e um amigo, que conhece e sabe avaliar o seu merecimento, foi quem me deu noticias individuaes, e isto muito por acaso, por que eu não tinha conhecimento algum do tal João Baptista, mas vindo aqui á Livraria d'esta Casa me falou na sua *Arithmetica universal* e me repetiu alguns versos dos que V. m. tinha feito; depois me trouxe a Arithmetica e *os versos, os quaes actualmente param na minha mão.*

«Quanto á confissão que V. m. faz dos seus erros, creio que é em parte necessaria, e em parte não. E, primeiramente, pelo que toca aos versos, prescindindo da materia, não são indignos de apparecer, por que em todos

elles os pensamentos são verdadeiros, e muito frequentemente nobres e poeticos; assim a uns sustenta-os a verdade, a outros levanta-os a novidade, a belleza e ainda a sublimidade. A Ode sobre a Empreza da Academia de Valença é um Dithyrambo de que gostei muito. Os heroicos, que têm por epigraphe *Veritati Sacrum* contém muita cousa boa, e verdadeiramente poetica. Porém, a materia de quasi todos os outros versos, não sei eu nem saberá ninguem desculpar. Corrompe e perde não só o christão, mas até o homem. Sim, estão de cousas d'este genero cheias as obras dos poetas, mas a ninguem salvam os peccados dos outros. A *Oração universal* de Pope contém cousas que não cabem no animo christão. Vejo que V. m. hade dizer que brincava como poeta; porém, quando tornar a trazer á memoria aquelles bons principios que V. m. algum dia teve, e pelos quaes se escrupulisava até de abraçar aquelle genero de vida, que não é de si máo, mas estava sujeito a alguns perigos da consciencia,... conhecerá com o claro entendimento que tem, que fez mal.» Depois, tratando do manuscripto da Arithmetica, no resto da carta allude á reforma da Universidade: «Estimarei que n'estes novos estudos da Universidade o empreguem a V. m., por que me persuado que hade ficar o publico bem servido, e a V. m. tiram-no da vida mais miseravel que eu considero, que é a de soldado.— Tinha muito mais que dizer, mas é forçoso acabar, se fizer primeiro uma advertencia, que nascerá do escrupulo e não seria necessaria, e é, que a verdade dos pensamentos, de que falo acima, é a verdade pre-

cisamente poetica.» Esta carta de Fr. Joaquim de Foyos é datada de 17 de julho de 1772. (Fl. 46 e 47.)

Effectivamente, a nomeação de José Anastacio para lente da Universidade em 5 de Outubro de 1773 era a consagração da fama da sua alta capacidade. A reputação de talento poetico espalhara-se entre as damas da aristocracia, e D. Joanna Isabel de Lencastre Forjaz, da casa do Conde de Camaride (n. 23 de Maio de 1745) com quem José Anastacio se correspondia, escreveu-lhe uma carta em 4 de Novembro de 1775: «Os seus versos, que eu tenho lido muitas vezes, achando-lhe sempre uma nova belleza, bastam para dar um grande merecimento ao seu Autor; em que arrebatamento era necessario que a Alma estivesse quando se fizeram, quanto soffria o coração! além d'isso as informações de um tão bom conhecedor como o seu amigo (sc. o tenente João Baptista) e as de mil outras pessoas que fallam no seu nome com respeito, tudo concorre para eu formar um justo conceito a seu respeito. Tenho uma impaciente curiosidade de saber toda a sua historia; não haverá umas férias que me dêem essa occasião? e será certo o que me disse o D. Rodrigo: Um Filosofo; traça um casamento? e eis aqui a meu vêr uma contradicção da Filosofia. A sua correspondencia fará menos triste a minha solidão; eu espero que m'a continue; sempre terei a satisfação de confessar-me — muito sua veneradora — *Joanna Isabel.* Lisboa, 4 de Novembro de 1775.

«Por que rasão não fizestes,
Justos céos, por que razão,
Menos aspera a virtude,
Ou mais forte o coração?

«Quem sabe tão bem os direitos da Natureza, glosará muito bem este quarteto.» (Fl. 45.)

Esta illustre dama tambem dava motes ao poeta José Basilio da Gama; é provavel que ella se referisse a qualquer boato de casamento do poeta philosopho com a Margarida. No interrogatorio inquisitorial, explicando o que se passara com D. Joanna Isabel, diz: «E que em uma das occasiões que a visitou em Lisboa lhe deu uns Sonetos amatorios, que havia muito tempo havia feito, e nada continham contra a Religião, por ella lhe ter pedido com instancia que desejava vêr alguma obra sua;...» (fl. 108.) — «Perguntado, se alguma pessoa lhe pediu que glosasse este quarteto... Disse, que este quarteto lhe mandou a sobre dita senhora para glosar, de que elle se excusou, porque nunca se occupou n'este genero de composição de glosar Mottes...» Pela sua simplicidade genial José Anastacio exercia involuntariamente um ascendente moral sobre as naturezas femininas; «Perguntado, se teve algumas discipulas da sua Filosofia, se lhes deu alguns livros, quaes foram, se lhes fez algumas traducções das obras de *Vulter* (sic) ou outros, e quaes foram?» (Perguntas extrahidas do conteúdo de uma carta de 9 de Novembro de 1776, apprehendida no seu espolio.)

«Disse, que elle nunca tivera discipulas de

Filosofia, nem nunca admittira o nome de Filosofo; e que só teve uma discipula chamada Dona Maria Ignacia Ferreira Souto, filha do Intendente geral da Policia, Ignacio Ferreira Souto, á qual ensinava a lingua ingleza, a qual sabe as linguas latina e franceza, e tem muitos conhecimentos e muita applicação; e confessa que não fez eleição de livros correctos para lhe dar as sobreditas lições, e que lhe mostrou n'essa lingua Pope na *Epistola a Luisa e Abelardo*, na qual não havia cousa que elle conhecesse contraria á Religião, e lhe levou outros, como os *Contos moraes* de Marmontel, *Belisario*, o *Spectador*, e uns volumes de Voltaire, e que não deixou de lhe advertir antes que n'elles havia alguma cousa contra a religião que era preciso ser lida com cautella, e que ella o segurou que nenhuma impressão lhe faziam as ditas cousas...» (fl. 109.)

Conclusos os autos em 15 de Septembro de 1778, os Inquisidores de Coimbra lavraram o seu parecer, que o Dr. José Anastacio da Cunha era réo «convicto no crime de heresia e apostasia, por se persuadir dos erros do Deismo, Tolerantismo e Indifferentismo, tendo para si e crendo que se salvaria na observancia da Ley natural, como a sua rasão e a sua consciencia lh'a ditasse...» O Conselho geral da Inquisição de Lisboa decidiu em 6 de Outubro de 1778, que fosse ao Auto publico de Fé, onde ouvirá a sentença, e depois da abjuração em fórma... «será recluso por tres annos na Casa das Necessidades da Congregação do Oratorio... e degradado por quatro annos para a cidade de Evora, e não

tornará mais a entrar na cidade de Coimbra...» Celebrou-se o Auto publico de Fé na sala da Inquisição de Lisboa em 11 de Outubro de 1778 sob a presidencia do Cardeal da Cunha. Um curioso que assistira a esse Auto, escreveu em uma *Noticia presencial:* «Emfim acabou-se a farça; sahiram d'ahi os penitenciados para os logares das suas reclusões, e nós para o abundante jantar que nos deu o Cardeal.» [1] Perdoado o anno de reclusão, e o resto da pena em 1781, o despotico Intendente Manique chamou José Anastacio para a Casa Pia do Castello, para ensinar mathematica aos alumnos do Collegio de San Lucas; entre 1785 e 1786 teve o illustre mathematico uma polemica scientifica com José Monteiro da Rocha, que assim o julgava: «tem o miolo desconcertado ou damnado o coração.» José Anastacio da Cunha sentira um profundo abalo moral, que lhe minou a existencia, soffrendo um ataque de stranguria, e consequentemente um derrame bilioso, que o victimou em dois dias, succumbindo em 1 de Janeiro de 1787. Em uma carta de D. Domingos Antonio de Sousa Coutinho, descreve-se a sua longa agonia, e estorcendo-se no leito, respondia aos que lhe perguntavam se soffria muito: «—Non, monsieur, je craindrais de ne mépriser assez la vie. — Some dreams of humanity, qui me dechirent plutôt qu'ils me con-

---

[1] Esta *Noticia* foi publicada em 1821 por João Bernardo da Rocha, no *Portuguez*, vol. 15; Innocencio deu uma copia a Camillo, que a reproduziu nas *Noites de Insomnia*, (Novembro) p. 95 a 99.

solent...—Foram as ultimas palavras que deu, e já não conhecia ninguem!

«A sua morte foi lamentada e chorada em Lisboa.—Até no Paço era um homem incomparavel depois que o viram morto.» [1]

Um companheiro do Auto de fé de 1778, o mathematico portuguez João Manoel de Abreu (n. 16 de Abril de 1757, m. 1815) publicou os *Principios de Mathematicas*, que José Anastacio da Cunha estava escrevendo antes de morrer; appareceram em Paris em 1811. [2] Da sua obra poetica fallou pela pri-

---

[1] Vid. *Historia da Universidade de Coimbra*, vol. III, p. 635.—No Cartorio da parochia de S. Pedro de Alcantara, está o assentamento do seu obito no Livro III, fl. 50.

[2] Sobre esta obra escreve Stockler no *Ensaio historico sobre as Mathematicas em Portugal:* «Este livro, aonde brilha a mais admiravel concisão, aonde ha sem duvida uma disposição inteiramente nova na distribuição das doutrinas e sua deducção, e aonde se notam mesmo algumas ideias originaes, tem sido o objecto de admiração e louvor exagerado de alguns, e de censura acerba e desapprovação de outros. João Manoel de Abreu, socio da Academia real das Sciencias de Lisboa e professor jubilado da Academia real da Marinha da mesma cidade, e do Real Collegio dos Nobres, que servira com José Anastacio no regimento de artilheria do Porto, e fora seu companheiro de desgraça, traduziu e fez imprimir em francez o seu Compendio de Mathematica; e fazendo assim mais conhecido o nome de José Anastacio, deu occasião a que o redactor do jornal inglez intitulado *Edimburg Review*, analysasse aquelle livro, e proferisse o juizo em parte favoravel e em parte desfavoravel, que d'elle fizera. Não agradou a João Manoel de Abreu a censura d'este jornalista, e para convencel-o da falta de justiça com que procedera, tomou o trabalho de o refutar em um escripto que publicou em os numeros 30, 31 e 32 do *Investigador portuguez em Inglaterra*.» (*Op. cit.*, p. 166.)

meira vez Garrett na introducção do *Parnaso lusitano*, em 1826: «De José Anastacio da Cunha, que das mathematicas puras nos deu o melhor curso que ha em toda Europa, d'esse infeliz engenho (que talento houve já feliz em Portugal?) a quem não impediram as rectas de Euclides, nem as curvas de Archimedes de cultivar tambem as musas; de tão illustre e conhecido nome que direi eu, senão o muito que me pésa da raridade das suas Poesias? Todas são philosophicas, ternas e repassadas de uma tam meiga sensibilidade algumas, que deixam n'alma um como ecco de harmonia interior que não vem do metro de seus versos, mas das ideias, dos pensamentos.» E alguma cousa lhe deveu Garrett, em uma vibração nova que apparece em parte das *Flores sem fructo*, e n'esse realismo idealisado nas *Folhas cahidas*.

Bibliographia das Poesias de José Anastacio da Cunha

1809

Na *Collecção de Poesias ineditas dos melhores Autores portuguezes*. Lisboa, na Impressão Regia. Anno 1809, vol. I:

Espera amorosa (p. 107); A ausencia (p. 119); A Saudade (p. 110); Morrer de amor (p. 134); No intervallo de uma dolorosa doença (p. 115); A solidão do campo (p. 122); Marcia inconstante (p. 128); Falsidade de Altiza (p. 159); Um Epitaphio (p. 148); Oração universal (p. 123); Monologo de Voltaire (p. 145); Uma scena dramatica (136); Os bosques de Amor (p. 89).

1819

No *Investigador portuguez em Inglaterra*, vol. IV, p. 33 e seguintes: O Abraço;—Noite sem somno; — No intervallo de uma doença.

1839

Composições poeticas do Doutor José Anastacio da Cunha, natural de Lisboa, Lente de Mathematica na Universidade de Coimbra, falecido no anno de 1787. Agora colligidas pela primeira vez. Lisboa, 1839. In-8.º gr. de XIII — 207 pp. (Não declara o nome do colleccionador, mas Innocencio Francisco da Silva a si se declara no Dicc. bibl., t. IV, p. 221.)

Inclue pela *segunda vez*, as poesias acima indicadas, e as seguintes:

— A Declaração (p. 10); A Despedida (p. 29); Recordação de um objecto ausente (p. 32); Amor não correspondido (p. 51); O Presagio (p. 59); Lembranças de um trespasso (p. 67); Idylio de Gesner (p. 72); Monologo de Racine (p. 79); Contra os Vicios (p. 90); Madrigal (p. 97); Os amores de Montano e de Euzelia (p. 98). Epistola de Eloisa a Abeilard (p. 143.)

N'esta edição foi incluida a *Voz da Rasão* (ed. 1822, 1826, 1834) attribuida a José Anastacio da Cunha; d'isso resultou o delegado do ministerio publico Dr. Emygdio Costa dar querella *por abuso de liberdade de imprensa em materia religiosa* contra Innocencio, sendo absolvido pelo Jury, como consta de certidão de 18 de Septembro de 1839.

Innocencio reconheceu que a *Voz da Rasão* não foi escripta por José Anastacio. (*Dicc.*, t. IV, p. 225.)

NÃO INCORPORADAS:

Traducção de uns Versos inglezes. (Coll. de 1809, p. 142.)

Satira ao Dr. Botija (Francisco Dias Gomes.) Nas *Noites de Insomnia* (n.º 10, p. 36 a 47.)

MANUSCRIPTOS:

1.º Do Tenente Baptista, em poder de Frei Joaquim de Foyos. (1772.)
2.º Ms. in-8.º, pertencente a Francisco José Maria de Brito.
3.º Ms. da Bibliotheca Nacional de Lisboa (X, 5, 50, fl. 13 a 26.) Apenas tres poesias: Epitaphio; O Presagio; A infeliz noticia.
4.º Ms. visto por Innocencio; continha: Versão das Odes 1.ª, 2.ª e 3.ª de Anacreonte; e da 3.ª do liv. 3.º de Horacio.
— Carta a Doris, trad. de Haller, com 157 endecasyllabos;
— Perdidas: *Sonetos amatorios* (confiados a D. Joanna Isabel Forjaz): e *Dithyrambo* á empreza da Academia de Valença.

IV

FRANCISCO DE MELLO FRANCO

Sob o governo do Reitor Reformador Dom Francisco de Lemos fôra perseguido e arrancado ao ensino da Universidade de Coimbra o insigne mathematico José Anastacio da Cunha; mas, apezar de auctoritario, o Bispo-Conde, como pombalista, não dava garantias de exito do novo regimen de intolerancia religiosa e intellectual na Universidade, e foi substituido pelo Principal da sé patriarchal de Lisboa Francisco Xavier de Mendonça, em 25 de Outubro de 1779. Como se não bastasse o impulso da sua propria boçalidade, dirigiu-lhe o Visconde de Villa Nova da Cerveira um Aviso em data de 22 de Dezembro de 1779, fazendo-lhe sentir o cuidado que causa «o ver a mocidade que a ella (Universidade) se vae instruir, muitas vezes *levada do inconsiderado amor de saber mais, se applica á lição voluntaria* de Livros de errada doutrina, e perigosos para os animos in-

cautos e ainda mal instruidos, e por esta causa se precipita em desatinos, que insensivelmente os levam a perigar nas cousas contrarias á nossa santa religião...» Além de recommendar toda a vigilancia sobre os estudantes, mandava-lhe que admoestasse os lentes de todas as Faculdades para vigiarem sobre este mesmo assumpto os seus alumnos; em carta regia de 17 de Janeiro de 1780 insistia o ministro na necessidade de apartar os estudantes de tudo o que os podesse prejudicar na religião. A par das disposições do ministro trabalhava a Inquisição de Coimbra, estendendo a rêde e encarcerando os estudantes que liam livros francezes, e que por isso incorriam no crime de *Encyclopedistas*, *Naturalistas*, e especificadamente de lêrem *Rousseau!* Entre esses estudantes, foram alguns que tinham o talento poetico, e um, que escreveu um poema heroi-comico, que correu anonymo, em que se descrevia o retrocesso da Universidade sob a reacção anti-pombalina, e em que o Principal Mendonça era marcado com o ferrete da satira immortal. Escripto em 1782, em quinze dias, o poema caíu como uma bólide em Coimbra, no meio do hieratico boçalismo doutoral. Não foi possivel abafar o seu effeito; era como um gaz deleterio que se infiltrava, que dissolvia essa satisfação do pedantismo inconsciente. D'onde viria a satira? D'entre alguns lentes pombalistas? D'entre os estudantes criticos ou da boa-feição?

O poeta personifica a *Estupidez* em uma divindade, que se sente banida do norte da Europa, aonde as nações civilisadas repellem

o seu culto pelo progresso das sciencias, e convocando o conselho do Fanatismo, da Hypocrisia e da Superstição, deliberam e resolvem refugiar-se nas Hespanhas. Chegados a Lisboa, hesitam se devem ficar na capital do luso reino, se irão para Madrid; começam a fazer as suas pesquizas, notam os roubos e assassinatos nas ruas, os exorcismos rendosos de frades capuchos, romarias, novenas, viasacras, mas em conclusão, Lisboa não offerece estabilidade:

> N'esta côrte, annos ha, se tem fundado
> Uma cousa chamada *Academia*...

E então o Fanatismo opina, que se fixem em Coimbra, d'onde ha poucos annos tinham sahido:

> O meu voto é que vamos demandando
> O mesmo assento, d'onde foi lançada
> A mansa Estupidez injustamente;
> Cobrar novos esforços é preciso,
> Que por fim a victoria está segura.

Em Coimbra começa o alvoroço entre os estudantes e o corpo docente para receberem magestaticamente a Estupidez; os Conventos, que abarrotam a cidade, fornecem-se de presuntos e de vinho, e o Principal Mendonça,

> Da Universidade o grande Chefe,
> Um Claustro universal convoca logo.

Ahi, na Sala dos Capellos faz o discurso inaugural o lente de prima de Theologia, sustentando que por direito divino e humano se

devem restituir á Estupidez a sua dignidade e soberania de que fôra esbulhada, e n'um transporte exclama, ainda lembrado do processo do lente José Anastacio da Cunha:

> De que podem servir estes estudos
> Que mais da moda se cultivam hoje?
> A barbara *Geometria* tão gabada,
> Que mil proposições todas hereticas
> Aqui faz ensinar publicamente,
> Sabeis para que presta n'este mundo?
> *Diga-o a Inquisição*, e mais não digo.
> . . . .
> *Historias Naturaes*, *Phoronomias*,
> *Chimicas*, *Anatomias*, e outros nomes
> Difficeis de retêr, são as sciencias
> Que vieram trazer os Estrangeiros.

Quando chega a vez de José Monteiro da Rocha (Tirceo) fallar, elle nota a contradição em que se acham, e pela referencia á morte do Marquez de Pombal, vê-se que o poema fôra elaborado em 1782:

> Das vossas mesmas boccas retumbaram
> Canticos de louvor n'estas paredes.
> O triumpho cantastes na presença
> Do zeloso Ministro respeitado.
> Que differente linguagem hoje escuto!
> . . . .
> Oh tu, *sombra immortal*, oh grão Ministro,
> Da face do teu Deus, *onde repousas*...
> Vem um instante apparecer agora...
> Blasphemias ouvirás...

Nos Collegios dos *Bôrras* e dos *Manganchas* (de S. Pedro e de San Paulo), trata-se dos preparativos da recepção, e o Reitor manda lavrar o Edital chamando os Lentes,

Doutores e estudantes para irem em Prestito receber a Estupidez á chegada. O ultimo canto é a recepção da Deusa, e sua hospedagem no mosteiro dos Cruzios, os discursos de felicitação, a offerta do poema *A Joaneida* [1] e a vassallagem dos doutores, que são accolhidos com benção pela phrase:—«Continuae, como sois, a ser bons filhos.» O despeito causado pelo poema, que apenas circulava manuscripto em pequeno numero de exemplares, foi enorme, como se verifica pela quantidade de versos em réplica, que provocara. Transcrevemos alguns d'elles, ainda ineditos, por onde se avalia a intensidade da impressão:

—Poema, d'onde vens?
«De perto venho.
—Quem te trouxe comsigo?
«Não direi.
—Tens patrono na terra?
«Alguns tenho.
—Que nomes são os seus?
«Calar jurei.
—Nasceste ha muito tempo?
«Ha mais de um mez.
—Quem te gerou?
«A mesma Estupidez.

Ao Epigramma acerbo, seguiam-se Sonetos virulentos, com incerto objectivo:

«Vendo em silencio estar suas façanhas,
A velha Estupidez ardendo em ira,
Da culta Europa varios povos gira,
Até que emfim apórta nas Hespanhas.

---

[1] Poema de José Corrêa de Mello e Brito d'Alvim Pinto, impresso em Coimbra em 1782. 1 vol. in-12.º

Algumas horas, róem-lhe as entranhas
Vêr que não acha quem os áres fira,
Cantando ao som da harmoniosa Lyra
Suas grandes acções, artes e manhas.

Corre a Coimbra, e achando o que deseja,
Off'rece a certo vate uma corôa,
Que de seus versos digno premio seja.

Eis que elle a trompa dissonante entôa,
A Deusa invoca, suas plantas beija,
Canta seus feitos, e com elle vôa.

Com effeito chegou a Estupidez?
E' certo, e mais que certo, e vem aqui
Parir um filho, que anda por ahi
Tal como a mãe e como o pae que o fez.

E' insulto grosseiro e descortez;
Esconde-se, e apparece aqui e ali,
E quem quer que o vê d'elle se ri,
Mas ninguem o quer vêr mais que uma vez.

E' monstro, na verdade, o tal rapaz
Que não sabe o que faz, nem o que diz;
Mas quer morder em todos por detraz.

Se a torpe Estupidez lograr-nos quiz,
Foi desgraça parir; mas vá-se em paz,
Tal foi o parto como o seu nariz.

E' tambem como expressão de surpreza que começa o Dialogo do bacharel Antonio Izidoro:

—Viu, amigo, um papel famigerado
Que se lê por ali muito em segredo,
Por satira subtil acreditado?

«Que papel? — Um papel... mas tenho medo
De fallar n'estas cousas, por que alguem
Não succeda metter-me n'este enredo.

« Pois tal é o papel, cousas contém
Que é crime publical-as? Certamente
Obra não póde ser de homem de bem.

....

— Dizem que o tal papel é destinado
A castigar zombando o damno horrendo,
Que a velha ESTUPIDEZ tem motivado.

« Tenha mão, meu amigo, agora entendo
Do que me quer fallar; já toda inteira
Li essa papelada, e me arrependo, etc.

No poema satirico O ZELO, *offerecido aos amadores da* ESTUPIDEZ, descrevem-se os varios pasmatorios aonde se discutia o valor do poema e quem seria o seu auctor:

Era a loja do Alves; lá se achava
Uma corja de mestres de guedelha,
Que batendo nas mezas recitava
A'cerca do Poema quanto a orelha
Pescar pôde por casa dos freguezes,
Que o peito lhe abrem pelas mais das vezes.

O Silva sustentava, que a obra fôra
Engendrada em *cabeça de mais pezo;*
O Santos diz, que ouvira a uma senhora,
Oh, cáspitè! que o traz em ferros prezo,
Que sabia quem era, e não passava
D'aquelles a que a malha fôfa honrava.

O magro Bruxo erguendo a voz cansada
E dormente, dizendo que o fizera
Um *sujeito assistente na Calçada.*
O Martins praguejando, affirma que era
O *Caldinhas*, que em doce paz descança
Nas regiões da astuta e sabia França.

Outro disse d'alli, que tinha sido
O *pequeno Malhão*, outro, que o *velho;*
Outro disse, que fôra produzido
Por *homens de saber* e de conselho,
Que nas letras ha muito floresciam,
Opinião que os mais todos seguiam.

Na Resposta á *Ode a Fileno*, em que Fabio descreve a antiga Universidade e a moderna da reforma pombalina, tambem se apontam os auctores do poema da *Estupidez*:

> Eu, de um *lente moderno*
> Que fabricou aqui a ESTUPIDEZ,
> Por gentil e por terno
> Quizera perdoar-lhe d'esta vez.
>
> ....
>
> A' memoria me vem,
> Fileno, pensamentos efficazes,
> Que a ESTUPIDEZ é mãe
> De dois estupidantes, *dois rapazes*... [1]

Embora se não soubesse quem fôra o auctor do Poema, por um vago indicio se notavam dois collaboradores, pelas differenças de estylo. Em uma Satira de Antonio Izidoro da Silva, bacharel em Canones, e que foi bedel d'essa Faculdade, lê-se:

> Mas é certo que encontro differença
> Nos estylos da obra, e que é forçoso
> Que a suppôr *dois Autores* me convença.
>
> Qualquer dos dois é pouco venturoso;
> Mas um mais infeliz, bem que ambos tenham
> Negação para o verso numeroso.
>
> Talvez que por disfarce elles se empenham
> Em fazer versos máos, porque os leitores
> Suspeitas de homens doutos nunca tenham... [2]

---

[1] Ms. apud *Historia da Universidade de Coimbra*, t. III, p. 688, e 695.

[2] *Poesias varias*, t. VIII, p. 389. Ms. (Mihi.)

Em outro logar d'esta Satira em dialogo, dá Antonio Izidoro a entender que escreveram o poema homens conceituados:

Por certo, meu amigo, estou pasmado,
Do que lhe tenho ouvido; outro conceito
Do apontado papel tinha formado.

Dito me haviam, que elle fôra feito
Por *homens de instrucção*, de quem o gosto
Devera produzir mais bello effeito.

Eu não sei quem o fez. Isto supposto,
Fallo mais livre, pois que a verdade
Não temera dizer-lh'a rosto a rosto:

Serão *Mestres em outra Faculdade*,
Mas, em ponto de versos certamente
Inculcam muito pouca habilidade.

Os preceitos ignoram totalmente
Prescriptos aos Poemas, ou se esquecem,
Dos mesmos que aprenderam torpemente.

A Satira provocou dois Sonetos virulentos contra o bacharel bedel, insultando-o como *filhote* (natural de Coimbra):

Que provas tens, praguejador maldito,
De que foram Autores os que apontas
N'esse fertil montão de vís affrontas,
Sem graça feito, e só por odio escripto?

Dize mal do Poema, eu t'o permitto,
Dos preceitos lhe pede exactas contas;
Mas, vãs suspeitas de cabeças tontas
Por certas espalhar é grão delicto:

Se tivesses, acaso, tal certeza,
Deveras em teu peito il-a occultando,
Que assim faz sempre quem a honra présa.

Mas estou sem reparo cogitando!
Como não entrará em ti vileza,
Se a honra em *filhote* é contrabando?

AO MESMO AUTOR

Que fizeste, Izidoro? Estás perdido.
Foram-te ao foll'? Quebraram-te o espinhaço?
Mordeste; porém tu em breve espaço
Ficaste por desgraça remordido.

No Dialogo logo foste conhecido;
E vê de que serviu o teu cansaço;
Queres fazer versos de mestraço,
E ficas por Dom Felix conhecido.

De fazer versos deixa; porque juntas
Nos Sonetos Inez morta em garrote,
Com grosseiro pincel, grosseiras tintas.

Embrulhado no sórdido capote,
A vida vae gastando, não consintas
Que te lancem no rosto o ser *Filhote*. [1]

As suspeitas esboçadas no Dialogo de Antonio Izidoro foram postas em claro em um Soneto anonymo, que apontava como auctores do Poema os Doutores Ricardo Raymundo Nogueira e Antonio Ribeiro dos Santos, um legista, outro canonista, ambos do Collegio dos Militares:

Ricarte [2] de Normandia e Oliveiros, [3]
Do grande Rei de França illustres Pares,
Não fizeram acções mais singulares,
Que do Poema os nobres Cavalleiros. [4]

---

[1] *Ibid.*, p. 391 e 392.

[2] Ricardo Raymundo. [3] Antonio Ribeiro. [4] Dos Militares (sc. Collegio).

Aquelles, a exercitos inteiros
Destruiram, matando-lhes milhares;
Do Poema os valentes *Militares*
Obraram ainda mais que os primeiros.

Para aquelles não houve fino arnez,
Corpulento Gigante, armas de Marte,
Que a espada não cortasse de uma vez.

A lingua d'estes teve melhor arte;
Porque, cantando a sua ESTUPIDEZ
Feriu mais que Oliveiros e Ricarte.

Ricardo Raymundo Nogueira [1] teve a habilidade de afastar de si a imputação, com aquella solercia com que conseguiu passar como um grande homem, e entrar no Conselho da Regencia do Reino de 7 de Agosto de 1810 até 15 de Agosto de 1820. José Agostinho de Macedo, que escrevera o seu Elogio historico, ao refazer o Poema *Os Burros* chama-lhe *chôcho Mecenas.* Tambem se lhe attribue o ter-se opposto em 1818 a que se levantasse em uma praça publica um monumento a Camões.

Antonio Ribeiro dos Santos ficou sósinho sob o pezo d'essa imputação perigosa e de terriveis vinganças; fizeram-lhe varios Sonetos acrosticos:

---

[1] Natural do Porto, onde nasceu em 31 de Agosto de 1746; morreu em Lisboa em 7 de Maio de 1827. Traduziu as *Pastoraes* de Gessner (1778) e a *Poetica* de Aristoteles (1779); imprimiu em 1814 *A Serra de Cintra,* em 70 septinas; na Collecção de Poesias ineditas, t. II, o *Sonho* (p. 63); *Epicedio* (p. 71); *Canção* (p. 163), segundo affirmação de Nolasco da Cunha

Ao autor da Estupidez:

A vossa má conducta descoberta
N o publico está, sabio maldito!
T u, pae da Estupidez e filho és dito,
O mundo todo por teu castigo apérta.
N o Prelado poderoso tu acerta,
I ndifferentes acções has irritado,
O Bezerra, Bustoque e mil has censurado,

R asões não busques; tua crise é certa.
I ulgavas que se não conheceria
B em o Autor? não viste que o diabo
E ra quem taes cousas logo descobria!
I nfame! a tuas Satiras põe cabó,
R alhar de tudo não queiras, e sacía
O furor da tua lingua no meu r...

Não transcrevemos um Soneto acrostico em defeza, por estar imperfeitamente metrificado. Publicamos outro, que tem esta nota: «Suppõe-se que a Estupidez foi feita por dois Collegiaes das Ordens Militares, que têm querido annullar o voto para casarem; e casando ambos, concebeu hum e veiu a parir a Estupidez, pois se suppõe que hum fez os dois primeiros cantos, que estão mais trabalhados, e outro os outros dois»:

Casemos ambos, já que não podemos
  Casar com outrem; (então propuzera
  A Arrogancia, de si vaidosa e féra,
  A seu irmão Rancor, que diz) — Casemos!

Que a Dissimulação fazendo extremos
  Ali medianeira interviera,
  E que por paranymphos escolhera
  O Orgulho, a Inveja, a Raiva, bem sabemos.

Accende o Orgulho o facho nupcial;
A noiva conduzida pelos tres,
Sobe do irmão ao thálamo fatal.

Preside ao parto, que o incesto fez,
A Calumnia infiel, furia infernal,
E nasce o horrendo monstro ESTUPIDEZ.

(*Ib.*, p. 401.)

Antonio Ribeiro dos Santos estava fóra de Coimbra, e ao Porto chegaram os eccos da malevola imputação, que conseguiram inquietal-o. Transcrevemos dos seus Manuscriptos algumas cartas, que esclarecem este capitulo de historia litteraria e pedagogica:

«Meu amigo, — as noticias que me mandaes, não são de contentamento; corre já por lá o *Poema da Estupidez*, e sou abocanhado por autor d'elle. Com effeito houve quem se atreveu a imputar-me essa obra: fundou-se em conjecturas, que outros colheram como certezas sem mais exame; o que serve de mostrar quanto é crédula a malignidade humana. Porto, etc.» [1]

N'esta outra carta diz d'onde nasceu a calumnia:

«Meu amigo — Já que me interrompeis o meu profundo silencio e me inquirís sobre a origem que deu occasião a me imputarem o Poema da *Estupidez* que tanto arruido fez em toda a parte, fallarei uma vez por mim, e a um amigo: Appareceu em Coimbra o *Poema da Estupidez*, filho supposto de quem nunca se conheceram ao certo os verdadeiros

---

[1] Mss., vol. 130, fl. 93. (Na Bibl. nac. de Lisboa.)

paes. Esta peça é hoje desprezada quanto então applaudida; que esta é a sorte de todas as obras que não tem outro merecimento que o da Satira. Ella, com effeito, não tinha outro, nem era notavel se não pelas descripções pueris mas picantes com que espalhava o ridiculo sobre algumas pessoas, e isto foi o que lhe deu um prodigioso concurso e voga; esqueciam os defeitos do estylo e da poesia á sombra da malignidade da obra; alguns m'a imputaram por malignidade para me perderem, outros por beneficencia para me exaltarem; estes ultimos, que a admiraram de boa fé como ao *Lutrin* de Boileau, e a julgavam util para a correcção dos costumes, entenderam que só eu era capaz de a ter feito. Assim um Poema, que eu não tinha feito e que nem tinha ainda visto até então, me atrahia de todas as partes louvores e maldições. O Padre Luiz Roiz Villares, ex-jesuita, collegial do Collegio de San Pedro, foi o primeiro que se lembrou de me aquinhoar com esta obra...
... sobre apparencias frivolas e conjecturas miseraveis precipitou o seu juizo, e sem mais exame me deu por author da que sobre este juizo vago e incerto do primeiro calumniador se fundaram e estenderam todas as invectivas dos segundos; fui abocanhado, perseguido, satirisado, e posso dizer com Sá de Miranda no seu soneto:

Dei que fallar em mim ao longe e ao perto.» [1]

---

[1] Mss., vol. 131, fl. 140.

Era conhecida uma grande malevolencia do Principal Mendonça, Reitor Reformador da Universidade, contra o lente canonista Ribeiro dos Santos, tendo por pretexto o não se querer este dar por suspeito na questão da censura prévia das theses ou Conclusões magnas. Em uma das suas cartas intimas escreve Ribeiro dos Santos ácerca do Principal Mendonça, o heroe do Poema da *Estupidez:*

«Este fidalgo é muito afferrado aos estudos e opiniões com que foi creado, e é muito sensivel á adulação; sempre o governou quem teve a baixeza de o lisongear, por mais grosseira e sordida que fosse a adulação e lisonja; é por extremo teimoso, e reputa por altivez e attentado sacrilego a mais leve differença de opinião que encontra nos outros. Ultimamente é parcial declarado do seu Collegio de San Paulo, e assenta que deve seguir o partido do Collegio em todas as occasiões que se offerecerem.

«Havendo no Principal estas disposições, logo desde o principio do seu governo me foi desaffeiçoado, primeiramente, porque o puzeram logo na persuasão de que as minhas opiniões eram diversas das suas; depois, considerava-me como creatura do seu antecessor (D. Francisco de Lemos) a quem elle aborrecia como declarado Pombalista; além d'isto eu era do Collegio das Ordens Militares e não de San Paulo, a que elle pertencia, e sabeis as intrigas dos Collegios. Demais, supposto que o tratasse sempre com o respeito e reverencia devida ao seu logar, nunca comtudo me humilhei a lisongeal-o com abatimento e a fazer-lhe elogios aduladores e rasteiros.

Porque as pessoas que elle tinha ao seu lado, ambiciosas de o dominarem sem competidor, e conjuradas contra todos os que não seguiam o seu partido, fomentaram estas minhas ideias, e se approveitaram de todas as occasiões de me malquistarem com elle, representando-me como um homem soberbo que queria passar por superior aos demais homens.

«Estas eram as disposições do Principal-Reformador, quando desgraçadamente appareceu o chamado *Poema da Estupidez*. Parece impossivel que houvesse pessoa que me conhecesse, a quem podesse occorrer baptisar-me por autor d'este Poema. Eu, certamente, não presumo de Santo, nem de Poeta; mas cuido que nem me reputam tam maligno e insolente, que me atrevesse a escrever uma Satira que desacredita os meus companheiros, o meu Prelado e a minha Nação; nem tão ignorante que, resolvendo-me a pegar na penna para compôr taes desatinos, tivesse a loucura de publicar versos tão miseraveis. Comtudo, houve quem aproveitasse a occasião de me infamar; e apesar da summa improbabilidade para semelhante imputação, da opinião contraria de todos os homens sensatos e desapaixonados, e da gravidade do caso, consta que algumas pessoas das que mais figuram na Universidade tiveram a ousadia de dizerem ao Principal que eu era o autor do Poema, e de fazer circular a calumnia entre os seus parciaes e apaniguados.

«O argumento de que principalmente se valeram foi, que fallando-se no Poema em Collegio de S. Pedro, e apparecendo pelo seu

nome alguns individuos do de S. Paulo, havia alto silencio a respeito dos *Collegios Militares;* logo, diziam elles, o autor pertencia a este Collegio; e como sabiam que eu tinha feito algum verso n'outro tempo, concluiram que tambem agora havia escripto esta Satira. Se esta casta de gente fosse capaz de proceder de boa-fé, e com desejo sincero de descobrir a verdade, conheceria á primeira vista: 1.º que fallando o Poema indistinctamente em Collegios, comprehendia tambem n'esta generalidade o das Ordens Militares; 2.º que ainda quando a respeito d'este se guardasse silencio, podia isto proceder ou do acaso ou ainda da affeição que o auctor da Obra tivesse áquelle Collegio, sem d'ahi se poder concluir, que elle pertencia áquella casa; 3.º que se o Autor fosse Collegial dos Militares por isso mesmo havia de tocar no seu Collegio para remover toda a suspeita e evitar que se fallasse n'elle; 4.º ultimamente que, ainda quando contra a rasão e verosimilhança se podesse conjecturar que o autor pertencia aos Militares, não havia fundamento algum para se pôr o dedo em mim, sendo constante que eu era naturalmente sério e mui recatado em fallar das pessoas da (Universidade?)

«Estas provas, e outras ainda peiores inculcadas com arte, em occasiões opportunas, e ora em tom persuasivo, ora em ár de compaixão, como quem se condoía de que eu applicasse tão mal os meus talentos, produziram ao que julgo todo o effeito que os calumniadores pretendiam. O Principal estava costumado a crêr cegamente quanto elles lhe diziam, e as provas mais fracas, a que talvez

accrescentariam factos absolutamente falsos, lhe pareceriam na sua bocca argumentos de irresistivel evidencia; e como tudo isto achava já um animo disposto e preoccupado, assentou francamente que eu tinha sido o autor d'aquella obra; cresceu por conseguinte aquella sua aversão, desejou ter meios de se desaggravar, e assentou em approveitar toda a occasião de me mortificar e opprimir. Offereceu-se logo na Congregação de 7 de janeiro. Os seus validos, que me tinham representado como homem altivo, insolente e desattento quando me deram por autor do Poema, lhe haviam dito que eu era um dos que pensavam suscitar na Faculdade de Canones que o Presidente devia subscrever as theses antes da censura, só a fim de vexar e descompôr os lentes de prima, e de censurar e desapprovar o que elles tinham authenticado com a sua firma; e que todo o meu systema era singularisar-me dos outros, desprezar a sua litteratura e o seu methodo e mostrar-me superior; cheio d'estas preoccupações entrou o Principal na Congregação, e com taes disposições nem é de admirar que tudo o que eu dissesse, por mais commedido e ajustado que fosse, lhe parecesse cheio de acrimonia e altivez, nem que depois exagerasse as minhas acções na presença de S. Mag.de figurando-as como factos insolentes, altivos e tumultuosos. Dei-vos conta de toda a historia, e ficae sabendo cada vez mais o que são os homens.» [1]

Transcrevemos ainda uma outra carta de

---

[1] Mss., vol. 130, fl. 27 a 31. (Bibli. nac.)

Ribeiro dos Santos, em que allude á velha mania religiosa ou seita da *Jacobéa*, que o Principal Mendonça considerava. Em um dos manuscriptos do *Reino da Estupidez* encontrámos a seguinte dedicatoria:—*O* e *C. A' saudosissima memoria do Ex.mo e Rev.do D. Fr. Gaspar da Encarnação e Moscoso, devoto Reformador da Universidade. Anno de 1785.* Fôra este augustiniano o iniciador da Jacobéa na Universidade.

«Meu amigo — Perguntaes-me de d'onde vem tamanho odio, que me tem o Principal Reformador, que assim sollicitou vêr-me fóra de Coimbra? Dir-vos-hei. A Aristides no ostracismo, só por que era varão justo, desejava um que fosse desterrado; não sou eu tão louco, que me compare nem ainda mui de longe com este homem; mas, é certo que o que demoveu o coração do Principal para me fazer todo este mal, foi o conceito que lhe mereci de ser homem com quem se não podia contar para partidos. Eu não era collegial do seu Collegio, e nunca podia ser um Decretalista e Ultramontano, nem *Jacobéo!*» [1]

«Meu amigo — Cá me chegam as noticias de Coimbra, postoque vós m'as recataes. Sei que os meus inimigos cantam victoria, e que não contentes de me terem longe espalham sobre a minha memoria sarcasmos e criticas violentas, mas taes que depressa cáem no mesmo lodo de que sahiram. Sabei comtudo, que se houve Lentes e Oppositores, que se alegraram com a minha retirada, houve estu-

---

[1] Mss., vol. 131, fl. 19.

dantes que choraram saudosos de mim; e seriam necessarias muitas criticas e satiras para me extinguirem o prazer que uma só d'estas lagrimas me tem dado.» [1]

Como vimos pela referencia do poemeto *O Zelo*, tambem se attribuia a composição da ESTUPIDEZ ao *Caldinhas*. Se nos lembrarmos que no Auto de Fé que se celebrou na Sala do Santo Officio de Coimbra em 26 de Agosto de 1781, figura com o numero 5 — «Antonio Pereira de Sousa Caldas, Estudante, natural do Rio de Janeiro, *Hereje, Naturalista, Deista e blasphemo:*» vê-se que a malevolencia da terra lhe imputava o poema, por que elle se achava a salvo em Paris. A imputação era boçal, pelo que se conhecesse da passividade da sua organisação. Sousa Caldas tornou-se uma das glorias da poesia brasileira, e por isso competem-lhe algumas linhas biographicas. Nascido no Rio de Janeiro em 24 de Novembro de 1762, aos outo annos de edade veiu para Lisboa confiado a uns parentes, por motivo da sua debilidade. Apezar da sua reconstituição, ficou-lhe essa indole melancholica, que explica as manifestações e o destino da sua vida. Aos dezeseis annos foi frequentar a Universidade de Coimbra, n'esse mesmo anno em que José Anastacio da Cunha era arrastado ao carcere inquisitorial, e a reforma pombalina sustentada por D. Francisco de Lemos era atacada pelo Principal Mendonça. N'esse vórtice de insania, Sousa Caldas denunciado ao Santo Officio como

---

[1] *Ibid.*, fl. 19 ў.

pedreiro-livre era abruptamente preso. Em um Soneto descreve a sua vida até essa terrivel data:

Outo annos apenas eu contava
Quando á furia do mar abandonando
A vida em fragil lenho, e demandando
Novos climas, *da patria me ausentava.*

Desde então á tristeza começava
O tenro peito a ir acostumando;
E mais tyranna sorte adivinhando
Em lagrimas o pae e a mãe deixava.

Entre ferros, pobreza e enfermidade,
Eu vejo, ó céos! que dôr, que impia sorte!
O começo da mais risonha edade.

A velhice cruel (oh dura morte!)
Que faz temer tão *triste mocidade,*
Para poupar-me descarrega o córte.

O poeta contava então dezenove annos, e em attenção á sua pouca edade, foi sentenciado a ir clausurado para os PP. catechistas de Rilhafoles, a arbitrio. Ahi viveu com a serenidade do retiro que lhe era castigo, impressionando os proprios catechistas. Por principios de 1782 recebeu a noticia da morte do pae; veiu-lhe então uma doença nostalgica, e como unico tratamento foi aconselhada uma viagem a França. Em Paris se achava quando appareceu o *Poema* da ESTUPIDEZ; de regresso a Portugal foi completar o curso de leis a Coimbra, sendo-lhe offerecida a nomeação de Juiz de fóra de Barcellos, que recusou, seguindo em piedosa viagem a Roma, onde recebeu

ordens de presbytero. O seu talento poetico deu expressão ao sentimento religioso, cultivando o genero sacro e traduzindo varios Psalmos. Em 1801 foi ao Rio de Janeiro visitar sua mãe; era já então muito distincto como prégador; em 1807 acompanhou a Familia real portugueza, que fugia para o Brasil ante a Invasão napoleonica, e sendo-lhe offerecido o bispado do Rio de Janeiro recusou-o na sua simplicidade, terminando a vida em 2 de Março de 1814. [1]

Entre os indiciados auctores do poema da *Estupidez* apontavam-se os dois Malhões, ambos conhecidos como poetas, que frequentavam por este tempo a Universidade. O Malhão *pequeno* era o mais novo, Antonio Gomes da Silveira Malhão; nascido em Obidos por 1758, filho do bacharel Agostinho Gomes da Silveira e de D. Maria da Conceição Diniz; morreu em dezembro de 1786, e seu irmão colligiu os seus versos, publicando onze Sonetos, sete Odes, uma Epistola, e quatorze Sextinas. O Malhão *velho* era Francisco Manoel Gomes da Silveira Malhão, nascido em 22 de Septembro de 1757, em Obidos, e o primogenito de seis irmãos; era um poeta de humor aventuroso e um continuador das tradições escholares do *Palito metrico*. [2] Pela

---

[1] *Revista trimensal*, t. II, p. 126. (1841.) As suas Obras poeticas imprimiram-se em Paris, 1820-21.

[2] Na *Macarronea* foram incorporados estes seus escriptos: *A vaidade ridicula; Satira em louvor das Modas: Sabio em mez e meio; Economia escholastica.*

morte de sua mãe, e recusa de seguir o estado ecclesiastico, viu-se abandonado pelo pae, vivendo em Coimbra como o *sopista* medieval, e conseguindo formar-se em Leis em 1789. Escrevera em 1788 *a Mondegueida*, poema estrambotico, em quatro cantos em quintilhas, sob o pseudonymo de Antonio Castanha Netto Rua, e foi o heroe da *Malhoada*, poema satirico de um poeta caustico seu contemporaneo Anacleto da Silva Moraes. Apezar de lhe attribuirem a *Estupidez*, promptamente se reconheceu, que a concebera *cabeça de mais pezo*, e por isso não chegou a ser encommodado. Malhão, terminada a formatura, voltou para Obidos, ahi poz banca de advogado, e casando em 26 de Novembro de 1792, continuou o seu nome no celebrado prégador Malhão. Faleceu por 1816.

Nas varias suspeitas ácerca dos auctores da *Estupidez*, predominava a ideia de dois collaboradores, como vimos pelo Dialogo de Antonio Izidoro. No poema *O Zelo*, indicava-se «um sujeito assistente na Calçada.» Entre os estudantes que sahiram no Auto de Fé de 1781, vem com o numero 13—«Francisco José de Almeida, Estudante mathematico, filho de José Francisco, natural de Lisboa: Herege, Naturalista, dava casa de lupanar para divertimento dos Estudantes, seguia os mais erros dos seus socios, *lendo pelo Auctor Rossó* (Rousseau) *e outros Hereges.*» Por que lhe não attribuiriam tambem o crime do poema heroi-comico? José Agostinho de Macedo, quando esteve por castigo em Coimbra, colheu essa tradição, que consignou no poema *Os Burros* (canto unico, de 1813):

Tu, que ao prosa Diniz ditaste o *Hyssope*,
E a *Estupidez* ditaste a *Almeida* e Franco.

Nas annotações que ao poema de Macedo fez o seu amigo Ferreira da Costa, lê-se: numero 153: «Francisco José de Almeida, medico muito pequeno de corpo, muito verboso, e ainda que inintelligivel nas expressões e até nos discursos escriptos, os quaes eram de uma linguagem obscura e particular. Foi membro da Junta de Saude publica. Era socio da Academia, que lhe premiou um *Tratado de Educação physica...*» Por esta tradição mantinha-se a attribuição a dous auctores, e Macedo, melhor informado (1813) já citava o nome de *Franco*, que no manuscripto do *Reino da Estupidez*, pertencente á Bibliotheca de Evora, vem apontado como auctor do poema. Na Lista dos presos que sahiram no Auto de Fé da Inquisição de Coimbra em 26 de Agosto de 1781, apparece com o n.º 9: «Francisco de Mello Franco, Estudante medico, natural de Paracatú, Bispado de Pernambuco; Herege, *Naturalista, Dogmatico; negava o Sacramento do Matrimonio.*»

Nascera este illustre homem de sciencia, em Paracatú (Minas Geraes) em 17 de Septembro de 1757, filho de João de Mello Franco e de D. Anna Caldeira, que de seu consorcio houveram onze filhos, contando entre elles nove meninas. Deixou a terra natal aos doze annos, indo frequentar no Rio de Janeiro em 1769 o Seminario de San Joaquim, vindo depois dos primeiros estudos para Portugal encetar o curso medico da Universidade de Coimbra. Matriculou-se em 1775 no primeiro

anno mathematico e no quarto anno philosophico. Na forte reacção de 1778 foi preso pela Inquisição de Coimbra, com outros estudantes, jazendo no carcere quatro annos. Ahi se lhe acordou a veia poetica, compondo as *Noites sem somno.* Accusado de negar o sacramento do matrimonio, foi chamada uma senhora de Coimbra para testemunha, e como se recusasse a depôr como os Inquisidores queriam, ficou como castigo reclusa por um anno no Santo Officio. Mello Franco desposou essa nobre victima. Foi-lhe permittido por Aviso regio de 29 de agosto de 1782, que completasse o curso de Medicina. A indignação e o desdem pelo meio universitario inspiraram-lhe o poema da *Estupidez,* que escreveu em quinze dias, ajudado no trabalho das copias manuscriptas, que se lançaram na circulação clandestinamente, pelo seu patricio José Bonifacio de Andrade e Silva. [1] O poema não tem a perfeição artistica, mas a verdade das descripções e dos typos dá-lhe valor e ao mesmo tempo a importancia de um impagavel documento historico. Ninguem supporia tal d'aquelle modesto estudante de Medicina; mal imaginava o boçal Reitor-Reformador d'onde vinha a pedra que derrubava o colosso da reacção na Universidade.

Completado o curso medico, e não tendo Mello Franco recursos para transportar-se com sua familia para o Brasil, demorou-se em Lisboa, entregando-se á clinica, em que se

[1] Usava o nome poetico de *Americo Elysio;* era philintista.

tornou eminente. Em 1789 publicou o *Tratado de Educação physica*, impresso por ordem da Academia das Sciencias, em que serviu de secretario-geral na ausencia do Dr. José Bonifacio de Andrade.

A obra intitulada *Medicina theologica ou Supplica feita a todos os senhores Confessores e Directores sobre o modo de proceder com os seus penitentes, principalmente da lascivia, colera e bebedice*, appareceu em 1794, completamente approvada pela Real Meza da Commissão geral sobre e exame e Censura de Livros. A obra appareceu anonyma, e apesar de examinada suscitou nos poderes publicos taes apprehensões, que ella foi supprimida, e a propria Real Meza dissolvida e extincta em decreto de 17 de Dezembro de 1794. Eram membros d'essa Meza, além de frades conceituados, o P.^e^ Antonio Pereira de Figueiredo, Paschoal José de Mello e João Guilherme Christiano Muller. O Intendente geral de Policiá Pina Manique, poz em campo todos os seus recursos para descobrir quem era o auctor da *Medicina theologica*, mas n'este ponto falhou a sua feroz perspicacia. O auctor era esse mesmo que escrevera o *Reino da Estupidez;* tinha o poder de agitar as almas; eis como Innocencio descobriu o nome de Francisco Mello Franco: «Em uns papeis que a fortuna me deparou, escriptos da mão do P.^e^ Joaquim Damaso, congregado do Oratorio e bibliothecario que foi d'elrei D. João VI, achei esta noticia, com algumas outras, abonadas todas de verdadeiras pelo caracter honrado e fidedigno de quem as escreveu. Conta elle, que o proprio

Mello Franco lhe declarara no Rio de Janeiro por sua aquella obra, mostrando-lhe por essa occasião um exemplar d'ella, com algumas correcções e copiosissimos argumentos, a qual se propunha reimprimir; sem duvida o fizera, se a morte sobrevinda entretanto lhe não cortasse a execução d'este e de outros projectos.» (*Dicc. bibl.*, VI, 178.) Nas Contas para as Secretarias ha um Officio de Manique datado de 17 de Dezembro de 1794, ao Marquez Mordomo-mór, ministro do reino, no qual relata os seus esforços para descobrir quem seja o auctor da *Medicina theologica:* «agora tenho averiguado que este papel, que saíu impresso, denominado *Medicina theologica*, foi levado á imprensa por Caetano Bragace, o qual escreve e assiste em casa do Consul da America; e é de reflectir tambem, que este Caetano Bragace é aquelle que eu prendi por sedicioso, e que fez o outro papel de que dei conta, e remetti o original, que lhe achei em sua casa, á rainha, que Deus guarde, que se intitulava — *Dissertação sobre o estado passado e presente de Portugal* — e caracter, que a seu arbitrio inventou, pouco favoravel dos seus ministros, e do seu confessor; ao qual tambem achei o numero de quesitos da copia inclusa, que passo ás mãos de V. Ex.ª, das perguntas feitas pelo ministro residente da America, e as respostas dadas ao mesmo papel; tendo este egualmente ganhado a um francez chamado Vautier, para de commum accordo satisfazerem ás respostas, que servia de guarda livros a Braz Francisco Lima, casado com a sobrinha do Marechal de Campo Bartholomeu da Costa, que dava as relações

dos estados em que se achavam os arsenaes e as forças do exercito.

«Mostrando eu a letra do papel intitulado — *Dissertações sobre o estado passado e presente de Portugal* — que obriguei indirectamente a restituir o ministro residente da America, quando fiz executar a diligencia, e prisões do dito veneziano Caetano Bragace e do francez Vautier, de que fallo, ao impressor Antonio Rodrigues Galhardo; declara sem duvida ser a letra propria do original do papel intitulado — *Medicina theologica* — que está na Real Mesa da Commissão geral.

«Aqui tem V. Ex.ª combinados estes dois papeis perigosos, e que ameaçam tristes consequencias, d'onde sáem; e coadjuve V. Ex.ª o que eu tenho informado a V. Ex.ª nas Contas dadas, que accuso (5 e 6 de Nov., e 7 de Agosto de 1794) e que param na Secretaria de V. Ex.ª, e de outras que tendem ao mesmo fim, e se formará um juizo das tristes consequencias que podem acontecer infelizmente; e n'estes dois papeis sediciosos que aqui accuso — *Medicina theologica*, e *Dissertações* sobre o estado passado e presente de Portugal — com o mais de que tenho dado conta a V. Ex.ª como tenho dito, nas sobreditas Cartas, verá V. Ex.ª o quanto vão avançando os passos, para por uma parte atacarem a religião que temos a fortuna de professar, na parte mais essencial; e no outro papel o throno, e os ministros de estado!

«Confesso a V. Ex.ª que lembrando-me do que acontecia em Paris, e em toda a França, cinco annos antes do anno de 89, pelas tabernas, pelos cafés, pelas praças e pelas assem-

bleias; a liberdade e indecencia com que se fallava nos mysterios mais sagrados da religião catholica romana, e na sagrada pessoa do infeliz rei, e da rainha; e lendo as Memorias do Delphim, pae d'este infeliz rei, do memorial que appresentou a seu pae Luiz XV, já no anno de 1755, que foi estampado em 1777, digo a V. Ex.ª que julgo ser necessario e indispensavel, que S. Mag.de haja de mandar tomar algumas medidas, para que de uma vez se tire pela raiz este mal, que está contaminando o todo, e insensivelmente.

«Não mortifico mais a V. Ex.ª com as minhas reflexões e combinações, porque V. Ex.ª melhor do que eu, e com outras luzes, dará o pezo e a força que merecem, a estas minhas reflexões e combinações na presença de Sua Mag.de, que eu satisfaço a minha commissão cheio de zelo que tenho do real serviço, e a real familia; e estes mesmos motivos me obrigam a repetir a V. Ex.ª que em Lisboa ainda (me informam) se acha Brossonet, socio de Robespierre, e egualmente me dizem que este terrivel homem ficou algumas vezes na Casa do Espirito Santo de Lisboa, com o P.e Theodoro de Almeida; e outras com o Abbade Corrêa, e me suscitam novas ideias que o dito francez com as suas mal intencionadas intenções queira por este lado entrar a ganhar o conceito de algumas pessoas do sexo fragil, com o fim de que seja este o meio d'elle disseminar as suas erroneas e sediciosas doutrinas, e contaminar o todo; e não posso passar em silencio, e de marcar a V. Ex.ª que o *Pode correr*, que pára na mão do impressor Antonio Rodrigues Galhardo, que eu vi, do infa-

me papel que saíu á luz approvado pela Real Mesa da Commissão geral é rubricado só pelo Principal presidente e pelos dous Deputados Antonio Pereira de Figueiredo, e João Guilherme Muller; qualquer d'estes dois suspeitos e conhecidos por muita gente por sediciosos e perigosos; e do ultimo em outras diversas passagens tenho informado a V. Ex.ª já, que o seu espirito é republicano; e para prova d'isto lêam-se as *Gazetas* portuguezas, que em algumas passagens de algumas d'ellas se conhecerá o referido, pelo que põe, e deixa passar, de quanto são bem tratados e contemplados os prisioneiros portuguezes pelos francezes; e as côres vivas com que pinta as acções dos francezes; e a morte-côr com que refere na Gazeta as acções dos hespanhoes e portuguezes, em todo o sentido; que ainda a serem verdades, se deviam omittir; e não repito mais a V. Ex.ª quanto é pouco favoravel ao serviço de S. Mag.de que corra uma Gazeta nacional, pondo em temor aos vassallos, e dizer-lhes por outra parte o bem que são tratados pelos francezes, e malquistar o alliado no tratamento que faz á nação; etc.» E' datado de 17 de Dezembro de 1794 este officio dirigido ao Marquez Mordomo-mór pelo Intendente *D. I. de P. Manique.* Foi copiado por Innocencio dos livros da Policia, que estavam no Governo civil de Lisboa, hoje depositados na Torre do Tombo.

Mello Franco é apontado como um dos fundadores da *Academia de Geographia*, em 1799, e foi eleito vice-presidente da Academia das Sciencias, sendo por elle escripto o relatorio de 1816. Como medico do paço, foi encarre-

gado de ir a Leorne esperar a Archiduqueza Leopoldina, consorciada com o principe D. Pedro, e de acompanhal-a para o Rio de Janeiro, em fins de 1817. O seu enorme perstigio fez com que o intrigassem na côrte, persuadindo D. João VI que Mello Franco era um dos conjurados da Conspiração chamada de Gomes Freire; e que era partidario da emancipação do Brasil. Dom João VI acreditou o que lhe disseram, sobretudo quando lhe segredaram que elle como medico attestaria a demencia do rei. Foi-lhe logo prohibida a entrada no paço, e demittido de medico da real camara. Os haveres que alcançara pela clinica, depositados na casa commercial de um amigo, perdeu-os em uma falencia fraudulenta. Sobre estas pressões repentinas veiu-lhe uma febre adynamica, tendo por esse motivo de retirar-se para San Paulo. O isolamento aggravava-lhe a doença, tendo de regressar ao Rio de Janeiro; porém ao passar por Ubatuba, desembarcou com grande agonia, que se tornou mortal, expirando em 22 de Julho de 1823. [1] Durante a sua vida fizeram-se cinco edições do *Reino da Estupidez*, mas sem nome de auctor, nem explicativa historica do assumpto; é provavel que não tivesse conhecimento de uma tal homenagem. O poema merece fixar-se na historia litteraria, como affirmação do poder da obra esthetica quando verdadeira, e opportuna.

---

1 *Revista trimensal*, vol. V, p. 346.

Bibliographia do Poemeto de Mello Franco

1810

Epicedio á morte do Dr. José Ferreira Leal. (Na *Collecção de Poesias ineditas dos melhores Auctores portuguezes,* t. II, p. 71.)

1819

O Reino da Estupidez. Poema heroi-comico em quatro cantos. Paris, 1819. In-18.º (Sem nome de auctor.)

1820

Reino da Estupidez. Poema. Hambourg. 1820. in-16.º de p. XI-62. (Sem nome de auctor.)

1821

O Reino da Estupidez: poema... Nova edição correcta. Paris. Officina de A. Bobée. 1821. In-18.º, de x-62 pp.

1822

A Estupidez. Poema em tres Cantos. Na Impressão de João Nunes Esteves. Anno 1822. Rua dos Correeiros, n.º 144. In-16.º, de VI-45 pp.

Parece ter sido este titulo o primitivo, como se vê da Carta do Dr. Antonio Ribeiro dos Santos, e das referencias das Satiras contemporaneas. Não traz o nome do auctor.

*

— Aponta-se uma outra edição d'este mesmo anno, e logar.

1833

O Reino da Estupidez. Lisboa. Imprensa de João Nunes Esteves. In-16.º

1834

O Reino da Estupidez. (Formando parte do tomo VI do *Parnaso lusitano:* Os SATIRICOS, de pp. 139 a 197.) Paris, Aillaud, 1834. In-32. — (Sem nome do auctor.)

1868

Reino da Estupidez. Poema por Francisco de Mello Franco. Barcellos, Typ. da Aurora do Cavado. 1868, In-8.º peq. de XII-52 pag. (E' edição do Dr. Rodrigo Velloso.)

V

JOSÉ BASILIO DA GAMA

No ultimo quartel do seculo XVIII a poesia portugueza recebe um impulso de renovação, impresso por alguns talentosos brasileiros embora ainda ligados ás normas do Arcadismo. Fazem lembrar em relação a Portugal a situação de Roma, quando os talentos litterarios das Gallias, da Hespanha e da Africa do norte enriqueciam a Litteratura latina com novas creações, como o *Satyricon* de Petronis, gaulez, ou poemas historicos como a *Pharsalia* de Lucano, tragedias como as de Seneca, e *Epigrammas* como os de Marcial, hispanicos. Sob a pressão do cesarismo, com a Inconfidencia e Inquisição, o genio portuguez apagava-se na imbecilidade ou na indignidade; a colonia brasileira fortificava-o com organismos fecundos, vigorosos, como vêmos desde Antonio José (*o Judeu*) até Dom Francisco de Lemos, que levou á pratica a reforma pombalina da Universidade. A Arcadia

lusitana não conseguira apresentar um esboço de epopêa moderna; realisou esse empenho o genio brasileiro, inspirando-se nas tradições coloniaes e na paizagem americana, nos dois poemas *Uraguay*, de José Basilio da Gama, e *Caramurú*, de Frei José de Santa Rita Durão. Por terem vivido na Europa, e principalmente em Portugal, é que o sentimento patrio estimulado pela ausencia os levou a idealisarem as impressões da terra natal e á sympathia pela sua historia.

José Basilio da Gama, amigo intimo de Filinto Elysio, acompanhara-o na *Guerra dos Poetas* quando o *Grupo da Ribeira das Náos* combatia contra a Arcadia. [1] No processo que a Inquisição de Lisboa formou contra Filinto, apparece o frade franciscano terceiro Fr. Placido de Andrade Barroco, de vinte outo annos, ratificando o seu depoimento em 1 de Março de 1779: «que a tragedia intitulada *Mahometismo* a traduzira... um JOSÉ BASILIO, hoje official da Secretaria dos Negocios do Reino, mas que elle depoente vira esta traducção na mão do mesmo Padre.» Era quanto bastava para envolver em perseguição o poeta, que fôra alumno dos Jesuitas e depois protegido pelo Marquez de Pombal, agora decahido do poder. Interessam os factos particulares da sua biographia, por que se reflectem nas manifestações do seu talento. Nasceu José Basilio da Gama em 1742 na villa de San José, de Minas Geraes, sendo seus paes

---

[1] *A Arcadia lusitana*, p. 337. Porto, 1899. Contra João Xavier de Mattos, vid. supra, p. 148.

o capitão-mór Manoel da Costa Villas Boas, que perdeu muito cedo, e D. Quiteria Ignacia da Gama. Enviado pela familia para o Rio de Janeiro aos cuidados do brigadeiro José Francisco Pinto de Alpoim, este o entregou aos Padres jesuitas, aonde se conservou quatro annos (1755—1759) até que foi expulsa a Companhia. Na refutação que os Jesuitas fizeram ao seu poema *Uraguay*, vem como prefacio uns traços biographicos de José Basilio, valiosos apesar do despeito que os ditou; embora publicados em 1786, transcrevemol-os já porque nos relatam os primeiros annos da vida do poeta.

Na *Resposta apologetica ao Poema intitulado* O Uraguay, começando por apontar José Basilio da Gama «entre as muitas pennas venaes, de que se serviu Sebastião José de Carvalho, primeiro ministro da côrte de Portugal, para infamar os Jesuitas», vem os seguintes apontamentos biographicos sob a epigraphe: «Previa noticia da vida e caracter do Author do Poema:

«Nasceu este novo Poeta, que mais deve ser contado entre os Satiricos da gentilidade do que entre os Arcades de Roma, no Arraial de S. José do Rio das Mortes, no Estado do Brasil, aonde, passada miseravelmente a puericia, o entregou a pobre viuva sua mãe a um Religioso leigo franciscano, para que por caridade o conduzisse comsigo para o Rio de Janeiro, a fim de aprender alli latim. N'esta cidade o recebeu em sua casa certo bemfeitor, que sustentando-o e vestindo-o por esmola, o mandou estudar ás aulas dos Jesuitas. Aqui, depois de estar bastante imbuido por estes

religiosos nos preceitos da Latinidade, pretendeu entrar na Companhia... O certo é, que admittido no Noviciado... parte por compaixão da sua grande pobreza, parte por esperança de que crescendo em annos, crescesse n'elle a madureza, consentiram finalmente que acabado o biennio, fizesse os votos religiosos.

«Passado apenas seis mezes depois do noviciado, chegou ao Brasil o tremendo e horrivel Decreto, em virtude do qual eram desterrados e desnaturalisados os Jesuitas existentes nos dominios de S. M. F., pelo supposto e nunca jámais provado crime de attentar todo o corpo d'esta Religião contra a vida do F. R. D. José I, izentando-se d'esta pena os que solemnemente não tivessem professado, no caso que quizessem despir o habito e ficar no Reyno, aonde seriam tratados como vassallos fieis e gosariam a quotidiana congrua de 100 rs.

«Tendo aproveitado pouco na Escola do Espirito este recente jesuita, acceitou logo a offerta; ...se viu este pobre mancebo quasi de todo indigente,... sem a pensão que se promettera aos que sahissem da Companhia. Quiz n'esta conjunctura applicar-se a Filosofia em um Seminario [1]; mas resoluto o Reytor d'elle a castigal-o por uma Satira que fez, agitado já n'aquelle tempo do espirito de maledicencia, com a fuga evitou a pena, mas augmentou a miseria.

---

[1] Allude ao *Seminario de S. José*, creado em 3 de Fevereiro de 1739.

«Cahiu finalmente em si, como o Prodigo, e determinou ir a Roma prostrar-se aos pés do Geral da Companhia, e pedir-lhe quizesse segunda vez admittil-o á religião. Para este fim servido em dinheiro e cartas recommendaticias, que lhe deram algumas pessoas caritativas, se embarcou para Lisboa, e de Lisboa para Italia. Logo que chegou a Roma é incrivel o grande bem que lhe fizeram os Jesuitas... Elles... lhe alcançaram um logar em certo Seminario... para lhe darem honra e fama o fizeram alistar entre os Academicos da *Arcadia*, fazendo-lhe talvez ou emendando-lhe as composições que ali havia de recitar... correspondeu mal a todos estes beneficios; porque calumniando... com um escripto satirico o Seminario em que estava por caridade, improvisamente se retirou para Napoles; de Napoles veiu a Lisboa, e de Lisboa partiu para o Brasil. Ali sendo conhecido por ex-jesuita foi preso e remettido a Portugal, por virtude de uma nova ordem regia, a qual estendia o exterminio ainda aos que tinham sahido da Companhia.

«Desembarcado em Lisboa foi presentado ao Tribunal da Inconfidencia, e n'elle obrigado a fazer termo de ir para o Reyno de Angola. Mas este desterro evitou elle valendo-se das suas habilidades, isto é, compondo não sei que versos, que dedicou a uma filha de Carvalho, a qual alcançou de seu pay o livramento. D'esta epoca começou a este Poeta a sua não sei se lhe chame fortuna, se desgraça; por que, penetrando, que aquelle Ministro a ninguem premiava mais, nem remunerava melhor que aos Authores de escriptos satiri-

cos e infamatorios contra os Jesuitas, occorreu-lhe que para ter que comer o meio mais facil e certo era dar á luz um Poema... concluida a obra lh'o fez (o ministro) imprimir em bom caracter na Estamparia real e approvar pela Mesa Censoria. Além d'isto vendo que o Author tinha escripto tão bem, ou para dizer melhor, tão mal contra a Companhia, o premio que lhe deu foi o de Escrivão da sua Secretaria.»

N'esta noticia jesuitica faltam as datas; por occasião do falecimento de Gomes Freire em 1 de Janeiro de 1763 por desgostos da perda da Colonia do Sacramento, conseguira José Basilio da Gama vir a Portugal, partindo pouco depois para Roma. Quereria regressar á Companhia o noviço? Em 1763 figura como membro da Arcadia romana, com o nome de *Termindo Sepilio;* o seu talento litterario já o havia revelado nas exequias de Gomes Freire. Esteve em Roma até 1767, tendo lá convivido com o poeta Frei José de Santa Rita Durão, que as hostilidades politicas tambem tinham afastado de Portugal. José Basilio da Gama indispoz-se com os Jesuitas, deixou Roma, dirigiu-se a Napoles, e d'ahi para Portugal; em uma nota do *Uraguay*, dá a entender a situação em que se achara: «Os Jesuitas tem tido a animosidade de negar por toda a Europa o que se acabou de passar na America nos nossos dias á vista de dois Exercitos. O Author o experimentou *em Roma, onde muitas pessoas o buscavam* só para saberem com fundamento as noticias de Uraguay; testemunhando um estranho contentamento de encontrarem um Ame-

ricano, que os podia informar miudamente de tudo o succedido. A admiração que causava a estranheza de factos entre nós tão conhecidos, *fez nascer as primeiras ideias* d'este Poema.» [1]

> Que do premeditado *occulto Imperio*
> Vagamente na Europa se fallava.

Eram as terras que a Companhia de Jesus possuia na parte oriental do rio Uraguay, que governava como suas, que constituiam o *occulto Imperio,* que pelo tratado de limites de 16 de Janeiro de 1750, entre Portugal e Hespanha, nos ficaram como restituidas ao nosso dominio. O *occulto Imperio,* que os Jesuitas renegavam, era um thema com colorido poetico, como o presentiu José Basilio; se não deixasse Roma rapidamente, com certeza teria cahido com a punhalada mysteriosa de algum *bravi.* Na sua volta a Portugal, o poeta pouco se demorou em Lisboa; ainda assim tomou parte na lucta então vehemente entre a Arcadia lusitana e o Grupo da Ribeira das Náos; Garção, no soneto em que lhe replica, allude ao seu regresso: «Passe o senhor quaqui, *que vem de Roma.*» Diniz chama-lhe *o vão Termindo.* Por falta de recursos voltou para o Rio de Janeiro, onde parece ter conseguido algum auxilio, para vir estudar na Universidade de Coimbra. Na *Relação das Pessoas* que em 30 de Junho de 1768 vieram

---

[1] *O Uraguay,* poema, p. 11, nota.

para o reino no navio Senhora da Penha de França, está o seguinte assento:

«*José Basilio da Gama Villas Boas*, solteiro, natural de Minas, do Rio das Mortes, filho de Manoel da Costa Villas Boas, e de D. Quiteria Ignacia da Gama, de idade de 26 annos. Estatura ordinaria, de cabello castanho e crespo, rosto comprido, moreno, olhos pardos, nariz pequeno grosso, pouca barba, com falta de um dente na frente do queixo de cima; Estudante, vai para Coimbra.» [1]

Por este assento vê-se que não viera preso para Portugal; pouco tempo depois de achar-se em Lisboa é que foi denunciado como *jesuita*, e preso por ordem do Marquez de Pombal, concedendo-lhe porém soltura depois de assignar termo na Inconfidencia em como partiria para Angola dentro do praso de seis mezes, e ahi ficaria ás ordens do governo. Toda esta perspectiva de desgraças se mudou em 1769; n'este anno casara uma filha do Marquez de Pombal, e José Basilio dedicou um *Epithalamio* ás nupcias de D. Maria Amelia, em um in-4.º de 10 paginas:

Eu não verei passar teus doces annos,
Alma de amor e de piedade cheia,
Esperam-me os desertos africanos,
Aspera, inculta e monstruosa areia.
Ah! tu faze cessar os tristes damnos,
Que eu já na tempestade escura e feia...
Mas diviso, e me serve de conforto
A branca mão que me conduz ao porto.

---

[1] *Junta do Commercio.* Maço 1.º (Na Torre do Tombo.) Communicação do sr. Pedro A. de Azevedo.

A sensivel senhora intercedeu pelo poeta junto do rigoroso ministro, seu pae; a ordem de desterro foi annullada, e n'esse mesmo anno de 1769, José Basilio da Gama imprimia na Régia Officina typographica *O Uraguay* — dedicado ao ill.mo ex.mo sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado, ministro de estado de S. M. (irmão do Marquez de Pombal) precedido de um Soneto encomiastico ao Conde de Oeyras. O ministro soube apreciar o merecimento do poeta, sem que a pécha de ter estudado com os Jesuitas o prejudicasse; o mesmo fizera a José Monteiro da Rocha, que brilhava na Universidade de Coimbra. Em 1773 era supprimida a Companhia de Jesus por Clemente XIV; como que satisfeito com este successo, o ministro despachou por portaria de 25 de Junho de 1774 José Basilio da Gama Official da secretaria do ministerio do reino; por vezes o chamava para trabalhos especiaes no seu gabinete. Assim com a vida organisada, entregava-se a traduzir tragedias, como a de *Mahomet*, de Voltaire, e offerecia-se a Manoel de Figueiredo para lhe emendar os versos das suas tragedias; gosava a convivencia litteraria de Filinto, e as damas, que então estimavam a poesia davam-lhe motes para glosar, segundo o gosto dominante, como se vê pelo seguinte inedito:

—Glosa ao Mote dado por D. Joanna Isabel de Lencastre Forjaz:

Tocando n'uma çanfona.

Cupido, tempo hade vir
Em que acabando os patetas,
Que não hão de as tuas setas
Nem penetrar, nem ferir.
Ainda te hão de ver cobrir
De grossa e parda japona,
E tua mãi fanfarrona,
Que dirá, vendo-te então,
Roto e cego atraz de um cão
Tocando n'uma çanfona.

JOSÉ BASILIO DA GAMA.

A morte d'el-rei D. José e a queda do Marquez de Pombal vieram perturbar este remanso, vendo-se o poeta outra vez exposto aos baldões do rancor do partido reaccionario. Em um Soneto, impresso em folha avulsa, celebrou a acclamação da rainha D. Maria I; e quando se operou a *viradeira*, ou a palinodia dos metrificadores que tinham exaltado o grande ministro, José Basilio da Gama teve a coragem de pugnar pela gloria do Marquez de Pombal. Eis um soneto inedito em que revela este sentimento digno:

Poeta portuguez, bem que eloquente,
Suspende o mordaz verso que recitas,
Não vês que no teu córte não imitas
A conducta de um principe prudente.

Ser ferino o Marquez, ser insolente
De horroroso partido, acções malditas
Inventar mil clausulas exquisitas,
E ser réo, ser indigno, delinquente;

Mas, que importa o Marquez não fosse digno,
Pela soberba vil, pela fereza,
Se achou para o perdão um rei benigno!

Não córtes, oh vassallo, que é vileza
Celebrar um vassallo por indigno
Quando achou no seu rei tanta grandeza. [1]

O partido clerical tinha a attenção sobre José Basilio, como se vê d'essa denuncia de Frei Placido de Andrade Barroco ácerca da traducção de uma tragedia de Voltaire, em 1779. Em uma carta de P.e Antonio José para o jesuita P.e José da Silva, datada de 1780, dá-lhe noticia dos passos de José Basilio da Gama, e diz que o Marquez de Pombal atacado de lepra está tomando caldos de vibora. Em uma carta do P.e Lourenço Kaulen ao P.e José da Silva, ambos ex-jesuitas, trata-se do poema *O Uraguay*, e da pessoa do poeta; é datada de 19 de Maio de 1780. [2] O mesmo P.e Kaulen, em carta datada de 20 de Maio do referido anno, e dirigida ao ex-jesuita Bento da Fonseca, falla de José Basilio da Gama como exercendo ainda o cargo de Official de Secretaria, e revela-se como auctor da *Resposta apologetica ao poema intitulado* O URAGUAY, que estava escrevendo, e que se imprimiu anonyma em Lugano em 1786. Transcrevemol-a aqui pelo seu valioso testemunho:

---

[1] Mss. da Academia, G. 5, Est. 23. N.o 33.

[2] *Collecção pombalina*, Ms. n.o 640, fl. 385; 387 a 389. (Bibl. nac.)

«M. R. P. Bento da Fonseca.

«Alegrei-me muito quando entendi da sua, que me fez graça no dia 1.º de Abril passado, que vai vivendo, e que ainda se acha com força e animo para trabalhar para o credito da Companhia, mãe nossa... A minha obra está na mão do P.e Domingos Antonio, para elle a augmentar e emendar, e depois a tornarei a copiar, para correr. Entretanto visto que V. R. não me mandou a Resolução da Relação abreviada, puz a mão á refutação ou *Resposta* de hum livrinho infamatorio contra nós, que aqui corre com o titulo de *Uraguay*, Poema em verso portuguez, cujo author é um homem que agora aqui he official da Secretaria de Estado, chamado Joseph Basilio da Gama, que foi jesuita recolleto, homem insolente com o qual me vejo ás vezes obrigado a estar á mesa. Parece-me que lhe faço as barbas e que lhe desaponto os dentes. V. R. verá; já tenho doze folhas promptas etc. Elle foi companheiro de José Leitão no gabinete do Marquez e d'el Rey etc.»

A *Resposta* só appareceu passado seis annos, contradictando certos detalhes de factos historicos a que no poema se allude, mas sempre em tom de argumentação capciosa; quando trata do personagem o Padre Balda, explica a morte de Cacambo como resultante de suspeita de traição, e sobre o bello episodio da morte de Lindoya apenas declama dizendo que na tribu uraguayana não existiu mulher alguma com esse nome! As impressões artisticas não se apagam com argumentos dialecticos, e n'esse episodio, José Basilio attingiu a emoção ideal.

O episodio de Lindoya, em que fulge o delicioso verso — Tanto era bella no seu rosto a morte — impressionou os poetas contemporaneos; o Dr. Joaquim Ignacio de Seixas, no Soneto ao auctor, proclama:

Não é presagio vão: lerá a gente
A guerra do Uraguay, como a de Troya;
E o lacrimoso caso de Lindoya
Fará sentir o peito, que não sente.

Filinto nos *Ultimos Adeos ás Musas* acclamava o seu antigo companheiro da *Guerra dos Poetas:*

Basilio, em Canto altiloquo forceja
Cantar Freire, na America famoso...

(*Obr.*, I, 417.)

Os Jesuitas tratavam de introduzir em Portugal a refutação ao Poema; e em uma Conta dada pelo Intendente Pina Manique para a Secretaria do Reino em 1784, escreve: «achei um grande numero de volumes impressos em portuguez, cuja obra se intitulava — *Resposta critica a uma obra intitulada* PARAGUAY (sic) *feita por José Basilio da Gama.* E lendo poucas palavras, e abrindo em diversas partes um dos mesmos volumes, vi que era um libello famoso infame contra a memoria do Augusto Pay, o Snr. Dom José I, e de seu Ministro.» [1] Conforme informava o Intenden-

---

[1] *Contas para as Secretarias*, Livro II, fl. 294 ṽ. (Na Torre do Tombo.)

te, era por via da Embaixada da Allemanha, que os papeis jesuiticos se introduziam em Portugal. Uma das cartas do P.e Lourenço Kaulen era dirigida para a Allemanha ao P.e Anselmo Eckart, fallando-lhe tambem do poema O *Uraguay* e da propaganda jesuitica. Em 1788 foi apresentado á Mesa da Censura e exame dos livros esta *Resposta apologetica;* o parecer dado em 5 de Março, é contrario á sua circulação. Transcrevemos parte d'elle:

Na Censura —da «*Resposta apologetica ao Poema intitulado o Uraguay* se propõe o seu auctor mostrar serem falsos todos os vicios e crimes de que são accusados no mesmo Poema os Jesuitas... Sem advertir o A. que devia sómente ter em vista para combater e atacar o Poema do *Uraguay* e não a pessoa de seu auctor, procura descobrir comtudo nos primeiros annos da sua vida, na sua educação e adversa fortuna materia para o humilhar, e desacreditar. Faz por escurecer o seu merecimento litterario e a opinião dos seus talentos, tratando-o de inepto e ignorante. O seu caracter moral descreve com as côres mais negras, que lhe podia subministrar o seu odio, accusando-o de ingrato aos Jesuitas, a cuja sociedade se accolhera, como a um asylo da sua pobreza e miseria, e de quem recebera soccorros para remediar a sua indigencia, ainda em Roma, para onde o levara a sua necessidade a buscar segunda vez o refugio e amparo da Companhia. Trata-o de escriptor maligno e calumniador, que prostituiu e fez venal a sua penna escrevendo contra os Jesuitas seus bemfeitores só a fim de merecer a

protecção e favor do Marquez de Pombal seu inimigo, do qual comtudo foi tão mal remunerado, que apenas teve por premio do seu infame serviço a tenue Escrivania.» (Meza, 5 de Maio de 1788.) Apparece entre os signatarios o nome de Paschoal José de Mello. [1]

O ruido que os Jesuitas fizeram em volta do poema era um meio de lembrar ao partido do Rigorismo o poeta; effectivamente José Basilio da Gama foi forçado a deixar temporariamente o cargo de Official de Secretaria, e a ausentar-se de Portugal, regressando outra vez ao Rio de Janeiro, onde governava como vice-rei o illustre D. Luiz de Vasconcellos e Sousa, que formara em volta de si uma especie de côrte litteraria. Aproximou-se José Basilio da Gama do seu velho amigo Manoel Ignacio da Silva Alvarenga *(Alcindo Palmireno,)* professor de Rhetorica no Rio de Janeiro, e influiu no seu animo para a fundação de uma *Arcadia brasileira.* Era este um sonho querido de Silva Alvarenga, que já em 1774, no *Desertor*, se dava como membro da *Arcadia Ultramarina;* e no *Templo de Neptuno*, em 1778 se assignava, Alcindo Palmireno, *Arcade ultramarino.* [2] Era esta tradição que José Basilio fez revivificar na *Sociedade litteraria* pouco depois de 1782 e que tambem foi chamada *Arcadia brasileira.* Im-

---

[1] Papeis da *Mesa Censoria.* (Na Torre do Tombo.)

[2] Lisboa, na Regia Offic. Typograp. MDCCLXXVIII. In-4.º

porta explicar a continuidade d'esta tradição, sempre mal comprehendida.

A *Arcadia ultramarina* não constitue uma associação individualisada, mas uma tradição que foi tomando differentes corpos em varias epocas e logares. Em Agosto de 1758 chegou ao Rio de Janeiro o desembargador José de Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello, o tremendo e ignobil juiz da Alçada do Porto, que tambem fôra membro da *Academia dos Occultos*. Logo que este magistrado teve noticia de que na Bahia existira em tempo a *Academia dos Esquecidos*, fundada em 1724 por Vasco Fernandes Cesar, [1] empregou todo o seu empenho para restabelecel-a, e segundo uma memoria do tempo: «Tratou esta materia como muitos do grande numero que ha na cidade, e especialmente com o P.e Antonio de Oliveira, que tinha sido academico e presidente dos *Esquecidos*, com o sargento-mór Antonio Gomes Ferrão... e com o P.e Antonio Rodrigues Nogueira. Designou-se a *Academia brasilica dos Renascidos;* [2] a primeira junta particular effectuou-se em 19 de Maio de 1759, e a primeira Conferencia publica em 6 de Junho do mesmo anno, no anniversario do rei Dom José. O desembargador Mascarenhas Pacheco Pereira não tinha sido convidado para a *Arcadia lusitana*, e ficou por isso hostil a essa corporação; fazendo referencias honrosas á *Academia dos Oc-*

---

[1] Mss. de Alcobaça, Cod. CCCLXV, — VI, — VII.

[2] Os seus Estatutos e lista dos Socios, Ms. 630, da Bibl. Nacional.

cultos, á *Academia Liturgica* de Coimbra, á *Scalabitana* de Santarem, á *Marianna* de Bellas, á dos *Unidos* da Torre de Moncorvo, e á *Metropolitana* do Porto, o silencio ou omissão do nome da *Arcadia lusitana* é bem significativo da dissidencia. Entre os academicos *renascidos* supranumerarios encontra-se o nome de Claudio Manoel da Costa, e isto explica o titulo de *Arcade ultramarino* nas Obras impressas em Coimbra em 1768. Tambem pertenceram honorificamente a esta academia o auctorisado grammatico Antonio Felix Mendes, Francisco de Pina e Mello, dos já debandados *Occultos*, e o P.e Manoel de Macedo, o da celebre Ode á Zamperini. O rei Dom José foi considerado Protector, celebrando-se uma sessão publica em apotheose do ministro Sebastião José de Carvalho como membro da *Academia da Historia*. Desde que os crimes de Mascarenhas na Alçada do Porto foram provados, a sua prisão e castigo fez com que os *Renascidos* se desligassem, e extinguiu-se essa tentativa de uma Arcadia, que no Rio de Janeiro parodiava a de Lisboa. N'essa Academia appresentou o P.e Domingos Telles da Silva o projecto de uma epopêa, a *Brasileida*, celebrando o feito de Pedro Alvares Cabral. [1] Felizmente não foi escripto o Poema, mas a ideia de tratar epicamente os elementos da civilisação brasileira preoccupava os verdadeiros poetas, como Jo-

---

[1] Publicámol-o por occasião do Centenario do descobrimento do Brasil no *Brasil-Portugal*. p. 26 a 28.

sé Basilio da Gama e o seu amigo Fr. José de Santa Rita Durão.

A renovação de uma *Arcadia ultramarina* era outra vez tentada pelo Dr. Manoel Ignacio da Silva Alvarenga ao fixar a sua residencia na capital. «Abriu Alvarenga um curso de Rhetorica no Rio de Janeiro em 1782, sob a protecção do Vice-rei Luiz de Vasconcellos e Sousa... prestou-se de bom grado aos conselhos do seu particular amigo José Basilio da Gama no estabelecimento de uma *Arcadia*, que se *ramificou em Minas Geraes*. Essa associação foi logo accrescentada com outros ramos de Philologia, que a tornaram mui util e de honra á nossa patria. Claudio Manoel da Costa pelos seus Poemas que se podem lêr no Parnaso brasileiro, dá provas d'essa *Associação de Arcades*, que por algum tempo abrilhantou a comarca do Rio das Mortes, em Minas.» [1] D'este ramo da Arcadia ultramarina é a figura culminante o desgraçado cantor da *Marilia de Dirceu*, Thomaz Antonio Gonzaga, de quem adiante tratamos.

Com a chegada de José Basilio da Gama ao Rio de Janeiro, a fundação de Alvarenga toma o caracter de «*uma Academia á maneira da Arcadia de Roma.*» A de Lisboa estava então extincta; Claudio Manoel da Costa saúda a José Basilio e «*a outros novos Arcades.*» A essa *Arcadia ultramarina*, pertenceram o P.^{e} Domingos Caldas Barbosa, que

---

[1] *Revista trimensal*, vol. III, p. 310.

em Lisboa veiu dar alento á *Nova Arcadia* inaugurada em 1790, e José Marianno da Conceição Velloso, valioso amigo de Bocage.

A Arcadia do Rio de Janeiro teve como a de Minas uma sorte desgraçada; acoimaram-a estólidamente de *Club de Jacobinos*, e seguiram-se as prisões d'esses inoffensivos homens de letras. Na biographia de Diniz está tracejado este lamentavel episodio; mas ficaria truncada a historia da *Arcadia ultramarina* sem o conhecimento do seu inspirador José Basilio da Gama, que já encontrámos figurando na *Guerra dos Poetas*. Alvarenga fôra o secretario da corporação, como se vê no opusculo=*As Artes*, Poema que a SOCIEDADE LITTERARIA DO RIO DE JANEIRO recitou no dia dos annos de Sua Magestade Fidelissima — por Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, Secretario da Sociedade. Lisboa, Na Typographia Marozziana. Anno 1788. Com licença...=In-16.º, com 15 paginas não numeradas; começa:

> Já fugiram os dias horrorosos
> De escuros nevoeiros, dias tristes
> Em que as Artes gemeram desprezadas
> Da nobre Lisia no fecundo seio.
> Hoje cheias de gloria ressuscitam
> Até n'estes confins do Novo Mundo.

Propriamente com o titulo de *Arcadia brasileira* apparece designada em 1789, no folheto:=*Saudosa Cantilena* que repetiram os Pastores Limbrano, Anodino e Lisardo, na ARCADIA BRASILEIRA, pela perpetua ausencia

que fez a sua Pastora Armelina. Por Joaquim José de Santa Anna Esbarra. = [1]

Sob o governo do Conde de Resende a *Arcadia brasileira* não foi menos desgraçada do que a de Lisboa:

«Parece que a providencia quizera contrastar o brilhante Vice-reinado de Vasconcellos com o taciturno do Conde de Resende, que lhe succedera... A intriga, então acastellada nos Claustros, ralando-se pela inveja de vêr roubarem-lhe os louros das sciencias, que os frades ainda queriam exclusivamente monopolisar, ...e interessando em sua baixa vingança a *imbecilidade* de um vice-rei suspeitoso, inclinado a vêr como insulto á sua pessoa a falta de elogios tão justamente offerecidos ao seu antecessor, pintou como criminosos aquelles que por suas letras illustravam a patria. O despotismo colonial folgou de achar na estupida denuncia de um malvado rábula, que o odio fradesco incitara na mais vil intriga, um pretexto para aferrolhar nos subterraneos da Ilha das Cobras por mais de dois annos e com inaudita barbaridade, não só o nosso poeta Manoel Ignacio, como tambem outros muitos socios da Academia litteraria do Rio de Janeiro, que na grey franciscana satiricamente se appellidava *Club de Jacobinos*.» [2]

Alvarenga depois de solto volveu ao ensi-

---

[1] Lisboa, Offic. de Francisco Borges de Sousa. Anno MDCCLXXXIX. In-4.º de 14 pp.

[2] *Rev. trimensal*, vol. III, p. 338, e vol. XXVIII, p. 137.

no da Rhetorica, morrendo no 1.º de Novembro de 1814 com perto de 80 annos.

Pelo influxo do intelligente vice-rei Luiz de Vasconcellos e Sousa, José Basilio da Gama viu-se congrassado com o mundo official, obtendo por sua via, por carta regia de 6 de agosto de 1787 o diploma de escudeiro fidalgo da Casa real. [1] Substituido em 1790 este homem superior pelo Conde de Resende, desalmado perseguidor de todos os que eram affectos a ideaes de liberdade, José Basilio da Gama retirou-se para Lisboa. Publicou em 1791 o poemeto *Quitubia*, celebrando as façanhas de um soba africano. Já muito doente em 1792, debalde foi ás aguas de Mó, perto de Coimbra; eleito socio corre-

---

[1] «Sua Magestade attendendo ao dito José Basilio da Gama estar servindo ha 13 annos, 2 mezes e 8 dias contados de 25 de Junho de 1774 até o presente de Official da Secretaria de Estado dos Negocios do Reino, mostrando sempre muito prestimo, aptidão e zelo no real serviço, satisfazendo em tudo as obrigações do mesmo exercicio em que continúa; em consideração do que, e do exemplo que allegou; Ha Sua Mag.de por bem e lhe praz fazer-lhe mercê de o tomar por Escudeiro fidalgo de Sua Casa, com 450 rs. de moradia por mez, e juntamente o accrescenta logo a Cavalleiro fidalgo d'ella com 300 rs. mais em sua moradia, para que tenha e haja 750 rs. de moradia por mez de Cavalleiro fidalgo, e hum alqueire de cevada por dia, paga segundo ordenança e he moradia ordinaria. — E o Alvará foi feito em 6 de Agosto de 1787.

—José Basilio da Gama, natural da Freguesia de Santo Antonio da Villa de S. José do Rio das Mortes, do Estado de Brasil, e filho do Capitão Mór Manoel da Costa Villas-Boas. (*Registo das Mercês* de D. Maria I, Livro 22, fl. 134.)

spondente da Academia das Sciencias (11 de Fevereiro de 1795) e sendo-lhe tambem anteriormente conferido o habito da ordem de San Thiago, [1] faleceu em 15 de Julho de 1795, e sepultou-se na matriz da Boa Hora (Belem) de Lisboa.

Apesar de todas as considerações do mundo official, o partido jesuitico não podendo prejudicar em vida o poeta aproveitou o momento da sua morte para apagar-lhe as manifestações do talento; lê-se no *Diccionario de Brasileiros illustres*: «Um frade que assistiu a seus ultimos momentos, lançou fogo aos preciosos manuscriptos das suas Tragedias e Poesias! Só pôde escapar a esse desastre as bellas poesias feitas á morte do Conde de

---

[1] «D. Maria, por graça de Deus, etc. Faço saber aos que esta minha Carta de Padram virem, que em satisfaçam dos serviços de José Basilio da Gama obrados no emprego de Official da Secretaria de Estado dos Negocios do Reino e no Gabinete do Marquez de Pombal, dando boa conta de tudo que lhe foi encarregado, por espaço de mais de 13 annos desde 25 de Junho de 1774 até 20 de Agosto de 1788, em que ficou continuando sempre com honra e desinteresse; Houve por bem fazer-lhe mercê do habito da Ordem de San Thiago da Espada, e 80$000 rs. de tença effectiva de que se lhe passaram Padrões, que se assentaram nos Almoxarifados do Reino, onde couberem, sem prejuizo de terceiro, e não houver prohibição, com o vencimento na forma das minhas reaes ordens, das quaes logrará 12$000 rs. a titulo do Habito da dita Ordem, que lhe tenho mandado lançar, e isto por Portaria de 29 de Abril de 1790. Para complemento do que, Hey por bem e me praz fazer mercê ao dito José Basilio da Gama de 68$000 de tença effectiva cada anno em sua vi-

Bobadella.» Das suas composições existem as que imprimira em vida, e uma ou outra inedita por collecções e miscellaneas manuscriptas, em que prevalece o arcadismo. Garrett, na introducção do *Parnaso lusitano*, synthetisa em poucas palavras o merito da obra de Basilio «verdadeiramente nacional e legitima americana.» O poeta tinha a consciencia da superioridade do poema, quando ao terminal-o escrevia:

> Serás lido, URAGUAY! Cubra os meus olhos
> Embora um dia a escura noite eterna;
> Tu, vive, e gosa luz serena e pura.
> Vae aos bosques de *Arcadia*, e não receies
> Chegar desconhecido áquella areia:
>
> (Canto v, p. 101.)

---

da, com que foi deferido pelos seus serviços; e os ditos 68$000 rs. de tença lhe serão assentados em um dos Almoxarifados do reino em que couberem sem prejuizo de terceiro, e não houver prohibição e o vencimento d'elles de 29 do mez de Abril do anno presente em diante, dia da data da Portaria d'esta mercê até a do assento será na forma das minhas ordens, tudo na conformidade do Alvará de 17 de Abril de 1789. Lisboa, 1 de Maio de 1790. — P. Portaria do Secretario de Estado dos Negocios do Reino de 29 de Abril de 1790. (Registado em 5 de Maio de 1790.) Livro 25 das Mercês de D. Maria I, fl. 157.—A folha 239 v. vem registada a parte relativa á Ordem de San Thiago.

Por carta regia de 31 de Agosto de 1793 foi concedido a José Basilio da Gama o transito da Ordem de San Thiago para a Ordem de Christo, tal como na mesma data se concedera ao poeta Nicoláo Tolentino de Almeida. (Registro geral das Mercês de D. Maria I, Livro 27, fl. 166 v.)

Bibliographia das Obras de José Basilio da Gama

1769 (1.ª edição)

O Uraguay; Poema. Lisboa, na Reg. Off. Typ. In-8.º Appenso no mesmo formato: *Relação abbreviada da Republica que os religiosos Jesuitas das Provincias de Portugal e Hespanha estabeleceram nos dominios ultramarinos das duas Monarchias,* etc. (Esta Relação anda junta á Collecção dos Breves pontificios e leis regias.) Tambem se publicou em refutação d'elle: *Resposta apologetica ao poema intitulado* URAGUAY, composto por José Basilio da Gama, e dedicado a Francisco Xavier de Mendonça Furtado, irmão de Sebastião José de Carvalho e Mello, conde de Oeiras e marquez de Pombal. Lugano, 1786. Com lic. dos superiores. In-8.º de 300 pp.

1769

Epithalamio ás nupcias da sr.ª D. Maria Amelia, filha do Marquez de Pombal. Lisboa, na Offic. de José da Silva Nazareth. 1769. In-4.º de 10 pag. (Em 15 Outavas.)

1772

A Declamação tragica: Poema dedicado ás Bellas Artes. (Consta de 238 versos alexandrinos.) Lisboa, na Reg. Off. Typ. In-8.º de 12 pp.

1773

A Liberdade, do sr. Pedro Metastasio, poeta cesáreo, com a traducção franceza de Mr. Rousseau, de Genebra, e a portugueza de TERMINDO, *poeta arcade.* Lisboa, na Reg. Off. Typ. 1773. In-8.º — Id. Burgos. De 15 pag.

1776

Os Campos Elysios. Outavas de Termindo Sepilio aos ill.^{mos} e ex.^{mos} senhores Condes da Redinha. Reg. Off. Typ. In-4.º de 7 pp.

1777

Soneto á acclamação da Rainha D. Maria I. (Folha avulsa.) Assigna: Termindo, *Pastor da Arcadia.*

1788

Lenitivo da Saudade, na morte do ser.^{mo} sr. D. José, Princepe do Brasil, por um anonymo. Lisboa, na Offic. de Godinho. 1838. In-4.º de 7 pag.

1791

Quitubia. Lisboa, na Off. de Galhardo. 1791. In-4.º gr. de 13 pp.

1809

Na *Collecção de Poesias ineditas dos melhores Auctores portuguezes*, Lisboa, 1809, vem no tomo I: — *Ode* ao sr. D. José (p. 5), Odes (p. 86 e 153); dois Sonetos (tomo III, p. 126 e 127.) *Quitubia* (tomo I p. 97.)

1811 (2.ª edição)

O Uraguay. Rio de Janeiro. Impr. Regia, 1811. In-8.º de VII-87; 2 p. com dois sonetos em louvor do poema. — Reproduz a de 1769.

1814

No *Jornal de Coimbra*, vol. VII, n.º XXXV. P. 1.ª p. 213: *Glosa* improvisada em decimas, ao mote: «Muitas terras tenho andado... (Anonyma.) Innocencio tem-na por indubitavelmente de José Basilio, affirmando que o mote fóra dado pelo Duque de Lafões.

1820

No *Jornal Encyclopedico de Lisboa:* Vem a Declamação tragica.

1822 (3.ª edição)

O Uraguay; Poema. Lisboa, 1822. In-8.º

1829–30

No *Parnaso brasileiro, ou Collecção das melhores Poesias dos Poetas do Brasil, tanto impressas como ineditas*. Rio de Janeiro. Typ. imp. e nac. 1829 e 1830. In-4.º — Soneto a uma senhora (1.º caderno, p. 21); Epithalamio, (ib. p. 27); Canto ao Marquez de Pombal (ib. p. 31); Soneto ao Inca do Peru (ib. p. 64.) A Declamação tragica (2.º cad., p. 3); Soneto ao Marquez do Pombal (3.º cad.

p. 13); Soneto dedicatorio do Uraguay (ib. p. 14); Soneto a N.ª Senhora (ib. p. 15); — á Rainha (ib. p. 16); — á Náo Serpente (ib. p. 25); — a elrei D. José (ib. p. 68.)

1839

O *Romancista* (jornal) em 1839, p. 147: Soneto contra o P.e Manoel de Macedo. (Attribuido.)

1844 (4.ª edição)

Uraguay. Rio de Janeiro. Typ. Austral. In-8.º de 70 pp. (Forma o tomo I da *Bibliotheca brasilica*, da Minerva Brasiliense.)

1845 (5.ª edição)

Uraguay. (Impresso juntamente com o *Caramuru*, na collecção—Epicos brasileiros, por F. Adolpho de Varnhagen.) Lisboa, 1845.—Substituiram-se antigas notas do auctor por outras do editor, por melindres.

1853

Na *Miscellanea poetica* ou Collecção de Poesias diversas. Rio de Janeiro. 1853. Vem: —Soneto a el rei D. José, p. 116; e a p. 155 o Soneto ao P.e Macedo.

1855 (6.ª e 7.ª edição)

Uraguay. Rio de Janéiro. (Na Empreza typographica Dois de Dezembro.) 1855. In-8.º de 95 pag. — E' reproducção em separado do texto do poema que vem na *Marmota fluminense*, periodico de Paula Brito.

1895 (8.ª edição)

O Uruguay, precedido de um Estudo critico por Francisco Pacheco. Livraria Classica de Alves & Comp.ª Rio de Janeiro — S. Paulo, 1895. — 1 vol. in-8.º peq. de XXIV-78 pp. — Esta edição foi feita «por occasião do Centenario de Basilio da Gama. O exemplar enviado foi impresso com quinze dias de antecedencia...» (Carta particular de F. Pacheco.) Tem o retrato de José Basilio da Gama, e um valioso prologo biographico e bibliographico.

VI

FREI JOSÉ DE SANTA RITA DURÃO

Servindo o mesmo pensamento de dar á poesia brasileira o colorido dos aspectos da natureza americana, e os themas tradicionaes da epoca colonial em que se revelava uma aspiração de nacionalismo, apparece-nos ligado pela amisade e identico enthusiasmo com o cantor do *Uraguay*, o idealisador do *Caramurú*, Frei José de Santa Rita Durão. Pertence a essa pleiada dos Poetas da provincia de Minas, que apoiaram o seu sentimento esthetico no sonho de uma Patria brasileira. Nasceu na localidade de Cata-Preta, quatro leguas distante da cidade de Mariana, diocese e arraial de N. S. de Nazareth do Inficionado; [1] foram seus paes o Sargento-

---

[1] No poema *Caramurú*, explica Durão a origem d'este nome: «*Inficionado.* Povo importante das Minas de Mato a dentro; chamado assim, porque o ouro, que tinha mui subido, perdeu os quilates mais altos, e ficou chamado *ouro inficionado.* Assim o soube o Poeta dos antigos d'aquella parochia, de que elle é natural.» (Cant. IV, not. 4.)

mór Paulo Rodrigues Durão, e Dona Anna Garcez de Moraes. A data do seu nascimento pode hoje fixar-se entre 1718 a 1720, relacionada com successos decisivos da sua vida. Os primeiros annos foram passados no Rio de Janeiro, frequentando o Collegio dos Jesuitas; sendo alli admittido aos doze annos (1730) e terminando o curso passados seis annos (1736), temos para a vinda de Durão para Portugal, e o noviciado na ordem dos Gracianos, o intervallo que vae até á sua profissão em 12 de Outubro de 1738. Innocencio achou esta data documentada, que obriga a considerar, que devendo entrar na maior edade para a Ordem de Santo Agostinho teria então, pelo menos vinte annos, quando jurou a regra da reforma nas mãos do Prior Fr. Francisco de Vasconcellos. Seu pae entregou á Ordem uma tença de 2:000 cruzados para sustento do filho; sabe-se isto por uma carta intima do poeta ao bispo Cenaculo. No *Livro da Receita e Despeza da Graça*, de Lisboa, vem os seguintes apontamentos:

«Gastou-se:

«Em pagar a tensa ao P.e Fr. José de S.ta Rita Durão, vensida em Novembro de 1746, e foi o *primeiro anno* em que começou a cobralla: quarenta e oito mil reis. (Fl. 38.)

«Gastou-se em pagar ao Irmão Fr. José de Santa Rita Durão a tensa do 1.º anno; quarenta e outo mil reis. (Fl. 51 ỹ.)

«—Em pagar ao Irmão Fr. José de Santa Rita Durão, quatorze mil e quatrocentos, á conta da sua tensa do 2.º anno. (Fl. 56 ỹ.)

«—Em acabar de pagar ao Irmão Fr. José de Santa Rita Durão do 2.º anno, trinta e

tres mil e seiscentos reis, que juntos aos 14.400, a fl. 56, fazem os quarenta e oito mil reis. (Fl. 62 ỷ.)

«— Em pagar ao Irmão *Substituto* Fr. José de Santa Rita Durão a tensa vensida em Novembro do 3.º anno, quarenta e oito mil reis (Fl. 73 ỷ.) [1]

Por estes apontamentos vê-se, que Frei José de Santa Rita Durão depois de ter seguido os estudos theologicos no convento de Lisboa, foi á custa da sua tença para o Collegio da Graça de Coimbra, d'onde fez os exames e formatura na Universidade. Os Jesuitas tinham publicado em 1746 o seu celebre Edital em que prohibiam no ensino a discussão das doutrinas de Descartes, Gassendi e Newton; as Ordens monasticas reagiram nos seus Collegios proclamando a Philosophia moderna. Cenaculo falla d'este movimento que em Coimbra antecedeu muitos annos a reforma pombalina.

Em um quadro dos estudos litterarios na Ordem Terceira de San Francisco em Portugal, pelo Arcebispo D. Frei Manoel do Cenaculo, referindo-se á cultura da lingua hebraica, allude ás suas relações de intimidade com Frei José de Santa Rita Durão, em 1750: «Mas no principio das tentativas (interesse pelas linguas orientaes) pareceu-nos unir as forças de Coimbra, fomentando-se, emquanto á lingua hebraica, a competencia reciproca entre mim e os doutores Frei Nicoláo de Belem

---

[1] Torre do Tombo, B. — 46 — 3. Nota offerecida pelo sr. Pedro de Azevedo, digno official do Arch. nac.

e *Fr. José de Santa Rita Durão*, eremitas de Santo Agostinho, pelos *annos de cincoenta.* Começamos o estudo pela Arte do P.e Quadros, e depois pela de Buxtorfio e seu Lexicon.» [1] Esta referencia importante, revela-nos a intimidade para a qual vinte e tres annos depois appellou Santa Rita Durão, foragido de Portugal. Como se vê pelo texto transcripto, era já Doutor em 1750; isto se coaduna com o titulo de *Substituto*, junto de seu nome no Livro da Receita e Despeza da Graça; demais, Cenaculo, graduado em 26 de Maio de 1749, e concorrendo á Ostentação na Faculdade de Theologia (Cadeira de Scotto) em 1751, dá a entender que os outros *Doutores* que com elle se empenhavam no estudo da lingua hebraica era com o intuito do magisterio. Na lista dos Oppositores de 1751 apparece Fr. Nicoláo de Belem, graduado em 23 de Maio de 1741. [2] Pereira da Silva *(Var. illustr.*, I, 301) diz que Durão se graduou em 24 de Dezembro de 1756, em theologia, sendo mais plausivel pelo facto da *substituição*, em 1746. O systema da longa Opposição e o numero excessivo de Oppositores ás cadeiras da Faculdade de Theologia, tornava-lhe muito tardia a entrada no magisterio. Em Coimbra se conservou entregue a estudos litterarios, segundo o costume lendo no seu Collegio da Graça cadeiras da Universidade, cuja frequencia para os alumnos internos era valida para os exames e gráos officiaes. Cultiva-

---

[1] Ms. reproduzido no *Panorama*, vol. VIII, p. 179.

[2] *Hist. da Universidade*, t. III, p. 225, n.º 59.

va a poesia, e por ventura a presente Ode inedita, pertence a essa epoca anterior á sua viagem á Italia:

Defendendo Conclusões de Rhetorica um Menino de edade de sete annos

Ode lyrica

Ser eloquente a lingua de um menino,
E' maravilha do poder divino,
E' Deus mesmo que o disse em lances varios,
Que, para confusão de seus contrarios
Prova não pode haver mais evidente
Que dar-lhe infantil bocca balbuciente,
Soltando apenas o materno peito
Com innocente voz louvor perfeito.

Não é, menino meu, que eu já consagre
O que estamos a ouvir-te a algum milagre;
Que, milagre será que ainda tenrinho
De um raminho saltando outro raminho
Salte o rouxinol; em nada estranho
Balir o cordeirinho entre o rebanho,
Porque urra o lobo, ou porque brame a féra,
Se do ecco que escutou não apprendera
Na vossa especie quem na infancia ouvira
As vozes da rasão que proferira.
A tenra edade como imita e escuta,
Ou vive racional ou morre bruta.
Fôras milagre, e monstro te mostraras
Se a lingua de teus paes nos não fallaras.
Filhos de sabios ha, mas sabios taes
Que o são, como homens sim, não como paes,
Que dando ao filho o sêr, dando o sustento,
Nada lhe dão do proprio entendimento;
Que todo o amor lhe põem, toda a vontade,
Mas negam-lhe a rasão e a humanidade;
Que em vez do necessario justo lume
A ignorancia lhe inspiram no costume.
Filhos assim!... Que filhos desgraçados!
Quanto lh'era melhor não ser gerados.

Tu, menino feliz, tiveste a dita
De nasceres de um sabio que medita,
Que estuda, pensa, indaga, e creio, sonha
Como toda a grande alma em ti reponha;
Em ti se pinta e mira, em ti se expende
Quanto vê, quanto estuda e quanto emprehende.
Hora não ha, de que elle desvelado,
Não roube alguma parte ao seu cuidado,
Se lê, se escreve ou falla, sempre é d'arte
Que em tudo o seu menino hade ter parte.
A avesinha que nutre a tenra cria
Que dentro em o ninho por sustento pia,
Não a vedes girar pela espaçosa
Vasta, etherea região, que cuidadosa
Que sollicita vae, discorre e em pressa
Torna ao filhinho e volta, e jámais cessa,
E ora no bico leva ao caro ninho
O apetecido insecto, ora o grãosinho,
Logo no curvo bico agua lhe colhe
Com que a prole querida as fauces molhe.
Tal de amor mole o Pae de estudos rico
Quanto ao menino ouvis, meteu no bico.
Pae, que tanto aos filhos se consagre,
Dos filhos não me admiro... elle é milagre;
Milagre inda maior pareceria
Se não acontecera cada dia
Como vemos que a infancia anda educada
Que haja menino algum que entenda nada,
Sem milagre e por lei da natureza
Nunca falla na lingua portugueza,
Que ouviu só o inglez: o italiano
Não nasce em Roma no idioma hispano,
Como pode nascer qualquer que escuto
Creado na ignorancia como um bruto.
Postoque ouvem e vêem, mas não são poucos
Alguns que por lição se fazem loucos,
Com fátua educação, nescia e profana
Sem sombra ao menos de rasão humana,
Vêr-lhe aos sete annos uso de rasão !
Se ha tal, não é milagre, é milagrão.
Misera humanidade, em que profundo
Te precipitas nas paixões do mundo!
Fallar não sabe o tenro pequenino,
Não se sabe benzer falto de ensino,

Ideia elle não tem, nem sentimento
Que o faça racional um só momento.
E vês com que paixão e com que fogo
Já toma as cartas e conhece o jogo.
Vêr-lhe-heis por suggestões, que ouvem, malignas
Palavras proferir livres e indignas.
Chega assim o infeliz nescio e perverso,
Ao uso da rasão por modo inverso,
Monstro horrivel, a quem o entendimento
Serve a toda a maldade de instrumento,
E se inquiris do réo de tanta culpa,
Qualquer d'elles sobre outro se desculpa:
A mãe crimina o mestre; o mestre ao pae,
O pae queixa-se de ambos, e assim vae
Perdida a infausta próle por mil modos,
Por culpa (esta é a verdade) d'elles todos.
Que empenho, que despeza, que desvello,
Não logra um tal cãosinho porque é bello!
Tral-o no colo a mãe, que o filho entrega
A uma immunda, uma rustica, a uma cega,
Que nada entende ou sabe, e apenas falla;
Mas isto é crear próle, ou engeital-a?
Emtanto, o cão se beija, o cão se amima,
Na meza o bocadinho que se estima;
Hade ir na sege, e pode ser no seio,
Bem que talvez de máos aromas cheio,
Não pega em somno, se o não tem na cama,
E se o filho lhe mostra a bruta ama
Nunca ouviste o desdem d'estas deidades:
—Ai, tira isso d'ahi! Que sugidades. —
Pranto se quer, não riso em tal materia,
Grande desgraça em fim, fatal miseria,
Que tamanho desvello a taes só leve
A um vil animalsinho! E a quem o deve,
A propria imagem sua a quem deu vida,
Tratar a mãe e pae como homicida!

No exame d'este filho o pae se approva,
E é lastima que seja cousa nova,
Que um quasi só cumprisse na cidade
O que todo o pae deve á humanidade.

Fr. José de Santa Rita Durão [1]

---

[1] Ms. x. 5. 50 (Caixa) fl. 35 a 37. Bibl. Naç.

A estes ocios litterarios tambem pertence o poemeto em latim macarronico em 76 exametros, intitulado: *Descripção da Funcção do Emperador de Eiras, que se costuma fazer todos os annos em o Mosteiro de Cellas, junto a Coimbra, dia do Espirito Santo*, em verso macarronico pelo R.mo P. Mestre Frei José de Santa Rita Duram. [1] E' curiosissima esta festividade tradicional, comparada com o costume ainda vivissimo no archipelago dos Açores, denominado *Imperios do Espirito Santo*. [2]

A vida de remanso que Durão passara ia perturbar-se na convulsão e reacção das luctas pombalinas. Tendo de prégar na sé de Leiria o sermão de acção de graças por el-rei D. José ter escapado dos tiros da emboscada de 3 de septembro de 1758, foi mui longe a fama da sua eloquencia, e por tanto a animadversão da parte dos sectarios da Companhia de Jesus, á qual se começava a imputar a tentativa ou plano do regicidio. O bispo de Leiria D. João Cosme da Cunha, para lisongear o terrivel ministro, publicou em 1762 uma violenta Pastoral contra os Jesuitas expulsos. Não faltou quem dissesse que Santa Rita Durão se inculcava como auctor da Pastoral, o que feriu profundamente a vaidade do bispo, que transferiu para Evora o frade graciano. O Provincial da Ordem de Santo

[1] Ms. da Bibl. da Universidade; alguns excerptos publicados no *Portugal pittoresco*, t. I, p. 158 a 161.

[2] *Cantos populares do Archipelago açoriano*, p. 392 a 394.

Agostinho era Frei Carlos da Cunha, irmão do bispo, e não deixou de pezar n'esta vingança. E como o bispo fosse em premio da Pastoral nomeado Arcebispo de Evora, entendeu Frei José de Santa Rita Durão fugir-lhe ao rancor saíndo de Portugal. Era o fito da sua viagem ir por Hespanha a Roma; pensamento que de longe o seduzia. Mas estavam então em hostilidade Portugal e Hespanha, na chamada *Guerra velha*, por causa do Pacto de Familia; o frade poeta foi considerado suspeito, e como espião encarcerado no Castello de Segovia. Na carta a Cenaculo precisa o facto: «As minhas desgraças me levaram inconsideradamente a Cidade Rodrigo no anno de 1762, a 6 de Janeiro; ahi me detive sempre na obediencia religiosa até romper-se a guerra.» Depois de ter sido assignado o tratado de paz em Paris, em 10 de Fevereiro de 1763, é que lhe restituiram a liberdade, dirigindo-se segundo o seu primeiro intento para Roma. Ahi na Cidade eterna conviveu em intima familiaridade com o seu patricio e amigo José Basilio da Gama, no convivio dos mais cultos espiritos italianos, taes como Alfieri, Pindemonte, Cesarotti, Soave, Casti, Parini, Verri, Becaria e Filangieri. Por influencia do Cardeal Justiniani, em 1764 conseguiu secularisar-se, ficando como clerigo sujeito á auctoridade episcopal. Como meio de subsistencia, tendo cessado a tença que seu pae lhe estabelecera na Ordem augustiniana, d'onde sahira, alcançou o ser bibliothecario da Livraria publica Lancisiana, em que se occupou nove annos; tomara parte em varios Congressos e Academias. Chegou-lhe

em 1772 a noticia da reforma e nova fundação da Universidade de Coimbra pelo Marquez de Pombal; e que o seu patricio e contemporaneo nos estudos D. Francisco de Lemos estava nomeado Reitor-Reformador da Universidade. Durão pensou em regressar a Portugal e concorrer ás vagas existentes na Faculdade de Theologia, em consequencia das jubilações forçadas dos antigos lentes. Longe de Portugal, lembrou-se das suas antigas relações de Coimbra com D. Fr. Manuel do Cenaculo, que fôra mestre do Princepe D. José e que era bispo de Beja; e appellou para o sapiente e sempre benevolo prelado, que estava na confiança do Marquez de Pombal, e fizera parte da Junta de providencia litteraria, escrevendo-lhe a seguinte carta:

«Ex.mo e Rev.mo Senhor. —Creio que V. Ex.a se lembrará de fr. José de S. Rita Durão, Religioso da Graça em Coimbra; sei que este nome lhe fará vir á memoria hum objecto, que não pode deixar de mover compaixão á sua piedade, (e se me dá licença para gloriar-me) á sua antiga amisade. As minhas desgraças me levaram inconsideradamente a Cidade Rodrigo no anno de 1762 a 6 de Janeiro; ahi me detive sempre na obed.a religiosa até romper-se a guerra. Esta circumstancia me obrigou a passar-me á Italia, e não achando modo de estabelecer-me pedi no anno de 1764 a Monsig.e Justiniani Bispo de Montefiascone a sua intercessão p.a viver em algum logar *in habitu Clerici usque ad regressum pacificum ad Ordinem.* Este Prelado recommendou-me ao Senhor Cardeal Erba Odes-

calchi que por accidente se achava enfermo, (do que morreu) e pediu por servir a M. Justiniani ao S. Cardeal Ganganelli, hoje Papa, que se achava visitando-o, que me obtivesse a graça sobredita.

«O Senhor Cardeal Ganganelli em conseguinte o fez, e fui posto Bibliotecario na Livraria publica Lancisiana, onde servi nove annos com muito favor de todos estes sugeitos literatos de Roma, donde sou associado aos mais respeitaveis Congressos e Academias tanto de Historia Ecclesiastica como de Canones. Agora fui jubilado na sobredita livraria, e sahi da Collegiata de S. Spirito com animo de concorrer a hũa cadeira das que se esperam vagantes na proxima abolição dos Jesuitas.

«Tenho boa esperança pela circumstancia dita, na boa propenção do Papa. Supplico a V. Exc.ª que pela sua generosa piedade me obtenha hua recommendação n'esta materia, e que diga hua palavra a meu favor.

«Além d'isso lhe peço com summo empenho e igual necessid.ᵉ que se digne de proteger-me a cobrança dos cahidos da minha tença, que montam em 456 mil rs.; os quaes eu mando cobrar pelo Senhor Antonio Galli; supposto que eu não tenho outros alimentos, e que a Religião recebeu 2000 cruzados que meu Pai me poz de tença; a qual por ser porção alimentaria e liberal é annexa á pessoa. Confio na pied.ᵉ e poder de V. Exc.ª que se dignará fazer-me executar sendo necessario com a sua protecção a dita cobrança para poder meter-me em estado de continuar a pretenção já dita e de poder subsistir com decen-

cia. Beijo a mão de V. Exc.ª cheio de respeito, e de novo imploro a sua piedade, e compaixão por hum am.º antigo e opprimido com 12 annos de trabalhos e desgraças.

«Roma 10 de Ag.º de 1773.=De V. Exc.ª Servo e humilde creado= *fr. José de S. Rita Duram.*»

Sobr.º=Ao Ex.mo e R.mo Senhor Bispo de Beja do Cons.º de S. M.e f.ª Lisboa.=[1]

Tendo voltado a Portugal em 1774 achamol-o em 1778 recitando a Oração de Sapiencia na abertura das aulas da Universidade, que se imprimiu com o titulo *Oratio pro annua studiorum instauratione*, in Academia Conimbricensi (ex Typ. Academica regia) In-4.º. Sob o seu nome Josephi Duram, vem *Theologia Conimbricensis*, O. E. S. A (Ordinis *Egressus* Sancti Augustini.) E' natural que os Gracianos não quizessem perder um lente tão conceituado, e que para o attrahirem ao seu gremio lhe restituissem a tença que lhe deviam, ou o compensassem com a dignidade de Prior. E' n'esta situação que se encontra o poeta influindo, pela sua auctoridade, mansuetude e perstigio litterario em um joven frade discolo, de impetuoso temperamento, Frei José Agostinho de Macedo, que se revelava já como poeta, e que por castigo fôra desterrado de Lisboa para o Collegio dos Gracianos de Coimbra. Durão occupava-se então em metrificar o seu poema epico o *Caramurú;* e segundo a tradição, que che-

---

[1] Na Correspondencia de Cenaculo, da Bibliotheca de Evora; vem publicada no *Diccion. bibl.*, vol. XIII, (6.º do Supp.) p. 194.

gou até Costa e Silva, José Agostinho de Macedo servia-lhe de amanuense, como o mulato Bernardo, que Durão trouxera do Brasil. Muitas vezes Durão ditava do banho as outavas do poema; outras vezes na frescura e silencio do valle de Cuzelhas, para onde ia passear, metrificava na composição que o absorvia. José Agostinho de Macedo acompanhando-o, entrou em um regimen de brandura, e recebeu as primeiras noções de gosto litterario, que decidiram a sua vocação.

Era companheiro de José Agostinho no Collegio da Graça Fr. Domingos de Carvalho, que chegou a lente de prima de Theologia, ao qual escrevia em 1829 recordando esse tempo feliz: «a tua presadissima carta, que despertou em minha alma as mais enternecedoras recordações. Coimbra! O Collegio! A quinta de Valmeão! Isto para o meu coração, que tem as fibras tão irritadas!» E no meio das suas terriveis doenças e polemicas politicas e litterarias, que o arrastam, um sonho o consola: «que era o de reverter para a Ordem, com uma unica condição, de permanecer para sempre n'esse Collegio, e ahi em ocio absoluto, seguir o impulso que me deu a Natureza para o estudo das boas-lettras, em uma cidade conhecida pela sua cultura.» [1]

Algumas das composições que nos manuscriptos do fim do seculo XVIII apparecem em nome de Macedo, como *O Ouro*, a *Caducidade da belleza humana*, e *A Morte*, é provavel que sejam de Durão, e copiadas no tempo da sua convivencia; Macedo nunca as in-

---

[1] Obras ineditas: *Cartas e Opusculos*, p. 164.

corporou nas suas obras. [1] A queda do Marquez de Pombal, e a sahida de D. Francisco de Lemos da reitoria da Universidade, influiram na retirada de Fr. José de Santa Rita Durão de Coimbra. Não estava para defrontar-se com a reacção anti-pombalina, e tratou de recolher-se á sua Ordem, em Lisboa, em 1779, indo viver para o Hospicio do Colleginho. Alli, como jubilado, entregou-se ás suas predilecções litterarias, e dirigiu a impressão do poema *Caramurú*, por conta de Du Beux, livreiro francez. O poema não fez emoção no publico, assoberbado pelo Intolerantismo e recrudescencia da Inquisição; é natural que o receio das perseguições, mais do que o despeito pela indifferença pela sua obra, o levasse a rasgar os seus versos lyricos ineditos. Escreve Varnhagen: «em mãos de um exfrade existiam copias de muitos Sonetos, versos lyricos e até jocosos do mesmo Durão, que este não consentira que fossem impressos, e que naturalmente se perderam...» [2] Durão faleceu em 24 de Janeiro de 1784, como se verificou pelas *Memorias obituarias dos PP.es Gracianos que foram escriptores*, sendo sepultado na egreja do mesmo hospicio do Collegınho. José Agostinho de Macedo foi accusado pelos seus antagonistas de ter conservado silencio em relação aos meritos d'este seu insigne mestre, e assacavam-lhe imitações que no poema *Oriente* fizera do *Caramurú*.

---

[1] *Ineditos* de J. A. de Macedo: *Censuras, Composições lyricas*, p. 125, e seg.

[2] *Revista trimensal*, vol. VIII, p. 276 a 283.

E' certo, que só no fim da vida fez referencias elogiosas a Durão na *Viagem extatica*. O argumento do poema *Caramurú* foi escolhido d'entre as varias tradições dos tempos coloniaes colligidas pelos narradores P.e Simão de Vasconcellos, Francisco de Brito Freire e Sebastião da Rocha Pitta; o poeta resume-as nas seguintes linhas: «A acção do Poema é o descobrimento da Bahia, feito quasi no meio do seculo XVI por Diogo Alvares Corrêa, nobre viannez, comprehendendo em varios Episodios a historia do Brasil, os ritos, tradições, milicias dos povos indigenas, como tambem a natural e politica das colonias.

«Diogo Alvares passava ao novo descobrimento da Capitania de S. Vicente, quando naufragou nos baixos de Boipebá, visinhos á Bahia. Salvaram-se com elle seis dos seus companheiros, e foram devorados pelos gentios anthropophagos, e elle esperado por vir enfermo, para, melhor nutrido, servir-lhes de mais gostoso pasto. Encalhada a náo, deixaram-no tirar d'ella polvora, bala, armas, e outras especies, de que ignoravam o uso. Com uma espingarda matou elle caçando certa ave; de que, espantados os barbaros o acclamaram *Filho do Trovão*, e *Caramurú*, isto é, *Dragão do Mar*. Combatendo com os gentios do sertão, vence-os, e fez-se dar obediencia d'aquellas nações barbaras. Offereceram-lhe os principes do Brasil as suas filhas por mulheres; mas de todas escolheu Paraguaçu, que depois conduziu comsigo a França; occasião em que outras cinco brasilianas seguiram a náo franceza a nado, por accompanhal-o, até que uma d'ellas se affogou, e intimidadas as

outras se retiraram. ...Passou á França em náo que alli abordou d'aquelle reino, e foi ouvido com admiração de Henrique II, que o convidára para em seu nome fazer aquella conquista. Repugnou elle, dando aviso ao Snr. D. João III, por meio de Pedro Fernandes Sardinha, primeiro bispo da Bahia. Commetteu o monarcha a empreza a Francisco Pereira Coutinho, fazendo-o donatario d'aquella Capitania. Mas este não podendo amansar os Tupinambás, que habitavam o Reconcavo, retirou-se á Capitania dos Ilheos; e pacificados depois com os Tupinambás, tornava á Bahia, quando alli infaustamente pereceu em naufragio. Em tanto Diogo Alvares assistiu em Paris ao baptismo de Paraguaçu, sua esposa, nomeada n'elle Catherina, por Catherina de Medicis, rainha christianissima, que lhe foi madrinha, e tornou com ella para a Bahia, onde foi reconhecida dos Tupinambás como herdeira do seu Principal, e Diogo recebido com o antigo respeito.»

E' sobre esta extraordinaria e poetica aventura, que Durão fundou uma Epopêa na fórma odyssaica; nada podia accrescentar á belleza da realidade, limitando-se a ampliar a parte descriptiva com o defeito dos discursos rhetoricos, que prejudicam a ingenua espontaneidade primitiva. A fórma da outava endecasyllaba, que obriga ao mesmo arranjo das rimas e ás cadencias epigrammaticas da parelha final, imprimem uma certa monotonia fatigante ao poema, que se salva pelo intuito; diz Durão: «Os successos do Brasil não mereciam menos um Poema, que os da India. Incitou-me a escrever este o *amor da Patria*.»

Estava creado nas almas o sentimento de uma Patria brasileira; e existia a intuição de que esse sentimento se converteria em consciencia de uma Nacionalidade autonoma. Durão não teve coragem para idealisar esse espirito de independencia revelado no elemento indigena; abandonou o resto da tradição do *Caramurú*, que é extremamente poetica. Transcrevemol-o do resumo de Wolf:

«Alvares regressou á Bahia com sua esposa, então já chamada Catherina, mas desavindo-se com Francisco Pereira Coutinho, que tinha sido feito Donatario da costa da Bahia, foi feito prisioneiro pelo seu adversario, que fez correr a nova da sua morte. Paraguaçu desesperada, e querendo vingar o marido, incita os Tupinambás á revolta contra Coutinho, vence-o em uma lucta tenaz e acaba por matal-o. Diogo Alvares libertado por sua mulher, submette-se ao novo Governador geral Thomé de Sousa, e morreu de edade avançada (1557) deixando uma numerosa posteridade.» [1]

Fernando Wolf aponta os motivos por que esta importante acção não foi tratada no Poema, a vingança de Paraguaçu: «Não proveiu isto sómente do pouco talento de composição do poeta, mas principalmente de uma causa

---

[1] O Dr. Sousa Viterbo, sob titulo de *A familia do Caramurú*, publicou tres cartas regias de D. João III, datadas de 1554, confirmando o grão de cavalleiro que o Capitão geral Thomé de Sousa concedera aos filhos e genro do *Caramurú;* vê-se por esses diplomas que eram Gaspar Alvares, Gabriel Alvares e Jorge Alvares filhos de Dioguo Alluarez *Caramurú*, e «Joham de Fi-

mais profunda, impessoal, e por esta rasão importante para a historia litteraria. E' que então o sentimento da dependencia da metropole e da honra de colonos prevalecia ainda bastante sobre o patriotismo brasileiro, para que se podesse representar os portuguezes sob um aspecto desvantajoso nas suas relações com os indigenas.» E sob esta caracteristica aprecia syntheticamente José Basilio da Gama, e Santa Rita Durão: «Este facto exerceu uma grande influencia sobre o desenvolvimento da litteratura do Brasil, que não pode deixar de apontar-se e constatar n'estes dois poetas, de um lado o amor da patria e os primeiros symptomas do sentimento nacional, e de outro a dependencia da metropole e as suas consequencias inevitaveis.» [1]

---

gueiredo, jenro do sobredito Dioguo Alluarez *Caramurú»* (Chancell. de D. João III, Liv. 3.º dos Privilegios, fl. 103 v e 104.) *Diario de Noticias*, n.º 12.359: O quarto Centenario do Brasil.—Varnhagen, na *Revista trimensal*, t. x, p. 129 a 152, em um estudo *Caramurú perante a historia*, fundamenta a existencia d'este vulto singular bem como a sua viagem a França.

[1] *Le Brésil litteraire*, p. 59 e 60. Berlin, 1863. Esta Historia da Litteratura brasileira ainda não foi excedida nos seus contornos geraes; ahi se encontra formulada a base ethnica: «E' só, indirectamente, que estes habitantes primitivos do paiz pelas suas uniões com os colonos e pelas raças mestiças que resultaram, exerceram sobre o desenvolvimento do caracter brasileiro e por consequencia sobre a Litteratura d'este povo uma influencia, que vinha mais augmentar a natureza rica e grandiosa do paiz. Assim ao fim de dois seculos o caracter nacional dos brasileiros e consequentemente da sua Litteratura differia essencialmente dos portuguezes.» (1862.)

Bibliographia do Poema

1781

Caramurú. Poema epico do descobrimento da Bahia, composto por Fr. José de Santa Rita Durão. Da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, natural da Cata Preta nas Minas Geraes. Lisboa. Na Regia Offic. Typ. 1781. In-8.º (Imprimiram-se 2000 exemplares.)

1836

Caramurú. Poema epico... Lisboa. Na Imprensa nacional. 1836. In-8.º. (Com uma gravura em cobre).

1837

Caramurú. Poema epico... Bahia. Reimp. na Typographia de Serra e Comp. — In-8.º, de 313 pag.; e 14 não numeradas com lista dos Subscriptores. — Na Avertencia falla-se na raridade do Poema «devida á falta de impressões desde a primeira edição.» O exemplar para a reproducção foi emprestado por Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva, que no tomo I e III das *Memorias historicas e politicas da Provincia de Minas* commenta passagens d'este Poema.

1845

Reproducção nos *Epicos brasileiros*, de Francisco Adolpho Varnhagen. Lisboa, 1845. In-16.º — No *Parnaso lusitano* já tinha apparecido o episodio de Moema.

VII

THOMAZ ANTONIO GONZAGA

§ I. A Marilia de Dirceu e a Conjuração de Minas

Para retratar a mulher amada, julgava o cantor de *Marilia* insufficientes a coloração das flores, as auroras, as estrellas; mas a desgraça de *Dirceu*, monstruosa pela estupida violação das leis da humanidade, para ser referida não encontra nas linguas falladas uma expressão á altura do protesto que provoca a brutal iniquidade das leis e dos juizes que o victimaram. Essas pequenas canções da *Marilia de Dirceu*, que fixaram o ideal entrevisto e que a fatalidade impediu de converter-se em realidade, ficaram aureoladas pela dôr inulta, e foram o eterno grito da natureza estrangulada pelo boçalismo de transitorias convenções sociaes. O conhecimento da vida de Gonzaga é que nos determina o nó de vibração das suas lyras, e faz comprehender a verdade do sentimento, que esponta-

neamente se impoz e extasiou as almas sinceras. E apesar de estar mal tracejada ou reconstruida a sua vida, os versos da *Marilia de Dirceu* foram separados das producções do incolôr arcadismo com a intuição que comprehendeu a queixa ignorada.

Thomaz Antonio Gonzaga nasceu na cidade do Porto, freguezia de Miragaia, em Agosto de 1744, sendo seu pae o Desembargador João Bernardo Gonzaga, natural do Rio de Janeiro, e sua mãe D. Thereza Isabel Clark, tambem portuense de nascimento. Além das provanças de filiação para ser admittido á leitura de bachareis na Casa da Supplicação, existe a certidão de baptismo do poeta requerida por elle mesmo, que desfez para sempre o equivoco de o darem como brasileiro. [1] Seu pae fôra Juiz de Fóra em Angola, em Cabo Verde e Pernambuco; casou no Porto quando para aquella cidade foi despachado Ouvidor, em cuja effectividade entrou em 1745. Quan-

---

[1] Eis o assento baptismal existente na freguezia de S. Pedro de Miragaia:

«Thomaz, filho legitimo do licenciado João Bernardo Gonzaga e de D. Thereza Isabel Gonzaga; nasceu a... de Agosto, de 1744, e foi por mim baptisado a 2 de Septembro do mesmo anno, sendo seu padrinho o reverendo Domingos Ferreira de Abreu, assistente na cidade de Lisboa; tocou por elle com procuração o reverendo licenciado Antonio de Deus Campos, conego magistral da sé d'esta cidade, e tocou tambem o menino o doutor Desembargador d'esta Relação João Barroso Pereira, assistente na rua dos Ferradores da freguezia de Santo Ildefonso, suburbios d'esta freguezia.» Apud Pereira da Silva, *Varões illustres do Brasil*, vol. II, p. 77.

do em 1759 foi despachado Desembargador para a Relação da Bahia, para alli levou sua familia; alli passou o poeta alguns annos da mocidade, e não deixou de influir este facto na fórma poetica das Lyras suscitado pelo tom das *modinhas bahianas*. Na Lyra VII (II), quando elle já estava despachado para a Relação da Bahia em 1787, e pensava em levar comsigo a futura esposa, escrevia:

> Pintam, que os mares sulco da *Bahia*,
> *Onde passei a flor da mocidade;*
> Que descubro as palmeiras, e em dois bairros
> Partida a gram cidade.

Na Justificação feita em Moçambique, em 1793, tambem declara ter residido na Bahia. Tendo passado a *flor da mocidade* na Bahia, Gonzaga veiu, por ventura tendo seu pae acabado o triennio na Relação, para Portugal com o fim de cursar a Faculdade de Leis na Universidade de Coimbra. Na Lyra XXIX (I) descreve essa viagem transatlantica, pelas emoções que lhe ficaram:

> Bruto peixe verás de corpo immenso
> Tornar ao torto anzol, depois de o terem
> Pela rasgada bocca ao ár suspenso;
> Os pequenos peixinhos
> Quaes passaros voarem;
>
> De tóninnas verás o mar coalhado,
> Ora surgirem, ora mergulharem,
> Fingindo ao longe as ondas
> Que fórma o vento irado.
>
> Verás que o grande monstro se apresenta,
> Um repuxo formando com as aguas
> Que ao ár espalha da robusta venta;...

Na Lyra XXXV (I) repete o quadro da impressão que lhe deixara a sua primeira viagem, e a entrada na barra de Lisboa:

Parece vão correndo as negras aguas
E o pinho qual rochedo estar parado,
Ergue-se a onda, vem á náo direita,
    E quebra no costado;
    O navio se deita,
    E ella finge a ladeira
    Saindo do outro lado.

....

Já sóbe ao grande mastro o bom gageiro,
Descobre arrumação e grita: — Terra!
A' murada caminha alegre a gente,
    Alguns entendem que erra;
    Pelo immovel sómente
    Conheço não ser nuvem,
    Sim o cume d'alta serra.

De Mafra já descubro as grandes torres,
(E que nova alegria me arrebata!)
De Cascaes a muleta já vem perto,
    Já de abordar-me trata;
    Já o piloto experto
    Inda debaixo manda
    Soltar mezena e gata.

Eu vou entrando na espaçosa barra,
A grossa artilheria já me atrôa;
Lá ficam Paço d'Arcos, e a Junqueira;
    Já corre pela prôa
    Uma amarra ligeira,
    E a náo já fica surta
    Diante da grão Lisboa.

De Lisboa seguiu Gonzaga para Coimbra, matriculando-se na Faculdade de Leis no 1.º

de Outubro de 1763; [1] pelo seu requerimento para habilitar-se para os logares de lettras fundamenta o ter-se graduado em Leis em 1768. Não concorreu logo á magistratura; proseguiu na frequencia da Faculdade para ser considerado Oppositor e dedicar-se ao magisterio. Davam-lhe fervorosas esperanças as transformações que se iam operar no regimen da Universidade pela grande reforma do Marquez de Pombal, effectuada em 1772. Gonzaga chegou a matricular-se no Livro dos Oppositores da Faculdade juridica, como se vê pelo seguinte attestado, com que se abonou quando trocou o magisterio pela magistratura:

«Pascoal José de Mello Freire dos Reys, Deputado do Santo Officio da Inquisição de Coimbra, Dez.^{or} honorario da Relaçam do Porto, e Lente substituto da Cadeira de Direito Patrio.

«Atesto que o Dr. Thomaz Antonio Gonzaga se matriculou no Livro respectivo dos Oppositores da Faculdade Juridica da Nova Reforma e Fundação da Universidade, e como tal satisfazia as obrigações que lhe eram impostas. Lx.^{a} 20 de Sbr.^{o} de 1778.

Pascoal José de Mello Fr.^{e} dos Reys.»

Porque alteraria Gonzaga a sua carreira? Para se fazer recommendavel ao Reformador e Visitador da Universidade, Gonzaga escre-

---

[1] Livro das Matriculas da Universidade de Coimbra do anno de 1763, fl. 201: lê-se ahi «*natural do Porto.*»

veu um *Tratado de Direito Natural* e dedicou-o ao omnipotente ministro, offerecendo-o em um volume de boa calligraphia, e encadernado. E' certo que esse manuscripto se conservou entre os papeis do archivo pombalino; mas a queda do poder do ministro em 1777, e a corrente de retrocesso que pezou sobre a Universidade para demolir a obra pombalina, foram evidentemente a causa de Gonzaga procurar um outro rumo para a sua habilitação juridica.

Antes porém de o seguirmos n'este caminho, por onde iria á desgraça, vejamos o aspecto d'essa obra inedita e desconhecida. Eis como Gonzaga explica o que o levou a emprehender o seu *Tratado de Direito natural:*

Na Dedicatoria d'esse livro, que intitula *Direito natural accommodado ao Estado civil catholico*, escreve Gonzaga, referindo-se á Reforma da Universidade: «Todos sabem ser V. Ex.ª aquelle heroe, que amante da verdadeira Sciencia, e desejoso do credito dos seus nacionaes, os estimulou aos Estudos dos Direitos naturaes e Publicos, ignorados, senão de todos, ao menos dos que seguiam a minha profissão, como se não fossem os solidos fundamentos d'ella. E sendo eu um dos que me quiz aproveitar das utilissimas instrucções de V. Ex.ª fôra ingratidão abominavel o não lhe retribuir ao menos com os fructos d'ellas.» No frontispicio d'este livro Gonzaga assigna como *Oppozitor ás Cadeiras na Faculdade de Leis, na Universidade de Coimbra.*

No prologo ao leitor, justifica a publicação do seu tratado: «Resolvi a dal-o á luz incitado de dois motivos. O primeiro foi o vêr que

não ha na nossa lingua um tratado d'esta materia; pois a traducção de Burlamaque, sendo mui diffusa, não dá senão uma noticia dos primeiros principios, o que ainda não o faz de todos. Esta falta me pareceu que se havia remediar, pois sendo o estudo do Direito natural summamente util a todos, não era justo que os meus nacionaes se vissem constituidos na necessidade, ou de o ignorarem ou de mendigarem os soccorros de uma lingua extranha.

«O segundo motivo foi a necessidade que ha de uma obra que se possa metter nas mãos de um principiante sem os receios de que beba os erros de que estão cheias as obras dos Naturalistas, que não seguem a pureza da nossa Religião. Sim, não lerás aqui os erros de *Grocio*, que dá a entender que os Canones dos Concilios podem deixar de ser rectos. Que estes e o Papado pertendem adulterar as primeiras verdades. Não verás chamar aos Padres do Concilio satelites do Pontifice, como verás nas notas do mesmo Grocio. Não ouvirás dizer que o matrimonio é dissoluvel emquanto ao vinculo, como em Pufendorfio. Não lerás que as Leis divinas não obrigam antes a morrer do que a quebral-as no fôro intimo; e mesmo, que é licito em muitos casos o matar cada um a si proprio directamente, o que suppõe ser licito em alguns, como lerás em Thomas Christiano. Nem tambem seguir, que o matrimonio não he um sacramento, e que se o he, que elle se acaba, dissolvido o contracto, como lerão em Cocceo a Grocio.» [1]

[1] Ms. 29 da Coll. Pombalina. In-4.º de 138 fl. (autographo.)

Pelas doutrinas d'este livro vê-se que Gonzaga era um *regalista* por tal forma exagerado que tudo submettia ao poder summo conferido por Deus aos monarchas, que dominavam até sobre o poder pontifical! Com certeza o Marquez de Pombal devia comprazer-se com esta theoria; e foi este homem estupidamente accusado de conspirar em uma revolução democratica, e condemnado sem uma unica prova! A corrente anti-pombalista fel-o abandonar a Universidade de Coimbra, e em 1778 concorria aos logares da magistratura, como se vê pelos seguintes documentos:

«Senhora

«Diz o D.or Thomas Antonio Gonzaga, natural da cidade do Porto, graduado na Faculdade de Leis no anno de 1768, que elle supplicante se pretende habilitar para os Logares de Varas;

P. a V. Mag.de seja servida mandar passar ás ordens necessarias para a sua habilitação.

E. R. M.ce.»

(Passe ordem para o Porto, em 22 de Agosto; e para esta Côrte.)

=«Declara o supplicante, que pela parte paterna he filho legitimo do Dz.or João Bernardo Gonzaga, cuja filiação pertende justificar; e pela parte materna he filho de Dona Thomazia Isabel Gonzaga natural da cidade

do Porto, freguezia de Miragaia; [1] e neto de João Clarque de nação ingleza, e de sua mulher Marianna Clarque, ella filha e elle assistente na mesma cidade e freguezia.

«Declara o supplicante que he filho legitimo do Dz.or João Bernardo Gonzaga, natural da cidade do Rio de Janeiro, e de sua mulher D. Thomazia Isabel Gonzaga, natural da Cidade do Porto, freguezia de Miragaia; neto pela parte paterna de Thomé do Souto Gonzaga, e de sua mulher D. Thereza Jação, natural do Rio, e pela materna, de João Clarque, e de sua mulher Marianna Clarque, ella da dita cidade do Porto, e elle natural de Londres.»

«Depositando trinta mil reis, se passem as ordens do Estylo para os Ministros das Comarcas respectivas. Lx.a 29 de Julho de 1778. C. P.—Freyre—Ao Dez.or B.meu José Nunes Cardoso Geraldes, em 23 de Sepbr.o de 1778.»

Na entrega do Auto de investigação a que procedeu o D.or Manoel Antonio Freire de Andrade, Corregedor do Crime da côrte, aponta-se—«o Bacharel Thomaz Antonio Gonzaga natural da Cidade do Porto, e morador n'esta cidade de Lisboa, aos Anjos, de *edade de trinta e quatro annos*...»

Na Informação do Corregedor do Civel da Cidade de Lisboa, em 18 de Septembro, lê-se: «ser o D.or Thomas Antonio Gonzaga, que

---

[1] Escrevemos a pag. 526 *Thereza* em vez de Thomazia por confusão do nome da avó paterna, na certidão transcripta.

pretende habilitar-se para os logares de Letras, *natural da Cidade do Rio de Janeiro (!)* e filho do Dez.or João Bernardo Gonzaga...

«Neto pela parte paterna de Thomé do Souto Gonzaga.... foi Advogado na referida Cidade, aonde se tratou á ley da Nobreza.»

Gonzaga requereu dispensa do processo de investigação no Porto, porque na côrte «como Patria commũa, existiam pessoas que podiam depôr concludentemente nas suas habilitações.» Foi-lhe isto concedido por despacho da Rainha, em 12 de Agosto de 1778, precedendo informe do Corregedor do Civel. [1]

Nas investigações effectuadas no Porto pelo Corregedor da Comarca, em data de 3 de Setembro de 1778, dá-se o Bacharel Thomaz Antonio Gonzaga por *natural da cidade do Porto*, do *bairro de Miragaia*, sendo já fallecida sua mãe e seus avós maternos; que era solteiro, e de boa vida e costumes.

Pela Justificação feita em Moçambique em 1793, ahi se allude á residencia de Gonzaga em Beja, aonde esteve um triennio como Juiz de Fóra. Entrando na posse do seu cargo em 1779, apparece-nos em 27 de Fevereiro de 1782 nomeado com a mercê de Ouvidor de Villa Rica, no Brasil. No registo do decreto na Chancellaria dá-se-lhe já o titulo de Desembargador, o que é explicavel pelo grão superior que attingira para ser Oppositor na Faculdade de Leis. Na mesma data foi tambem nomeado Provedor da Fazenda dos De-

---

[1] *Leitura de Bachareis*, M. 1, — T — N.º 14. (Torre do Tombo.)

funtos e Ausentes, Capellas e Residuos da Comarca e Capitania de Villa Rica. Era um logar importante pela riqueza da terra, mas trabalhosissimo pelas terriveis luctas entre os grandes exploradores das minas de ouro e de diamantes com os Governadores generaes para a cobrança dos impostos, ou o *quinto* da producção mineira. Eis os documentos allegados:

«O Dezembargador Thomaz Antonio Gonzaga:

«S. Mag.e Houve por bem por seu real Decreto de 27 de Fevereiro do presente anno, fazer mercê ao dito Dezembargador Thomaz Antonio Gonzaga do logar de Ouvidor da Capitania de Villa Rica, para o servir por tempo de tres annos, e o mais que decorrer emquanto não mandar o contrario; o qual logar elle servirá na forma do seu Regimento e Ordenações do Reino, assim e da maneira que o serviram as mais pessoas que antes d'elle o occuparam; e com elle haverá o ordenado, prós e precalços que direitamente lhe pertencerem. Do que se lhe passou a Carta que foi feita em 15 de Maio de 1782. [1]

«Sua Magestade etc. por estar vaga a serventia do Officio de Provedor da Fazenda dos Defuntos e Ausentes, Capellas e Residuos da Comarca de Villa Rica, e ser necessario servir-se por Ministro de letras de toda a sa-

---

[1] Chancellaria de D. Maria I, vol. XII, fl. 332.

tisfação; e havendo respeito ao que lhe representou o dito D.r Thomas Antonio Gonzaga, que ora vae servir no logar de Ouvidor na dita Comarca, e esperar d'elle que de tudo o de que o encarregar a servirá como convem; Ha S.a Mag.de por bem fazer-lhe mercê da serventia do referido Officio de Provedor das Fazendas dos Defunctos e Ausentes, Capellas e Residuos da referida Comarca de Villa Rica pelo tempo e Destrito em que servir o logar de Ouvidor d'ella, se antes não mandar o contrario; e que vença e haja de Ordenado, mais prós e precalços que pelo Regimento que será obrigado ter lhe pertencerem. De que se lhe passou Alvará que foi feito em 25 de Maio de 1782.» (*Ibi*, fl. 332.)

Gonzaga entrou na vaga da Provedoria, mas esperou até fins de 1784 para occupar a effectividade do logar de *Ouvidor*, pela saida do seu antecessor Manoel Joaquim Pedroso. [1] Elle não conhecia as terriveis luctas de interesses e a irrequieta população em que se achava, revestido de um poder fiscal odioso. Antes de o vêrmos no encantador convivio com os poetas da *Arcadia de Minas*, Claudio Manoel da Costa *(Glauceste)* e Ignacio José de Al-

---

[1] No *Almanach de Lisboa*, de 1783, a p. 170, lêse:

Thomaz Antonio Gonzaga, Ouvidor de Villa Rica, como successor de Manoel Joaquim Pedroso.

1785, p. 234: Ouvidor effectivo.

1786, p. 218: Ouvidor. Passa depois para Desembargador da Relação da Bahia.

Nos annos de 1787 (p. 108); 1789 (p. 143); e 1790 (p. 168) ainda apparece citado o seu nome.

varenga Peixoto *(Alceu)*, torna-se necessario conhecer esse meio social de Villa Rica, em que se lhe esboçou o sonho delicioso da existencia, e o derrubou uma tremenda fatalidade.

As Instrucções dadas em 29 de Janeiro de 1788 ao Visconde de Barbacena, Luiz Antonio Furtado de Mendonça, para o Governo da Capitania de Minas Geraes, derramam grande luz sobre a vida economica e historica d'aquella Provincia. Depois de relatar a grande avidez dos padres na Capitania, escreve-se sob o n.º 26: «Entre todos os Povos de que se compõem as differentes Capitanias do Brasil, nenhuns talvez custaram mais a sujeitar e reduzir á obdiencia e submissão de Vassallos ao seu soberano como foram os de Minas Geraes. Os primeiros habitadores d'aquella Capitania foram uns aventureiros da Capitania de S. Paulo, que penetrando os mattos e sertões com o fim de descobrirem minas de ouro as vieram achar nos sitios aonde se estabeleceram e em que presentemente existem conhecidos por Minas Geraes, nome que depois se estendeu a toda a Capitania.

«Com a noticia d'estes descobrimentos sahiram do Rio de Janeiro e de diversas partes outros aventureiros, e vieram tambem estabelecer-se nos mesmos sitios; houve contendas e ataques entre uns e outros, e o mais poderoso era regularmente o que mais dominava...»

Depois descrevem-se as luctas para estabelecer ali governo e a cobrança dos direitos reaes dos *Quintos*, segundo o Regulamento de 1 de Agosto de 1618, imposto a final por D. Braz da Silveira, pelo methodo das aven-

ças de um numero de arrobas de ouro, a que se chamou das *Bateas*. Descreve as constantes revoltas por causa d'essa cobrança, e as fraudes contra a Fazenda, e violencias contra o Ouvidor, em Villa Rica, e ao mesmo tempo os «*golpes de suprema severidade*» dados para atemorisar os irrequietos.

Quando Gonzaga fixou residencia em Villa Rica, deixava o governo general da Provincia Dom Rodrigo José de Menezes; junto d'este funccionario estava o Dr. Claudio Manoel da Costa, natural da cidade de Marianna, de uma familia paulista do primeiro tempo da exploração das Minas. Tendo este jurisconsulto e poeta regressado ao Brasil em 1765, e assentado banca de advogado em Villa Rica, os Governadores-generaes consultavam-o sempre nas questões administrativas até que em 1780 entrando no governo D. Rodrigo José de Menezes o chamou para o logar de segundo secretario de estado. [1] Além da convivencia poetica, Gonzaga teria de conferenciar muitas vezes por necessidade do seu cargo com Claudio Manoel da Costa. A onda dos acontecimentos toldava-se, e a administração da provincia tornava-se calamitosa: «Durante a administração d'este Capitão general (D. Rodrigo José de Menezes, de 1780 a 1783) é que a diminuição da extracção do ouro começou a tornar-se sensivel, e a arrecadação do imposto de capitação difficultosa para o governo e pesada para o povo: as terras já estavam lavradas ha muitos annos,

---

[1] *Revista trimensal,* vol. XIII, p. 533.

e não podiam produzir as mesmas quantidades de ouro; os novos descobrimentos que então se fizeram de algumas faisqueiras para as margens do Rio do Peixe e dos ribeirões dos Arripiados, de Santa Anna e de S. Lourenço, de Santo Antonio e Alvarenga, com quanto promettessem colheita abundante no futuro não podiam de prompto satisfazer a importancia do imposto annexo, e menos liquidar os computos atrazados, e que se iam accumulando.» [1] A divida á fazenda ou thezouro real era de *setecentas arrobas de ouro*. Entrou no governo um novo Capitão general, Luiz da Cunha e Menezes, e como astuto explorou este atrazo dos *Quintos*, fazendo vista grossa segundo a importancia dos grandes arrematantes. Thomaz Antonio Gonzaga, exercendo a serio o seu logar de Ouvidor, pugnou pelos interesses fiscaes, mas incorreu no odio do Governador, que informava secretamente para o ministro em Lisboa, que o Ouvidor fazia processos de execução fiscal para augmentar os emolumentos. Parece que a estas imputações se referira Gonzaga no soneto que fecha a Parte II da *Marilia de Dirceu:*

Não foram, Villa Rica, os meus projectos
Metter no ferreo cofre copia de ouro
Que cresça aos filhos, e que chegue aos netos;

Outras são as fortunas, que me agouro,
Ganhei saudades, adquiri affectos,
Vou fazer d'estes bens melhor thesouro.

(Ms. 7008. Bibl. nac.

---

[1] *Ib.*, p. 534.

O poeta Ignacio José de Alvarenga Peixoto, que fôra Juiz de Fóra em Cintra, e em 1776 Ouvidor na comarca do Rio das Mortes, logar que resignou para entregar-se á vida de familia e ao trabalho da mineração, era tambem um dos intimos amigos do passado governador-general D. Rodrigo José de Menezes (Conde de Cavalleiros) e por isso não era visto com bons olhos pelo governador Luiz da Cunha e Menezes. Os abusos e vicios do novo governador prestaram thema a uma Satira manuscripta intitulada *Cartas chilenas*, que como obra anonyma servia para malevolas imputações ora contra Gonzaga, ora contra Claudio Manoel da Costa e Alvarenga, ora contra os tres em collaboração. Junto de Luiz da Cunha e Menezes serviu ainda como segundo secretario Claudio Manoel da Costa até 1788, em que aquelle fez a entrega do poder ao Visconde de Barbacena; é pois mais natural que as *Cartas chilenas* fossem obra de Alvarenga Peixoto. [1] Gonzaga, enlevado nos seus amores, não carecia de frisar pela satira os desmandos de Luiz da Cunha e Menezes; bastavam os seus relatorios e protestos na Mesa da Junta administrativa, para concitar o odio do governador. A ruina dos tres poetas, e intimos amigos, por uma denuncia de Conjuração obedeceu a um plano de vingança pessoal. Basta aproximar factos, que têm passado sempre desconhecidos:

Em Mesa da Junta da Administração e Arrecadação da Real Fazenda, presidida pelo

---

[1] *Revista trimensal*, vol. XIII, p. 515.

Governador e general da Capitania Luiz da Cunha e Menezes, e dos Vogaes *Doutor Thomaz Antonio Gonzaga*, Affonso Dias Pereira, Carlos José da Silva, Francisco Gregorio Pires Bandeira, e escrivão Carlos José da Silva, em sessão de 13 de Dezembro de 1784, foi proposta a arrematação do Contracto das Estradas: «Pelo Doutor Ouvidor d'esta Comarca, Juiz dos Feitos da Fazenda e Deputado da Junta, *Thomaz Antonio Gonzaga*, foi dito na fórma seguinte: — Na certeza de que os Reaes Contractos se devem sempre arrematar a pessoas idoneas, e na concorrencia de muitas á de mais idoneidade, não só porque assim o pedem os Reaes interesses que devo zelar, mas porque assim o mandam as Instrucções do Erario de 7 de Janeiro de 1775, a que devo religiosamente obedecer; sou de voto que a este Contracto das Entradas se não póde de sorte alguma admittir o lançador Capitão José Pereira Marques, pelos seguintes fundamentos...» Tratava-se da arrematação de mais um triennio, pelo lanço de reis 380:000$000. Como se vê debatiam-se grandes interesses, e Gonzaga foi vencido pela determinação arbitraria do Governador.

Em uma *Relação dos Contractos que se acham por pagar, pertencentes a esta Capitania de Minas Geraes*, em 22 de Septembro de 1786, vem apontados os nomes e os contractos com as dividas correspondentes, que sommavam a importancia de 2.460:787$813 reis. Bastava ter Gonzaga organisado esta Relação de vinte e nove poderosos contractantes das Entradas, dos Dizimos, Passagens do Rio Grande, de Porto Real, do Rio das Mor-

tes, Passagens de Sapucahi, do Rio Grande do Sapucahi, do Rio de San Francisco, de Minas Novas, Rio Verde, para suscitar contra o seu rigor fiscal uma profunda malevolencia, que machinaria a sua perdição. [1]

Em uma Carta do Capitão general Luiz da Cunha e Menezes, escripta de Villa Rica em 5 de Janeiro de 1785, lê-se: «Igualmente a V.ª Ex.ª mostro na attestação inclusa, passada pelo Escrivão do Contencioso da mesma Real Fazenda, não terem resultado outra utilidade alguma mais, as *noventa Execuções* que se promoveram no Juizo contencioso em todo o decurso do dito anno proximo passado, do que augmentarem-se as dividas que são origem das mesmas Execuções, pelas custas e *mais emolumentos que percebe das mesmas o Juiz dos Feitos*, e o dito Escrivão do Contencioso, porque a mesma Real Fazenda se não embolça de um unico real.» Foram processadas 67 contas correntes, de que se extrahiram 51 Executorias, e mais 11 pertencentes á Comarca de Villa Rica; 23 libellos e penhoras respectivas de devedores fiscaes dos seus direitos e acções. Vê-se da informação, que o Governador hostilisava o Ouvidor Gonzaga. O poeta, na Lyra XXXV (II) allude aos seus trabalhos fiscaes:

Esta mão, esta mão, que ré parece,
Ah, não foi uma vez, não foi só uma,
Que em defeza dos bens, que são do Estado
Moveu a sabia pluma.

---

[1] *Coll. Pombalina*, n.º 643, fl. 157 a 165.

A austeridade de Gonzaga como Ouvidor foi aproveitada pelo governador; no processo da Conjuração é o seu nome denunciado por um «*seu inimigo por causa de uma queixa que d'elle fez ao Governador Luiz da Cunha e Menezes...*» A' noticia de que ia entrar no governo de Minas o Visconde de Barbacena, em 1788, correu o boato alarmante, de que elle viria forçar ao pagamento das *setecentas arrobas de ouro* em divida á Corôa. Sobre os rumores provocados por esta perspectiva, é que se forjou a malvada e estupida denuncia de uma imaginaria Conjuração, em que a rasão de estado desceu a baixo da irracional animalidade bruta.

Emquanto se formava esta espantosa catastrophe da justiça monarchica, contrasta a serenidade de espirito com que os poetas da *Arcadia de Minas* se entregavam á idealisação artistica, e sobre todos Gonzaga, absorto completamente pela paixão de uma joven menina, natural do Ribeirão do Carmo, celebrada pela sua belleza singular, a gentilissima D. Maria Joaquina Dorothéa de Seixas Brandão. Quando Gonzaga chegou a Villa Rica tinha ella apenas dezeseis annos; como hoje se sabe, nascera a inspiradora de Dirceu em 8 de Novembro de 1767. Gonzaga sentiu a emoção decisiva, a psychose que lhe irisou o mundo, e comprehendendo agora a verdade da poesia, ajuntou todos os versos que compozera na mocidade e lançou-os ao fogo; conta-o na Lyra XXXIV (1):

N'uma noite socegado
Velhos papeis revolvia,
E por vêr do que tratavam
Um por um a todos lia.

Eram copias emendadas
De quantos versos melhores
Eu compuz na tenra edade
A meus diversos amores.

....

Junto pois n'um grande monte
Os soltos papeis, e logo,
Porque reliquias não fiquem
Os intento pôr no fogo.

....

— Depois, Amor, de me dares,
A minha *Marilia* bella,
Devo guardar umas Lyras
Que não são em honra d'ella?

E que importa, Amor, que importa
Que a estes papeis destrua,
Se é tua esta mão que os rasga,
Se a chamma que os queima é tua? —

Apenas Amor me escuta
Manda que os lance nas brazas,
E ergue a chamma c'o vento
Que formou batendo as azas.

Esta revelação da actividade litteraria de Gonzaga presta-se a uma deducção plausivel, com que concordamos: «E' mui possivel que a maior parte das Lyras que se publicaram com o titulo de 3.ª PARTE de suas poesias, e que são extranhas ao romance amoroso de *Marilia de Dirceu*, e os bons criticos tem regeitado em varias edições como espurias, — é possivel, dizemos, que entre ellas haja va-

rias legitimamente de Gonzaga, mas do numero das que elle diz ter regeitado.» [1] A intensidade do amor de Gonzaga cresceu diante da orfandade em que se viu a joven *Marilia*, agora confiada á tutella de seu tio o Tenente coronel Ajudante de ordens João Carlos Xavier da Silva Ferrão; na Lyra VIII (I) allude á sua situação:

> A devorante mão da negra *morte*
> *Acaba de roubar* o bem que temos;
> ....

No enlevo dos seus amores, Gonzaga vendo que D. Maria Dorothéa estava orfã de pae e mãe, e a aproximar-se dos vinte annos, sente anciedade de desposal-a, receiando que aquelle sonho de tanta felicidade seja perturbado pela sorte. Elle evoca o presentimento da desgraça implacavel, sem imaginar que já vem pelo caminho:

> Minha bella Marilia, tudo passa,
> A sorte d'este mundo é mal segura;
> Se vem depois dos males a ventura
> *Vem depois dos prazeres a desgraça.*
> ....
> Ah, *emquanto os Destinos impiedosos*
> *Não voltam contra nós a face irada,*
> Façamos, sim, façamos, doce amada,
> Os nossos breves dias mais ditosos.
>   Um coração, que froixo
> A grata posse do seu bem differe,
> A si, Marilia, a si proprio rouba,
>   E a si proprio fére.
> ....

[1] *Rev. trimensal*, vol. XII, p. 123. Importa notar que ha duas 3.as PARTES.

Que havemos de esperar, Marilia bella?
Que vão passando os florecentes dias?
As glorias que vêm tarde já vêm frias,
E póde emfim mudar-se a nossa estrella.

(*Lyra* XIII, P. I.)

O namorado vaticinava inconscientemente; obtivera de D. Maria Dorothéa o sim, e tratava de alcançar da metropole a auctorisação para effectuar o seu casamento. As delongas foram devidas á morosidade official, mas em todo o tempo podiam servir de prova de que procurando fundar o seu lar pacifico, e que escrevendo á mulher querida: — Prendamo-nos, Marilia, em laço estreito, Gozemos do prazer dos sãos amores, — não podia ter o seu espirito voltado para as perturbações violentas de uma Conjuração. Chegaram-lhe os despachos:

«Sua Mag.de attendendo aos merecimentos do dito D.or Thomaz Antonio Gonzaga, actual Ouvidor da Comarca de Villa Rica; Ha por bem fazer-lhe mercê de hũ logar de Desembargador da Relaçam da Cídade da Bahia, para n'ella servir por tempo de seis annos, e o mais que decorrer em quanto não mandar o contrario, com a posse que logo tomará de um logar de Desembargador da Relação do Porto, que virá exercer findo o dito tempo. E ha outrosim por bem dispensal-o para que a residencia que se lhe mandou tirar do logar de Ouvidor de Villa Rica, seja sentenciada na Relação da Bahia, e sendo havida por boa com certidão do corrente possa perante o Chanceller da mesma Relação prestar o juramento que se faz necessario para exercer o referido logar de Desembargador da Bahia,

o qual elle servirá assim e de maneira que o serviram os mais Dezembargadores da mesma Relação e com elle haverá o ordenado, pros e precalços que direitamente lhe pertencerem. Do que se lhe passou Carta em 28 de Novembro de 1786.» [1]

«Sua Mag.de attendendo ao que lhe representou o dito D.or Thomaz Antonio Gonzaga achar-se nomeado em hũ logar de Desembargador da Rellação da Bahia; e por que Sua Mag.de costumava fazer mercê do logar de Conservador dos Moedeiros a hum dos Desembargadores da dita Rellaçam, e no supplicante concorriam os requisitos necessarios para servir aquelle emprego com satisfação, pedia fosse servida mandar-lhe passar Provisão na forma do estilo; e tendo visto seu requerimento, informação que sobre o mesmo deu o Secretario do Conselho Ultramarino e resposta do Provedor da Fazenda; Ha S.a Mag.de por bem fazer-lhe a mercê de o nomear no dito logar de Juiz Conservador dos Moedeiros da cidade da Bahia para entrar a servir quando vier para este reino o Desembargador José de Oliveira Botelho e Mosqueira, ultimamente provido n'este emprego, com o qual haverá o ordenado que lhe competir (se o tiver) e todos os prós e precalços que direitamente lhe pertencerem. Do que se lhe passou Provisão em 23 de Novembro de 1786.»

Do exercicio das suas funcções de Ouvidor occultos inimigos quizeram tirar indicios para

[1] Chancell. de D. Maria I, vol. XII, fl. 332.

criminal-o, dizendo que aconselhara que se lançasse a nova derrama: «tendo chegado ordem de S. Mag.de para se lançar a derrama, elle —disse ao Intendente de Villa Rica, Procurador da Corôa, que o tributo era grande e que temia alguma revolução no povo; e respondendo elle, que o não requeria, lhe tornou o réo (Gonzaga) que como Procurador da Corôa o devia fazer; mas que não sabia se a Junta obraria bem em o executar sem dar parte a S. Mag.de; o que mostra, que quem inspira semelhantes ideias de quietação não interessa no motim do povo.» «...sempre que fallou com o seu ex.mo General lhe disse, que nem se podiam cobrar as dividas da Corôa, por serem muitas e estar o povo muito pobre; e que se devia representar a S. Mag.de o estado da Capitania para as perdoar, o que não faz quem quer ser rebelde, que procura a vexação do povo.» (*Arch. do Districto federal*, p. 121—1895.)

O Poeta no auto de perguntas de 3 de Fevereiro de 1790, relata ainda estas questões da cobrança: «Que estando o Doutor Intendente de Villa Rica Francisco Gregorio Pires Monteiro Bandeira para requerer a imposição da derrama,—elle lhe disse, que esta derrama podia causar algum desasocego no povo; e respondeu-lhe o dito Doutor Intendente, que—então a não requeria. Elle lhe tornou: que como Procurador da Corôa a devia requerer, mas que não sabia se a Junta da Fazenda obraria bem na sua execução sem primeiro dar parte a S. Mag.de. Que dizendo-lhe em outra occasião o dito Doutor Intendente — que requeria unicamente o lan-

çamento de um anno, lhe respondeu: que elle, se fosse Procurador da Corôa a requeria por todo o tempo, porque o lançamento de um anno não tinha rasão para suspender-se e bastava para vexar o povo; e que o lançamento inteiro tinha para se suspender primeiro o chegar á quantia de *nove milhões*, com que não pode toda a Capitania de Minas; segundo, que os devedores pelos annos passados não existiam, por que uns estavam mortos, outros se tinham retirado para Portugal, e que a maior parte do resto estava falido, e que podia servir de bom pretexto a execução do dito lançamento a liquidação da mesma divida...» E com relação á avença de *cem arrobas de ouro* para o Povo de Minas as explorar livremente, declarou que dissera ao mesmo Procurador da Corôa, que era preciso abater a parte que pertencia ao districto do Diamantino, que estava fóra da avença: «Que tendo o mesmo Ex.mo General (Luiz da Cunha e Menezes) suspendido o mesmo lançamento, lhe disse o dito Doutor Intendente, que queria despacho publico da Junta; ao que o réo (Gonzaga) lhe tornou: — que elle o não pediria, porque a dita suspensão era muito util ao socego publico; e *um vassallo que inspira estas ideias* em um Ministro zeloso, *e que tem uma grande parte na administração da Real Fazenda*, não interessa senão na fidelidade e zelo a que se dirigiam semelhantes praticas... Que em todo o tempo antes e depois do ex.mo General suspender a dita derrama sempre lhe disse: que o povo não podia com ella pela sua pobreza, e que nem se podia cobrar o outro

resto da divida fiscal sem destruição total do paiz, e que por isso seria muito util, que o mesmo Ex.mo General representasse a S. Mag.de a necessidade e utilidade de perdão de toda a divida, *o que não faria se interessasse na dita rebelião...*» (*Archivo*, p. 156.)

Os estudantes brasileiros na Europa estavam libertos do perstigio da monarchia para comprehenderem que a emancipação dos Estados Unidos da America deveria influir no destino politico do Brasil facilitando-lhe a sua autonomia. José Joaquim da Maia, um d'esses estudantes, chegou a encontrar-se proximo das aguas d'Aix com Thomaz Jefferson, ministro da nova republica da America em Paris; o que elles conversaram a respeito de uma futura revolução brasileira consta pela correspondencia de Jefferson com John Gay, em que consigna as opiniões ou informações do Maia: «no que respeita a revolução não ha senão um pensamento em todo o paiz; mas não apparece uma pessoa capaz de dirigil-a, ou que se arrisque pondo-se á frente d'ella sem auxilio de nação poderosa; todos receiam que o povo os abandone. No Brasil não ha imprensa; os brasileiros consideram a revolução da America do Norte como precursora da que elles desejam, e dos Estados Unidos esperam todo o auxilio. — Ha um odio figadal entre brasileiros e portuguezes. A parte illustrada da nação conhece tanto isto, que tem por inevitavel a separação.» Pela sua parte Thomaz Jefferson mostrando que por si não tinha poder para adiantar qualquer passo, confessava que os Estados Unidos teriam por uma revolução no Brasil o mais ele-

vado interesse. José Joaquim da Maia morreu ainda na Europa, perdendo-se assim o impulso pratico, que elle naturalmente podia dar á aspiração que se manifestava no espirito de todos, principalmente nos homens de lettras. [1] Era este sopro de independencia que se temia.

O Alferes Tiradentes, na rectificação das perguntas que se lhe fizeram na fortaleza da Ilha das Cobras, em 18 de Janeiro de 1790, relata uma conversa que tivera com José Alves Maciel, que acabara de regressar da Europa: «tendo elle chegado de Inglaterra — fallaram sobre os conhecimentos que o dito José Alves Maciel tinha aqui tido a respeito de manufacturas e Mineralogias, dizendo que os nacionaes d'esta America não sabiam os thezouros que tinham, e que podiam aqui ter tudo se o soubessem fabricar; passou depois a fallar dos Governos, o como vexavam os Povos, ...ao que o dito José Alves Maciel disse, que pelas Nações estrangeiras por onde tinha andado, ouvira fallar com admiração *de não terem seguido o exemplo da America Ingleza*...» — «posteriormente, tornando a fallar com o dito José Alves Maciel, tornaram a renovar o projecto de que *a America podia ser uma Republica e viver independente de Portugal*...» (*Ib.*, 231—1894.) Gonzaga vivia no sonho; idealisando a vida de casado com a encantadora Marilia, estando já nomeado Desembargador para a Relação da Bahia, d'essa

---

[1] João Ribeiro, *Hist. do Brasil*, p. 238. (No quarto Centenario.)

terra aonde tambem seu pae fôra alto magistrado, e onde elle poeta passara a descuidada mocidade, pinta um quadro delicioso d'esse mundo domestico, em contraste com a vida exterior d'aquelle meio brasileiro; a Lyra XXVI (I) é de uma belleza artistica excepcional, trabalhada como fórma symphonica que desenvolve dois themas simultaneos:

Tu não verás, Marilia, cem cativos
Tirarem o cascalho e a rica terra,
Ou dos cêrcos dos rios caudalosos,
Ou da minada serra.

Não verás separar ao habil negro
Do pezado esmeril a grossa areia,
E já brilharem os granetes de ouro
No fundo da batêa.

Não verás derrubar os virgens matos,
Queimar as capoeiras ainda novas;
Servir de adubo á terra a fertil cinza,
Lançar os grãos nas covas.

Não verás enrolar negros pacotes
Das seccas folhas do cheiroso fumo;
Nem espremer entre as dentadas rodas
Da doce cana o sumo.

Verás em cima da espaçosa mesa
Altos volumes de enredados feitos;
Ver-me-has folhear os grandes livros,
E decidir os pleitos.

Emquanto revolver os meus consultos,
Tu me farás gostosa companhia,
Lendo os factos da sabia mestra Historia,
E os cantos da Poesia.

Lerás em alta voz a imagem bella,
Em vendo que lhe dás o justo apreço,
Gostoso tornarei a lêr de novo
O cansado processo.

Se encontrares louvada uma belleza,
Marilia, não lhe invejes a ventura,
Que tens quem leve á mais remota edade
A tua formosura.

A belleza do quadro, descrevendo as situações caracteristicas da actividade brasileira, a côr local, contrastam com o aspecto moral da vida intima dos esposos; e o final, tomado do encanto achado em algum retrato feito pelos grandes poetas, recebe um tom de verdade, porque a realidade da proxima desgraça que os separou para sempre imprimiu-lhe essa vibração immortal.

Absorvido na esperança da felicidade e imaginando já terminado o seu sexennio na Relação da Bahia, na Lyra XXIX (I) quer costumar D. Maria Dorothéa á ideia de deixar a patria e acompanhal-o para Portugal:

Do turvo Ribeirão em que nasceste,
Deixa, Marilia, agora
As já lavradas serras;
Anda afouta romper os grossos mares,
Anda encher de alegria extranhas terras.
Ah, que por ti suspiram
Os meus saudosos lares.

Na Lyra XXXV (I) descreve com traços nitidos a suspirada viagem para Portugal, a sua entrada em Lisboa, e sobretudo esse momento de emoção piedosa:

Agora, agora sim, agora espero
Renovar da amisade antigos laços,
Eu vejo ao *velho Pae*, que lentamente
Arrasta a mim os passos;
Ah, como vem contente;
De longe, mal me avista,
Já vem abrindo os braços.

Dóbro os joelhos, pelos pés o apérto,
E manda que dos pés ao peito passe;
Marilia, quanto eu fiz, fazer intenta;
Antes que os pés lhe abrace
Nos braços a sustenta,
Dá-lhe de filha o nome,
Beija-lhe a branca face.

Vou a descer a escada, oh céos, acordo;
Conheço não estar no claro Tejo;
Abro os olhos, procuro a minha amada,
E nem sequer a vejo!
Venha a hora afortunada
Em que não fique em sonho
Tão ardente desejo.

As tropas e força da Capitania de Minas constavam em 1788 de um Regimento de Cavallaria, ou Dragões, de que era coronel o Governador, Capitão general da Capitania, e de differentes Regimentos de Cavalleria, Infanteria e Terços de Auxiliares, com algumas Companhias soltas de Pedestres. Antes d'esta organisação havia só Companhias soltas com 242 praças, com que se gastavam 38:300$402 reis. Pelo art.º 50 das Instrucções dadas ao Visconde de Barbacena, mandava-se dissolver todos os Corpos creados pelos habitantes e annullar as patentes dos Officiaes. Esta reforma não deixou de produzir descontentamento, e o Coronel de Auxiliares, Joaquim Silverio dos Reis, que fez a *carta de denuncia* ao Governador general em 11 de Abril de 1789 e lh'a entregou pessoalmente em 19 do mesmo mez, confessa: «Em o mez de Fevereiro d'este presente anno, vindo da revista do meu regimento, encontrei no Arraial da Lage o Sargento mór Luiz Vaz de Toledo, e fallan-

do-me *em que se botarão abaixo os nossos regimentos*, por que V.ª Ex.ª assim o havia dito, é verdade que eu me mostrei muito sentido e queixei-me que S. M. me tinha enganado, porque em nome da dita Senhora se me havia dado uma Patente de Coronel chefe do meu Regimento, com o qual me tinha desvelado em o regular e fardar muita parte á minha custa, e não podia levar á paciencia vêr reduzido a uma... todo o fructo de meu desvelo sem que tivesse faltas do real serviço, e juntando mais algumas palavras em desafogo da minha paixão.» Pela ortographia e redacção da carta de denuncia vê-se que o Coronel Joaquim Silverio dos Reis era um homem inculto e de rasteira intelligencia para comprehender o que ouvia. Lembrando-se de que se excedera no seu desafogo contra a nova reforma militar, e para render serviços que lhe garantissem a patente de Coronel, foi denunciar os resentimentos de outros militares da terra (os não pagos) e com isso persuadiu o Visconde de Barbacena da existencia de um plano de Conjuração.

Confessou ter dito «que esta terra podia ser um imperio, ser um paiz livre, e que n'esta terra não havia homens; e que se os houvesse em pouco tempo seriam senhores da terra...» O referido sargento mór declarou que o Coronel Silverio convidando-o para ir aliciar gente, «oppuzera a isso que elle Coronel se não metesse n'isso, que ficava perdido e que o despersuadira com razões que se não deixasse de tal intento *que dava parte*, e que o dito Coronel lhe pedira com as mãos postas que não fallasse o dito Sargento mór, que elle

promettia de nunca mais fallar em tal.» (*Arch.*, p. 23.) Foi o terror da sua situação que levou o coronel Joaquim Silverio á infame denuncia, movido pelo outro coronel João Carlos da Silva, que para não ouvir *semelhantes loucuras* «picara o cavallo e fôra andando.» Foram estas miserrimas covardias que teceram a enorme desgraça; o golpe, visando principalmente a Gonzaga, desvenda d'onde veiu o conluio. Foi em 15 de Março de 1789 que o torpe Joaquim *Salterio*, como era alcunhado por irrisão, fez a primeira denuncia ao Visconde de Barbacena, do que pediu attestado, passado em 25 de Novembro de 1791. Cumpre notar que este coronel João Carlos Xavier da Silva Ferrão, que aqui figura, era o tio e tutor da *bella Marilia*, D. Maria Joaquina Dorothéa de Seixas Brandão, e Ajudante de ordens do Visconde de Barbacena. Não hesitamos em suppôr, que secretamente procurava embaraçar o casamento da sobrinha, tendo de dar contas da tutella ao Desembargador Gonzaga depois d'esse acto.

E para avaliar da cegueira ou estupidez do denunciante, apontava como chefe *Thomaz Antonio Gonzaga*, do qual em todo o decorrer do processo draconiano não appareceu uma unica prova ou indicio que o criminasse, o que se declara na propria sentença que estupendamente o condemnou.

N'essa boçal carta de denuncia vê-se que era principalmente a *Thomaz Antonio Gonzaga* que se queria perder, e que as imputações vagabundas provinham de despeitos latentes contra o integro magistrado. Ahi se lê: «O supplicante (?) Thomaz Antonio Gonzaga,

primeiro cabeça da Conjuração, havia acabado o logar de Ouvidor d'essa Comarca, e que se posto se achava ha muitos mezes n'essa, sem de receber o seu logar do Arojo (sic) *com o frivolo pretexto de um casamento*, que tudo é e seja porque *já se achava fabricando Leys para o novo regimen da sublevação*, e que se tinha disposto da fórma seguinte: Procurou o dito *Gonzaga* o partido e união do Coronel Ignacio José de Alvarenga... e outros mais filhos de Minas, valendo-se para seduzir a outros do Alferes pago Joaquim José da Silva Xavier...» Vê-se que o imbecil denunciante obedecia a uma suggestão malevola, por que dando-lhe por cumplice o Alferes Xavier (o Tiradentes) descobria a intriga, pois que Gonzaga tinha o alferes por homem dementado e além d'isso como seu inimigo pessoal por causa da queixa que d'elle fizera ao Governador Luiz de Menezes e Cunha. Continuava o denunciante sempre carregando sobre Thomaz Antonio Gonzaga com imputações em antinomia com a situação e caracter d'elle: «que o dito Gonzaga e seus parciaes estavam desgostosos pela froixidão que encontraram no dito Commandante (Alvarenga)... Que a primeira cabeça que se havia cortar era a de V.ª Ex.ª, e depois pegando-lhe pelos cabellos se havia de fazer *uma falla ao Povo* cuja *já estava escripta pelo dito Gonzaga*, e para socegar o dito povo se haviam descontar os tributos...» Ainda em outros dous logares da carta carrega mais contra Gonzaga, apontando o Vigario «*que vira parte das novas Leys fabricadas pelo dito Gonzaga*, e tudo lhe agradara menos a deter-

minação de matarem a V.ª Ex.ª... ao que lhe respondeu o dito Gonzaga, que era a primeira cabeça que se havia de cortar por que o bem commum prevalece ao particular...» [1] Tudo isto assim formulado estava tanto em contradicção com o caracter brando e cheio de ternura do namorado Gonzaga, que taes calumnias só podiam ser suggeridas a um idiota fazendo-o instrumento de uma vingança tremenda. Como se vê da denuncia, o Gonzaga é a unica figura da Conjuração, fazendo de todos os outros accusados os seus agentes passivos! Tão ridicula e insolita era a accusação que o Poeta, seguro da sua innocencia, contava que se conheceria a calumnia atroz e que ficaria illibado.

Ainda em outra denuncia, entregue pelo Mestre de Campo Ignacio Corrêa Pamplona em 5 de Maio de 1789, diz este que ouvira na Villa de S. José «que se tratava de um levante, avendo de ser o General deposto, e tudo fallado, o Regimento, no Rio um Alferes fazendo séquito, e o *Ouvidor que acabou, Gonzaga, mettido n'isso;* e que todos os devedores que devessem á fazenda real perdoados...» *(Ib.*, 17.) Está-se a vêr como se formava a opinião; o denunciante Pamplona era amigo intimo do Coronel Carlos José da Silva, vogal e escrivão da Junta de Fazenda, onde estava em antagonismo com Gonzaga, como Ouvidor; e procedia pelos conselhos d'elle. Essas

---

[1] *Archivo do Districto Federal* — Revista de Documentos para a Historia da Cidade do Rio de Janeiro (1.º Anno — Abril de 1894) Supp., p. 9 a 11.

fórmas vagas de accusação eram pistas combinadas para envolver em inconfidencia o ingenuo Gonzaga e os seus amigos, principalmente a Claudio Manoel da Costa.

A amisade e convivencia de Gonzaga com Claudio Manoel da Costa, cuja casa frequentava na conferencia das leituras poeticas, tambem isso serviu para dar corpo a suspeitas; e assim o tenente coronel Basilio de Brito Malheiro do Lago, em denuncia verbal, e depois escripta em 15 de Abril de 1789, appresentou: «que *me parecia* onde faziam os seus ajuntamentos a fallar na materia era em casa do Dr. Claudio Manoel da Costa, e o Dr. Thomaz Antonio Gonzaga, que foi Ouvidor d'esta comarca...» O proprio Visconde de Barbacena, offendido por que o Dr. Claudio Manoel da Costa se demittira do logar de segundo secretario do governo, encarregou a Basilio de lhe apanhar qualquer signal de descontentamento: «e perguntando-me mais V.ª Ex.ª se eu por casa d'elles não lhe tinha pescado alguma cousa, lhe respondi, que sendo eu amigo do Claudio, d'esta vez que vim a Villa Rica inda não tinha ido a casa d'elle... e então V.ª Ex.ª me disse que *disfarçadamente procurasse eu fallar com o Claudio* e que observasse o que alcançava d'elle, e eu que lhe escrevesse... D'esta fórma estando eu já seguro que V.ª Ex.ª não desconfiava de minha fidelidade, fallei com o Claudio, perguntou-me pelos meus particulares, queixeime alguma cousa de V.ª Ex.ª, ao que me respondeu — que nas Minas não havia gente; que os Americanos-inglezes foram bem succedidos por que acharam só tres homens capa-

zes para a campanha; e que nas Minas não havia um só, e que só o Tiradentes andava feito corta-vento, mas que ainda lhe haviam de cortar a cabeça, e nunca me disse que tinha entrado em conselho.» (*Ib.*, p. 14.) O denunciante refere balelas que corriam no começo do novo governo do Visconde de Barbacena, que bem revelam que havia o intuito de reprimir os homens mais notaveis de Minas com um processo de Inconfidencia: «e se não tivesse por onde lhes pegar, *que os prehendesse por inconfidentes.*» (*Ib.*, p. 15.) Por esta denuncia, é tambem para notar a nenhuma importancia ligada por Claudio Manoel da Costa ao desvairado Alferes Tiradentes, que por umas testemunhas era declarado *doido*, e por outras «já no tempo do governo do Ex.mo senhor Luiz da Cunha e Menezes *andara com a mania de fallar em levante* n'estas Minas.» (*Ib.*, p. 435.)

O tenente-coronel Francisco de Paula tambem communicou por escripto em data de 17 de Maio umas conversas que tivera em janeiro em sua casa com o coronel Ignacio José de Alvarenga, o alferes Joaquim José da Silva Xavier e o vigario Toledo: «depois de me haverem cumprimentado passaram a tratar do estado actual d'este paiz, das suas producções e dos motivos da total decadencia, em que se acha, e de quanto poderia ser feliz se fosse habitado por outra qualquer nação, que não fôra a Portugueza; ...passados dias tornaram... e á materia que se tinha anteriormente jogado ligaram as presentes reflexões — que os povos se achavam afflictos e consternados com a *noticia da nova derra-*

ma, e por este motivo dispostos para qualquer acção, que se encaminhasse a favorecel-os, e que até se lembraram de formar uma sublevação se não temessem a opposição da tropa; bem que me parecesse isto mais desvario, que reflexões sérias... por que logo que tornaram a si *ridicularisaram a materia* de tal fórma, que em poucos instantes *a caracterisaram por uma verdadeira scena de theatro:...* Passando depois o coronel Alvarenga quando se retirava d'esta capital, e pela minha fazenda, usei com elle de alguns meios que julguei mais a proposito para instruir-me do estado d'estas cousas, deu-me a entender *que não só se não tratava de semelhante materia* mais, que a suspensão da Derrama sepultara até a mesma lembrança;» (*Ib.*, p. 22.—1894.)

Em 21 de Maio de 1789 deu ordem o Visconde de Barbacena, para que o Dezembargador Ouvidor geral e Corregedor Pedro José de Araujo Saldanha fosse «com os officiaes competentes fazer apprehensão em todos os papeis do Desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, e sequestro nos seus bens;» acompanhava-o o bacharel José Caetano Cesar Manitti, Ouvidor e Corregedor da Comarca de Sabará. O desgraçado Gonzaga já estava recolhido no segredo da cadeia de Villa Rica, assombrado pelo caso em que se via envolvido. Não se sabia a causa d'aquellas prisões; discorriam «que as sobreditas prisões derivavam uns de diamantes, outros de extravio de ouro em pó; mas era voz constante que aquelles procedimentos nasciam

de noticias de alguma sublevação;...» (*Ib.* p. 435.—1894.)

Em sua casa, em 19 de Maio de 1789, achava-se pacificamente Thomaz Antonio Gonzaga conversando com alguns amigos com quem costumava reunir-se, quando Claudio Manoel da Costa deu a terrivel noticia de denuncias de inconfidencia ao novo governador general; eis as proprias palavras com que o poeta descreve esse momento, tiradas das respostas ao juiz da devassa: «que estando na vespera da sua prisão, de tarde em sua casa, se juntaram n'ella o Intendente actual de Villa Rica Francisco Gregorio Pires Monteiro Bandeira, o Ouvidor de Sabará José Caetano Cesar Manitti, o *Doutor Claudio Manoel da Costa*, e não está certo se tambem assistiu o padre Francisco de Aguiar, e que na presença de todos se queixou o dito Doutor Claudio Manoel da Costa, por lhe ter constado *que se tinha dado uma denuncia* do Coronel Ignacio José de Alvarenga, e do conego Luiz Vieira da Silva, *em que o tinham envolvido tambem a elle;* e que o dito Intendente accrescentou, que tambem·lhe parecia que tinham envolvido na dita denuncia tambem a elle Intendente, *e ao respondente* (Gonzaga); e que tomando—isto em menos preço, e dando as razões porque lhe parecia isto impossivel, concluiu dizendo, que quando elles sahissem ia fazer uma Ode; que tão socegado ficava no seu espirito, que sahiram todos juntos e já tarde de sua casa, e que elle se foi metter na cama, e que no outro dia de manhã, estando ainda deitado, o prenderam

e conduziram a esta prisão...» [1] Levado ao segredo da cadêa de Villa Rica, por ordem do Visconde de Barbacena para o Desembargador Ouvidor geral e Corregedor Pedro José de Araujo Saldanha procedeu-se em 21 de Maio á «apprehensão de todos os papeis que se encontrassem em casa do Desembargador Gonzaga, e ao sequestro dos seus bens.» Estava o poeta tão confiado na sua innocencia, que durante o tempo em que esteve no carcere de Villa Rica não deixou de compôr Lyras as mais encantadoras, inspiradas na crúa situação á sua bella Marilia.

O poeta estava despachado Desembargador para a Relação da Bahia; mas demorando-se em Villa-Rica para effectuar o seu casamento com D. Maria Joaquina Dorotheia, d'isso fizeram suspeição para o implicarem no levantamento: «além dos indicios notorios, como eram *uma longa demora na terra em que tinha acabado de servir*, da qual ordinariamente todos desejam sahir com presteza pela differente figura que passam a fazer, principalmente o respondente (Gonzaga) que não tendo alli rendimentos alguns, estava perdendo os do logar em que estava provido, e além d'isso o seu adiantamento, o que não faria sem esperança de cousa mais avançada...»

Gonzaga pinta a circumstancia que o fizera demorar a partida para a Relação da Bahia: «que o indicio nada faz; porque estava justo a casar em Villa Rica, e que tinha pe-

[1] Arch. do Districto federal, vol. II, p. 119.—1895.

dido licença a S. Mag.[de] para este fim por via do seu companheiro, que era Intendente do Ouro, e por via do Capitão Francisco de Araujo Pereira; cuja licença esperava chegasse na náo que traz o Ex.[mo] Vice-Rei (sc. Conde de Resende), e que por isso lhe era mais commodo o demorar-se n'aquella Villa alguns mezes para levar sua mulher na sua companhia, do que ir para a Bahia, e deixal-a para soffrer as despezas e encommodos de outra conducção, e por não ter pessoa que melhor a podesse acompanhar do que elle proprio, em prova do que mostrava a attestação do seu ex.[mo] General...» *(Ib.*, p. 120.—1895.) «logo que chegou a monsão para a Bahia pediu — ao ex.[mo] General da Capitania, que no caso de não vir a sua licença para casar, lhe havia de conceder, e por elle assim o prometter se entrou a dispôr para o seu casamento...»

Em outra passagem do perfido e maligno interrogatorio, consigna «que *o seu casamento está contractado ha mais de dois annos...*» o que leva a fixar esse ajuste em fins de 1787, quando chegou ao Brasil o decreto da sua nomeação para a Relação da Bahia e lhe foi depois communicado.

E na ratificação de perguntas em 3 de Fevereiro de 1790, nas masmorras da Ilha das Cobras, declara: «que elle tratava de se ir embora para o seu logar, (Relação da Bahia) e que para isso já tinha mandado apromptar casas n'esta cidade por via do seu familiar Joaquim José; que tinha pedido a José Rodrigues de Macedo, que conservasse algum dinheiro, porque no principio de Junho saía

e não se valia de outro a ser necessario; que tinha pedido licença ao ex.mo General *um mez antes da sua prisão para effectuar o seu casamento*, o que não faria se quizesse ficar na terra, por ser este o unico pretexto com que podia disfarçar a sua demora...» (*Ib.*, p. 154.) E quando lhe disseram que Claudio Manoel da Costa (já morto, sem Gonzaga o saber) o apontara como um dos da Conjuração (!) responde com os factos: «que o Doutor Claudio Manoel da Costa não podia dizer o contrario — porque sabia muito bem que elle tratava da sua retirada, *que estava lendo e emendando as Poesias* do réo respondente (Gonzaga) que tratavam d'esta; que sabia que o réo respondente já não fez lucto pela morte do Serenissimo Infante (1788, falecimento do Principe D. José) com o fundamento de que um vestido de lucto lhe não servia na Bahia...» Quando lhe disseram que Ignacio José de Alvarenga, a quem tratava por primo, o considerava sabedor do movimento, declara: «Que o coronel Ignacio José de Alvarenga quando se retirou para o Rio das Mortes até já levou *a incumbencia e certeza de lhe fazer a hospedagem na sua retirada*, e por isso parece que se não deve acreditar o que elles disserem como opposto a esta verdade, visto que se não podem verificar ordens contrarias de ir ser socio, porque esta sociedade requeria a assistencia do paiz.» (*Ib.*, p. 155.)

«no dito mez de Abril lhe pediu (ao Governador general) a providencia da *licença para casar* não chegando a de S. Mag.de; e dando-lhe o dito General a dita licença, não restava — nada mais do que o tratar da sua

retirada... por ter acabado o tempo que tinha pedido para *demorar-se alguns seis mezes*, antes da sua prisão, pedido livre de toda a suspeita, pois que—o pediu logo que largou a vara de Ouvidor...» *(Ib.*, p. 157.)

Ainda pugnando pela sua defeza, justifica-se Gonzaga de não tomar parte nas conversas em que por ventura se fallasse em planos de sedição:

«Que na casa do réo estavam hospedados o coronel Ignacio de Alvarenga, e o vigario da Villa de San José José Carlos Corrêa de Toledo, e que n'ella era frequente o Doutor Claudio Manoel da Costa, que todos se dizem réos, e por isso poderiam conversar n'esta materia sem elle respondente ser participante, ainda na mesma sala, aonde elle estava, *por estar entretido a bordar um vestido para o seu casamento*, do qual entertenimento nunca se levantava senão para a meza, o que não parece compativel com as ideias e paixões de uma sedição.» *(Ib.*, p. 158.)

Na Lyra VII (P. 2.ª) allude a esta circumstancia, e revela quanto no carcere de Villa Rica ainda confiava no reconhecimento da sua innocencia:

Os sonhos, que rodêam a tarimba,
Mil cousas vão pintar na minha ideia,
Não pintam cadafalsos, não, não pintam
Nenhuma imagem feia.

Pintam, *que estou bordando um teu vestido*,
Que um menino com azas, cego e louro,
Me enfia nas agulhas o delgado,
O brando fio de ouro.

Enlevado n'esse sonho, vae descrevendo a partida para a egreja, o enlace das mãos, as flores que lançam sobre os noivos, as despedidas dos amigos e partida para a Bahia; mas um grito inesperado arremessa-o á realidade, e vê-se alli no carcere:

Aqui — *Alerta!* grita o máo soldado;
E o outro: *Alerta estou!* lhe diz gritando;
Acórdo com a bulha, então conheço
Que estava aqui sonhando.

Se o meu crime não fosse só de amores,
A vêr-me delinquente, réo de morte,
Não sonhara, Marilia, só comtigo,
Sonhara de outra sorte.

O Visconde de Barbacena, por officio de 12 de Junho de 1789, mandara proceder a um Auto de devassa sobre a Sedição e levante que se pretendia excitar, sendo encarregado d'elle o Desembargador José de Araujo Saldanha, e escrivão o bacharel José Caetano Cesar Manitti, ao qual se deu começo em 15 de Junho de 1789, em Villa Rica de Nossa Senhora do Pilar de Ouro preto. No officio do Governador-general, em que enviava as *denuncias*, recommenda-se «toda a circumspecção e segredo possivel» e sem tempo determinado, nem numero certo de testemunhas.

Depois de terminada a devassa em Villa Rica, o Vice-rei que viera substituir Luiz de Vasconcellos, o boçal e façanhudo Conde de Resende, mandou do Rio de Janeiro uma escolta para transportar os presos para a Fortaleza da Ilha das Cobras, e alli serem pro-

cessados e julgados pela Alçada. D'entre os trinta e tres presos chamados para partirem na leva, dois faltaram, que *mysteriosamente* tinham succumbido no segredo, o Dr. Claudio Manoel da Costa e Ribeiro Pontes; nem assim a ferocidade dos juizes da Alçada affroixou, porque no Accordão de 18 de Abril de 1792 se refocilam como hyenas sobre o morto: «Ao réo Claudio Manoel da Costa, porque se matou no carcere (?) *declaram infame a sua memoria*, e infames seus filhos e netos, tendo-os, e seus bens por confiscados para o Fisco e Camara real.»

Durou trinta e outo dias esse exodo através dos sertões, manietados por algemas, e grilhetas lançadas dos tornozelos á cintura, caminhando de noite á luz de archotes, e dormindo ao relento, descalços e rotos, como se não tratam facinoras. Tal é o poder de deshumanisação da pandemia da realeza absoluta. O major José Botelho de Lacerda, tocado com o hediondo espectaculo, concedia de vez emquando aos presos que conduzia o rapido allivio de lhes tirar os ferros, que de prompto tornava a lançar-lhes ao entrar nos povoados, receioso de alguma denuncia de parcialidade diante do terrivel Vice-rei. Um silencio mortal sellou os labios dos presos desde que sahiram de Villa-Rica; a cada passo se absorviam na monstruosa desgraça que os deprimia até á loucura. Gonzaga apoiava a sua rasão na consciencia plena da manifesta innocencia, na esperança de vêr restaurado o sonho da sua vida, e por vezes fallava em poesia com Alvarenga. A entrada na fortaleza da Ilha das Cobras e a insistencia dos jui-

zes no interrogatorio de todos os prezos para envolverem especificadamente Gonzaga revelaram-lhe que se poderia considerar perdido.

Na Lyra XXII (P. 2.ª) confessa que o seu amor é que lhe dá resistencia:

> N'esta triste masmorra
> De um semivivo corpo sepultura,
> Inda, Marilia, adoro
> A tua formosura.
> Amor na minha ideia te retrata,
> Busca extremoso, que eu assim resista
> A' dôr immensa que me cérca e mata.

Na Lyra XXXVI (P. 2.ª) recorda-se com saudade de Villa Rica, e da casa em que habita Marilia, e imaginando que lhe manda uma mensagem por um passarinho que está cantando junto da sua prisão:

> Toma de Minas a estrada,
> Na Egreja nova, que fica
> Ao direito lado, e segue
> Sempre firme a Villa Rica.
>
> Entra n'esta grande terra,
> Passa uma formosa ponte;
> Passa a segunda, a terceira,
> Tem um palacio defronte.
>
> Elle tem ao pé da porta
> Uma rasgada janella,
> E' da sala aonde assiste
> A minha Marilia bella.
>
> Para bem a conheceres,
> Eu te dou os sinaes todos,
> Do seu gesto, do seu talhe,
> Das suas feições e modos.
>
> O seu semblante é redondo,
> Sobrancelhas arqueadas,
> Negros e finos cabellos,
> Carnes de neve formadas.

A bocca, risonha e breve,
Suas faces côr de rosa,
N'uma palavra, a que vires
Entre todas mais formosa.

Quando Gonzaga, preso nas affrontosas masmorras da fortaleza da Ilha das Cobras, no Rio de Janeiro, viu pela catadura brutal do Desembargador José Pedro Machado Coelho Torres, que estava sob a accusação forjada por calumnias sangrentas, começou a considerar a quem interessava a sua desgraça: «que lhe consta, por assim o ter ouvido na vespera da sua prisão, como já disse, que a dita denuncia foi dada por Basilio de Brito, homem de muito má conducta, e seu inimigo, pelo prender em virtude de um precatorio vindo de Tejuco, colliado com o Sargento-mór José de Vasconcellos Parada seu inimigo, por defender o réo respondente a um cadete que o tinha injuriado, chegando o excesso da sua paixão a dizer publicamente na Parada, que havia de perseguir ao dito réo respondente (Gonzaga) até ás portas da morte.» (*Ib.*, p. 119.)

No auto de ratificação de perguntas, em 3 de fevereiro de 1790, Gonzaga reconhece: «que não ha duvida que hajam muitas testemunhas inda não inimigas que digam que — era entrado na Conjuração, mas que para isto *bastava que os seus inimigos espalhassem esta falsa voz*, e que por isso se deve buscar a origem d'ella e os mais indicios que a confirmam...» (*Ib.*, p. 154.) Na Lyra III (P. 2.ª) allude ás questões de interesses monetarios que o envolveram na accusação calumniosa:

Podem muito, conheço, podem muito
As Furias infernaes *que Pluto move...*
Porém, se os justos Céos, por fins occultos
Em tão tyranno mal me não soccorrem,
Verás então, que os sabios
Bem como vivem, morrem.

E na Lyra XXVII (P. 2.ª) insiste em proclamar contra a horrorosa calumnia que o victíma:

Embora contra mim raivoso esgrima
Da vil calumnia a cortadora espada,
Uma alma, qual eu tenho,
Não se recêa a nada.
Eu heide, sim, punir-lhe a insolencia,
Pizar-lhe o negro collo, abrir-lhe o peito
Co'as armas invenciveis da innocencia.

O poeta não conhecia a trama em que o envolveram, talvez mesmo pelo tio e tutor da adorada Marilia, e por isso ainda confiava na sua innocencia patente:

Hade, Marilia, mudar-se
Do destino a inclemencia;
Tenho por mim a innocencia,
Tenho por mim a rasão;
Muda-se a sorte de tudo,
Só a minha sorte não?

O tempo, oh bella, que gasta
Os troncos, pedras e o cobre,
O véo rompe com que encobre
A' verdade a vil traição.
Muda-se a sorte de tudo,
Só a minha sorte não?

Qual eu sou verá o mundo,
Mais me dará do que eu tinha,
Tornarei a vêr-te minha,
Que feliz consolação!
Não hade tudo mudar-se,
Só a minha sorte não.

(*Lyr.* IV, P. 2.ª)

No interrogatorio de 17 de Novembro de 1789, na fortaleza da Ilha das Cobras, Gonzaga, depois de explicar a origem das calumnias propaladas pelos seus inimigos mortaes, e a situação moral em que o collocava a esperança do seu proximo casamento, recapitula os fundamentos que o inhibiam de cooperar em qualquer sublevação:

«Primeiro, o ser filho de Portugal, aonde tem bens, e pae no graduado logar de Desembargador dos Aggravos.

«Segundo, o estar despachado para Desembargador da Bahia, e não ser de presumir, que quizesse perder este emprego util e certo, por cousa incerta e menos util, que se lhe podesse offerecer.

«Terceiro, porque estando justo a casar, não se havia querer expôr a uma guerra civil e contra *os parentes de sua esposa, que todos são militares.*

«Quarto, por que os mesmos da terra o não hāviam de querer convidar por ser filho do Reyno, não ter nenhuns bens, nem prestimo militar com que os podesse ajudar, e não se haverem de sujeitar a expôr as suas pessoas e bens para acquirirem empregos que dessem ao réo respondente, que não se contentaria senão com os maiores.

«Quinto, porque logo que chegou a monção para a Bahia pediu ao Ex.mo General da Capitania, que no caso de não vir a sua licença para casar lhe havia de conceder...» O sexto e septimo fundamentos referem-se á questão do lançamento da derrama, em que mostra ter sempre inspirado ao governador ideias de quietação afastando os motivos de

alteração da ordem. Como o interrogante Torres retorquisse deslavadamente a estes fundamentos, Gonzaga continuou respondendo a esta insistencia: «pois ainda que seja filho de Portugal é oriundo d'esta America, sendo seu pae filho d'esta cidade do Rio de Janeiro, e tendo aqui parentes.» Quanto a esta instancia respondeu: «que é verdade ser seu pae filho do Rio de Janeiro; mas que *casou em Portugal*, nunca mais veiu á sua patria, indo no real serviço, e *lá teve ao réo respondente e a outros irmãos, que existem*, e que esta rasão é mais forte do que a do simples nascimento de seu pae. Que é certo, que sua mulher e parentes d'ella o podiam persuadir a ficar no paiz, mas era se fossem entrados na sobredita Conjuração, do que se não persuade;...» E contra o argumento da sua grande amisade com Claudio Manoel da Costa e Alvarenga Peixoto:

«Respondeu, que por isso mesmo que era muito amigo do Doutor Claudio Manoel da Costa, e que se tratava por parente do Doutor Ignacio José de Alvarenga, que reconhece terem todo o talento, sabiam estes as rasões que o réo respondente tem dado, por onde mostra, que não havia de querer entrar no dito attentado, caso de havel-o; e que por isso não haviam de sujeitar o seu segredo, quando já tinham a certeza de não tirarem utilidade alguma, e que da potencia para o acto vae uma grande differença.» (*Ib.*, p. 121, 2.º anno.)

No depoimento de ratificação do Alferes Tiradentes, em 18 de Janeiro de 1790, descrevendo a conversa em que Ignacio José de

Alvarenga indicara «que as armas da nova Republica deviam de ser um Indio desatando as correntes, com uma letra latina», accrescenta: «n'esta conversação chegou o Desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, *e com a sua vinda todos se calaram e se foram embora.*» (*Ib.*, p. 233.—1894.) Como se queria a todo o custo causar a perdição de Gonzaga, o Desembargador Torres instou com o hallucinado Alferes: «porque sabendo elle que tinha entrado n'esta Conjuração o Doutor Claudio Manoel da Costa e o Desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, não o tinha declarado...» — «Respondeu, que a respeito do Doutor Claudio Manoel da Costa é certo que elle respondente fallara; mas elle não admittiu o convite, antes disse, *que elle* respondente *andava procurando perder alguem*, e que não sabia no que se mettia... E quanto ao Desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, *sobre o qual lhe tem sido feitas tantas instancias*, declara que absolutamente não sabe que elle fosse entrado, e que nunca elle respondente lhe fallou em tal pelo temer, e lhe parece que elle não era entrado em rasão de vêr, como já disse, que quando elle entrou em casa do tenente coronel Francisco de Paula Freire de Andrade na occasião em que se tinha estado a fallar n'esta materia, todos se calaram e a elle se não contou cousa alguma; e que elle respondente não tem rasão nenhuma de o favorecer, por que *sabe que o dito Desembargador era seu inimigo*, por uma queixa que o respondente fez d'elle ao Ill.^mo^ e Ex.^mo^ General Luiz da Cunha, não obstante o que elle respondente confessa que todos o acclamavam

por bom Ministro, e elle mesmo respondente assim o diz e assim o disse varias vezes até ao seu mesmo successor.» (*Ib.*, p. 235.) Quando o inimigo declarado de Gonzaga, Bazilio de Brito Malheiro jurou na Devassa: «que as palestras sobre o levante que concitava aquelle Alferes, se faziam umas em casa do Doutor Claudio Manoel da Costa, outras do Desembargador Thomaz Antonio Gonzaga... curiosamente pesquizava um e outros, e viu algumas vezes o proprio Alferes Joaquim José na casa do dito Desembargador; e muitas e muitas vezes viu juntamente o dito Alvarenga e Gonzaga na casa do Dr. Claudio, e estes na de Gonzaga, ora em uma ora em outra;...» (*Ib.*, p. 281.) Vê-se aqui o odio calumnioso, pois que o Tiradentes não se atrevia a approximar-se de Gonzaga, e a convivencia intima dos tres poetas, que conferenciavam na *Arcadia de Minas* sobre assumptos litterarios, acha-se aqui explorada por malvada suspeição para acirrar juizes tambem malvados.

O P.e Oliveira Rolim «assevera que nem o Desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, nem... assistiram á conversação sobredita, que houve em casa do tenente coronel Francisco de Paula Freire de Andrade... que é verdade que o alferes Joaquim José da Silva disse a elle respondente, que o Desembargador Thomaz Antonio Gonzaga tambem entrava n'esta Conjuração e motim; porém, como o mesmo Alferes disse a elle respondente em outra occasião, que *a alguns dizia entravam varias pessoas a quem elle não tinha fallado, nem sabia que entrassem*, por isso ficou na du-

vida, e ainda hoje está n'ella, de que o dito Desembargador entrasse...» (*Ib.*, p. 477.) E' patente a situação do innocente envolvido nos desconcertos de um louco tomado a serio por um governo estupido. Mas apezar d'esta ratificação vejamos o ecco d'essas vozes:

A primeira testemunha, Domingos de Abreu Vieira, tenente coronel do regimento de cavalleria de Minas novas, interrogado em 16 de Junho de 1789, em Villa Rica, conta que ouvira ao P.e José da Silva de Oliveira Rolim e ao alferes Joaquim José da Silva, por alcunha o Tiradentes: «que no caso de se lançar a Derrama como se dizia, estava justo um levante n'esta Capitania, no qual entrava tambem o coronel Ignacio José de Alvarenga... contando-lhe mais que o Desembargador Thomaz Antonio Gonzaga entrava egualmente n'aquella Confederação prestando o seu conselho; e que todos se juntavam algumas noites para este fim... e que da mesma fórma pretendiam interessar n'aquella rebellião ao Ouvidor da Villa do Principe Joaquim Antonio Gonzaga, primo d'aquelle Desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, a quem haviam de pedir lhe escrevesse para este mesmo effeito;...» [1] «Que em casa do Desembarga-

[1] *Archivo do Districto federal*, p. 226 (Maio de 1894.) Este primo do poeta era Thomé Joaquim Gonzaga, natural do Rio de Janeiro, onde nasceu em 20 de Abril de 1738; depois de formado em Leis em Coimbra, foi Auditor do 2.º Regimento da Bahia; chegou a Desembargador honorario da Relação do Porto, ficando sempre em Lisboa, onde faleceu em 21 de Dezembro de 1819. Era tambem poeta, e alguns criticos como

dor Gonzaga se formavam as Leys para o novo governo da nova Republica...»

O Vigario Carlos Corrêa de Toledo e Mello interrogado em 27 de Novembro de 1789, já na fortaleza da Ilha das Cobras, tambem diz a respeito de Gonzaga, que tendo fallado a seu irmão Luiz Vaz de Toledo: «n'esta Conjuração, contando-lhe todos os termos e circumstancia d'ella, e as pessoas que n'ella entravam, sendo que entre os que lhe nomeou fallou tambem no Desembargador Thomaz Antonio Gonzaga; porém, *é verdade que elle respondente não sabe se elle era entrado, nunca com elle falou em semelhante materia, nem por modo algum lhe constou que elle o soubesse, e só n'elle fallou para facilitar ao dito seu irmão...»* (*Ib.*, p. 498) E foi com calumnias confessadas, que houve juizes que se prestaram a condemnar este homem prestante!

Costa e Silva (*Passeio*, not. 33. Ed. 1842) e Francisco Freire de Carvalho em 1845, ainda o confundiam com o auctor da *Marilia de Dirceu*, o que explica os erros de datas e naturalidade do grande e desgraçado poeta. Thomé Joaquim Gonzaga, n'este mesmo anno da desgraça do primo, 1789, imprimira uma traducção do *Pastor fido*, a qual depois de approvada pela Mesa da Commissão geral sobre o exame e censura dos livros foi mandada apprehender e prohibida. Só póde explicar-se o caso pelo terror de ser obra de Gonzaga, que estava preso. O *Pastor fido* era ainda prohibido em 1830! Thomé Joaquim Gonzaga compoz muitas poesias do genero lyrico e bucolico, que ficaram ineditas, e imprimiu varias traducções de libretos de operas italianas: *La Lodaiska* (1796); *Il forbo contra forbo* (1800); *Zaira*, (1802); *Morte de Cleopatra; Merope* (1804); *La Pulcella di Rab* (1804); *Ginevra di Scozia* (1805); *Il Conte di Saldagna* (1807.)

E o mesmo vigario, fallando ao Mestre de Campo Pamplona, em 29 de Março de 1789, declara: «*Tambem lhe apontou* ao Desembargador Thomaz Antonio Gonzaga *como entrado n'estes projectos, o que assim não era, e o fez pela rasão que já acima disse;...»* (*Ib.*, p. 500.)

Na Lyra XXXIV (P. 2.ª) em que o poeta relata o desmoronamento da sua vida, com que magia conta a Marilia o poder calmante das cartas que ella lhe escreve:

Roubou-me, oh minha amada, a sorte impía,
Quanto de meu gosava
N'um só funesto dia.

Honras de maioral, manada grossa,
Fertil, extensa herdade,
Bem reparada chóça.

Metteu-me n'esta infame sepultura,
Que é sepulchro sem honras,
Breve masmorra, escura.

....

Não vejo as tuas faces graciosas,
Os teus soltos cabellos,
As tuas mãos mimosas.

....

Mas vejo, oh cara, *as tuas letras bellas*,
Uma por uma beijo,
E choro então sobre ellas.

Tu me dizes que siga o meu destino,
Que o teu amor na ausencia
Será leal e fino.

De novo a carta ao coração apérto,
De novo a molha o pranto
Que de ternura verto.

E na Lyra XXXV, allude á accusação de que estava fazendo as Leis para o novo Estado em que tinha de ser supremo:

Não hasde ter horror, minha Marilia,
De tocar pulso que soffreu os ferros;
Infames impostores m'os lançaram,
E não puniveis erros.
....
E' certo, minha amada, sim é certo
Que eu aspirava a ser de um Sceptro o dono;
Mas este grande imperio qúe eu firmava
Tinha em teu peito o throno.
....
Mas, pode ainda vir um claro dia
Em que estas vis algemas, estes laços
Se mudem em prisões de allivio cheias
Nos teus mimosos braços.

Na Lyra XXV (P. 2.ª) descreve o apertado interrogatorio, a que é submettido:

A chave lá sôa
Na porta segura,
Abre-se a escura
Infame masmorra
Da minha prisão.

Mas, ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.

Já Torres se assenta,
Carrega-me o rosto;
Do crime supposto
Com mil artificios
Indaga a rasão.

Mas, ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.

No interrogatorio de 11 de Novembro de 1789, na fortaleza da Ilha das Cobras, compareceu Ignacio José de Alvarenga Peixoto diante do Desembargador Torres:

«Respondeu, que se chamava Ignacio José de Alvarenga Peixoto, filho de Simão de Alvarenga Braga, e de D. Angela Michaela da Cunha, natural da cidade do Rio de Janeiro, de edade de quarenta e cinco annos (n. 1744), casado, coronel do 1.º Regimento de cavalleria de campanha do Rio Verde da Capitania de Minas Geraes.» E perguntando-se se sabia a causa da sua prisão, respondeu: «que estando em S. João d'El Rey de partida para a Campanha do Rio Verde, aonde tem as suas lavras, no dia 19 ou 20 do mez de maio do presente anno, chegou o tenente Antonio José Dias Coelho ao quartel de S. João d'El Rey, d'onde o mandou chamar a elle respondente para lhe fallar da parte de Sua Excellencia, e indo immediatamente lhe disse o dito tenente que havia de acompanhal-o para o Rio de Janeiro para certas averiguações na presença do Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Vice-Rey do Estado; e perguntando-lhe elle respondente, se sabia o que seria, lhe disse: — que n'esta cidade tinham prendido a Joaquim Silverio e ao Alferes Joaquim José, por alcunha o *Tiradentes;* que se suppunha ser por alguma liberdade, em que este fallava em ideias de Republicas e Americas Inglezas. E ouvindo elle respondente o que tinha dito o dito tenente, logo lhe disse que isto era materia muito delicada; pelo que immediatamente lhe entregou a chave dos seus papeis, e ficou entendendo que d'aqui nascia a causa tambem da sua prisão.»

E interrogado sobre este assumpto, declarou: «que não tinha sido convidado por pessoa alguma para que... concorresse para que a America conseguisse a sua liberdade, e se formasse d'ella uma Republica...» E refere outras vezes: «que n'esta cidade (Rio de Janeiro) fallavam em pretender a sua liberdade por soccorros da França e de outras Potencias estrangeiras...» e que explicara, que era: «provavelmente a pretenção que a França e as mais Côrtes estrangeiras tinham á liberdade do negocio nos Portos da America, e que equivocando-se esta liberdade do negocio com a liberdade da America...» (*Ib.*, p. 505.)

Sobre este equivoco do auxilio da França a uma revolução no Rio de Janeiro, é que resultou ir o Tiradentes á côrte sondar o facto e ser ahi preso. «Recolhendo-se elle respondente para casa do Desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, aonde estava hospedado, ás onze horas da noite pouco mais ou menos, o achou com o vigario da Villa de San José Carlos Correia de Toledo e lhes contou em summa o que tinha passado... a que elles responderam:—Que seria utilidade do paiz pelas boas disposições que se podiam fazer sobre os seus interesses. Se o Rio de Janeiro intentasse e conseguisse a independencia, por estas ou semelhantes palavras, e foram-se deitar. No dia seguinte veiu o Doutor Claudio Manoel da Costa tomar café com o respondente e com os ditos, como era acostumado, e tocando-se na materia, que não está certo quem foi, respondeu o Dr. Claudio Manoel da Costa, que o Alferes Tiradentes já no seu escri-

ptorio lhe tinha dito essa historia de França e Rio de Janeiro, mas que elle nenhum credito lhe dera, *por conhecer que elle era um tapado.*» (*Ib.*, p. 512.) Esta terrivel referencia a Gonzaga serviu de base para a sua condemnação, por que não fizera logo a denuncia do que ouvira! Alvarenga tambem considerava o Tiradentes *um louco*, «que tinha determinado estabelecer a nova Republica de Minas em consequencia da do Rio de Janeiro,» e que era disfructado entre varios sujeitos que o faziam expôr os seus planos phantasmagoricos de movimentos no Rio de Janeiro, a publicação da derrama e a consternação do povo, etc. Era n'estas scenas que Tiradentes distribuia os empregos, e em que dizia: «que o Desembargador cuidaria nas Leys com os Advogados que escolhesse...» (*Ib.*, p. 516.) E como n'estes delirios do Tiradentes elle fallava em armas com uns triangulos entrelaçados, achando-se em casa de Claudio ou de Gonzaga, como poetas que eram phantasiaram umas bandeiras: «lembrou o Doutor Claudio Manoel da Costa das Bandeiras da Republica Americana Ingleza, que era um Genio da America quebrando as cadêas com a inscripção *Libertas a quo Spiritus*;, e que podia servir a mesma; e o respondente lhe disse: que seria pobreza; ao que elle respondeu: que podia servir a letra *Aut Libertas aut nihil*; ao que o respondente se lembrou do versinho de Virgilio: *Libertas quae sero tamen*, que elle achou e todos os que estavam presentes muito bonito; mas tudo foi sem animo de servir e meramente por entreter a conversação.» (*Ib.*, p. 517.)

Pobres Poetas! por uns devaneios inoffensivos, a rasão de estado applicava a morte natural na forca, o degredo, o confisco e a infamia sobre os seus filhos! Nas relações de Gonzaga com Alvarenga era em poesia que elles conversavam. Na Lyra XXXVIII (P. 2.ª) Gonzaga protesta contra a accusação de uma tentativa de independencia por um povo que se libertou a si e se entregou á Soberania de Portugal:

Americano Povo,
O povo mais fiel e mais honrado!
Tira as praças das mãos do injusto dono,
Elle mesmo as submette
De novo á sujeição do Luso Throno.

Eu vejo nas historias
Rendido Pernambuco aos Hollandezes;
Eu vejo saqueada
Esta illustre cidade dos Francezes.
Lá se derrama o sangue brasileiro;
Aqui não basta, suppre
Das roubadas familias o dinheiro...
....

Ha em Minas um homem
Ou por seu nascimento ou seu thesouro
Que aos outros mover possa,
Á força de respeito, á força de ouro?
Os bens de quantos julgas rebelados
Podem manter na guerra
Por um anno sequer, a cem soldados?

Ama a gente asisada
A honra, a vida, o cabedal tão pouco,
Que ponha uma acção d'estas
Nas mãos de um pobre, sem respeito e louco?
....

E tinha que offertar-me
Um pequeno, abatido e novo Estado

Com as armas de fóra
Com as suas proprias armas consternado?
Achas tão bem que eu sou tão pouco esperto
Que um bem tão contingente
Me obrigasse a perder um bem já certo?

Não sou *aquelle mesmo*
Que a extincção do Debito pedia?
Já viste levantado
Quem á sombra da paz alegre ria?
Um Direito arriscado, eu busco, *e feio*
E quero que se evite,
Toda a rasão do insulto, e todo o meio?

Não sabes quanto *apresso*
Os vagarosos dias da partida?
Que a fortuna risonha
A mais formosos campos me convida?
Não, se os houvesse, unira-me aos traidores,
D'aqui nem ouro quero,
Quero levar sómente os meus amores.

Na Lyra XXVI (P. 2.ª) quando o poeta recebe a monstruosa sentença que o condemna, cae em um estado de resignação, conformando-se tanto com a fatalidade que chega a causar-nos espanto:

Se a innocencia denigre a vil calumnia,
Que culpa aquelle tem que applica a pena?
Não é o Julgador, é o processo
E a Lei, quem nos condemna.
....
Eu tambem inda adoro ao grande chefe,
Bem que a prisão me dá que eu não mereço,
Qual eu sou, minha bella, não me trata,
Trata-me qual pareço.
....
Tu vences, Barbacena, aos mesmos Titos
Nas sãs virtudes, que no peito abrigas;
Não honras tão sómente a quem premeias,
Honras a quem castigas!

Era já o primeiro symptoma da loucura; é certo que o feroz Conde de Resende increpara o Visconde de Barbacena de se mostrar brando em não envolver na devassa da Inconfidencia mais gente, pois que o novo governador de Minas trazia instrucções para se impôr por meio de uma pavorosa. Todas as accusações foram irrisorias, e só juizes automatos do governo é que podiam firmar a iniqua sentença contra esses pobres litteratos.

Accusado Gonzaga de ter estado em casa de um dos conjurados, Coronel Francisco de Paula, e ahi encontrado com o Alvarenga, diz: «que n'esta occasião conversaram em humanidades, e lhe lembra muito bem por repetir o coronel Alvarenga umas *Oitavas* feitas ao baptisado de um filho do Ex.mo D. Rodrigo, e por se examinarem alguns livros do dito tenente coronel, entre os quaes se achava um, que contava ao sapateiro Bandarra entre os primeiros poetas portuguezes, conversa que parece exclue toda a presumpção de se tratar da delicada materia de uma sedição.» *(Ib.*, p. 159.)

Alvarenga, como poeta, alentava o sonho do Brasil Imperio, abandonando a dynastia de Bragança o territorio exiguo de Portugal e vindo fundar um grandioso estado no continente americano. Era o sonho do P.e Antonio Vieira, a esperança de D. Luiza de Gusmão, viuva de D. João IV, expediente a que em 1807 recorria D. João VI para fugir á invasão napoleonica. Quando se foram apprehender os papeis de Ignacio José de Alvarenga, e se fez o seu exame em 11 de junho de 1789, separaram uma Ode escripta pelo

proprio punho, que se refere a esse pensamento, e que serviu de corpo de delicto. Transcrevemol-a do auto; parece dirigida a D. Maria I:

Segue dos teus Mayores,
Illustre ramo, as solidas pizadas,
Espalha novas flôres
Sobre as suas acções grandes e honradas;
Abre por tua mão da Gloria o templo,
Mas move o braço pelo seu exemplo.

A herdada nobreza
Augmenta, mas não dá merecimento;
Dos heroes a grandeza
Deve-se ao braço, deve-se ao talento,
E assim foi que calcando o seu destino
Deu Leys ao mundo o cidadão de Arpino.

Abra-se a nova terra
Para heroicas acções um plano vasto,
Ou na paz ou na guerra
Orna os triumphos teus de um novo fasto.
Faze servir aos Castros, aos Mendonças,
Malhados tigres, marchetadas onças.

Não ha barbara fera
Que o valor e a prudencia não domine;
Quando a rasão impera,
Que Leão pode haver que não se ensine?
E o forte jugo por si mesmo grave
A dôce mão que o põe o faz suave.

Prodiga a Natureza
Fundou n'este paiz o seu thesouro,
Das pedras na riqueza,
Nas grossas minas abundantes de ouro.
Se o Povo miseravel... mas que digo,
Povo feliz, pois tem o vosso abrigo.

Sobre os densos áres
Horrenda tempestade levantada
Abre o seio dos mares,
Para tragar a Náo despedaçada;

Porém, destro piloto arreia o panno,
Salva o perigo, e remedeia o dano;

Assim a Grande Augusta
Que vê o mal com animo paterno,
Em mão prudente e justa
Vem collocar as rédeas do Governo;
Eu vejo a Náo já de perigo isenta
Buscar o porto livre da tormenta...

(*Ib.*, p. 29.)

Até os chistes que se diziam em casa de Alvarenga serviram para incriminal-o; um pobre homem de Setubal, que se achava em Villa Rica, foi depôr: «que achando-se no Rio das Mortes em casa de um pardo, mestre de musica, que assistia paredes meias e conjunctamente na casa onde morava o coronel Ignacio José de Alvarenga, o qual ensina a musica a uma filha do dito por nome D. Maria Iphigenia, segundo sua lembrança; e tratando-se do seu adiantamento, lhe disse aquelle José Manoel, que a dita menina nunca poderia adiantar-se muito, e isto pelo demasiado mimo com que a cercava sua mãe, a qual lhe costumava chamar — a Princeza do Brasil; e accrescentava, que este continente viesse a ser governado por nacionaes sem sujeição á Europa, a ella lhe pertencia por antiguidade de Paulistas; sendo a sua familia e casa das primeiras;» (*Ib.*, p. 436.) Com factos d'esta ordem é que se procurava incriminar o cantor de *Anarda*, o enthusiasta *Alceu*, que por imaginar um emblema com um hemistichio de Virgilio, foi clamorosamente condemnado á morte. Lê-se na medonha sentença:

«Condemnam o réo Ignacio José de Alvarenga Peixoto a que com baraço e pregão

seja conduzido pelas ruas publicas ao logar da forca, e n'ella morra morte natural para sempre, e depois de morto lhe seja a sua cabeça pregada em póste alto, no logar mais publico da Villa de S. João d'El Rey, até que o tempo a consumma; declaram a este réo infame, e infames seus filhos e netos, e os seus bens confiscados para o Fisco e Camara real.»

Alvarenga ouviu lêr a sentença de morte, que abrangia mais nove presos pela imaginaria sublevação; e diante d'essa cegueira das leis criminaes e da brutalidade dos juizes, [1] buscou energia moral nas recordações queridas; nas collecções manuscriptas de versos encontrámos esses dois eloquentes sonetos:

Não me afflige do pôtro a viva quina,
Da ferrea maça o golpe não me offende,
Sobre a chamma a mão se não estende,
Não soffro do agulhete a ponta fina.

Grilhão pesado os passos não domina,
Cruel arrôcho a testa me não fende,
A' força perna ou braço se não rende,
Longa cadêa o colo não me inclina.

Agua e pômo faminto não procuro,
Grossa pedra não cansa a humanidade,
A pássaro voraz eu não aturo;

Estes males não sinto, é bem verdade;
Porém sinto outro mal inda mais duro:
Da consorte e dos filhos a saudade.

ALVARENGA

---

[1] Foi lavrada em Conferencia da Alçada em 18 de Abril de 1792, que durou até ás duas horas da madrugada.

Eu não lastímo o proximo perigo,
Uma escura prisão estreita e forte;
Lastimo os caros filhos, a consorte,
A perda irreparavel de um amigo.

A prisão não lastimo, outra vez digo,
Nem o vêr iminente o duro côrte,
Que é ventura tambem achar a morte
Quando a vida só serve de castigo.

Ah, quem já bem depressa acabar vira
Este enrêdo, este sonho, esta chimera
Que passa por verdade, e é mentira!

Se filhos, se consorte não tivera
E do amigo as virtudes possuira,
Só de vida um momento não quizera. [1]

ALVARENGA

Os juizes da Alçada refinaram de crueldade, quando commutada a sentença de morte em cumprimento da ordem regia, por Accordão de 2 de Maio de 1792, na pena de degredo perpetuo para o presidio de Ambaca, o fizeram caminhar até ao logar da forca, e depois de executado o Alferes Tiradentes, em seguida foi chamado Ignacio José de Alvarenga Peixoto... para ouvir lêr a commutação da pena capital! [2]

Segundo o estylo da penalidade da epoca, os outros condemnados, ou davam uma volta em roda da forca para ficarem infamados, ou assistiam forçadamente ás execuções sangrentas. E' de crêr que Gonzaga fosse con-

---

[1] Ms. 7008. (Bibl. nacional.) Temol-os por ineditos.

[2] *Revista trimensal*, vol. XIII, p. 516.

duzido a esse espectaculo, e que ahi ouvisse lêr a commutação da sua pena de degredo perpetuo para as pedras de Angoche em 10 annos de degredo para Moçambique. [1] Transcrevemos em seguida algumas notas descriptivas contemporaneas d'esse espectaculo official:

«A tropa d'esta cidade pegou toda em armas; 2 Regimentos formaram da cadeia até o corpo da execução, e os 3 Regimentos fizeram cêrco no corpo do patibulo, o qual se armou muito alto. Depois d'esta execução o Brigadeiro Pereira Alvarez, chefe do corpo militar fez uma falla aos soldados e Povo, para exemplo, e o P.e M. de Santo Antonio seguiu com uma pratica. No dia antecedente ao da execução e seguinte, meteram os Auxiliares grandes na cidade, 3 dias de luminarias em acção de graças de se ter descoberto os criminosos, Te Deum no Carmo e festa pela Camara.»

«Depois de estarem os 10 presos no Oratorio, e sahir a sentença, sem embargo dos embargos, e promptos a morrerem, apresentou o Chanceller um Decreto, que trazia, de S. Mag.de para se abrir em Relação depois de decididos os embargos, e entregando ao Snr.

---

[1] O povo, nas suas cantigas, synthetisava assim o governo da bondosa D. Maria I, sem saber do seu estado de irresponsavel demencia:

> Rainha, nobre senhora,
> No throno foi a primeira;
> Maldita seja a mulher
> Dos povos tão carniceira.

Vice-Rey Presidente, o abriu, e houve por bem S. Mag.de perdoar o crime da morte aos ditos presos, menos o primeiro cabeça, e ficaram livres da forca, e só padeceu o Tira-Dentes, Joaquim José, que foi enforcado, e esquartejado, e seus quartos postos no caminho de Minas, e a cabeça no logar das suas casas, em Villa Rica, depois de queimadas, reduzidas a cinzas e salgadas, como um padrão para memoria.» [1]

Áquelles a quem foi commutada a pena de morte, a Carta regia de 15 de Outubro de 1790, por clemencia e benignidade deu-lhe degredo por toda a vida para os presidios de Angola e Benguella. Vejamos o resto da real clemencia:

«Quanto aos mais Réos, que não foram chefes da referida Conjuração, nem entraram, ou consentiram n'ella, nem se acharam nas assembleias e conventiculos dos referidos conjurados, mas que *tendo sómente noticia* ou conhecimento da mesma Conjuração não o declararam em tempo competente; Hey por bem perdoar-lhes egualmente a pena capital em que tiverem incorrido, e que esta se lhes commute na de degredo para outros dominios de Africa, comprehendidos os de Moçambi-

---

[1] Os nove a quem foi commutada a pena de morte: José de Resende, pae e filho; Tenente Coronel Francisco de Paula Freire; seu cunhado João Alvares Maciel; Coronel Ignacio José de Alvarenga Peixoto; Coronel Francisco Antonio de Oliveira Lopes; Domingos Vidal Barbosa; Salvador Corrêa do Amaral; Domingos de Abreu Vieira. (Carta regia de 15 de Outubro de 1790.)

que, Rio de Sena pelos annos que parecerem...» N'esta categoria, em que estavam doze degradados, acha-se:

«*Thomaz Antonio Gonzaga*, Ouvidor que foi de Villa Rica.» [1]

Depois de apresentada a Carta regia citada, os Juizes da Alçada lavraram um Accordão com a sentença modificando apenas o que se referia aos dez condemnados a decapitação. Assignaram: Vice-Rey; Vasconcellos; Gomes Ribeiro; CRUZ E SILVA; Veiga; Doutor Figueiredo; Guerreiro Monteiro; Gaioso.

Gonzaga, privado de todos os recursos, ficou no carcere até ao dia 22 de Maio de 1792, em que foi enviado com mais seis dos condemnados para Moçambique e Rio de Sena, no navio da carreira da India *Nossa Senhora da Conceição Princeza de Portugal.* [2]

Na Lyra III (P. III) escreveu esses versos, que sangram:

Leu-se-me emfim sentença
Pela desgraça firmada;
Adeus, Marilia adorada,
Vil desterro vou soffrer.
    Ausente de ti, Marilia,
    Que farei? irei morrer.
. . . .
Mil penas estou sentindo
Dentro d'alma; e por negaça
Me está dizendo a desgraça
Que *nunca mais te heide vêr!*
. . . .

---

[1] Coll. Pombalina, Ms. 464, fl. 175 v. Sentença de 11 de Março de 1792. *Ib.*, N.º 643, fl. 350.

[2] Officio do Conde de Resende para Martinho de Mello de Castro, de 29 de Maio de 1792.

Não são as honras que perco
Quem motiva a minha dôr;
Mas sim, vêr que o meu amor
Este fim havia ter.

A Lyra XI (P. III) foi talvez o seu ultimo arranco na masmorra da Ilha das Cobras; não ha tristeza comparavel a estas palavras, em que o refrem adquire em cada estrophe uma vibração mais intensa:

Ergastulo cruento,
Onde não entra a aurora,
Pensas que à sombra tua
A vida me devora?
  Não penses tal maldade;
  Eu morro de saudade.

Se pensas que os teus ferros
Horriveis e pesados,
Me têm os rijos ossos
Com dôres traspassados,
  Não penses tal maldade,
  Eu morro de saudade.

Se pensas que a tristeza
D'esta masmorra escura
Me leva por momentos
A' fria sepultura,
  Não penses tal maldade,
  Eu morro de saudade.
....

Se a pobre nudez minha
Tu julgas que me abate,
E cuidas que me vence
Tão rigido combate;
  Não penses tal maldade,
  Eu morro de saudade...

Irritamo-nos sempre que deparamos com o nome de Antonio Diniz da Cruz e Silva, o *Elpino Nonacriense*, assignado n'esta mon-

struosa sentença, affronta da rasão e da humanidade. [1] O governo pagou-lhe o serviço nomeando-o em 1793 *successor* do Chanceller da Relação do Rio de Janeiro, em cuja effectividade entrou em 1794.

Sob as impressões do feroz julgamento

---

[1] Accusámol-o na *Arcadia Lusitana*, p. 599, de, sendo Diniz um admirador sincero de Garção, não ter deixado um indicio de sentimento pela revoltante arbitrariedade que causou a morte d'aquelle poeta. Hoje temos o gosto de mostrar que essa desgraça tocou a sensibilidade de Diniz; encontrámos uma Ode inedita em que synthetisa a Arcadia n'um monte devastado depois d'aquella perda. Eil-a:

ODE

A Garção estando preso

Quando te observo, descarnado monte
Onde o céo nunca se declara amigo,
Nem erva brota, nem rebenta fonte,
Quasi dos ermos infeliz mendigo;
Se os olhos corro
Do cume á falda,
Assim discorro:

Que mal fizeste, misera montanha,
Que a natureza, sempre mãe piedosa,
Contra ti mostra ser madrasta extranha
N'essa que vejo desnudez pasmosa?
Por certo espanta
Que nem te cubra
Rasteira planta.

Nunca rebanho te buscou faminto,
Nunca colono te surcou avaro;
Que, mesmo ao longe, se te observo, sinto
Que a vista foge d'esse horror tão raro,
Vendo que brutos
De teus abrigos
Fogem astutos.

de uma imaginaria revolução por causa da cobrança dos *Quintos*, á qual se chamou na linguagem official do tempo a *Inconfidencia de Minas*, escreveu Nicoláo Tolentino um soneto, que é um quadro completo; tem a rubrica, *No dia em que chegou a Náo dos Quintos:*

Se a larga pôpa trazes alastrada
Com prenhes cofres de metal luzente,
Que importa, oh alta náo, se juntamente
Vens de pranto e penhores carregada!

Mas, oh! que estranhos eccos repentinos
Os áres ferem, longe retumbando!
Ou são embates de esquadrões ferinos,
Ou é torrente campos alagando?
Mas claras sôam
Do monte as vozes,
Que assim atrôam:

—Oh, não me chores, nescio passageiro,
Tantas miserias não são meus desdouros;
Cubram mil plantas o vaidoso outeiro
Que eu no meu seio guardo mil thezouros.
Aváros venham
E a vil cobiça
Em mim mantenham.

Sim! felizmente! liberal pobreza,
Garção ditoso n'esse estado pobre,
A sorte adversa, sabia contrapeza
Com as ricas minas que a tua mente encobre.
Em tanto ultraje
E's d'este monte
A viva image. *

* Ms. *Odes do grande Poeta Antonio Diniz da Cruz e Silva*, Socio da Arcadia lusitana e n'ella por nome Elpino Nonacriense. Anno de 1787. Fl. 126 (não numerada). Pertenceu este Ms. ao Dr. A. J. Teixeira. No Ms. escreve-se *Garson.*

Para vêr tanta cara envergonhada,
E pôr no Limoeiro tanta gente,
Para isto sulcaste a grã corrente,
Dos ventos e das ondas respeitada?

Se alegras uma parte da cidade,
Ergues na outra um sórdido porteiro
Vendendo trastes velhos por metade.

Traz bens e males teu fatal dinheiro,
Uma alta paz aos homens de verdade,
Um estupor a cada caloteiro.

(*Obr.*, p. 33. Ed. 1861.)

Eram as cem arrobas de ouro do *Quinto* da producção de Minas Geraes, que vinham alimentar a faustosa inconsciencia do absolutismo. Gonzaga tinha o pae vivo, o velho magistrado da Casa da Supplicação; partira directamente do Rio de Janeiro para Moçambique na Náo da India, e todo este desmoronamento da sua vida, a importancia social, um amor correspondido, toda essa serie de calumnias e o boçalismo dos desembargadores, levaram-no a uma febre violenta desde que o clima africano atacou a sua constituição debilitada pelo carcere e ainda mais pelas violentas impressões moraes. Ao chegar a Moçambique viu-se prostrado por doença gravissima, sendo recolhido bondosamente em casa de um homem abastado, Alexandre Roberto de Mascarenhas, casado com uma mulher de côr D. Antonia Maria; tinham elles uma filha de dezenove annos de edade, que o tratou desveladamente e o salvou da morte; chamava-se D. Juliana de Sousa Mascarenhas, e sem cultura, pois nem sabia escrever o seu nome. Aproveitando-se do estado de depres-

são mental, que succedia aos accessos de furia do desgraçado Gonzaga, tratou essa familia de casar a filha com o poeta, e escreveu-se um Termo de inquirição datado de 9 de Maio de 1793, com as declarações de Gonzaga, que se dá como solteiro, (com a edade errada) e as de D. Juliana de Sousa Mascarenhas, que assigna de cruz. Vê-se que abusaram da alienação do desventurado, se é que esse documento não foi forjado para produzir o seu effeito em Villa-Rica e truncar assim todas as esperanças que alentavam D. Maria Joaquina Dorothéa, a *bella Marilia.* Que importa que se dissesse que elle effectuara o casamento com a crioula de dezenove annos, se informações testemunhaes de quem conheceu Gonzaga em Moçambique affirmam o contrario. [1] A *Justificação* de 9 de Maio de 1793 é mais uma estocada do rancor que o perseguia; e se nos lembrarmos que o tio da *bella Marilia* se oppoz a que ella casasse com o condemnado Gonzaga e o seguisse para o degredo, e que esse tio e *tutor* João Carlos Xavier da Silva Ferrão cooperou nas *denuncias* que produziram o processo sangrento da *Inconfidencia de Minas*, deprehende-se que essa Justificação do casamento de Gonzaga logo que chegou a Moçambique e se restabeleceu da doença grave, foi destinada a produzir o seu effeito em D. Maria Joaquina Dorothéa. Quando

---

[1] «O conselheiro Resende Costa, affirma que elle chegou a casar com esta D. Juliana. *Do contrario nos informam pessoas que o conheceram em Moçambique.* E louco terminou seus dias em 1809.» *Revista trimensal*, vol. XII, p. 136.

lhe deram noticia do facto ou lhe leram o documento, conta-se que ella dissera: — «Se o Gonzaga não estivesse alienado não faltava ao que prometteu.» [1] Da vida de Gonzaga em Moçambique ha noticias de compungente desolação: «Em Moçambique quiz dedicar-se á advocacia. Mas de continuo lhe vinham á mente as injustiças dos homens... fez-se hypocondriaco. — Algum tempo sentia que a cabeça se lhe abrasava. Deixou de trazer chapéo. Mas o calor que soffria não era physico. Foi accommettido de uma febre violenta, de que esteve á morte. Os soccorros da medicina restituiram-lhe a saude do corpo; mas o espirito ia de mal a peior. Quando não tinha accesso de furor ou de ternura, *obedecia em tudo* á mulher que o tratara na doença.» [2] Os dezesete annos que viveu em Moçambique foram uma agonia lenta, caracterisando-se os quinze annos ultimos por accessos de melancholia e de completa loucura, expirando em 1809.

Quando o Gonzaga foi sentenciado e partiu para o degredo, D. Maria Joaquina Dorotheia tinha vinte e cinco annos; o abalo emocional, e depois a decepção de todas as suas esperanças levaram-na a uma concentração moral que sequestrando-a á vida de relação lhe converteram a existencia em uma vida vegetativa: chegou a uma edade provecta,

---

[1] De uma carta de Manoel Bernardes Lopes Fernandes a José Maria da Costa e Silva. (Da Collecção Merello.)

[2] *Revista trimensal*, vol. XII, p. 136.

sempre solteira, falecendo em 1854 na cidade de Ouro Preto. Não depõe contra ella o ter morrido com 87 annos; tambem Marianna Alcoforado, a *Religiosa portugueza*, que o seu namorado Chamilly abandonara, morreu octogenaria. Em 1896 a casa em que habitou Marilia foi visitada, e ainda alli se conservavam o quarto e intacto o leito nupcial destinado á união quebrada pela fatalidade; [1] até á sua

---

[1] Em um livro intitulado *Timidos Ensaios,* pelo P.e Euripedes Calmon, descreve-se uma viagem a Minas e a visita a Ouro Preto:

«Vi a casa e o logar onde se suicidara o advogado e notavel poeta Claudio Manoel da Costa. Meditei tristemente alguns minutos sobre a conspiração mallograda...

«Com curioso interesse fui ás casas onde habitaram o desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, Ouvidor de Villa Rica, e D. Maria Joaquina Dorothea de Seixas Brandão.

«O melifluo e eximio poeta não se cansou nunca de cantar e decantar a sua pulcherrima e idolatrada *Marilia.*

«Ambas as casas são escrupulosamente conservadas, até a mesma côr antiga das tintas. Em baixo, na planicie, demora a habitação da formosa *Marilia*, donde se avista no alto a de *Dirceo*. Uma das janellas do infeliz apaixonado olha a descoberto para a janella do quarto da sua terna Marilia.

«Este quarto não é occupado pelos donos da casa.

«Deshabitado e mudo o veneravel aposento do amor!

«No centro um leito nupcial, cujo cortinado, abraçando-o todo, cerra-se cosido em laços de fita.

«O leito está significando que a virgem de Villa Rica nunca saíu dos braços da esperança.

«Conservam-se ali uma cadeira e um cabide, unicos trastes que ainda existem da formosa amante.

....

morte publicaram-se vinte e nove edições da *Marilia de Dirceu*, muitas d'ellas no Rio de Janeiro e na Bahia, sendo de presumir que até ao seu recolhimento chegasse aquelle livro

---

«Terno e casto, firme e constante, sublime até ao sacrificio, foi este amor, que nunca a adversidade mais cruel pôde matar. Arrancado do coração da sua bem amada foi o poeta condemnado a degredo para Moçambique.

«Ali, sem esperanças de tornar a vêr Marilia, casa-se Gonzaga; mas sua negra melancholia não achou allivio e não tardou a degenerar em loucura. A rica filha de Alexandre Mascarenhas para o esposo nunca poderia ter os encantos de Marilia.

....

«Versões desencontradas correm ácerca da fidelidade de Marilia.

«Eu nunca achei argumentos que ao menos me inclinassem a pôl-a em duvida.

«Ainda agora, de Monsenhor José Augusto e do sr. Padre Corrêa de Almeida, que *chegaram a conhecel-a de perto*, bem como do illustre Vigario de Ouro Preto, colhi que *Marilia nunca se casara e fora um exemplo de honestidade e de constancia.*

«*No tocante aos seus celebrados amores de todo incommunicavel;* catholica fervorosa, no templo desabafava o amargurado coração.

«Morreu muito velha, e até aos ultimos dias de tam attribulada existencia, as saudades do querido e inolvidavel *Dircêo* banharam-lhe de abundantes lagrimas a rugosa face.

....

«Gonzaga foi amante sincero e dedicadissimo, mas casou-se. (?)

«Marilia veiu provar ainda uma vez que a constancia e fidelidade da mulher podem chegar aos rasgos sublimes do heroismo. A mulher ganhou a palma.» *

---

* *Op. cit.*, p. 518 a 521. Rio de Janeiro, 1896.

de horas inolvidaveis, e que ninguem como ella comprehenderia.

Durante a prisão no segredo do carcere de Villa Rica, no angustioso trajecto para o Rio de Janeiro, e na masmorra da Fortaleza da Ilha das Cobras, nunca deixou Gonzaga de celebrar a gentil Marilia contando-lhe as situações commoventes da sua desgraça. A poesia tinha dado expressão ineffavel a tamanho soffrimento; é por isso natural, que nos periodos de serenidade, embora rapidos que Gonzaga teve accidentalmente em Moçambique, procurasse na poesia um desafogo á sua oppressão moral; lê-se: «*compoz varias poesias*, sendo a principal um Poema sobre o Naufragio da Náo de Viagem—Marialva, que offereceu ao Governador.» [1] Sob o titulo *Uns versos ineditos de Gonzaga*, [2] publicou-se em

---

[1] *Revista trimensal*, t. I, p. 308 (segunda série).

[2] *Revista africana* — Periodico mensal de Instrucção e recreio, n.º 1, p. 3: «Num exemplar das Lyras do desventurado poeta Thomaz Antonio Gonzaga, que faleceu n'esta cidade de Moçambique em 1809, encontrei em letra manuscripta uns versos, que, embora não trouxessem por baixo o nome do auctor, facilmente mostram pelo estylo e pelo assumpto serem da lavra do mimoso e distincto poeta... Entro em duvida se esta peçasinha poetica está por concluir. Em todo o caso merece que se bem diga a memoria do poeta que tão reconhecido se mostra á consideração que o seu talento e suas qualidades souberam inspirar aos filhos d'esta terra. Nem de outro modo podia proceder, nem de outro modo podia ser tratado aquelle coração apaixonado, aquelle republicano austero (?) victima illustre, martyr do amor e da patria.» *Campos Oliveira.*

1881 em Moçambique a seguinte lyra, que estava escripta em um exemplar da *Marilia de Dirceo*, em que o poeta exalta a piedade com que foi recebido no degredo:

A Moçambique, aqui vim deportado,
Descoberta a cabeça ao sol ardente,
Trouxe por irrisão duro castigo
Ante a africana, pia, boa gente;
Graças, Alcino amigo,
Graças á minha estrella!

Não esmolei, aqui não sou mendigo;
Os africanos peitos caridosos,
Antes que a mão o infeliz lhe estenda,
A soccorrel-o correm presurosos;
Graças, Alcino amigo,
Graças á minha estrella.

Crêmos que esta lyra é um fragmento, destinado a servir de começo a uma serie nova, porque contrasta com aquella primeira lyra em que se pinta feliz, empregando o mesmo refrem:

Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella.

Quando Gonzaga foi sepultado na sé de Moçambique, já corriam cinco edições da *Marilia de Dirceo*. Por certo não foi da sua mão que saíu o manuscripto; desde que a rasão de estado o prendeu, apprehendeu todos os seus papeis e sequestrou-lhe os bens e quanto possuia. Do espolio explorado para lhe instaurar o processo, em que nada appareceu que o incriminasse, é que se destacou esse livro immortal, que fez com que a sua dôr vibrasse para sempre nas almas que o lêrem.

§ II. Sobre as fórmas poeticas da Marilia de Dirceo

Conta o poeta, que passara a flôr da mocidade na Bahia, no tempo em que seu pae era alli desembargador da Relação. Não foi indifferente este facto para a escolha do typo da *Modinha* para as suas Lyras apaixonadas; a Bahia foi sempre riquissima d'esse lyrismo tradicional e popular. Lê-se em um folheto de 1729, sobre as festas que se fizeram na Bahia pelo casamento dos princepes, que á noite, 28 de julho, em presença do Vice-rei houve «um alegre divertimento musico de *cantigas*, e *Modas da terra, de que ha abundancia n'este paiz.*» [1] Na colonia portugueza revivescia essa tradição por fórma que mais tarde se reflectiu na metropole com um perstigio absorvente e invencivel. Na Viagem do Duque de Chatelet (I, 78) descreve-se já este effeito da regressão brasileira: «As Canções portuguezas são muito licenciosas; acompanham-se com uma guitarra, que fazem resoar com muita graça, mas a musica é alegre e viva e não sem encanto;...» Gonzaga desenvolveu o seu talento poetico quando estava mais vivo este enthusiasmo, elevando-se da Canção popular espontanea a uma expressão artistica e reflectida; egual transformação se operou na musica, derivando-se da melodia popular a Monodia ou *Canzone a una voce*, que attingiu a fórma artistica da Aria. Estas

---

[1] Ap. *Annaes da Bibl. do Rio de Janeiro*, II, 139.

duas elaborações, a poetica e a musical, devem ser estudadas conjunctamente; é nas Lyras de Gonzaga que se encontram reunidas.[1]

Uma *Lyra* de Gonzaga lembra na sua estructura poetica uma Canzone italiana como nos apparece tratada pelos compositores do seculo XVII, com a mesma rythmica do verso. Transcrevemos este trecho do seiscentista Francesco Cavalli:

> Donzella fuggite
> lasciva beltà.

[1] No *Cancioneiro de Musicas populares*, publicação de Cesar das Neves e Gualdino de Campos, foram impressas doze Lyras da *Marilia de Dirceu;* existiam acompanhadas de musica em um manuscripto do fim do seculo XVIII, pertencente ao professor Augusto Luso. Quando Gualdino de Campos nos deu esta noticia, encarecemos a conveniencia de se publicarem no Cancioneiro. Segundo a opinião auctorisada do professor Cesar das Neves, pareciam essas musicas ou Arias da *Marilia* serem composição de Marcos Portugal; portanto, no gosto italiano. Eram então muito vulgarisadas as *Modinhas brasileiras,* como descreve o poeta Tolentino; e com um leve intuito nacional, e uma comprehensão no que ha de verdade e belleza nas melodias populares, chegava-se á fórma bella da Canção como a definiu Schubert, nos seus seiscentos *Lieds.* A letra poetica, como vêmos na *Marilia de Dirceu,* provocava a uma tal creação esthetica; mas a preoccupação do typo da Aria italiana, tendendo a um virtuosismo vocalista, afastava o accordo entre a musica e a poesia. No *Cancioneiro de Musicas populares,* vêmos no tomo II dez Lyras de Gonzaga, sob os numeros 166, 184, 202, 280, 287, 292, 309, 315, 333 e 334. Quando um dia se fizer uma edição monumental da *Marilia de Dirceu* devem estas musicas ser incorporadas nas respectivas lyras.

Se un lucido sguardo
vi penetra il cor,
fuggite quel dardo
del perfido amor,
che insidie scaltrite
tramando vi va:

Donzella fuggite
lasciva beltà. [1]

E esta outra fórma estrophica de uma Canzone posta em musica por Alessandro Ghivizzani, e ainda usada pelos poetas portuguezes do ultra-romantismo:

Filli mia, se vi pensate
Ch' io mi mora,
Ch' io mi strugga in vivo ardor,
V' ingannate,
V' ingannate, o mia signora
Chè per voi pazzo è chi muor.

A expansão musical do genio italiano na Renascença, aproveitando-se da poesia, cria as fórmas polyphonicas do *Madrigal*, que caracterisa o seculo XVI. Dos dialogos e das phrases poeticas do lyrismo quinhentista sae a contextura melodica, que procura livrar-se pela expressão dos sentimentos da estreiteza das regras contraponticas. O *Madrigal* appropriava-se da Canção popular, essencialmente monodica, envolvendo a sua simplicidade e espontaneidade nas combinações rythmicas e em acompanhamentos de ornamentação, e em effeitos de dialogo, syncopamentos, passos de imitação em canon, em themas fugados, que

---

[1] *Canzoni ed Arie de* XVII *secolo.* (Ed. Ricordi.)

o levaram a tornar-se o esboço rudimentar do Drama musical. Mas, avançando n'este sentido no fim do seculo XVI, afastava-se do seu elemento primitivo ou simples e espontaneo, a *Canção* de uma só voz, que vinha desde a espontaneidade popular até ás *Balladas* dos Trovadores, e ás *Frotolas* italianas, tratadas na sua fórma monodica pelos compositores eruditos. O que o Madrigal ganhara de vantagem no dominio da expressão, perdia-o na graça e ingenuidade encantadora da Canção na sua pureza de melodia; [1] creava-se o Melodrama, em que os compositores eram levados a empregar o virtuosismo dos cantores das novas Escholas, sacrificando á mestria dos seus vocalismos a intelligencia da palavra poetica, e á riqueza do acompanhamento orchestral de ornamentação. Por seu turno a *Canzone* tornou-se tambem lyrico-dramatica, sendo a Cavatina na Opera, e a Aria, formada de duas partes pela Eschola de Napoles, attingindo o seu complemento na stretta.

Mas as fórmas da Canzone a uma voz não se perderam; foram fecundar o genio germanico na elaboração das melodias sem palavras, que deram origem aos preludios, ás tocatas, ás sonatas, ás symphonias, a todas

---

[1] Torchi, *Canzoni ed Arie ad una voce, nel secolo XVII. Riv. Musicale italiana*, vol. I, p. 581 a 656.)— Escreve Sandberger, em um estudo sobre Orlando di Lasso: «O Madrigal primitivo tem uma fórma em que está vivamente impresso, de um lado o caracter essencialmente anophono, symetrico, transparente do elemento *italiano*, e do outro esse elemento *hollandez*, essencialmente polyphonico.» *(Ib.*, p. 705.)

essas fórmas classicas que são a essencia da musica allemã.

Ao passo que no fim do seculo XVI o *Madrigal*, em que se concentraram os themas da Canção monodica, se desenvolvia na sua variedade polyphonica, e acompanhamento de varias vozes, o estylo monodico começou a ser estudado como uma especie de reacção contra o artificio madrigalesco e mottetista, cultivando com esmero a *Aria* e o recitativo.

N'este processo havia o quer que é de regressão ás fórmas esquecidas das Canções dos Trovadores, que inconscientemente conduziam ás Cantigas populares d'onde derivaram. Ha aqui duas correntes musicaes que se accentuam no fim do seculo XVI, a que avança para a *expressão*, e a que conserva a melodia pura, no canto a uma só voz. A Canção monodica liberta-se do excesso de colorido polyphonico, das complicações de effeitos contraponticos desnecessarios para a belleza da emoção definida pela palavra, emfim não abafava a poesia deixando apreciar a belleza metrica das estrophes. Tal é a *Canzone* dos compositores italianos do seculo XVII, que foi no fim d'essa epoca abandonada por causa do extraordinario desenvolvimento das escholas de canto, que obrigavam a fórmas que se prestassem a um maior colorido harmonico. Foi por tanto a Canzone seiscentista estacionaria no seculo XVIII, que se conservou em Portugal com o titulo de *Modinha* (nome tomado do *Mote*, ou Moda, dos Mottetistas); e esta corrente alimentava-se por um lado trazendo a esses moldes Cantigas populares, e Cançonetas litterarias adaptando-as á musica

instrumental que os organistas e clavicinistas allemães tinham tomado da rythmica das Canzoni italianas como materiaes dos seus preludios, fugas, sonatas e symphonias. Não nos admira pois que a *Modinha* portugueza se desenvolvesse tanto no nosso seculo XVIII, chegando á assimilação da familia burgueza pelo predominio dos themas populares da Canção, e que se tornasse predilecta na côrte, onde dominava a alta cultura de um Scarlati e o canto de um Gypcielli e de um Caffarelli. O apparecimento da *Modinha brasileira*, no seculo XVIII, appresentando aos criticos da arte musical um aspecto de nacionalidade, é explicavel pelo phenomeno de sobrevivencia archaica da tradição nas colonias distantes. Conservou-se na sociedade brasileira a tradição musical do seculo XVI, que era a Canção monodica, ou a Canzone italiana seiscentista; e não sendo invadida pela polyphonia madrigalesca, procurou renovar-se nos themas da Cantiga popular, durante todo o seculo XVII. D'ahi a sua caracteristica nacional, dando-se tambem a circumstancia admiravel de muitas *Modinhas brasileiras* appresentarem na sua estructura poetica a mesma contextura estrophica da Canção dos Trovadores portuguezes do seculo XIV. Os vestigios da *Aria ad una voce*, ou da Canção italiana seiscentista, acham-se ainda em certas designações musicaes, como a *Chacone* (a *Chacoula*, do Alemtejo), e a *Frottola*, de que os hespanhoes se appropriaram na sua *Farandola;* a *Villanella*, a que se refere Miguel Leitão de Andrade, e os *Villancetes* dos Cancioneiros.

Entre os costumes da côrte portugueza de Dona Maria I, tanto em Portugal como no Brasil, um dos mais curiosos era o das *Açafatas;* as meninas de familias nobres, mas cahidas em pobreza, eram recebidas no paço, onde se lhes dava sustento, occupando uma posição intermedia ás creadas e ás damas de honor. Formavam um vistoso sequito á rainha e ás infantas, e não eram mais obrigadas do que a fazer parada; formavam uma especie de côro mudo das operas. Educadas no meio das intrigas e dissimulação do paço, as açafatas entretinham a ociosidade nos jardins de Queluz, de Caxias, Ajuda ou Ramalhão com secretas intrigas amorosas e confidencias; e os princepes, criados á solta entre ellas, procediam de modo, que o governo paternal tinha de patrocinar-lhes o casamento com militares gratificados com patente superior ou com o governo de algum forte. Pode-se dizer que o grande numero de açafatas da côrte de D. Maria I foi uma das causas da devassidão que teve maior incremento na côrte de Dom João VI; educadas em tal meio, as infantas filhas d'este monarcha sem senso moral, foram o que as lendas decameronicas do principio do XIX seculo descrevem, soberanamente impudicas. Lord Beckford, que se achava em Portugal por 1787, não foi indifferente ao espectaculo d'este côro de nymphas que ás tardes se espalhava pelo jardim botanico do paço da Ajuda: «onde não é raro encontrar certos animaes de pouca edade e de genero feminino, chamados em portuguez *açafatas*, especie entre a camareira e a dama de honor. A rainha fizera o favor de levar comsigo para

as Caldas as mais feias; e as que ficaram têm rasgados olhos pretos em que scintillam amorosas tendencias, uma exuberante trança de cabello azevichado e beicinhos da côr das rosas. Tudo isto não constitue uma belleza perfeita, nem eu quero dizer isso, só quero que fiqueis sabendo que as nymphas de que fallo são as flores do rancho da Rainha, e que ella tem na sua comitiva, pelo menos, quatro ou cinco duzias mais d'essas damas dotadas de boccas grandes, olhinhos franzidos e tez morena.» [1] Em umas decimas ao conde de Villa-Verde, Nicoláo Tolentino descreve o encontro com duas açafatas, ás quaes se lhes partira a sege na estrada:

Cuidei eu que eram piratas,
Que tiram vida e dinheiro;
Fui vêr se era o clavineiro,
E achei duas açafatas.

Traziam a arma mais dura
Que no peito se tem posto,
Traziam ambas no rosto
O respeito e a formosura... [2]

Dominava na côrte o gosto e a monomania das Operas italianas; a lingua dos sopranos era preferida ao portuguez no paço da Ajuda, fallando-se então uma especie de giria italiana de que os proprios *castrati* eram professores. Para entretêr as açafatas estudava-se musica, tocando o psalterio, a viola franceza, o bandolim, e cantava-se nos terraços, por entre

---

[1] *Cartas* de Beckford, II, da trad. do *Panorama.*
[2] *Obras completas*, p. 285.

os buxos recortados e grutas do jardim; realisavam-se as scenas ideaes de Metastasio e de d'Aponte, e esta necessidade de dar expansão a desejos mal abafados ou vagamente satisfeitos fez desenvolver um genero de musica nacional chamado a *Modinha*. A *Modinha* é uma fórma poetica e tambem musical; a poetica liga-se a uma fórma lyrica da poesia portugueza chamada *Serranilha*, cujo typo se acha no Cancioneiro da Vaticana, em muitos versos de Camões e de Sá de Miranda, que allude ao seu elemento musical o *Solão*. A *Modinha* conservou-se mais tempo na colonia portugueza do Brasil servindo de pretexto a árias de uma melodia expressiva mas de uma invenção moderna. As açafatas, filhas da nobreza que exercera altos cargos no Brasil, despertaram o gosto pela *Modinha*, que se tornou um genero predilecto nas distracções do paço. Lord Beckford falla d'esta musica como quem sentiu o seu veneno sensual: «N'uma janella, immediatamente por cima da luzida testa de sua reverendissima (o Arcebispo Confessor, o fac-totum do governo da Rainha) divisámos as duas formosas irmãs Lacerdas, damas de honor da Rainha, accenando-nos com as mãos a convidar-nos: era incentivo bastante para galgarmos vastos lanços de escadas até ao seu aposento, que se achava atulhado de sobrinhos, sobrinhas e primos, apinhando-se em torno de duas jovens mui elegantes, as quaes acompanhadas de seu mestre de canto, um frade baixo e quadrado e de olhos verdes, garganteavam *Modinhas brasileiras*. Quem nunca ouviu este original genero de musica, ignorará para sempre as

mais feiticeiras melodias que tem existido desde o tempo dos sybaritas. Consistem em languidos e interrompidos compassos, como se faltasse o folego por excesso de enlevo, e a alma anhelasse unir-se a outra alma identica de algum objecto querido. Com infantil desleixo insinuam-se no coração antes de haver tempo de o fortificar contra a sua voluptuosa influencia; imaginaes saborear leite, e o veneno da sensualidade vae calando no mais intimo da existencia: pelo menos assim succede áquelles que sentem o poder dos sons harmoniosos: porém não respondo n'este caso pelos animaes do norte, fleugmaticos e duros de ouvido.—Uma ou duas horas correram quasi imperceptivelmente no deleitoso delirio, que aquellas notas de serêa inspiravam, e não foi sem magoa que eu vi a companhia dispersa e o encanto desfeito. As donas do aposento tendo recebido aviso para assistirem á ceia de sua magestade, fizeram-me uma mesura com o maior donaire e desappareceram.» [1] Estes descantes no paço eram tambem usados nas chamadas *Funções de burrinho*, quando se ia passar o dia em ranchos nas quintas fidalgas dos arredores de Lisboa; Nicoláo Tolentino desenha ao vivo a paixão pelas *Modinhas* com a mesma graça de lord Beckford:

> Em bandolim marchetado
> Os ligeiros dedos promptos,
> Louro peralta adamado
> Foi depois tocar por pontos
> O doce *Lundum chorado*.
>
> ....

[1] Carta VIII, da trad. do *Panorama*.

Já d'entre as verdes murteiras,
Em suavissimos accentos
Com segundas e primeiras,
Sobem nas azas dos ventos
As *Modinhas brasileiras.* [1]

O typo obrigado nas reuniões, cantando modinhas, tal como Beckford descreve o frade gordo e quadrado, de olhos verdes, tambem se acha nos versos de Tolentino admiravelmente caracterisado:

L'Abbé, que encurta as batinas
Por mostrar bordadas meias,
E presidindo em matinas
Vae depois ás assembleas
Cantar *Modas* co'as meninas;

E' quem lhe rouba attenções
E lhe accende o fogo interno,
Trata-o com mil expressões;
Diz-lhe quanto ha de mais terno
Nos seus livros de orações:

Riremos de tal dragão
Que tantas figuras faz,
E sabe com habil mão
Unir em profunda paz
Babylonia com Sião.

Pouco ás filhas fallarei;
São feias e mal criadas;
Mas sempre conseguirei
Que cantem desafinadas:
De saudades morrerei...

Cantada a *vulgar Modinha,*
Que é a dominante agora...

(*Obr.*, p. 240.)

---

[1] *Obras completas*, p. 250-1.

Estes versos da Satira de Tolentino a D. Martinho de Almeida foram escriptos em 1779, e por aqui podemos fixar historicamente a epoca em que as *Modinhas brasileiras* começaram a propagar-se do paço para a sociedade lisbonense; a carta de Beckford em que as descreve com tanto enthuziasmo é de 1787, e a paixão por ellas era cada vez mais crescente, a ponto de se conservar como distincção na boa sociedade até ao primeiro quartel do nosso seculo, como vêmos pela propagação da modinha de Castilho, a *Joven Lilia*. Na sociedade aristocratica os mulatos brasileiros eram apreciados pelo gosto com que cantavam as Modinhas patrias, e o *cantarino* Caldas, como lhe chamava Filinto, tornou-se o centro da *Academia de Humanidades* ou de Bellas Lettras, pela fascinação que exercia cantando as Modinhas, que depois compilou na *Viola de Lereno*. O proprio Nicoláo Tolentino obedeceu a esta mania escrevendo algumas modinhas, como esta:

> Não ha nas Caldas
> Melancholia,
> Dão alegria
> Os áres seus;
> Negras tristezas,
> Adeus, adeus. [1]

Assim como Tolentino lisonjeou o gosto do tempo n'este genero frivolo, tambem para comprazer com a predilecção do conde de Villa Verde, começou a cultivar as quintilhas,

---

[1] *Obras*, p. 162.

taes como as escrevia Sá de Miranda e depois d'elle Dom Francisco Manoel de Mello. Em uma carta em prosa que precede as quintilhas de um memorial, escreve Tolentino ao conde de Villa Verde: «As proveitosas lições dos nossos dois portuguezes Bernardim Ribeiro e Francisco de Sá de Miranda, com que V. Ex.ª fazia uteis ao seu espirito aquellas horas que a natureza e muito mais a molestia, lhe tinham destinado ao descanço do corpo, crearam insensivelmente no meu coração amor a esta especie de poesia.............. V.ª Ex.ª me fazia a honra de mandar que eu lêsse estes dois preciosos livros; e a musa que preside ás minhas trovas, affeita áquella lição, rimou em quintilhas e carregou de moralidades, talvez intempestivas, o memorial, que ponho nas mãos de V.ª Ex.ª com muito respeito e com muitas esperanças.» [1] Foi assim que Tolentino adquiriu a nota mais preciosa dos seus versos; e ao mesmo tempo o criterio para julgar a decadencia da poesia portugueza, a falta de gosto e a incapacidade da segunda Arcadia para restaurar a litteratura. Ribeiro dos Santos condemnava as *Modinhas*, como se vê por essa carta inedita:

«Meu amigo. Tive finalmente de assistir á assembleia de F... [2] para que tantas vezes tinha sido convidado; que desatino não vi? Mas não direi tudo quanto vi; direi sómente

[1] *Obras completas*, p. 182.

[2] D. Leonor de Almeida (Marqueza de Alorna).

que cantaram mancebos e donzellas cantigas de amor tão descompostas, que córei de pejo como se me achasse de repente em bordeis, ou com mulheres da má fazenda. Antigamente ouviam e cantavam os meninos cantilenas guerreiras, que inspiravam animo e valor; eram tempos militares, e quadravam bem estas cantigas á educação dos moços d'aquella edade, que por isso Gil Vicente, no *Auto da Lusitania*, fl. 263, introduz o Pay de familias dizendo a sua mulher:

Se a cantiga não fallar
Em guerra de cutiladas,
E de espadas desnudadas,
Lançadas e encontradas,
E cousas de pelejar,
Não n'as quero vêr cantar,
Nem as posso ouvir cantadas.

«Hoje, pelo contrario, só se ouvem cantigas amorosas de suspiros, de requebros, de namoros refinados, de garridices. Isto é com que embalam as crianças; o que ensinam aos meninos; o que cantam os moços, e o que trazem na bocca donas e donzellas. Que grandes maximas de modestia, de temperança e de virtude se aprendem n'estas Canções! Esta praga é hoje geral depois que o Caldas começou de pôr em uso os seus rimances, e de versejar para as mulheres. Eu não conheço um poeta mais prejudicial á educação particular e publica do que este trovador de Venus e de Cupido: a tafularia do amor, a meiguice do Brasil, e em geral a molleza ameri-

cana [1] que faz o caracter das suas trovas, respiram os áres voluptuosos de Paphos e de Cythera, e encantam com venenosos philtros a phantasia dos moços e o coração das Damas. Eu admiro a facilidade da sua veia, a riqueza das suas invenções, a variedade dos motivos que toma para os seus cantos, e o pico e graça com que os remata; mas detesto o assumpto, e mais ainda a maneira por que elle o trata. Pelo contrario não conheço hoje um Poeta mais util e de approveitar, que o Tolentino: os seus versos são o retrato do que se passa no mundo; e são uma viva censura dos costumes corrompidos do nosso seculo. O marido, a matrona, o amigo, o mancebo e a donzella, que não tem que apprender n'elle! Não seria melhor que em logar de versos amorosos, se cantassem os moraes e politicos, que instruissem? Que se cantassem em versos as canções virtuosas, ou as leis da religião e do estado, como faziam os Agathirsos?» [2] Em outro borrador vem este final: «Mas a carta degenera em sermão, e vós comtudo não m'o

---

[1] *Variante:*

«em seus cantares sómente respiram as impudencias e liberdade do amor, os tonilhos extenuados da molleza americana e os áres voluptuosos de Paphos e de Cythera. Eu admiro a facilidade de sua veia, a riqueza de suas invenções, a variedade dos motivos que toma, e o pico e graça dos estribilhos e retornellos com que remata; mas detesto os seus assumptos e mais ainda, a maneira com que os trata e com que os canta.» *Ibid.*, fl. 66.

[2] Ribeiro dos Santos, *Manuscriptos*, vol. 130, fl. 156. (Bibl. nac.)

haveis encommendado. Desejo-vos saude, e que lá tenhaes mais sizudas assembleias do que aqui ha.» [1]

No lyrismo de João de Deus achavamos por vezes uma tonalidade sentimental, que lembrava as cançonetas de Gonzaga; dada a pouca leitura que o cantor do *Campo de Flores* fazia dos poetas portuguezes, attribuiamos essa influencia á vibração tradicional das passadas Modinhas. Mais tarde achámos a explicação no artigo *Annos de Lisboa;* a proposito de João de Deus: «Estava por esse tempo preoccupado com a invenção do seu *Methodo de Leitura*... e com a adopção de um apáro especial de pennas de pato de que elle se servia para traçar letras elegantes como arabescos. Se lhe fallavamos de algum escriptor moderno, o João de Deus encolhia os hombros, sem mesmo procurar saber o nome mencionado, e lia-nos com enthusiasmo os versos de *Marilia de Dirceu*...» [2] Assim como na ordem cosmologica nenhuma energia se perde, tambem no dominio da arte as emoções bellas continuam-se em immortaes resonancias.

§ III. Historia externa das Lyras de Gonzaga

No mesmo anno em que o Poeta era transportado para o iniquo degredo de Moçambique, publicava-se em Lisboa, em 1792, a *Marilia de Dirceo*, em dois cadernos, com as iniciaes T. A. G. Provocou o texto d'essas

---

[1] *Ibid.*, fl. 66 v.

[2] *Anthero do Quental — In memoriam*, p. 453.

Lyras um interesse commovente por se conhecer a tremenda desgraça que afastara os dois namorados. As edições repetiram-se ainda na ultima decada do seculo XVIII, tendo a primeira parte 33 Lyras; nas edições ulteriores foram augmentadas com mais 3. Foram procuradas collecções particulares, e novas Lyras se encontraram, com que se formou uma *Terceira parte* em 1800, que é aquella que se tem reproduzido geralmente, e que foi reimpressa com o mesmo prologo em 1820. Não se pode considerar apocrypha esta terceira parte, porque o proprio poeta allude ás composições que abandonara depois que começou a idealisar a Marilia; e essas cançonetas desprezadas podiam ser colligidas desde que dois mil exemplares das outras Lyras se esgotaram em seis mezes.

Em 1812 publicou-se uma nova *Terceira parte* na Impressão regia, na qual se diz, que a anterior de 1800 não é de Gonzaga mas de outro engenho. E' para notar que quatro d'estas Lyras foram incorporar-se na *Primeira parte*, que são a 26, 29 e 37; contém mais 5 não conhecidas, 16 Sonetos, 2 Canções e 1 Ode. A Edição de 1817 traz uma Advertencia declarando a pureza do seu texto conferido por vezes sobre os manuscriptos do poeta, e considera-se ahi esta *Terceira parte* como inteiramente apocrypha, e de pessoa conhecida do editor. Repetiu-se esta mesma Advertencia na edição de 1819.

A *Terceira parte*, de 1800, fôra acoimada de falsa pelo compilador da *Terceira parte* de 1812, e esta desacreditada como apocrypha nas Advertencias de 1817 e 1819. Toda

esta incerteza resulta de que o Poeta, como preso de estado ficou sem os seus papeis, que depois de confiscados se espalharam por varias mãos, talvez misturados com versos dos seus amigos Alvarenga *(Alceo)* e Claudio *(Glauceste)*; a *Marilia* não tem coordenação systematica, senão a que deram os acontecimentos calamitosos da vida do poeta, que predominam na segunda parte. Embora o interesse de livraria provocasse a publicação d'essas duas *Terceiras partes*, ellas merecem ser estudadas, por que nos revelam o modo da compilação da *Marilia*. A *Terceira parte* de 1812 ficou abandonada dos editores, e em uma edição critica merece ser incorporada; contem alguns Sonetos que se ligam com a vida de Gonzaga ainda nos tempos de Coimbra. Algumas das Lyras da *Marilia* foram postas em musica nos principios do seculo XIX por Marcos Portugal, gloria que modernamente Wagner (professor em Friburgo) prestou a algumas Canções de D. Diniz, e Rubinstein a uma Cançoneta de Sá de Miranda.

Bibliographia da Marilia de Dirceo

1792

Marilia de Dirceo, por T. A. G. Lisboa. Typ. Nunesiana. 1792. In-8.º de 118 pp. (Contém só a Parte I. Vendeu-se um exemplar por 12$200 rs.; apontam-se 3 exemplares conhecidos.)

?

— Lisboa. Officina de Bulhões. *(Sem data)*. (Em cadernos, com as iniciaes T. A. G. Contém já a Parte II das Lyras.) Sabe-se que a tiragem foi de dois mil exemplares, que se venderam em seis mezes.

1799

Marilia de Dirceo, por T. A. G. Primeira parte. Lisboa. Na Officina Nunesiana. Anno MDCCXCIX. Com licença da Mesa do Desembargo do Paço. In-8.º com 118 pp., contendo só 33 Lyras.

1800

— por T. A. G. = TERCEIRA PARTE. = Lisboa. Na Officina de Thomaz de Aquino Bulhões. Anno de 1800. Com licença da Real Meza do Desembargo do Paço. In-8.º pequeno, de VII-110 pp.

Traz o seguinte Prologo, justificando a publicação d'esta 3.ª Parte:

«Sem nos constituirmos ingratos, não nos podiamos subtrahir á publicação d'esta Terceira Parte da MARILIA DE DIRCEO. A acceitação com que o respeitavel Publico recebeo a Primeira e Segunda Parte, exigia huma impreterivel correspondencia; por cujo motivo não nos quizemos poupar ao excessivo trabalho de recolher com a mais exacta legalidade os Versos de que se compõem estes Folhetos, obtidos das mãos de alguns Curiosos, que por saberem avaliar o merecimento do seu Autor, com todo o cuidado os conservaram.

Poucos Poetas portuguezes até o presente tem cantado tão bem o amor e ternura como o nosso; elle nos descreve a natureza em toda a sua energia; e com as mais sensiveis e modestas côres nos pinta os effeitos de uma viva paixão. Aonde se encontrarão tantas bellezas, tanto mimo poetico, como na presente Collecção! Nós vemos dispersas por esta Obra a brandura dos *Mattos*, a pureza dos *Quitas*, a sublimidade dos *Garções*; emfim a suavida-

de e as mais graças que em particular se admiram em cada um dos mais celebrados Poetas, encontramos, bem como em compendio, nos versos do nosso Poeta.

A prompta extracção de quasi dois mil exemplares da *Primeira* e *Segunda parte* d'estas Lyras em menos de seis mezes, é um irrefragavel argumento, do que acabamos de dizer; apenas appareceu a *Primeira parte*, de tal sorte foi recebida dos que amam os encantos da Poesia, que nos vimos precisados a reimprimil-a, para satisfazermos a quem nol-a buscava; motivos estes, que cooperaram para a publicação d'esta *Terceira parte*, que não só pelo seu merecimento, como por completar a Collecção, esperamos corra a mesma fortuna das outras; ficando por este modo satisfeitos os senhores Curiosos, que este é só o interesse que desejamos alcançar das despezas e longos trabalhos que tivemos em proporcionar-lhes a satisfação do seu gosto.» (P. v a VII.)

Esta Parte III foi reproduzida em 1820. Lisboa. Na Typ. Rollandiana com o Prologo acima. In-16.º. Tem 76 pp.

1801

— Lisboa. Officina Nunesiana. 1801. In-8.º pequeno. Tem já a Parte III.

1802

— Por T. A. G. Primeira parte. Lisboa. Na Off. Nunesiana. Anno MDCCCII. Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.— *Terceira edição.* In-8.º peq. de 110 p. — Segunda Parte. Segunda edição mais accrescentada. Lisboa. Na Off. Nunesiana. Anno MDCCCII. Com licença... In-8.º pequeno de 108 p. (Tem 37 lyras.)

1810

—Rio de Janeiro. Na Impressão regia. Primeira parte. 1810. In-8.º de 118 p. — Segunda parte. Ibi, de 108 p. — Terceira parte. Ibi, de 110 p. D'esta edição escreve Valle Cabral nos *Annaes da Imprensa nacional do Rio de Janeiro:* «Como se vê, contém as tres Partes tendo cada uma d'ellas folha especial de rosto. E' a primeira edição brasileira das formosas Lyras do desventurado Dirceo, e cujos exemplares são da maior raridade. A Bibliotheca nacional possue um.»

1811

— Lisboa. Typ. Lacerdina. 1 vol. Contem 2 Partes.

1812

Marilia de Dirceo por T. A. G. — TERCEIRA PARTE. Lisboa. Na Impressão regia. Anno 1812. Com licença. — Vende-se na loja da Gazeta. In-8.º pequeno, de 71 pag.

Traz a seguinte advertencia AO LEITOR: «A geral acceitação, que a primeira e segunda parte da *Marilia de Dirceo* tem devido ao Publico, animou ao seu Editor a dar á luz huma *Terceira parte* da dita Obra, a que fez juntar outras diversas Rimas, do mesmo Author, que lhe fazem honra, e que abonam assás a distincta opinião que tem adquirido n'aquelle genero de Poesia. Adverte o Editor, que uma Terceira parte da dita *Marilia de Dirceo* ha tempos publicada, he Obra de outro engenho, o que facilmente conhecerá ainda o Leitor menos intelligente.» (Pag. 3.)

Como se vê, renega a *Terceira parte* de 1800, como apocrypha. Apontamos o conteúdo d'esta nova Terceira parte, começando pelas Lyras:

I. Convidou-me a vêr um templo (E' a 37 da P. I.)
II. Em vão do amado
III. Tu não verás, Marilia, cem cativos (26. I.)
IV. Amor por acaso
V. Eu não sou, minha Nise, pegureiro
VI. Amor que seus passos (*traducção*)
VII. Tu, formosa Marilia, já fizeste (29, I.)
VIII. Em cima dos viventes fatigados

A uma despedida:

— Chegou-se o dia mais triste

Canção:

— Des que vi, formosa Elvira

Sonetos:

— E' gentil, é prendada a minha Altea
— N'um fertil campo do soberbo Douro
— Enganei-me, enganei-me, paciencia
— Ainda que de Laura esteja ausente
— Ao templo do Destino fui levado
— Ergue-te, ó pedra, e desde a margem fria

(A' illustrissima e Excell. Senhora Condessa de Cavalleiros, D. Maria José de Eça e Barbosa.)

— Quantas vezes Lidora me dizia
— O numen tutelar da Monarchia *(Ao Visconde de Barbacena.)*
— Nasceu no berço da maior grandeza
— Mudou-se emfim Lidora, essa Lidora
— Adeus, cabana, adeus, adeus oh gado
— Com pezadas cadeias manietado
— Ouvi quanto o discurso me guiava
— Quando o torcido buço derramava
— Sombra illustre dos Varões famosos... *(Pombal.)*
— As moles azas a bater começa

Ode ao Senhor Luiz Beltrão de Gouvea:

— Se entre as louras areias

Ode: Imitando o Sonho de Scipião:

— Já vou tocando, ó Licio

Marilia de Dirceo. Rio de Janeiro. 1812. Contém a Parte terceira. (Na Bibl. nac. de Lisboa.)

—Bahia. Na Typ. de M. A. da Silva Serra. 1812. In-8.º (Dizem que só traz as 2 Partes.)

1813

— Bahia. Typ. de Serra. (Citada por Norberto de Sousa; tem 2 Partes.)

1817

— Por T. A. G. Lisboa. Impressão regia. Nova edição, 1817. Com licença... In-16.º. Com as 2 Partes: I, até p. 122; II, d'ahi até 226. Traz a seguinte:

«*Advertencia:* N'esta Edição, que vamos agora expôr ao Publico, das Obras de um amavel Poeta, talvez unico n'este genero de Poesia, temos a satisfação de poder dizer, que se não vão taes quaes elle compozera, tambem ninguem as terá tão exactas; pois que a troco de laboriosas fadigas e por dilatados tempos, nos impozemos a tarefa de mendigar as Copias mais authenticas e fidedignas, algumas até pela letra do mesmo auctor; e depois de um maduro exame as colligimos d'esta maneira, substituindo-lhes muito mais Lyras, multiplicidade de versos e mesmo palavras trocadas, que vinham nas Edições antecedentes. Tambem devemos prevenir o mesmo publico de que supposto fosse impresso em Lisboa um folheto figurando a *Terceira parte* das Obras do mesmo Author, é inteiramente apocrypho, e até feito por penna do meu conhecimento; e como só queremos dar á luz tudo aquillo de que temos uma cabal certeza ter sido composto pelo nosso amabilissimo Poeta; rasão porque foi por nós altamente desprezado, não querendo que o Publico o avalie por mais do que

vale.»

Renega a *Terceira parte* de 1812, ou a de 1800?— A 3.ª Parte de 1812 não se tem mais reproduzido.

1818

— Lisboa. Impressão regia. (Apontada por Innocencio.)

1819

— Por T. A. G. Lisboa. Typ. Lacerdina. Com licença... (Contem as 2 Partes. In-16.º, com 126 p. Reproduz a Advertencia de 1817.)

1820

— Lisboa. Typographia Rollandiana, 1820. In-16.º (Contem as 3 Partes, e o prologo da edição de 1800.) Citada no Cat. Pereira e Sousa, n.º 257; 76 pp. (Na Bibl. nac.)

1822

— Lisboa. Typ. Nunesiana, 1822. (Contem as 3 Partes.) Descreve-a Norberto de Sousa como derivada da de 1800.

1823

— Lisboa. Typ. Nunesiana, 1823. 1 vol.

1824

— Lisboa. Typ. Nunesiana, 1824. 1 vol.

1825

— Lisboa. Typ. Nunesiana, 1825. 1 vol.

1827

— Lisboa. Impressão regia, 1827. 3 Partes.

*

— Lisboa. Typ. Rollandiana, 1827. 1 vol. in-32.º, de 251 p. Contém as 3 Partes.

*

— Bahia. Typ. do «Diario». 1 vol. In-16.º

1833

— Lisboa. Typ. de J. Nunes Esteves, 1833.

1835

— Bahia. Nova edição. «Typ. do Diario». In-16.º (E' a de 1833 com novo frontispicio.) Tem 3 Partes.

1840

— Lisboa. Typ. Rollandiana. In-32.º 1 vol. Contém as 3 Partes.

184 ?

—Rio de Janeiro. Typ. do «Jornal do Commercio». 184 ? In-8.º 1 vol.

1842

— Rio de Janeiro. Na Typ. de Barros & C.ª 1842. In-8.º

*

— Pernambuco. Typ. Santos & C.ª. 1842. 1 vol. in-16.º

1845

— Rio de Janeiro. Nova edição mais correcta e augmentada de Introducção historica e biographica pelo Dr. J. M. Pereira da Silva. — H. Laemert. 1845. In-8.º XL-242 p. Tem 3 Partes. (Na Bibliotheca dos *Poetas Classicos da lingua portugueza*, t. V.)

*

— Rio de Janeiro. (Na collecção *Florilegio de Poesia brasileira.)* 1845.

1850

—Bahia. Nova edição. Carlos Paggetti. 1850. In-16.º (E' a de 1835 com novo frontispicio.)

1855

— Rio de Janeiro. Nova edição. Typ. Commercial, de Soares & C.ª. 1855, 1 vol. in-8.º.

*

— Rio de Janeiro. Nova edição. Typ. de Soares & Irmão *(Sem data.)* E' a antecedente com novo frontispicio. In-8.º

1862

— Paris. *Marilia de Dirceo* — Lyras de Thomaz Antonio Gonzaga — Precedidas de uma Noticia biographica, e do Juizo critico dos Auctores estrangeiros e nacionaes, e das Lyras escriptas em resposta ás suas, e acompanhadas de Documentos historicos por J. Norberto de Sousa S. Ornada de uma estampa. Rio de Janeiro, Livraria Garnier.— Paris, Irmãos Garnier. 1862. 2 vol. in-8.º I, 347 p.; II, 348 p. Typ. Raçon. (E' a melhor edição, por causa dos Documentos, mas não satisfaz por falta de critica.)

1868

— Rio de Janeiro. Nova edição, precedida de uma breve Noticia critica do Auctor e do Livro, por Francisco Adolpho Varnhagen. 1868. Typ. A. G. Guimarães & C.ª In-8.º (Apenas se imprimiram as primeiras paginas, segundo a noticia de Valle Cabral nos *Annaes da Imprensa nacional do Rio de Janeiro*, p. 41.)

1885

— Lisboa. Typ. de David Corazzi. In-8.º de 124 pp. e mais 3 inn. (E' o n.º 6, 2.ª série da Bibliotheca universal.) Resume baçamente as noticias da edição de 1862; e considerando a 3.ª Parte apocrypha, transcreve em Addenda as Lyras I, III e IV.

—

TRADUCÇÕES

1825

Marilie, Chants elegiaques de Gonzaga, traduits du portugais par E. de Monglave et P. Chalas. Paris. Impr. de C. L. F. Panckoucke, Editeur. 1825. In-16.º de XXVI-122 p. (Em prosa.)

1844

Marilia di Dirceo. Lire... Tradotte dal portighese da Giovenale Vegezzi Ruscalla. Torino. Stamp. Sociale. 1844. In-12.º de XVIII — 240 pp. (Em verso.)

1855

Marilia di Dirceo. Torino. In-12.º Stamparia sociale degli Artiste. (E' a 2.ª edição italiana.)

1868

MUSA LATINA: *Amarillidas Dircaei* aliquot selecta lyrica in latinum sermonem translata. (Traducção das melhores Lyras de Gonzaga pelo Dr. Castro Lopes.) Rio de Janeiro. 1868. 2 vol.

1885

Nos *Raggi e reflessi* de Adolf Boelhouwer, (a p. 115 transcreve uma lyra de Gonzaga em verso italiano.) Livorno, 1885.

189?

Cancioneiro de Musicas populares, publicação de Gualdino de Campos e Cesar das Neves. No tomo II, sob os n.os 166, 184, 202, 280, 287, 292, 309, 315, 333 e 334, vem dez lyras de Gonzaga com a musica coéva.

INEDITOS

Tratado de Direito natural. (Na Coll. ms. Pombalina).
Tratado sobre Educação.
Cartas apologeticas sobre a honestidade das usuras.
Cantico á Conceição. (Citados na ed. de 1862).

VIII

NICOLÁO TOLENTINO

Em uma sociedade sem ideias, pervertida por falsas noções, atrophiada pela estabilidade mantida pelas fórmas mais atrazadas da auctoridade, espoliada pelo Cesarismo, embrutecida pelo clericalismo, quando o talento apparece n'esse meio decadente, e não tem abnegação para basear o seu ideal no protesto, serve só para mascarar uma alma miseravel, e eximindo-se á sua missão superior, colloca-se em relação ao seu tempo na passividade de um observador chistoso. O seculo XVIII abunda em Portugal em poetas satiricos; mas a graça, o sarcasmo, a ironia são expedientes para a irresponsabilidade da linguagem, e a sua critica não vae além dos resentimentos pessoaes, roçando por vezes em obscenidades. Esses poetas satiricos, como Antonio Lobo de Carvalho ou Nicoláo Tolentino de Almeida retratam ao vivo a sociedade da ultima metade do seculo, e fazem rir como sêres deformados que representam a com-

pressão de um tal meio. Os versos de Tolentino, bem metrificados e bem rimados, nada sentidos, repassados da rhetorica do profissional e de subtileza do bacharel legista, são mentirosos quando pintam a situação do poeta, mas de uma verdade flagrante quando retratam a sociedade portugueza com uma vivacidade não excedida pelas Cartas de Lord Beckford. O talento serviu-lhe para lisongear os grandes, os politicos e os fidalgos que concedem benesses; elle proprio synthetisa a sua acção litteraria:

> *Longo tempo em pedir tenho gastado,*
> E gastarei talvez a vida inteira;
> O ponto está em que quem pode queira,
> Que tudo o mais é trabalhar errado.
>
> (*Obr.*, p. 4.)

A sua obra o testifica. Pediu sempre: pediu para si, para suas irmãs, para seu irmão, para seus sobrinhos, em todas as occasiões, nas acclamações regias, nos natalicios, nos anniversarios dos fidalgos, ora procurando commover, ora provocando o riso, servindo todos os motivos para o peditorio incansavel. E seria elle na realidade um necessitoso, um protector desvelado da familia, sacrificando-lhe o seu talento poetico para alcançar o valimento do mundo official? Não; elle mentia ignobilmente quando escrevia no *Memorial* ao Princepe Dom José:

> Entre faxas de pobreza
> Meus tristes paes me envolveram;
> Desde então em crúa empreza
> Contra mim as mãos se deram
> A fortuna e a natureza.

Todos os dados biographicos do poeta colligidos irrefragavelmente dos documentos authenticos que lhe dizem respeito, e são numerosos, estão em contradicção com os seus versos. Por esses documentos reconstitue-se a sua vida, e melhor ainda o seu caracter.

Nasceu Nicoláo Tolentino de Almeida em Lisboa, em 10 de Septembro de 1740, sendo seus paes o Dr. José de Almeida Soares, Advogado da Casa da Supplicação e Familiar do Santo Officio, e D. Anna Thereza Froes de Brito, os quaes se tratavam abastadamente e viviam, segundo as provanças inquisitoriaes, á lei da nobreza. [1] Do seu casamento celebrado em 26 de Novembro de 1732, em Ourem, na ermida da quinta de S. Gens, houveram prole numerosa, a que souberam dar educação esmerada. Era o Dr. José de Almeida Soares aparentado com varias familias titulares, como os Condes de San Vicente, dos Arcos, de Villa Flor e de Avintes; sua mulher e prima em quarto grão, tambem tinha não inferior linhagem. Eis a série dos seus filhos, para se vêr a situação em que nos apparece o poeta:

---

[1] Servimo-nos para a parte documental do valioso opusculo *Memorias de Tolentino* pelo visconde de Sanches de Baena, que ahi reuniu todas as suas investigações na Torre do Tombo, archivos parochiaes, e as informações reunidas por D. Joaquina Thereza Froes de Brito sobre a vida intima do Poeta seu irmão, que o eximio genealogista possue. In-4.º de 100 pag. e um schema genealogico. Lisboa, 1886.

Em 22 de Julho de 1734 nasce D. Anna Thereza Fróes de Brito. [1]

Em 5 de Outubro de 1735 nasce Antonio Placido de Almeida. [2]

Em 23 de Abril de 1737 nasce D. Joaquina Thereza Froes de Brito. [3]

---

[1] Casou com José Thomaz de Aquino Barradas (Inn., *Dic. bibl.*, V, 144) e teve um filho unico, Gonçalo José Maria, beneficiado, sobrinho a quem o poeta allude. Viuvando D. Anna, voltou para casa de seu pae, em cuja companhia viveu até 24 de Novembro de 1780; depois que este faleceu foi a companheira do poeta, ao qual fez immensa falta quando morreu em 1 de Março de 1711.

[2] Fôra para Coimbra estudar preparatorios, e frequentava a Universidade em 1750, abandonando repentinamente o seu curso para seguir a carreira militar na India; sollicitando e obtendo por isso o habito de Christo com a tença de 30$000 rs. effectivos. Na India abandonou a vida militar pela de frade, e professou em 1755 no Mosteiro da Madre de Deus com o nome de Fr. Antonio da Conceição. Renunciou em seu pae a tença e habito de Christo. Entregou-se á vida de missionario, indo parar a Manilha, em cuja sé foi capellão mór em 1766, e capellão mór do exercito por nomeação do rei de Hespanha.

[3] Tendo recebido educação esmeradissima, casou em 22 de septembro de 1756 com o desembargador Manoel da Silva Coimbra de Carvalho; ficou viuva ao fim de tres annos de casada, e com um filho, que ella mesma educou, e veiu a casar com uma prima da Marqueza de Alorna. Convolou a segundas nupcias com o desembargador Antonio Carrilho da Costa, falecido em 1779 sem successão. Depois d'isto dedicou-se D. Joaquina á direcção da Real Casa dos Expostos de Lisboa, em 1788, gratuitamente, tornando-se admirada pela energia e tino com que desempenhou as funcções de Regente. Morreu em 3 de Maio de 1824 com 87 annos. O manuscripto que redigiu sobre a vida de seu irmão visava a desmentir a sua vergonhosa choradeira de pobreza, que a envergonhava.

Em 10 de Septembro de 1740, nasce Nicoláo Tolentino de Almeida. No Livro 8.º, dos Baptisados da freguezia dos Anjos, a fl. 120 v., certificou o prior: «Aos quinze dias de Setembro de mil setecentos e quarenta baptisei *Nicoláo*, filho do bacharel Joseph de Almeida Soares, baptisado na Collegiada de Ourem; e de sua mulher D. Anna Thereza Froes de Brito, baptisada e recebida na dita Collegiada de Ourem, e moradores na Calçada de Santo André. Nasceu aos 9 d'este mez. Padrinho Antonio Francisco de Sousa, por procuração o P.e Belchior da Fonseca Souto Maior. Nas Memorias que escreveu sua irmã D. Joaquina, lê-se que nascera depois da meia noite, já em 10 de septembro, dia de S. Nicoláo Tolentino, de quem sua mãe era immensamente devota assim como de Santa Rita de Cacia, que se festejava esplendorosamente no Convento da Graça. O padrinho era irmão do Conde de Villa-Flor, em cuja casa era capellão o padre Souto-Maior.

Em 17 de Abril de 1742 nasce D. Rita Michaela de Cacia; por falecimento de sua mãe em 1767 entra para o recolhimento de Lazaro Leitão; e por via de seu pae obteve uma pensão de 60$000 na Obra Pia, com sobrevivencia para outras irmãs.

D. Jeronyma Maxima do Monte do Carmo, nasce em 3 de Março de 1743; entrou tambem para o recolhimento de Lazaro Leitão, onde como sua irmã chegou a ser regente; com parte da sobrevivencia da tença dos 60$000 e com a pensão de 50$000 que comprou com os recursos da sua legitima, vivia sem dependencia do irmão.

Em 4 de Septembro de 1744 nasce Francisco de Paula de Almeida; estudou todos os preparatorios para ir frequentar a Universidade de Coimbra, mas decidiu-se pela vida militar, assentando praça em Infanteria 16, no 1.º de Novembro de 1763, e admittido como cadete em 3 de Novembro de 1764. Distinguiu-se na expedição auxiliar de 1793 chamada do Roussillon e Catalunha, e ferido com uma bala foi logo promovido a capitão; promovido a Sargento-mór (major) de infanteria e governador do forte de S. Pedro de Paço de Arcos em 12 de septembro de 1797, foi condecorado com as medalhas da campanha, com o habito de Aviz com uma tença de 12$000 rs.

Por esta enumeração dos filhos do Dr. José de Almeida Soares e pela educação que lhes deu, vê-se que da sua profissão de Advogado auferia recursos para satisfazer os encargos da familia. As noticias colligidas pacientemente por D. Joaquina contradictavam irrefutavelmente a pobreza que o irmão assoalhava nos versos, e os fundamentos dos seus peditorios para um pae honrado, para pobres irmãs e desvalidos sobrinhos. A' parte a rhetorica poetica, têm graça as quintilhas com que o poeta descrève os sacrificios da familia para com decencia poder ir á eschola. O capotinho feito de panno velho do capote que fôra de seu pae; o caracteristico penteado de rabicho, o biscoutinho na mão para o distraír do terror do mestre:

Depois que plano caminho
Já meu pé trilhando vae,
Pobre alfaiate visinho
De um capote de meu pae
Me engendrou um capotinho.

Talhando a obra maldiz
A empreza que lhe incumbiram,
Fez nigromancias com giz,
Sete vezes lhe caíram
Os oculos do nariz.

. . . .

Colchete no cabeção,
Sahi novo Adonis bello,
Figa no cós do calção,
Carrapito nó cabello,
E um biscoutinho na mão.

Sobre sisudo gallego
Que vasa barril fiado,
Já aos trabalhos me entrego,
E em triste pranto lavado
A' porta do mestre chego.

(*Obr.*, p. 170.)

A eschola infundia terror, pelo *orbilianismo* dos mestres; a pancada brutal era a base do regimen pedagogico. Na aula de latim augmentava o rigor; Tolentino descreve ahi o seu fadario:

Entre medos e violencia
Entrar no Latim já posso,
E jurei obediencia
A um clerigo, que era um poço
De tabaco e de sciencia.

D'entre o sordido roupão,
Com a pitada nos dedos,
E o *Madureira* na mão,
Revelava altos segredos
Do *Adverbio* e *Conjuncção*.

Era em grammatica abysmo,
Honrava o seculo nosso,
Porém de tal rigorismo,
Que poz na rua o seu moço
Por lhe ouvir um solecismo.

Nas quadras á poetisa D. Catherina Michaela de Sousa (depois viscondessa de Balsemão) descreve as tropelias de rapaz de eschola:

Zunindo ao saír da eschola
A usada mutua pedrada,
Era meu paiz neutral
A primeira aberta escada.

Se em honra de uns lindos olhos
Na esquina o lenço puchava,
Em vendo brigão cadete
Logo o campo lhe largava.

Jurando um odio eterno
A turbulentas pancadas,
As que levei e as que dei
Foram só palmatoadas.

(*Ib.*, p. 112.)

Pela confusão da grammatica figurada com a simples arte, como estabeleceram os jesuitas, o estudo da Rhetorica era um complemento do Latim; depois da analyse syntaxica seguia-se o exame dos tropos, e ficava-se idiota para o resto da vida. Tolentino retrata esse typo grotesco:

Teimoso grammaticão,
Que em longo chambre embrulhado,
Co'a douta penna na mão,
Dá á luz grosso Tratado
Sobre as leis da Conjuncção;

Que arranca o cabello hirsuto
Lastimando a decadencia
Do novo mundo corrupto,
Que quer negar a existencia
Do *Abblativo absoluto.*

(*Ib.*, p. 187.)

Já se debatiam as polemicas pedagogicas do *Verdadeiro Methodo de estudar*; Tolentino esboça a caricatura do padre que ensinava a philosophia aristotelica:

Que em podre Philosophia
Sectario da antiga lei,
Os *Universaes* sabia,
E armado de *à parte rei*,
Tudo a eito distinguia.

Percorrido este trajecto dos preparatorios, tratou o diligente advogado de mandar o filho para Coimbra; nas Quintilhas ao Conde de San Lourenço allude Tolentino aos planos paternos, incutindo o falso alarde, que era para proteger os irmãos:

Em vão paternal ternura
Com vivo zelo me assiste;
Foi trabalho sem ventura,
Crescia no filho triste
Com a edade a desventura.

Das boas artes no estudo
Bom pae empenhar-me quiz;
Traçava o velho sisudo
Que fosse um filho feliz
Dos outros filhos escudo.

(*Ib.* p. 192.)

No livro da Matricula da Faculdade de Leis, apparece-nos inscripto no primeiro anno

do curso jurico, no 1.º de Outubro de 1760 *Thomaz de Tolentino e Almeyda*, filho de José de Almeida Soares, natural de Lisboa. O poeta, sempre preoccupado com a sua pessoa, descreve esta nova phase da vida, a viagem para Coimbra, as troças ou investidas aos novatos, e a soltura dos tunos:

Emquanto a minha alma emprégo
N'estas cançadas doutrinas,
A' dourada edade chego
De ir vêr as vastas campinas
Que banha o claro Mondego.

Co'as cabeças mal compostas,
Vejo entre gostos e medos
Mãe e irmãs á adufa postas:
Choviam cruzes e crédos
Sobre as minhas bentas costas.

Já em rapidas carreiras
Calcava a real estrada,
Sem chapéo, sem estribeiras;
Já a catana emprestada
Cortava o vento e as piteiras.

Curta, embrulhada quantia,
Que ao despedir me foi dada,
Expirou no mesmo dia;
E fui fazendo a jornada
Quasi com *Carta de Guia.*

(*Obr.*, p. 172.)

O transporte para Coimbra era uma Odyssea de peripecias, sobretudo para um desgraçado calouro; as tropelias do arrieiro, em uma viagem de outo dias, as immundicies e perigos das tabernas da estrada, as arruaças dos companheiros, e ao fim a recepção burlesca entre apupos na ponte, eram provas que tem-

peravam para sempre um caracter. De ordinario ficava-se farçola. Tolentino descreve essa terrivel chegada a Coimbra:

Mas já vejo a branca fronte
Da alta Coimbra, fundada
Nos hombros de erguido monte;
Já sobre a areia dourada
Vejo ao longe a antiga ponte.

Povo revoltoso e ingrato
Dentro em seus muros encerra;
Em vão de adoçal-o trato,
E' um titulo de guerra
A chegada de um *novato*.

Pão amassado com fel,
E envolto em pranto, comia;
Levei vida tão cruel
Que peior não a teria
Se fosse estudar a Argel.

Soffri continua tortura,
Soffri injurias e acintes;
Lancei tudo em escriptura,
E nos novatos seguintes
Fiquei pago e com usura.

(*Obr.*, p. 172-173.)

N'este meio dissolvente, Tolentino acabou de perder a dignidade, tornando-se systematicamente parasita, ocioso e jogador. Para bem se comprehender os seus versos, em que retrata esta phase da vida, precisamos descrevêr de um modo detido a vida academica e os seus horisontes litterarios. Elle, simulando sempre pobreza, queixava-se da falta de mesada em Coimbra:

Gemer em segredo pude,
Que *o bom pae falto de meios*
Quanto cheio de virtude,
Só mandava nos correios
Novas da sua saude.

A vida de Coimbra exerce na mocidade uma transformação profunda; adquire-se uma repentina espontaneidade, sob a suggestão momentanea de impressões imprevistas, ora sobreexcitando a imaginação, que se exerce em pruridos poeticos, ora provocando turbulencias, que vão dar relêvo a qualidades, que constituem depois o caracter do individuo. E' uma prova terrivel; na maior parte das vezes, os que têm talento ficam inutilisados, fóra da realidade da vida, subjugados por uma apathia invencivel; outros adquirem a insensibilidade moral, como se patentêa nas gerações de politicos que tem governado esta terra. Tolentino ahi soffreu a deformação moral, que o fez explorar as protecções officiaes assoalhando descaradamente as miserias imaginarias da familia: elle descreve como cumpriu as praxes da *Logração* disfarçada, comendo doces de graça:

Da bolsa os bofes lhe arranco,
No fresco pateo de Cellas
Pedindo com genio franco
Doces, gratuitas tigelas
Do famoso manjar branco.

Sete annos de verde edade
Fui metendo a destra mão
Em multas d'esta entidade;
Chamou-se a *Boa feição,*
Mas era necessidade.

Como se descreve na logração disfarçada, era assim o typo do estudante: «Merquei em logar da *Instituta* e Expositores uma flauta, rabeca e machinho; pelos livros curiosos uns dados, e baralhinhos de cartas; ....vestido de crepe, gôrra de lemiste, relogio na algibeira, a bolça vazia, e com estes excellentes, aprestos, vos armei estudante de Coimbra, tratante fidalgo.» [1]

Chamava-se a este viver solto a *boa feição*, que variou com o tempo, conservando-se no seculo XVIII em Coimbra a velha monomania dos Valentões: «Muitos e diversos generos de *boa feição* tem havido, segundo os fins a que cada um a quer accommodar. E' filha legitima da ociosidade, e companheira inseparavel da ridicularia. Muito tempo andou disfarçada em Coimbra com a sordida larva da *Valentia*, de tal sorte que não tinha feição quem não matava ou feria, ou fazia outros insultos, que são effeito de tyrannia. Atreveu-se a tanto esta cruel feição, que poz editaes, congregou exercito, a que chamaram o *Rancho da Carqueja* (1721-1722). Não me detenho a contar o fim que teve esta diabolica *feição*, porque assás é sabido no nosso reino. Injuria será sempre da nobreza escholastica (emquanto permanecer sua memoria) similhante *feição*, que mais parece de marabutos renegados, que de estudantes enobrecidos. Passada pois esta furiosa tempestade da *feição* impia, tratou cada qual de accommodar ao seu intento o methodo da *boa feição*.

[1] No *Palito metrico*, p. 217. (Ed. 1843.)

Os fôfos quizeram que consistisse na generosidade das acções: os que presumiam de sabios, no chiste de dizer uma authoridade e *versinhos de comedia;* os bobos na chocarrice das graçolas; os tolos no baralhar e metter á bulha todo o acto serio. Ultimamente n'estes tempos modernos vieram-nos Lisboetas (que sempre são inventores de novas maquinas) e introduziram por *feição* metter a bulha os geraes, não cuidarem em postillas, *comer muito doce*, *dar opios* e *dizer pulhas*. No anno passado tambem era *feição* jogar os couces, e este era o divertimento dos Lisboetas.»—«Outro methodo de feição é hoje tambem, que se chama feição geral, porque de todos é bem acceita, a qual consiste em ter muito dinheiro e gastal-o depressa com os amigos; pagar a todos o sorvete ou chocolate na logea de bebidas, os covilhetes de ovos, e o cidrão em casa do conserveiro, e mandar que assente no rol. Dar um cruzado novo de molhadura ao sapateiro depois de lhe ter pago os sapatos dous mezes adiantados. Não pedir nunca demasias ao moço, nem á ama; não fallar no traste ou dinheiro que emprestou ao amigo e outros similhantes arranjos, que não são imitaveis; porque esta feição é só para aquelles que tem cinco moedas de mezada, para filhos de mercadores ricos, ou para brasileiros, que tem letra aberta no correspondente; etc.» [1] Tambem dominavam os divertimentos brutaes, a que no seculo passado se chamava *investida aos novatos*, e ainda actualmente troça:

[1] *Ibid.*, p. 220.

«Não é como algum dia, quando receiavam todos vir a Coimbra só com medo das *investidas;* por que o mais barato que se lhe fazia era pôr-lhe uma albarda, ou metter-lhe palha na bocca, dar-lhe uma duzia de açoites e leval-os com cabresto ao chafariz. Eram tidos na estimação de todos por mero nihil; não diziam palavra sem serem perguntados, nem saiam fóra de casa sem veterano; faziam com toda a submissão cortezias aos que encontravam, e em tudo obedeciam aos preceitos que lhes intimavam.» [1] Era entre a mocidade das Universidades allemãs, que no principio do seculo XVIII se crearam os genios que trouxeram o Romantismo; a vida de Coimbra só servia para tirar á mocidade todo o sentimento de dignidade por meio das *investidas*, e pelas devassidões da chamada *boa feição.* O talento dispendia-se em armar logros aos collegas, comendo-lhes jantar e cêa; é ao que modernamente se chama *andar á lebre:* «Para isto vos servirão de muito as vossas prendas de tocar flauta e rabeca, filhota e Jangomes e muchos mas ramplones, e o bom ár do corpo para os minuetes... Victor quem canta; lá vae: *Bella alma misera*, ou outro da moda, etc.» [2] «sahireis outra vez com o segundo papel lançando uma nesga de relação antiga, v. g. do *Mariscal de Viron ou D. Carlos Osorio*, intimando no furor das acções a valentia, e nos requebros de voz a ternura, cortando o hespanhol como queijo do Alemtejo

---

[1] *Ibid.*, p. 223.
[2] *Ib.*, p. 227.

com faca flamenga, e no fim correspondendo aos vivas com perna trocada.» — «Nos Outeiros de Doutoramento ou Beca, sereis sempre apaixonado feito cabide de armas; porque quando pouco, rende uma cêa, outras vezes um tiro, ou uma estocada.» [1] O gosto poetico despontava no meio d'este pandemonium, mas era immediatamente pervertido pelas leituras: «Faltavam-me n'aquelle tempo os conceitos para discorrer, e as fabulas para ingerir na poesia: pelo que logo que cheguei á Universidade, comprei o *Theatro dos Deoses*, á lição dos quaes me dei com todo o cuidado.» [2] N'este meio o estudo tornou-se um pedantismo, para o qual se chegaram a estabelecer regras com o fim de alardear uma erudição postiça: «Para este fim tome de cór o titulo do livro seguinte; vem a ser — *Diccionario historico.* Este Diccionario faz seus juizos sobre o merecimento dos homens litteratos; e o melhor que tem para o nosso ponto, é fazer menção de todas suas obras e de todas as suas edições; applique-se com todo o cuidado a esta sciencia bibliotica. — Deve além d'isto saber de cór os nomes, ou para ser mais exacto, os titulos dos livros seguintes, a *Encyclopedia*, Grocio, Puffendorfio, Van-Espen, Anacleto, Gonzales, Natal Alexandre, Justino Febronio, Vattel, Monsieur de Real, Mons. Thomas, Montesquiú, Volter, Professor de Felice, e Russó; escrevo-lhes em phrase portugueza para que lhe não succeda o que succedeu a

---

[1] *Ib.*, p. 228.
[2] *Ib.*, p. 242.

muitos, que lendo *Voltaire* em francez, pronunciam do mesmo modo em portuguez. Ora isto não é para que lêa tudo, que para tanto chegam hoje poucas vidas, mas para dizer estes nomes á descarga cerrada, sem citar, nem allegar, e sempre em tom de melancia verde.» [1] «Ultimamente tenha na sua estante as *Recitações* de Heinecio, o Lorri, as *Dissertações* de Martini; Bachio, e os mais que n'este primeiro anno se lhe fazem preciosos: mas sem titulos, e muito guardados, sem consentir que alguem lhes pegue, affectando de livros prohibidos, sem os quaes a moda condemna a ignorancia inteiramente. Não lhe escape *Gil Braz*, o *Diabo Coxo*, o *Bacharel de Salamanca*, e tudo o mais que fez o entertenimento dos sabios.» *(Ib.*, p. 363.) N'este meio, adquiriu Tolentino a préga do jogo, de que se recorda:

> *Bisca coberta, truque* fraudulento,
> Que são os jogos com que fui creado.
>
> *(Obr.*, p. 40.)

Na desenvoltura da *boa feição*, em que tambem entrava a prenda de fazer versos e dizer pulhas, cultivou Tolentino a metrificação em que se tornou habil, e fixou de vez a sua preferencia pelo genero epigrammatico ou satirico.

No Livro das Matriculas da Faculdade de Leis, encontra-se o seu nome inscripto nos dias 1.º de Outubro de 1760 até 1763, havendo um intervallo até ao primeiro de Ou-

---

[1] *Ib.*, p. 362.

tubro de 1765. Nicoláo Tolentino concorreu aos exames para o magisterio das novas cadeiras de Rhetorica, creadas pelo Marquez de Pombal depois da expulsão dos Jesuitas; o seu exame foi muito distincto principalmente na composição latina, sendo logo empregado em uma *substituição* na cadeira de Rhetorica em Evora, que regeu dois annos. Nas mesmas Quintilhas em Memorial ao Princepe D. José, depois de descrever os sete annos de verde edade, toca na sua entrada no magisterio:

> Quiz de taes ondas sahir
> E algum bom porto aferrar;
> Quiz ao publico servir,
> E mandaram-me ensinar
> As regras de persuadir.
>
> (*Obr.*, p. 173.)

Nicoláo Tolentino entrava na galharda phalange dos professores de rhetorica, como José Caetano de Mesquita, Francisco de Sales, que foram *árcades*, merecendo ser lembrado a par de Bento José de Sousa Farinha.

Não constava por um documento official que Nicoláo Tolentino tivesse sido professor publico de Rhetorica, affirmando-o constantemente nos seus versos. Achámos a sua nomeação na Collecção das Ordens para a reforma da instrucção publica; mas antes d'esta prova, existia um trecho da Memoria de Francisco José dos Santos Marrocos *Sobre o estado dos Estudos menores em Portugal*, em que o colloca entre aquelles memoraveis professores Francisco de Sales, Bento José de Sousa Farinha, e Pedro José da Fonseca: «Em Eloquencia são mui dignos de admiração o dou-

to professor Pedro José da Fonseca, pelos vastos conhecimentos que d'esta sciencia possue, e no grande trabalho das composições litterarias, em que o publico tem utilisado com muito adiantamento; Francisco de Sales, varão de recommendada lembrança no delicado tino e judiciosa critica, com que perfeitamente maneja esta e outras mais faculdades, fazendo-se tão distincto no ensino de seus discipulos, que será acanhamento e não paixão de um d'elles dizer tão pouco, quando todos confessam com muito louvor o raro prodigio da natureza, que em suas producções nem sempre he liberal; e *Nicoláo Tolentino d'Almeida*, official da Secretaria de Estado dos negocios do reino, exerceu a sua cadeira com toda a capacidade, pela viveza de engenho de que he dotado. Seria finalmente ingratidão á posteridade terminar com estes o bem merecido louvor, de que justamente participam os benemeritos Professores, que com elles se distinguiram desde a creação, occupados nas Cadeiras d'este reino, muito particularmente a lembrança que sempre devo conservar do nunca assás louvado o Dr. Bento José de Sousa Farinha, primeiro professor publico de Philosophia...» [1]

Apparece Tolentino outra vez matriculado na Faculdade de Leis em Outubro de 1765 a 1766; n'este anno é que elle concorre á cadeira de Rhetorica de Lisboa, vaga pela pas-

---

[1] Memoria apresentada em 19 de Novembro de 1799 a D. Francisco de Lemos, pela segunda vez Reformador da Universidade. (Vem na *Revista de Educação e Ensino*, Anno VII, n.º 11 e 12).

sagem de José Caetano de Mesquita para egual disciplina no Collegio dos Nobres. Inserimos aqui esse documento inedito, que o comprova:

«S.or Joseph Caetano de Mesquita, que era Professor publico de Rhetorica n'esta Côrte, foi V. Mag.e servido recolhel-o em o Real Collegio dos Nobres para n'elle ensinar a mesma Arte aos Collegiaes do mesmo Collegio. Logo devia eu consultar a Cadeira que ficou vaga, mas não havendo muitos Oppositores capazes para ella, emquanto se instruião mais, quiz vêr se bastarião os dous Professores que ha na Côrte, e tenho conhecido que não bastam, por que he tal a quantidade de estudantes que cada hum d'elles tem, que se não pode esperar por não caber no possivel serem bem instruidos.

«Entre os Oppositores, que se tem habilitado para semelhantes Magisterios pelos exames que teem feito na minha presença, he o mais capaz *Nicoláo Tolentino.* Consta a sua capacidade pelo Auto de exame que com a composição latina que o acompanha puz na presença de V. Mag.e em consulta de 25 de Agosto de 1766.

«As informações de seu procedimento mostrão que os seus costumes e modestia o fazem digno do Magisterio. Além d'estas habilitações tem a do serviço que tem feito, *substituindo a Cadeira de Evora ha dous annos;* pelo que,

«Parece-me consultar a V. Mag.e a Nicoláo Tolentino para Professor regio de Rhetorica nesta Côrte na Cadeira que regia José Caetano de Mesquita, e que desempenhará bem as suas obrigações com utilidade dos Vassallos

de V. Mag.e Lix.a 16 de Junho de 1767. Dom Thomas, Principal de Almeyda, Director Geral dos Estudos.

«S. Mag.e Como parece. N. Sr.a da Ajuda, a 17 de Agosto de 1767.» [1]

Sobre esta informação é que se passou a Carta regia de 20 de Agosto de 1767, bastante curiosa para se conhecer o estado mental do tempo: «Dom Joseph, por graça de Deus etc. etc. Faço saber aos que esta minha Carta de nomeação virem, que sendo-me presente em consulta do Director geral dos Estudos d'estes Reynos e seus dominios, a capacidade, procedimento e letras de *Nicoláo Tolentino de Almeyda*, e que seria muito capaz de ensinar Rhetorica n'esta Cidade de Lisboa, pelo methodo que em meu Alvará e Instrucções determino; Hey por bem de nomear ao dito Nicoláo Tolentino de Almeyda para Professor regio de Rhetorica n'esta Cidade de Lisboa, em quanto eu fôr servido e não mandar o contrario. E será obrigado a guardar inteiramente as mesmas Instrucções por mim ordenadas, e mandadas publicar em 28 de Junho de 1759, e Alvará meu do mesmo dia e anno, debaixo das penas cominadas no dito Alvará; como tambem a observar exactamente todas as demais determinações, que eu fôr servido prescrever-lhe, e as que o Director Geral dos Estudos, em virtude das faculdades que lhe tenho concedido determinar. E ha-

---

[1] *Registo das Ordens* expedidas para a reforma e restauração dos Estudos d'estes Reinos, fl. 90 v. (Torre do Tombo, Reform. dos Estudos, n.º 417.)

verá de seu ordenado cada anno trezentos e cincoenta mil reis, e mais cem para casas. E jurará aos Santos Evangelhos em minhas Chancellarias de guardar o serviço de Deus e meu, e ás partes seu direito; e fará a profissão de fé pelo Capitulo — *Ego N. de jure jurando* perante o mesmo Director Geral dos Estudos na fórma em que está determinado pelo Santo Padre Pio IV, e egualmente jurará a Immaculada Conceição da V. Maria N. S. especial patrona d'estes Reynos e seus dominios, para que bem e verdadeiramente sirva, observando em tudo a mais perfeita religião, e as minhas reaes ordens. Pelo que mando a todos os ministros, officiaes, e mais pessoas a que esta Carta fôr appresentada, e o conhecimento d'ella pertencer, deixem usar ao dito Nicoláo Tolentino de Almeida plena e livremente do exercicio de Professor regio de Rhetorica, e gosar todas as honras e privilegios, que por mim lhe são concedidos. E não pagou novos direitos pelos não dever na conformidade do meu real decreto de 3 de Septembro, como constou por conhecimento dos Officiaes dos novos direitos. El Rey nosso Senhor o mandou por seu especial mandado por Dom Thomaz de Almeyda, Principal Primario da Santa Igreja de Lisboa, do seu Conselho, seu Sumilher da Cortina, e Director Geral dos Estudos d'estes Reynos, e seus dominios. Joseph Maria Barbosa da Silveira a fez em Lisboa aos 20 de Agosto de 1767.» [1]

Em uma Decima com que Tolentino feste-

---

[1] *Mem. de Tolentino*, p. 55. Doc. 14.

jou os annos do Principal Almeida, abusando já da choradeira com que repassou todos os seus versos, allude reconhecido a este despacho:

> Teceram-me em baixo estado
> A fortuna e a natureza;
> Entre os braços da pobreza
> Fui desde o berço lançado.
> Pelas vossas mãos alçado
> Quebrei da desgraça o fio;
> Se da crua fome e frio
> Livro o pae, livro os irmãos,
> E' obra das vossas mãos,
> E faz o vosso elogio.
>
> (*Obr.*, p. 293.)

O poeta mentia aqui desaforadamente; não nascera em *baixo estado*, sendo o pae e a mãe de origem provadamente aristocratica e bem relacionados; o pae ainda mandava para Coimbra um outro filho, e duas irmãs casavam com Desembargadores. Nos manuscriptos de Tolentino, da Academia, vem a seguinte nota, referindo-se ao despacho da Cadeira de rhetorica: «*de que depois se queixou tanto.*» N'este anno de 1767 faleceu sua mãe D. Anna Thereza Frois de Brito depois de uma prolongada doença; e o pae, o Dr. José de Almeida Soares sentiu tão profundamente a viuvez, que tomou ordens sacras de presbytero secular vestindo o habito de San Pedro, e renunciou em seu filho Nicoláo Tolentino a tença de 30$000 rs. que tinha do habito da Ordem de Christo. E' para notar que esta tença fôra alcançada por seu irmão Antonio Placido de Almeida, por causa da sua partida como militar para a India, e que em

1755 ao fazer-se frade a renunciara em seu pae. Vê-se que a fome e o frio de que Tolentino livrara o pae e os irmãos era uma indecorosa mentira, para angariar protecções. Como presbytero secular o Dr. José de Almeida Soares não ficára inhibido de dar consultas e advogar na Casa da Supplicação; e novos recursos se lhe deparavam em missas, sermões e officios religiosos, que n'esse tempo eram apparatosissimos. Achando-se a filha mais velha D. Anna Thereza Froes de Brito viuva, veiu viver para a companhia de seu pae, com o filho unico que tivera, o beneciado Gonçalo José Maria. Eram servidos por duas criadas, sendo por tanto a lenda da fome e protecção irrisoria. As outras duas irmãs solteiras já estavam no recolhimento de Lazaro Leitão, e o irmão mais novo Francisca de Paula de Almeida, que seguira preparatorios em Coimbra (á custa do pae) até 1763, agora achava-se cadete do regimento 16 de infanteria, subindo póstos com distincção. Comprehende-se que o livro de memorias redigido por sua irmã D. Joaquina fosse motivado pela jactancia do poeta, sempre pedindo em nome dos irmãos e declarando-se seu protector com quem repartia o parco pão! A esta luz os versos de Tolentino perdem todo o valor moral, ficando apenas os quadros pittórescos da epoca, que são incomparaveis.

Outra vez apparece o nome de Nicoláo Tolentino matriculado na Faculdade de Leis em 1 de Outubro de 1769; pela imperfeição dos assentos, antes da reforma pombalina, não se póde saber quaes os actos que fez nem se tomou o grão de bacharel. Nas Deci-

mas satiricas *A certo disfarçado jesuita, que assistia no Paço a titulo de bobo, e lhe chamavam por zombaria o Cardeal Rosa,* vêm em um dos textos manuscriptos:

Com o *doutor* não entendas,
E' d'elle esta cutilada;
Assento-te agora a espada
Para vêr se assim te emendas...

(*Obr.*, p. 317.)

Servindo o seu logar de mestre de rhetorica, Tolentino, talvez para comprazer com o Principal Almeida, fez-se um exaltado *pombalista;* em um Soneto celebrou-lhe as mil virtudes e a dourada edade que teceu a Portugal. (*Obr.*, p. 385.) Isto contrasta com os chascos que lhe atira depois da queda em 1777. Estava o poeta em Lisboa, quando a *Arcadia* depois da sua restauração em 1764 dava novos alentos de vida; elle admirava alguns árcades, principalmente Garção, e para exaltar a perfeição de uns versos, escreve:

Inda que para cantal-os
Lhe desse *Garção* a lyra... [1]

(*Ib.*, p. 122.)

---

[1] O sarcastico Lobo em um Soneto ao Duque de Cadaval, allude a Garção com elevado respeito:

Grande Duque, se algum auctor perito
Qual Voltaire, Boileau, *Garção*, Monteiro,
Ou outro, cujo nome o mundo inteiro
Respeitasse por homem erudito...

Ms. da Bibl. Nac., fl. 47 (é variante do Soneto x, da ed. Innocencio.)

De Quita, falla desdenhosamente por ser cabelleireiro, mas reconheceu-lhe o talento:

> Foi este o famoso *Quita*,
> A quem triste fado ordena
> Que a fome lhe traga o pentem,
> E das mãos lhe tire a penna.
>
> . . . .
>
> Cosendo sobre a janella
> Em dura falsa caveira,
> A sua alma conversava
> Com Bernardes e Ferreira...
>
> (*Ib.*, p. 129.)

O outro árcade Fr. Joaquim de Foyos, segundo o testemunho de Costa e Silva, dizia: «que entre os Poetas modernos de Portugal não conhecia senão dois que merecessem o nome de grandes, a saber, Antonio Diniz e Nicoláo Tolentino.» E o árcade Melizeu Cylenio, o nestoreo Luiz Correia de França e Amaral, celebrava na sua Carta VII Nicoláo Tolentino, *quando partia para a Chamusca*. Era tambem da Arcadia o seu collega Francisco de Sales *(Titiro Partiniense)*, como elle, mestre de rhetorica. Porque não entraria pois para a Arcadia? Tolentino vendo que o mestre de rhetorica José Caetano tinha sido expulso da Arcadia, e que esta corporação perdera o favor do ministro, entendeu mais seguro o conservar-se na dissidencia, e manifestar-se contra o lyrismo das *Odes*. Já Pina e Mello satirisara os *odiados Odistas;* Tolentino em uma carta inedita ao conde de Villa Verde, diz-lhe que não pertence á *seita das Odes*, e na Satira *O Bilhar*, para ridiculari-

sar um poeta, põe-lhe na bocca no fim de muitas phrases emphaticas:

.... unicamente me confundo
C'uns taes versinhos, que eu não via d'antes,
Aos novos ursos todo o povo acode,
O estylo é sybillino, *ó nome é Ode.*

(*Ib.*, p. 279.)

Disse um sabio, que os erros do presente
Ia emendando os erros do passado,
Mas que das *Odes* a infeliz torrente
Tinha a lingua outra vez estropeado...

(*Ib.*, 280.)

Parece que Tolentino, na *Guerra dos Poetas* propendera para o Grupo da Ribeira das Náos, como se pode inferir da sua intimidade com Domingos Pires Monteiro Bandeira *(Dorindo);* este morava na rua da Atalaya, Tolentino tinha a sua aula na rua da Rosa, e frequentemente se encontravam:

O nosso bom tempo antigo
Quando alçando a torva fronte,
Jantava *Quintiliano*
A' meza de Anacreonte.

Quando nos brilhantes copos
Do casto herdado Gorizos,
Iam mergulhar as azas
Os prazeres com os risos; ...

E sem haver lindos olhos,
Sem haver ondadas tranças,
Doidos com doidos teciam
Turbulentas contradanças.

Dorindo era um sybarita, que Filinto celebrava dedicando-lhe a traducção da *Pucelle* de Voltaire; e é talvez d'esse tempo que ficou a impressão que ditou a Filinto esse ver-

so: «C'um *Tolentino*, que diverte e encanta.» Foi na convivencia de Dorindo que elle tomou parte na querella metrica da Zamperini em 1774, e na expansão encomiastica cooperando na alluvião de versos á elevação da Estatua equestre em 1775. *(Obr.*, p. 29.)

Na bella Satira de Tolentino *O Bilhar*, em que se caracterisa a vida litteraria da ultima metade do seculo XVIII, ainda se cita a chusma infinda dos versos compostos por occasião da *Estatua equestre;* desde os árcades mais eminentes até aos barbeiros que recitavam sonetos e acabavam pedindo esmola, tudo escreveu para celebrar esse grande facto da historia do cesarismo. Tolentino retratando o typo do poeta apadrinhado em cem Outeiros nocturnos, dá-lhe como uma pincelada definitiva «*Todos os versos leu da Estatua equestre.*» [1] As festas da elevação da Estatua equestre nos dias 6, 7 e 8 de Junho de 1775, assim como foram um pretexto para a aristocracia portugueza devorar em uma noite ao municipio de Lisboa duzentas e cincoenta arrobas de doce, serviu de valvula de segurança para dar largas á monomania poetica da classe media e dos funccionarios publicos! Os versos á Estatua equestre tornaram-se proverbiaes; no fim do discurso do Juiz do Povo em prosa pombalina, rematou com este grito que foi immediatamente glosado por um choral immenso:

Viva José Augusto! Viva, viva.

---

[1] *Obras completas* p. 278. Ed. J. de Torres.

O Juiz do povo recitou uma Ode, e o seu escrivão um soneto, e todos os deputados da *Casa dos Vinte e Quatro* recitaram Outavas, Sonetos, decimas, epigrammas, entremeiando-se com córos e doces. A Impressão Regia foi facultada a todos os que quizessem imprimir poesias laudatorias para o official regosijo, e resta o facto pathologico d'este periodo da litteratura portugueza em composições collígidas em alguns volumes, tendo-se perdido a maior parte d'esse fluxo da bajulação degradante. Na minuciosa descripção d'estes festejos, em que o povo de Lisboa soffreu todas as extorções para dar ao regosijo um maior deslumbramento, nota o Dr. Guimarães: «Uma memoria que temos á vista, diz que um curioso, possuia uma collecção de todas as composições poeticas que se imprimiram por a occasião da inauguração da Estatua Equestre; constava a collecção de *quatro volumes*, contendo 659 composições em todas as linguas. Algumas composições se escreveram nas linguas grega, arabica e hebraica, como aconteceu na academia, que no primeiro dia dos festejos houve no collegio do Convento de Jesus; essas poesias saíram traduzidas em vulgar.» [1] Diante d'esta alluvião de encomios metricos comprehende-se o valor do traço moral deixado por Tolentino no endecasyllabo: «*Todos os versos leu da Estatua Equestre.*» Se alguma cousa se pode lêr no meio de tanta torpeza são os versos de um acerbo rimador chamado Antonio Lobo de Carvalho, conhe-

---

[1] *Summario de varia historia*, t. II, p. 226.

cido entre o vulgo pelo nome de *poeta da Madragôa*, e extremamente obsceno, mas n'esses dias illuminado de um bom senso, que exprime a eloquencia de um povo bestialisado e explorado.

Depois da *Guerra dos Poetas*, em 1774, por causa da Zamperini, e da efflorescencia bajulatoria da Estatua equestre em 1775, seguiu-se uma outra recrudescencia da veia poetica, por occasião da queda politica do Marquez de Pombal em 1777. Se a *Guerra dos Poetas* revela uma negação absoluta de gosto litterario, de incapacidade de ideal; se os versos á *Elevação da Estatua equestre* são o cúmulo da indignidade produzida pelo regimen cesarista, a somma de satiras accumuladas sobre a cabeça do Marquez de Pombal depois da sua impotencia, e pelos mesmos que o bajularam tanto, é a prova de que a sociedade portugueza se achava desequilibrada, faltava-lhe o senso moral. Esses versos foram em grande parte colligidos em um Manuscripto que se guarda na Academia das Sciencias; [1] o Marquez, que lançava nos carceres os poetas e ali os deixava morrer, já com receio da sua maledicencia já com o rancor de algum verso incertamente attribuido a qualquer desgraçado, devia soffrer o supplicio da poesia. Foi o que lhe fizeram com a impudencia da impunidade e do favor da facção clerical e aristocratica. Já ninguem podia soffrer a morte no forte da Junqueira, como Salvador

---

[1] *Collecção de versos ao Marquez de Pombal*, Gabinete 5, estante 23, N. 33, Est. 21, Part. 4.

Soares Cutrim, escrivão do fisco, e o padre Antonio Rodrigues, pelo crime de lhes encontrarem em casa versos satiricos contra o prepotente ministro; [1] os amigos particulares do ministro, como Frei João de Mansilha e Frei Manuel de Mendonça, e até sua irmã D. Magdalena de Vilhena, eram desbragadamente insultados em Odes, Glosas, e parodias do *Padre Nosso;* o descaro dos antigos bajuladores, não se pejava de preconisar a contradição, como se vê no soneto do prégador cisterciense Frei Francisco Roballo:

> Dei louvor ao Marquez, mas com violencia,
> *Temendo da Junqueira o duro trato;*
> Fui forçado a fallar, já me retrato,
> Por descargo da minha consciencia.

O árcade *Lemano*, o oratoriano Manoel de Macedo, que em 1769 prégára em acção de graças pela continuação da vida do ministro, em 1777 era accusado n'esta quadra:

> Hontem n'essa cadeira da verdade
> Por maior dos heroes o conheceste,
> E no mesmo logar logo o fizeste
> O monstro mais cruel da iniquidade.

Latino Coelho, que tirou d'esta collecção de versos ineditos a luz moral do começo do reinado de D. Maria I, observa: «que algumas composições d'aquelle tempo reprehendem a sobejidão e a insania dos vingativos poetastros.» Pertencem a esta corrente de pro-

---

[1] *Breve relação do Forte da Junqueira*, tit.: Dos Padres Cruzios.

testo as endechas que se intitulam *Agua na fervura dos Satiricos alambicados*, e se algum raio de luz moral nos alegra entre tantas vilezas é o facto de José Basilio da Gama, increpando Nicoláo Tolentino, celebrar em um Soneto o Marquez decahido. (Vid. p. 489.)

No meio de tanta dissolução, comprehende-se por que ficaria sem efficacia a acção da Arcadia, quando os poetas celebravam as meretrizes e lacaios, como o Lobo da Madragôa diz de Nicoláo Tolentino; mas falta-nos vêr ainda as novas circumstancias que fizeram com que o talento fosse banido de Portugal, ou perseguido, como José Anastacio da Cunha, Corrêa da Serra, Francisco Manoel, Felix de Avelar Brotero e Silvestre Pinheiro Ferreira. Tambem Nicoláo Tolentino seguiu a chusma dos poetas, apodando o decahido Marquez na sua bem feita Satira, a *Quixotada*, em que ironicamente bate nos metrificadores anti-pombalinos por não terem graça. N'essas chistosas quintilhas, Tolentino imagina Dom Quixote vindo a Portugal para fazer um Auto de fé das satiras insulsas como já sob o ditado de Cervantes fizera o auto de fé das Novellas de cavalleria:

Irmão Sancho, põe-te a pé,
Põe essas rimas a prumo,
Principio á obra se dê,
Tolde o ár o negro fumo
D'este novo Auto da fé.

Queima essas satiras frias,
Faltas de siso e conselho:
Queima prosa e poesias:
Acabe o cansado velho
Em paz os seus tristes dias.

Porém poupa sempre alguma
Das raras que tem sabor;
Das outras nem deixes uma
D'essas que tudo é rancôr,
E poesia nenhuma.

(*Obr.*, 271.)

Depois de descrever o incendio das insulsas poesias e de lançar as cinzas d'ellas ao Tejo, lembra-se Tolentino de pôr na bocca de Dom Quixote uma ordem para que o Marquez vá agradecer a Dulcinea aquelle acto de justiça. Quixote dita-lhe o que elle hade proferir; é uma especie de confissão geral, em que o proprio Marquez expõe a serie dos seus crimes:

Disse este povo malvado
Que eu tinha o reino extorquido;
Que era gatuno afamado,
E que em jogos de partido
Tinha com todos levado.

Que no Tabaco levava
Um quinhão avantajado;
Que o Sabão não me escapava,
E que sem ser deputado
Nas Companhias entrava.

Das minhas Leis murmuravam:
E os seus pequenos juizos
Tão pouco o ponto tocavam
Que sempre me eram precisos
Assentos, que as declaravam.

Té na lingua sem motivo
Deram criticos revezes:
Fiz n'ella estudo excessivo,
Bebi nos bons portugueses
Manopolio e *respectivo*.

Disse mais o povo insano,
Que perdi de Roma o trilho;
Que fui sultão soberano;
Que andei casando o meu filho
Segundo o rito ottomano.

O retrato do velho Marquez de Pombal arrastando os pés gotosos, encostado ao seu creado Lopes com áres ainda de ministro, mandando em cousas pequenas, é magistral; foi assim que Tolentino se tornou sympathico á aristocracia que empolgava o poder, lançando-se na onda da reacção.

Em alguns manuscriptos a *Quixotada* intitula-se *Ao retiro do Marquez de Pombal:*

> N'ella vive descansado,
> Porque as aguas vão serenas;
> Sempre ministro de estado,
> Mandando cousas pequenas
> No *teu Lopes* encostado.
>
> (*Ib.*, 274.)

No Ms. 516, (Bibl. nac.) vem a seguinte nota: «*José Lopes*, que foi seu lacaio, e depois seu guarda roupa.» (P. 273.) N'esta Satira apparece referencia á *praguejada* mão do ministro outr'ora beijada como bemfeitora; e torna a empregal-a no Soneto *Ao Secretario de Estado, Visconde de Villa Nova da Cerveira, depois Marquez de Ponte de Lima,* quando explica o silencio forçado de doze annos, regendo a sua cadeira de Rhetorica, sem se atrever a pedir cousa alguma. Esse Soneto é um quadro pittoresco, mas um documento moral deploravel; traça os ultimos momentos do governo do Marquez de Pombal:

> A longa cabelleira branquejando,
> Encostado no braço de um tenente,
> Cercado de infeliz chorosa gente
> Ia passando o velho venerando.
>
> Geraes respostas para o lado dando:
> «Sim, senhor... Bem me lembra... Brevemente...»
> Na praguejada mão omnipotente
> Nunca lidos papeis ia apontando.

Mas eu, que já esperava altas mudanças,
Melhor tempo aguardei, e na algibeira
Metti a petição e as esperanças.

Chegou, senhor Visconde, a *viradeira;*
Soltae-me a mim tambem d'estas crianças
Onde tenho o meu forte da Junqueira.

(*Ib.*, p. 8.)

No Manuscripto da Academia, traz a rubrica: «*Feito por Nicoláo Tolentino, Mestre de Rhetorica, que não queria seguir a vida de ensinar meninos.*» E' então que começa a serie de petições em verso aos ministros da reacção anti-pombalina, conseguindo mesmo appresentar um Memorial ao princepe D. José em quintilhas, que produziram o effeito desejado. Tolentino ambicionava abandonar a palmatoria de professor e elevar-se a official de secretaria. Tornou-se-lhe uma vesania, que serviu de thema aos chascos do Lobo; Tolentino pintava assim o seu *Sonho:*

Depois que á luz da trémula candeia
Entre os pobres lençoes me revolvia,
E ao cerebro dormente já subia
O grosso fumo da indigesta ceia;

Brilhante sonho na enganada ideia,
Por maior mal, venturas me fingia;
Fez-me entrar na real Secretaria,
Fez-me logo deitar sege á boleia;

Poz-me na sala um espaldar comprido,
Um válido lacaio em camisola,
E um correio com chapa no vestido;

Eis que sôa na porta a dura argola,
Foge-me o sonho, acórdo espavorido,
Era um rapaz que vinha para a eschola.

(*Ib.*, p. 48.)

O terrivel poeta satirico Antonio Lobo de Carvalho parodiou-lhe este Soneto em um outro com a rubrica: «*Ao poeta Nicoláo Tolentino, que sonhou estar elevado a Official de Secretaria:*

Um homem tal e qual, um tal subjeito,
Nicoláo Tolentino sem mais nada,
Que com dispensa a veneranda Espada
De San Thiago traz no inchado peito: [1]

Sonhou que Official estava feito
D'uma Secretaria, e n'esta andada,
Que tinha sege, e moço na escada,
E um simples panno para a porta feito;

Lembrou-lhe o az de copas por escudo,
Com outras cartas mais de corriola,
Armas proprias de seu tão grande estudo;

Eis que bate um rapaz na dura argola,
Acorda o Dom Quixote, foi-se tudo,
E fica como d'antes, mestre eschola!

(Son. CXXXI.)

---

[1] Em 1772 Tolentino comprara a Francisco Gomes Catella a renunçia de uma parte da tença do habito de San Thiago, de que lhe foi passado alvará: «E o sobredito Nicoláo Tolentino de Almeida, logrará os mesmos doze mil reis de tença effectiva a titulo do mencionado habito da Ordem de San Thiago, que lhe tenho mandado lançar: ...os quaes se assentarão em um dos Almoxarifados do Reino, em que couberem sem prejuizo de terceiro, e não houver prohibição com o vencimento de 24 de fevereiro de 1772, que é o dia da data da Portaria d'esta mercê, até o do assentamento, será na fórma que eu for servida resolver na consulta que se me fez pelo Conselho da minha Fazenda...» Passou-se por Portaria do Secretario de Estado José de Seabra da Silva, de 24 de Fevereiro de 1772.»

Tolentino requereu para se lhe fazerem as habilitações para lhe ser lançado o habito da Ordem de San Thiago dando as seguintes indicações para as provanças: « Declara o supplicante ser natural d'esta cidade, baptisado na freguezia dos Anjos, e morador na rua

O Lobo, que chasqueou de todos esses ministros da côrte de D. Maria I, não podia poupar o seu thuribulario Tolentino, e morde-o alludindo ao seu vicio de jogador; [1] Tolentino doeu-se, e replicou em um Soneto, que tem

---

dos Fanqueiros, freguezia de S. Julião, e filho do Doutor José de Almeida Soares, Advogado da Casa da Supplicação e Familiar do Santo Officio, e de sua mulher D. Anna Thereza Froes de Brito, naturaes de Ourem, e baptisados na Collegiada da dita villa. Neto pela parte paterna...» Das provanças resultou além dos requisitos essenciaes: «não teve desde seus principios outro exercicio que ser estudante, e actualmente é professor regio, com Aula publica n'esta Côrte, onde ensina Rhetorica, tendo boa reputação e egual tratamento.» E quanto a seus paes ficou provado além de christãos velhos «e que os sobreditos *sempre se trataram e tratam nobremente.* Lisboa, 23 de Março de 1772 annos.» (Ap. Sanc. Baena, *Mem. de Tolentino*, p. 58 a 64.)

[1] No Soneto de p. 40, *Ao jogo do trinta e um*, descreve Tolentino a fortuna que lhe corria n'aquella noite: — Já diante de mim o erario via, — mas os ditos discretos da senhora illustre eram tambem um thesouro de graça. Quem era esta dama? Em um Ms. da Academia tem este Soneto a rubrica *Ao jogo da banca — Em casa de D. Joanna Isabel, perdendo ao jogo.*» Era esta dama a que dava Motes a glosar aos celebrados poetas José Anastacio da Cunha (p. 441) e José Basilio da Gama (p. 489); muitas das decimas de Tolentino tiveram egual origem.

D. Joanna Isabel Forjaz era casada com um fidalgo muito velho, como se sabe pelo Soneto CLVI de Antonio Lobo de Carvalho, que o retrata:

Da edade não direi, mas sei que faz
 Epocas pelos calos que ha nos pés;
 Só dentes tem perdido vinte e tres,
 E o do siso com gosto *pela Paz;*

E' um velho, mais velho que o arroz,
 E' ainda mais antigo que os cuscús;
 Hade andar pela edade do retroz;...

a rubrica: *Por occasião de estranharem ao auctor um sonho que a ninguem offendia*, terminando:

> Contra os sonhos desde hoje me conspiro;
> Se ao primeiro me dizem heresias,
> Em sonhando outra vez pregam-me um tiro!
>
> (*Ib.*, p. 49.)

Ha um vivo contraste entre o genio satirico dos dois poetas: Tolentino lisonjeia insistentemente os poderosos, impingindo-lhes petições lamurientas, sem necessidade; o Lobo, em absoluta indigencia, embora mais cynico e por vezes obsceno na linguagem, é-lhe superior pelo caracter desinteressado, pela audacia das opiniões, e pela impavidez com que ataca as prepotencias do Marquez de Pombal, as devassidões da aristocracia e dos frades, os poetas contemporaneos, dando relêvo ao aspecto moral de um seculo degradado. E' espancado pelos creados dos fidalgos, mas vae dizendo tudo; os seus versos são o protesto desvairado de um seculo; em seu nome andam espalhados Sonetos de Filinto Elysio, de Tolentino, de José Basilio da Gama e de outros muitos, porque o Lobo da Madragoa tornara-se um pasquim vivo. Parece que Tolentino, que lhe provou o dente, o retratou fielmente nas outavas da satira *O Bilhar*, no sujo poeta de palida viseira, vociferando, com a papelada rompendo o forro do bolso. Em umas quadras ao cabelleireiro Luiz, que fazia versos e tocava bandolim, lembra-lhe como Camões morreu no hospital:

> Só as musas o choraram,
> E o enterro devia ser
> Como hoje nos pinta o *Lobo*
> O do *João Xavier*.
>
> (*Ib.*, p. 129.)

Tolentino referia-se ao Soneto do Lobo, que tem a rubrica: *Descripção do funeral que João Xavier de Mattos tanto prophetisa nas suas* Rythmas, *alinhavado nas clausulas d'este:*

Que diabo de choro ou de lamento
De brejeiros irá por essa rua?
Algum poeta deu a ossada núa,
Que a dar ais vão as Musas cento a cento?

De quem será o embrulho virulento
Que tão pobre caminha á terra crúa,
Envolto n'uma esteira de tabúa,
Sem caldeira, sem cruz, sem um *Memento!*

Quem será este heroe que já nos foje
Dos Deuses para aquella convivencia?
Que dos Bragas excede a fresca loje?

— Quem será, (diz Apollo) oh dura ausencia!
E' João Xavier que morreu hoje
«Abraçado co'a sua paciencia.»

(Son. xxx.)

Apesar da grande intimidade entre o Lobo e João Xavier de Mattos, o tenaz satirico retratou-o em varios sonetos como um derretido por mulheres e um bebedor de marca. João Xavier de Mattos, filho de um criado do Duque de Cadaval, formou-se em leis e seguiu a magistratura; era Ouvidor na Vidigueira em 1783, e mantinha relações epistolares com o erudito Cenaculo, sendo a sua ultima carta a elle dirigida datada de 15 de Maio de 1789. Em uma folha avulsa celebrou-se em verso as exequias de corpo presente que em Villar de Frades fizeram em 4 de Novembro de 1789 ao Bacharel João Xavier de Mattos. O Lobo tinha falecido em 26

de Outubro de 1787, ficando os seus numerosos Sonetos dispersos por mãos de curiosos; frequentara tambem a Universidade de Coimbra, onde talvez encontrou Tolentino e Xavier de Mattos. O Soneto XLIV (ed. Inn.) traz no manuscripto da Academia: «*Meu rico condiscipulo* Joam Dias...»; e no Soneto XLV, vem a rubrica: *Quando o Sr. Dr. Talaia B.el em canones em Coimbra...»* O Talaia tinha-se tornado celebre entre os poetas satiricos pelo modo caricato como entrou na tourada pelas festas da acclamação de D. Maria I, e depois pela deslavada *Academia dos Obsequiosos* de Sacavem, de que era fundador e sustentaculo. Antonio Lobo de Carvalho era protegido pelo Provedor dos Armazens Fernando de Larre Garcez Palha de Almeida, e a elle dirigia os seus versos, como a quem os colleccionava. Transcrevemos aqui duas cartas ineditas, que o poeta lhe dirigiu:

«Ill.mo e Preclarissimo Snr.

«Todos estes chamados versinhos posso jurar a V.a S.a que são vindos do trinque, e que V. S.a he a quem eu os consagro, e a quem primeiro os mostro; não lhe quero gabar nenhum d'elles, mas quero-lhe pedir que lêa mais que uma vez o primeiro Soneto, que assim me faz conta.

«Eu ha mais tempo tivera hido tomar as ordens de V. S.a mas tem-se-me offerecido tantos contratempos, que apenas os sei sentir, mas não cantal-os. Sempre e por todo o sempre confessarei á face do mundo que V.a S.a he meu Mecenas, pelo muito que vale, e tambem meu Pay pelo muito mais que me acode;

e se eu fora valido para com o Céo, lhe rogara, como rogo sempre pela saude e prosperidade de V. S.ª que elle g.ᵉ m. ã. de casa. 28 de 8.ᵇʳᵒ de 1780

De V. S.ª
M.ᵗᵒ obrigado Am.º e Servo
Ant.º Lobo de Carv.º»

E' sem data esta outra carta, mas tambem preciosa para revelação da vida do poeta:

«Meu Fidalgo do meu coração.

«A sua obra não tem de modo algum esquecido, mas para lhe dar mais um ár de coherente resposta, temos de esperar mais um par de dias para ella sahir, emquanto não sae tambem a do *Xavier de Mattos*, que já anda na imprensa, e elle não m'a confiou no borrão, onde eu pretendi vêr, para lhe formar a resposta; mas emfim V. S.ª descanse, que eu como puder o heide servir.

«Sempre lhe quero lembrar (sendo que V. S.ª não necessita de despertador das suas promessas) que eu não tenho para a Quaresma o bello fraque de que tanto necessito, e como V. S.ª é o meu adoptivo Pay, veja lá se para os Passos o heide pendurar nos ossos, que não ha outro uniforme para a dita funcção. Ahi vão esses versinhos para a melancholia, que para estes ataques tem mais virtude que o coral fino.

«Dê-me as suas ordens, que saberei observar como

seu creado o mais inutil
Antonio Lobo de Carv.º»

A seguinte rubrica indica uma collecção enviada pelo Lobo ao seu protector:

«*Segue-se um Caderninho que contem alguns versos em tom de Sonetos, muito uteis no seu tanto, a todo aquelle Taful, que ainda não tem adquirido um pleno conhecimento da matula da Côrte; offerecido e dedicado ao Ill.mo S.or Fernando de Larre, Fidalgo da Casa de S. Mag.de Provedor dos Armazens reaes, para seu regulamento e desenfado*, por Antonio Lobo de Carvalho, *natural de Guimaraens*. 1.ª Parte.»

A sua obra, verdadeiramente corajosa, representa todos os extraordinarios aspectos da sociedade portugueza desde o governo pezado do Marquez de Pombal até á demencia completa de D. Maria I sob o Arcebispo Confessor; á parte uma ou outra obscenidade, os seus versos, tanto os publicados por Innocencio como os ineditos das Bibliothecas nacional e da Academia, são a expressão mais viva do nosso seculo XVIII. Ainda uma outra vez o encontramos concorrendo com Tolentino em um torneio poetico; *Perguntando o Princepe do Brasil D. José* — Que cousa era chanfana? o Lobo fez uma série de Sonetos (n.os LI a LV) e Tolentino em um Soneto descrevendo-a não se esquece de metter o seu peditorio:

> Isto é chanfana, e sei quanto ella custa,
> Deu-me o berço, dar-me-ia a sepultura,
> *A não valer-me a vossa mão augusta.*
>
> (*Obr.*, p. 36.)

O princepe D. José era muito cultivado, e apreciava os philosophos e poetas, como confessa o Duque de Lafões; Tolentino tratou

de assedial-o para alcançar o seu despacho de Official de Secretaria, o sonho dourado de toda a vida. Os seus versos aos Angejas, Villas Verdes, Cerveiras e Ponte de Lima, Arcos e Vimieiro, tudo se encaminha á realisação d'esse mesquinho ideal, que depois de attingido tem de ser reforçado com tenças, Logo que entrou no governo em 1777 o Visconde de Villa Nova da Cerveira, admiravelmente retratado em um Soneto do Lobo, dirigiu-lhe Tolentino uma Ode, para que o liberte do ensino da Rhetorica:

Doze vezes voltando o ardente estio
C'os férvidos Agostos,
Quando o quente suór alaga em fio
Os encalmados rostos,
Me achou sentado em tripode de pinho
Gritando a um povo barbaro e damninho.

Doze chuvosos, rigidos Janeiros
Os tectos destroncando,
Me destruiram pennas e tinteiros...
Tu, carregando a feia catadura
Que amedronta os humanos,
Queres que eu chegue á triste sepultura
C'os dois *Quintilianos?*..

Algum talento que me deu natura,
Seria a mais alçado,
Se eu tivesse a grandissima ventura
De ser por ti mandado;
Se do alto engenho, de que não presumes,
As instrucções bebesse e os vivos lumes.

....

Se em nome de teus reis a mil tiraste
Das mãos da crua morte;
Se as chapeadas portas franqueaste
Do soterrado Forte;
Acção maior, e inda mais pia fazes
Tirando-me das garras dos rapazes.

(*Ib.*, p. 366.)

Não contente com a Ode, dirige ainda outro soneto ao Marquez de Angeja, para que intervenha com palavras efficazes a fim de por uma vez dar sueto aos meninos que ha *treze annos* o escutam do alto de uma cadeira de pinho, commentando os dois Quintilianos na eschola de Rhetorica do alto da Ajuda. Vê-se que em 1778 ainda nada conseguira, suspirando pela transformação do seu destino, para que a mão que até ali riscara themas «Reaes decretos fosse registando.» (p. 8.) Em outro soneto ao mesmo, insiste em fórma de prophecia:

> Por vós será a mais fortuna alçado
> Quem viva *treze annos* por castigo
> A narrações e exordios condemnado.
>
> (*Ib.*, p. 11.)

A missão de professor era para Tolentino quasi de galeriano; achava mais nobreza em ser official de secretaria, e o seu ideal consistia em «Ornar com fita preta o meu pescoço.» (*Ib.*, p. 13.) A poesia era estimada pela nobreza e no paço pelo que ella se vergava á lisonjeria; era parte obrigada nas festas de annos e casamentos ou falecimentos reaes. Tolentino possuia a Rhetorica, um meio de falsificar a verdade com graça; serviu-se d'ella quando ia começando a descrêr na sua efficacia. A poesia tornou-se um meio de entrar na intimidade dos ministros pela bajulação, e por estes fez chegar os seus versos á mão da rainha e de seu filho dilecto o princepe Dom José. Precisamos conhecer esse meio dissoluto, insensato, em que Tolentino nos apparece como um phantasma famelico, que symbolisa o viver de uma sociedade sem destino.

Alguns personagens celebres da sociedade portugueza do fim do seculo XVIII, citados por Nicoláo Tolentino só podem ser bem conhecidos pelos retratos e traços inimitaveis do insigne observador Beckford. O celebrado casuista *Melgaço*, que Tolentino cita nas suas decimas (p. 388):

> Porém seu mestre *Melgaço*
> Que eu por cá seguido vejo,
> Nos diz que o solido beijo
> Sustenta mais que o abraço.

Na *Excursão a Alcobaça e Batalha*, em 1794, allude-se sarcasticamente á influencia d'este incomparavel director espiritual, a fina nata da imbecilidade casuistica. [1] Tolentino vivia n'este meio aristocratico, fradesco e reaccionario, em que a religião e os sentimentos da dignidade eram acatados por simples exterioridade. Nas Decimas «*A um Prégador, (Frei João Jacintho) estando a jantar com o auctor*, (p. 305) allude-se aos effeitos do vinho sobre a facundia d'este notavel orador sacro da sua epoca; em uma das suas cartas Beckford retrata o prégador na festa popular de Santo Antonio em Lisboa, de um modo que se imagina em que tintas ironicas temperava Tolentino os seus pinceis: «Depois de muita musica mediocre, vocal e instrumental, executada a galope no mais rapido alegro, subiu ao pulpito *Frei João Jacintho*, famoso prégador, elevou as mãos e olhos, e despediu uma torrente de phrases sonoras em louvor

---

[1] *Op. cit.*, p. 58. Ed. 1839.

de Santo Antonio. O que não daria eu por uma tal voz! Alcançaria de uns aos outros confins da terra de Israel. O padre indubitavelmente era dotado de grande vigor de elocução, e não tinha aquelle accento nasal, lamentoso e hypocrita, tão commum na recitação dos sermões fradescos. Tratou os reis, tetrarchas e conquistadores com indizivel desprezo, reduziu a pó os palacios e fortalezas, os seus exercitos a formigas, as suas vestes imperiaes a têas de aranha, e incutiu em todo o auditorio, excepto os maliciosos herejes da porta, perfeita convicção da superioridade de Santo Antonio sobre todos aquelles objectos de uma erronea e impia admiração. — Felizes (exclamou o prégador) eram esses tempos gothicos falsamente denominados tempos de barbarie e ignorancia, em que os corações dos homens, não corrompidos pela hallucinadora bebida da philosophia, se abriam ás palavras de verdade, que manavam, como o mel, das boccas dos santos e confessores, taes como as que distillavam os labios de Santo Antonio.» [1]

As festas religiosas, que eram o principal elemento da alegria publica, deram logar a um genero poetico dos Motes glosados de improvisos em decimas; chamavam-se a estes divertimentos *Outeiros poeticos*. Na Satira do *Bilhar* falla Tolentino n'estes divertimentos, indispensaveis para a consagração do estro; descrevendo um poeta do tempo, retrata-o:

---

[1] Letter XXII, p. 6. Ed. 1839.

Fôra cem vezes em nocturno *Outeiro*
Da sabia padaria apadrinhado...
Rompi *Outeiros* em Sant'Anna e Chellas,
Chamei sol á prelada, ás mais estrellas.

E na Satira do *Velho*:

Mas freira que tem dinheiros
E da *Phenix renascida*
Repete tomos inteiros:
Dois triennios incumbida
De dar motes nos *Outeiros*...

(*Obr.*, 264)

Em outro logar repete que fôra acclamado nas improvisações dos Outeiros poeticos, que formam uma boa parte dos seus versos:

Se eu hoje fosse aos *Outeiros*
Onde já tive elogios...

(*Ib.*, p. 106.)

Aborrecido de ensinar Rhetorica o poeta procurou no valimento do poderoso Marquez de Angeja, ministro assistente do despacho do Gabinete e presidente do Real Erario, e nos varios membros de sua familia apoio para entrar como official em uma secretaria do Estado. Não se farta de dedicar sonetos aos annos do Marquez de Angeja, «que tinha muita lição de Camões», (p. 10) ao Conde de Villa Verde, depois Marquez de Angeja, Dom José Xavier de Noronha Camões, (p. 11) a D. Diogo de Noronha, depois Conde de Villa Verde, (p. 13) a Dom Caetano José de Noronha «quando teve bexigas», (p. 16) ao tio o Principal Almeida, (p. 17) a D. Francisca de Assis Rita de Noronha, Marqueza de Angeja,

(p. 18). Todas as pessoas d'esta numerosa familia são celebradas nos seus versos, como vehiculo de sonetos e memoriaes para o Principe D. José, e patronos das suas petições. Na Carta ao Conde de Villa Verde D. Diogo de Noronha, revela-nos a origem da sua predilecção pela fórma da Quintilha.

O Soneto que começa: Emquanto me inflammar fogo sagrado — traz no manuscripto da Academia a seguinte rubrica: «*No dia dos annos do Conde de Villa Verde Dom José de Noronha.*» [1] com uma carta tambem inedita, que aqui archivamos pelo que litterariamente vale:

«Os meninos não só me fazem viver triste mas tambem ser impolitico, impossibilitandome de hir hoje beijar a mão a V.ª Ex.ª, e cá ponho mais no meu rol este motivo de me desgostar d'elles: Seja a V.ª Ex.ª muito para bem este felicissimo dia, assim como o he para nós os creados de V.ª Ex.ª e muito particularmente para mim a quem trouxe hum bemfeitor, e o que he mais hum amigo. Se eu fosse da *seita das Odes* já estava com os Destinos ás voltas, apostrophando-os em grego e vendo de certo nas entranhas das victimas a razão porque uniram no nascimento de V.ª Ex.ª tanta fidalguia e tanta humanidade.

«Mas de um pobre trovista, queira V.ª Ex.ª acceitar os bons desejos, e a fria colgadura

---

[1] Na edição impressa tem a rubrica *Aos annos do mesmo*, referindo-se a D. Diogo de Noronha; pela rubrica inedita vê-se que foi dedicado ao Conde de Villa Verde que em 1788 foi Marquez de Angeja.

d'esse Soneto feito á vista de uma palmatoria, e ao som de gaguejadas lições. As nossas ideias nos vem muitas vezes mandadas pelos objectos exteriores. Cadeira de páo, bancos, tinteiros de falsa tartaruga não podem deixar de influir versos duros. Queira V.ª Ex.ª fazer-me mudar de companhia, e a minha Musa mudará talvez de estilo. E pois que o dia he de mercês, queira V.ª Ex.ª avivar o meu requerimento n'esta conjuncção tão critica e fazer os meus annos vividos mais gostosamente sejam o continuo elogio dos de V.ª Ex.ª Deus guarde a V.ª Ex.ª.»

Pela influencia de D. José Xavier de Noronha Camões de Albuquerque Sousa Moniz, conseguiu Tolentino interessar o Principe Dom José pelas suas anecdotas pessoaes, e ditos chistosos, e fazer-lhe chegar ás mãos os seus memoriaes em verso.

Em um Memorial ao Conde de Villa Verde, que acompanhava em serviço o joven principe, descreve Tolentino as relações que chegara a alcançar, entrando no escadem dos pretendentes nos corredores do paço de Queluz:

Vós, illustre Villa Verde,
Com quem sempre me hei achado,
Fazei que seja o meu nome
A seus ouvidos levado:

Se lhe der acolhimento
Sigamos de Horacio as traças,
Façamos que a par das Musas
Marchem as risonhas graças.

Dizei-lhe que na folhinha
Com letras douradas puz
Aquelles formosos dias
Das escadas de Queluz.

Aquelles dias ditosos
Quando a seus pés ajoelhado,
Era ao abrigo das musas
Benignamente escutado;

Quando, tendo já traçado
Melhorar-me os meus destinos,
Se dignava perguntar-me
Como estavam os meninos.

Quando me mandou em verso
Contasse como escapára
N'aquelle funesto encontro
Dos taes carreiros da Enxara.

E se ainda o favor mereço
De tão alta protecção,
Dizei, que mudei de officio,
Porém de ventura não...

(*Obr.*, p. 60 e segs.)

Quando Tolentino descreve em umas decimas ao Conde de Villa Verde o encontro que teve com duas açafatas, torna a alludir á sua situação de pretendente nas escadas do palacio de Queluz:

Veremos da nova luz
Minha esperança allumiada,
Se aqui houver *uma escada*
Como a que houve em Queluz.

(*Obr.*, p. 286).

Nas Cartas de lord Beckford acha-se um vivissimo quadro d'essa chusma de pretendentes que se accumulavam nas escadas do palacio de Queluz á espera da piedade affrontosa de algum camareiro que fizesse chegar ás mãos da rainha ou do princepe os famulentos memoriaes; em um governo paternal em que tudo se fazia por arbitrio da personalida-

de real não havia outra base de justiça senão a que se contém n'este anexim portuguez: *Quem não pede não o ouve Deus.* Tolentino cumpriu á risca esta maxima da sociedade do seculo XVIII. Se a classe media e a aristocracia arruinada occupavam este logar nas escadas do paço, a plebe tambem desempenhava um papel mais vistoso; Beckford descreve o rancho de pobres com uma variedade artificiosa de pustulas, chagas e monstruosidades repugnantes, que se tornavam quasi um talento nacional; esse rancho seguia os principes Dom José e Dom João, como realidades evadidas da Côrte dos Milagres, como modelos do lapis de Calot, e atropellavam-se, engalfinhavam-se para apanharem as pequenas moedas que os principes atiravam ás rebatinhas. E' entre estes dois grupos que nos apparece Nicoláo Tolentino, o descontente mestre de Rhetorica, esperando nas *escadas de Queluz*, solicitando tambem — «sentar-se humildemente—n'um banco da *real secretaria.*»

Elle não faz esgares como os farroupilhas que chamam d'esse modo a attenção dos dois principes, atirando para as varandas do paço os barretes encrustados de cebacea sordidez á espera de alguns vintens, mas atira-lhe Sonetos, falla indevidamente da miseria da sua familia, do encargo de sustentar o pae e velhas manas, sobrinhos orphãos, e remata chasqueando a sua propria posição de Mestre de Rhetorica, dizendo affectada antiphrase que pretende: «Passar de *Mestre* a ser *Official.*»

Já n'este tempo o ser empregado publico era uma situação não menos aprazivel do que

a de frade sustentado pela ordem. Não contente de andar de Queluz para Caxias, Tolentino seguia a familia real, e mesmo no banho fazia chegar á princeza D. Maria Francisca Benedicta, mulher do principe Dom José, outro memorial, em que pede ás nymphas do Tejo:

Dizei-lhe, que *sustento irmãs donzellas,*
Outras viuvas; e ide-lhe lembrando
Que o bem que me fizer, é feito a ellas.

(*Obr.*, p. 7).

Depois de tanto pedir, o principe, que obedecia á monomania do tempo considerando a poesia como uma especie de incenso reservado á realeza, concedeu-lhe o despacho para uma Secretaria em 21 de Julho de 1781. Nos seus Sonetos compara-se ao naufrago, e diz:

..............de antigas agonias
Por vossas reaes mãos fui resgatado.

(*Obr.*, p. 5).

Cada anniversario do principe tornou-se um pretexto para novos pedidos; compare-se o seu caracter com o de Bocage, e a Elegia d'este escripta quando andava errante na China pelo sentimento da morte do principe, fará avultar o silencio de Tolentino como uma vileza. Lord Beckford, que soube apreciar magistralmente o caracter de Bocage, não tem nas suas Cartas uma unica referencia a Tolentino; indubitavelmente o conheceu, porque elle frequentou a convivencia dos fidalgos que protegiam o poeta, mas achou-o ignobil para se occupar d'elle.

A profissão de ensinar rhetorica era-lhe insupportavel; em um Soneto ao Conde de Villa Verde, depois Marquez de Angeja, diz:

> Chega a lacaio o sordido garoto,
> Cuidadoso anspeçada a galões finos,
> E chega o grumete a ser piloto.
>
> Ou tarde ou cedo mudam os destinos;
> Só eu, senhor, supponho que fiz voto
> De não passar de mestre de meninos.
>
> (*Obr.*, p. 12.)

> Emquanto corres, de espingarda armado
> Da fria Salvaterra os campos planos,
> Eu cá fico entre os dois Quintilianos,
> Livrinhos a que vivo condemnado.
>
> (*Ib.*, p. 13.)

Pode-se bem inferir que foi Dom Diogo de Noronha, Conde de Villa Verde e Marquez de Angeja, quem lhe obteve a protecção do princepe Dom José; em outro soneto, quando já se acha servido, diz-lhe:

> Vereis uma vencida *palmatoria*
> Entre as armas de Angeja debuxada.
>
> (*Ib.*, p. 15.)

No Soneto *Ao filho do Marquez de Angeja, em desculpa de não entrar no seu quarto quando teve bexigas*, repete confessando o beneficio: «por onde a fortuna em fim me veiu.»

> E qual fez maior bem o mundo pense:
> Se teu pae em livrar-me de rapazes,
> Se tu, do cruel mal que lhes pertence.
>
> (*Ib.*, p. 16.)

Prognosticando o horoscopo do filho do seu protector, ainda prosegue:

> Lereis que o braço seu tanto podia
> Que trocava *cadeiras de meninos*
> Por bancos da real *Secretaria.*
>
> (*Obr.,* p. 17.)

Tudo era occasião para peditorio obstinado e obcecado; aproveitando o ensejo do anniversario da Marqueza de Angeja, prosegue:

> Vae pedir, que descendo da cadeira
> Onde explico os crueis Quintilianos
> Me ensine a tomar melhor carreira.
>
> Que emfim ponhaes os olhos soberanos,
> A que me chegue em fim a *viradeira*
> No faustissimo dia d'estes annos.
>
> (*Obr.,* 18).

A *viradeira* era a expressão com que se designava a queda de Pombal e o restabelecimento das rotinas aristocraticas; Tolentino tambem esperava uma *viradeira* para a sua situação mesquinha. Depois de bem servido, pede para satisfazer tambem a vaidade pessoal; assim no anniversario do princepe Dom José, ainda implora: «Só me falta, senhor, a *fita preta.*» (*Obr.,* 54).

Foi o Marquez de Angeja, Dom José de Noronha, que descreveu ao princepe Dom José esse typo ratão do Tolentino, contando-lhe as suas facecias, e a anecdota dos carreiros de Enxara que o varejaram na estrada de Mafra. O proprio Tolentino descreve a origem d'este favoritismo:

Ao bom Princepe pediste
Que com mão compadecida
Lhes concedesse umas férias
Que durassem toda a vida;

Pedistes depois, senhor,
Que a sua real grandeza
Se dignasse de arrancar-me
D'entre os braços da pobreza.

Sei que n'elle é natural
Ter dó das alheias penas;
Mas, ouve-as melhor Augusto
Quando lh'as conta Mecenas.

Por este modo alegrastes
A triste familia minha,
E em casa nos levantastes
O interdicto da cosinha...

(*Ib.*, p. 72.)

Aqui o poeta mentia indignamente; o pae vivia com a filha viuva e o neto em casa propria; duas filhas estavam no recolhimento, e Tolentino morava independente frequentando as casas fidalgas e convivendo com folgasãos amigos. E continuando na sua choradeira escrevia ao Marquez de Angeja, celebrando-lhe o anniversario:

E se em dia de mercês
Ides de semana entrar,
Seja a mercê d'estes annos
O meu nome appresentar;

Ao Princepe, ajoelhando
Em favoravel momento,
Por mim, senhor, lhe jurae
Eterno agradecimento.

E eu largando este leito
Já sei a hora opportuna
De poder ajoelhar-me
Quando elle chega á tribuna...

O poeta tratava de appresentar um Memorial ao Princepe D. José, approveitando a circumstancia do falecimento do pae em 24 de Novembro de 1780, deixando varias filhas orfans, viuvas e donzellas e desvalidos sobrinhos! A Rhetorica emprestou-lhe todos os seus falsos recursos emocionantes, e a versejação as conceituosas quintilhas mirandinas. O Memorial consta de cincoenta e uma quintilhas, em que entretece a sua autobiographia: nascido nas faixas da pobreza, e educado pelo cuidado do pae para amparo dos irmãos! E' d'ahi que vem o seu fadario de ser mestre de Rhetorica:

Dezeseis annos gastados
Já no ingrato officio vão;
Tristes versos mal limados
Puz na vossa augusta mão,
Em dôr e em pranto forjados.

. . . .

Para *nova e injusta dor*
Peço hoje a vossa piedade,
Prestae-lhe ouvidos, senhor,
Funda-se na humanidade,
Merece o vosso favor:

Rotos os laços do mundo
Entre palavras truncadas,
Que bem mostram d'alma o fundo,
Orfãs em pranto banhadas
Me entrega o pae moribundo.

. . . .

Vae com mão egual cortado
Entre os irmãos infelizes
Pão com lagrimas ganhado,
Que, para os fazer felizes,
Me deixa a mim desgraçado.

. . . .

Pobres, chorosos irmãos,
Que em mim tem debil columna,
Não ergam desejos vãos;
Vejam na minha fortuna
A obra das vossas mãos.

(*Ib.*, p. 176.)

E não contente de se dirigir ao Princepe, entende que produzirá mais effeito pathetico o recorrer tambem á sensibilidade da princeza sua esposa, nas seguintes quadras:

Fundadas sobre a verdade,
As minhas supplicas vão,
Não peço por ambição,
Peço por necessidade.

Em mim o cuidado cae
De irmãs postas em pobreza;
A piedade e a natureza
Me fazem irmão e pae.

. . . .

São tristes orfãs donzellas,
E merecem suas dores,
Que vós, augustos senhores,
Hajaes piedade d'ellas.

. . . .

Vós, oh augusta Princeza,
Em quem o céo quiz juntar
O melhor que podem dar
A fortuna e a natureza.

Tende dó do seu lamento,
E dae a mão favoravel
A um sexo respeitavel
De que vós sois o ornamento.

(*Ib.*, p. 55.)

Na collecção manuscripta dos versos de Tolentino, da Academia, acompanha o Memorial a seguinte rubrica: «Estas quadras foram dirigidas ao Princepe D. José, filho mais

velho da Rainha D. Maria I e a sua augusta esposa a Princeza D. Maria Francisca Benedicta, irmã da mesma Rainha, de quem o Auctor era favorecido, e a quem deveu o logar de Official da Secretaria de Estado dos Negocios do Reino.»[1] Tolentino fazia da morte do pae, e da situação da imaginaria penuria das irmãs um quadro rhetorico, para alcançar um despacho que lisonjeava a sua vaidade pessoal e sybaritismo. A familia ignorava esta abjecção, que só veiu a conhecer quando os seus versos foram publicados ao fim de annos. Em outras Quintilhas ao Conde de Villa Nova da Cerveira, Ministro do Reino, repete os mesmos truques de effeito; simulando a scena do paroxismo de pae que em compungente falla lhe entrega as filhas á sua protecção:

Moças irmãs desvalidas
A quem dou pobre sustento,
Foram por vós deferidas;
Vivem em santo convento,
Dignamente recolhidas.

Pão com lagrimas ganhado
Lhe adoça a dura pobreza;
Por mim ao meio cortado,
Lhe vae da singela meza
Com são desejos mandado.
. . . .
Mas eu pobre e desgraçado
Sou dos irmãos a columna;
Sou infeliz, mas honrado;
Dom acima da fortuna,
Por isso o não tem levado...

[1] Ms. da Acad., G. 3; E. 7; n.º 4, p. 7.

De inuteis lagrimas crúas
Ver os sobrinhos banhar
As mimosas carnes núas,
E ir sómente misturar
Minhas lagrimas ás suas;...

Dae-me vós, senhor, a mão,
E n'esta obra ajuntemos
Vós poder, eu coração;
Uma familia tiremos
De miseria e afflicção. [1]

Chega a ser impudente; as irmãs que estavam no *santo convento*, no Recolhimento de Lazaro Leitão, eram D. Rita Michaela de Cacia, que entrou para a clausura em 1767, depois do falecimento de sua mãe, com uma pensão de 60$000 reis na Obra Pia; e D. Jeronyma Maxima do Monte do Carmo, que acompanhou a irmã e como ella chegou a regente do mesmo recolhimento. Os sobrinhos eram Francisco da Silva Coimbra, filho de sua irmã D. Joaquina Thereza Froes de Brito, e o beneficiado Gonçalo José Maria, filho de sua irmã D. Anna Thereza Froes de Brito, que eram bem aparentadas e com recursos.

---

[1] *Obras*, p. 177. No Manuscripto da Academia estas quintilhas tem inedito o seguinte final de occasião:

Já férro, senhor, os pannós,
Só digo que se os destinos
Vos põem para evitar damnos,
Villa Viçosa tem sinos,
Lisboa Quintilianos.

Uma nota explicava o sentido: «Todos os dias se faziam versos jocosos ao toque continuo e impertinente dos sinos de Villa Viçosa.» Vid. o Soneto *A' impertinencia dos Sinos de Villa Viçosa.* (p. 30.)

Apesar d'isto Tolèntino insistia em outras Quintilhas a D. Diogo de Noronha, o Conde de Villa Verde:

Irmãs com tenras crianças
Chorando pranto innocente,
Que enxugam com as soltas tranças,
Põem em mim inutilmente
Os olhos com as esperanças.

Orfãs de mãe e donzellas,
Choram-me outras de redor,
Em vão me condôo d'ellas;
O seu triste bemfeitor
E' outro infeliz como ellas.

(*Obr.*, p. 184.)

Tudo isto se resumia, em conclusão: libertar-se dos Quintilianos, e dos meninos da aula de Rhetorica da rua da Rosa; era a unica verdade do sentimento que o inspirava. Com a mesma teima se dirigiu em outras Quintilhas ao terceiro Marquez do Lavradio, D. Antonio Maximo de Almeida Soares de Alarcão, que era tenente coronel do Regimento de Lippe, e deputado da Junta dos Tres Estados:

E que egualmente menêa
Ora as bandeiras de Marte,
Ora as balanças de Astrêa...

Pintar irmãs desgrenhadas
Co'as crianças innocentes
Nos debeis braços alçadas,
E de lagrimas ardentes
Quasi sem fructo banhadas:

(*Ib.*, p. 198.)

Todo esse aranzel era para que se visse livre do ensino da Rhetorica symbolisado em uma *palmatoria*, que se tornaria tropheo das

armas historicas dos Almeidas! D. Joaquina Thereza Froes de Brito, compilando noticias particulares da vida e costumes de seu irmão, devia repellir com magoa tanta indignidade.

Até que, ao cabo de muitos peditorios e choradeiras, conseguiu Tolentino ser despachado Official praticante de Secretaria, por Aviso de 21 de Julho de 1781. Eis o suspirado documento:

«O Visconde de Villa Nova da Cerveira, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reino, etc.

«Pela faculdade, que S. Mag.de me concede, e em conformidade das suas reaes ordens: Nomeio a Nicoláo Tolentino de Almeida para Official praticante da Secretaria de Estado dos Negocios do Reino, sem que em virtude d'esta nomeação possa entender que tem direito algum para entrar em logar ordinario no caso de vacatura d'elle; nem entender-se que lh'o dá a antiguidade da sua admissão, e exercicio do lugar em que é nomeado. Paço de Queluz, em 21 de Julho de 1781.—Visconde de Villa Nova da Cerveira.» [1]

A mercê era insignificante, mas o poeta tinha apanhado o fio para pescar o resto; assim logo no anniversario do Princepe Dom José impingiu um Soneto, não de festival mas de peditorio, para lhe ser concedida a *fita preta* dos Officiaes ordinarios:

---

[1] *Avisos* do Min. do Reino, vol. 18, fl. 215 v. Torre do Tombo.

N'este dia em que a côrte se alvoroça,
Tambem se enfeita o misero poeta...

Só me falta, Senhor, a *fita preta*,
Mas, vós tendes a culpa ou cousa vossa.

(*Ib.*, p. 54.)

As cousas correram favoraveis, e o Visconde de Villa Nova da Cerveira, assignava em 25 de Outubro de 1783 o seguinte Aviso: «Pela faculdade que S. Mag.de me concede, e na conformidade das suas reaes ordens, nomeio a Nicoláo Tolentino de Almeida para Official ordinario da Secretaria de Estado dos Negocios do Reino no logar que vagou por falecimento de José Thomaz de Sá, em attenção ao bem que n'ella tem servido no exercicio de Official praticante. Palacio de Queluz, 25 de Outubro de 1783. — Visconde de Villa Nova da Cerveira.»

Não se contentando com a protecção da Casa de Angeja, dedica umas Quintilhas ao Conde de San Lourenço, o erudito amigo de Garção, o protector do Quita e de José Antonio de Brito, *(Olino)* pedindo-lhe tambem o seu valimento como poeta:

Pois vi outr'ora amparado
O discreto e doce Brito,
Triste moço em flor cortado,
Que ia alevantando o esp'rito,
De vossas luzes guiado;

....

Hoje, outro triste vos faça
Nascer eguaes sentimentos;
Com os vossos pés se abraça;
Não tem os mesmos talentos,
Mas tem a mesma desgraça:

Nascido em baixa pobreza
Quiz buscar uma columna...

(*Ib.*, p. 191.)

Tolentino, sabendo da grande amisade de D. Pedro III pelo Conde de S. Lourenço, calculou a importancia que teria na côrte onde entrava depois da sahida das prisões da Junqueira; mas o Conde de San Lourenço vendo-se menos considerado no paço atirou com a chave de camareiro á cloaca e recolheu-se ao Convento dos Padres das Necessidades. [1]

Em 1787, quando Tolentino já havia realisado todas as suas aspirações, ainda não perdia ensejo para atacar os amigos com um teimoso peditorio; no dia 3 de Junho fizera-se a sagração do Bispo do Algarve nas Necessidades, com o apparato de uma festa de uma côrte beata e vaidosa. Tolentino descreve essa festa pelo lado comico, no que

---

[1] Era, segundo descreve Beckford, em 1787, na Carta XIX, um velho fanhoso, gordo, acaçapado e asthmatico. Eis o principal contorno da sua physionomia: «O velho San Lourenço tem prodigiosa memoria e a imaginação escandecida, ainda mais exaltada por um leve toque de loucura. Apresenta-se perfeitamente conhecedor da politica geral da Europa, e, posto que nunca désse um passo fóra de Portugal, narra tão circumstanciada e plausivelmente os modernos successos e a parte que elle proprio desempenhou no Congresso de Aix-la-Chapelle, que eu caí no logro, e acreditei, emquanto me não informaram do segredo, que elle effectivamente presenciara o que só tinha sonhado. Não obstante a subida graça em que estava para com o infante Dom Pedro, o marquez de Pombal o havia encarcerado com outras victimas da conspiração do Duque de Aveiro, e por dezouto tristissimos annos achou-se a sua ideia activa a se alimentar dos seus proprios recursos.

«Pela exaltação da rainha actual, saíu solto e encontrou participante do throno S. A. R., seu intimo amigo; porém, vendo-se recebido friamente e posto

respeitava á sua propria pessoa, dizendo que lhe lembrou chrismar-se, por ser acto episcopal:

> Lembrou-me trocar o nome
> De *mestre* em *official*.

E mais adiante, com um toque franco de realismo:

> O bom Lima me encaminha,
> Foi-me pôr na tal portinha
> Onde os pretendentes vão
> Pôr os joelhos no chão
> E os olhos na rainha.
>
> (*Obr.*, p. 284.)

N'esta mesma cerimonia se encontrou o acerado e joven lord Beckford, que a descreve: «Fômos por especial convite ao real convento das Necessidades, pertencente aos congregados, vêr a cerimonia da sagração do Bispo do Algarve, padre d'esta casa: estivemos collocados defronte do altar n'uma tribuna atulhada de figurões de lustrosos trajos, pessoas relacionadas com o novo prelado. O pavimento estava alcatifado com ricos tapetes

---

de banda com vilania, arrojou a chave de camarista, que lhe haviam mandado, a um logar pouco limpo e decoroso, e recolheu-se á casa religiosa das Necessidades. Certificaram-me que não houve meios que o rei não tentasse para o afagar e lisongear; mas todos foram infructiferos. Desde esse periodo, posto que largasse o Convento, nunca appareceu na côrte e recusou todo o emprego. Agora só a devoção lhe absorve a alma. Excepto quando lhe tocam na corda da prisão e do Marquez de Pombal; acham-no placido e rasoavel...» Tal era o erudito da Academia da Historia, que as desgraças da autocracia de Pombal alquebraram. Foi junto d'elle que repousou Bocage, quando perseguido pelo Intendente Manique, no convento das Necessidades.

e cochins de veludo, onde se podia ajoelhar muito bem; mas não obstante esta commodidade, pensei que a cerimonia nunca acabava. Havia um excessivo esplendor de cruzes, thuribulos, mitras, baculos em continuo movimento, porque varios bispos assistiam com toda a sua pompa... Sentia-me opprimido pelo calor e pelo sermão; effectuei a minha retirada da esplendida tribuna sorrateira e caladamente...» Descrevendo uma visita á casa do Marquez de Penalva, e da sua entrada excepcional no quarto das senhoras, torna Beckford a descrever o Bispo do Algarve: «E quem havia de encontrar no meio do grupo das senhoras, sentado como ellas no chão á moda de Berberia? O recem-sagrado e ainda com muitos visos de moço, Bispo do Algarve, cujas bochechas morenas, nedias e de rapaz de eschola ficavam á sombra de um enorme par de oculos verdes! A verdade me obriga a confessar, que a expressão de seus olhos debaixo d'aquelles formidaveis vidros não participava absolutamente do mais sisudo, manso e apostolico caracter.» Tolentino, que assistira como pretendente á festa da sagração do Bispo do Algarve, e frequentava a casa dos Penalvas, pelo favor compassivo que então a aristocracia dava aos poetas, não apparece citado nas Cartas de Beckford, apezar de ser um typo tão caracteristico que não devia escapar á observação do espirituoso lord. Nas suas Cartas Beckford cita com enthusiasmo Manoel Maria, e o então seu rival no vigor satirico, Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral; porque não conheceria Tolentino? Porque as familias que frequenta-

va não lh'o appresentaram; Tolentino pelos seus constantes peditorios tornara-se desprezivel, e só o attendiam para se vêrem livres d'elle. Se o não appresentaram a Beckford, foi com medo que lhe pedisse esmola. Duas decimas ao Marquez de Penalva fundam-se no constante peditorio: livral-o dos rapazes, e fallar ao princepe com a mesma eloquencia com que falla na Academia. (Pg. 292.) Que pena que Beckford não retratasse este grande caricaturista!

Por esta decima se conhece que Nicoláo Tolentino tambem pertenceu á *Academia das Sciencias* de Lisboa, inaugurada em 16 de Janeiro de 1780:

> Hontem soube o que podia
> Estilo suave e brando,
> E quanto podeis fallando
> *Eu o vi na Academia.*

No Catalogo dos socios da Academia das Sciencias encontrámos ultimamente o nome de Tolentino; [1] estes versos devem considerar-se como prova decisiva de que pertenceu a essa corporação, pelo menos até ao tempo em que os seus principaes membros se tornaram suspeitos ao Intendente Manique de espiritos philosophicos e liberaes. Tolentino era essencialmente egoista e não queria ser encommodado; a *Academia das Sciencias* fôra de 1780 a 1794 um grande fóco de trabalho intellectual, onde as doutrinas encyclopedistas achavam nos nossos principaes homens do seculo

---

[1] Apparece o seu nome nos *Almanacks de Lisboa* até 1788.

XVIII uma adhesão sincera; Tolentino não comprehendia esta missão scientifica iniciada pela Academia, e só conheceu que entre taes sabios poderia incorrer na suspeição do terrivel Manique; pode-se dizer que se *esgueirou* da Academia sem formalidades, fazendo como os academicos de hoje, não trabalhando. O espectaculo que o Intendente da Policia dava ao publico mandando queimar no terreiro do Paço pelas mãos do carrasco os livros francezes, a perseguição de Corrêa da Serra e de Brotero, não justificam a apathia de Tolentino. E' por isso que as suas queixas não infundem sympathia e tornam-no desprezivel. Tolentino foi nomeado socio *supranumerario* da Academia em 19 de Janeiro de 1780, e na sessão de 6 de Dezembro d'esse mesmo anno eleito para a commissão do *Diccionario da Lingua portugueza*. José de Torres attribue a saída da Academia a ter o poeta incorrido na pena dos Estatutos, que comminava a exclusão ao socio que não apresentasse trabalhos durante dois annos. Considerando que em 11 de Septembro de 1788 foi a morte inesperada do princepe Dom José, e que n'esse anno começou com mais fervor a intolerancia reaccionaria do partido aristocratico e clerical, que atacava o desenvolvimento scientifico sob o nome de *philosophismo*, o facto de não apparecer o nome de Tolentino como socio da Academia nos *Almanacks de Lisboa* depois de 1788, leva-nos a inferir que elle proprio immergiu na sombra para não ser perturbado. E' tambem para notar que tendo a *Academia das Humanidades de Lisboa* celebrado a morte prematura do Prince-

pe, Nicoláo Tolentino, que tanto lhe devia, não consagrasse esse facto que actuou no sentimento publico. Esta omissão é depressiva para elle, e até certo ponto explica o não ter entrado para a *Nova Arcadia*, constituida em 1790. [1]

Quando Tolentino já não precisava de pedir em nome das irmãs desgrenhadas e dos sobrinhos famintos, agradecia favores para se inculcar como seu protector. No Soneto que traz a rubrica: *A José de Seabra da Silva, que promoveu o despacho de uma tença para as irmãs do auctor*, que se fixa em 1792, escreve:

> Com pardo carmelita vestuario,
> Irmãs, que contam já muito janeiro,
> . . . .
> A tença que lhe destes de dinheiro
> Recompensam com outra de um rosario.
>
> Co'as vozes suas vae a minha unida...
>
> (*Ib.*, p. 24.)

---

[1] O poeta aspirava a fidalgo da casa real, como se vê pelo Alvará de 10 de Septembro de 1790: «que attendendo a Nicoláo Tolentino de Almeida haver servido de Official de Minha Secretaria de Estado dos Negocios do Reino em que ficava continuando com boa satisfação, merecimento e fidelidade, em consideração de tudo e do exemplo que allegou; Hey por bem e me praz fazer-lhe mercê de o tomar por Escudeiro fidalgo de Minha Caza com 450 reis e Moradia por mez, e juntamente o accrescentamento logo a Cavalleiro Fidalgo d'ella com 300 rs. mais em sua Moradia, para que tenha e haja de 750 rs. de Moradia por mez de Cavalleiro Fidalgo e alqueire de cevada por dia segundo Ordenança, e he a Moradia ordinaria. Lisboa etc.» (Livro das Mercês de D. Maria I, n.º 26, fl. 34 v. — Ha outra no vol. 27 a fl. 28.)

As irmãs a que o poeta allude eram Dona Joaquina Thereza Froes de Brito, e D. Jeronyma Maxima do Monte do Carmo; a tença de que se trata, constava, segundo os documentos officiaes, do seguinte: por decreto de 18 de Fevereiro de 1790, D. Joaquina, como regente da Real Casa dos Expostos foi agraciada com a mercê de 80$000 rs. annuaes pagos aos quarteis, por ter servido o dito logar «com o maior zelo, amor e caridade» gratuitamente. Por portaria de 22 de Dezembro de [1] 1791 concedeu-se a D. Jeronyma o poder comprar uma tença annual de 50$000 reis a uns taes Robalos Elvas, tendo sido essa portaria assignada pelo ministro José de Seabra da Silva. Desde o falecimento de sua irmã D. Rita Michaela, antes de 1780, entrara D. Jeronyma na sobrevivencia da pensão dos 60$000 rs. annuaes da Obra Pia, que alcançara seu pae. Já se vê que o poeta em nada influiu nos meritos publicamente reconhecidos na regencia da Casa dos Expostos, nem nos recursos da legitima paterna, com que as duas irmãs obtiveram, uma a mercê regia e outra a acquisição da tença. O poeta, fecha o mentiroso soneto desejando a José de Seabra mais de vida — «Os annos que as devotas tem de edade.» D. Joaquina contava então cincoenta e quatro annos, e D. Jeronyma quarenta e nove; a phrase *muito janeiro* era uma hyperbole de effeito.

Com a protecção assoalhada a favor do irmão Francisco de Paula de Almeida, agra-

[1] Baena, *Memorias de Tolentino*, Doc. n.º 18.

decendo o seu despacho ao ministro Luiz Pinto de Sousa, repete-se a mesma indigna philaucia. Francisco de Paula seguira na expedição auxiliar do Roussillon e Catalunha com o posto de alferes, e lá se distinguiu por fórma, que sendo ferido por uma bala de artilheria em 17 de Dezembro de 1794, o commandante Forbes Skellater fez logo que fosse promovido a capitão. Quando em decreto de 12 de Septembro de 1797 foi promovido a Sargento-mór de infanteria e governador do forte de S. Pedro de Paço de Arcos, allegaram-se n'esses documentos as provas de comportamento militar que dera n'essa campanha. No Soneto *A Luiz Pinto de Sousa, que promoveu o despacho de um irmão do autor*, Tolentino allude á expedição do Roussillon e ao golpe no peito que Francisco de Paula recebera:

> Do Rosselhão na rapida conquista
> Da Magdalena na subida brava...
>
> Hoje, porém, em que ambos nos curamos,
> *Elle o golpe do peito*, eu os da caixa...
>
> (*Ib.*, p. 23.)

E para não deixar duvidas sobre a origem do despacho do valoroso irmão, escreve umas Decimas «*A Dona Catherina de Sousa, tendo feito a honra ao Autor de uma vestia de setim; e pedindo-lhe que lembrasse o requerimento em que seu irmão pretendia o governo de um forte.*» Ahi traz o verso: «Sou poeta, dae-me amparo.» O que o misero concebia da individualidade de poeta! Pulsando a nota do servilismo, metrifica á dama que hostilisava o exilado Filinto:

Não peço hoje para mim;
Bem coberto anda meu peito;
Inda beijo, inda respeito
Uma véstia de setim.
Triste irmão tem já no fim
Farda rota e chamuscada,
Tem má côr e é malfadada;
Quer que a mão piedosa e franca
Que a mim me deu vestia branca,
Lhe dê casaca encarnada.

(*Ib.*, p. 294.)

Francisco de Paula, como sargento-mór de infanteria e casado com uma senhora de uma familia illustre, condecorado com as medalhas da campanha e uma tença do habito de Avis, não era o *triste irmão* de *farda rota*, que o poeta expõe á caridade do ministro. Falecendo em 1799, com cincoenta e cinco annos, em consequencia dos estragos da guerra, Francisco de Paula não passou pelo desgosto de vêr os seus meritos e serviços postergados pelo irmão, nos versos impressos em que elle se arrogava protecções imaginarias. [1]

A situação de Portugal tornava-se, diante

---

[1] Na patente de nomeação lê-se: «attendendo aos serviços e merecimentos de Francisco de Paula de Almeida, capitão do regimento de Infanteria de Peniche, um dos que foram auxiliar a Corôa de Hespanha, e ao valor com que se portou em todas as acções em que se achou, em uma das quaes foi contuso de uma bala; e attendendo outrosim á impossibilidade em que se acha de poder servir-me em qualquer Regimento, aonde muito se distinguiria por não poder fazer marchas, por causa de um rheumatismo gotoso, na mesma expedição adquirido...» E' de 27 de Septembro de 1797 a patente. (Doc. n.º 22 das *Mem.*) E o poeta egoista punha sobre isto tudo o seu valimento pessoal.

da Revolução franceza e da lucta titanica de Napoleão com a Inglaterra, extremamente precaria; o reconhecimento publico da demencia de D. Maria I e a auto-investidura do Princepe Regente no governo da nação sem convocar as Côrtes geraes, lançaram o paiz em um vórtice ainda mais terrivel pela incapacidade dos ministros que usavam do poder. Convinha manter uma completa *neutralidade* como condição de existencia; era essa a opinião do velho Duque de Lafões, que não foi acatada. A expedição do Roussillon, pela qual o general inglez Forbes reuniu ao exercito hespanhol dos Pyreneos seis mil homens do exercito portuguez (1793) devia produzir terriveis resultados; a Hespanha, pelo tratado de Bâle, desligou-se da Inglaterra, mas Dom João VI e os que o dirigiam não souberam libertar-se d'esse errado passo. Desde esse momento Portugal ficou um joguete de Inglaterra; e logo que Napoleão foi feito Consul, tratou de captar a Hespanha para atacar Portugal, fazendo transpôr os Pyreneos vinte e cinco mil francezes, e entregando o commando ao favorito ministro de Carlos IV, D. Manoel Godoi. Com este apparato se impoz a Dom João VI o abandono da Alliança ingleza; e apesar do Princepe Regente se vêr desamparado pela Inglaterra, expoz-se á declaração de guerra de 27 de fevereiro de 1801. A Inglaterra ameaçava-o de se apoderar do Brasil; era esse terror que o fazia affrontar a invasão hespanhola, confiando secretamente na benevolencia do sogro Carlos IV. Godoi entrou em Portugal com artilharia para occupar Juromenha e Olivença,

e na sua marcha triumphal foi-lhe ao encontro o velho Duque de Lafões, generalissimo do exercito portuguez. O Duque, conhecedor como ninguem do estado politico da Europa, dizia que Portugal e Hespanha eram dois machos espicaçados pela Inglaterra e França, e que os dois paizes em vez de se combaterem a serio, sacudissem os guizos da colleira para fingir que se agitavam. O Regente teve de enviar Luiz Pinto de Sousa para alcançar a paz, que começou pelo tratado de Badajoz de 6 de junho de 1801, terminando pelo tratado de Madrid de 27 de Novembro de 1801.

Nicoláo Tolentino, que lisongeava o engenho poetico de D. Catherina Michaela de Sousa, dedicou-lhe uns versos, que tem a seguinte rubrica: «*A' Senhora D. Catherina de Sousa, na occasião em que Hespanha declara a guerra a Portugal, e que Luiz Pinto foi a Badajoz para negociar a paz, fazendo-se entretanto embargo de cavalgaduras para o exercito. Foi isto no anno de 1801.*» [1] E' de Tolentino a satira em quadras intitulada *Dialogo que precedeu a partida dos tres cagões Batalha, Stockler e Lafões*, que está inedita; começa por esta falla do duque:

O tempo veiu, Batalha,
Em que nos campos de Marte
Vou mostrar aos Hespanhoes
Meu engenho, minha arte.

De Portalegre me dizem
Que o Guadiana passaram,
Que Olivença surprehenderam,
Que Campo Maior atacaram.

---

[1] Ms. da Acad., 62; 8, fl. 261.

Ao insolente Godoi
As orelhas cortarei;
Sou Bragança, e na Allemanha
Das aguas por baixo andei.

As ordens tenho passado
Para marchar de carreira,
Tu vae cuidar dos transportes,
Que eu entro já na liteira.

BATALHA, *respondendo-lhe:*

Meu bom Nestor, esse brio,
Esse cansado valor,
Não é melhor applical-o
Para as campanhas do amor?

Vossa Excellencia abatido
Com cem janeiros no rabo...

DUQUE:

Não tenhas medo, Batalha,
A tropa tem valentia;
Stockler fará o plano,
Nas suas luzes confia.

Por Vauban e Frederico
E varios outros auctores,
Jurou na minha presença
Que seremos vencedores.

BATALHA:

Não coma petas, meu Duque,
Não crêa n'esse Quixote,
Nada petisca de guerra
E quer fazer de Carnot...

A satira é bastante extensa e curiosa, pintando ao vivo o estado de desalento e desorganisação do exercito. Todos os desconcertos dos politicos que cercavam D. João VI e suas deploraveis consequencias foram attribuidos ao Duque de Lafões, o unico homem que sempre proclamara a politica da neutralida-

de, e fallava com franqueza aos ministros. Foi demittido do commando do exercito, e teve a ventura de morrer a tempo de não vêr as catastrophes assombrosas que se seguiram d'essa politica de subserviencia á Inglaterra. Nicoláo Tolentino, para lisongear Luiz Pinto de Sousa, continuou a satirisar o Duque de Lafões; no Ms. 516, das suas poesias, vem a seguinte modinha, ainda inedita, e que pela data — *Junho de 1801*, — revela a intenção, chasqueando dos conhecimentos musicaes do Duque de Lafões, intimo amigo de Gluck:

Tocando no seu piano
Como toca o Marechal,
Se tocar sempre piano
Que será de Portugal?
    Depois do Adagio
    Segue-se a Fuga,
    A testa enruga
    O Mestre Leal. [1]

As Modinhas portuguezas
Nunca soaram mal;
Se agora desafinam
E' na musica do Mar'chal.
    Depois do adagio
    Segue-se a fuga...

Este Mar'chal enxertado
Tem na cabeça e seu mal,
Venha um mestre do officio
Que seja Mestre *Leal.*
    Depois do adagio
    Segue-se a fuga...

Cesar veiu, viu e venceu,
Duque veiu, não viu, *fugiu.*

---

[1] Allude a Antonio Leal Moreira, professor de Musica do Seminario patriarchal, compositor de varias Operas cantadas em San Carlos, em Queluz e na Ajuda de 1783 a 1798.

A satira exprime-se pelo homophono da *fuga* (fórma musical, e deserção) e pelo equivoco do maestro *Leal* para encobrir a denuncia de traição com que pretendiam ferir o Duque. Quasi sempre os desastres materiaes são simultaneos com as derrocadas moraes. Tolentino tinha pendente uma pretenção, que sendo promettida pelo Marquez de Ponte de Lima não se effectuara pelo falecimento d'este: era a impressão por conta do estado das suas poesias. N'este intuito dirigiu umas quadras *A D. Catherina Michaela de Sousa, esposa de Luiz Pinto de Sousa, tendo este expedido Aviso para se imprimirem as Obras do Auctor.* (Pg. 86.) Nos versos que anteriormente fizera *Ao Marquez de Ponte de Lima*, pedindo-lhe o auctor licença para ir a banhos, *na occasião em que se tinha encarregado de lhe promover a mercê de se imprimirem as suas Obras na Officina regia*, bem se revela que o seu ideal não vae mais longe do que:

> Impertinentes crédores
> Largar-me-hão emfim a rua...
>
> (*Ib.*, p. 76.)

Pedindo como cego, dirigia tambem quadras *A D. Lourenço de Lima, tendo promettido ao Auctor*, que quando chegasse das Caldas *havia lembrar a mercê de se lhe imprimirem as Obras*, (p. 78.) Tambem mandou quadras *Ao Conde dos Arcos, sobre o mesmo assumpto de se imprimirem as Obras do Auctor*, (p. 82.) E ainda reforça o pedido a D. Fernando de Lima:

Sei que a vossa illustre Casa
E' das que honram Portugal,
Mas eu quero outra melhor,
Quero a Casa *Manescal*.

(*Ib.*, p. 83.)

Impressa a obra em dois tomos, encampou-a ao official graduado da Secretaria do reino Manoel José Sarmento, que perdeu o dinheiro que dera, por que a obra não teve venda.

Em umas Quintilhas aos annos do Conde de Villa Verde (Dom Diogo), que começam: Não venho dourar enganos, — e em que lhe confessa: Pedem-me as trémulas mãos — Mais do que a Lyra, muletas, — no manuscripto da Academia das Sciencias está a rubrica «*Em 15 de Julho de 1804.*» O poeta sentia-se avelhentado, e n'este anno appresentou ao Princepe Regente o requerimento seguinte:

«Diz Nicoláo Tolentino de Almeida, que elle tem servido a V. Alteza Real 16 annos de Professor regio de Rhetorica (1765 a 1781) e Poetica, e vinte e tres de Official de Secretaria dos Negocios do Reino (1781 a 1804); *que tendo-lhe ficado por falecimento de seu pae muitas irmãs e sobrinhas sem terem absolutamente meios alguns de subsistencia*, divide elle entre ellas o seu ordenado, e lhes procurou soccorros, entre os quaes foi o requerer a seu favor remuneração dos proprios serviços, que obtivera tenças, mercê que a *calamidade dos tempos lhe tem feito pouco util;* que achando-se em edade avançada, *e entrevendo a indigencia em que ficarão*, principalmente *suas duas irmãs*, viuva e uma

donzella, com poucos meios de subsistirem, e esses mui faliveis, recorre á paternal piedade de V. Alteza real appresentando os seus segundos serviços fiscalisados e decretados na fórma do regimento, e pedindo humildemente que se digne remuneral-os com a mercê effectiva que fôr do seu real agrado, e sobrevivencia repartidamente entre suas tres irmãs D. Anna Thereza, D. Joaquina Thereza, e D. Jeronyma Maxima, mercê que pouco aggravará a Real Fazenda, por que duas ainda são de idade mais avançada, que o supplicante.

«Por tanto pede a V. Alteza Real, que em remuneração dos ditos serviços e muito principalmente por sua real beneficencia seja servido concedel-o assim. E. R. M.» [1] O decreto datado de 17 de Dezembro de 1804 é assignado pelo Conde de Villa Verde, concedendo a pensão de 200$000 rs. annuaes, com que lhe pagava os versos:

> Serem por vós levantados
> Os talentos esquecidos;
> Do triste os ais desprezados
> Serem aos reaes ouvidos
> Pelas vossas mãos levados.
>
> (*Ib.*, p. 189.)

---

[1] *Mem. de Tolentino*, Doc. n.º 23. N'este mesmo anno, as filhas do mestre de Rhetorica Francisco de Sales, que pertencera á Arcadia lusitana, requereram tambem um auxilio official; foi transmittido aviso regio em data de 28 de Septembro de 1804 ao Bispo Conde para informar sobre a pretenção de D. Emygdia Josepha Rosa de Sales e de sua irmã. (Livros do Ministerio de Reino — Universidade — Vol. 439, fl. 82.)

O poeta continuava o seu systema de mentira pintando de um modo indigno a indigencia das irmãs; era a préga da Rhetorica. Depois d'isto tambem foi aposentado com meio ordenado ou 225$000 reis, que ainda recebia em 23 de Março de 1804.

O magnifico soneto a *Dois velhos jogando o Gamão* — Em escura botica encantoados — liga-se á epoca em que Tolentino viera residir para os Cardaes, tendo a sua repartição no Terreiro do Paço. Segundo memorias contemporaneas, essa botica era de Antonio Feliciano Alves de Azevedo, proximo do Botequim das Parras, no Rocio, com os n.os 77 e 78. Frequentavam-a varios poetas, taes como o P.e Theotonio Canuto Forjó, D. Gastão Fausto da Camara, o medico e prégador secular Sinval, o P.e Marques e principalmente Tolentino. [1] O facto de Bocage e Tolentino não fazerem a minima referencia um do outro nas suas obras, levou a considerar se na realidade tiveram relações pessoaes; a proximidade da botica de Feliciano Alves e do botequim das Parras fórça a inferir, que os dois poetas que frequentavam esses pasmatorios se encontrariam por vezes. Fundamenta-o a anecdota: Bocage estava encostado á umbreira da porta do botequim das Parras silencioso e meditabundo, e Tolentino dirigindo-se para a botica do Feliciano perguntou-lhe:

— Elmano! a lyra divina
Porque rasão emudece?

---

[1] Pinto de Carvalho, *Lisboa de outros tempos*, t. II, p. 106.

«Porque mais cala no mundo
Quem mais o mundo conhece.

Devolveu logo Bocage com a rapidez e espontaneidade caracteristica da sua improvisação. Insistiu Tolentino:

— Que tens achado no mundo
Que mais assombro te faça?

«Um Poeta com ventura,
Um toleirão com desgraça.

O desfecho epigrammatico de Bocage estimulou a causticidade de Tolentino, continuando ambos o tiroteio poetico já rodeados dos seus admiradores. Tolentino andava despeitado com o triumpho dos versos sonoros de Bocage, em quanto os seus dois volumes não tinham a minima procura. Quem se preoccupava com versos em uma crise angustiosa da nacionalidade? Os espiritos liberaes previam a invasão napoleonica, e a aristocracia intrigava para tirar a regencia a D. João VI, e entregal-a a Carlota Joaquina, digna irmã de Fernando VII. Que interesse podiam suscitar uns versos mesquinhamente pessoaes, peditorios envolvidos na capa dourada das lisonjas? Andava-se em um pezadelo temeroso sem a comprehensão dos acontecimentos. Os ministros ignoravam o Tratado de Fontainebleau, de 27 de Outubro de 1807, que retalhava Portugal, e na côrte não se sabia que o exercito francez em 26 de Novembro chegara a Abrantes. Então a Inglaterra fez o seu jogo, e por via de lord Strangford mostrou a D. João VI o decreto de Napoleão de 11 de

Novembro que destituia a dynastia de Bragança. Dom João VI entregou-se á Inglaterra, para o que ella mandasse: seguiu-se a fuga para o Rio de Janeiro. Os navios do estado além da familia real portugueza levaram quinze mil pessoas, creados e fidalgos, e todo o dinheiro que existia nos cofres publicos. O monarcha, abandonando o seu povo a uma Regencia inepta, recommendava obediencia ao invasor. A consequencia immediata d'esse exodo de covardia moral de 27 de Novembro de 1807 foi a desmembração do Brasil, e o desvio de immensas riquezas nacionaes. Comprehende-se como se alterara o meio aristocratico em que se expandia o espirito de Tolentino; já não tinha a quem fazer versos nos anniversarios, nem jantares opiparos a que assistir. Conta o Marquez de Resende a seguinte anecdota: «quando no tenebroso dia 29 de novembro de 1807, ao sahir com meu pae da praça de Belem onde tinhamos assistido ao embarque de tres gerações de reis, encontrámos o nosso tão nacional e tão popular poeta Nicoláo Tolentino de Almeida succumbido ás desgraças da patria, como Camões depois da perda de D. Sebastião nos campos de Africa, apontando-lhe um de nós para o mosteiro de Belem, para fazer diversão ao seu animo sobrecarregado de tristeza e de dôr, olhou elle para o magestoso edificio, e voltando-se depois para nós, disse-nos: — E' o paraiso visto do inferno.» [1] Não o opprimia só a vergonha de vêr a patria abandonada

[1] *Panorama*, de 1854, p. 254.

pelo seu rei diante da invasão de 1500 francezes maltrapilhos, que era de quanto constava o exercito de Junot, quando occupou Lisboa! A religião, que tanto deprimira este povo, impunha-lhe n'este momento a obediencia a Napoleão como enviado pela Providencia. O despota côrso restaurara o Catholicismo em França e fizera uma Concordata com o Papa, e por isso dizia no seu monstruoso cynismo, que para a occupação da Europa o apoio clerical era *como se tivesse duzentos mil homens em armas*. E de facto o Cardeal Patriarcha de Lisboa (José Francisco de Mendonça, o heroe do Poema *Reino da Estúpidez)* em uma Pastoral datada de 8 de Dezembro de 1807, exhorta que agradeçamos a Deus «tão continuos beneficios que da sua liberal mão temos recebido, sendo um d'elles a boa quietação com que n'este Reino tem sido recebido um grande Exercito, o qual vindo em nosso soccoro, nos dá bem fundadas esperanças de felicidade; beneficio que egualmente devemos á actividade e boa direcção do General em chefe, que o commanda, cujas virtudes são por nós ha muito tempo conhecidas.

«Não temaes, amados Filhos, vivei seguros em vossas casas e fóra d'ellas, lembraevos que este Exercito é de Sua Magestade o Imperador dos Francezes e Rei de Italia, Napoleão o Grande, *que Deus tem destinado para amparar e proteger a Religião*, e fazer a felicidade dos Povos. Vós o sabeis, todo o mundo o sabe. Confiae com segurança inalteravel n'este Homem prodigioso, desconhecido de todos os seculos. Elle derramará sobre

nós as felicidades da Paz, se vós respeitares as suas Determinações, se vos amareis todos mutuamente Nacionaes e Estrangeiros com fraterna caridade.» Toca o assombro da torpeza moral e da inconsciencia; era o egoismo da classe! O Bispo titular do Algarve D. José Maria de Mello, como Inquisidor Geral roborou esta Pastoral com outra dirigida a todos os fieis da Egreja lusitana, transcrevendo as phrases mais abjectas do Patriarcha. Este, já bastante velho, morreu em 11 de Fevereiro de 1808, e os Governadores do Patriarchado, levaram a audacia ao ponto de, em uma Pastoral de 20 de Maio d'esse anno, ameaçarem o povo com excommunhão, por que «nas provincias se praticaram inauditos exemplos de crueza contra os Francezes, que professam como nós a Santa Religião de Jesus Christo...» Um d'estes Governadores do Patriarchado vacante, era o Principal D. Francisco Raphael de Castro, que fôra Reitor da Universidade, a quem Tolentino dirigira um Soneto «pedindo-lhe a soltura de um estudante preso por turbulento» (p. 21.) Mas não parava aqui a vergonha perante a historia; quando o Alemtejo era assolado por Loison, o arcebispo Cenaculo publicava uma Pastoral datada de 20 de Maio de 1808, ordenando que rendamos os corações «á *indole do sabio Imperador que nos prende e governa*...» O resto da Pastoral toca a demencia. Não era só a Egreja lusitana que assim nos infiltrava a morte; era tambem a Universidade de Coimbra mandando uma deputação cumprimentar Junot; era a Academia das Sciencias de Lisboa, mandando os

Padres Fr. Joaquim de Foyos e José Faustino com o Conde da Ega appresentar a Junot o titulo de *seu socio honorario*. Era o Inferno, como exclamara Tolentino na sua desolação. As repartições do estado passaram então do largo da Ajuda para o Terreiro do Paço, e para servir o seu emprego teve Tolentino de mudar-se para Lisboa, deixando a casa da Junqueira, onde habitara desde 1783, tendo em sua companhia a irmã viuva D. Anna Thereza Froes de Brito e seu sobrinho o beneficiado Gonçalo José Maria. Veiu pois morar para a rua dos Cardaes de Jesus, em casa arrendada a um seu amigo Fortunato Augusto da Silva, que pouco depois falecia. Ahi, em companhia de sua irmã e sobrinho vivia triste, em rigorosa dieta, enchendo o isolamento com a reza do officio divino da Ordem de Christo, e as horas uteis do dia com a ida á secretaria do reino.

O poeta presentiu que a morte o illaqueava, e em data de 2 de Julho de 1808 fez approvar o seu testamento; começa: «achando-me com alguma molestia, mas de pé, e em meu juizo, e temendo-me da morte, faço o meu testamento...» [1] Instituia suas herdeiras duas irmãs D. Anna e D. Joaquina, e na sua falta os sobrinhos, e cincoenta mil reis á *criada Maria da Piedade*, [2] que chegou a ci-

---

[1] Na integra em Sanches de Baena, p. 76. Doc. 24.

[2] No Ms. 516, p. 349, da Bibl. nacional, vem em umas quadras de Tolentino o verso: — A magra, russa *Piedade* — e em nota: «Criada do Auctor.» Na edição de J. de Torres lê-se: — A russa magra Josefa. (p. 139.)

tar nos seus versos. Não se morre só pelo corpo; Tolentino encontrou-se, quando mais entristecido se achava, repentinamente privado de uma companhia de trinta e um annos, pois que no 1.º de Março de 1811 perdia sua irmã D. Anna. Foi o desabar da existencia; em 22 de junho seguinte, não bem completos quatro mezes, Tolentino era atacado de uma vomica, a que succumbiu; achava-se sósinho na agonia, e desceu ao rez do chão onde morava D. Brigida Maria da Silva, proprietaria, viuva do seu amigo, e ahi caíu de vez, entre pessoas que o estimavam. Foi sepultado no jazigo de familia que tinha na egreja das Mercês. [1] Não sobreviveu á sua sociedade mais do que trez annos; viu morrer Bocage e tambem o Manique cuja auctoridade pintou, e desapparecer diante de esfarrapados francezes a Côrte que tanto bajulara, e elle mesmo se afundou n'este naufragio deixando-nos o documento vivo de tudo isso, por entre os versos em que — acabava por fim pedindo esmola. —

Bibliographia das Poesias de Nicoláo Tolentino

1799

Na *Miscellanea curiosa e proveitosa* (Ed. Rolland), t. I, p. 302:—Satira o Bilhar; t. IV, p. 298 —Memorial a S. Alteza; ib., p. 306 — Carta a um Camarista; ib., p. 311 — Carta de Passeio; no t. V, p. 310 — Soneto á Loteria ingleza; ib., p. 332 — Satira aos Amantes.

---

[1] Certidão de obito, Liv. 8 dos Obitos das Mercês; Baena, Doc. n.º 25.

1801

Obras poeticas de Nicoláo Tolentino de Almeida. Lisboa, na Regia Officina typographica. Anno MDCCCI. Com licença da Mesa do Desembargo do Paço. 2 vol. in-8.º I, 232; II, 223 pp.

1818

No *Jornal de Coimbra*, n.º 37, P. 2.ª, p. 17 e 20, vem duas poesias aos annos do Marquez d'Angeja. Numero 56, P. II, p. 106, 111.

1828

Obras poeticas de Nicoláo Tolentino de Almeida. Nova edição. Lisboa, 1828. Na Typ. Rollandiana. Com licença. In-16.º O tomo I, 201 ; II, 223 (reproduzem o texto de 1801); o t. III, 150 p. contém as *Obras posthumas* com titulo especial, tendo sido o texto fornecido em grande parte por Joaquim José Pedro Lopes.

*

Obras poeticas de Nicoláo Tolentino de Almeida. Lisboa. Anno de 1828. Na Impressão de João Nunes Esteves. Com licença. In-16.º, t. I, 225 ; II, 171 pag. (Menos correcta que a Rollandiana ; falta-lhe a parte das *Obras posthumas*.)

1836

Obras poeticas de Nicoláo Tolentino de Almeida. Lisboa, 1836. Typ. de Antonio José da Rocha. In-8.º Consta dos exemplares existentes da Edição de 1801, em 2 volumes; tendo os livreiros Borel, Borel & C.ª reimpresso no mesmo formato o t. III, das *Obras posthumas*, de 1828 ; contém este volume menos correcto 126 p.

1858

Poesias de Nicoláo Tolentino de Almeida — *Obras posthumas e até hoje ineditas*. Coimbra. Imprensa da Universidade. 1858. In-16.º 1 vol. de III, 120 p. (Para servir de complemento á Rollandiana de 1828.)

— Foram estes ineditos extrahidos das copias de Francisco Manoel Trigoso de Aragão Morato, e de um Ms. da Bibl. da Universidade. A edição foi feita pelo Dr. Fonseca Torres, da sé de Coimbra ; algumas poesias já estavam publicadas.

1861

Obras completas de Nicoláo Tolentino de Almeida, *com alguns ineditos e um Ensaio biographico-critico* por José de Torres. Illustrada por Nogueira da Silva. Lisboa. 1861. Editores Castro Irmão & C.ª In-8.º grande. 1 vol. de 388 p. e LXXXVI de Ensaio biographico; e mais IX paginas de index. E' a edição-princeps do poeta, embora não satisfaça cabalmente por falta de consulta das fontes manuscriptas, e de documentos biographicos, contidos nas rubricas que acompanham os versos; faltam-lhe as variantes dos textos, bem como muitos ineditos ainda existentes, mostrando uma não comprehensão da epoca e sociedade. Sobre este texto já se poderá attingir uma edição definitiva.

MANUSCRIPTOS:

Collecção das Obras poeticas e algumas prosaicas de Nicoláo Tolentino de Almeida, manuscriptas no Anno MDCCXCIX. In-4.º de 499 pp. (Bibl. nac., n.º 516.) — Tem a seguinte coordenação: Odes (7); Sonetos (24); Outavas (1); Quintilhas (12); Quadras (20); Decimas, a saber: Quadras glosadas (16); Colxêas (4); Motes (13); Decimas a diversos assumptos (21); Cantigas (2); Endechas (1). Pertenceu á Livraria do Conde de Linhares.

Começa pela: *Dedicatoria que o A. fez das suas Obras ao Marquez de Angeja.*

Transcrevemos para aqui algumas composições ineditas, que teem de ser incorporadas em uma Edição definitiva:

Á PROCISSÃO DOS PASSOS DA GRAÇA

(Variante)

De velhas regateiras chusma brava
Ainda pela rua vae passando,
Que a Cruz setima vez acompanhando
A incerta salvação assegurava.

Todo o devoto *então* se levantava
A formosa parceira convidando,
Tal inda *os tristes* olhos alimpando
A' caixa da rabeca a mão lançava.

Retine a contradança nos ouvidos,
Ninguem discrepa um ponto nos compassos,
De que todos ficámos compungidos;

Que este era o fim da Procissão dos Passos
Cuidavamos, mas fomos advertidos,
Que inda faltava o jogo dos abraços.

(Pag. 87.)

Hontem, oh Nize, na pellada testa
Arrenegado com furor batia,
E confuso, a mim mesmo me dizia:
Que diabo de farofia será esta?

Se é simples bangalé, se é simples festa
Sem causa, sem objecto passaria;
Porém, se é festejar seu grande dia
Então de véras a funcção não presta.

Em fim, já consegui o desengano
Já por móssas de páo vim a saber,
Que é um banquete que te dá teu mano.

E' teu sangue, desculpa pode ter;
Se eu fizer esta festa para o anno
Verás côdea e licor mesmo a valer.

(P. 45.)

A UM CABELLEIREIRO, QUE TENDO COMPRADO VARIOS TRASTES PARA CASAR, E CUJO CASAMENTO SE DESFEZ:

(Variante)

O innocente enxergão em chammas arda
Co'a memoria do injusto amor primeiro,
Que este honrado, infeliz cabelleireiro
Com a raiva do asno foi-se á albarda.

Deu logo a outra mais constante Anarda
Seu vago coração aventureiro,
— Comprou novo enxergão por mais dinheiro,
Que *d'alto amor altos segredos* guarda.

Ouviram-se ternissimas promessas,
A que elle respondeu: — Por vida tua,
Do que juras, Anarda, não te esqueças.

Mas *queira, Amor,* que emquanto elle na rua
Anda fazendo martyres cabeças,
Não lhe façam em casa o mesmo á sua.

(P. 133.)

Se me tornar a fiar
De mulheres na promessa,
Permitta Deus que me nasçam
Dez mil cornos na cabeça.

GLOSA DIALOGICA

MULHER: Deixa essas loucas memorias,
Não, não me chames traidora.
HOMEM: Não me castigue, senhora;
Adeus! não me conte historias.
MULHER: Minhas finezas notorias
Podes hoje acreditar.
HOMEM: Como eu cheguei a voltar
Aos enganos seus as costas,
Merecerei feito em postas
Se me tornar a fiar.

MULHER: As promessas que eu te fiz
Ingrato, não te agradavam?
Não dizias, que bastavam
Para fazer-te feliz?
HOMEM: Esses protestos que diz,
Se quebraram bem depressa;
Sim, cruel, por que eu conheça
Que no ár fundar procura,
Quem funda a sua ventura
De mulheres na promessa.

MULHER: Talvez que os repudios teus
Diminutos chegue a vêr,
Talvez se deixem vencer
Dos continuos rogos meus.
HOMEM: Se tal fôr, permitta Deus,
Que em quartos logo me façam,
E os cornos, que nunca passam
A testa, inda sendo agudos,
Pára terror dos cornudos
Permitta Deus que me nasçam.

HOMEM: Porém d'essa jura o mal
Não faz meu casco mais lezo,
Pois elle já tem em pezo
Todo o campo do curral.
MULHER: Pode haver loucura egual!
Já o teu genio começa?
HOMEM: Pois porque não lhe pareça
Que n'isso mentiras ha,
Apalpe aqui e achará
Dez mil cornos na cabeça.

(*Ib.*, p. 425.)

Boticario d'esta rua
Anda muito arrenegado
Ha tres dias que não vende
Unguento, se o cago.

GLOSA DIALOGICA

DOENTE: Boticario, anda-me dar
Remedio para este embigo.
BOTICARIO: Senhor, não brinque commigo
Olhe que heide destampar.
DOENTE: Ui! senhor, por lhe chamar
Boticario, já se amúa?
BOTICARIO: Sim! não sabe a ideia sua
Que sou de mais alta esfera?
DOENTE: Pois perdôe, que eu cuidei que era
Boticario d'esta rua.

BOTICARIO: Boticario! E' bem pateta,
Já lá vae esse fadario,
O officio de boticario
Tornou-se no de poeta.
DOENTE: Não creio; isso agora é peta,
Que você me tem pregado.
BOTICARIO: Desmente-me! Oh confiado!
Quer que o desfaça em diversos?
DOENTE: Você depois que faz versos
Anda muito arrenegado.

BOTICARIO: O diaxo da Poesia
Certamente é o meu feitiço.
DOENTE: Pois olhe; deixe-se d'isso,
Por que perde a freguezia.

BOTICARIO: Pois co'a Pharmacia, Thalia,
Que implicancias comprehende?
DOENTE: De que o verso lhe não rende
Verá que por prova inteira,
Depois que deu n'essa asneira
Ha tres dias que não vende.

BOTICARIO: Antes terei bom miolo
Se ajuntar por cousa rica
Aos remedios da botica
As influencias de Apollo.
DOENTE: Ora venha cá, seu tolo,
Se você por seu estrago
Beber d'Aganippe o lago,
Só pode vender por gimbo
Na botica, se o marimbo,
Unguento, se o cago.

(Ms. 516, p. 421. Bibl. nac.)

COLXÊAS

Amor para me prender
Os teus olhos me mostrou.

GLOSA

Mil bellezas me fez vêr
Por que alguma me rendesse,
Não sabia o que fizesse
Amor para me prender.
Mil laços me foi tecer,
Laços vãos, que em vão me armou,
Provadas setas tirou,
Que ia em veneno ensopando,
Porém só me feriu quando
Os teus olhos me mostrou.

(*Ib.*, p. 431.)

Cantarei alegre, penas
Que cercam meu coração.

GLOSA

Que eu cante alegre me ordenas,
Que cruel, que dura lei!
Porém obedecerei,
Cantarei alegre penas,
Por todo o modo envenenas
A minha infeliz paixão;
Tu deras valor á acção
De eu affectar alegrias,
Se visses as agonias
Que cercam meu coração.

(*Ib.*, p. 432.)

Nada no mundo figura
Quem não chega a ter amor.

GLOSA

Deus de Amor, sempre a ventura
De tuas mãos pendente vi;
Tu podes tudo; sem ti
Nada no mundo figura.
Recolhe da terra dura
Fructo immenso o lavrador,
Mas, occulto dissabor
No fundo de alma lhe diz,
Que não chega a ser feliz
Quem não chega a ter amor.

(*Ib.*, p. 430.)

Por passos sem esperança,
Onde me leva o desejo.

GLOSA

Vão pensamento, descansa,
Reconhece as forças minhas;
Tu não sabes que caminhas
Por passos sem esperança?
Junto da corrente mansa
Me põe do dourado Tejo;
Cá de longe o sitio vejo,
Mas não devo um passo dar,
Que eu não mereço chegar
Onde me leva o desejo.

(*Ib.*, p. 433.)

Um miseravel, a quem a moça tinha dito que lhe queria fallar fóra de horas, foi para o sitio, e não viu viva alma em toda a noite, a qual para maior felicidade do amante foi a mais fria e desabrida que houve n'aquelle anno; o tal sujeito, lá sobre a madrugada foi bater á porta de um amigo, pedindo-lhe que o recolhesse, porque estava meio enteirissado, sobre cujo assumpto fez as seguintes:

Decimas dialogicas

NAMORADO: Dás licença que eu possúa
Em tua casa algum abrigo?
AMIGO: Essa é bem feita! Entra, amigo,
Bem sabes que a casa é tua;
Não é justo que na rua
Fiques mal accommodado.
NAMORADO: Inda que eu pouco abrigado
Ficasse de um frio tal,
Não me havia fazer mal,
Por que venho costumado.

AMIGO: Mal ao frio acostumado
Vem, quem falla á sua dama;
Pois de amor na ardente chamma
O peito traz abrazado.
NAMORADO: Se eu lhe tivera fallado
Tão queixoso não viria.
AMIGO: Talvez, que adormeceria?
NAMORADO: Sim; e que dormiu supponho,
Por mostrar que era sonho
A ventura que eu queria.

Era tão continuo o gelo
Que já sobre mim pezava,
E do sonho em que ella estava
Eu cá tinha o pezadello.
Temperava este regelo
C'o ardor que a minha alma inflamma;
Porém sempre a rasão clama
Que soffra a ingratidão sua,
Estar no olho da rua
E ella co'olho na cama.

AMIGO: Atirasses ao telhado,
Chamasses pela senhora.
NAMORADO: Ai, sua mercê agora
Quer mangar o seu boccado.
Se te digo, que esfalfado
Fiquei de quanto a chamava,
Tossia-lhe, assobiava,
De mentirosa a arguía,
Mas para o que eu lhe dizia,
Ella então sonhando estava.

A dizer-lhe principío:
«Se tu querias deixar-me,
Era preciso enganar-me,
E em noite de tanto frio?
Da tua verdade o brio
Assim deslustrar quizeste?
A promessa que fizeste,
Julgo, no ár se fundava,
Pois das glorias que esperava
Não achei mais que nordéste.

(*Ib.*, p. 488.)

RECADO AO EX.mo SNR. MORDOMO-MÓR

Senhor, inda que vos devo
Mil obrigações eternas,
Não beijo essa illustre mão
Por culpa d'estas más pernas.

Mal sólta aquilão seus frios
De que são pouco devotas,
Ou morrer de erizipellas
Ou andar sempre de botas.

Ir assim este poeta,
Só por encontro nocturno;
Por que nem á sua musa
E' permittido o cothurno.

Ella, a quem eu já contei
Que vos deve alto favor,
Cá do quarto do Lourenço [1]
Ajoelha ao Protector;

Em nome do louro Chefe
Que o difficil Montes rege,
Manda respeitosos votos
Ao Bemfeitor que a protege.

E honrando os timidos beiços
Em tributo humilde e justo,
Paga nas mãos de Mecenas
Os beneficios de Augusto.

Ms. da Acad., fl. 159 v.

A UMA TENTAÇÃO

A carnal tentação desenfreada
Que ao sangue quente alta justiça pede,
Fez com que eu embrulhando-me na rêde
Subisse de uma ... a infame escada.

Ligeiras pulgas saltam de emboscada
A em mim fartar de sangue humano a sêde;
Arde a vela pegada na parede,
Já de antigos morrões afogueada.

---

[1] «Dr. Lourenço da Motta, Official da Secretaria, que tinha um quarto em que assistia em casa do Marquez, e aonde o A. escreveu estes versos.»

Sae da alcôva a desgrenhada furia,
Respirando venal sensualidade,
Vil desalinho, sordida penuria.

Muito pode a pobreza e a porquidade!
Abati as bandeiras á luxuria,
Jurei no altar de Venus castidade.

(Ms. da Acad., G. 3; E. 7. N.º 4.º p. 36.)

FIM

INDICE

Filinto Elysio e os Dissidentes da Arcadia

DISSIDENTES DA ARCADIA

I

Sob o rigorismo do reinado de D. Maria I. Fundação da Academia das Sciencias

II

Filinto Elysio

§ I. Cultura e actividade litteraria. Fuga de Portugal (1734-1778)

§ II. Refugio em França (1778-1792) Residencia na Hollanda (1792-1797) Regresso definitivo a Paris, e morte (1797-1819)

III

José Anastacio da Cunha

IV

Francisco de Mello Franco

V

José Basilio da Gama

VI

Fr. José de Santa Rita Durão

VII

Thomaz Antonio Gonzaga

§ I. A Marilia de Dirceo e a Conjuração de Minas

§ II. Sobre as fórmas poeticas da Marilia de Dirceo

§ III. Historia externa das Lyras de Gonzaga

VIII

Nicoláo Tolentino

Bibliographia das Obras de Nicoláo Tolentino